

Irving
Wallace

10
Milagre

Revelado o Terceiro Milagre
de Lourdes



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Irving Wallace

O Milagre

Tradução de
A. B. PINHEIRO DE LEMOS



EDITORIA RECORD

O Milagre

OBRAS DO AUTOR

O COMPLÔ

O DOCUMENTO R

O ELIXIR DA LONGA VIDA

O FÃ-CLUBE

O HOMEM

A ILHA DAS TRÊS SEREIAS

O MILAGRE

O PRÊMIO

O TODO-PODEROSO

Título original norte-americano

THE MIRACLE

Copyright (C) 1984 by Irving Wallace

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil

adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Sinopse

Em Paris, o cardeal convoca a imprensa internacional para uma entrevista coletiva e anuncia, com autorização do Vaticano, que foi recentemente descoberto o último segredo revelado pela Virgem Maria em sua aparição a Bernadette, na gruta de Massabielle, em Lourdes, em 1858: ela vai reaparecer este ano, no mesmo lugar, para realizar outra cura milagrosa!

A repercussão é imediata, no mundo inteiro. Os descrentes ignoram, como mais uma superstição religiosa, enquanto milhares de fiéis se emocionam e seguem para Lourdes. Muitos deles acreditam que suas próprias vidas dependem do Reaparecimento. Mas o milagre de fato se realizará?

Assim começa mais outro extraordinário romance de Irving Wallace, uma fascinante história sobre Lourdes e um milagre. Tendo como cenário o mais popular local de peregrinação em todo o mundo — e o frequentemente misterioso e surpreendente caso de Santa Bernadette — *O Milagre* tem tudo o que se pode esperar de um Irving Wallace em sua melhor fase: esplêndidos detalhes; argumento sólido e ritmo veloz; suspense; e personagens marcantes.

O Autor nos leva a conhecer a inacreditável mistura de verdadeiro santuário e lugar de exploração comercial em que se converteu a Lourdes de hoje, dos banhos curativos às armadilhas para turistas em que caem os desesperados peregrinos em busca de uma graça do céu.

O elenco é internacional: Ken Clayton, um jovem americano que abandona o tratamento médico pela chance de uma cura milagrosa, e sua noiva, Amanda Spenser, psicóloga, cuja formação racionalista não lhe permite acreditar em milagres; Sergei Tikhonov, recém-designado para o posto de Ministro das Relações Exteriores da União Soviética, que precisa ir à gruta santa para tentar a cura de uma enfermidade séria, mas não pode ser reconhecido para não sofrer descrédito total no Kremlin; Mikel Hurtado, terrorista basco para quem a gruta se torna um símbolo de repressão; Liz Finch, correspondente americana em Paris, que procura, num furo jornalístico, "expor" Bernadette como farsante; Edith Moore, uma inglesa amável, cuja cura a tornou famosa contra sua própria vontade; Kleiriberg, o médico judeu a quem se pede a autenticação de um milagre realizado dentro de outra fé religiosa; Gisele, uma ambiciosa francesinha cujo desejo de sair de Lourdes a conduz para o caminho da chantagem e da violência.

O clímax: uma surpresa que somente Wallace poderia conceber.

O resultado: um texto da mais alta qualidade da autoria de um soberbo contador de histórias.

Para *Elijah*

*"Dizem que os milagres são
coisas do passado."*

— SHAKESPEARE,
cerca de 1602

*"A era dos Milagres já passou?
A Era dos Milagres é eterna!"*

— THOMAS CARLYLE,
1841

*"Para os que crêem em Deus, nenhuma explicação é necessária;
para os que não crêem em Deus, nenhuma explicação é possível."*

— REV. JOHN LA FARGE, S.J.

O Terceiro Segredo

Fora uma noite escura, clareando devagar, no lusco-fusco que antecede o amanhecer. Eram seis horas da manhã quando a pequena e linda camponesa, Bernadette Soubirous, desceu a colina para a gruta aberta na rocha, conhecida como Massabielle. Já havia 150 pessoas à sua espera, observando-a, esperando pelo que aconteceria em seguida.

Bernadette, usando uma touca branca, um vestido velho remendado e tamancos, acendeu sua vela, tirou o rosário do bolso e, com um sorriso, inclinou-se para a visão que esperava ver.

Doze dias antes, quando estava parada ali perto, ela vira a aparição na gruta, "uma dama vestida de branco", como Bernadette recordaria depois, uma dama jovem e misteriosa usando "um vestido branco, um véu branco, uma faixa azul e uma rosa em cada pé". Bernadette fizera sete visitas à gruta nesses 12 dias e a dama lhe aparecera em seis ocasiões, a dama que acabaria se identificando, depois de 15 aparições, como a Imaculada Conceição, a Virgem Maria.

Aquela manhã escura de terça-feira, 23 de fevereiro de 1858, era a oitava visita de Bernadette à gruta. Ali, com um sorriso, ela aguardou o retorno da dama que em breve se identificaria como a Virgem Maria.

Entre as 150 pessoas presentes havia pelo menos um cético, Jean-Baptiste Estrade, um coletor de impostos e homem importante em Lourdes, a cidade-mercado próxima.

Estrade trouxera a irmã, Emmanuélite, e várias de suas amigas curiosas para testemunharem o tão discutido espetáculo. A caminho da gruta, ele gracejara a respeito daquela bobagem supersticiosa.

— Trouxeram os seus binóculos de ópera? — ele perguntara às companheiras.

Agora, junto com os outros espectadores, ele observava a pequena camponesa, ajoelhada, dedilhando o seu rosário. Mais tarde, ele relataria o que testemunhara:

— Enquanto passava as contas entre os dedos, ela olhava para a rocha como se esperasse por alguma coisa. E de repente, num súbito relance, uma expressão de assombro iluminou-lhe o rosto e ela parecia ter nascido para outra vida. Uma luz brilhou em seus olhos, sorrisos maravilhosos se insinuaram em seus lábios, uma graça indescritível transfigurou todo o seu ser... Bernadette não era mais Bernadette, tornara-se um dos seres privilegiados, o rosto glorioso com a glória do céu...

"O êxtase se prolongou por uma hora. Ao final desse tempo, a vidente avançou de joelhos do lugar em que rezava para baixo da roseira silvestre que

pendia da rocha. Ali, concentrando todas as suas energias como para um ato de adoração, ela beijou a terra. E voltou, ainda de joelhos, para o lugar que deixara um momento antes. Um último clarão de luz iluminou seu rosto e depois, gradativamente, quase imperceptivelmente, a glória transfiguradora do êxtase foi se tornando mais tênue e finalmente se desvaneceu. A vidente continuou a orar por mais um momento, mas eu via apenas o rosto da criança camponesa. Bernadette se levantou, foi para junto da mãe e se perdeu na multidão.

Subindo a colina para sua casa, junto com a mãe, Bernadette repetiu uma parte da conversa que acabara de ter com a misteriosa dama. Durante as aparições, a dama lhe confidenciara três segredos. Revelara naquela manhã o terceiro e último.

Mais tarde, quando Estrade, o cético convertido, já se tornara amigo de Bernadette, resolveu perguntar-lhe "o que a dama dissera na sétima aparição". Bernadette respondeu que três segredos lhe haviam sido confiados, mas que eram exclusivamente da sua conta. Acrescentou que não podia revelar os segredos a ninguém, nem mesmo a seu confessor. Pessoas inquisitivas tentaram muitas vezes, por insinuações, artimanhas ou promessas, arrancar da menina as revelações da Virgem. Mas todas as tentativas falharam e Bernadette levou seus segredos para o túmulo.

Houve uma ocasião em que um jovem advogado de uma cidade próxima, Charles Madon, atreveu-se a levantar o assunto mais uma vez.

— Afinal, quais são os seus segredos?

— São apenas da minha conta.

— Se o papa perguntasse, contaria a ele?

— Não.

Anos depois, quando Bernadette se tornara uma freira no convento de Saint Gildard — em Nevers, na região central da França — sua carrancuda e desconfiada superiora, Madre Mane Thérèse Vauzou, a responsável pelas noviças, formulou a pergunta sobre os segredos. E Bernadette mais uma vez se recusou a revelá-los.

— Suponhamos que o papa lhe pedisse para contar, sob o voto de obediência — insistiu Madre Marie.

— Não vejo como isso poderia ser da conta dele.

Depois de ler esse relato histórico da Comissão de Lourdes, o Papa João Paulo III, Vigário de Jesus Cristo, Supremo Pontífice da Igreja Universal, baixou as páginas e riu.

— Mas agora, subitamente, quase 130 anos depois, esses segredos *são* da conta de um papa.

— Isso mesmo, Vossa Santidade — disse o seu secretário de Estado. — Especialmente o segredo final, revelado a Santa Bernadette na sétima aparição.

Eles estavam no gabinete particular do papa, espaçoso e adornado, no último

andar do Vaticano. De sua cadeira de encosto alto, forrada de cetim branco, por trás da arrumada escrivaninha papal, o Papa João Paulo III olhou além das cortinas douradas de damasco que emolduravam as janelas recuadas que davam para a Praça de São Pedro. Ele tornou a fitar o cardeal, seu secretário de Estado, sentado a sua frente, numa das cadeiras de braço de cetim vermelho.

— E agora conhecemos os três segredos de Bernadette — disse o papa. — Tem certeza?

— Não resta mais qualquer dúvida. A documentação completa da Comissão de Lourdes está em suas mãos.

— E é absolutamente autêntica?

— Vai verificar que sim, Vossa Santidade. Os dois primeiros segredos são de importância menor e já aconteceram, não constituem um grande interesse para nós. O terceiro segredo, o último, como já concordou, pode ser extremamente significativo. Só resta agora Vossa Santidade decidir se devemos revelar o terceiro segredo ao mundo.

O Papa estava pensativo.

— Quando devo dar minha decisão?

— Espera-se que até o final da semana, Vossa Santidade. A Comissão de Lourdes permanecerá em sessão até que comunique o curso a ser adotado. A Grande Peregrinação Nacional Francesa começará dentro de três semanas.

— A comissão... — murmurou o papa. — A comissão tem alguma recomendação?

— Deixaram tudo em suas mãos, Vossa Santidade. — O cardeal hesitou por um instante. — Mas o Padre Ruland, de Lourdes, comentou que alguns membros do clero e todos os comerciantes locais que integram a comissão são favoráveis à revelação. Alegam que o anúncio aumentará o interesse pelo santuário e que toda a comunidade... mais do que isso, o mundo inteiro... se beneficiará. Os outros membros da comissão, todos clérigos, são contra a revelação ou relutam em aceitá-la, receando que o segredo de Bernadette ricocheteie e deixe de servir aos melhores interesses da Igreja. Mas o Bispo Peyragne, que chefia a comissão, disseme corretamente que a palavra final será sua.

O papa balançou a cabeça, olhando para os documentos à sua frente.

— Estudarei o que está aqui. Meditarei sobre a revelação. E rezarei por sabedoria. Terá a minha decisão antes do final da semana. Na sexta-feira.

O secretário de Estado levantou-se abruptamente.

— Está bem. — Antes de se virar, ele fitou atentamente o Santo Padre e acrescentou: — Se eu puder acrescentar um comentário pessoal...

— Por gentileza.

— Há um grave risco nisso, Vossa Santidade.

O papa sorriu. Homem experiente, ele respondeu jovialmente:

— Deus saberá das chances.

Quando ocorrera a descoberta, comprada secretamente pela Igreja, o Bispo Peyragne, de Tarbes e Lourdes, julgara conveniente designar uma comissão de inquérito... a Comissão de Lourdes, como a chamou o jornal semanal local, *L'Essor Bigourdan*, recordando aos leitores que era a segunda vez na história moderna da cidade que se constituía um comitê de notáveis. Os editores e leitores especularam sobre os motivos para a formação da comissão, sendo informados apenas de que os membros deveriam discutir "uma descoberta histórica de grande significado". As especulações se tornaram ainda mais intensas, mas ninguém fora da comissão tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

A primeira comissão de inquérito, designada por um bispo anterior de Tarbes e Lourdes, Bertrand-Sévère Laurence, em novembro de 1958, fora constituída com um propósito definido. Seus nove membros haviam sido selecionados para investigar a experiência da pequena Bernadette e determinar se ela realmente recebera uma visão de Deus. Depois de quatro anos de estudos, chegara-se a uma decisão, anunciada ao mundo pelo Bispo de Tarbes e Lourdes:

— Julgamos que Maria, a Imaculada Mãe de Deus, realmente apareceu a Bernadette Soubirous a 11 de fevereiro de 1858 e em determinados dias subsequentes, num total de 18 vezes, na gruta de Massabielle, perto da cidade de Lourdes; que essa aparição tem todos os sinais de verdade; e que a convicção dos fiéis é bem fundada... Autorizamos o culto de Nossa Senhora da Gruta de Lourdes em nossa diocese.

Esse fora o veredicto da primeira Comissão de Inquérito de Lourdes, em 1862.

Agora, tanto tempo depois, os 16 membros da segunda Comissão de Inquérito de Lourdes encontraram-se numa sala de reuniões da Prefeitura, não para tomar uma decisão, mas para ouvir a decisão tomada pelo Supremo Pontífice da Igreja Universal, na Cidade do Vaticano. Depois de seis semanas de debates infrutíferos, a comissão não conseguira chegar a uma decisão própria.

Incapaz de obter uma maioria para qualquer lado, o bispo de Tarbes e Lourdes encaminhara as descobertas e autenticações para o arcebispo em Toulouse, o qual aconselhara que, numa questão tão divisória e controvertida, a decisão final deveria ser deixada à Sua Santidade o Papa, em Roma.

E agora, avisados de que o papa lhes comunicaria a decisão final naquela manhã, os membros da comissão voltavam a se reunir. Embora todos fossem profundamente religiosos, o cenário — a sala de reuniões da Prefeitura — era secular, um arranjo conveniente adotado pelo bispo, por sugestão do Padre Ruland, o historiador de Lourdes, que se declarava neutro na questão a ser decidida.

Muito embora os argumentos não tivessem mais qualquer significado, os membros da comissão ainda debatiam acirradamente quando o telefone tocou no gabinete do Prefeito Jourdan, que ficava ao lado. O Padre Emery, um dos 10

párocos de Lourdes, estava dizendo:

— Fazer tal anúncio representa um perigo para a Igreja, os fiéis e a cidade. Qualquer fracasso pode propiciar a decepção e o escárnio, desacreditar tudo por que lutamos. Estou convencido de que devemos deixar as coisas como estão.

Seu oponente no outro lado da mesa comprida, Jean-Claude Jamet, proprietário de um importante restaurante turístico em Lourdes, estava respondendo como em diversas ocasiões anteriores:

— Devemos fazer o anúncio e assim criar um renascimento do interesse pela religião, além de estimular nos peregrinos o desejo de vir aqui em grandes números. Com este anúncio, poderemos deter o definhar da fé.

A campanha do telefone que tocava na sala ao lado fez com que todos silenciassem. O Prefeito Jourdan foi atender, retornando um momento depois para chamar o bispo e o Padre Ruland.

Para os membros da comissão, a espera pareceu interminável; na verdade, porém, não durou mais que dois minutos:

O bispo alto e magro logo voltou à cabeceira da mesa. Em sua batina preta engomada, parecia uma austera figura autoritária saída de uma tela de El Greco. Sua voz era baixa e forte, as palavras firmes e incisivas:

— O Papa deseja que providenciemos para que o segredo de Bernadette seja anunciado ao mundo... isso mesmo, anunciado... imediatamente. Deixar de fazê-lo, comentou Sua Santidade, seria uma confissão de falta de fé. Sua Santidade acrescentou... e deve-se pressumir que jocosamente... que ele, por seu lado, continua a ser um verdadeiro crente.

O bispo fez uma pausa, correndo os olhos pela sala. Com a decisão, a discórdia acabara. Estavam todos unidos agora e a emoção era evidente.

— Isso resolvido, comunicarei ao arcebispo em Toulouse para tomar as providências necessárias para o anúncio público pelo Cardeal Brunet, em Paris. — Ele exibiu um sorriso frio, antes de acrescentar: — Os oito dias cruciais, a começarem dentro de três semanas, serão os mais importantes e críticos na história de Lourdes, desde a tarde em que Bernadette ouviu uma rajada de vento e viu a Dama de branco se materializar na gruta. E tenho certeza de que o anúncio será importante e crítico para as muitas pessoas no mundo que o ouvirão e farão sua peregrinação à nossa amada Lourdes.

Geralmente, quando guiava seu Citroen de segunda mão da Place de La Concorde pela Champs Elysées, em meio ao tráfico alucinado e indisciplinado de Paris, Liz Finch permanecia intensamente consciente da estrutura magnífica do Arco do Triunfo lá na frente. Para ela, o nobre arco era o símbolo de tudo que Paris oferecia — beleza clássica, maravilha, excitação, apoio e promessa para a vida que deseja levar ali.

O arco traduzia em realidade seus sonhos e ambições. Ajudava-a a se ver na Paris de amanhã, uma correspondente estrangeira muito bem paga e famosa, ao

mesmo tempo literária, como fora a admirável Janet Flanner; uma anfitriã sofisticada, com um elegante apartamento na Ile St. Louis, a esposa invejada de um maduro, rico e bonito executivo francês (de intelecto experiente e sexualidade intensa, que possuía admiração pela América e levava para o casamento uma extraordinária coleção de arte primitiva francesa); a mãe de duas excepcionais crianças, que brincavam nos Jardins de Luxemburgo sob a supervisão de uma afetuosa e inteligente babá britânica. Quando contemplava o Arco do Triunfo à sua frente, Liz Finch podia perceber em sua curva perfeita essa vida para si mesma, até mesmo o lazer para receber e encantar amigos do cenário internacional, cada pessoa um "Nome" em seu campo, em recepções aos domingos.

Naquela manhã, porém, possivelmente pela primeira vez em seus três anos em Paris, os pensamentos íntimos de Liz Finch não estavam fixados no Arco do Triunfo. Em vez disso, quando não se concentrava no tráfego insano, ela estudava o seu reflexo no espelho retrovisor não muito lisonjeiro do Citroen.

E o que via não contribuía muito para animar os seus sonhos. Ao contrário, arrefecia qualquer esperança de consumir suas ambições ou até mesmo de continuar em Paris por muito mais tempo.

Porque naquela manhã, quando dera uma olhada no memorando na mesa de Bill Trask, na Amalgamated Press International, ao saber a matéria que faria e qual a missão de sua rival, Marguerite Lamarche, Liz Finch compreendera que perdera ou estava perdendo. Sentia que entrara num concurso de beleza e não numa competição de talento... e quando se tratava de beleza, não tinha a menor possibilidade.

O memorando confidencial na mesa de Trask viera de Nova York. Dizia que a matriz queria uma compressão de despesas no escritório de Paris, a entrar em vigor dentro de um mês. A equipe francesa do escritório, a maioria no setor administrativo, seria reduzida à metade. No setor editorial, só haveria lugar para uma correspondente especial, ao invés de duas. Entre ela e Marguerite Lamarche apenas uma ficaria, com maior responsabilidade e um emprego mais firme, enquanto a outra seria afastada, no caso de Liz para o esquecimento. Trask mencionara a necessidade de uma redução nas despesas, mas fora vago em relação aos detalhes. Liz, no entanto, conhecia a verdade... e era ameaçadora.

Quando Liz deixara o jornal de Winsconsin para um emprego melhor no escritório da API em Manhattan, sendo transferida para o prestigioso escritório de Paris três anos antes, sua vida mudara drasticamente, tornara-se emocionante e repleta de esperança. E recentemente conhecera até um jovem executivo, parisiense e atraente, que a achara interessante e a elogiara por seu francês. Era um relacionamento que podia evoluir gradativamente, em um ou dois anos. Mas em apenas um mês? Se fosse despedida, dentro de um mês seria obrigada a deixar a França e não haveria mais qualquer possibilidade com Charles. E não

haveria oportunidade de desenvolver as grandes reportagens assinadas. Teria sorte se terminasse fazendo um trabalho de rotina em Cedar Rapids ou Cheyenne, casando com um corretor de seguros e tendo dois cretinos por filhos.

Portanto, tudo dependia de vencer Marguerite na disputa pelo único cargo de correspondente especial que haveria na API dentro de um mês. E era nesse ponto que entrava o concurso de beleza. Liz não gostava de suas perspectivas. Sabia ser uma repórter mais talentosa e escrevia melhor do que Marguerite, mas era menos atraente. Liz era o chamado "pé-de-boi" do escritório, cobrindo as matérias prosaicas e insípidas, da economia francesa aos salões de automóveis. Marguerite era premiada com as matérias mais saborosas, como os desfiles de modas e entrevistas com políticos, escritores e grandes nomes do cinema.

A distribuição das missões naquela manhã confirmara isso mais uma vez.

Havia uma matéria sensacional esperando para ser distribuída e Liz rezara para que ela lhe coubesse, a fim de provar que era a melhor repórter, a que o escritório deveria conservar. Mas Trask oferecera a matéria a Marguerite Lamarche. E era uma coisa muito além da cabeça frívola de Marguerite.

Bill Trask recebera a informação — e como ele era bom nessas informações quentes — de que o carismático ministro do Interior, André Viron, a caminho do posto de primeiro-ministro, estava balançando à beira do desastre, ameaçado por um escândalo nacional em potencial, depois de realizar algumas transações duvidosas com um personagem furtivo do submundo, chamando Weidman. Proprietário de uma pequena produtora cinematográfica, que servia de fachada para a sua operação de tráfico de cocaína, Weidman conseguira promover um lançamento no mercado de títulos fraudulentos, obtendo o endosso do Ministro do Interior Viron. O dinheiro entrara, em grande quantidade, mas o valor dos títulos não merecia qualquer confiança. O problema era determinar se Viron confiaria em Weidman e estava inocente na operação ou se mantinha alguma associação secreta com ele, enchendo ainda mais os seus bolsos já forrados de ouro. Para Bill Trask isso cheirava a outro Caso Stavisky, que tanto animara e abalara a França nos anos 30.

Era um serviço perfeito para Liz Finch agarrar com unhas e dentes. Mas, uma hora antes, a matéria fora atribuída a Marguerite Lamarche. E Liz, em vez disso, recebera aquela missão religiosa tão pouco promissora, uma entrevista coletiva do Cardeal Brunet, de Paris, a ser realizada no Hotel Plaza Athénée. Algum tolo anúncio religioso sem a menor importância. Como se alguém que contasse no escritório em Nova York pudesse dispensar qualquer atenção à matéria.

Marguerite recebera a matéria sensacional, porque podia seduzir Viron a lhe confidenciar a verdade. Liz recebera uma migalha porque não fora dotada pela natureza para seduzir quem quer que fosse.

E tudo isso se refletia no espelho retrovisor.

Ela podia ver os cabelos ruivos rebeldes, que haviam se tornado alaranjados na última rinsagem. Podia ver o nariz pontudo de predador, que não podia sequer ser classificado de romano. Os lábios eram duas linhas muito finas, o queixo saliente. Apesar da pele clara e imaculada, ela sentia-se consternada com a sua aparência. Os seios eram muito grandes, o que estava fora de moda, ainda por cima um pouco caídos. Havia quadril demais e as pernas eram ligeiramente arqueadas. Em suma, sua estrutura de 1,60m conduzia ao desastre. A melhor parte sua — e isso era a verdadeira crueldade da natureza — não podia ser vista: a mente. Era inteligente, criativa, persistente.

Mas essa mente era também pródiga. Implacavelmente, projetava imagens de Marguerite Lamarche a flutuar pela redação. . Marguerite, com 28 anos e quatro anos mais moça do que ela, fora feita para ser modelo, uma profissão que de fato exercera por algum tempo. Era alta, esguia, graciosa, cabelos escuros lustrosos, as feições pequenas e perfeitas de uma linda gueixa, lábios cheios e espichados, bem vermelhos, invejáveis seios pequenos e firmes ao melhor estilo francês, pernas compridas. E um cérebro banal. Mas quem se importava com isso? Era injusto demais.

E depois ocorreu a Liz, no instante em que entrava na Avenue Montaigne, que Bill Trask premiara Marguerite com a matéria sensacional não porque quisesse que ela seduzisse o Ministro do Interior Viron, mas porque ele próprio desejava seduzi-la. E talvez já o tivesse feito.

Liz Finch gemeu interiormente. Se a sua avaliação era correta — e provavelmente era — suas possibilidades de conquistar o posto único na API no decorrer do próximo mês eram inexistentes. Marguerite teria um grande escândalo, uma matéria de primeira página, para exibir à alta direção. Liz só teria refugos, como a matéria que iria agora cobrir.

Ela se aproximou da entrada do Plaza Athénée e parou. O porteiro uniformizado abriu a porta, cumprimentou-a com um sorriso cortês, mas infelizmente não galante. Liz pegou a bolsa de trabalho, se assim desejasse. Portanto, faço este registro em meu diário particular, a fim de que um dia seja lido por outros. Bernadette anotou o ano e a data do reaparecimento da Virgem Maria. O ano é este e o dia daqui a três semanas. E durante o período de oito dias subsequentes, entre 14 e 22 de agosto, a ser conhecido como o Momento do Reaparecimento.

"Esta é a notícia do Santo Padre para o mundo.

"A abençoada Virgem Maria está voltando a Lourdes.

Liz Finch ficou imóvel, o lápis na mão, suspenso sobre o bloco de anotações, totalmente confusa.

Sentada à sua mesa, no terceiro andar do prédio da API, na Rue des Italiens, Liz Finch terminou de escrever a fantástica reportagem, passou pela impressora ao lado de sua máquina, pegou as páginas e levou para o cubículo envidraçado de

Bill Trask

As mangas da camisa enroladas, o corpo sólido acomodado numa cadeira de pau giratória, Trask anotava possíveis reportagens de sequência num exemplar da última edição de *Le Figaro*. Como sempre, Liz não pôde desviar os olhos dos cabelos de Trask. Ele tinha a pretensão de pentear os cabelos da mesma forma que seu ídolo jornalístico, H. L. Mencken, em Baltimore, nos anos 20. Destoava por completo. Ela se perguntou o que pensaria a respeito a provável amante de Trask, Marguerite. Muito tensa, Liz entregou a matéria.

— Está pronta. Dê uma olhada.

Trask leu o *Icad* e alteou as sobrancelhas, murmurando:

— Essa não... — Ele continuou a ler e, um instante depois, tornou a franzir as sobrancelhas. — Isso levará a metade do mundo a Lourdes.

Trask voltou a se concentrar na matéria. Leu a segunda página e a terceira. Devolveu a Liz.

— Está ótima. Gostei. Não há alterações a fazer. Pode mandar. Liz hesitou.

— Acha que merece tanto espaço?

— Claro. Por que não? É uma grande notícia. Liz sentia-se desafiadora.

— É uma besteira e você sabe disso, Bill. Não acredita nesse absurdo, não é mesmo?

Com algum esforço, Trask se empertigou na cadeira.

— Meu bem, não estou aqui para acreditar ou deixar de acreditar. A maioria dos 740 milhões de católicos do mundo acredita. A maioria das cinco milhões de pessoas de todas as fés, que vão a Lourdes a cada ano, acredita. Os cinco mil que alegam terem sido beneficiados com curas na gruta acreditam. Os quase 70 afortunados cujas curas milagrosas foram confirmadas acreditam. Isso já é suficiente para fazer com que um novo aparecimento da Virgem Maria seja notícia... e isso é tudo o que me interessa.

— Pois eu ainda acho que é besteira e sinto-me contente por ter acabado com isso.

Ela já se virará para deixar o cubículo quando Trask chamou-a de volta:

— Espere um pouco, meu bem. — Ele esperou que ela tornasse a fitá-lo. — Ainda não acabou, Liz. Ao contrário, está apenas começando. Vou mandá-la a Lourdes para uma cobertura dia a dia. É a sua próxima grande missão.

Era um golpe físico e Liz estremeceu.

— Como quer que eu esquite a história, Bill? Escrevendo sobre Cinderela ou Cachinhos Dourados e os Três Ursos? Por favor, Bill, não me desperdice nisso. Qualquer "foca" pode fazer essa matéria, por tudo o que acontecerá. Simplesmente não há qualquer história. Por que não me dá alguma coisa em que eu possa me revelar, como... como o escândalo Viron?

O semblante de Trask se manteve impassível.

— Tenho certeza de que Marguerite é bastante competente para cuidar de

Viron. Ela está com Viron. E você tem a Virgem. Não tente me copidescar, Liz. Preocupe-se apenas em fazer um relato do retorno da Virgem e terá uma grande matéria... o bastante para deixar todo mundo feliz.

Ela sentiu-se tentada a discutir com Trask, dizer-lhe que estava apenas garantindo a sua dispensa ao enviá-la para aquela cidadezinha perdida nos Pireneus, enquanto dava a Marguerite uma coisa certa, que não era justo, não era absolutamente justo.

Mas só podia agora ver o topo da cabeça de Trask, aquela formidável cabeleira ao estilo de Mencken. Compreendeu que nada havia mais a dizer, que não adiantava continuar a lutar. Sentindo a sua presença, Trask resmungou, sem levantar os olhos:

— Pode ir, mocinha. Despache a matéria. Há muitas pobres almas por aí esperando para serem salvas.

— Que se fodam todas — murmurou Liz, bem baixinho. Ela virou-se para ir despachar a matéria, perguntando-se quem podia acreditar numa história como aquela.

Chicago e Biarritz

Era meio quarteirão de caminhada do estacionamento até o prédio comercial no centro de Chicago em que ficava o consultório do Dr. Whitney, no 23º andar, no outro lado da via elevada. Embora a chuva fosse bem miúda naquela manhã, fora suficiente o elegante guarda-chuva azul e a capa azul de Amanda Spenser. No corredor, encaminhando-se para o consultório do Dr. Whitney, Amanda tirou a capa encharcada e passou por um instante pelo banheiro, a fim de verificar se não houvera qualquer prejuízo a seus cabelos castanhos impecavelmente arrumados. O que de fato acontecera. Ela ajeitou os cabelos, tirou os óculos de grau escuros, com aros azuis, que usava para guiar, enxugou-os e guardou-os na bolsa. Só então é que seguiu para o encontro marcado com o médico de Ken Clayton.

Entrando na elegante sala de espera, os móveis estofados com um tecido verde-claro repousante, Amanda pendurou a capa e o guarda-chuva num cabide de madeira e depois se encaminhou para a recepcionista grisalha por trás do balcão. A mulher a esperava.

— Srta. Spenser?

— Isso mesmo. Espero ter chegado na hora.

— Chegou, sim. Mas, infelizmente, o doutor está uns poucos minutos atrasado. Ele a receberá daqui a pouco. E sei que está ansioso em lhe falar. Se não se importa de sentar e esperar um pouco...

— Claro que não.

— Como está o Sr. Clayton?

— Ainda um pouco fraco, mas já bastante bom para ir ao escritório e trabalhar por meio expediente.

— Fico contente em saber disso. Ele é um homem maravilhoso. Um dos mais encantadores que já conheci. Todos lhe desejamos o melhor, Srta. Spenser.

— Obrigada.

Amanda pegou uma revista na prateleira na parede, qualquer revista. No caso, era uma revista médica. Sentando e se recostando, ela folheou-a. Anúncios farmacêuticos em todas as páginas. Depois, um artigo com fotografias coloridas e gráficos sobre diabetes. Amanda não tinha paciência para aquelas coisas. Manteve a revista aberta no colo, mas olhava sem ver o que estava impresso.

Isso mesmo, pensou Amanda, a recepcionista estava certa, Ken era extremamente encantador. Amanda ficara fascinada uma hora depois de conhecê-lo, dois verões antes. Houvera um churrasco no pátio da residência dos Claytons mais velhos, os pais de Ken, na North Shore de Chicago. Uma refeição ao ar livre informal para os membros do prestigioso escritório de advocacia de

Bernard B. Clayton, em que seu filho, Ken, era especializado em planejamento imobiliário. Um dos advogados júniores da firma levava Amanda.

Depois disso, Amanda e Ken passaram a se encontrar regularmente. Um ano depois viviam juntos no apartamento de cinco cômodos de Amanda, perto do Michigan Boulevard. Todos comentavam que formavam um casal perfeito. Ken, aos 33 anos, tinha 1,80m de altura, cabelos pretos rebeldes, um rosto viril, era musculoso e atlético (um campeão em handebol). Amanda, aos 30 anos, era igualmente vigorosa (tênis era o seu esporte), realmente atraente, loura, olhos castanhos bem apartados, nariz arrebitado, uma generosa boca rosada, um corpo esbelto, seios abundantes, pernas bem torneadas. E um cérebro, um cérebro tão bom quanto o de Ken.

Os estranhos sempre se surpreendiam ao saber que Amanda era uma psicóloga bem paga e trabalhando em tempo, integral, dividindo seus dias plenamente ocupados entre uma clínica particular cuidadosamente limitada e um cargo de professora-associada no departamento de ciências do comportamento na Universidade de Chicago. Seu interesse pela psicologia fora inspirado pela leitura de Alfred Adler ainda muito jovem. Seu modelo fora a psicanalista Karen Horney, a maior mulher nesse campo na opinião de Amanda. O fato de o famoso John B. Watson ter obtido o seu Ph.D, na Universidade de Chicago ajudara a levá-la para essa escola. Ao saber que Carl Rogefs fora outrora o diretor do Centro de Consulta da Universidade de Chicago, sentira-se estimulada a trabalhar ali por algum tempo, o que, por sua vez, levava-a à sua clínica particular.

Era bastante ocupada e o mesmo acontecia com Ken. Assim, só tinham tempo um para o outro tarde da noite e nos fins de semana. E passavam a maior parte do tempo juntos na cama. Sexualmente compatíveis, faziam amor pelo menos quatro vezes por semana. Era sempre divino, porque Ken se mostrava atencioso e experiente.

Um ano antes, seguros de seu relacionamento e da sua necessidade mútua, haviam decidido casar. Bernard e Helen Clayton, ambos católicos devotos, quiseram um casamento formal ria igreja. Ken não se importara. O mesmo acontecera com Amanda, cujo pai era um católico não-praticante e a mãe não tinha qualquer religião conhecida.

O casamento fora marcado para agosto daquele ano.

Mas de repente, num princípio de noite, no meio de uma partida de handebol, Ken sofrerá um colapso. Sua perna direita cedera e ele levava um tombo feio. A perna — ou melhor, a coxa — vinha lhe causando uma dor insistente. Isso acontecera há menos de seis semanas. O Dr. Whitney, o médico da família Clayton, despachara Ken para uma ronda de especialistas, exames e radiografias.

E finalmente se chegara a um diagnóstico. Um sarcoma, câncer ósseo.

Deterioração do tecido ósseo, envolvendo a cabeça do fêmur direito. A doença se agravaria gradativamente. Ken perderia a mobilidade, precisaria usar muletas, eventualmente uma cadeira de rodas. O câncer provavelmente seria fatal. Havia três opções para uma possível cura: cirurgia, radiação e quimioterapia. A condição era passível de uma operação? Era, sim. O Dr. Whitney investigara as possibilidades de uma cirurgia bem-sucedida. Os prognósticos eram sombrios, as chances mínimas. Mas ainda havia uma possibilidade e não restava qualquer alternativa.

Assim, a cirurgia foi acertada. Deveria ser efetuada quase imediatamente. O casamento de Ken e Amanda foi adiado por tempo indeterminado.

Amanda pensou em seus sentimentos. Sentia-se como uma viúva, embora ainda nem tivesse casado.

Mas ainda havia a cirurgia. Era essa a esperança.

— Srta. Spenser — ela ouviu a recepcionista dizer — o Dr. Whitney vai recebê-la agora.

A recepcionista segurava a porta aberta. Pegando a bolsa, Amanda levantou-se e passou pela porta. Percorreu o pequeno corredor e entrou na sala do médico, fechando a porta e se perguntando por que teria sido chamada. Parecia o presságio de alguma infelicidade. O Dr. Whitney soergueu-se, murmurando:

— Srta. Spenser...

Ele gesticulou para uma cadeira no outro lado da mesa. Era um desses médicos cuja aparência inspira confiança. Possuía um rosto idoso, quadrado e simpático, algumas rugas atraentes, a testa um pouco vincada, os cabelos embranquecendo nas têmporas, não muito diferente dos falsos médicos que apareciam nos comerciais de televisão, cuja presença transmitia experiência, sabedoria e autoridade.

Enquanto Amanda se sentava, o Dr. Whitney tornou a arriar em sua cadeira de couro, fechou o envelope pardo em cima da mesa e foi direto ao ponto:

— Srta. Spenser, achei que seria melhor se pudéssemos conversar pessoalmente. Eu queria discutir a cirurgia de Ken. E espero que este chamado súbito não tenha causado qualquer inconveniência.

— Nada é mais importante do que a operação de Ken.

— Sei que ele lhe falou a respeito, explicando que se trata da nossa opção primária.

— Ele me falou um pouco. Disse que não havia garantias, mas contava com uma possibilidade e ia se submeter. Fiquei contente por saber que ele estava tão disposto. E encorajei-o. — Amanda hesitou por um instante. — Quais são as reais possibilidades?

O Dr. Whitney foi meticuloso em suas palavras:

— Com a cirurgia, algumas. Sem a cirurgia, nenhuma. Há um trabalho avançado que se vem realizando neste campo, mas infelizmente ainda não

chegou a resultados concretos. Li há cerca de um ano que o Dr. Maurice Duval, de Paris, desenvolvera uma nova técnica, cirurgia e implantes em combinação com engenharia genética. Mas suas experiências, àquela altura, embora plenamente bem-sucedidas, haviam envolvido mamíferos que não o homem. Conversei a respeito com vários cirurgiões locais altamente credenciados, que também haviam tomado conhecimento dos progressos de Duval. Mas todos acharam que a técnica ainda não está pronta para ser aplicada a seres humanos. E como o tempo é essencial, só nos resta a cirurgia que conhecemos e com a qual podemos contar, substituindo-se a parte afetada do fêmur. Dá certo algumas vezes.

— Algumas vezes... — repetiu Amanda, apaticamente.

— Deixe-me ser mais preciso, baseado nos precedentes dessas cirurgias. Se efetuada imediatamente, antes que haja mais deterioração, Ken pode ter uma chance de 30 por cento de se livrar de seu câncer e voltar a levar uma vida normal. Mas permanece o fato de que, estatisticamente, haveria 70 por cento de possibilidade de fracasso. Não obstante, repito, não resta opção que não seguir em frente.

— E quando será a operação? O Dr. Whitney franziu o rosto.

— Não sabemos. A cirurgia estava marcada para esta semana, mas a operação foi cancelada.

Amanda avançou para a beira da cadeira.

— Mas por que, pelo amor de Deus?

— É o motivo pelo qual a chamei hoje, como a pessoa mais íntima de Ken, a fim de discutir o problema. — O Dr. Whitney limpou a garganta e desviou os olhos. — Estive ontem com Ken e descrevi-lhe pela última vez o que tinha de ser feito. Ele aprovou tudo, aprovou a cirurgia. Esta manhã, porém, me telefonou. Mudara de ideia, não mais faria a operação.

Amanda estava chocada.

— Como? Ele não quer mais fazer a operação? Não falei com Ken esta manhã... ele ainda dormia quando saí... e por isso não sei de nada. Mas não faz sentido. Tem certeza? Já havíamos concordado que a cirurgia era a sua única possibilidade.

— Ao que parece, Ken não pensa assim. Ele acha agora que há uma opção melhor. Já leu o jornal de hoje?

— Ainda não.

— Pois dê uma olhada.

O Dr. Whitney pegou o *Tribune* de Chicago e estendeu para Amanda. Ela viu a primeira página e ficou ainda mais aturdida.

— Só tem uma manchete sobre Lourdes.

— Abra na terceira página e leia a história completa. Amanda abriu o jornal e lá estava a matéria:

VIRGEM MARIA VOLTARÁ A LOURDES.

A história que se seguia era assinada por uma mulher chamada Liz Finch e fora despachada de Paris.

Amanda leu tudo rapidamente. Quando acabou, largou o jornal no chão e fitou o Dr. Whitney nos olhos. Sentia-se consternada, enquanto absorvia todas as implicações do que estava acontecendo.

— A Virgem Maria voltando a Lourdes para realizar um milagre? A alucinação de uma camponesa adolescente há mais de um século? Está querendo me dizer que Ken leu e acreditou nisso?

— Exatamente.

— Ken confiando num milagre para salvá-lo, ao invés da cirurgia? Dr. Whitney, isso não é coisa de Ken. Sabe que não é. Ele não acredita em milagres. Quase não frequenta a igreja. Conhece-o bastante bem. É um homem racional, lógico, inteligente...

— Não, não é mais — interrompeu-a o médico. — Não quando se encontra tão desesperado.

— Mas estou lhe dizendo que isso não é típico de Ken!

— Conhece a mãe dele bastante bem, não é mesmo? E sabe como Helen Clayton é uma crente fervorosa. Pode imaginar como esta história afetou-a? Lançou-se em cima de Ken imediatamente. Como ela não gosta das possibilidades da cirurgia, chegou à conclusão de que Lourdes proporcionará ao filho uma chance melhor de recuperação total. Ela já mandou Ken procurar o Padre Hearn, que é o sacerdote da família. Foi depois de conversar com o Padre Hearn que Ken me telefonou e suspendeu a cirurgia. E me disse que vai para Lourdes. Sofreu uma verdadeira lavagem cerebral e pensa agora que existe uma boa possibilidade de alcançar uma cura milagrosa. E não adianta argumentar com ele. Não se pode argumentar com a fé cega. Mesmo quando é tão desarrazoada.

Amanda ficou imóvel, apertando a bolsa, profundamente abalada.

— Dr. Whitney, tento lidar com as realidades em meu trabalho. Sabe que sou psicóloga, não é mesmo?

— Sei, sim.

— Talvez isto seja uma aberração momentânea de Ken que logo passará. Mas deixe-me fazer uma pergunta. O que aconteceria se o deixássemos ir a Lourdes, rezar por um milagre, acreditar nesse conto de fadas, até constatar pessoalmente que não o curou? Ele não poderia voltar depois, recuperando o bom senso e se submetendo à cirurgia?

— Devo ser absolutamente franco, Srta. Spenser. E repetirei o que já disse antes. Neste tipo de doença, o tempo é essencial. A perda de um mês inteiro pode

fazer com que Ken se torne quase inoperável; ou pelo menos reduzirá as suas possibilidades de uma cirurgia bem-sucedida de 30 para 15 por cento. Suas chances de sobrevivência já são mínimas. A redução pela metade é algo drástico. Esses são os fatos. A menos que seja salvo por um milagre, Ken não será salvo por nada. Lamento muito, mas tinha de informá-la dos acontecimentos e da atual situação. Espero que possa influenciar o pensamento de Ken. Minha última esperança é que possa de alguma forma fazê-lo mudar de ideia.

Amanda levantou-se, resoluta,

— Tomarei uma providência a respeito. E imediatamente. O Dr. Whitney também se levantou.

— Vai falar com Ken ou com a mãe?

— Com nenhum dos dois. Seria impossível uma conversa com eles no estado em que se encontram no momento. Falarei com o Padre Hearn. Imediatamente. Ele é nossa única esperança.

Foi somente ao final da tarde que Amanda Spenser conseguiu marcar uma reunião com o Padre Hearn. Mesmo assim fora difícil, com tão pouca antecedência. Mas ela invocara sua amizade com Bernard e Helen Clayton e explicara seu relacionamento com Ken Clayton.

De certa forma, no entanto, a demora fora uma boa coisa.

Depois de marcar o encontro, Amanda compreendera que estava despreparada para debater com um sacerdote católico instruído sobre Lourdes e curas milagrosas. Embora tivesse um conhecimento vago de Bernadette e suas visões, provavelmente por ter visto uma vez o filme *A Canção de Bernadette*, exibido pela televisão quando estava na universidade, nada sabia a respeito do próprio santuário milagroso.

Como o Padre Hearn não poderia recebê-la antes das quatro e meia da tarde, ela dispunha de cinco horas para se informar a respeito. Gastou mais de uma hora desse tempo para telefonar à sua secretária e providenciar para que todas as sessões com seus pacientes naquela tarde fossem canceladas e depois para comer uma salada e tomar duas xícaras de café numa lanchonete apinhada.

Depois, passara quatro horas na sala de leitura da Biblioteca Pública de Chicago, lendo superficialmente os poucos volumes disponíveis sobre Bernadette e Lourdes. Passara por *Bernadette of Lourdes* (Bernadette de Lourdes), de Francis Parkinson Keyes, que era favorável, *The Happenings at Lourdes* (Os Acontecimentos em Lourdes), de Alan Neame, que era imparcial, e *Eleven Lourdes Miracles* (Onze Milagres de Lourdes), do Dr. D.J. West, que era contrário, e fizera algumas anotações. Quando se aproximou o momento da reunião com o Padre Hearn, ela sentia-se suficientemente informada para argumentar objetivamente numa discussão do assunto.

A Igreja do Bom Pastor ficava perto do Lincoln Park e dispunha de estacionamento próprio. A casa de culto, por seu tamanho e exterior bem

cuidado, era obviamente frequentada e sustentada por uma congregação rica. Amanda podia compreender que seus futuros sogros não pertencessem a nenhuma outra.

Recusando-se a ficar intimidada pelo esplendor, Amanda entrou e foi encaminhada à sala ocupada pelo Padre Hearn. Era um homem de rosto cheio, barrigudo e amável. Em contraste com a igreja, a sala parecia modesta. Cortinas cinzentas simples emolduravam as janelas. Havia uma lareira e por cima um grande crucifixo de bronze, apresentando um alongado Salvador na Cruz, ao estilo de Giacometti. O Padre Hearn ofereceu a Amanda uma cadeira forrada de veludo ao lado da mesa, depois ocupou a cadeira de encosto alto por trás.

Na parede estava pendurada uma fotografia emoldurada do Papa João Paulo III. O Padre Hearn foi franco e afável:

— Normalmente não sou tão difícil assim de receber os outros; Gosto de conversar com as pessoas e raramente restrinjo as visitas. Mas hoje foi um dia excepcionalmente movimentado. Lamento limitar sua visita, Srta. Spenser, mas só fui capaz de recebê-la hoje por um verdadeiro golpe de mágica. Assim, só posso lhe conceder 20 minutos. Talvez em outra ocasião possamos...

— Não haverá necessidade — interrompeu-o Amanda. — Vinte minutos serão suficientes.

Ela refletiu que não podia desperdiçar um segundo sequer. Devia levantar a divergência potencial o mais depressa possível.

— Como eu lhe disse pelo telefone, sou a noiva de Ken Clayton.

— Tenho o maior prazer em conhecê-la finalmente. Já me falaram a seu respeito. E eu havia sido escolhido para celebrar o casamento. Espero ainda fazê-lo, em alguma data posterior.

— Sabe então da doença de Ken... o seu câncer?

— Fui informado pelos pais. E agora o próprio Sr. Clayton me falou. Presumo que saiba que ele veio me procurar esta manhã. E conversamos longamente sobre o seu estado.

— É por isso que estou aqui... para discutir o problema mais a fundo.

— Fico satisfeito por esta oportunidade de conversarmos — garantiu o Padre Hearn, ansiosamente.

O rosto cheio e liso mantinha-se impassível, não revelando qualquer pretensão de saber o motivo da visita. Mas Amanda tinha certeza de que encobria uma compreensão sagaz de seu objetivo ao solicitar o encontro.

— Não tenho a menor ideia se sabe alguma coisa a meu respeito — disse ela. — Foi informado que sou uma psicóloga clínica?

A boca do Padre Hearn se contraiu. Uma ligeira sugestão de surpresa.

— Não, não creio que tenham me contado.

— Tenho uma clínica particular e dou aulas na Universidade de Chicago. Ensino psicologia clínica, psicologia anormal, teoria da personalidade. Só estou

dizendo isso porque quero que compreenda que minha preocupação por Ken é a de uma mulher que o ama, mas também de uma pessoa que pode analisar a doença dele de maneira objetiva. Padre, está a par da gravidade da doença, não é mesmo?

— Estou, sim, Srta. Spenser. Lamento pelo sofrimento do Sr. Clayton e também pelo seu. E farei orações por sua recuperação rápida e completa.

— E muita bondade sua, Padre Hearn, e fico agradecida. — Amanda tentou se controlar, evitando que qualquer vestígio de sarcasmo transparecesse em sua voz. — Por mais prestimosas que sejam as orações, no entanto, receio que Ken vá precisar mais do que isso. Sua única esperança concreta, sua única esperança, está numa cirurgia imediata. Ele estava pronto para se submeter à cirurgia até que lhe falou esta manhã. Agora, Ken cancelou a operação e parte em busca de um milagre. Para mim, padre, essa decisão é suicida e profundamente lamentável. Somente através de uma operação...

O Padre Hearn interrompeu-a:

— Srta Spenser, não tentei absolutamente dissuadir o Sr. Clayton de se submeter à cirurgia. Não é da minha competência julgar o desejo de um paroquiano de buscar ajuda na profissão médica. Foi uma decisão a que o próprio Sr. Clayton chegou. Quando conversamos esta manhã, ele tinha muitas apreensões sobre as possibilidades de sucesso da cirurgia. Disse que, se se submetesse a uma operação agora, estaria sacrificando uma oportunidade concedida por Deus de estar em Lourdes por ocasião da visitação da Virgem Maria. Depois da cirurgia, ficaria convalescente, acamado, não poderia rezar diretamente à Virgem Abençoada por uma cura milagrosa de sua doença possivelmente fatal. O Sr. Clayton fez a opção por conta própria. Decidiu entregar a vida nas mãos de Nosso Senhor e da Mãe do Céu, num santuário cristão que tem proporcionado, e proporcionado constantemente, curas milagrosas a peregrinos aflitos do mundo inteiro.

Amanda sentiu um impulso de raiva e impaciência que transcendeu ao seu controle. Havia uma vida em jogo, uma vida humana, aquele paspalhão devoto tentava menosprezar o problema com banalidades.

— Padre Hearn, não acredita em tudo isso, não é mesmo? Por um momento, o padre ficou aturdido.

— Como assim... não acredita em quê?

— Que essa pastora analfabeta realmente viu a Virgem Maria? Espere um pouco, deixe-me terminar, deixe-me esclarecer meu pensamento, pois não quero absolutamente ser desrespeitosa. Mesmo presumindo que houve uma aparição física da Virgem Maria, Bernadette seria uma medíocre escolha para vê-la ou transmitir sua mensagem. Por minhas leituras, pelas evidências disponíveis, parece óbvio que Bernadette se enquadra perfeitamente na categoria das histéricas. Lá estava ela, naquela aldeia atrasada, uma camponesa meio

faminta, sempre doente, semi-ignorante, uma pequena adolescente faminta de atenção e amor. Era o tipo ideal para ter alucinações, desejar ter e assim inventar uma linda amiga como a Virgem Maria, convencer-se de que realmente a vira e conversara. Bernadette iludiu-se a pensar que vira mesmo o que alegava, primeiro ela própria e depois os outros, que também se encontravam ansiosos em se iludirem, acreditando nisso, a fim de atender a suas próprias necessidades pessoais.

Amanda fez uma pausa respirando fundo.

— Padre, espera mesmo que eu ponha a vida da pessoa que mais amo neste mundo nas mãos de uma adolescente instável que viveu há 130 anos? Pode esperar que eu acredite que Ken ou qualquer outra pessoa com uma doença grave medicamente determinada, possivelmente incurável, venha a ser curada por orações de joelhos em alguma caverna francesa, só porque uma camponesa simplória, com a cabeça repleta de sonhos, alegou que ali vira e conversara por 18 vezes com a Mãe de Jesus?

Esgotada, Amanda recostou-se na cadeira, esperando ter resistência suficiente para enfrentar a tempestade que certamente se seguiria. Mas, para sua surpresa, o Padre Hearn não demonstrou qualquer ira. Parecia calmo, a própria imagem da racionalidade. O tom de sua resposta foi sereno e firme:

— Se a Virgem não apareceu na gruta, para ser vista e ouvida por uma crente pura e inocente, e não dotasse a gruta com poderes especiais, como explicar os fatos científicos, os fatos médicos, que foram produzidos nas décadas transcorridas desde então? Como explicar o fato de que quase 70 pessoas tiveram uma cura milagrosa do que fora diagnosticado por médicos eminentes de muitas nações como uma doença incurável? Como explicar que em todos esses casos terminais os melhores médicos do mundo certificaram que o paciente se achava totalmente curado, não pela medicina, mas pelo poder do milagroso? Como explicar os cinco mil outros casos de pessoas aleijadas ou agonizantes que se informaram completamente curadas por causa da gruta em Lourdes?

Amanda já tirara da bolsa as anotações que fizera na biblioteca. Examinando-as rapidamente, ela disse:

— Li um estudo feito por um médico sobre 11 das supostas curas milagrosas em Lourdes. Ele formulou a seguinte indagação: "Houve uma mudança física real ou foi tudo psicológico?" Chegou à conclusão de que todas ou a maioria das supostas curas foram de doenças induzidas pela histeria, efeitos físicos de distúrbios emocionais como a depressão, ansiedade ou tensão, que afetam o coração, vasos sanguíneos, rins e assim por diante. Esse médico escreveu: "Sob hipnose e recebendo as sugestões apropriadas, há casos conhecidos de pacientes que produziram bolhas correspondentes a queimaduras originárias e até desenvolveram equimoses e hemorragias externas."

Da mesma forma, sob a influência hipnótica de Lourdes, enfermidades

agravadas pela imaginação podem ser melhoradas e curadas pela imaginação. Não é comum, mas acontece com bastante frequência para fazer com que os crentes pensem que se tratam de milagres súbitos.

— Suponho que não acredita absolutamente em milagres — comentou o Padre Hearn, ironicamente.

— Padre, na minha profissão já vi muitas casos... e li muitos outros... em que o mental exerceu uma forte influência sobre o físico. Mas não se pode contar com a cura mental, especialmente num caso como o de Ken, quando ele sofre de câncer ósseo absolutamente real. Estou disposta a confiar a vida de Ken ao bisturi de um cirurgião. Mas não posso confiá-la a uma fábula imaginativa. Não, padre, não acredito em milagres.

— Mas não veio aqui para discutir comigo, não é mesmo?

— Vim porque presumi que é um homem racional e lógico, independente de sua profissão. Esperava que dissuadisse Ken da ideia de entregar sua vida a uma cura mística em Lourdes, convencendo-o a aceitar novamente a cirurgia. Esperava que me compreendesse e esperava que me ajudasse.

O Padre Hearn permaneceu em silêncio por muitos segundos, antes de responder:

— Não posso ajudá-la, Srta. Spenser, porque não a compreendo, assim como também não pode me compreender. Falamos línguas diferentes. A minha só se expressa em palavras de fé, uma fé irrestrita e a crença em Deus, no Senhor, na Virgem Maria, nas maravilhas e milagres que decidem realizar. Se não compreende a minha língua, não há mais nada que possamos dizer um ao outro.

Amanda sentiu-se nauseada.

— Está querendo dizer que não há a menor possibilidade de que venha a tentar dissuadir Ken de fazer a peregrinação a Lourdes e esperar pela Virgem e seu milagre?

— Não, não há qualquer possibilidade. Já consegui incluir o Sr. Clayton numa peregrinação oficial britânica a Lourdes, promovida por um antigo colega e amigo, Padre Woodcourt, de Londres. Rezarei para que a peregrinação do Sr. Clayton seja coroada de êxito.

Amanda suspirou e levantou-se.

— Quer dizer que já fez a reserva dele?

— Já, sim. Numa peregrinação que segue de Londres para Paris e Lourdes. A reserva está garantida.

Amanda encaminhou-se para a porta, mas tornou a se virar antes de sair, dizendo:

— Eu agradeceria se conseguisse duas.

— Duas?

— Duas reservas. Uma para Ken e a outra para mim. Não posso permitir que aquele tolo assumo esse risco sozinho. Obrigada, padre. E espero que a próxima

vez em que nos encontrarmos não seja num funeral.

Sentado na limusine Cadillac que o levava do prédio da ONU ao consulado soviético, na Rua 67 — Oeste, na cidade de Nova York, Sergei Tikhanov ainda experimentava uma sensação de exultação pela excelente recepção ao seu discurso, especialmente pelos delegados do bloco do Terceiro Mundo. O embaixador soviético na ONU, o afável Alexei Izakov, pronunciava os discursos rotineiros, mas era Tikhanov, como veterano ministro do Exterior da União Soviética, quem era sempre enviado a Nova York para apresentar os pronunciamentos públicos mais cruciais.

O discurso daquela manhã, sobre a continuação da confrontação de armas nucleares com os Estados Unidos, fora crucial e transcorreria muito bem. Se Tikhanov tinha quaisquer restrições ao discurso era o fato do Primeiro-Ministro Skryabin ter imposto limitações ao conteúdo e às invectivas que poderiam ser usadas. Era uma coisa que irritava Tikhanov, a política branca e conciliatória de seu superior em relação aos americanos. Tikhanov conhecia os americanos melhor do que qualquer outro na hierarquia do Kremlin e sabia que eles eram como crianças, só reagiam à firmeza e ameaças. Mesmo assim, apesar de todas as limitações, ele tinha certeza de que o seu discurso de exposição de política fora eficaz.

A única outra coisa que incomodara Tikhanov no discurso fora a maneira rude com que havia sido tratado pelo principal membro de sua própria delegação. No meio do retumbante» pronunciamento, o Embaixador Izakov se levantara abruptamente e se retirara. Tikhanov ficara momentaneamente embaraçado por esse comportamento grosseiro.

Tencionava dizer isso a Izakov e esperava um pedido de desculpas, a menos que o embaixador tivesse alguma desculpa aceitável a apresentar.

Talvez houvesse uma desculpa aceitável. Porque no momento em que o próprio Tikhanov deixara o auditório da ONU e os aplausos fora interceptado por um membro de sua delegação, com a mensagem de que o Embaixador Izakov queria lhe falar imediatamente no consulado. Talvez houvesse alguma emergência que afastara o embaixador de seu discurso, especulou Tikhanov.

Agora, quase inconsciente da presença do segurança do KGB ao seu lado, ansioso em saber o que Izakov tinha a lhe falar, Tikhanov inclinou-se para a frente no banco de trás, espiando entre o motorista e o segundo segurança do KGB para o prédio do consulado soviético logo à frente.

Tikhanov encontrou inesperadamente na sala de recepção do consulado um impaciente Izakov a esperá-lo. Apressadamente, o embaixador levou-o para a sua sala segura, eletronicamente protegida contra aparelhos de escuta.

Sem se dar ao trabalho de sentar ou esperar que Tikhanov se acomodasse, o Embaixador Izakov, parecendo muito tenso, começou a falar:

— Sergei, minhas desculpas por ter saído no meio de seu magnífico discurso.

Mas fui chamado por um telefonema urgente de Moscou, diretamente de Kossoff.

O General Kossoff era o diretor do KGB e agora Tikhonov passou a escutar atentamente.

— É o Primeiro-Ministro Skryabin — explicou o embaixador. — Ele sofreu um derrame. Está em coma.

— Um derrame... — repetiu Tikhonov. — Estou acostumado a seus pequenos ataques cardíacos... Mas um derrame... Qual é a gravidade?

— Foi maciço. O que quer que aconteça, o velho está liquidado. Se sair do coma, recuperar-se, será um vegetal, completamente incapacitado. Ou pode permanecer em seu estado atual. Na melhor das hipóteses, os médicos não lhe dão mais que um mês de vida.

— Um mês... — murmurou Tikhonov, tentando pensar objetivamente.

— Seu sucessor tem de ser alertado e colocado de prontidão. Foi por isso que o General Kossoff telefonou. Queria que você fosse informado que uma votação secreta informal do Politburo apontou-o de forma absoluta como o próximo primeiro-ministro da União Soviética. Meus parabéns, Sergei!

Ele estendeu a mão e Tikhonov apertou-a, meio contrafeito, balançando a cabeça. Tikhonov sentia-se tonto.

— Eu... preciso sentar...

Como se sofresse uma vertigem, Tikhonov foi até o sofá, apoiou-se num braço e arriou na almofada.

— Deixe-me servir-lhe um drinque — disse Izakov, num ânimo festivo. — Para nós dois.

Ele encaminhou-se para o bar.

— Faremos um brinde. — Do bar, o embaixador perguntou: Vodca? Tenho Stolichnaya.

— Vodca está bom... uma dose dupla.

Enquanto servia os drinques, Izakov continuou a falar:

— Quais são os seus planos agora, Sergei? Kossoff queria saber. Mas eu não tinha a menor ideia de qual seria a sua reação.

— Não haverá mudanças. Ainda passarei dois dias em Paris. E dois dias em Lisboa. E minha esposa irá se encontrar comigo depois na *dacha* em Yalta. Achei que seria melhor tirar agora as minhas quatro semanas de férias de verão. O Mar Negro está maravilhoso nesta época.

Izakov aproximou-se com o drinque.

— Talvez você devesse voltar direto para Moscou. Tikhonov pensou a respeito por um momento.

— Não... Creio que não seria sensato dar a impressão de que estou na expectativa. E também não quero me envolver na política interna do Politburo, especialmente neste momento. Mantereí os meus planos. Irei para Yalta e ficarei

esperando. Kossoff pode me encontrar lá, se quiser.

— Ele vai querer — garantiu Izakov. — Assim que o velho morrer, você será instalado como primeiro-ministro.

— Obrigado — murmurou Tikhonov, modestamente.

Ele começava a sentir um certo excitamento. Trabalhara arduamente, esperara por aquilo durante muito tempo. Não se importava absolutamente com a morte do velho. Afinal, nunca respeitara nem gostara de Skryabin. Fora somente o alto cargo e a autoridade de Skryabin que respeitara e sempre sonhara em alcançar. E agora, abruptamente, era tudo seu.

Tomando a vodca, ele percebeu que Izakov voltara a lhe falar, dizendo que precisava resolver um problema em outra sala, mas logo voltaria.

Tikhonov sentiu-se satisfeito por ficar sozinho durante um breve intervalo. Estava dominado por uma necessidade compulsiva de reconstituir o caminho que o levava àquele momento. Nasceria numa fazenda isolada, hoje a apenas uma hora de carro de Minsk. O pai impassível, dono da fazenda, fora um homem decente, indiferente à política, um trabalhador do solo e um primitivo. A mãe gostava de ler e era professora na escola primária de uma aldeia próxima. Desde pequeno que Tikhonov sabia ler, devorando os jornais e as biografias dos heróis soviéticos. Seu primeiro e mais persistente herói fora o legendário Ministro do Exterior da Rússia Andrei Gromyko.

Tikhonov prometera a si mesmo que seguiria os passos de Gromyko. Fora o que fizera desde o início e ao longo de todo o percurso, da melhor forma que era possível. Como Gromyko, ele ingressara no Partido Comunista, cursara o Instituto de Agricultura de Minsk, tentara e conquistara um curso de pós-graduação no Instituto de Economia Lenin, em Moscou. Como Gromyko, ele quisera se especializar em problemas americanos e acabara sendo designado para a divisão americana do Conselho Nacional de Negócios Exteriores. Fora depois transferido para a Embaixada Soviética em Washington e demonstrara uma compreensão tão perspicaz dos americanos que acabara sendo promovido a embaixador nos Estados Unidos. Como estadista, mostrara-se discreto, mas objetivo e eficaz. Como seu ídolo, passara a ser conhecido, nas palavras de um jornal americano, pela "solenidade de granito de seu rosto". Depois de alguns anos, fora chamado a Moscou e se tornara o titular do Ministério das Relações Exteriores, na Smolenskaya-Sennaya Ploshchad, 32-34. Na década que transcorreria desde então, ele se tornara o maior ministro do Exterior da União Soviética e o mais admirado pela maioria dos membros do Politburo. Se quisesse subir ainda mais, só havia um posto que poderia ocupar... e sonhara em conquistar esse poder.

Agora, estava ao seu alcance. Tomando a vodca, ele compreendeu que teria o poder para aplicar as suas ideias sobre a maneira de tratar o maior rival e inimigo da Rússia, os Estados Unidos. Haveria uma nova firmeza no Kremlin. Levaria os Estados Unidos a ficarem de joelhos, haveria de neutralizá-los, sem

guerra, porque observara os americanos atentamente e sabia melhor do que qualquer outra autoridade soviética que os americanos eram egoístas e fracos, carecendo de coragem ou patriotismo, não mais dispostos a morrerem por seu país, tão decadentes quanto haviam sido os antigos romanos. A ascendência sobre a América traria paz duradoura ao mundo e o Primeiro-Ministro Tikhonov seria o herói mais idolatrado da União Soviética, e também o senhor do mundo.

Ele emergiu de seu devaneio ao terminar o drinque, consciente de que o Embaixador Izakov estava outra vez parado à sua frente.

— E então, Sergei, já reconsiderou os seus planos? Ainda vai para Yalta?

— Exatamente. E acho que mantereí minha programação de visitas a Paris e Lisboa antes. Seu pessoal pode me arrumar um vôo para Paris esta noite?

— Não há problema. Presumo que vai querer falar com o General Kossoff em Moscou antes de partir, só para que ele saiba que foi informado e onde poderá ser encontrado.

— Claro.

— Ah, sim... — acrescentou Izakov. — Eu já ia esquecendo. Minha secretária anotou outro dia um recado para você. Um certo Dr. Ivan Karp quer que você vá procurá-lo hoje.

— Ligarei para ele.

Izakov fora até sua mesa pegar o papel com o recado e releu-o, enquanto voltava para junto de Tikhonov.

— Parece que ele foi categórico ao dizer que desejava vê-lo pessoalmente. — Ele entregou o recado ao ministro do Exterior, que estava com o rosto franzido. — É claro que você deve saber se é importante o bastante para se incomodar.

— Não é importante — disse Tikhonov rapidamente. — Apenas a informação sobre os resultados de um exame de rotina. Pode deixar que falarei com ele.

Mas Tikhonov sabia que essa explicação podia não ser suficiente. Tinha certeza de que Izakov remetia relatórios regulares sobre as atividades de todos ao KGB. Obviamente, Izakov nunca ouvira falar do Dr. Karp e podia estar curioso. Nesse caso era bobagem, mas Tikhonov gostava de ser metódico.

— Meu médico em Moscou não estava na cidade quando parti e eu sabia que meu exame médico anual já se achava bastante atrasado. Alguém comentou que, como eu vinha para Nova York, esse Dr. Karp, um russo por nascimento, era de confiança. Por isso, visitei-o rapidamente no dia em que cheguei. Ele é um tanto meticuloso e pedante. Acho que é por isso que desejava me ver pessoalmente. Mas será a mesma coisa de sempre. Mais exercício. Dieta. Menos bebida.

— Eles sempre dizem para a gente beber menos — concordou Izakov.

— Darei um jeito de procurá-lo depois das cinco horas... ainda tenho muito o que fazer hoje... e quero estar livre a tempo de não atrasar o nosso jantar. — Ele

largou o copo vazio. — Falarei com o Dr. Karp e depois ligarei para Moscou.

Tikhanov sentou-se à mesa de jantar pequena na alcova junto à sala do Dr. Ivan Karp, no quarto andar de um prédio antigo, perto da esquina da Park Avenue, impacientemente esperando que o médico terminasse seu ritual de despejar o chá forte do bule de porcelana no velho samovar de latão.

Tikhanov resolvera fazer um exame médico de rotina porque estava atrasado há muito e porque se sentia perturbado por uma pequena ansiedade com alguma dificuldade no andar. Não pensara em procurar um médico estrangeiro no exterior. Sua intenção era fazer todos os exames necessários com seu médico regular em Moscou. Mas este deixara a cidade em férias e a viagem a Nova York fora decidida quase da noite para o dia. Tikhanov planejava inicialmente consultar o médico permanente da missão soviética na ONU. Mas mudara de ideia, porque sabia que o médico da missão era certamente um agente do KGB. E Tikhanov resolvera procurar um americano que fosse de confiança e que não comunicasse os seus maus hábitos ao KGB. Um companheiro de xadrez em Moscou, um comerciante que visitava Nova York com frequência e amigo antigo de Tikhanov, recomendara que ele procurasse o Dr. Ivan Karp. Esse Karp, um emigrado judeu de muitos anos, agora um cidadão americano, era intelectualmente simpático à filosofia marxista.

Ao chegar a Manhattan, Tikhanov entrara em contato com o Dr. Karp, que concordara em fazer um exame geral, num moderno centro médico no centro da cidade. Deixando os seus seguranças na sala de espera, Tikhanov submetera-se a exames meticulosos. Ao final, Karp dissera que desejava levar o paciente a um andar superior, a fim de serem efetuados novos testes por um colega que era neurologista.

— Mas não temos de levar também todos os seus seguranças do KGB, não é mesmo? — indagara Karp. — Podemos sair sem que nos vejam pela porta particular da minha sala.

Tikhanov concordara prontamente com a sugestão.

Agora, introduzido na sala do Dr. Karp para tomar conhecimento dos resultados dos exames, Tikhanov começava a se irritar com os movimentos lentos e deliberados do médico. Queria acabar logo com aquilo, sair a tempo para o jantar, depois partir para Paris, Lisboa e Yalta, onde aguardaria ser convocado para assumir o poder.

Ele observou o Dr. Karp, um homem pequeno, com uma barba pequena e pontuda, ajeitar a xícara de chá e um pratinho com biscoitos *kvhorost*.

— Obrigado — disse Tikhanov. — Não tenho muito tempo, doutor. Seria melhor conversarmos imediatamente. Como há sempre alguma coisa, o que é desta vez? Pressão alta? Um sopro no coração? Um indício de diabetes?

Sentado em frente a ele, o Dr. Karp terminou de tomar o chá e disse gentilmente:

— Eu gostaria que fosse tão simples.

— Como assim, doutor? Há mais alguma coisa errada?

O Dr. Karp refletiu por um momento.

— Há, sim. Devo ser franco. Há algo que causa muita preocupação. E quanto mais cedo você souber, melhor. Deixe-me acrescentar que não é um problema imediato, mas a longo prazo...

A impaciência de Tikhanov se transformara numa ansiedade crescente. Tentou disfarçar o medo com um comentário jovial:

— Alguém disse certa vez... a longo prazo, todos estaremos mortos.

O Dr. Karp ofereceu-lhe um sorriso contrafeito.

— Tem razão. E fico contente que torne tudo mais fácil para mim.

— Mas qual é o problema afinal?

— Os exames indicam, sem a menor sombra de dúvida, que você sofre de uma distrofia muscular.

Tikhanov sentiu que o fôlego lhe faltava, a ansiedade alcançava um auge.

— Uma o quê? — ele perguntou, de maneira quase inaudível. É claro que já ouvira falar do problema, mas não tinha uma noção precisa do que significava. Agora, parecia algo terrível, sinistro. O Dr. Karp passou a falar mais depressa, mais profissionalmente:

— A maioria dos casos de distrofia muscular se enquadra em uma de quatro categorias. A sua categoria é conhecida como tipo misto. A doença envolve o definhamento simétrico progressivo dos músculos esqueléticos, nas pernas e braços.

Tikhanov recusou-se a aceitar o diagnóstico.

— Deve estar enganado, Dr. Karp. Verificou meus músculos das pernas e braços? São fortes... mais fortes do que nunca.

— Um sintoma típico e enganador. Os tecidos de ligação e depósitos de gordura fazem os músculos parecerem maiores e mais fortes. Mas não é isso o que acontece na realidade. Os músculos estão definhando.

Tikhanov não queria se render.

— Como pode ter certeza?

— Sei que é um golpe terrível, Sr. Tikhanov. Mas os resultados dos exames não deixam qualquer dúvida. Não podemos negar as descobertas da eletromiografia, que confirmam a biopsia muscular positiva. Pode esperar uma deterioração muscular progressiva. E nesse tipo de distrofia os músculos voluntários seriam os mais afetados.

Tikhanov levantou-se abruptamente, em desespero, vasculhou os bolsos do paletó à procura do maço de cigarros. Com a mão trêmula, ele levou o isqueiro ao cigarro. E disse, permanecendo de pé:

— Muito bem. O que posso fazer?

— Infelizmente, não muita coisa. Não há qualquer meio conhecido de conter

a deterioração. Contudo, pode-se fazer algumas coisas para... atenuar os sintomas, digamos assim. Um regime de terapia física, exercícios, possivelmente uma cirurgia. E é claro que levar uma vida mais saudável. Se fizer tudo o que for necessário, poderá desfrutar mais 10 ou 12 anos de uma vida tranquila, antes de se tornar totalmente incapacitado.

— Esse é todo o tempo que quero, Dr. Karp.

— Pois terá, se se aposentar.

— Aposentar? Sabe muito bem quem eu sou...

— Claro que sei. Já desfrutou muitos anos de sucesso. Mas isso não pode continuar. Deve renunciar a seu cargo atual, aposentar-se e levar uma vida de lazer, submetendo-se a toda terapia possível.

— E se eu não quiser me aposentar? Ou se aceitar um posto ainda mais ativo?

O Dr. Karp cofiou a barba pontuda, os olhos abaixados.

— A deterioração vai se intensificar, Sr. Tikhanov. Não sobreviverá mais que dois ou três anos.

Tikhanov sentiu-se quase sufocado de raiva pela injustiça do que estava lhe acontecendo. Tornou a se sentar, ao lado do Dr. Karp, pegou-lhe o braço e apertou. -

— Não aceitarei isso. Não posso aceitar. Tem de haver algum meio de deter a doença.

— Não conheço qualquer médico no mundo inteiro que possa lhe dizer algo mais além do que já falei. Contudo, se quer obter uma segunda opinião...

— Isso seria inútil, pelo que está dizendo.

— É claro que existem uns poucos médicos no mundo que alegara poder às vezes debelar a doença. Já enviei dois pacientes meus, por insistência deles, a um conhecido especialista em rejuvenescimento de Genebra, na Suíça. Ele afirma que já erradicou a doença algumas vezes. Não deu certo para os meus dois pacientes. O que significa que essa terapia permanece duvidosa, um tiro no escuro...

— Pois sugiro que este é um momento de tentar um tiro no escuro. Conhece esse especialista em rejuvenescimento?

— Já falei com ele pelo telefone em diversas ocasiões, há alguns anos. Creio que se pode dizer que conheço o Dr. Motta.

— Pois então me faça um favor, doutor. Ligue para Genebra e marque uma consulta para mim.

— Não seria problema... — O Dr. Karp olhou para o relógio.

— Mas a esta hora ele já deve estar dormindo.

— Acorde-o.

O Dr. Karp hesitava.

— Está insistindo? Amanhã seria...

— Eu insisto — disse Tikhanov, incisivamente. — Acorde-o esta noite e

marque uma consulta para mim. Nada pode ser mais importante.

O Dr. Karp resignou-se ao pedido incômodo.

— Está certo. Pode demorar um pouco. Se não se incomoda de esperar...

— Posso lhe garantir que não tenho nada mais vital para fazer. Tikhanov observou o Dr. Karp deixar a alcova, atravessar sua sala e desaparecer em outra.

Ele tomou o chá morno, tornou a encher a xícara com chá quente, bebeu, refletindo sobre a sua iminente mortalidade e a possível perda de sua grande oportunidade. Ainda não se recuperara do choque inicial do diagnóstico. Ponderou sobre a opção que lhe surgia à frente. Aceitar um papel ativo de poder e todo o seu excitamento, que não podia lhe prometer mais do que dois ou três anos, ou resignar-se uma vida inativa, que lhe daria 10 ou 12 anos. Ao contrário de muitos russos, Tikhanov não era um fatalista. É verdade que a vida era agradável e haveria prazer em anos adicionais, mas ele se perguntava quanto prazer poderia ser extraído de dias sem trabalho, sem decisões, sem autoridade.

Empurrando a xícara de chá para o lado, ele pegou o isqueiro e acendeu outro cigarro. O fumo pareceu acalmá-lo e com a calma veio mais esperança. O seu futuro não podia certamente repousar em duas opções insuportáveis. Em algum lugar do mundo tinha de haver alguém com os meios para deter e eliminar a doença fatal, especialmente no caso de um paciente com a sua estatura. Talvez houvesse algum cientista na União Soviética, com todos os seus progressos na medicina, que pudesse ajudá-lo. Contudo, ele sabia instintivamente que, se procurasse ajuda na pátria e mesmo que encontrasse um tratamento para prolongar a vida, a notícia de sua saúde precária se espalharia e a carreira e avanço político estariam condenados. Os velhos do Politburo não haveriam de querer apostar num primeiro-ministro que já tinha um problema. O sigilo se sobrepunha a tudo o mais. Teria de encontrar ajuda fora da pátria, entre estrangeiros que não tivessem qualquer ligação com o seu governo, ser tratado rápida e imediatamente. Naquele momento, o médico suíço, o tal de Dr. Motta, oferecia a única esperança de salvar seu futuro.

Quase 20 minutos transcorreram e Tikhanov especulava como estaria o telefonema para Genebra quando o Dr. Karp voltou. Sentou-se ao lado de Tikhanov, com um papel na mão. Tikhanov ficou prontamente alerta.

— Liguei para Genebra, acordei a Sra. Motta e falamos por algum tempo — disse o Dr. Karp. — O Dr. Motta deixou Genebra ontem e estará ausente por três semanas.

— Para onde ele foi? — perguntou Tikhanov bruscamente. — Pode ser alcançado?

— Ele foi para Biarritz... o balneário francês... a fim de tratar de um rico paciente indiano de Calcutá com suas injeções de terapia celular. O Dr. Motta está combinando a visita com férias de que há muito precisava. E deverá ficar por três semanas no Hotel du Palais, em Biarritz.

— Mas ele me receberá? — indagou Tikhanov, ansiosamente.

— Não há problema. É a esposa quem organiza seus compromissos. E ela marcou uma consulta para você na suíte do marido, dentro de três dias, ao meio-dia. Ela fala com o marido diariamente e lhe comunicará a consulta. A ocasião é conveniente?

— Qualquer ocasião é conveniente. — Tikhanov experimentou um alívio intenso, logo seguido por uma pontada de apreensão. — Não disse a ela quem eu sou, não é mesmo?

— Não, claro que não. Falei a primeira coisa que me ocorreu. Disse que era um conhecido professor americano de línguas e que ensinava russo. Informe-me que seu nome era Samuel Talley.

— Samuel Talley?

— O nome me ocorreu num súbito impulso. Tem as suas iniciais, para o caso de ter monogramas nas malas ou roupas.

— Boa ideia.

— Vem da leitura de romances de espionagem e de detetive-comentou o Dr. Karp, com algum embaraço. — Comuniquei à Sra., Motta a natureza de sua doença. Ela transmitirá tudo ao Dr. Motta, na próxima vez em que conversarem pelo telefone. Ele estará preparado para recebê-lo. E agora, se me der mais 15 minutos, prepararei um sumário do meu diagnóstico para o Dr. Motta. Entregará a ele em Biarritz, juntamente com os resultados dos exames. — O Dr. Karp levantou-se e depois acrescentou: — Devo repetir que se trata de um tiro no escuro. Mas terá uma segunda opinião e, com um pouco de sorte, uma possível chance. Talvez tenha sorte... quem sabe? Só lhe resta tentar.

Para um homem com o renome e a posição de Tikhanov não foi fácil chegar a Biarritz em sigilo total.

Vouou para Paris, instalou-se na Embaixada Soviética ali por algum tempo, passou o primeiro dia na capital francesa, de acordo com as regras. Telefonou para o General Kossoff em Moscou e percebeu que a voz do diretor do KGB adquirira um respeito especial, como convinha numa conversa com o próximo primeiro-ministro. Tikhanov foi informado de que o Primeiro-Ministro Skryabin ainda se encontrava em coma, num sistema de sustentação da vida, mas seu fim era próximo, no máximo umas poucas semanas. Com a sua nova importância, Tikhanov descobriu que era mais fácil ser vago em relação à sua programação. Ele falou em planos flexíveis, uma missão secreta, um possível encontro com um grupo subversivo do Oriente Médio, uma estada mais prolongada em Portugal. Prometeu se manter em permanente contato com Moscou pelo caminho e comunicar quando chegasse a Yalta.

Depois, Tikhanov aproveitou o tempo restante em Paris para desenvolver a identidade que assumiria em Biarritz. Não teve dificuldade em entrar em contato com elementos comunistas franceses, que o encaminharam a pessoas apolíticas,

capazes de lhe fornecerem um passaporte americano com o nome de Samuel Talley, além do cartão de segurança social e dos inevitáveis cartões de crédito.

No último dia em Paris, com a relutante aprovação de Kossoff, Tikhanov livrou-se dos seguranças do KGB, alegando que os subversivos do Oriente Médio com os quais se encontraria em segredo poderiam lhe proporcionar toda a segurança necessária.

Sozinho, sem recorrer à ajuda de ninguém, Tikhanov fez uma reserva num voo da Air-Inter de Orly, em Paris, para Biarritz. Chegando sem qualquer problema ao ensolarado balneário francês no sudoeste, ele pegou um táxi comum para o espetacular e antigo Hotel du Palais, que foi a residência de verão do Imperador Napoleão III e da Imperatriz Eugênia.

Como Samuel Talley, cidadão americano, Tikhanov registrou-se no hotel e foi conduzido a um quarto de casal, espaçoso e requintadamente decorado, luxuoso demais para o seu gosto.

Uma hora depois, levando o envelope que o Dr. Karp lhe dera e usando como disfarce os óculos de lentes grossas mas sem grau e um bigode postiço que arrumara em Paris para encobrir a verruga bem conhecida por cima do lábio superior, ele tocou a campainha da suíte 310-311. Ficou surpreso quando a porta foi aberta por uma jovem enfermeira, pequena e compenetrada, vestida de branco. Mas, depois, Tikhanov lembrou-se que o Dr. Motta se encontrava em Biarritz para aplicar injeções a um rico indiano. Assim, era natural que trouxesse sua enfermeira suíça, embora Tikhanov concluísse que ela era muito jovem e bonita para servir ao patrão apenas na qualidade de auxiliar médica.

Tikhanov seguiu-a por um pequeno corredor interno que desembocava na maior sala de estar que ele já vira num hotel ocidental.

— Se quiser esperar por um momento, Sr. Talley — disse a enfermeira — o Dr. Motta o receberá dentro de um momento.

Tikhanov encaminhou-se devagar, um pouco trêmulo — o que fê-lo lembrar-se de sua doença — passando sob o lustre requintado e chegando a uma mesa antiga, na frente de uma janela. Constatou que a sala era de canto, dando para uma piscina externa e um restaurante, empoleirado por cima de uma praia arenosa, pontilhada de barracas. Mais além estava o Atlântico ondulado, estendendo-se até o horizonte azul.

Virando-se, Tikhanov inspecionou os móveis da sala, um sofá dourado de três almofadas, duas poltronas também douradas, com uma mesinha de tampo de vidro a separá-las, duas cadeiras prateadas, forradas de cetim. Obviamente, o Dr. Motta era rico e bem-sucedido, o que Tikhanov comparava a estar nas melhores mãos e assim lhe oferecendo a promessa de esperança. Enquanto considerava se devia ou não se sentar, Tikhanov ouviu uma trovejante voz germânica:

— Sr. Talley, é um prazer recebê-lo. Vamos sentar no sofá. O homem que

falava emergia do quarto, era mais velho, corpulento e exuberante, envolto por um chambre púrpura de seda, que deixava à mostra a parte inferior das pernas cabeludas. Os cabelos castanhos-avermelhados estavam penteados para trás, os olhos eram pequenos e estreitos, o nariz proeminente, o rosto rosado fora barbeado recentemente.

— Sou o Dr. Motta. Perdoe-me o traje, mas acabei de chegar da Grande Plage. Um lugar maravilhoso. Já esteve lá?

— Não, senhor.

— Pois vai gostar. Dê a si mesmo uns poucos dias extras? Tenho certeza de que vai adorar.

O Dr. Motta arriou no sofá, deixando escapar um som sibilante e chamando Tikhonov para se sentar ao seu lado. Tikhonov atendeu.

— Eu sabia que você estaria aqui na hora do almoço e calculei que chegaria faminto — acrescentou o Dr. Motta. — Espero que não se importe, mas tomei a liberdade de encomendar um almoço leve para nós, antes de cuidarmos de coisas mais sérias. Isso nos dará a oportunidade de nos conhecermos melhor.

— Foi muita gentileza sua — disse Tikhonov, tensamente.

Ele só queria falar do que importava, a consulta, sua vida. Mas desejava também demonstrar seu agradecimento pela hospitalidade do médico, querendo conquistar-lhe as boas graças, querendo contar com a boa vontade e a melhor disposição do médico. O Dr. Motta estava pondo fumo em seu cachimbo de urze.

— Não se importa que eu fume, não é mesmo?

— Não permito que meus pacientes fumem durante a terapia, mas não estamos na clínica e podemos relaxar um pouco.

— Fumarei um cigarro — disse Tikhonov, tirando-o do bolso e, acendendo.

A campainha da porta tocou e um instante depois o garçom entrou na sala, empurrando o carrinho com o almoço. Enquanto o garçom punha os pratos na mesinha de tampo de vidro, o Dr. Motta contemplava-os sofregamente. Fumando o cachimbo, ele identificou cada prato:

— Para começar, *Salade à l'Oiseau*. Depois, para nós dois, *Carré d'Agneau Rôti*. Torradas, como pode ver, e café francês. Não pedi sobremesa. Mas, se quiser, eu recomendaria o *Crème du Chocolat*.

— Não, obrigado. Já é comida suficiente para mim. O garçom terminara de servir.

— Se não gostarem de alguma coisa, chamem o serviço, por favor. E, quando acabarem, avisem para que eu venha buscar tudo.

Depois que o garçom se retirou, o Dr. Motta bateu a cinza do cachimbo e empertigou-se.

— Vamos comer agora e aproveitaremos para conversar.

— Está certo — disse Tikhonov, apagando o cigarro.

Ele começou a servir-se da salada. O Dr. Motta, já comendo, comentou:

— Só tenho uma indicação de sua doença, o motivo pelo qual está aqui. Sei que o problema é distrofia muscular. Mas isso não precisa ser uma sentença de morte. Alguns casos já foram tratados com sucesso absoluto. Depende de vários fatores. Veremos, veremos...

Tikhanov experimentou uma onda de alívio e passou a encarar o médico suíço como um salvador.

— Vai me examinar? — indagou Tikhanov.

— Se for necessário — respondeu o Dr. Motta, sem parar de comer.

Tikhanov pôs a mão sobre o envelope a seu lado no sofá.

— O Dr. Karp enviou-lhe os resultados de todos os exames que efetuou.

— Muito bom. Vou estudá-los com cuidado. E depois saberemos o que se pode fazer. — Ele levantou a cabeça. — Já tive muitos sucessos com esta doença.

Tikhanov acenou com a cabeça.

— Foi por isso que o Dr. Karp me mandou procurá-lo. Ele me falou dos seus sucessos, mas também mencionou dois fracassos.

— Também há fracassos, é claro. Depende do estágio da doença, o grau de deterioração. — Ele limpou a boca com o guardanapo de Unho. — O tratamento da distrofia não é minha especialidade, mas frequentemente é um complemento do meu trabalho principal. Conhece alguma coisa sobre o meu trabalho?

— Muito pouco, lamento dizer. Não tive tempo para aprender. Sei apenas o que o Dr. Karp me disse, nada mais. Basicamente, que trata os idosos, aplicando a seus pacientes uma terapia regenerativa.

— Então já tem uma noção — comentou o Dr. Motta, satisfeito. — Fui um dos vários protegidos do famoso Dr. Paul Niehans, em seu chalé em Clarens, à beira do Lago Genebra. O Dr. Niehans foi pioneiro na terapia celular... uma terapia simples. Ele preparava soluções de órgãos recentemente moídos de um feto de cordeiro, tirado do útero de uma ovelha negra por cesariana, injetando-as nas nádegas dos pacientes. Se o paciente sofria de uma tireóide hipotativa, ele injetava células de tireóide. Nos distúrbios da menopausa, a paciente recebia células ovarianas. E assim por diante. O princípio básico da terapia celular é conter o processo de envelhecimento, prolongar a vida pelo rejuvenescimento ou revitalizar apesar dos males decorrentes da idade. É claro que isso implicava em tratar de muitas doenças, variando da anemia a úlceras graves. Quando assumi a clínica do Dr. Niehans, a distrofia era apenas uma das muitas doenças que tinha de tratar.

Tikhanov estava intrigado.

— E o Dr. Niehans teve muitos sucessos?

— Tenho certeza que sim. Ele tratou do Papa Pio XII. Tratou do Rei Ibn Saud, do Duque de Windsor, do chanceler alemão Konrad Adenauer, do escritor britânico W. Somerset Maugham, da atriz Gloria Swanson, até mesmo do antigo

vice-presidente americano Henry A. Wallace. Por outro lado, recusou quando teve a oportunidade de tratar Igor Stravinsky, porque o compositor sofria de policitemia, uma contagem das células vermelhas do sangue cronicamente alta. O Dr. Niehans achou que não poderia curá-lo. Também já tive muitos pacientes famosos e só os tratei se acreditava que poderia ajudá-los. Resisti à proposta de tratar outros, por estar convencido de que não reagiriam às injeções. Eram casos incuráveis. Mas, na maioria dos casos, há oportunidades favoráveis.

O Dr. Motta concluiu o almoço e estava limpando a boca mais uma vez.

— E agora, Sr. Talley, vamos ver o que se pode fazer em seu caso. Deixe-me ver os resultados dos exames.

Ele estendeu a mão e Tikhanov prontamente entregou-lhe o envelope enviado pelo Dr. Karp. O Dr. Motta acrescentou:

— Termine a sua refeição. Vou me retirar para a escrivaninha no quarto, onde poderei me concentrar. Não devo demorar por muito tempo.

Ele se levantou e deixou a sala, abrindo o envelope enquanto entrava no quarto ao lado.

Sozinho, Tikhanov ocupou-se com o resto da comida. Mas estava com o estômago na garganta e não tinha o menor apetite. Tentou se absorver no café amargo, mas finalmente desistiu. Fez um esforço para se recostar, fumando incessantemente e tentando não pensar.

O Dr. Motta voltou depois de quase meia hora, tornando a guardar os resultados dos exames no envelope pardo. Foi sentar-se desta vez na poltrona diante de Tikhanov. O rosto largo exibía uma expressão grave.

— Lamento muito, Sr. Talley, mas infelizmente não posso ajudá-lo. Sofre do tipo misto de distrofia, afetando os músculos voluntários, e a deterioração já está adiantada. Os resultados da biopsia muscular são conclusivos. Não posso fazer mais nada além de confirmar a opinião do Dr. Karp e suas previsões, reforçando as suas sugestões. Lamento profundamente.

— Está querendo dizer... que não há nada que se possa fazer em meu caso?

— Nada além de um milagre — respondeu o Dr. Motta.

Uma hora depois, Sergei Tikhanov finalmente deixou seu quarto.

Deprimido, certo da sentença de morte, tentara tomar uma decisão sobre o curso a adotar. Anunciar sua doença e a aposentadoria compulsória dramaticamente, ganhando 10 ou 12 anos de vida miserável, sentado nas sombras, enquanto um colega mais vigoroso e mais saudável assumia o comando da União Soviética. Ou manter sua doença em segredo, assumindo o nível máximo do governo soviético, tendo a satisfação de dois ou três anos de poder e atividade intensa, antes de uma morte prematura. Como ainda não conseguira chegar a uma decisão, ele resolvera continuar com sua programação, viajando para Lisboa e de lá voltando a Yalta.

Pálido e um pouco tonto, Tikhanov encaminhou-se para a recepção no saguão do Hotel du Palais, pensando em reservar uma passagem no primeiro avião para Lisboa. O recepcionista calvo estava ocupado com outro turista, providenciando uma reserva de jantar para quatro pessoas na Rôtisserie du Coq Hardi, em Biarritz. Esperando a sua vez, irrequieto, Tikhanov olhou para as prateleiras ao lado do balcão, com a coleção de jornais internacionais à venda. Uma palavra em todas as manchetes, reconhecível em cada língua, quase que o golpeou fisicamente. Era MILAGRE... MIRACLE... MILAGRO... MIRACOLO.

Curioso, Tikhanov aproximou-se da estante com os jornais. Todas as manchetes pareciam apregoar a mesma coisa. Obviamente, algum acontecimento de grande importância. Tikhanov pegou um exemplar do *France Soir*, largou algumas moedas no balcão e leu a notícia.

"MILAGRE ESPERADO EM LOURDES, LEGADO DE BERNADETTE. O diário perdido de Bernadette revela o segredo que a Virgem Maria lhe confiou há tanto tempo. A Virgem reaparecerá na gruta em Lourdes dentro de três semanas, em algum momento durante a semana e um dia depois de 14 de agosto. Algum peregrino afortunado verá a Virgem. Algum peregrino doente receberá uma cura milagrosa".

Normalmente, em outras circunstâncias, quando se encontrasse no controle absoluto de seus sentidos, Sergei Tikhanov teria jogado na cesta de lixo mais próxima aquela típica bobagem ocidental, aquela fábula para leitores crédulos.

Mas uma frase que o Dr. Motta usara, ao encerrar a conversa, ainda ressoava em seus ouvidos. O que poderia fazer para salvar Tikhanov? O Dr. Motta respondera: *Nada além de um milagre.*

Pensando na coincidência, o jornal aberto à sua frente, Tikhanov afastou-se com dificuldade sobre o tapete marrom com seus padrões imperiais, cobrindo o chão de mármore do saguão. Havia ali perto um sofá vermelho estreito, entre duas colunas de mármore. Tikhanov sentou-se e leu cuidadosamente a notícia do jornal francês, relatando o anúncio do cardeal numa entrevista coletiva em Paris de que o papa autorizara revelar ao mundo que a Virgem Maria, na sétima de suas 18 aparições a Bernadette, prometera reaparecer na gruta em Lourdes e proporcionar uma cura milagrosa a um peregrino doente.

A religião e seus milagres, o ópio do povo, como enunciara Lenin. Na verdade, Karl Marx já dissera a mesma coisa: "A religião é a alma das condições desalmadas, o coração de um mundo sem coração, o ópio do povo". E Friedrich Engels, o colaborador de Marx, acrescentara: "Temos de nos livrar da Igreja, que permite que os trabalhadores sofram em silêncio neste mundo, enquanto aguardam a sua recompensa no outro". Lenin pregara isso, Stalin apoiara e o Partido Comunista exigira que todos os seus membros se descartassem de qualquer crença na religião. E Tikhanov se tornara e ainda era um membro leal do partido, um ateu inflexível desde a adolescência. Como um

veterano comunista, Tikhanov sabia que não podia levar a sério, por um instante que fosse, aquela bobagem sobre a Virgem Maria.

Não importava quão profunda fosse a sua depressão, não importava que fraqueza afligia seu cérebro, não importava quão desesperada fosse a sua necessidade de esperança, aquela história de Lourdes era simplesmente inadmissível. Quando já estava prestes a largar o jornal, os olhos de Tikhanov caíram numa segunda matéria sobre Lourdes. Era uma reportagem sobre as quase 70 curas milagrosas que já haviam sido atribuídas à gruta ou à água de sua fonte. Seu olhar fixou-se na lista de incuráveis e suas doenças potencialmente fatais, pessoas da França, Alemanha, Itália, Suíça, salvas por milagres. Sarcoma da pelve... curado. Esclerose múltipla... curada. Doença de Addison... curada. Câncer do colo do útero... curado. E outras doenças milagrosamente curadas, algumas que davam a impressão de se assemelhar com distrofia muscular.

Depois da matéria, havia uma entrevista com um certo Dr. Berryer, diretor do Serviço Médico de Lourdes. As curas, certificadas por sacerdotes, eram primeiro meticulosamente investigadas e confirmadas pelos melhores médicos do mundo. Os olhos de Tikhanov se fixaram em outra declaração do Dr. Berryer: até mesmo não-católicos e visitantes não-religiosos haviam sido abençoados por curas.

Impressionante.

Tikhanov ficou imóvel. Realmente impressionante. Ele recordou a infância, na fazenda nos arredores de Minsk. A mãe cansada era uma católica ortodoxa, das mais animadas, o pai simulava ser devoto também. Tikhanov lembrou a pequena igreja de madeira... as velas, o padre, a missa, os rosários, comunhão, água benta, o confessionário. Ao crescer, ele se descartara daquele misticismo agradável e confortador. Como um intelectual maduro, encontrara uma fé mais aceitável nas pregações e escritos de Marx, Lenin e Stalin, para grande consternação da mãe.

Mas houve um tempo em que, na inocência, fora um crente. Talvez não fosse necessário se lembrar disso agora, mas era uma espécie de credencial.

Somente um milagre, dissera o Dr. Motta.

Era uma iniciativa perigosa, uma alta autoridade soviética ir a um santuário católico para momentaneamente trocar Marx por Maria. Mas podia ser feito em segredo. Ele podia dar um jeito.

Tinha que dar um jeito.

Por Deus, sua vida estava em jogo e não havia outras opções. Somente aquela. Além disso...

O que havia a perder?

Veneza, Londres e Madri

A última vez em que ela embarcara numa lancha particular, num cais próximo do Aeroporto Marco Polo, seguindo para o Hotel Danieli Royal Excelsior, em Veneza, fora numa deslumbrante manhã de sol, três anos antes. Natale Rinaldi lembrava-se nitidamente daquela manhã. A viagem maravilhosa na lancha, passando por campos e pântanos, ilhotas incontáveis, a entrada num canal, os prédios úmidos, de um cinza-sujo, nos dois lados, a saída na laguna principal, tremeluzindo, o espetacular Hotel Danieli, com as varandas brancas em miniatura se projetando em cada andar.

Fora um estranho retorno a Veneza naquela manhã, em total escuridão, embora sua Tia Elsa lhe garantisse que a manhã estava tão ensolarada quanto em sua última visita.

A escuridão envolvera permanentemente o mundo de Natale uma semana depois que voltara ao apartamento dos pais em Roma, ao término daquelas férias em Veneza, três anos antes. Ensaíara durante a tarde inteira e pelo início da noite no Teatro Goldini para o seu papel como a Enteada em *Seis Personagens à Procura de um Autor*, de Pirandello, parte do repertório de outono e sua primeira oportunidade real. Fora para o apartamento e seu quarto exausta, mas estimulada pelas predições do diretor sobre o que o futuro lhe reservava. Deitando-se, contemplara reconfortada o papel de parede de padrões beges que a cercava — conhecia-o desde a infância — apagara o abajur e fechara os olhos. Quando o despertador tocara, às nove horas da manhã, e abriu os olhos, descobrira-se perdida na escuridão. A princípio, confusa, não fora capaz de compreender, mas depois concluíra que perdera a visão. De alguma forma, em algum momento da noite, ficara totalmente cega. E se pusera a gritar. Seria a primeira e última vez que se entregaria ao pânico.

Os pais frenéticos levaram-na às pressas para um hospital. O melhor oftalmologista de Roma fora chamado. Houvera um exame de fundo de olho. E oftalmoscopia. Muitas semanas de exames, a fim de determinar a causa da cegueira. Houvera a discussão sobre uma obstrução na artéria retiniana central. E, finalmente, o veredicto: atrofia ótica, abrupta, sem qualquer possibilidade de recuperação da visão.

Três anos antes, quando acontecera, Natale ficara assustada e profundamente abalada, mas não destruída. Aos 21 anos, antes da súbita escuridão, era uma moça alegre, jovial, otimista. Como os pais católicos, acreditava inquestionavelmente em Deus, Seu Filho e o Espírito Santo. O Senhor sabia o que era melhor e velaria por ela.

Desde o início da cegueira que Natale se recusara a vergar ou mergulhar no desespero e autocompaixão. Decidira resolutamente ser tão independente e

jovial quanto possível. Embora forçada a renunciar à sua promissora carreira no teatro, tentara manter a vida que conhecia. Rejeitando um cão de guia, recusando uma bengala branca, estimulara sua Tia Elsa a guiá-la e ensinar como se movimentar por conta própria, no apartamento, na rua, na loja de antiguidades que os pais possuíam na Via Veneto. Tia Elsa, a irmã mais moça de sua mãe, fora uma companheira perfeita, uma solteirona realista e prática, chegando aos 50 anos. Natale amava os pais, mas fora difícil enfrentar as emoções deles. Adorava Tia Elsa, que era sólida e estável. Ela continuara a visitar os amigos e a ir ao cinema, concentrando-se nos diálogos. Mudanças superficiais incluíram a adoção de óculos escuros em todos os momentos, o, aprendizado de Braille e a assinatura de um serviço de Livros Falados. Quanto à igreja, passara a frequentar a missa mais assiduamente e a rezar mais vezes quando estava sozinha. O maior sacrifício fora se negar os encontros e passeios com homens a sós. Sempre houvera muitos, provavelmente por causa de sua beleza, mas com a sua desvantagem não quisera se envolver mais a fundo, a fim de não se tornar o fardo de alguém.

Naquele verão, pela primeira vez desde a cegueira, sentira vontade de tirar férias, voltar a Veneza por algumas semanas, a última cidade além de Roma que vira e amara antes da perda da visão. Por mais compreensivos e indulgentes que os pais fossem, nenhum dos dois pudera acompanhá-la a Veneza, em plena temporada turística de Roma, o período mais movimentado do ano. Mas concordaram que Tia Elsa, que era a gerente da loja, podia levar Natale.

Agora, no quarto familiar da suíte de dois cômodos no terceiro andar do Hotel Danieli, Tia Elsa desfazia as malas, enquanto Natale se postava na frente das duas camas, cantando ao trocar de roupa, em preparativo para a primeira incursão pelas ruas.

Natale já pusera *jeans* e camisa de malha justa (sabendo, por tatear a costura interna, que era a atraente amarela, que tão bem contrastava com seus cabelos escuros, lustrosos e lisos). Com dedos firmes, ajeitou os cabelos e prendeu-os na nuca com uma fita. Tateou pela cama em busca dos óculos escuros, ajustou-os sobre o nariz pequeno, mas perfeito. Virou-se na direção das malas e perguntou:

— Estou bem, Tia Elsa? Está tudo direito?

— Está perfeita e linda, como sempre.

— Não está sendo preconceituosa?

— Sempre lhe disse que poderia ganhar qualquer concurso de beleza. Por que não? Saiu a mim.

Natale riu, lembrando que sua atarracada Tia Elsa, com seus cabelos pretos desgrenhados e um princípio de bigode, sempre achara que todos os outros eram bonitos.

Natale ouviu a tia se aproximar, gostou do abraço afetuoso da companheira, da testa comprimida contra seu rosto. Tia Elsa tinha 1,58m de altura, enquanto

Natale possuía, 1,68m, esguia e graciosa. Ela pegou o braço de Tia Elsa.

— Vamos sair. Pode terminar de arrumar as coisas depois. Quero ver Veneza outra vez. — Ela sentiu que Tia Elsa estremecia inconscientemente ao uso da palavra "ver" e acrescentou, determinada: — Isso mesmo, tia, verei tudo se me apontar as coisas. Lembrarei com toda exatidão.

— Está certo — disse Tia Elsa. — Já estou pronta.

— Iremos à Piazza — decidiu Natale, pegando sua bolsa, estendida pela tia. — Quero tomar um suco de fruta no Quadri, dar uma volta pela Mercerie e depois almoçar no Harry's Bar.

Deixando a suíte, Natale não permitiu que a tia a guiasse. Partindo de um ponto fixo familiar, a suíte, sentia-se segura. Estivera em Veneza e no Danieli muitas vezes, com os pais, durante a adolescência. A última visita, três anos antes, ainda estava fresca em sua mente. Segurando na grade, ela desceu alguns passos à frente de Tia Elsa, recordando que o lanço seguinte da escada, terminando no saguão, era de mármore. No saguão, ela andou mais devagar, permitindo que Tia Elsa a alcançasse. Sorrindo, acenava com a cabeça em resposta aos cumprimentos de vários dos funcionários mais antigos, que haviam-na conhecido ao longo dos anos e agora estavam informados de seu estado. Lá fora, na Riva degli Schiavoni, Natale perguntou:

— Como é o dia? Sei que está quente e um pouco abafado.

— O sol está fora, mas o dia é nebuloso. Fará bastante calor por volta de meio-dia.

— Tem muita gente?

— [Enxames de](#)

turistas. Muitos alemães, britânicos, um grupo de japoneses. Saberá de tudo quando chegarmos à ponte.

A ponte formava uma arcada sobre um canal, a Ponte della Paglia, na qual os visitantes sempre se concentravam para fotografar a Ponte dos Suspiros, a passagem alta à direita, que levava do Palácio dos Doges às masmorras ducais, de onde Casanova escapara certa ocasião. Quando adolescente, Natale lera as passagens proibidas das *Mémoires* de Casanova e se perguntara o que o convertera num amante tão legendário ou se tudo não passava de autopromoção. Fantasiara Casanova a amá-la e concluíra que era a variedade que ele oferecia, assim como a sua resistência, que excitara tantas mulheres, de todas as classes sociais.

As duas andavam em meio a um incessante burburinho de vozes em muitas línguas. Natale sentiu de repente a pressão da mão de Tia Elsa em seu braço.

— Tem ali três rapazes, creio que locais, que pararam e estão olhando para você, estupefatos.

— Por que sentem pena de mim?

— Eu disse estupefatos, sua estúpida. Eles não sabem que há qualquer motivo

para sentir pena. Só podem ver uma moça deslumbrante, com um sutiã inadequado por baixo de uma blusa de malha que parece grudada na pele. Estão impressionados.

— Claro, claro... — murmurou Natale, como se não acreditasse, embora se sentisse bastante satisfeita.

— Estamos na ponte. Vamos subir.

A Ponte della Paglia estava apinhada, como sempre acontecia. Mas desta vez Natale encontrou algum prazer nos esbarrões e cotoveladas, ao chegarem lá em cima. Foi mais fácil descer e atravessar a calçada na direção das duas colunas de granito da Piazzetta. Natale podia imaginar o lado colonado do Palácio dos Doges, à direita, enquanto à esquerda estavam as gôndolas pretas atracadas, balançando suavemente, tendo além o magnífico San Cijorgio Maggiore, emergindo da laguna faiscante.

— Há uma porção de *stands* de livros e vendedores ao longo do palácio ducal — comentou Tia Elsa.

— Sempre tem.

Natale podia recordar que fora vasculhando aqueles *stands* que encontrara pela primeira vez Byron, Stendhal e Ruskin em brochuras italianas, devorando-os vorazmente.

— O Caffè Chioggia não está muito cheio neste momento — disse Tia Elsa.

Natale imaginou o comprido café com as mesas ao ar livre, estendendo-se do Palácio dos Doges, onde outrora flertara com um tímido rapaz americano, que tivera receio de abordá-la.

— Já estamos na Piazza San Marco? — perguntou ela.

— Quase lá. Nada mudou. Lá está o Campanile, alto como sempre. Os quatro cavalos de bronze ainda estão por cima da fachada da Basílica. A Piazza está... você sabe... movimentada como sempre, os pombos andando a bambolear à procura de milho, alçando vôo quando as crianças os perseguem. É a mesma coisa, Natale, Veneza nunca muda.

— Graças a Deus.

— Quer sentar um pouco?

— Seria bom. Estou com sede.

— Ainda quer ir ao Quadri? A música acaba de começar ali.

— Isso mesmo, vamos sentar no Quadri. Inexplicavelmente, o Quadri, com suas pequenas mesas circulares cinzas e cadeiras de vime amarelas, um pequeno coreto nos fundos, sempre fora o seu café predileto. O Caffè Lavena, ao lado, parecia ter menos personalidade, enquanto o Florian, no outro lado, embora o mais antigo dos cafés da Piazza, construído em 1720, frequentado por Lord Byron, sempre dava a impressão de receber sol demais. Mas o Quadri, em sua última visita, fora o mais repousante.

Estavam atravessando a Piazza San Marco e Natale podia ouvir os gritos das

crianças e o barulho dos pombos alçando vôo. Torceu para não pisar em nenhum, mesmo sabendo que isso jamais acontecera com pessoa alguma.

Aparentemente, haviam chegado ao Quadri, pois Tia Elsa estava dizendo:

— Há uma mesa vaga ali na sombra.

Natale deixou que Tia Elsa lhe pegasse a mão e a conduzisse entre as mesas. Parando, Natale tateou à procura da cadeira, sentou-se e ficou escutando a música, enquanto Tia Elsa pedia um suco de toranja para a sobrinha e uma Coca-Cola com uma fatia de limão para si mesma.

Estavam tomando os refrescos em silêncio, Natale contente por se encontrar em Veneza, não se permitindo um momento sequer de infelicidade por não poder ver a cidade outra vez, pensando que já era maravilhoso estar viva (na verdade, apenas semiviva, mas ela reprimiu tal pensamento), quando o clangor metálico de um sino próximo fê-la se empertigar na cadeira. Só podiam ser os mouros mecânicos por cima de suas cabeças, no alto da Torre do Relógio, batendo no enorme sino.

— Que horas são? — perguntou Natale.

— Exatamente uma hora. Tarde demais para fazer compras na Mercerie. A maioria das lojas estará fechada até as três. Mas algumas podem estar abertas.

— Vamos deixar para depois. Quero ir logo para o Harry's Bar. Estou faminta e lá é sempre mais fresco.

Enquanto esperava que a tia pagasse a conta, Natale ouviu passos pesados e sentiu uma presença parar ao seu lado. Instintivamente, levantou os olhos, enquanto ouvia uma sonora voz masculina de barítono dizer:

— Perdoe-me, mas julguei reconhecê-la. Não é a Srta. Rinaldi, de Roma?

Aturdida, Natale assentiu.

— Sou o Signore Vianello. Peço outra vez que me perdoe, mas não pude resistir a me certificar e cumprimentá-la.

— Vianello... — repetiu Natale, confusa.

— Sou produtor teatral em Roma. Estou aqui em férias. Eu a vi pela primeira vez... e tinha certeza de que era a mesma atriz... num ensaio de uma peça de Pirandello, no Teatro Goldini, há vários anos. Fui levado por um amigo, não me lembro quem. Mas não pude esquecê-la. — Ele hesitou por um instante e depois acrescentou: — Não quero interrompê-las...

Natale apressou-se em apresentar Tia Elsa e depois murmurou:

— Obrigada.

— Eu esperava vê-la na noite de estreia, mas não estava mais no elenco — continuou o produtor. — Soube depois que se aposentara. — Ele fez uma pausa, rindo. — Aposentadoria, para alguém tão jovem? Seja como for, eu me lembrei ao vê-la aqui na Piazza.

Natale tencionava detê-lo, mas aquele Vianello parecia incontrolável e continuou:

— Tenho uma peça nova que planejo produzir. Escolherei o elenco dentro de um mês. E há um papel perfeito para você, se estiver interessada.

Natale não podia permitir que aquela conversa se prolongasse por mais tempo e disse, abruptamente:

— Será que não percebe, Signore Vianello? Estou cega.

— Você está...?

Ela ouviu-o respirar fundo bruscamente, compreendeu que ele estava desconcertado, totalmente embaraçado.

— Lamento muito — acrescentou Natale.

— Eu não tinha a menor ideia... — E Vianello balbuciou o resto: — Parece... parece... melhor do que nunca. Mas muitas dessas coisas são temporárias. Tenho certeza de que vai recuperar... a visão completa. Se isso acontecer, quero que me procure. Deixarei meu cartão. Aqui está.

Natale estendeu a mão para pegar o cartão, mas aparentemente o produtor o entregara a Tia Elsa.

— Obrigada, Signore Vianello — disse Tia Elsa. — Talvez as coisas mudem. Se isso ocorrer, lembrarei à Srta. Rinaldi.

— Faça isso, faça isso... — murmurou o Signore Vianello. — Espero rever as duas. Divirtam-se nas férias.

Seguiu-se o silêncio. Ao que tudo indicava, o Signore Vianello batera em retirada às pressas. Natale sentiu a mão da tia em seu antebraço.

— Vamos para o Harry's Bar. Ainda contrariada, Natale disse:

— Não sei se ainda estou com fome.

— Pois então beberemos alguma coisa lá — disse Tia Elsa, forçando Natale a se levantar. — Vamos embora.

Natale deixou que Tia Elsa a guiasse para a Piazza. Podia ouvir os malditos pombos. Sentiu que Tia Elsa lhe soltava o braço.

— Espere um instante. Lá está um homem com *Il Gazzettino*. Vou comprar.

Quando a tia se encontrava outra vez ao seu lado, com o jornal veneziano, começando a afastá-la, Natale perguntou:

— Onde estamos exatamente?

— Na frente da Basílica, a caminho da Piazzetta. E de lá viraremos à direita para chegar ao Harry's Bar.

— A Basílica... — repetiu Natale, apaticamente. — Está aberta?

— Claro.

— Quero entrar.

— Tem certeza?

— Por um momento... Quero rezar.

Tia Elsa, que não sentia a menor afeição por igrejas, declarou em tom resignado:

— Está certo, se isso ajudá-la a esquecer aquele idiota.

— Ele não fez nada de errado, Tia Elsa. O pobre coitado não sabia. Na verdade, eu deveria estar me sentindo bem por ele ainda se sentir atraído por mim. Apenas senti uma angústia momentânea... pelo que me falta. Podemos entrar na igreja?

Natale seguiu com Tia Elsa pela escuridão, sentindo as tábuas sob seus pés, escutando os passos e as vozes abafadas. Depois de fazer uma genuflexão, foi para um dos bancos e ajoelhou-se. Rezou ao Deus que não podia acreditar que fosse capaz de abandonar alguém. A breve comunicação com seu Criador acalmou-lhe os nervos, deixou-a outra vez serena. Levantou-se, sussurrando:

— Tia Elsa?

— Estou aqui.

— Vamos almoçar.

Ela saiu com Tia Elsa para a escuridão do dia.

Segurava a mão de Tia Elsa enquanto atravessavam a Piazzetta. Tentava desesperadamente reconstituir o cenário ao longo do canal. Só falou uma vez, ao passarem pelo Giardinetti, especulando em voz alta.

— A velha com todos os gatos ainda está aqui?

— Está bem ali, alimentando a todos.

— Há gente boa neste mundo.

Enquanto passavam pelo terminal aéreo, contornando-o, atravessando a pequena ponte, esbarrando em pessoas que vinham apressadamente da estação do *vaporetto* de San Marco, Natale ficou pensando que se Deus podia encontrar alguém para tomar conta de gatos perdidos, por que não podia demonstrar misericórdia com ela, proporcionando a algum médico um meio recentemente descoberto de curá-la? Era um momento raro de autocompaixão e desânimo. Ao chegarem às portas de vaivém do Harry's Bar, ela sentia-se envergonhada e pesarosa por seu lapso, determinada a tirar o máximo proveito do simples fato de estar viva.

Lá dentro, ficou aliviada ao constatar que estava realmente mais fresco, que não havia uma multidão a se acotovelar ou vozes estridentes.

— Tem pouca gente almoçando aqui hoje — sussurrou Tia Elsa. — Temos o lugar quase todo só para nós.

Natale ouviu o *bartender* dizer, do lado esquerdo:

— É um prazer tornar a vê-la, Srta. Rinaldi.

— É muito bom estar aqui de novo, Aldo.

Tia Elsa falava com alguém, provavelmente um garçom, dizendo:

— Ficaremos naquela mesa do canto, contra a parede dos fundos.

Segurando a mão da tia, Natale avançou entre as cadeiras e mesas, esbarrando em algumas. Sentiu uma pontada de angústia, recordando as mesinhas redondas laqueadas e as cadeiras pequenas, as pessoas fascinantes que conhecera ali, as refeições que tanto desfrutara. Ao se acomodarem na mesa do

canto, o garçom disse.

— Sou Luigi. Lembra de mim?

Natale sorriu, recordando o garçom bonito, de covinhas, sempre maravilhosamente divertido e amável.

— Estou contente, Luigi. Já faz muito tempo.

— Soubemos de sua doença, Srta. Rinaldi — disse ele, gentilmente. — Tenho certeza de que estará melhor um dia. Todos aqui rezamos por sua recuperação.

— Você é maravilhoso, Luigi, e fico grata por suas orações. A voz de Tia Elsa interveio, firmemente:

— Creio que podemos começar por dois Bellinis, Luigi.

— Imediatamente — prometeu o garçom, afastando-se. Natale ficou esperando pelo drinque de suco de pêssego e champanha, algo de que bem precisava. Ouviu a tia riscar um fósforo para acender um cigarro, aspirar a fumaça que flutuou em sua direção, a seguir escutou-a descrever as poucas pessoas que se encontravam no restaurante. Pouco depois, Natale ouviu Luigi voltar a pôr os drinques na mesa, dizendo:

— Dois Bellinis. Espero que estejam ao gosto.

Pegando o copo, Natale tomou um gole. O Bellini estava gelado e revigorante. Ouviu a tia abrir o jornal.

— O bom e velho *Il Gazzettino* — comentou Tia Elsa. — Deixe-me ler as últimas notícias.

Normalmente, todos os dias, alguém, o pai ou Tia Elsa, lia o jornal para ela, a fim de mantê-la viva, envolvida, parte do mundo em ebulição. Hoje, Natale não estava com ânimo.

— Agora, não. Neste momento, não estou interessada.

— Você precisa se reanimar, Natale — disse Tia Elsa, num tom de suave censura. — Deve...

A tia parou de falar, de súbito. Estava obviamente lendo alguma coisa no jornal. E, depois, exclamou.

— Ei, imagine só!

— O que é — murmurou Natale, desinteressada.

— A Virgem Maria. A história de Lourdes na França. A Virgem Maria deve voltar a Lourdes.

A princípio, Natale não entendeu.

— Do que está falando?

— Deixe-me ler o que está escrito aqui. — Limpando a garganta, Tia Elsa começou a ler em voz alta a notícia do jornal: — "Segundo um diário secreto mantido por Bernadette Soubirous, agora Santa Bernadette, falecida em 1878, registrando as 18 aparições da Virgem Maria, a quem ela viu e conversou na gruta chamada Massebielle, em Lourdes, na França, a Virgem Maria confidenciou à pequena camponesa que retornaria à gruta nos oito dias

subsequentes a 14 de agosto deste ano. A Virgem Maria teria prometido a Bernadette que não apenas retornaria para ser vista por alguém na gruta, mas também curaria alguém que estivesse doente. Este relato no diário particular de Bernadette, recentemente descoberto, foi plenamente autenticado por uma nova Comissão de Lourdes. O anúncio, feito numa entrevista coletiva ontem pelo Cardeal Brunet, de Paris, autorizado pelo Papa João Paulo III, emocionou uma grande concentração de representantes da imprensa mundial. Provocou um movimento intenso de peregrinos por toda parte, procurando transporte e acomodações em Lourdes, para o emocionante Momento da Reaparição."

Natale escutara com um excitamento crescente, que a princípio quase a sufocara, fazendo o coração palpar incontrolavelmente, até que pouco a pouco um rubor se espalhou por seu rosto.

— A Santa Mãe de Deus voltando a Lourdes para ser vista, para curar... sussurrou ela.

— Bom...

— Eu acredito — sussurrou Natale, com veemência. — Se a Virgem Maria prometeu a Bernadette, vai acontecer.

— Pode ser um desses exageros sensacionalistas dos jornais — comentou Tia Elsa, tentando acalmar a sobrinha.

— Leia o resto... quero ouvir tudo.

— A matéria é comprida, Natale.

— Leia cada palavra: E volte ao início. Quero ouvir tudo.

— Se você insiste...

— Por favor, Tia Elsa.

— Está bem.

Em voz baixa, sem qualquer inflexão, não desejando incomodar ninguém no Harry's Bar, Tia Elsa leu todo o relato do jornal, do princípio ao fim. Natale ouviu absorta, como se estivesse em transe. Depois que a tia terminou a leitura, Natale declarou, firmemente:

— Vou para Lourdes. Tenho de estar lá.

— Ora, Natale...

— Estou falando sério, Tia Elsa. Quero estar perto da Virgem Maria, rezar para ela na gruta. É a chance de uma vida. Ela pode decidir curar a mim. Acabou de ler a notícia sobre as milhares de curas.

— Seja sensata, Natale. Conheço sua fé e não a contesto. Mas, levando-se em consideração o número de pessoas que têm visitado Lourdes, ano após ano, somente uma porcentagem mínima, a menor possível, fica curada... se é que ocorre realmente uma cura. Conhece a história de meu pai... seu avô. Quando eu era da sua idade, acompanhei-o a Lourdes por alguns dias. O artrismo deixava-o entevado e ele também esperava uma cura. Lembro dele a rezar e rezar naquela gruta, mas nada aconteceu. E quando voltamos para casa, em Nápoles,

ele ficou pior. Você terá de ser paciente e esperar pelos avanços da medicina, que certamente virão e um dia lhe permitirão recuperar a visão.

— Não está entendendo, Tia Elsa. Tenho de ir a Lourdes. Acredito nisso.

— Todo mundo acredita na metade do mundo... mas a maioria dos crentes não se dá ao trabalho de ir.

— Pois eu vou — insistiu Natale. — Passaremos nossas duas semanas aqui em Veneza e depois voaremos para Lourdes, para o início dos oito dias sagrados.

— Não voaremos para Lourdes, Natale. Eu não posso ir. Você deve ser prática. Seus pais me deixaram fazer esta viagem com você, mas tive de jurar que estaria de volta à loja um dia depois das férias terminarem. Seus pais precisam de mim, Natale. Não posso fazer isso.

— Pois então irei para Lourdes sozinha. Você me põe no avião e daremos um jeito para que uma dessas ajudantes voluntárias... as que são mencionadas no jornal...

— *Brancardiers* — informou Tia Elsa. — Pessoas que vão a Lourdes todos os verões para ajudar aos peregrinos. São homens e mulheres, como minha amiga Rosa Zennaro. Você já a encontrou várias vezes. Há meia dúzia de anos que ela sempre vai a Lourdes para ajudar, por bondade de seu coração.

— Muito bem, então será Rosa. Tenho certeza de que ela me ajudará. Arrume tudo para que eu seja inscrita num grupo que tenha acomodações e possa me ajudar no caminho. Assim, não terá qualquer problema. Por favor, Tia Elsa, dê-me essa oportunidade.

Natale ficou esperando por uma resposta, ouviu a tia deixar escapar um longo suspiro e finalmente ceder.

— Está certo, menina. Não adianta argumentar com a fé. Você venceu. Vamos almoçar e voltar para o hotel. Telefonarei para a família de Rosa em Roma e descobrirei como podemos entrar em contato com ela em Lourdes. Salve, Maria, estamos indo ao seu encontro. Agora, vamos ser práticas. O que vai ser? Um sanduíche quente de *prosciutto* ou *tagliatelle verdi*!

Da janela do seu escritório no segundo andar, Edith Moore podia constatar que o dia se tornara mais escuro do que antes, uma neblina e uma chuva miúda começavam a cobrir Londres. Olhando para o relógio na sua mesa de secretária, ela verificou que já estava na hora de sair, não para o almoço, mas para algo mais excepcional, um encontro marcado pelo Arcebispo Henning. O próprio grande homem — ela só o encontrara uma vez antes — telefonara no dia anterior e indagara se lhe seria conveniente visitá-lo hoje. Ele estaria à sua espera na Catedral Católica Romana de Westminster, na Ashley Place. O encontro seria breve, mas de alguma importância.

Transbordando de curiosidade durante a manhã inteira, Edith Moore tivera dificuldade em se concentrar na pesada carga de trabalho. Felizmente, seu patrão, um agente cinematográfico, não passara a manhã no escritório e não

houvera ditado a tomar.

Mas o relógio lhe dizia que estava na hora de sair. Se partisse imediatamente, tivesse a sorte de pegar um táxi imediatamente, poderia chegar ao encontro a tempo e o mistério seria esclarecido, levantando-se, ela pegou a capa caqui no cabide e vestiu-a. Por um momento, contemplou-se no espelho estreito na parede. A capa justa fazia-a parecer um pouco mais esguia do que realmente era. Edith não tinha ilusões a seu respeito. Os cabelos curtos, o rosto insípido, o corpo atarracado de meia-idade... nunca tivera motivos para sentir-se exultante. Considerava a grande sorte de sua vida ter conseguido conquistar alguém tão vistoso e brilhante quanto Reggie Moore para marido. Nos oito anos de vida em comum ele nunca dera indícios de estar cansado dela. E nunca a enganara, ao que ela soubesse.

Edith deixou o escritório, desceu apressadamente os dois lanços de escada, satisfeita com a sua agilidade, saiu para a Wardour Street, meio engarrafada como sempre num tráfego intenso. Divisou entre os carros um táxi vazio. Saiu pela rua molhada para pegá-lo. Depois de se instalar no banco traseiro e comunicar o seu destino ao motorista, pôde desabotoar a capa, recostar-se e relaxar.

Especulou sobre o que o Arcebispo Henning poderia querer com ela. Tentou reconstituir da memória a única ocasião em que se encontrara com o primaz da igreja. Fora por causa de Lourdes, é claro, pelo sucesso que ela tivera em Lourdes. Enquanto o táxi avançava lentamente, a mente de Edith voltou ao passado.

Acontecera logo depois de completar três anos de casada. Ou seja, há cinco anos. Edith, que trabalhava há algum tempo na agência cinematográfica, foi promovida de repente ao cargo de secretária particular do patrão, recebendo um aumento. Reggie obtinha progressos em seu plano maravilhoso de introduzir o beisebol americano na Inglaterra (posteriormente frustrado, um fracasso, por causa do boicote dos mesquinhos reacionários do críquete). Em suma, as coisas corriam maravilhosamente bem para os dois quando a doença se manifestou. Começou com uma perda de apetite, dificuldades de locomoção, dor no quadril e perna esquerda. Preocupada, ela procurou o médico da família, que a encaminhou a um especialista. Este, por sua vez, internou-a no hospital. Ela fez diversas radiografias, biopsias microscópicas de células musculares e medula óssea do quadril esquerdo, numerosos outros testes e exames que preferia agora não recordar. Edith voltou ao trabalho, aguardando apreensiva o veredicto, que finalmente chegou. Estava com um sarcoma, um tumor maligno do tecido conjuntivo na base do osso ilíaco; não havia meios conhecidos de tratamento eficaz. Apesar da cirurgia ortopédica, megavitaminas e medicamentos, a área doente degenerou, o tumor aumentando. Não demorou muito para que o fêmur estivesse ligado à pelve por "uns poucos resquícios de medula óssea". Edith nunca

se enganou com o seu destino. Sabia que se tornaria entrevada, imobilizada, o tumor maligno acabaria levando à morte.

Forçada a deixar o emprego, sabendo que estava condenada, ela procurou por quaisquer meios de cura. Quatro anos antes, quando seu padre paroquial, Padre Woodcourt foi gentil bastante para visitá-la — gentil bastante porque ela não o vira com frequência desde o casamento, deixara de assistir à missa ou se confessar, não dispensando muita atenção à sua fé católica, como também acontecia com Reggie — ela estava disposta a qualquer coisa. O Padre Woodcourt disse que estava promovendo uma peregrinação anual de Londres para Lourdes e perguntou se ela não gostaria de se incorporar aos seus Peregrinos do Espírito Santo naquele verão. Ele não podia garantir quaisquer resultados favoráveis. Mesmo assim, ficara impressionado, nas duas peregrinações anteriores que promovera, com as curas inexplicáveis que observara no santuário.

Edith ficou indecisa, mas acabou chegando à conclusão de que não havia mais nada a que recorrer. Depois de conversar com Reggie e descobrir que podia conseguir o dinheiro emprestado de seu pai viúvo, ela inscreveu-se no grupo dos Peregrinos do Espírito Santo de Woodcourt. Durante a primeira visita de três dias a Lourdes e à gruta, mal conseguindo andar mesmo com uma muleta, Edith não teve qualquer cura, mas experimentou uma sensação de bem-estar e esperança. O inverno e primavera seguintes foram de dor contínua e mobilidade cada vez menor. Apesar da dificuldade financeira, sem um emprego e com o fracasso do esquema promocial de Reggie, ela insistiu numa segunda visita a Lourdes, na próxima peregrinação organizada pelo Padre Woodcourt.

No último dia em Lourdes, depois de rezar na gruta, beber a água da fonte e tomar um banho, ela sentiu-se subitamente capaz de descartar a muleta e andar sem qualquer ajuda. Houve uma remissão e depois a regressão, o desaparecimento da dor e a reconstituição espontânea do osso ilíaco e da cavidade acetabular. Espontaneamente, ela recuperou a saúde. Entre Londres e o Serviço Médico de Lourdes, depois de mais três visitas, 16 médicos atestaram cientificamente a maravilha de sua cura.

Mais de um ano antes, ela voltara a trabalhar na agência cinematográfica. Enquanto isso, Reggie se mostrara mais prolífico em suas especulações promocionais, sempre à beira do sucesso e da riqueza, com o lançamento de um time de futebol só de negros, uma agência de detetives particulares que usava peritos em todos os campos da criminologia, a formação de um conjunto de *rock* só de anões — mas sempre o sucesso se esquivava a seu gênio. O pai de Edith, depois de testemunhar a cura milagrosa da filha, morrera e lhe deixara uma herança de 50 mil libras, uma quantia excepcional. Edith e Reggie depositaram-na numa conta de poupança comum, mas ela deixara bem claro que aquele dinheiro nunca deveria ser usado para especulação, sendo guardado como uma

reserva para sustentá-los, caso ela perdesse o emprego algum dia ou até que a profissão médica reiterasse que estaria bem de saúde pelo resto de sua vida.

Inteiramente perdida na recordação do passado recente. Edith percebeu de repente que o táxi já chegara à Ashley Place, diminuía a velocidade e parava diante da entrada principal da Catedral Católica Romana de Westminster, uma construção em estilo bizantino.

— Chegamos, madame — informou o motorista de táxi. Ela pagou a quantia indicada no taxímetro, acrescentou uma

gorjeta generosa porque sentia-se animada, abriu a porta e saltou, encaminhando-se em passos firmes para a catedral.

Foi encaminhada à sala bem decorada do Arcebispo Henning e ficou surpresa ao encontrar três homens à sua espera. Todos os três se levantaram no instante em que ela entrou. Edith reconheceu o austero arcebispo, um homem largo. Mas conhecia os outros dois muito melhor. Um deles era o Padre Woodcoijrt, jovem e rosado como sempre, seu devotado padre paroquial. O outro era o barbudo e divertido Dr. Macintosh, que fora o médico acompanhante em sua última visita a Lourdes.

Cumprimentaram-na afetuosamente. O arcebispo apontou-lhe a cadeira mais confortável, no outro lado de sua mesa. Enquanto se sentavam, o Padre Woodcourt perguntou por sua saúde e a do marido e o Dr. Macintosh fazia um comentário engraçado sobre o tempo. Somente o Arcebispo Henning, sentado atrás da mesa, parecia não ter a menor propensão para amenidades.

— Sra. Moore — disse o arcebispo, folheando um punhado de papéis — prometi que esta visita seria curta... quero que tenha tempo para almoçar... e assim será. Um encontro breve e feliz. Antes de começar, posso lhe oferecer um café?

— Não, obrigada, excelência.

Edith estava nervosa, embora aliviada por saber que seria uma visita feliz. Ele dissera "feliz", não é mesmo? Ela tinha certeza que sim. O arcebispo continuou:

— Chamei-a aqui hoje e convidei duas pessoas que lhe estiveram mais chegadas do que eu na questão de sua saúde, a fim de discutir os méritos de sua cura.

Edith ficou aturdida. Os méritos da cura? O que significaria?

— Como talvez saiba, Sra. Moore — acrescentou o arcebispo — foi o Papa Benedito XIV quem fixou os critérios para cada Comissão Canônica aplicar ao tentar determinar se uma cura em Lourdes é milagrosa ou não. Para decidir que uma cura é sobrenatural, a Comissão Canônica deve estar convencida além de qualquer dúvida... que a doença era grave e impossível ou pelo menos difícil de curar... que a doença curada não se encontrava em estágio de declínio a tal ponto que poderia ter declinado pouco depois... que nenhum medicamento foi usado ou, se foi, que a ineficácia era certa... que a cura foi súbita, instantânea... que a cura

foi perfeita... que não houve antes uma crise produzida por alguma causa e na sua hora natural; nesse caso, não se pode dizer que a cura foi milagrosa, mas sim natural, plenamente ou em parte... e, finalmente, que depois da cura não houve recorrência da doença.

O arcebispo levantou os olhos para Edith.

— Está bem claro?

— Perfeitamente, excelência — respondeu Edith, coração disparado.

O arcebispo virava as páginas em suas mãos, lendo para si mesmo. Tornou a fixar a atenção em Edith.

— Ao final de seu terceiro e último exame pelos médicos no Serviço Médico de Lourdes, cinco perguntas fundamentais foram apresentadas aos médicos envolvidos. Lerei quatro dessas perguntas. "A doença da Sra. Moore descrita pelo registro médico existia no momento da peregrinação da paciente a Lourdes? A doença foi subitamente detida em seu curso numa ocasião em que não havia tendência para melhoria... e todos os sintomas desapareceram nessa ocasião? Há uma cura... e pode prová-la com certeza... e a cura ocorreu sem tratamento médico?" Depois, a pergunta mais importante, em duas partes: "Há alguma possível explicação médica para esta cura? No atual estágio da ciência, pode-se apresentar alguma explicação natural ou científica?"

Sentindo-se mais tranquila, Edith atreveu-se a falar:

— É claro que a resposta a todas essas perguntas é sim, com exceção da final em duas partes, que é não.

— Foi o que constataram os médicos do Serviço Médico de Lourdes — disse o Arcebispo Henning. — Posso informar que eles procuravam pelas características seguintes em sua cura... que nenhum tratamento exterior ou medicamentos a tornaram possível, que sua cura foi instantânea e não exigiu convalescença e que suas funções naturais foram imediatamente restauradas. Os membros do Serviço Médico ficaram convencidos de que essas características se manifestaram em sua cura. E registraram: "Não encontramos explicação natural ou científica para esta cura."

O Arcebispo Henning arrumou os papéis e depois recostou-se, os olhos novamente fixados em Edith.

— O Serviço Médico enviou sua recomendação ao bispo de sua diocese, aqui em Londres. Ele designou uma Comissão Canônica de cinco membros para estudar as descobertas e avaliá-las. Essa Comissão Canônica me enviou depois a sua própria recomendação.

O arcebispo fez uma pausa, respirando fundo.

— Sra. Moore, estou pronto a declarar que sua cura é definida e duradoura, encerrando um estado patológico extremamente grave. Estou pronto para declarar que sua cura não teve qualquer explicação médica válida. Estou pronto a declarar que somente sua peregrinação a Lourdes pode ser relacionada com o

desaparecimento de uma doença terminal e que sua cura foi totalmente imprevisível. Estou pronto a declarar que sua cura pode ser considerada extraordinária pelo fato de que não apenas possui o uso normal da perna e da articulação do quadril, mas também experimentou regeneração óssea nas áreas afetadas. Estou pronto a fazer a declaração final confirmando a veracidade de sua cura... exceto por um pequeno detalhe técnico... uma questão de menor importância que ficou sem resposta, entre as cinco formuladas ao Serviço Médico. A pergunta é a seguinte: "É necessário protelar uma decisão?" Minha resposta: "Sim,, mas apenas por um breve período." Parece que o Serviço Médico gostaria que se fizesse um exame de rotina final, efetuado por um dos dois maiores especialistas médicos no campo de sua antiga doença. Solicitaram ao Dr. Paul Kleinberg, de Paris, que fosse a Lourdes e lhe fizesse um último exame. Deve ser realizado no Serviço Médico de Lourdes. Repito, é um mero exame de rotina. Depois que o Dr. Kleinberg confirmar as descobertas do Serviço Médico poderei anunciar oficialmente, dentro de poucas semanas, que há elementos suficientes em sua cura para se reconhecer a intervenção especial do poder de Deus, o Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra. — Ele fez uma pausa e arrematou: — Sra. Moore, está disposta a ir a Lourdes mais uma vez, a fim de se submeter a esse exame final?

Edith estava emocionada.

— Claro que irei. E gostaria de estar em Lourdes na semana em que a Virgem Maria reaparecerá. Eu... eu poderia vê-la e agradecer.

Pela primeira vez, o arcebispo exibiu uma insinuação de um sorriso.

— E pode, pode perfeitamente... De qualquer forma, a não ser por essa breve espera, pode se considerar uma das milagrosamente curadas de Lourdes. Com toda a minha alma, desejo lhe transmitir minha felicidade e congratulações.

O coração dela disparou. Edith Moore, uma mulher milagrosa. Seria mundialmente famosa, imortal. Mas agora queria apenas telefonar e falar com Reggie, contar a Reggie que ele estava casado com uma mulher milagrosa.

Reggie Moore era um homem que nunca desanimava. Não importava quantos de seus planos arrojados se dissipassem, não importava quantos contratempos sofressem, ele sempre acreditava que havia um pote de ouro (marcado *Reginald Moore*) ao final do arco-íris.

Naquela manhã, porém, ele dormira demais, não por falta de sono, mas por falta de um motivo para se levantar. Estava sempre acordado por volta das oito horas e em plena ação às nove, com algum novo empreendimento promocional a pesquisar, investigar, organizar, vender. Mas naquela manhã, estranhamente, talvez porque não tivesse em mente nenhum novo empreendimento especial, ele meio despertara, se virará na cama e continuara a dormir até que faltavam 10 minutos para meio-dia.

Ao ver a hora, ficara um pouco preocupado, saíra da cama, relutantemente

fizera seus exercícios (cujos ganhos seriam perdidos para a cerveja, consumida em diversos *pubs* ao longo do dia), fizera a barba, tomara um banho de chuveiro, vestira-se e fora para a combinação de cozinha e copa do apartamento térreo em Chelsea. Enquanto comia — dois ovos, café puro, um pão — abriu o livro que encontrara recentemente na bancada na calçada de um sebo. Era um exemplar antigo da autobiografia de um americano outrora famoso, que também procurara o sucesso na Grã-Bretanha. O livro era *Struggles and Triumphs; or, Forty Years' Recollection* (Lutas e Triunfos; ou Recordação de 40 Anos), de P.T. Barnum. Embora Reggie Moore raramente lesse livros — para ser mais exato, nunca — considerava-se um homem bastante lido e culto, porque religiosamente lia o *Mirror* de Londres e o *News of the World* da primeira à última página. A compra da autobiografia de Barnum fora motivada por um desejo de procurar estímulo criativo, talvez encontrar algum dos antigos planos de Barnum que pudesse ser convertido para uma promoção moderna.

Começara a ler o livro de Barnum pelo meio — os primeiros anos seria um desperdício, sem qualquer proveito — na ocasião em que o velho charlatão se encontrara no auge de seus poderes, com os empreendimentos do Pequeno Polegar e da Sereia Encantada. Reggie foi subitamente interrompido pelo telefonema inesperado de Edith.

A garota parecia meio louca a princípio, as palavras saindo precipitadamente, numa pressa que as tornava quase incompreensíveis. Ele compreendeu finalmente que Edith acabara de sair da visita ao Arcebispo Henning. Reggie lembrou-se então que ela lhe falara na noite anterior sobre o misterioso encontro.

Edith tentava explicar o que acontecera na reunião. A fim de compreendê-la, Reggie conteve o fluxo de palavras, dizendo:

— Mais devagar, Edith. Está bastante difícil entender o que você diz. Mais devagar. Parece muito excitada. O que aconteceu afinal?

Depois disso, ela passou a falar mais devagar, mais claramente, porém ainda muito excitada.

Depois de um ou dois minutos, Reggie compreendeu, absorveu tudo, percebeu de alguma forma que aquilo era de grande importância não apenas para Edith, mas podia ser também para os dois.

— Edith — disse ele, antes de desligar — não perca tempo em fazer compras para o jantar desta noite. Isto merece uma comemoração num bom restaurante. Podemos ir a Le Caprice.

— Oh, Reggie, mas sairia muito caro...

Edith já começava a recuperar o controle. Mas Reggie ainda estava animado e insistiu.

— Nada é bom demais para uma mulher milagrosa.

Ele teve dificuldade em terminar o café! A mente fervilhava. Fechou o livro de Barnum e empurrou-o para o lado. Engoliu o resto do café, deu liberdade à

mente para voar alto.

Mulher milagrosa!

Por Deus, devia haver mil maneiras de converter isso em dinheiro, ouro puro. Imediatamente ocorreu-lhe — sempre lhe surgia depressa e completo quando estava bem engrenado — o que se podia fazer.

A inspiração inicial acontecera numa visita anterior com Edith a Lourdes, três anos antes. Jantaram num restaurante pequeno e confortável em Lourdes, *Café Massabielle*, na Avenue Bernadette Soubirous. Apesar da horrível e descolorida réplica da Virgem Maria num nicho por cima do toldo vermelho, o pequeno restaurante era atraente, confortável, com uma cozinha de primeira classe, a locação era maravilhosa. Mas o que mais atraía Reggie fora o proprietário. Reggie conhecera Jean-Claude Jamet, de pai francês e mãe inglesa. Embora Jamet se mantivesse um tanto distante e reservado, o rosto frio de bigode fino repelindo os avanços, havia algo de especial no homem que exercia uma atração inconfundível. Reggie compreendera que Jamet, no fundo, era um homem de promoção. Infelizmente, ele não aproveitava os seus talentos para promover o seu restaurante em Lourdes. Usava o restaurante apenas para obter um pequeno lucro. Sua verdadeira devoção era para a ativa e inovadora agência de viagens que tinha em Lourdes, *Círculo Completo*, que organizava numerosas peregrinações lucrativas a Lourdes durante a temporada.

Contudo, Reggie concluíra que o restaurante podia ser algo mais que apenas um pequeno complemento; podia ter um desempenho muito melhor, tornar-se um igual em lucratividade. Era verdade que precisava de expansão e modernização... mas precisava ainda mais de um sócio que acreditasse em suas possibilidades. Reggie abordara Jamet e se oferecera como esse sócio, o sócio certo, o que levantaria o restaurante aos píncaros. Como seu investimento, Reggie oferecera uma modesta quantia em dinheiro e a sua própria criatividade. Jamet recusara taxativamente. O dinheiro oferecido não era suficiente e a criatividade não estava comprovada. Reggie não ficara remoendo a derrota. Era um veterano da rejeição. E se lançara a outros projetos.

Mas hoje sua mente voltou a Jamet e ao restaurante. Porque hoje Reggie tinha o dinheiro para investir e uma espetacular ideia criativa.

Reggie foi rapidamente ao telefone para saber se Jamet ainda se encontrava em Londres; e se estava, mas saíra para o almoço, para saber a que horas voltaria ao escritório e estaria disponível. Jamet comia um sanduíche em sua mesa. Estava extremamente ocupado, tentando programar peregrinações adicionais a Lourdes por causa da demanda criada pela notícia do esperado reaparecimento da Virgem Maria dentro de três semanas ou logo depois.

— Uma grande oportunidade essa história da Virgem Maria — comentou Reggie. — E tenho algo sensacional que vai se ajustar perfeitamente. Uma notícia maravilhosa que ajudará a nós dois.

— Como na última vez? — indagou Jamet, secamente.

— Jean-Claude, tenho algo muito especial agora, uma dessas oportunidades que só se encontra uma vez na vida, um maná caído do céu. Tem de arrumar um minuto para conversar comigo.

— Ainda estou comendo, não voltarei ao trabalho por mais um momento. Creio que poderei recebê-lo durante a sobremesa, se vier imediatamente. Acho melhor acabar logo com isso ou você ficará me importunando interminavelmente. Se quer me falar, que seja agora.

— Estarei aí num instante — declarou Reggie, desligando e pegando o casaco esporte.

Lá fora, a chuva miúda cessara, o sol apresentava o seu último ato e Reggie se encaminhou para a garagem assoviando. Teve problema em ligar o seu velho Rover, mas finalmente conseguiu. Saiu da garagem de ré, fez a manobra e disparou na direção de Piccadilly Circus. A Agência Círculo Completo, de Jamet, ficava três quarteirões ao norte do Circus.

Chegando ao seu destino e estacionando, Reggie endireitou a gravata e o casaco, empurrou para trás uma mecha de cabelos rebeldes e depois seguiu confiante para a agência. Estava mesmo movimentada, como Jamet dissera, havia pelo menos uma dúzia de turistas em potencial nos dois balcões a disputarem a atenção dos três funcionários. Com um ar possessivo, Reggie foi para trás do balcão comprido. Quando o funcionário mais próximo fez um esforço para detê-lo, Reggie declarou airosamente:

— Jamet está me esperando. Temos um encontro marcado. Reggie foi para o cubículo nos fundos que servia como escritório de Jamet. À sua mesa, cercado por paredes decoradas com maravilhas cênicas da Grande Excursão da Europa e fotografias coloridas de Lourdes, inclusive o Café Massabielle, Jamet punha na boca, naquele momento, o último pedaço de torta de maçã.

Ele lançou um olhar azedo e adverso a Reggie, quando este entrou lepidamente. Quando Reggie entrava em ação, nada era capaz de contê-lo. Possuía a carapaça de tatu de um vendedor, grossa e insensível. Reggie puxou uma cadeira para a frente da mesa e sentou-se, pronto para começar.

— Qual é o grande negócio desta vez? — perguntou Jamet, friamente.

— Seu restaurante em Lourdes. Ainda estou interessado em comprar uma participação. Ainda acho que pode se tornar um tremendo sucesso.

— É mesmo? Pois saiba, meu amigo, que terá de oferecer algo muito melhor do que na última vez.

— Estou preparado para isso ou não estaria aqui — prometeu Reggie, jovialmente. — Desta vez tenho uma grande proposta e você não será capaz de resistir. Jean-Claude, por metade da propriedade do restaurante estou disposto a investir 50 mil libras em dinheiro para expansão e melhoria. O dinheiro é a herança de minha esposa, que ela vinha guardando para o caso de voltar a ficar

doente. Mas agora ela sabe que não mais estará doente. Ficou completamente curada e não precisará de sua reserva. Isso mesmo, estou disposto a investir todo o dinheiro, as 50 mil libras...

Jamet estivera escutando impassivelmente e interrompeu-o agora:

— Lamento, mas não é suficiente. — Ele despejou os remanescentes da refeição na cesta de papel, preparando-se para encerrar a reunião. — Para entrar na sociedade, precisaria oferecer muito mais.

— Mas eu tenho muito mais! — exclamou Reggie. — Tenho algo muito mais valioso que meras 50 mil libras para investir. Tenho algo extraordinário, uma coisa absolutamente segura, que fará com que o seu restaurante em Lourdes prospere além de tudo o que já imaginou v

— É mesmo? — murmurou Jamet, com um tédio que não disfarçava, inclinando-se para olhar no espelho da mesa, enquanto penteava os cabelos.

— Preste toda atenção. Minha esposa, Edith, foi chamada para uma reunião com o Arcebispo Henning há poucas horas. Era para lhe comunicar algo importante sobre a sua cura em Lourdes, há mais de três anos. O Serviço Médico de Lourdes e a Comissão Canônica concluíram que a cura de Edith é de natureza milagrosa. Ela será oficialmente incluída nas "Curas de Lourdes Reconhecidas como Milagrosas pela Igreja". Desde 1858 que houve apenas 69 curas assim... apenas cinco desde 1978... e agora Edith Moore será a 70^a.

Pela primeira vez, Reggie dispunha da atenção total de Jamet.

— Está dizendo a verdade?

— Pode confirmar. Ligue para o gabinete do Arcebispo Henning. Diga que eu lhe contei.

— Meus parabéns — disse Jamet, cautelosamente, mas interessado. — Isso será muito bom para vocês dois.

— Bom para nós dois? — disse Reggie, levantando-se de um pulo. — Será sensacional! Da noite para o dia, Edith se tornará famosa, uma lenda viva. Todos vão querer conhecê-la... todos, sem exceção. Ela voltará a Lourdes agora, o centro de tudo, a fim de ser homenageada. Provavelmente é a pessoa que a Virgem Maria virá ver. Agora, Jean-Claude, vamos ao resto da minha proposta. Além das 50 mil libras, estou disposto a lançar Edith também no negócio... Edith Moore, a autêntica mulher do milagre. Será que não percebe? Edith acompanhará suas peregrinações e dará conselhos. Pode até aumentar imediatamente os preços para os próximos grupos de peregrinos. E no restaurante... depois de ampliá-lo, melhorá-lo... Edith pode ser a estrela, a atração especial, a grande anfitriã. A fim de conhecê-la, vê-la, tocá-la, escutá-la, até mesmo comer em sua companhia, os mais ricos turistas e peregrinos pedirão os pratos do nosso Cardápio Milagre, em nosso Restaurante Novo Milagre, ao dobro dos preços atuais. Posso lhe garantir que triplicará seus lucros. Peregrinações promovidas num lado, restaurante esperando no outro... e Edith

Moore, a última mulher do milagre, sua atração principal. — Reggie fez uma pausa, respirando fundo, antes de arrematar: — E então... o que me diz?

Pela primeira vez, o exterior impassível de Jamet exibiu uma fissura. Foi um sorriso relutante, mas um sorriso. Ele se levantou, a mão estendida.

— Reggie, meu amigo, agora você está falando a minha língua. Vamos selar a nossa sociedade.

Sorrindo, Reggie apertou-lhe a mão.

— Comemoraremos esta noite em Le Caprice. Junte-se a nós, sócio, encontre-se com a mulher do milagre.

Mikel Hurtado sentava-se tenso ao volante do empoeirado carro azul, estacionado na Calle de Serrano, no lado oposto ao portão de ferro na entrada da enorme igreja católica, observando os colegiais e as matronas de Madri entrarem para a missa das nove horas. Era o décimo e último dia de sua vigília. Se a presa aparecesse hoje, como acontecera nas nove manhãs anteriores, o padrão estaria fixado. Colocariam a dinamite no túnel por baixo da rua naquela noite. Detonariam o explosivo e matariam o odiado inimigo na manhã seguinte. Hurtado consultou o relógio no pulso.

— É melhor você entrar agora — disse ele baixinho à moça sentada no banco da frente, ao seu lado. — Se nosso homem mantiver o horário, estará aqui dentro de cinco minutos para a missa.

— Preciso mesmo entrar? — protestou Julia Valdez. — De que adiantaria? Ele não chegará à igreja amanhã de manhã.

— Para uma identificação positiva — explicou Hurtado. — Quero que o veja de perto. Precisamos ter certeza absoluta de que é mesmo Luis Bueno, nosso vice-primeiro-ministro encarregado da defesa, nenhum outro. Vá logo, Julia. É a última vez.

— Papai sabe o que é melhor — disse ela, dando de ombros. Julia riu, os dois riram. Era uma piada entre eles, pois Julia tinha 19 anos, enquanto Hurtado era, aos seus olhos, um ancião de 29 anos.

Hurtado observou-a sair do carro, atravessar a rua e alcançar o patamar por baixo da maciça porta da igreja. Ela se misturou com os fiéis na escadaria e entrou na igreja.

Uma boa garota, pensou Hurtado, e corajosa para alguém tão jovem. Tinham sorte por havê-la recrutado para a causa. Julia chegara a Madri, procedente de Bilbao, dois meses antes dos outros.

Matriculara-se na Universidade de Madri para o período do outono, passara o tempo de folga a explorar a grande cidade e encontrar um apartamento de 200 dólares por mês, em preparativos para a chegada dos companheiros. O líder, Agustín López, conhecera-a através de ligações familiares, certificara-se de sua lealdade à causa nacionalista e recrutara-a para a ETA — a clandestina Euskadi Ta Askatasuna, Organização Pátria Basca e Liberdade — dois anos antes.

Quando começara a trabalhar com ela, Hurtado sentira-se bastante satisfeito com a sua inteligência. Embora Julia não fosse exatamente o seu tipo de mulher — muito nariz e queixo, muito baixa e atarracada (ele sempre preferira os tipos femininos mais delicados e frágeis) — dormiram juntos em diversas ocasiões. Nenhum dos dois estava apaixonado pelo outro, mas se respeitavam e gostavam, as relações sexuais haviam sido geralmente por alívio físico e diversão. Se Julia tinha algum defeito, era um resquício de religiosidade que levava para o movimento separatista revolucionário.

Ele consultou o relógio mais uma vez. A qualquer momento agora. Sua mente voltou aos dois companheiros bascos no apartamento, aguardando aquela última expedição de reconhecimento e ansiosos em preparar o assassinato do dia seguinte.

Subitamente, Hurtado percebeu que havia um rebuliço entre os espectadores à entrada da igreja. Pelo canto dos olhos, discretamente, ele observou a chegada de três carros do governo, um, dois, três. O do meio era o Mercedes marrom em que devia viajar o Ministro Luis Bueno. E foi o demônio em pessoa quem saltou do Mercedes, enquanto os seguranças saíam dos outros dois carros e o flanqueavam. Por mais estranho que pudesse parecer, Bueno ainda lia um jornal quando se encaminhou para a entrada da igreja.

Bueno era um velho repulsivo, pequeno e empertigado em seu terno preto impecável. O rosto de macaco bigodudo pôde ser visto quando ele se virou para falar com um dos seguranças. Estava sorrindo jovialmente e entregou o jornal ao segurança. Como Bueno raramente sorria, Hurtado ficou curioso. Bueno era um homem terrível. Fora amigo de Franco, mas apesar disso o rei o conservara como ministro encarregado da defesa. Um rígido católico e conservador, Bueno demonstrara ser o maior inimigo da ETA no Gabinete e se opusera inflexivelmente à autonomia basca. Agora, pensou Hurtado, o pequeno filho da puta pagará por tudo o que fez.

Observando Bueno desaparecer no interior da igreja, Hurtado pensou: entre e reze pela última vez, seu filho da puta.

No dia seguinte, Luis Bueno estaria assando no inferno, ao lado do Almirante Carrero Blanco.

Hurtado experimentou uma alegria intensa ao imaginar Bueno, Blanco e o diabo no mais profundo recesso do inferno flamejante de Dante.

Hurtado não podia negar que a morte do Almirante Blanco, em 1973, uma clássica operação basca de assassinato, proporcionara a base para a atual Operação Bueno, tornando os preparativos mais fáceis... quase fáceis demais.

Na convulsão que se seguiu à morte de Franco, o assassinato do Almirante Blanco pelos bascos fora meio esquecido, relegado ao passado distante da Espanha. Mas nenhum basco jamais o esquecerá, muito menos Augustín López, o presidente da ETA, e Mikel Hurtado. Os comandos bascos em 1973 — eram

uma dúzia — haviam espionado cuidadosamente o Almirante Blanco, constatando que todas as manhãs ele comparecia à missa na mesma igreja (uma prática que o Ministro Bueno, um católico mais fervoroso, felizmente emulava).

Depois de se certificarem do percurso sistemático do Almirante Blanco para a igreja todas as manhãs, os comandos bascos de 1973 alugaram um apartamento de porão no caminho, perto da igreja. Escavaram arduamente um túnel de meio metro de altura por baixo da rua, removendo a terra em cestos. Colocaram 70 quilos de dinamite em três pontos do túnel. Depois, estenderam fios elétricos até o detonador, instalado numa sala do apartamento em que se podia ver a chegada do Almirante Blanco.

Na manhã fatídica, o Almirante Blanco chegara para a missa em seu Dodge preto; quando o carro passava por cima do túnel, a dinamite fora detonada.

O Almirante Blanco e seu carro foram projetados a uma altura superior a de um prédio de cinco andares.

Fantástico.

Na manhã seguinte, o Ministro Luis Bueno, «inimigo dos bascos, ganharia o mesmo voo gratuito.

E esse ato de terror, depois de um longo período de passividade, lembraria ao governo que a ETA estava disposta a fazer qualquer coisa para libertar da servidão os dois milhões e meio de bascos do norte da Espanha.

Não que ele fosse por natureza uma pessoa violenta, disse Hurtado a si mesmo. Fora um escritor desde o momento em que pudera pela primeira vez empunhar um lápis e os escritores geralmente alcançavam a ação através da fantasia. Publicara três livros — uma coletânea de poesia, uma peça sobre Lope de Vega e um curto romance baseado na vida e morte de Garcia Lorca — quando o terror de Franco se abatera sobre a sua própria família, convencendo-o a trocar o lápis por um rifle. Compreendera que as palavras nunca seriam suficientes para lutar contra os opressores. Ingressara na ETA para pegar em armas.

Ele se perguntou o que poderia estar retardando Julia por tanto tempo. Foi nesse instante que avistou-a saindo da igreja.

Ligou o carro, esperou que ela sentasse ao seu lado e depois partiu pela Calle de Serrano.

Os olhos no tráfego, concentrado, pois aquele não era o momento para ter um acidente, ele perguntou a Julia:

— Identificação confirmada?

— Confirmada. É o próprio Ministro Luis Bueno.

Hurtado ficou exultante.

— Estamos no alvo! Vamos explodi-lo amanhã. Bom trabalho, Julia.

Obrigado.

— De nada.

Por um breve momento, ele guiou em silêncio.

— Por que demorou tanto?

— Vou explicar... — Mas ela nada contou até que o carro chegou à Gran Via, quando acrescentou: — Uma coisa fascinante. Ouvi um dos seguranças de Bueno falar a respeito com alguma autoridade. Fiquei por perto, escutando. Parece que Bueno recebeu ontem um telefonema de um jornalista espanhol em Paris. Um cardeal católico francês deu uma entrevista coletiva. Tinha um comunicado a fazer sobre Lourdes.

— Lourdes? O que era?

— Acabaram de encontrar o diário de Santa Bernadette. A Virgem Maria lhe disse que reapareceria em Lourdes este ano, creio que dentro de três semanas. Não acha interessante?

— Não especialmente. Muito mais interessante é a notícia que daremos ao mundo amanhã.

— Talvez... — murmurou Julia, indecisa, abrindo a bolsa para pegar um cigarro. — Seja como for, essa notícia deixou o nosso amigo Luis Bueno muito feliz. Mesmo com a solenidade da missa, ele não foi capaz de reprimir seu prazer. Eu nunca o tinha visto sorrir antes com tanta satisfação. Ele estava lendo a história de Lourdes quando entrou na igreja.

— Observei-o a ler o jornal. — Hurtado deixou a Gran Via, encaminhando-se para o apartamento. — Mal posso esperar para contar aos outros que está tudo certo. A esta altura, eles já devem ter* conseguido a dinamite. Vamos colocá-la hoje de noite e amanhã de manhã será a grande explosão.

Dez minutos depois, Hurtado avançou na frente pelo corredor até o apartamento. Sentia-se satisfeito com o apartamento, o prédio, a vizinhança. Apesar do custo elevado, valia a pena até a última peseta, porque era seguro. O bairro era de classe média superior e por isso atraía menos alcaguetes ou *grises*, a polícia de segurança espanhola. Na porta, Hurtado pôde ouvir a televisão ligada lá dentro.

— Já devem ter conseguido os explosivos — sussurrou ele para Julia, enquanto tirava a chave do bolo e abria a porta.

A sala estava escura, as cortinas fechadas, as luzes apagadas, obviamente para se poder assistir televisão melhor. Hurtado acendeu a luz do teto e, para sua surpresa, descobriu sentado na poltrona não um dos seus comandos, mas o vulto corpulento e rude de Agustín López, o líder e presidente da ETA de San Sebastián. López tinha sobranceiras hirsutas e um bigode cheio, um rosto largo e curtido, uma cicatriz estendendo-se por uma das faces. A princípio, concentrado no programa na televisão, ele não levantou os olhos.

— Olá, Agustín. O que o traz aqui? É uma visita inesperada. Ainda mais surpreendente era o traje de López. Ele usava terno e gravata. Hurtado não podia recordar qualquer outra ocasião anterior em que vira o líder vestido assim.

Com um grunhido e os movimentos de um urso enorme, López levantou-se, acenando com a cabeça para Hurtado e Julia e estendendo a mão para desligar a televisão. Quando o líder voltou à poltrona e concentrou-se em acender um charuto, Hurtado adiantou-se.

— Chegou no momento exato para ouvir a boa notícia — disse Hurtado. — Acabamos de efetuar a verificação final de Luis Bueno. Sabemos que ele irá à missa amanhã de manhã, às nove horas, seguindo o mesmo percurso e fazendo as mesmas coisas dos últimos 10 dias. Estamos prontos para matar o porco pela manhã.

Hurtado fez uma pausa, correndo os olhos pela sala.

— Onde estão os outros?

López aspirou a fumaça do charuto.

— Mandei-os de volta a San Sebastián. Um foi no caminhão com os explosivos, o outro no Talgo Express com o detonador.

Hurtado piscou os olhos, aturdido, sem saber se ouvira direito.

— Como?

— Mandei-os de volta a San Sebastián — repetiu López. — E mandarei você e Julia hoje. Foi o que vim lhe dizer.

— Mas que diabo! — murmurou Hurtado, desconcertado. — Não compreendo. A nossa operação amanhã...

López permaneceu imperturbável.

— Não haverá operação amanhã. Foi cancelada... ou pelo menos temporariamente adiada.

Hurtado aproximou-se mais um pouco de seu líder.

— Mas do que está falando, afinal? O que aconteceu?

— Vou explicar — disse López, tornando a acender o charuto.

— Não há nada a explicar — insistiu Hurtado. — Estamos com tudo pronto...

Julia puxou a manga do paletó de Hurtado.

— Mikel, dê a Agustín a oportunidade de explicar.

— E é melhor ele ter uma boa explicação — disse Hurtado bruscamente.

Agustín López empertigou-se na poltrona. Não era um homem de falar muito, mas agora reuniu as palavras para relatar o que acontecera.

— Ontem, em San Sebastián, recebi um telefonema de Madri, do próprio ministro, Luis Bueno. Ele queria me ver imediatamente.

Queria ter uma conversa preliminar sobre a autonomia basca. Queria falar comigo em sua casa, esta manhã, antes de ir para a igreja. Hurtado ficou atônito.

— Esteve pessoalmente com Luis Bueno?

— Pela primeira vez na vida. Até agora, sempre nos comunicamos através de intermediários. Mas desta vez ele queria conversar pessoalmente. E nos encontramos há cerca de uma hora. E foi também a primeira vez que o encontrei disposto a discutir nossa causa nacionalista e nossa autonomia.

Para Hurtado, era simplesmente inacreditável. Algo que nunca seria capaz de imaginar.

— Ele conversou com você sobre a nossa liberdade? — Uma suspeita se insinuou na mente de Hurtado. — Ou será que teve notícia de nosso plano de assassinato?

López sacudiu a cabeça.

— Não tinha a menor desconfiança. Era sobre a nossa liberdade que queria conversar. — López pôs o charuto aceso na beira de um cinzeiro. — Sobre a negociação de nossa liberdade. Luis Bueno, como sabe, é um homem extremamente religioso. Quando ouviu o anúncio feito ontem em Paris, sobre o esperado retorno da Virgem Maria à gruta em Lourdes... já ouviu falar a respeito?

— Todo mundo ouviu — respondeu Hurtado, irritado. — O que isso tem a ver conosco?

— Calma, Mikel — interveio Julia, tornando a lhe puxar a manga do paletó. — Deixe Augustín falar. — Aparentemente, tem muito a ver com a gente e com o nosso futuro — continuou López. — Bueno ficou profundamente emocionado com o anúncio do reaparecimento da Virgem Maria. Acredita que vai mesmo acontecer... e se acontecer, acredita que será um sinal de que Cristo quer que ele e todos os outros que ocupam posições de poder demonstrem mais caridade neste mundo. Portanto, com a chegada da Virgem Maria, Bueno soltará todos os prisioneiros políticos bascos, proclamará uma anistia ampla e iniciará uma série de conversações formais, aqui e em Bilbao, para resolver o problema basco. Ele me prometeu que essas conversações levarão a alguma espécie de autonomia para nós, algo satisfatório para ambos os lados. — López pegou o charuto e brandiu-o enquanto acrescentava: — Assim, diante dessa possibilidade concreta... e tudo indicava que Bueno era sincero... decidi que deveria adiar indefinidamente quaisquer ações violentas adicionais.

Hurtado estivera irrequieto durante todo o relato. Finalmente falou:

— Augustín, sempre tive o maior respeito por seu julgamento. Mas, nesta questão, devo manifestar minhas dúvidas. Não confia em Luis Bueno, não é mesmo?

— Confio, sim. Devo confiar. Esta é a primeira vez que o governo se propõe negociar. Se pudermos resolver tudo através da negociação, seria o meio mais satisfatório de se alcançar um final feliz.

— Aquele filho da puta está apenas querendo ganhar tempo, tentando nos amolecer — insistiu Hurtado. — Augustín, esta operação de Madri foi um plano seu. Havia perdido a paciência com eles. Agora, depois de semanas de planejamento, dias de trabalho, temos finalmente tudo em ordem. A operação pode ser o nosso maior êxito. Fará com que o rei compreenda como somos fortes, como somos determinados, que devemos ser tratados como iguais. Eu lhe

imploro, Agustín, chame os outros de volta, trazendo os equipamentos.

— Não — disse López, taxativamente. — Se pudermos conquistar a autonomia sem derramamento de sangue, será muito melhor. Não somos assassinos. Somos patriotas. Se o inimigo quer nos oferecer a liberdade pacificamente, devemos conceder-lhe essa oportunidade.

Hurtado não estava disposto a desistir.

— O que você está dizendo é que podemos não ser assassinos... e o que estou dizendo é que eles são. Não passam de opressores e assassinos brutais que não merecem qualquer confiança. Jamais esquecerei o que fizeram com a minha família... aquela batida... matando meu pai, meu tio e meu primo em uma única noite, simplesmente por causa de seus panfletos antifalangistas.

López levantou-se, uma presença gigantesca.

— Isso foi no tempo de Franco. Este pode ser um novo dia.

— Um novo dia? — repetiu Hurtado, muito alto. — Bueno era um títere de Franco.

— Talvez ele esteja certo, Mikel. Vamos lhe dar a chance.

Você nunca matou um homem antes. Vale a pena o risco para evitar isso.

Hurtado virou-se para Julia, furioso.

— Quem pediu sua opinião? O que você sabe sobre matar alguém?

— Sei que é pecado.

— Já o matei em meu coração, pelo que isso vale. Não tenho medo de fazer o que é necessário. — Ele tornou a virar-se para López — Bueno é um assassino. O leopardo não perde as suas pintas. Não é diferente agora do que era antes.

— Estou apostando que ele se tornou diferente, abrandado e na expectativa do milagre que espera acontecer em Lourdes. Estou apostando na possibilidade do milagre provocar uma mudança nele... e se acontecer, a mudança será permanente. Em nosso benefício.

— E se o milagre não acontecer?

— Teremos então de reavaliar a situação. E veremos como Bueno se comporta em relação a nós. Vamos esperar pelo acontecimento em Lourdes. Vamos esperar para ver.

López atravessou a sala até a porta, mas Hurtado estava em seus calcanhares, arrestando-o iradamente:

— Vamos esperar para ver, vamos esperar para ver... A Virgem Maria, aquela caverna nojenta, tudo isso é besteira. Fui criado como um católico, da mesma forma que meu pai. Mas aonde isso o levou... aonde leva qualquer um de nós? O Deus de Bueno não é o meu Deus. Não reconheço um Deus que permite a opressão e o genocídio. Que diabo, Agustín, recupere o bom senso. Não nos deixemos algar por Deus deles. Nada acontecerá em Lourdes e nada mudará para nós. A tática deles é nos pacificar, dividir-nos, acabar com a resistência. Bueno não lhe garantiu a autonomia. Garantiu apenas conversas,

mais conversas, sem nada de concreto. Eu lhe suplico para não se deixar enganar. Devemos prosseguir com o nosso plano. A linguagem das bombas é a única que eles compreendem e respeitam.

López parou na porta.

— A resposta ainda é não, Mikel. A partir deste momento, pelo menos por enquanto, todos os planos de violência estão suspensos. Escutaremos uma linguagem diferente... a linguagem da Virgem Maria. Eu o verei em San Sebastián.

O líder abriu a porta e saiu.

Hurtado balançou por um momento, quase apoplético de raiva e frustração.

Depois de uns poucos segundos, fervilhando, ele foi até a mesa perto do aparelho de televisão, abriu a garrafa de *scotch* e encheu um copo. Tomou tudo, em goles compridos, olhando furioso para uma transtornada Julia, que arriara na poltrona. Ela começou a argumentar, gesticulando com os braços:

— Talvez Augustín esteja certo, Mikel. Ele sempre esteve certo antes. Talvez haja meios melhores do que bombas para resolver os problemas. Vamos esperar para ver.

— Você também... — resmungou Hurtado, bebendo o resto do uísque puro e tornando a encher o copo. — Outra católica maluca esperando para ver o quê? Esperando a Virgem Maria aparecer em alguma maldita gruta e nos dar a liberdade que merecemos? É isso o que estamos esperando para ver... a maldita Virgem na maldita gruta... um milagre que dirá ao filho da puta do Bueno para libertar Euskadi? É isso o que nos está detendo, nos imobilizando por completo?

Bebia enquanto falava, já quase terminara o segundo copo de uísque. Pôs o copo na mesa ruidosamente e virou-se para Julia.

— Não... agora sou eu quem está dizendo não. Não deixarei que isso aconteça. Porei um ponto final nesse absurdo.

Ele encaminhou-se para o quarto, enquanto Julia indagava, suplicante:

— Para onde vai, Mikel?

— Vou telefonar e não quero que me interrompa. Ligarei para San Sebastián, falarei com minha mãe, pedindo a ela para mandar o seu padre incluir meu nome numa das peregrinações espanholas a Lourdes, o mais depressa possível.

Julia ficou incrédula.

— Você... você vai a Lourdes?

Hurtado parou na porta e declarou, a voz meio engrolada:

— Isso mesmo, irei para Lourdes. E sabe o que farei lá? Explodirei a maldita gruta, explodirei todo o santuário em pedacinhos. .. assim a Virgem não terá lugar para aparecer e Bueno não terá o que esperar... e não haverá mais razão que nos impeça de prosseguir com os nossos planos.

Julia se levantara abruptamente, os olhos cheios de pavor.

— Não pode estar falando sério, Mikel!

— Pois saiba que estou. Explodirei aquela gruta em um milhão de fragmentos.

— Não pode, Mikel! Seria um sacrilégio terrível!

— Camarada irmã, só há um sacrilégio: permitir que aquele filho da puta do Bueno nos faça parar, nos desvie do caminho, nos mantenha na escravidão. Quando eu tiver acabado, não haverá mais gruta, não haverá mais milagres, não haverá mais escravidão basca. Nunca mais.

Lourdes

Liz Finch caminhava devagar pela sinuosa Avenue Bernadette Soubirous, que presumia ser uma das artérias principais de Lourdes. Estava impressionada com o que via. Tentou pensar nas ruas mais espalhafatosas e vulgares que já conheceria. E várias lhe surgiram à mente de imediato.

A Rua 42, em Nova York, Hollywood Boulevard, em Los Angeles, as ruas que levavam ao local do nascimento de Jesus em Belém. Eram bastante vulgares. Mas em comercialismo crasso, em comercialismo da pior espécie, em vulgaridade rematada, aquela rua em Lourdes superava a todas as demais.

Ela recordou, do trabalho preparatório que fizera em Paris, o que Joris Karl Haysrrians, o romancista católico francês, escrevera ao ver Lourdes. Tirou as anotações da bolsa e encontrou a citação de Haysmans: "A feiúra de tudo o que se vê por aqui termina se tornando antinatural, pois cai além dos padrões mais baixos conhecidos. .. Há em Lourdes uma tal plethora de ignóbil e mau gosto que não se pode escapar à ideia de uma intervenção do Mais Ignóbil".

Aném, irmão, pensou Liz, enquanto continuava a andar completamente atordoad.

Liz Finch deliberadamente chegara a Lourdes um dia antes, naquela quente tarde de sábado, 13 de agosto, antes que as multidões adicionais de peregrinos comessem a se despejar sobre a cidade, no dia seguinte, o começo do amplamente divulgado Momento do Sagrado Reaparecimento. Em suas missões em cidades desconhecidas, Liz Finch sempre procurava chegar 24 horas antes da ocasião, a fim de sentir a comunidade, obter algumas informações, definir um plano para o que tinha de fazer.

Fora uma viagem de 11 quilômetros do aeroporto a Lourdes, A paisagem não era grande coisa, exceto pelos vinhedos e milharais, as colheitas habituais dos exuberantes cartazes franceses, e alguns bares à beira da estrada, com inesperados nomes religiosos.

A impressão imediata de Lourdes fora a mediocridade, as incontáveis lojas, lanchonetes, hotéis concentrados numa estreita rua transversal, que descia sinuosa para a beira de um rio. Ela teve de se lembrar que era na verdade uma cidade pequena de 20 mil habitantes, mas acomodando cinco milhões de turistas anualmente em seus 402 hotéis e numerosos acampamentos nos arredores.

Subitamente, ela se descobrira diante de seu hotel, identificado numa marquise de mármore como HOTEL GALLIA & LONDRES, a fachada se projetando para a calçada de uma rua movimentada. Liz acompanhara o motorista do táxi, que carregava as suas duas malas, entre as colunas, através de uma entrada escura, flanqueada por lojas de *souvenirs*, indo parar num saguão

amplo, bastante iluminado. Depois de pagar ao motorista, ela se dirigira à moça loura e gorda que esperava por trás do balcão da recepção, revestido de madeira, registrando-se.

Liz não se preocupara em acompanhar as malas até o quarto ou inspecionar o próprio quarto; como quer que fosse, teria de servir, pois nos oito dias subsequentes Lourdes receberia uma das maiores multidões de peregrinos e turistas de sua história.

Ela queria dar uma volta pela rua espalhafatosa que vira do táxi. Fora informada de que, para ter uma visão global da cidade, deveria virar à esquerda ao sair do hotel, percorrer toda a extensão da Avenue Bernadette Soubirous e depois subir pela Rue de la Grotte. Era a artéria principal.

E agora há 10 minutos que ela subia obstinadamente uma ladeira, achando tudo um horror. Talvez, para as pessoas de devoção, para as pessoas que procuravam lembranças de Lourdes a fim de levar para casa, fosse promissor e atraente. Mas para alguém com um olhar frio, objetivo e sofisticado, como Liz Finch, era um horror.

Lado a lado, inexoravelmente, sem qualquer interrupção, os dois lados da rua estreita estavam ocupados por entradas de hotéis, bares, pequenos restaurantes e lojas de *souvenirs*. Os hotéis, alguns anunciando garagem, iam do Grand Hotel de la Grotte ao Hotel du Louvre. Os cafés ao ar livre, com suas inevitáveis imagens brancas da Virgem Maria em nichos por cima das entradas e cadeiras de vime coloridas na calçada, tinham nomes como Café Jeanne d'Are, Café au Roi Albert, Café le Carrefour, oferecendo, em quatro ou cinco línguas, refeições rápidas na base de cachorro-quente, *pizza*, bife, batata frita, *croque-monsieurs*, bolos, sorvetes, Coca-Cola, cerveja. Os restaurantes, geralmente localizados por baixo de hotéis, exibiam cartazes de preço fixo no exterior.

Mas o que deixou Liz Finch tonta foram as intermináveis lojas de *souvenirs*, fachadas abertas, vitrinas se projetando pelas calçadas, muitos mostruários nos interiores escuros. Liz parou em várias — Confrérie de la Grotte, À la Croix du Pardon, Saint-Francis, Magasin de la Chapelle — examinando os artigos oferecidos. Quase tudo explorava os acontecimentos históricos em Lourdes... garrafas de plástico em todos os tamanhos, muitos no molde da imagem da Virgem Maria, contendo a água curativa; escudos quadrados de papelão com velas compridas no meio; pequenas frigideiras de cobre decoradas com retratos de Bernadette; pequenas grutas de imitação iluminadas por pilhas; rosários e crucifixos de todos os tipos; placas com homilias religiosas; cartazes, bolsas e carteiras de couro, todos reproduzindo a Virgem Maria ou Bernadette; e pior de tudo, balas brancas (chamadas "Pastilles Malespine"), com pequenas imagens da Virgem no centro e com a garantia de serem fabricadas com a água da fonte.

Era realmente chocante a vulgaridade de tudo, pensou Liz Finch, nenhum evento maravilhoso poderia redimir aquele espetáculo mesquinho, de supremo

mau gosto.

Com determinação, Liz seguiu em frente. O único alívio das lojas de *souvenirs* e lugares para se comer era uma perfumaria ocasional, uma livraria católica, o museu de cera com seu alto-falante a apregoar que réplicas de cenas da vida não apenas de Bernadette mas também de Jesus se encontravam em exposição lá dentro.

Liz percorreu mais uma curta distância, cansou da cena repetitiva, disse finalmente a si mesma que tudo aquilo devia ser o mero subproduto da área do milagre, era melhor seguir logo para essa área essencial que tornara Lourdes mundialmente famosa.

Ela entrou numa loja, acuiu um rapaz atraente mas mal-humorado, que parecia italiano, perguntou como poderia chegar ao serviço de imprensa de Lourdes. Ele fingiu não compreender a princípio e acabou dizendo, em francês:

— Bureau de Presse des Sanctuaires? — O rapaz apontou na direção de onde Liz vinha e acrescentou em inglês: — Desça a ladeira até o Boulevard de la Grotte e vire à direita. Encontrará um prédio moderno, com muito vidro, um pouco afastado.

Atordoadas, Liz voltou ao final da rua. À esquerda, podia avistar a parte superior de uma igreja gigantesca, que parecia se erguer sobre uma área coberta por árvores enormes.

Ignorando a igreja, ela foi avançando pela multidão, que se tornava mais densa a cada minuto. O que a surpreendia era o fato de quase não encontrar inválidos. Havia uns poucos, é claro, pessoas mais velhas, acomodadas em charretes em miniatura, com capotas corrediças e um cabo comprido na frente, como jinriquixás, puxados por atendentes. A maioria dos visitantes parecia saudável e curiosa. Não havia apenas franceses, mas pessoas de todas as nacionalidades e cores, principalmente peregrinos, mas também alguns turistas, uns poucos atléticos e jovens, de camisas de malha e *shorts* brancos. A invasão dos inválidos, concluiu Liz, aumentaria no dia seguinte, quando começaria a grande semana.

Com a ajuda de um gendarme de Lourdes, de blusão azul, que estava dirigindo o tráfego, Liz descobriu para onde devia ir.

Levou quase 15 minutos, mas ela finalmente alcançou o seu destino. Lá estava o moderno prédio de fachada de vidro, abaixo do nível da rua e separado por uma grade de ferro. No andar térreo, um homem por trás de uma mesa informou a Liz onde ficava o serviço de imprensa, no segundo andar. Ao chegar lá e entrar, Liz ficou surpresa com as dimensões limitadas da sala de recepção, quase vazia. Havia apenas uma mesa modesta, por trás da qual sentava-se uma mulher mais velha. A mulher prontamente introduziu Liz numa das duas salas que davam para a recepção. Ela encontrou ali, a uma escrivanhinha pequena, uma mulher mais jovem, falando com duas pessoas, presumivelmente

jornalistas, sentadas em cadeiras simples, uma delas em francês, a outra em alemão.

Pacientemente, Liz esperou sua vez. Sentou-se assim que uma cadeira ficou vaga. A loura alta, de feições angulosas, por trás da mesa, estava na casa dos 30 anos, era obviamente francesa e parecia ansiosa em ser prestativa.

— Sou Elizabeth Finch, do escritório em Paris da agência noticiosa americana Amalgamated Press International, API — disse Liz, formalmente. — Fui destacada para cobrir os acontecimentos em Lourdes durante a próxima semana e acabei de chegar.

A loura estendeu a mão.

— Sou Michelle Demalliot, a primeira assessora de imprensa. Seja bem-vinda. Deixe-me verificar se seu nome consta da relação dos credenciados.

— Talvez meu nome tenha sido registrado como Liz Finch, que é como assino minhas matérias.

Michelle estava inspecionando um maço de papéis. O polegar direito finalmente parou no meio de uma página.

Voilà, aqui está. Liz Finch, da API. Plenamente credenciada. Ficará no Hotel Gallia & Londres?

— Isso mesmo.

Michelle levantou-se e foi até uma estante, cobrindo uma das paredes do atravancado escritório.

— Vou lhe entregar as credenciais, um *kit* de material sobre Lourdes e um mapa para ajudá-la a circular. Ou por acaso já esteve aqui antes?

— Nunca. Esta é a primeira vez. Estou ansiosa em começar a trabalhar antes que a cidade se torne ainda mais apinhada. Quero conhecer os pontos de referência de Bernadette e a gruta, a fonte e todo o resto. Não sou muito eficiente com mapas. Tem algum guia disponível para a imprensa?

Da estante, onde enchia um envelope pardo com folhetos, Michelle respondeu:

— Já que falou nisso, temos, sim. Promoveremos cinco ou seis excursões para a imprensa, com excelentes guias, saindo daqui todas as manhãs, a partir das 10 horas. Posso incluí-la numa das excursões para amanhã de manhã.

— Não, obrigada. Eu preferia evitar os grupos de excursão, vendo as mesmas coisas que todos os outros. E preferia também não esperar até amanhã de manhã. Gostaria de começar a conhecer tudo o mais depressa possível, imediatamente, enquanto ainda temos clareza. O que eu gostaria mesmo era de ter um guia individual. É claro que pagarei por isso.

Fechando o envelope, Michelle sacudiu a cabeça.

— Não creio que seja possível, num prazo tão curto. A maioria dos guias é contratada com pelos menos um dia de antecedência. E preferem conduzir vários visitantes, ao invés de apenas uma pessoa. Imagino que é pelo fato de

poderem assim ganhar mais.

— Eu não me incomodaria de pagar o equivalente a várias pessoas, mesmo havendo apenas eu.

Michelle deu de ombros.

— Ainda assim, receio que seja impossível, num prazo tão curto. Posso telefonar para as agências, mas não prevêo muita possibilidade.

Ela começou a voltar para sua mesa, mas parou abruptamente e virou-se para Liz.

— Acabei de me lembrar de alguém, uma amiga minha. Na minha opinião, ela é a melhor guia de Lourdes. E me disse que ia terminar com seu último grupo grande esta tarde... — A assessora de imprensa olhou para o relógio. — ... mais ou menos a esta hora. Queria ir cedo para casa, a fim de descansar para a semana movimentada que teremos pela frente. Ela reside fora da cidade, em Tarbes, com os pais. Talvez, pelo dinheiro, ela concorde em mostrar-lhe Lourdes durante uma hora. Você teria de pagar um pouco mais. E, mesmo assim, nada posso garantir.

— Quanto representa esse pouco mais? — perguntou Liz.

— Pelo menos cem francos por hora.

Uma quantia insignificante, pensou Liz, para alguém que viajava com todas as despesas pagas. Ela podia ser generosa só para ter certeza.

— Diga a ela que pagarei 150 francos por hora. Michelle ficou impressionada, prontamente pegou o telefone e discou. Depois de uma breve espera, alguém no outro lado da linha atendeu.

— Gabrielle? — disse a assessora de imprensa. — Aqui é Michelle Demalliot, do Serviço de Imprensa dos Santuários. Estou querendo falar com Gisele... Gisele Dupree. Ela me disse que voltaria de sua última excursão de hoje mais ou menos... Como? Ela já voltou? Ótimo. Pode chamá-la? — Michelle pôs a mão sobre o bocal e informou a Liz: — Até aqui, tudo bem. Vamos ver agora se ela aceita.

Liz inclinou-se para a frente.

— Não se esqueça de dizer a ela que pagarei 150 francos por hora e que provavelmente não precisarei mais do que uma hora hoje.

Michelle assentiu e voltou a falar ao telefone:

— Gisele? Como vai? Aqui é Michelle de novo... Está cansada? Todo mundo está. Mas este é um caso especial. Está aqui comigo uma proeminente jornalista americana que veio de Paris, chamada Liz Finch. Ela acaba de chegar a Lourdes. Não quer sair com as nossas excursões normais para a imprensa. Prefere ter a sua própria guia para mostrar-lhe a cidade, visitar os locais históricos, a gruta. Pode valer a pena. — Uma pausa. — Ela paga 150 francos por hora. — Outra pausa. — Obrigada, Gisele. Direi a ela.

Michelle desligou e virou-se para Liz.

— Está com sorte, Srta. Finch. Gisele pediu que a esperasse aqui. Ela virá buscá-la dentro de 15 minutos.

— Ótimo.

— Foi um prazer ajudar. Enquanto espera, talvez queira conhecer a nossa mais nova instalação, uma barraca para a imprensa armada lá fora,,especialmente para atender ao fluxo de jornalistas que começará amanhã. Há mesas com máquinas de escrever elétricas, uma bateria de telefones para ligações internacionais, material de escritório, café, refrescos. Pode usar qualquer coisa que desejar, a qualquer momento, quando houver espaço disponível.

— Obrigada. Darei uma olhada amanhã. Quero me concentrar em uma coisa de cada vez. E quero saber tudo sobre Bernadette e Lourdes antes de cuidar de qualquer outra coisa. Espero que a sua amiga, essa guia...

— Mademoiselle Gisele Dupree.

— Isso mesmo. Espero que ela possa me ajudar.

A assessora de imprensa sorriu tranquilizadamente.

— Posso lhe garantir, Srta. Finch, que ela lhe dirá muito mais, do que precisará saber.

Elas estavam na primeira etapa da excursão a pé, acompanhando os passos de Bernadette, a caminho do *cachot* em que a família Soubirous vivia na miséria quando a santa tinha 14 anos e vira a primeira aparição da Virgem Maria na gruta.

Seguiam lado a lado e Liz mantinha os olhos fixados na jovem guia, fingindo escutar atentamente o que ela dizia, mas na verdade estudando-a. Ao serem apresentadas no serviço de imprensa, 20 minutos antes, Liz sentira uma antipatia instantânea, porque à primeira impressão a guia lhe lembrara Marguerite Lamarche, sua rival na API. Gisele Dupree era bonita e sensual, à maneira especial francesa, possuindo a beleza e sensualidade globais que Marguerite sempre ostentara. A guia fizera com que Liz se sentisse imediatamente feia e desajeitada, mais uma vez consciente dos seus desgrehados cabelos cor de cenoura, nariz pontudo, lábios finos, queixo pequeno, seios caídos, quadris enormes, pernas arqueadas. No mundo da feminilidade, Gisele era mais uma inimiga.

Mas agora, depois de andar em sua companhia, estudando-a mais atentamente, Liz compreendia que, a não ser pela perfeição global, Gisele não era absolutamente como Marguerite. Sua rival na API era esguia e distante. Gisele era completamente diferente. Não era como uma típica modelo da alta moda francesa. Ao contrário, era a típica *gamine* francesa. Gisele era pequena, talvez com 1,60m de altura, cabelos claros, cor de trigo, presos atrás num rabo-de-cavalo. O rosto era franco, compenetrado. Um par de óculos de aros brancos, em formato de coração, lentes escuras, apoiava-se no nariz pequeno, bem baixo.

Por cima, havia olhos verdes-cinzas, por baixo, lábios cheios e úmidos, especialmente o inferior. Por trás da blusa branca, o sutiã cor da pele mal conseguia encobrir os seios firmes e mamilos proeminentes. Em sua saia branca pregueada, parecia uma criança-mulher, saudável, bronzada, esportiva. Liz calculava que ela devia ter 25 anos.

Enquanto andavam, Gisele recitava o seu relato compenetrada, tentando torná-lo interessante, com alguma ênfase aqui, pausas ali, embora apenas repetisse o que declamava em suas excursões diárias. Para uma francesa, o seu inglês coloquial, um inglês americanizado, parecia saído diretamente das ruas de Manhattan. Quando era cumprimentada por transeuntes que a conheciam, Gisele respondia não apenas em francês, mas também ocasionalmente em espanhol e alemão aceitáveis. Uma jovem extraordinária para estar prisioneira numa remota cidade provinciana como Lourdes. Liz já começava a gostar de sua companheira. Resolveu ser mais atenta e sintonizada.

— Portanto, como pode imaginar — Gisele estava dizendo — o pai de Bernadette, François Soubirous, sempre foi um perdedor. Era um homem forte, calado, talvez bebesse demais, inepto nos negócios. Aos 35 anos, casou-se com uma moça gentil de 17 anos, chamada Louise. Um ano depois nasceu Bernadette. Viviam no moinho Boly, onde François moia os cereais dos vizinhos. Mas ele acabou perdendo o moinho. Era perdulário demais com dinheiro, não tinha boa cabeça para os negócios. Passou a trabalhar como diarista. Algum tempo depois, arrumou dinheiro emprestado e investiu em outro moinho. Mas também perdeu-o, dentro de um ano. Dos oito filhos que se seguiram a Bernadette, apenas quatro sobreviveram à infância, Toinette, Jean-Marie, Justin e Bernard-Pierre. A família afundou na mais profunda pobreza, até que um parente instalou-os numa cela de prisão abandonada, a Gaol, que uma autoridade da ocasião descreveu como "uma choça fétida e escura". Eram quatro metros por 40, úmida, malcheirosa, recendendo a esterco. Um lugar horrível. Verá pessoalmente, dentro de alguns minutos.

— Era lá que Bernadette vivia? — perguntou Liz — Como ela se saía?

— Não muito bem, infelizmente — respondeu Gisele. — Era uma garota pequena, um pouco atraente, menos de um metro e meio de altura, alegre e basicamente inteligente. Mas era ignorante, não sabia ler, não falava francês, apenas o dialeto bigourdano local, era frágil, sofrendo de asma e desnutrição. Para ajudar a família, ela trabalhava como garçonzete no bar da tia. Também ia com frequência ao rio próximo, o Gave de Pau, a fim de recolher ossos, pedaços de pau, fragmentos de ferro, vendendo por alguns *sous*.

Haviam entrado numa rua estreita, muitas de suas casas antigas com reboco descascando, num dismantelo geral, quando Gisele disse:

— Chegamos. A Rue des Petits-Fossés. A Gaol está ali em frente, no lado esquerdo. Número 15. Vamos entrar.

Passando pela entrada do prédio, Liz ouviu Gisele explicar que o cômodo que abrigara as seis pessoas da família Soubirous ficava nos fundos, ao final de um corredor comprido, de onde saía uma litania de vozes abafadas. Atravessaram o corredor até uma porta baixa nos fundos. Lá dentro, Liz viu um grupo de uma dúzia de peregrinos ingleses, reunidos em semicírculo, as cabeças inclinadas, todos entoando, em uníssono:

— Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco... Momentos depois, as devoções concluídas, o grupo se retirou.

Gisele gesticulou para que Liz entrasse. Exceto por dois bancos de madeira toscos e umas poucas achas empilhadas na lareira, o cômodo não tinha praticamente mais nada. Um crucifixo grande, de madeira escura, estava pendurado por cima da lareira. Liz sacudiu a cabeça.

— Seis pessoas? — murmurou ela. — Neste buraco?

— Exatamente — confirmou Gisele. — Mas não se esqueça de que foi daqui que Bernadette saiu a 11 de fevereiro de 1858 para recolher a lenha que haveria... em certo sentido... de iluminar Lourdes para o mundo inteiro. — Gisele fez uma pausa, gesticulando em torno da cela. — O que acha disso?

Liz contemplava o reboco que se desprendera das paredes, deixando à mostra as pedras sujas.

— O que acho é que os dirigentes da cidade e a igreja vêm fazendo um péssimo trabalho de preservação do lugar em que vivia a garota... a garota que tornaria a cidade tão famosa e próspera. Não compreendo a negligência.

Gisele aparentemente nunca pensara nisso, vira o local histórico com frequência demais para perceber como era mal cuidado. Olhou ao redor com uma nova percepção e murmurou:

— Talvez tenha razão, Srta. Finch.

— Vamos sair daqui — disse Liz.

Voltando à rua, Gisele anunciou, profissionalmente:

— Iremos agora ao moinho Lacadé e depois ao Boly, onde Bernadette nasceu. Em seguida iremos ao asilo das Irmãs de Instrução Cristã e Caridade de Nevers, onde finalmente Bernadette recebeu alguma educação...

Liz levantou a mão.

— Não, não vamos perder tempo com essas coisas sem importância. Sou jornalista e não vou encontrar nada de novo nesses lugares. Quero ir diretamente ao prato principal.

— Ao prato principal?

— A gruta. Quero conhecer a gruta de Massabielle. Momentaneamente aturdida por essa mudança em sua rotina,

Gisele recuperou-se depressa.

— Muito bem. -Mas podemos perfeitamente passar pelo moinho Lacadé. Fica a poucos metros daqui, o número 2 da Rue Bernadette Soubirous... e de lá

poderemos descer a ladeira e seguir para a gruta.

— É muito longe?

— Não. Já vai ver.

As duas recomeçaram a andar e poucos minutos depois pararam na frente da casa de pedra com um cartaz de quase meio metro de altura, anunciando: MAISON PATERNELLE DE STE. BERNADETTE.

— O que é isto afinal? — perguntou Liz, contemplando a casa de três andares na esquina de uma viela. — Era aqui que os pais dela moravam?

— Muito mais tarde, depois que ela se tornou famosa.

— Vamos dar uma entrada rápida — disse Liz.

Ela entrou primeiro, acompanhada por Gisele. Do vestibulo, ela viu uma porta aberta e uma escada de madeira. Lá dentro funcionava uma loja de *souvenirs*. Gisele apressou-se em explicar.

— O que se tornou agora uma loja era, no tempo de Bernadette, uma cozinha e o quarto de baixo. Deixe-me levá-la lá para cima, onde poderá ver a cama de Bernadette.

Enquanto subiam, Gisele acrescentou:

— Esta é a escada original.

Dava mesmo a impressão de ser, pensou Liz, toda irregular e rangendo muito. As duas chegaram a um quarto. Não era grande, mas também não era muito apertado.

— Nada mal — comentou Liz.

— Mas também nada bom — disse Gisele.

— Mas não é exatamente a choupana das choupanas. Já conheci quartos familiares piores em Washington e Paris.

— Não se deixe enganar. Isto foi reformado e limpo para os turistas.

Liz examinou os móveis do quarto. A cama de Bernadette, coberta por uma colcha azul quadriculada, estava envolta por uma redoma de vidro, rachada. Na parede, em meio a incontáveis grafites, estavam penduradas três fotografias emolduradas, desbotadas pelo tempo, mostrando Bernadette, a mãe e o pai. No outro lado, um velho relógio de pé e uma cômoda, sobre a qual estavam várias estatuetas ordinárias da Virgem Maria, eram protegidos dos turistas por uma rede de arame comum. Liz torceu o nariz.

— O que é isto, no final das contas? Um quarto, apenas um quarto, mais um quarto miserável, mais nada. Não há notícia aqui. Quero ir ao lugar em que está a notícia.

Deixando a casa, elas voltaram ao Boulevard de la Grotte. Recomeçaram a andar, mas logo tornaram a parar. Apontando para um portão cinzento de ferro batido, no outro lado da ponte através do rio, Gisele informou:

— Ali começa o *Domaine de la Grotte*, também chamado de Domínio dos Santuários. São cinco mil metros quadrados. Para que tenha uma ideia melhor,

devemos nos aproximar da gruta por este lado.

Liz avistou um terreno grande que parecia um campo de futebol, só que um pouco oval. Ela deu de ombros, amavelmente.

— Como quiser.

Elas atravessaram a ponte, aproximaram-se do portão e entraram no que Liz constatou agora parecer com um campo de desfiles.

— Acabamos de passar pelo portão de Saint-Michel, entrando na área do domínio — explicou Gisele. — Esta esplanada leva às três igrejas no outro lado... a mais alta, com os dois campanários e a torre octogonal, é a Basílica da Imaculada Conceição ou Basílica Superior. Mais abaixo fica a Cripta e no fundo a Basílica do Rosário. A Cripta com sua capela foi construída primeiro, seguindo a Basílica Superior. Mas quando o clero compreendeu que não seria suficiente para abrigar o fluxo diário de peregrinos, os planejadores acrescentaram a Basílica do Rosário, com suas 15 capelas e lugar para mais de duas mil pessoas. A gruta sagrada fica à direita da Basílica Superior. Não pode ser vista daqui.

Liz Finch estava claudicando até um banco de ferro.

— Preciso descansar os pés por alguns minutos. — Ela sentou-se, com um suspiro de alívio, tirou os sapatos sem saltos. Acenou com a mão ao redor. — O que é tudo isto? Falou que era domínio. O que significa tudo isto? Você chamou de domínio. O que vem a ser?

Gisele se aproximou.

— Bom... primeiro, antes de poder compreender o que isto significa, tem de compreender o que a gruta significa. Porque a gruta tornou isto possível! — Ela fitou Liz nos olhos. — Sabe por que a gruta é tão importante?

— Claro. Foi o lugar em que Bernadette afirmou ter visto a Virgem Maria diversas vezes... e onde a Virgem Maria lhe revelou um segredo. Não é isso?

— É, sim. Mas, para compreender plenamente, Srta. Finch, é melhor saber o que aconteceu aqui, se tenciona escrever a respeito. A Virgem Maria apareceu a Bernadette 18 vezes, entre 11 de fevereiro e 16 de julho de 1858.

— Recordo que mencionaram isso na entrevista coletiva em Paris — comentou Liz. — E, mais tarde, pesquisei as aparições.

— Pois deve saber o máximo possível sobre as visitas, porque isto é o essencial aqui.

Liz tornou a suspirar, sofrendo com o calor.

— Se insiste, pode falar. Mas não descreva todas as 18 aparições. Eu não poderia suportar com este calor.

— Claro que não. Não precisa conhecer todos os detalhes. Permita-me apenas relatar completamente a primeira aparição. E, depois, falarei sobre os pontos culminantes das outras visitas. Isso será suficiente.

Liz pegou um lenço na bolsa e enxugou o suor da testa.

— A primeira aparição e depois algumas informações sobre as outras. Muito

bem, estou escutando.

Imediatamente à vontade, Gisele Dupree sentou-se e se lançou à sua conversa padronizada de guia:

— Ao raiar do dia, uma manhã de quinta-feira, 11 de fevereiro de 1858, Bernadette, sua irmã mais moça, Toinette, e uma das colegas de escola da irmã, Jeanne, resolveram ir até as margens do Gave de Pau, o rio na beira da cidade, a fim de recolher pedaços de madeira trazidos pela correnteza e fragmentos de osso, a fim de ajudar a família de Bernadette. Como a manhã estava fria e a saúde de Bernadette era precária, a mãe insistiu que usasse o seu *capulet*, uma espécie de touca, e meias, além do vestido e dos sapatos de madeira. Lembre-se que Bernadette tinha 14 anos na ocasião, era ignorante, mas inteligente. As três meninas passaram pelo moinho Savy e seguiram ao longo do canal na direção do Gave, que se encontrava com o canal perto de uma gruta grande, conhecida como Massabielle. As outras duas meninas entraram prontamente na água fria do canal. Depois de exortarem Bernadette a segui-las, começaram a procurar por pedaços de madeira junto à margem. Bernadette planejava entrar também no canal, mas se demorou a tirar os sapatos e as meias. Ao se encostar numa pedra para fazê-lo, aconteceu uma coisa curiosa, algo que afetaria o mundo inteiro. — Gisele fez uma pausa dramática e depois acrescentou: — Foi muito curioso.

— Continue — disse Liz, pacientemente.

— Relatarei a ocorrência nas próprias palavras de Bernadette. Já as decorei. Foi assim que Bernadette falou a respeito depois: "Mal tinha tirado a primeira meia quando ouvi um barulho, parecendo um pé-de-vento. Virei-me para a campina e vi que as árvores não se mexiam. Já tinha notado, mas sem prestar maior atenção, que os galhos e arbustos ao lado da gruta estavam balançando.

"Estava metendo um pé na água quando ouvi o mesmo som à minha frente. Fiquei assustada e me ergui. Perdera toda a capacidade de falar. Levantei os olhos e vi um punhado de galhos e arbustos por baixo da entrada mais alta da gruta balançando... embora mais nada se mexesse.

"Quase que ao mesmo tempo, saiu da gruta uma nuvem dourada e logo depois uma Dama de branco, jovem e bonita, extraordinariamente bonita, não muito maior do que eu, que me cumprimentou inclinando ligeiramente a cabeça. Ao mesmo tempo, ela estendeu os braços e abriu as mãos, como um retrato ou estátua, de Nossa Senhora. Um rosário pendia por cima de seu braço direito.

"Fiquei com medo e recuei. Senti vontade de chamar as outras duas garotas, mas não tive coragem para fazê-lo.

"Esfreguei os olhos uma porção de vezes. Pensei que devia estar enganada, não havia nada ali.

"Levantando os olhos, vi que a Dama me sorria gentilmente e parecia me convidar a chegar mais perto. Mas eu ainda estava com medo. Só que não era

um medo como já tinha sentido outras vezes, pois poderia ter ficado ali a olhar para ela o tempo todo, enquanto sempre se fuge depressa quando se tem medo.

"Pensei então em dizer minhas orações. Meti a mão no bolso e tirei o rosário que sempre levava comigo. Ajoelhei-me e tentei fazer o sinal-da-cruz, mas não consegui levantar a mão até a testa. A mão caiu.

"Enquanto isso, a Dama deu um passo para o lado e virou-se para mim. Desta vez tinha as contas grandes na mão. Fez o sinal-da-cruz, como se estivesse rezando. Minha mão tremia. Tentei de novo fazer o sinal-da-cruz e desta vez consegui... não estava mais com medo.

"Eu disse meu rosário. A Dama passava as contas pelos dedos, mas não mexia os lábios. Enquanto eu dizia o rosário, observava a Dama o mais atentamente que podia.

"Ela usava um vestido branco que descia até os pés e apenas as pontas dos dedos apareciam. O vestido era apertado no pescoço, do qual pendia um cordão branco. Um véu branco cobria a cabeça e caía pelos ombros e braços, quase até a bainha do vestido.

"Vi em cada pé uma rosa amarela. A faixa do vestido era azul e caía abaixo dos joelhos. A corrente do rosário era amarela, as contas grandes e brancas, bastante espaçadas.

"A Dama era viva, muito jovem, cercada de luz.

"Quando terminei meu rosário, a Dama se inclinou para mim, sorrindo. Retirou-se para o interior da gruta... e subitamente a nuvem dourada desapareceu." Esta foi a primeira visão de Bernadette. Este foi o começo.

Gisele calou-se e Liz não fez qualquer comentário. O silêncio foi finalmente rompido por Liz:

— Está querendo dizer que todos acreditaram nessa alucinação?

— No início, ninguém acreditou. Na verdade, Bernadette queria guardar a história só para si. Mas a irmã contou à mãe, que esbofeteou Bernadette por inventar histórias. Depois de visões subsequentes na gruta, o padre da paróquia, Padre Peyramale, escarneceu dela. O Comissário de Polícia Jacomet, um homem normalmente jovial, acusou-a de ser mentirosa.

— Mas Bernadette continuou a voltar à gruta e viu a Virgem Maria mais 17 vezes?

Gisele assentiu, gravemente.

— Dezoito vezes no total. Deseja ouvir os fatos essenciais?

— Está certo... mas só os fatos essenciais.

— Três dias depois, Bernadette foi atraída de volta à gruta, caiu em transe e tornou a ver a Virgem Maria. Quatro dias mais tarde, Bernadette viu a Virgem Maria pela terceira vez. A Virgem falou e pediu a Bernadette que viesse à gruta regularmente durante as duas semanas seguintes. Ela disse: "Não prometo fazê-la feliz neste mundo, mas sim no outro."

Gisele fez uma breve pausa, antes de continuar:

— Apesar de muita oposição, Bernadette obedeceu às instruções da Virgem e continuou a rezar na gruta. Impressionados com a sinceridade e a atitude de Bernadette, os habitantes da cidade começaram a segui-la até a gruta e observá-la.

— E Bernadette continuou a ver a Virgem Maria?

— Exatamente. Foi na sétima vez que a Virgem contou a Bernadette o último de seus segredos, de que faria um reaparecimento na gruta este ano. Na 13ª vez em que apareceu a Bernadette, a Virgem disse duas coisas à menina: "Vá e diga aos padres para construírem uma capela aqui... Quero que as pessoas venham aqui em procissão." Foi registrado que havia 1.650 pessoas reunidas como espectadoras na gruta naquela manhã.

— E essas pessoas viram e ouviram o que Bernadette viu e ouviu?

— Claro que não. A Virgem Maria era visível apenas a Bernadette e só podia ser ouvida por Bernadette.

— Ah...

Ignorando o ceticismo óbvio de Liz, Gisele continuou apressadamente a contar sua história:

— A visão da Virgem mais importante de Bernadette foi a 16ª. Ocorreu às cinco horas da manhã. A Virgem estava à sua espera na gruta. Segundo Bernadette, "ela uniu as mãos novamente na altura do peito, levantou os olhos para o céu e depois me disse que era a Imaculada Conceição". Como Bernadette presumivelmente não sabia, na ocasião, o que era Imaculada Conceição, a repetição do que ouvira teve maior veracidade. Quando ela comunicou isso ao Padre Peyramale, até então cético, ele virou por completo. Convenceu-se que as visões de Bernadette da Dama celestial eram autênticos milagres. Bernadette tornou a ver a Virgem a 7 de abril. Houve depois um lapso prolongado, até 16 de julho, quando Bernadette recebeu um chamado interior, seguiu apressadamente para a gruta e viu a Virgem Maria pela última vez.

— Está querendo me dizer que todos se converteram em crentes depois que a Virgem disse que era a Imaculada Conceição?

— Houve outros fatores — explicou Gisele. — Na 17ª aparição estava presente um homem cético, de formação científica, um certo Dr. Pierre-Romain Dozous, que observou a chama da vela acesa que Bernadette segurava lambendo os dedos. Contudo, depois, ela não apresentava quaisquer sinais de queimaduras da chama. E logo começaram as curas milagrosas. Acima de tudo, havia a convicção e a sinceridade inabaláveis de Bernadette. O chefe de polícia tentou preparar-lhe uma armadilha, a fim de provar que ela inventava tudo aquilo para ganhar dinheiro. Mas Bernadette nunca aceitou uma moeda sequer. E não houve qualquer possibilidade de levá-la a fazer uma única declaração contraditória. Ela era simples, franca, não queria a atenção pública. Afastou-se

até dos olhos do público, tornou-se uma reclusa e depois uma freira, oito anos mais tarde. Cinco dias depois de sua última visão, o Bispo de Tarbes e Lourdes formou a sua comissão de inquérito. E menos de quatro anos depois, ele anunciou: "A Aparição que se deu o nome de Imaculada Conceição, que Bernadette viu e ouviu, é a própria Virgem Santa."

— Mas a coisa não ficou tão simples assim — comentou Liz. — Como nos afastamos da doce e simples Bernadette até... até *isto*?

O rosto da guia se encontrava franzido em pensamento.

— Levaria muito tempo para explicar tudo, mas deixe-me só contar as coisas principais que aconteceram depois que as visões de Bernadette foram proclamadas autênticas. O Padre Peyramale, atendendo ao pedido da Virgem, começou a construir uma igreja por cima do santuário. Mas as autoridades diocesanas decidiram que o acontecimento era importante demais para ser deixado aos cuidados de um pároco local, que era um homem simples e não tinha cabeça para finanças. Assim, entregaram a área aos cuidados de um grupo próximo de padres católicos, os padres Garaizon, posteriormente chamados de Padres da Imaculada Conceição, conhecidos por sua agressividade e talentos promocionais. Esses padres, sob o comando do Padre PierreRémy Sempé, o antigo secretário do bispo, entraram em ação imediatamente. Para as procissões, compraram terras e fizeram esta esplanada, uma espécie de parque, como parte do Domínio de Nossa Senhora. Depois concluíram a Basílica Superior. Levantaram dinheiro para construir a Basílica do Rosário. Finalmente, dois anos depois que a primeira grande peregrinação organizada, de oito mil pessoas, veio à gruta, a companhia ferroviária, devidamente pressionada, desviou seus trens para passarem por Lourdes. Em sete anos, vieram as primeiras peregrinações do exterior, procedentes do Canadá e Bélgica. Depois disso, Lourdes passou a pertencer ao mundo inteiro. Hoje, mais de cinco milhões de peregrinos e turistas aparecem aqui todos os anos. Gisele Dupree levantou-se.

— Creio que agora você está pronta para ver a gruta.

Liz enxugou novamente o suor da testa e também se levantou.

— Está certo, vamos à gruta.

Enquanto avançavam pelo terreno aparentemente interminável do domínio, Gisele apontou para uma série de escritórios, sob uma passarela que levava à Basílica Superior.

— Ali está a Hospitalidade, o setor encarregado do conforto dos visitantes, especialmente os peregrinos. Mais abaixo é o centro dos *brancardiers*, os voluntários que vêm de todas as partes para empurrar as três mil cadeiras de banho, as milhares de cadeiras de rodas e carregar os inválidos mais graves em 150 maçãs. O Serviço Médico, ao qual são comunicadas as curas milagrosas e estudadas por médicos de todas as fés ou sem qualquer fé, também fica sob a passarela, à direita. Por trás há um hospital... e tem um segundo no outro lado do

rio.

Gisele viu Liz tirar o maço de cigarros da bolsa e advertiu-a firmemente:

— Lamento, Srta. Finch, mas não é permitido fumar.

— Essa é demais! — murmurou Liz.

— Estamos agora junto da Basílica Superior, um prédio espetacular — comentou Gisele. — Podemos subir pelas passarelas e as escadas para entrar.

— Não, obrigada — disse Liz, irritada.

— Tem certeza de que não quer? O interior é imenso e assombroso... a nave, os corações prateados em torno da nave com algumas das palavras que a Virgem disse a Bernadette, como "Penitência... Você deve rezar pela conversão dos pecadores!... Vá e beba na fonte e se lave nela!... Eu sou a Imaculada Conceição!" Vai gostar dos 19 vi trais.

Liz sacudiu o rosto suado e a cabeça vigorosamente.

— Chega dessas coisas de guia, Gisele. Basta apenas me mostrar a gruta.

Gisele deixou escapar um suspiro infeliz.

— A gruta... Está bem. Fica depois do canto da Basília, além daquela arcada.

Os pés doloridos, Liz seguiu a guia até o outro lado das igrejas absurdamente gigantescas. Passaram por um *stand* de velas à venda e encontraram um grupo considerável de pessoas; sentadas em bancos, ajoelhadas em oração. Algumas se achavam em cadeiras de rodas. Todas se concentravam em alguma coisa à esquerda.

Liz virou-se ligeiramente e lá estava. A gruta. A gruta de Massabielle. Uma caverna simples, cinzento-escura, aberta na encosta da colina pela natureza, com arbustos e árvores por cima. Liz não sabia o que esperar, mas ficou desapontada. Para uma maravilha do mundo, não era grande coisa.

Ela estudou-a mais atentamente. Num nicho por cima da abertura havia uma imagem da Virgem Maria. Uma imagem tradicional, não muito diferente de qualquer outra que Liz já vira. Por baixo da imagem havia uma estante com uma centena ou mais de velas votivas ardendo. Gisele estava falando:

— Um escultor de Lyon fez essa imagem e ofereceu-a em 1864. Bernadette não gostou.

— É mesmo?

— Bernadette sempre foi muito franca. Olhe ao redor e verá uma porção de muletas, descartadas por peregrinos aleijados que ficaram curados aqui. — Gisele indicou uma fila de visitantes que avançavam lentamente pelo interior da gruta e acrescentou: — Gostaria de conhecer a gruta mais de perto?

— Por que não?

Gisele e Liz entraram na fila. Enquanto avançavam, entre a placa de mármore de um altar e a parede da gruta, Liz observou que muitas pessoas se inclinavam para beijar a parede.

— Há na verdade três aberturas na gruta, embora pareça haver só uma —

informou Gisele.

Ao passarem pelo altar, Gisele apontou para uma grade trancada, através da qual Liz viu um filete de água, coberto por vidro. Gisele explicou.

— A fonte curativa sagrada. Em 1858 só havia terra aqui. Durante a nona aparição, Bernadette informou que a Dama "me disse para ir beber e me lavar na fonte. Não vi nenhuma e me encaminhei para o Gave. Ela disse que não era lá e apontou para um lugar abaixo do precipício. Encontrei uma pouca de água, que mais parecia lama. Havia tão pouco que mal consegui meter a mão. Comecei a escavar e logo havia mais água". A água continuou a correr naquela noite e acabou se transformando na fonte milagrosa.

Elas saíram da gruta para o sol. Gisele apontou para um muro rústico por trás delas, que Liz não percebera ao se aproximarem da gruta. Peregrinos se concentravam ali, enchendo recipientes em torneiras, das quais jorrava a água sagrada.

— A fonte subterrânea, que a Virgem orientou Bernadette a descobrir, está agora canalizada para aquelas torneiras. Mais adiante ficam os 14 banhos em que os peregrinos podem imergir nas águas da gruta. As águas dos banhos são esvaziadas e reenchidas duas vezes por dia. Beber a água, imergir nela, além de orar na gruta, parece ser responsável pela maioria das curas milagrosas que ocorreram. Quer dar uma olhada mais de perto nas torneiras e nos banhos?

Liz Finch soltou um grunhido.

— Só quero uma coisa neste momento: sentar. Meus pés estão me matando. Há algum café aqui por perto?

— Há, sim. Tem uma rampa no outro lado da igreja que leva diretamente ao Boulevard de la Grotte. E bem no outro lado tem um ótimo café, Le Royale. Pode sentar-se lá e tomar alguma coisa.

— Pois então vamos logo. Se tem alguns minutos disponíveis, por que não me acompanha? Tome um sorvete ou um café. O que me diz?

Gisele ficou satisfeita.

— Digo que é um bom convite. E aceito.

Com algum esforço, respirando como uma toninha enalhada, Liz seguiu a jovem guia pela rampa íngreme até o Boulevard de la Grotte. Esperaram por uma brecha no tráfego e atravessaram apressadamente o bulevar, seguindo para a esquina em que ficava o café com cadeiras na calçada.

Liz cambaleou para a primeira mesa quadrada vazia e quase arriou na cadeira preta. Um garçom magro, colete preto sobre a camisa branca, materializou-se quase que no mesmo instante.

— Água de Evian e sorvete, qualquer sabor — balbuciou Liz, em inglês, impaciente demais para usar o francês.

— *Glace, vanilla pour deux* — disse Gisele. Trocando para inglês, ela acrescentou: — E também uma garrafa pequena de Evian.

Depois que o garçom se afastou, Liz contemplou irrequieta o café e os fregueses esparsos. Meteu a mão na bolsa à procura do maço de cigarros, perguntando:

— Ainda estou no domínio? Ou já posso fumar agora?

— Pode, sim.

Acendendo o cigarro, soprando uma nuvem de fumaça, Liz voltou a concentrar toda a sua atenção na guia.

— Estou curiosa sobre uma coisa, Gisele. Todas essas coisas que me falou a respeito de Bernadette e da Virgem... não acredita realmente nisso, não é mesmo? Estava apenas me lançando a sua conversa rotineira para turistas, não é mesmo?

Gisele hesitou por um instante, antes de responder: — Fui criada como uma boa católica.

— Não respondeu à minha pergunta.

— O que posso dizer? Acho que não sabemos de tudo o que acontece no mundo. Talvez haja milagres.

— Talvez haja também coisas como propaganda e promoção.

— É possível — admitiu Gisele. — Mas você não é católica, obviamente, por isso vê as coisas de maneira diferente.

— Não é esse o caso — disse Liz, impacientemente. — Sei muito bem que há acontecimentos inexplicáveis neste mundo. Afinal, já li Charles Fort.

Gisele permaneceu impassível.

— Quem?

— Não importa. Foi um sujeito que escreveu sobre acontecimentos que a ciência não podia explicar. Mas essa história de Bernadette é demais. A garota deve ter sido maluca. Acredita mesmo que a Virgem disse a ela que reapareceria na próxima semana?

Gisele tornou a hesitar.

— Eu... eu não sei dizer. Imagino que tudo parecia mais aceitável em 1858. O mundo está muito racional e realista hoje. Misticismo e maravilhas religiosas ocupam agora um lugar de menor importância.

— Pois eu não penso em momento algum que haverá um Segundo Advento da Virgem. Acho que é uma manobra da Igreja. As coisas devem andar mal para o seu lado e a Igreja decidiu lançar essa jogada.

— Uma manobra? — Gisele ficou aturdida por um momento.

— Ah, sim, uma manobra publicitária. — Ela fez uma pausa, sorrindo. — Mesmo assim, isso trouxe-a a Londres. Porque está aqui?

— Porque é meu trabalho. Tenho de ganhar a vida. E sou obrigada a fazer o que meu chefe manda. E quer este evento seja ou não uma bobagem, ele ainda acha que é notícia para milhões de crédulos pelo mundo. É verdade, estou aqui. Mas você também está aqui. Por que *você* está aqui?

Antes que Liz pudesse ter uma resposta, o garçom voltou com uma bandeja, em que havia dois pratos com sorvete e uma garrafa pequena de Evian. Ele pôs diante delas os sorvetes, colheres, guardanapos, dois copos, abriu a garrafa e serviu a água.

No instante em que o garçom se retirou, Liz pegou seu copo e bebeu. Depois, começou a tomar o sorvete.

— Repito — disse Liz — por que você está aqui?

— Porque nasci aqui — respondeu Gisele, simplesmente. — Porque ganho a vida aqui. Mas também estou interessada em Lourdes. Não preciso de qualquer manobra publicitária para me interessar.

— Só estou perguntando porque acho que você tem classe demais para esta cidade estúpida. Além disso, seu inglês é de primeira. Onde aprendeu a falar assim? Não foi simplesmente vivendo numa cidadezinha provinciana ou estudando na escola. Como aconteceu?

— Nem sempre vivi aqui, já morei em Nova York — informou Gisele, orgulhosamente. — Trabalhei na ONU.

Liz não escondeu sua surpresa.

— É mesmo? Jura que não está brincando?

— Claro que não.

— Na ONU? O que fazia lá?

Liz percebeu que Gisele parecia relutante em responder. Mas a jovem guia acabou falando, firmemente:

— Fui contratada por Charles Sarrat para ser sua secretária quando ele foi designado para embaixador francês na ONU.

— Sarrat? O ex-ministro da Cultura? Por que ele iria contratar... uma moça provinciana para um cargo tão sofisticado?

— Eu não era a sua única secretária. Ele tinha várias. Mas era eu quem cuidava de suas questões pessoais.

— Mesmo assim...

— Contarei como aconteceu — Gisele apressou-se em dizer. — Sarrat e a esposa são católicos devotos... ou pelo menos ela é. Estiveram em Lourdes numa visita há três anos. Fui a guia, a pessoa que lhes mostrou tudo. Sarrat ficou bastante impressionado comigo... minha vivacidade, o conhecimento de inglês que já possuía naquela ocasião, aprendido com turistas americanos e britânicos. Assim, quando ele foi designado para representar a França na ONU e começou a formar uma equipe, lembrou-se de mim e fez o convite. Fiquei emocionada.

— Dá para entender — comentou Liz.

— Depois de umas poucas semanas de treinamento em Paris, acompanhei o Embaixador Sarrat e outros membros de sua equipe a Nova York — Os olhos de Gisele brilhavam, enquanto ela sacudia o rabo-de-cavalo num gesto de entusiasmo. — Eu estava emocionada além de tudo o que se pode imaginar. O

emprego me proporcionava novos horizontes, uma imagem real do mundo. Poderia ter trabalhado lá para sempre. Mas, depois de um ano, Sarrat reduziu sua equipe e fui dispensada.

Liz avaliou sagazmente a linda moça.

— Madame Sarrat também estava em Nova York durante aquele primeiro ano?

— Não. Ela ficou presa em Paris. Só foi para Nova York depois do primeiro ano.

— E foi a ocasião em que seus serviços foram dispensados. — Bom...

Gisele parecia desamparada.

— Não precisa explicar — acrescentou Liz. — Posso compreender por que foi dispensada, olhando para você e tendo me encontrado com a esposa de Sarrat em diversas ocasiões. Presumo que estava dormindo com o chefe ou Madame Sarrat receava que isso pudesse acontecer. Imagino que qualquer mulher com menos de 30 anos e bonita seria dispensada. Não precisa responder. Não é importante. Seja como for, foi dispensada e voltou para Lourdes.

— Não imediatamente. Fui para Paris e fiquei lá por várias semanas. Tinha uma nova ambição. Queria voltar à ONU como intérprete e tradutora. É um emprego maravilhoso e muito bem pago. Soubera na ONU que havia uma escola especial de tradutores em Paris, ISIT... Instituto Superior de Intérpretes e Tradutores. Fui verificar. Há um curso de quatro anos que eu poderia fazer em três anos, concentrando-me em inglês, alemão e russo. Uma ótima escola, mas muito cara. O preço é 10 mil francos por ano... 30 mil francos em três anos... além de casa e comida. Eu me qualificava por todos os aspectos, menos o financeiro. Resolvi voltar a Lourdes, trabalhar bastante, economizar cada franco possível... economizo até mesmo o dinheiro de, casa e comida, morando com meus pais, que têm um apartamento não muito longe de Lourdes. Vou jantar em casa todas as noites e volto a Lourdes de manhã bem cedo. Estou determinada a reunir o dinheiro suficiente para fazer o curso de tradutora. Depois que tiver o diploma, poderei arrumar um emprego de alto nível na ONU. O Embaixador Sarrat prometeu ajudar-me. Isso é tudo o que quero.

Liz Finch escutara atentamente. Terminando o sorvete, ela tomou a água, observando a jovem guia por cima do copo.

. — Então é dinheiro, guardar dinheiro... é nisso que está empenhada?

— Exatamente. Tento guardar dinheiro, mas o trabalho não paga muito. Levarei uma eternidade.

Liz tirou outro cigarro do maço e levou a chama do isqueiro à extremidade.

— Talvez não precise levar uma eternidade.

A testa lisa de Gisele se franziu.

— Como assim?

— Há muitos meios de ganhar um bom dinheiro, a quantia que você precisa.

— Como?

— Pense em mim, por exemplo, como uma possível fonte de dinheiro — disse Liz — Não sou rica. Tudo menos isso. Mas trabalho para uma agência noticiosa americana rica. A API costuma investir bastante dinheiro para obter uma história exclusiva. Valeria um bom dinheiro se eu encontrasse alguém que pudesse me ajudar a desencavar uma grande história em Lourdes. Ajudaria a mim, ajudaria à API e certamente ajudaria à pessoa que me levasse a essa história.

Gisele estava alerta e fascinada, mas confusa.

— Uma grande história? Como assim? Se a Virgem Maria reaparecer na gruta?

— Isso seria certamente uma grande história, mas não seria exclusiva. Portanto, não mereceria qualquer pagamento especial. Mas não é disso que estou falando. A Virgem não reaparecerá; portanto, é melhor esquecermos esse ângulo.

— Se houver um milagre, uma cura súbita e inexplicável, isso é uma grande história?

— Pode ser, mas apenas se Liz Finch chegar primeiro, tomar conhecimento antes de qualquer outro. Mas mesmo isso é a segunda melhor possibilidade e improvável.

— Qual é a primeira? — perguntou Gisele.

— Obter alguma indicação da verdade sobre Lourdes — disse Liz. — Obter uma prova concreta de que Bernadette era uma garota confusa ou uma impostora, que nunca houve aparições. Provar que o santuário, a gruta aqui em Lourdes, as curas milagrosas, tudo não passa de mitos e invenções perpetuados por determinados interesses ocultos. Obter provas incontestáveis de que Bernadette nunca viu o que alegou ter visto. E transmitir a notícia antes que a semana termine. Isso seria a grande notícia perfeita.

Gisele estava atordoada.

— Mas isso seria um sacrilégio! Bernadette é uma santa!

— Não seria, se obtivéssemos provas a seu respeito. Se a denunciarmos, adeus Bernadette, adeus Lourdes. Mas seriam necessárias provas concretas para acabar com Bernadette.

Gisele estava sacudindo a cabeça.

— Seria impossível provar qualquer coisa contra... contra ela. Liz exibiu um sorriso insinuante.

— Gisele, como diz o pessoal da sua religião, nada no mundo é impossível quando se tem fé... neste caso, fé ao contrário... no que se acredita. E eu acredito, sem a menor sombra de dúvida, que toda a história de Lourdes é basicamente falsa. Mas, para ser realista, precisamos prová-lo. Você quer dinheiro para a escola de tradução em Paris? Quer muito dinheiro e imediatamente? Muito bem.

Conhece esta cidade, conhece as pessoas como ninguém mais. Bisbilhote por aí. Descubra-me um fragmento de prova, uma indicação, alguma coisa, qualquer coisa que me dê a grande história e estará a caminho de sua escola de tradução em Paris e de um bom emprego na ONU em Nova York

— E essa... essa é a única grande história que vale dinheiro? — indagou Gisele, debilmente.

— Não estou dizendo que é a única. Mas uma denúncia é a principal. Falhando isso, pode haver outra coisa que valha dinheiro. Milhares de pessoas do mundo inteiro já chegaram a Lourdes e outros milhares chegarão amanhã para o reaparecimento da Virgem. Talvez algumas sejam notícias e coisas estranhas possam lhes acontecer. Pode haver nisso também uma história que valha dinheiro. Teria de ser uma grande história. Mas como não sei quem estará aqui, o que poderá acontecer, só posso dizer a esta altura que a única grande história infalível seria a denúncia de Bernadette. Acho que a prova pode existir. Acho que vale a pena procurar. O que você acha? Não merece uma tentativa?

Gisele acenou com a cabeça.

— Tem razão, vale a pena tentar. — A voz da jovem guia era quase inaudível. — Tentarei descobrir alguma coisa para você.

Domingo, 14 de Agosto

No meio da tarde de domingo, o primeiro dia do que as agências de viagens estavam chamando de O Momento da Reaparição, milhares de peregrinos e turistas começaram a convergir para Lourdes, de todas as direções da bússola, das cidades da Europa, de países tão distantes como Índia e Japão, Canadá e Estados Unidos.

"Lourdes se irradia como uma atração", dizia um dos folhetos turísticos. "Um ponto de encontro singular, é para o cristão o renascimento de sua fé, para o inválido uma esperança de recuperação, para o coração um motivo de esperança."

Apesar da névoa de calor que pairava sobre a pequena cidade francesa, as ruas sinuosas estavam atulhadas de recém-chegados. Um ano normal trazia cinco milhões de visitantes a Lourdes. Mas naquele ano as predições eram de que o fluxo de turistas constituiria um novo recorde. Haveria três milhões de carros particulares, 30 mil ônibus, quatro mil vôos, 1.100 trens especiais, desembarcando visitantes incessantemente.

Todos se encaminhavam para a gruta de Massabielle. Para alguns, era curiosidade. Para outros, fascinação.

Para a maioria, era... um motivo de esperança.

Através da janela empoeirada de seu compartimento, Amanda Spenser podia ver os vagões da frente e de trás do trem comprido, enquanto atravessava uma curva no vale rochoso. Muito em breve, dentro de uma hora e meia, informou uma voz pelo alto-falante, estariam chegando em Lourdes. E novamente uma gravação transmitia pelo alto-falante o hino de Lourdes.

Das quatro pessoas no compartimento, Amanda era a única que não estava cochilando, embora se sentisse dolorida do desconforto da extenuante viagem. Ken, balançando no assento ao seu lado, cochilava ditosamente, ainda atordoado pelo sedativo tomado na noite anterior. Na opinião de Amanda, ele começara a parecer macerado nos últimos dias. Ao seu lado, o Dr. Macintosh, médico da peregrinação, boca aberta, olhos fechados, roncava ligeiramente. Espremido numa cadeira em frente, o Padre Woodcourt, o veterano líder da excursão, estava se mexendo, enquanto os raios do sol de meio da tarde tocavam seu rosto; acordaria em breve. Como Ken, o padre e o médico haviam achado a viagem agradável. Dos quatro, apenas Amanda, uma filha da era da aviação, considerara cansativa a viagem de 24 horas.

A peregrinação anual dos Peregrinos do Espírito Santo, liderada pelo Padre

Woodcourt, começara na Victoria Station, em Londres. Deixaram o trem em Dover, no Canal da Mancha, concentraram-se no terminal de partida e embarcaram na barca fretada para a travessia turbulenta até Boulogne. Havia lugares reservados para eles no trem francês. A demora ali fora interminável, porque eram 650 peregrinos — principalmente britânicos, uns poucos americanos — para distribuir entre os compartimentos. Cerca de 100 desses passageiros eram inválidos, em macas e cadeiras de rodas dobráveis, e foram embarcados nos três vagões-ambulância especiais.

Uma das paradas mais longas fora em Paris, na noite anterior, quando Amanda fizera o seu esforço final para persuadir Ken a se transferir para um avião e efetuar o resto da viagem pelo ar. Mais uma vez, porém, ele recusara, obstinadamente, insistindo em seguir até o final de trem* com os outros peregrinos. E depois da noite monótona, houvera outra parada prolongada, em Bordéus, naquela manhã. Seguiram-se florestas exuberantes e campinas em que vacas ruminavam, o que era melhor. Embora o almoço também melhorasse o ânimo de Amanda, ela ainda queria sair daquele velho trem sacolejante e relaxar no conforto de um hotel luxuoso, mesmo que fosse em Lourdes.

Enquanto o trem seguia pela beira do rio, todos no compartimento pareciam sentir que se aproximavam do destino e começaram a despertar. Ken Clayton, empertigando-se, esfregando os olhos, disse a Amanda:

— Foi um cochilo e tanto. Já estamos quase lá?

— Quase — respondeu Amanda.

O Dr. Macintosh inclinou-se para a frente, observando Ken— Como está se sentindo, meu rapaz?

— Estou bem, obrigado.

O Padre Woodcourt olhava pelas janelas para as colinas banhadas pelo sol.

— Não vai mesmo demorar. — Ele levantou-se, espreguiçando-se. — Acho que vou dar uma volta pelo trem, a fim de verificar como estão todos. O que me diz, Sr. Clayton? Gostaria de vir, com sua esposa? Podem achar interessante.

— Não, obrigada — disse Amanda. — Não estou com vontade".

— Pois eu estou — disse Ken, levantando-se. — Gostaria de dar uma olhada antes de desembarcarmos.

— Devia ficar descansando, Ken — disse Amanda.

— Já falei que estou bem.

O Dr. Macintosh também se levantou.

— Acompanharei vocês dois. Quero cumprimentar algumas pessoas, ver como estão.

— Pois então vamos — disse o Padre Woodcourt.

Ele saiu do compartimento, com Ken e o Dr. Macintosh logo atrás. Assim que desapareceram, Amanda sentiu-se aliviada. Ela queria um breve intervalo só para si, a fim de poder terminar o livro que vinha lendo em todas as

oportunidades desde que deixaram Chicago. Na verdade, nas três semanas anteriores à viagem, Amanda lera vorazmente todos os livros sobre Bernadette e Lourdes que pudera encontrar. Lera o romance *A Canção de Bernadette*, de Franz Werfel, uma obra de ficção histórica inacurada, escrita como agradecimento do autor, por encontrar refúgio em Lourdes durante a ocupação nazista da França. Os outros livros eram de não-ficção. Um livro religioso maçudo, de Francês Parkinson Keyes, uma católica convertida, que fora inspirada por suas visitas a Lourdes em 1939 e 1952. Um livro de Robert Hugh Benson — filho do arcebispo protestante de Canterbury, mas ele próprio um católico fervoroso — que era uma defesa um tanto esnobe do santuário, baseada em sua visita a Lourdes em 1914. Uma biografia de Bernadette, em um volume, uma condensação dos sete volumes que o Bispo de Tarbes e Lourdes mandara o Padre René Laurentin escrever, a fim de comemorar o centenário das visões de Bernadette; obviamente, um livro pró-Bernadette, mas surpreendentemente justo e imparcial.

Através das leituras, Amanda deparara constantemente com referências ao livro que mais a intrigara. Era um romance escandaloso intitulado *Lourdes*, de Émile Zola, o cético anticlerical e realista, que visitara Lourdes em 1892. O romance fora publicado em inglês em 1897 e não era fácil de encontrar agora. Era um romance que muitos católicos e admiradores de Lourdes consideravam obsceno.

Tentava desmascarar completamente a história de Bernadette e Lourdes. Era justamente o que Amanda precisava, uma munição para levar Ken a recuperar o bom senso. Ken, o advogado, sempre idolatrara Zola por defender Alfred Dreyfus em sua carta 'J'accuse', que denunciara a conspiração anti-semita promovida pelo estado-maior francês.

Se Zola atacara Lourdes, Ken certamente haveria de escutar seus argumentos.

Por sorte, um negociante de livros raros lhe conseguira um exemplar do romance, em dois volumes, o primeiro com 377 páginas, o segundo com 400 páginas, as letras pequenas ainda por cima. Por mais incômodos que fossem, Amanda decidira levá-los em sua bagagem de qualquer maneira. Recebendo na véspera da partida, ela se lançara desde então à leitura e agora só restavam umas poucas páginas.

Achara o romance bastante bom, a história de um padre chamado Pierre Froment, um clérigo desiludido que perdera a fé, acompanhando uma amiga de infância, uma inválida incurável chamada Marie de Guersaint, a Lourdes. Depois de rezar na gruta, Marie seria curada por um milagre, embora Pierre sempre desconfiasse que a sua invalidez fora uma decorrência da histeria ao invés de alguma doença orgânica. Durante a leitura, Amanda anotara as passagens que questionavam a validade da visão de Bernadette e as supostas curas milagrosas

na gruta.

Sozinha, finalmente, Amanda enfiou a mão na sacola de lona para pegar o segundo dos dois volumes de Zola e retomar a leitura. Terminou o romance em 15 minutos. Rapidamente, antes que os outros voltassem, voltou ao primeiro volume para verificar as páginas que marcara com pedaços de papel, com os trechos que leria para Ken assim que fosse possível. Isso neutralizaria a lavagem cerebral que Ken recebera da mãe e do padre dela. Desanuviaria sua cabeça, devolvendo-lhe o bom senso, levando-o a se afastar de Lourdes.

Como se a reforçar sua argumentação, Amanda pôs-se a folhear o primeiro volume, procurando os trechos mais expressivos que marcara, especialmente sobre Bernadette.

Encontrou finalmente os que gostava.

"Como um médico expressara rudemente, aquela garota de 14 anos, num período crítico de sua vida, já devastada também pela alma, era, afinal de contas, uma vítima excepcional da histeria, afligida por uma hereditariedade degenerada e recaindo na infância. (...) Quantas pastoras existiram antes de Bernadette que viram a Virgem de uma maneira similar, em meio aos mesmos absurdos infantis! Não era sempre a mesma história, a Dama envolta por luz, o segredo confidenciado, a fonte surgindo, a missão a ser cumprida, os milagres cujos encantamentos converteriam as massas?" *¶* Uma passagem perfeita a ser lida para Ken.

Amanda largou o primeiro volume no banco e abriu o segundo. Bernadette fora enviada para longe de Lourdes, até Nevers, onde se tornara freira. Zola encontrara um médico, a quem chamara no livro de Dr. Chassaingne, que estivera com Bernadette seis anos depois das aparições. "O médico ficara particularmente impressionado com seus lindos olhos, puros e francos, como os de uma criança. O resto do rosto, disse ele, tornara-se um tanto estragado; a pele perdia a suavidade, as feições eram menos delicadas, a aparência geral era de uma criada comum, baixa, franzina e reservada. Sua devoção ainda era intensa, mas não lhe parecera a criatura arrebatada e excitável que muitos poderiam supor; na verdade, dava a impressão de possuir uma mente positiva, que não se entregava a vãos de fantasia."

Amanda avaliou a conveniência de repetir essas palavras a Ken. Poderiam representar um exagero, mais do que seria necessário. Ela resolveu ignorar essa passagem. Verificou outros trechos que marcara, relendo-os. O médico de Zola estava falando: "E se Bernadette fosse apenas uma alucinada, apenas uma idiota, o resultado não seria ainda mais espantoso, ainda mais inexplicável? Como? O sonho de uma idiota seria suficiente para agitar nações como esta? Não! Não! O sopro divino, a única coisa que pode explicar os prodígios, passou por aqui." Escutando, o Padre Pierre concordou. "Era verdade, um sopro passara por ali, o soluço de pesar, o anseio inextinguível para o infinito de esperança. Se o sonho de

uma criança sofredora bastara para atrair multidões, para atrair uma chuva de milhões e criar uma nova cidade do sol, não era porque o sonho de certa forma apaziguava a fome da pobre humanidade, a insaciável necessidade de ser iludida e consolada?"

Isso é melhor, pensou Amanda, servirá muito bem para levar Ken de volta ao mundo realista. Ken não podia ignorar ou deixar de respeitar a mente de Zola. E, em algum lugar, Zola se referia à infalível Bernadette como "uma mera imbecil". Zola podia mesmo conseguir o que ela não fora capaz.

Enquanto estava imóvel, com o livro no colo, Amanda ouviu a voz de Ken no corredor. Um momento depois, viu-o parar além do compartimento, acompanhado pelo Padre Woodcourt. O padre estava dizendo:

— Vou deixá-lo aqui, Sr. Clayton. Precisarás de algum descanso antes de chegarmos a Lourdes. Darei um pulo para verificar como estão as coisas nos últimos vagões. Desculpe se o cansei.

— Estarei bem — garantiu Ken. — Valeu a pena. Obrigado pela excursão e obrigado especialmente por me apresentar à Sra. Moore. Foi uma grande emoção.

Ken observou o padre se afastar e finalmente se virou para o compartimento. Ao se sentar, perto de Amanda, tentou sorrir. Mas era um sorriso abatido. As feições outrora saudáveis estavam pálidas, quase fantasmagóricas. Amanda sentiu novamente uma pressão de medo pelo estado de Ken.

— Está passando bem? — perguntou ela, preocupada. — Não deveria ter feito a excursão.

— Eu não a perderia por coisa alguma — murmurou Ken. Ele parecia tão exausto que Amanda não pôde suportar.

Pegou-lhe a mão por um instante.

— Ken, deixe-me dar-lhe alguma coisa. Precisa de um pouco de alívio.

Ela estava pensando num sedativo. Mas Ken sacudiu a cabeça.

— Não. Quero estar com a mente perfeitamente alerta quando chegarmos a Lourdes. Não deve demorar. — Com evidente esforço, ele se empertigou. E, subitamente, seus olhos se iluminaram. — Amanda, aconteceu uma coisa emocionante. Fui apresentado a Edith Moore. Falei com ela.

Por um momento, Amanda ficou aturdida.

—Edith Moore?

— A mulher do milagre de que ouvimos falar em Londres. Ela está nesta peregrinação, uns poucos carros depois do nosso. Deve conhecê-la. Robusta e forte como uma atleta olímpica. Há cinco anos, tinha o mesmo... ou similar... câncer ósseo degenerativo da pelve. Ela me contou que os médicos a desenganaram. E depois fez duas viagens a Lourdes. Na segunda, depois de rezar na gruta, beber a água, tomar um banho, ficou instantaneamente curada, totalmente curada, capaz de andar sem uma muleta, capaz de voltar ao trabalho

em Londres. A área Óssea destruída se regenerou espontaneamente. Médicos em Londres e Lourdes examinaram-na muitas vezes e chegaram agora à conclusão de que ela foi milagrosamente curada. O anúncio oficial será feito esta semana em Lourdes. Sua cura será declarada um milagre.

Ken Clayton recostou-se no assento, a vida retornando ao rosto, o sorriso mais largo.

— Fico me dizendo: se pôde acontecer com ela, com a Sra. Moore, pode acontecer comigo. Estou muito feliz por termos vindo. Nunca me senti mais otimista.

— Estou contente... — murmurou Amanda —... estou contente por você ter conhecido a Sra. Moore.

— Tenho certeza de que você terá a oportunidade de conhecê-la também, depois que chegarmos, vai se sentir tão segura quanto estou. — Ele olhou para Amanda. — O que fez enquanto eu passeava pelo trem?

Ela pôs a mão sobre o título do romance de Zola em seu colo.

— Estava apenas lendo... um livro. Apressadamente, Amanda guardou os dois volumes na bolsa.

Sabia que o momento era errado. Não podia minar o otimismo de seu amado com as duras realidades de Zola, não naquele momento, não quando Ken se mostrava tão esperançoso e feliz depois de seu encontro com a Sra. Moore.

Desviando os olhos dele, Amanda verificou através da janela que ainda corriam à beira do rio. Devia ser o Gave de Pau. *Gave* significava um rio das montanhas naquela região, conforme lera. Passavam por bosques e os prédios nos arredores de uma cidade. A distância erguia-se uma torre, que Amanda presumiu ser da famosa Basílica Superior. Um castelo do século VIII se empoleirava numa colina próxima, enquanto ao longe assomavam os picos esverdeados dos Pireneus. Estavam mesmo chegando a seu destino, uma cidade cercada por nove outros veneráveis santuários franceses.

Ela pensou em comunicar isso a Ken, mas descobriu que ele se encontrava com os olhos fechados, talvez cochilando.

E depois o som doce e simples tornou a sair pelo alto-falante, o hino de Lourdes, cantado pela primeira vez em 1873. Amanda prestou atenção à letra:

*Imaculada Maria!
Nossos corações estão em chama
Esse título tão maravilhoso
Preenche todos os nossos desejos!
Ave, Ave, Ave Maria.*

Deviam estar em Lourdes.

O Padre Woodcourt, acompanhado pelo Dr. Macintosh, voltou ao compartimento para confirmar e pegar suas malas. Amanda começou a acordar

Ken Clayton, mas os olhos dele já estavam abertos.

— Chegamos a Lourdes, meu querido — disse ela.

Por um instante, os olhos de Ken tornaram a se iluminar, ele fez um esforço desajeitado para levantar. Amanda segurou-lhe o braço, firmemente, ajudou-o a ficar de pé.

— Lourdes... — murmurou Ken, enquanto ela estendia a mão para a sua bolsa.

Ajudando Ken, Amanda foi avançando pelo corredor apinhado, depressivo e recendendo a suor, tentando permanecer logo atrás do padre Woodcourt.

— Sigam-me — disse o padre, várias vezes.

Eles saltaram para uma plataforma apinhada com outros peregrinos procedentes de Londres. O Padre Woodcourt fez sinal para Amanda, Ken e alguns outros ao redor, anunciando:

— Estamos no Quai Dois, a plataforma da linha principal. Atravessaremos os trilhos para chegar na estação. Aqueles três carros sendo desengatados ali serão levados para a Gare des Malades, a estação adjacente para inválidos que precisarão de carros de rodas a fim de embarcarem em seus ônibus especiais. Fiquem junto de mim.

Atravessaram os trilhos até um portal, por cima do qual havia um cartaz: ACCUEIL DES PÈLERINS.

— Significa Recepção dos Peregrinos — informou o Padre. O interior do prédio principal da estação não era diferente de

muitos outros que Amanda já conhecera em suas viagens. Bancos modernos de madeira escura em fileiras, por cima do chão protegido por um revestimento de borracha preta. A única visão alegre era um mural comum de uma paisagem montanhosa dos Pireneus. O grupo saiu, passando por um ponto de táxi e encaminhando-se para um estacionamento repleto de ônibus.

— Nosso ônibus está logo ali — disse o Padre Woodcourt. — Podem ver os homens com cartazes ao lado dos ônibus, indicando os nomes dos hotéis? — Ele apontou e acrescentou: — Estamos ali, entre ALBION e CHAPELLE.

Ele se encaminhou diretamente para o cartaz de HOTEL GALLIA & LONDRES. Em 20 minutos estavam na frente do Hotel Gallia & Londres, deixando o ônibus para seguirem o Padre Woodcourt pelo saguão arejado. Eficientemente, o padre reuniu-os no centro do saguão e pediu paciência, enquanto verificava quais eram os quartos. Amanda não parava de se preocupar com Ken, que se recuperara o suficiente para falar, pela primeira vez desde que deixaram o trem:

— Estamos aqui... estamos em Lourdes. Conseguimos. Amanda assentiu.

— Tem razão, querido. Conseguimos.

O padre Woodcourt voltou com um maço de envelopes nas mãos. Pediu atenção e houve silêncio imediato.

— Já tenho a distribuição dos quartos e chamarei os nomes em ordem alfabética — anunciou ele. — Encontrarão nestes envelopes um mapa de Lourdes, diversas folhas com informações, o número do quarto e a chave.

Ele começou a ler os nomes. E gritou quando chegou ao C:

— Sr. e Sra. Kenneth Clayton.

Com um pouco de remorso, Amanda aceitou o envelope e a mentira sobre sua união, que, conforme haviam combinado em Chicago, seria a melhor maneira de viajar. Depois de terminar a distribuição, o Padre Woodcourt pediu a atenção de todos mais uma vez.

— Já dispõem de todas as informações que precisam... número do quarto, horário do café da manhã e almoço, que estão incluídos na diária, assim como outras instruções do hotel. Ele fez uma pausa, limpando a garganta. — Os que desejarem, podem ir diretamente para seus quartos e descansar, tomar um banho, arrumar suas coisas... se a bagagem ainda não está nos quartos, chegará daqui a pouco. Jantaremos aqui embaixo, um andar abaixo do saguão. Observaremos em seguida a procissão noturna à luz de velas no domínio. Amanhã participaremos dessa procissão como um grupo. Enquanto isso... — O padre fez uma outra pausa breve e acrescentou logo: Estou disposto a conduzir os que preferirem uma visita à gruta antes de irem para os seus quartos ou jantarem. Quantos gostariam de ir à gruta antes de qualquer outra coisa? Levantem as mãos, por favor.

Amanda observou que dois terços dos peregrinos levantaram as mãos, bem alto. Ken, parado ao seu lado, foi um deles.

— Não pode ir, Ken — sussurrou ela, veemente. — Não está em condições. Não deixarei. Precisa descansar agora. Pode ir à gruta amanhã. Ela não sairá do lugar.

Ken ofereceu-lhe um sorriso indulgente.

— Meu bem, tenho de ir agora, fazer minhas orações imediatamente. A simples ideia já me faz sentir melhor. Tornarei a vê-la antes do jantar.

Consternada, Amanda observou-o se afastar mancando, junto com a maioria que optara acompanhar o padre à gruta. Quase sozinha no saguão, exceto por um grupo de peregrinos esperando a volta do elevador e discutindo seus planos para comparecer à missa amanhã, Dia da Assunção, Amanda abriu o envelope em sua mão. O Sr. e Sra. Clayton estavam no quarto 503, no quinto andar. Segurando a bolsa, Amanda se juntou ao grupo à espera do elevador. Não podia compreender aquele Ken Clayton, completamente exausto, mas ainda assim subindo para uma caverna e se devotando fervorosamente a rezar ali, esgotando-se em busca da salvação, esperando ser salvo como acontecera com a Sra. Moore. O sensato Ken que ela conhecera em Chicago, o advogado inteligente e hábil, teria compreendido prontamente o que havia por trás da Sra. Moore e de todas as outras curas milagrosas. Aquele Ken não esperaria milagres, teria

compreendido que as curas súbitas não eram absolutamente milagres, mas sim de origem psicossomática. Tais curas não podiam acontecer a todos, especialmente aos que eram como Ken, gravemente doentes.

O elevador chegou e Amanda, com alguma dificuldade, espremeu-se junto com os outros. A subida foi lenta, o carro parando em todos os andares. Amanda e um peregrino encurvado foram os últimos a saltar, no quinto andar. Só havia uma direção para seguir e Amanda avançou pelo corredor, até encontrar o quarto 503. Enfiou a chave e abriu a porta. Pelo menos agora poderia descansar até a volta de Ken.

Mas o que seus olhos depararam, quando deu alguns passos pelo quarto de casal, levaram-na a piscar aturdida, por ser tão inesperado. O Gallia & Londres fora anunciado como um hotel de luxo, três estrelas, mas o que havia à sua frente era uma abominação. O quarto era tão apertado para duas pessoas quanto era possível. Não chegava a ser um quarto. Era uma cela monacal. Duas camas, cobertas por colchas de um verde repulsivo, dando a impressão de ocupar o espaço inteiro. A esquerda, ao pé das camas, havia uma mesinha, uma cadeira no lado e uma cômoda. Não havia simplesmente quaisquer outros móveis no quarto. O único adorno era um nicho por cima das cabeceiras das camas, com imagens de Jesus e da Virgem Maria. No outro lado do quarto havia cortinas surradas na janela. Para alcançar a janela, a fim de abri-la e arejar um pouco, Amanda teve de se comprimir de lado entre a mesa e as camas. Levantando a janela, ela pôde ver uma longa procissão, pessoas marchando no final da tarde, no outro lado de um parque. Cantavam agora e mais uma vez chegou a seus ouvidos o refrão do hino de Lourdes.

Amanda foi até uma porta que dava para o banheiro, contendo uma banheira pequena, o vaso, bidê e pia. A tinta do armário por cima da pia estava descascando, a luz no teto piscava.

Sentando-se na beira da cama mais próxima, Amanda teve vontade de chorar. Aquele não era um lugar para ele, certamente não para Ken, que precisava de conforto, descanso e sossego. Aquela cela, simulando ser um quarto, nunca serviria.

Ela tentou pensar no que poderia ser feito. Não havia acomodações melhores naquele hotel "superior". E todas as outras acomodações na cidade haviam sido tomadas há vários dias. Não havia qualquer lugar para ir, a menos que se pudesse encontrar fora da cidade algo mais... algo mais aceitável.

E foi nesse instante que ela se lembrou. O hotel de luxo em que passara uma noite no verão em que fizera uma viagem pela França, depois da formatura. Era um hotel magnífico, memorável, e ela ouvira comentar durante a visita que não ficava muito longe do» santuário em Lourdes.

Seria o lugar para ficar, perfeito para o pobre Ken, perfeito para os dois. Faria com que os poucos dias que passariam ali — e não seriam mais do que

poucos dias — fossem pelo menos suportáveis.

Como era mesmo o nome do lugar?

Ah, sim, Eugénie-les-Bains.

Ela telefonaria para o hotel imediatamente, faria uma reserva para aquela mesma noite, providenciaria a mudança no instante em que Ken voltasse da gruta.

Sergei Tikhanov chegou a Lourdes ao final da tarde, através de Lisboa, Genebra e Paris... sempre vôos curtos.

Sentado no táxi que o levava do aeroporto a Lourdes, ele estava consciente de duas mudanças em sua pessoa. Uma era o pequeno passaporte azul falsificado no bolso interno do paletó, identificando-o como Samuel Talley, de Nova York, um cidadão dos Estados Unidos da América. A outra era o bigode postiço que cobria a verruga denunciadora no lado esquerdo do lábio superior, caindo pelos dois lados e também encobrindo uma parte da boca. Ele concluíra que o bigode era um disfarce mais do que suficiente. Sem isso, seu rosto com a marca registrada da verruga, tão amplamente divulgado no mundo inteiro, por tantos anos, poderia torná-lo reconhecível para alguém.

O táxi estava diminuindo a velocidade e o motorista francês, fitando-o através do espelho retrovisor, informou:

— Chegamos, *monsieur*.

Tikhanov olhou pela janela à direita, descobriu que se encontravam numa rua chamada Avenue du Paradis, havia um estacionamento e um rio lamacento correndo mais além. Virou-se para a esquerda e constatou que estavam na frente do hotel de seis andares, com o nome se destacando por cima da entrada: NOUVEL HOTEL ST-LOUIS DE FRANCE.

Como as notícias dos jornais deixavam bem claro que Lourdes estaria apinhada durante aquela semana dramática e todas as acomodações haviam sido reservadas por peregrinações oficiais poucos dias depois do anúncio do reaparecimento da Virgem Maria, Tikhanov se preocupara com a possibilidade de arrumar um lugar para ficar. Felizmente, o *concierge* do Hotel Intercontinental, de Genebra, um antigo conhecido chamado Henri, a quem sempre dera gorjetas generosas, pudera prestar uma ajuda. Tikhanov contara a Henri que um amigo íntimo, um americano de Nova York chamado Talley, muito religioso, planejava visitar Lourdes durante as festividades da reparação. O único problema era que seu amigo Talley demorara a se inscrever numa peregrinação e não conseguira depois obter uma reserva por si mesmo. Sabendo que Tikhanov era um homem viajado, Talley lhe perguntara se não teria contatos que pudessem lhe providenciar um quarto de hotel em Lourdes, por uma ou duas semanas. Tikhanov acrescentara que não prometera nada ao amigo, pois nunca visitara Lourdes e não tinha a menor intenção de fazê-lo. Mas assegurara ao

amigo que indagaria. Agora, chegando a Genebra, Tikhanov lembrara-se de perguntar a Henri se podia fazer alguma sugestão.

Henri se mostrara realmente disposto a cooperar com uma sugestão. Alguns anos antes, Henri acompanhara o avô a Lourdes e se hospedaram no Hotel St-Louis de France, fazendo amizade com Robert, o porteiro-chefe. Enquanto Tikhanov esperava, Henri telefonara para Robert em Lourdes, a fim de pedir pelo amigo de Tikhanov... como era mesmo o nome dele? Talley? Isso mesmo, Sr. Talley, de Nova York... mas depois Henri soubera que Robert se achava em férias e só voltaria no primeiro dia do Momento da Reaparição.

— Mas não importa — garantira Henri a Tikhanov. — Diga a seu amigo para se apresentar pessoalmente no dia em que Robert voltar ao trabalho e falar em meu nome. Robert se lembrará e arrumará um quarto para o Sr. Talley. Pode estar cego de que, sempre há um quarto vago.

Acreditando nele, Tikhanov sentira-se aliviado. Mas agora, saltando do táxi diante do hotel, ele não estava tão certo. Na vida, como na diplomacia, Tikhanov sempre fora cauteloso, sempre deixando portas abertas, mesmo nas questões mínimas. E por isso resolveu deixar o táxi à espera. Enquanto o motorista saía para pegar a bagagem na mala do carro, Tikhanov lhe disse:

— Espere mais alguns minutos. Preciso me certificar de que tenho um quarto. Podem me encaminhar para outro lugar.

Sua condição, como passara a pensar na distrofia muscular, incomodava-o hoje. Tikhanov subiu os degraus devagar. O saguão era modesto e moderno, um elevador e uma escada diretamente à frente. Por trás do balcão, examina um livro-caixa, estava um *concierge* uniformizado, de óculos. Tikhanov aproximou-se confiante e falou em francês:

— *Monsieur*, estou procurando pelo porteiro chefe, Robert. O *concierge* fitou-o pelas lentes bifocais.

— Sou Robert, a seu serviço.

— Ótimo, ótimo... Estou aqui a conselho de um amigo seu, que lhe manda lembranças. Refiro-me a nosso amigo mútuo, Henri, o *concierge* do Intercontinental, em Genebra.

Sem a menor hesitação, Robert disse:

— Ah, sim, Henri. Como ele vai? Um ótimo amigo. Ele está bem?

— Muito bem. Aconselhou-me a procurá-lo, a fim de conseguir um quarto para esta semana. Disse que saberia melhor do que o recepcionista do hotel. Sabia que o hotel devia estar lotado, mas achava que você poderia me acomodar, como um favor a ele. Qualquer coisa servirá.

Robert assumiu uma expressão consternada.

— Henri está certo. Geralmente sempre se consegue arrumar um quarto. Mas hoje e pelo resto desta semana não há nada, absolutamente nada. Sinto-me embaraçado, desolado, por não ser capaz de fazer alguma coisa por meu amigo.

Mas, sinceramente, não há nada, nem mesmo um *closet* vazio.

Tikhanov tirou a carteira do bolso.

— Tem certeza?

— Não adianta. Tenho certeza absoluta. O hotel está completamente lotado. Isso nunca aconteceu antes. Mas, também, esta é uma ocasião extraordinária. Afinal, a Virgem não aparece em Lourdes desde 1858. Todos querem vê-la. Na próxima semana, poderei provavelmente arrumar-lhe acomodações.

— Só disponho desta semana.

— Então lamento muito.

— O que posso fazer? Não haveria alguém que conheça em outro hotel que possa me arrumar um quarto?

— Não. Todos os hotéis estão lotados. — Robert teve uma ideia súbita e levantou um dedo. — Há uma possibilidade. Em outras ocasiões, quando Lourdes estava apinhada, havia alguns quartos para alugar fora da cidade. Há muitos lugares perto de Lourdes, todos permitindo ir e vir diariamente. E muitas vezes as famílias decidem alugar quartos extras para ganhar alguns francos. E tenho certeza de que isso está acontecendo agora, aproveitando o excesso de visitantes. Seria a melhor coisa para se acomodar, Sr... Sr...

— Talley... Samuel Talley.

— Isso mesmo, seria o melhor, Sr. Talley. Descobrir os alojamentos particulares disponíveis fora da cidade.

— E onde eu poderia descobrir isso? Nunca estive em Lourdes. Robert ofereceu ajuda imediata.

— Posso lhe dizer onde ir exatamente para descobrir. Temos o que chamamos de Sindicato dos Hoteleiros de Lourdes, na Place de l'Eglise, na Cidade Velha. Deixe-me mostrar.

Ele procurou e descobriu um mapa de capa laranja, com o título de *Lourdes, Lieu de pèlerinage*. Desdobrou-o. Mostrou a Tikhanov o percurso até a praça, tornou a dobrar o mapa e entregou-o ao russo.

— Isso deve lhe conseguir um teto sobre a sua cabeça. Lamento não poder acomodá-lo aqui. Boa sorte.

Deixando o hotel e descendo a escada, Tikhanov abriu o mapa e entregou-o ao motorista à espera.

— Não há quarto aqui — explicou ele. — Devo ir ao Sindicato dos Hoteleiros. O *concierge* indicou o percurso aqui.

O motorista examinou o mapa, balançou a cabeça e gesticulou para que Tikhanov voltasse ao banco traseiro do táxi.

Durante a viagem de 15 minutos, Tikhanov se manteve completamente alheio ao que o cercava. Sua mente virou-se para dentro, avaliando a tolice de ter vindo, avaliando o risco de visitar uma "terra santa" que seu governo e partido desaprovavam, em contraste com a crescente incapacidade de seu corpo.

Ao chegar à Place de l'Eglise, ele concluiu que sua saúde e a recompensa valiam qualquer risco. Além disso, sentia-se seguro por trás da camuflagem do bigode novo. Pagando a corrida, ele pegou a mala e encaminhou-se para o prédio próximo.

Tikhanov encontrou o escritório vazio, exceto por duas mulheres de meia-idade, em suas mesas. A mais próxima, cabelos pretos caídos na testa, óculos de aros de metal, cumprimentou-o amavelmente. Ele se apresentou como Samuel Talley, americano, recentemente chegado a Lourdes numa peregrinação, mas não oficial e por isso sem um lugar para passar a semana. Um amigo no Hotel St.-Louis de France sugerira que fosse até ali para conseguir um quarto vago numa casa da família. A mulher fez uma cara triste.

— E verdade, tínhamos uma longa lista de acomodações no início da semana, mas já foram todas ocupadas. Infelizmente...

Ela começou a estudar a lista, mas parou de repente e verificou um bilhete preso com um clipe no alto da primeira folha.

— Espere um instante, *monsieur*, talvez haja uma possibilidade aqui. Pode estar com sorte. Este bilhete foi deixado por uma guia turística, uma moça local que reside com os pais em Tarbes. Ela diz aqui que os pais dispõem de um quarto para alugar por uma semana. Querem 225 francos por dia pelo quarto e meia pensão. Está interessado? Se estiver, verificarei se o quarto ainda está disponível.

— Eu ficaria agradecido — disse Tikhanov. — Onde disse mesmo que ficava?

— Tarbes. A 20 minutos de Lourdes de táxi. Um lugar adorável. — A mulher tirou o fone do gancho e discou. — Vamos ver...

A mulher esperou, enquanto o telefone tocava. Quando atenderam, ela falou em francês:

— Aqui é do Syndicat des Hôteliers. Mademoiselle Dupree ainda está aí? — Ela esperou por um instante. — Gisele? Sobre o bilhete que deixou esta manhã. O quarto que seus pais queriam alugar ainda está vago? — Uma pausa. — Ótimo. Tenho um cliente, Sr. Samuel Talley, da América. Direi a ele. — Ela largou o telefone, olhando radiante para Tikhanov. — Boa notícia. Já tem um quarto. Vou lhe dar o endereço em Tarbes. E a casa da família Dupree. Gente respeitável. Nunca os conheci pessoalmente, mas a filha Gisele é maravilhosa, o que sempre se reflete nos pais. Aqui está o endereço, Sr. Talley.

Tikhanov só chegou a Tarbes no início da noite.

Ficara em Lourdes, na área do domínio, até começar a escurecer. A mulher no Syndicat era loquaz e lhe dissera o que deveria ver na área imediata. Meio trôpego, ele percorrera a Esplanade des Processions, cobrindo uma boa parte da distância até perceber que seguia em direção errada, a caminho de um portão de saída. Voltando, encaminhara-se lentamente para a Basílica Superior, subindo uma rampa para a entrada e observando o interior adornado. Descera depois em

busca da gruta legendaria. Encontrara os fiéis de pé, sentados, ajoelhados diante de uma caverna. Mas não se juntara a eles, tomando a decisão de examinar a gruta melhor no dia seguinte.

Mas sabia que no fundo era contido por seu sentimento de ser alheio àquela cena, um estranho a tudo aquilo, alguém que não pertencia àquelas pessoas supersticiosas. Teve de lembrar a si mesmo que na verdade pertencia, tanto quanto qualquer outro, recordando sua infância com uma mãe religiosa. O que também o mantinha a distância era o fato de que jamais gostara de aglomerações, nunca fora um rosto na multidão. Desde os seus primeiros sucessos e até a ascensão a ministro do Exterior da União Soviética e personalidade mundial, sempre falara às multidões, como alguém por cima, orientando-as. Ou conferenciara com outras personalidades mundiais, primeiros-ministros, presidentes e reis, de igual para igual. Tais contatos e situações eram aceitáveis, mas era inconcebível para ele ser um ninguém perdido numa multidão.

Finalmente, ao deixar o local, ele compreendera a verdade, por que não chegara mais perto da multidão em torno da gruta. A verdade era que subitamente doía até a medula dos ossos, sentia-se fraco, terrivelmente enfraquecido pela doença fatal, incapaz de permanecer ereto por muito tempo.

De alguma forma, conseguiu alcançar o topo da rampa de saída mais próxima, sabendo que, de um jeito misterioso, fora reduzido à mesma posição inferior de todos aqueles peregrinos, porque era igual a um e a todos. Não era diferente de qualquer outro ali. A doença lhe subtraía a individualidade. Também queria a esperança, orar por uma cura.

A rua por cima estava iluminada por lampiões amarelos e o tráfego era intenso. Ele precisava seguir para o seu destino e instalar-se no quarto, repousar para o dia seguinte e seu primeiro esforço para alcançar a cura.

Esperava não demorar muito a encontrar um táxi e logo avistou um vazio. Fez sinal e o motorista parou. Um momento depois, com sua mala, estava a caminho da residência da família Dupree.

A viagem pela estrada para Tarbes foi realmente curta. Para seu alívio, Tarbes não era uma dessas horríveis e primitivas aldeias francesas, caindo aos pedaços, mas uma cidade moderna, de aspecto agradável. A artéria larga que percorriam levava a uma praça central, chamada Place de Verdun. Tikhonov constatou que a maioria das ruas comerciais partia da praça, como raios numa roda.

— O lugar para onde estou indo fica muito longe daqui? — perguntou Tikhonov.

— A cinco ou seis quarteirões, numa rua transversal — respondeu o motorista. — Estaremos lá num instante. — Um momento depois, ele apontou e disse: — Primeiro, *monsieur*, observe a casinha à nossa direita... o maior herói de

guerra francês, Marechal Foch, nasceu ali. — Depois, o motorista anunciou: — A catedral de Tarbes, onde foram registradas algumas curas esta semana. — O motorista levou o táxi por uma série de ruas de mão única, diminuindo & velocidade e logo avisando: — Fica no próximo quarteirão.

O destino de Tikhanov era um prédio de apartamentos de mau gosto, com quatro andares, perto do Jardim Massey, um parque público com alguma escultura inidentificável meio oculta pela escuridão. A família Dupree tinha cinco cômodos no andar térreo, o papel que Tikhanov recebera informava que era o Apartamento 1.

Tikhanov foi admitido por Madame Dupree, uma mulher magra e pequena, cabelos louros embranquecendo e desbotados, feições delicadas, que podia ter sido jovem outrora.

— Monsieur Samuel Talley, *l'américain*?

— Isso mesmo — respondeu Tikhanov, também falando em francês. — O Syndicat em Lourdes já lhe comunicou então.

— Minha filha Gisele telefonou para avisar que um americano ficaria com o quarto e estaria aqui para o jantar. Entre, por favor.

A sala de estar era meio escura, iluminada apenas por duas lâmpadas, mas Tikhanov pôde perceber que a decoração era pesada, com muitas cortinas, os antiquados móveis estofados ao estilo francês. O aparelho de televisão estava ligado, mas foi desligado quando alguém se levantou ao seu lado. Era Monsieur Dupree, um homem forte, atarracado, cabelos desgrehados, meio estrábico, queixo quadrado, com a barba por fazer. Depois de murmurar um "*Bon soir*", ele pegou a mala de Tikhanov e acrescentou, em francês:

— Vou levá-lo a seu quarto. O quarto de minha filha. Ela dormirá no sofá durante a semana.

O quarto da filha era muito diferente, alegre, suave, redecorado recentemente, feminino. Uma colcha bege estendia-se pela cama de solteiro. Na cabeceira havia uma prateleira com livros, todos em francês, é claro... não, espere, nem todos são em francês, há vários em inglês, sobre Nova York especialmente e os Estados Unidos em geral. Havia uma mesinha-de-cabeceira com um abajur. Tikhanov ficou surpreso com aquela filha de uma família francesa de classe baixa que possuía livros em inglês sobre os Estados Unidos. Dupree largara a mala de Tikhanov.

— Estaremos prontos para jantar dentro de hora, Sr. Talley.

— Também estarei pronto. Mas, caso eu venha a cochilar, importa-se de me lembrar?

— Baterei na porta.

Depois que o anfitrião se retirou, Tikhanov tencionava arrumar suas coisas para a semana que teria pela frente. Mas a dor persistia nos braços e numa das pernas e ele acabou se entregando, desejando apenas levantar os pés e descansar

um pouco. Arriou na cama, levantou as pernas, virou para o lado e adormeceu no mesmo instante, profundamente. A batida brusca na porta despertou-o. Levantou a cabeça, momentaneamente confuso, depois se lembrou.

— Obrigado, Sr. Dupree. Já estou indo.

Poucos minutos depois, ele entrou na sala de jantar, também mal iluminada, onde Dupree já estava sentado, impassível. Madame Dupree, usando um avental, veio às pressas da cozinha para mostrar o lugar de Tikhanov. Indicou a cadeira vazia ao lado e explicou:

— Não esperamos por Gisele. Ela telefonou, para dizer que ainda está trabalhando e chegará tarde. Madame Dupree parou na porta e acrescentou: — Comemos modestamente. Esta noite temos consome e como prato principal omelete com salmão defumado.

Tikhanov reprimiu um sorriso pela formalidade do anúncio. Ele inspecionou a horrível sala de jantar. Um desenho amarelado de Jesus, recortado de um jornal e emoldurado. Um crucifixo de metal. Em outra parede, uma fotografia emoldurada de uma estátua de mármore da Virgem Maria. Servindo o consome, Madame Dupree percebeu que Tikhanov estudava os adornos. E disse, defensiva:

— Somos uma família religiosa, Sr. Talley.

— Estou vendo.

— Mas não viria a Lourdes se não fosse um crente.

— Tem razão.

Depois que foram servidos e Madame Dupree sentou, Tikhanov já estava prestes a mergulhar a colher no consome quando ouviu um murmúrio. Surpreso, levantou os olhos para descobrir que os anfitriões estavam de olhos fechados, cabeças abaixadas, enquanto *monsieur* fazia uma prece. Embaraçado por essa demonstração pública e o que se esperava que ele fizesse, Tikhanov largou a colher e também inclinou a cabeça.

Depois da oração, eles comeram. A princípio, os Dupree se mantiveram em silêncio, mas acabaram aceitando uma conversa vacilante. Tikhanov polidamente queria saber mais a respeito deles, mas o máximo que pôde descobrir foi que *monsieur* era mecânico, enquanto madame trabalhava como camareira no Hotel President, nos arredores da cidade. Como recreação e atividade social, limitavam-se a ver os programas da televisão estatal, comparecer à missa na catedral próxima e participar de diversos eventos religiosos. Eles sabiam alguma coisa sobre Lourdes? Um pouco, o que todos sabiam, mas principalmente o que a filha lhes contava.

— Gisele deve chegar a qualquer momento — informou madame. — Ela poderá lhe contar tudo o que quiser saber sobre Lourdes.

— Eu ficaria muito agradecido — murmurou Tikhanov. Enquanto os pratos eram tirados, o cesto de pão levado e as migalhas varridas da toalha de mesa, a mente de Tikhanov voltou à Mãe Rússia. O que pensariam os membros do

Politburo se pudessem ver seu grande diplomata internacional e futuro primeiro-ministro, o renomado e respeitado intelectual Sergei Tikhanov, sentado ali, em companhia de dois cretinos, idiotas, ignorantes?

Prestes a cortar a *tarte aiix fruits*, ele sentiu que a sala subitamente se animava. Uma jovem de beleza deslumbrante, quase uma garota, os cabelos cor de mel presos num rabo-de-cavalo e incríveis olhos verdes-cinzas, irrompera na sala e beijava os pais. Tikhanov observou-a contornar a mesa, transbordando de vitalidade, vigorosa, dinâmica, esguia. Ela estendeu a mão para Tikhanov.

— Deve ser nosso pensionista, Sr. Talley.

— Isso mesmo, sou Sam Talley — disse Tikhanov, meio contrafeito. — E deve ser Mademoiselle Gisele Dupree.

— A própria — respondeu ela, passando a falar em inglês e sentando-se ao lado de Tikhanov. — Seja bem-vindo à casa dos Duprees e à cidade ao lado de todos os milagres.

— Obrigada — murmurou Tikhanov. — Espero que esteja certa... em relação aos milagres.

Madame Dupree fora à cozinha para buscar o consome requentado da filha e lhe preparar uma omelete.

Gisele ficou falando, em francês para o pai, em inglês para Tikhanov, relatando as suas aventuras naquele primeiro dia do Momento da Reaparição, em Lourdes.

Tikhanov escutou-a atentamente, observando-a fascinado, desejando fugazmente não apenas a sua saúde, mas também a juventude. Não havia qualquer dúvida, uma verdadeira beldade, talvez pelo lado da mãe. Só que mais. Ao contrário dos pais, Gisele aparentemente era instruída, culta, com um conhecimento perfeito do inglês americano. Mas havia ainda algo mais, algo que aflorou enquanto ela comia e falava, deixando Tikhanov apreensivo. Ele tentou definir o que era, a causa daquele sentimento de apreensão. A moça era alerta, talvez até demais, possivelmente esperta, talvez perceptiva. Ele especulou se a moça não lhe acarretaria problemas. Duvidava muito. Ela era muito jovem, muito limitada, uma moça local que pouco sabia além da vida em Lourdes e de seu catolicismo. Mesmo assim, o bigode postiço comichava e ele disse a si mesmo para ser cauteloso. Os jovens eram muito espertos atualmente, conheciam as coisas do mundo por intermédio da televisão.

Ele percebeu que Gisele acabara de comer e estava lhe falando, curiosa sobre o motivo que o trouxera a Lourdes.

— Por quê? — ele se descobriu dizendo. — 'Ora, por que não? Há algum tempo que não me sinto bem. Uma doença que prefiro não discutir. Tediosa demais para se conversar ao jantar. Fiquei impaciente com os médicos e um amigo católico sugeriu uma visita a Lourdes, especialmente agora. Ele sabia que eu era um católico afastado... mas nunca se fica muito longe da árvore da vida,

não é mesmo? Resolvi tirar férias e vir para Lourdes.

— Nunca se sabe o que pode acontecer — comentou Gisele, jovialmente. — Há afortunados aqui todos os anos. Saem curados. Já vi acontecer. Pode ser um dos afortunados deste ano, Sr. Talley. Vá à gruta todos os dias. Reze com os peregrinos, tome a água, entre nos banhos. E tenha fé.

Tikhanov fitou-a nos olhos para descobrir se ela não estava caçoando. Mas era evidente que a moça falava a sério. Ele resolveu fazê-lo também.

— Eu gostaria de ter uma fé verdadeira, uma fé pura. Mas é difícil para alguém como eu, um homem de certa inteligência, aceitar o fato de que há pessoas gravemente doentes que são curadas pela fé e não pela ciência.

— Mas pode estar certo de que acontece. Como eu falei, já vi acontecer pessoalmente. Sou guia em Lourdes e vejo tudo o que acontece por lá. E de vez em quando há uma alma perdida que fica totalmente curada. Não pela ciência, mas pela fé.

— Estou impressionado — murmurou Tikhanov.

— E até conheço pessoalmente a nossa última cura milagrosa. Encontrei-a pela primeira vez há vários anos. Há cinco anos ela vem a Lourdes. E uma inglesa, a Sra. Edith Moore. Estava desenganada, um caso terminal de câncer, mas na segunda visita a Lourdes foi abençoada com uma cura milagrosa. O câncer acabou. As células do sangue se recuperaram, os ossos voltaram a ficar fortes. Ela se encontra em Lourdes agora, para um último exame, antes de ser declarada uma cura milagrosa. Encontrei-a antes do jantar. Está robusta, a própria imagem do bem-estar, muito emocionada. Gostaria de conhecê-la? Isso lhe provaria alguma coisa?

— Claro que sim — respondeu Tikhanov, sentindo um ímpeto de otimismo. — Eu gostaria muito de conhecer a Sra. Moore.

— Pois então vai conhecer. Tentarei marcar um almoço... se quiser pagá-lo. E também o meu tempo, que tirarei de uma excursão. O preço da refeição e mais 100 francos para a sua guia. Acha que é demais?

Tikhanov sentiu o sorriso por baixo do bigode desgrenhado.

— Uma barganha, como nós, americanos, costumamos dizer.

— Muito bem, estamos combinados — disse Gisele. — Como ficará aqui, pode ir comigo para Lourdes pela manhã. Terá tempo para tomar os banhos e depois almoçar com Edith Moore. Está bom assim?

— Está ótimo — disse Tikhanov, tentando falar como Talley. — Estarei pronto quando quiser partir.

...14 de Agosto

— Como é? — perguntou Natale Rinaldi, segurando o braço de Tia Elsa.

Ela sabia que estavam entrando no hotel, mas era sua primeira visita a Lourdes, um território desconhecido.

— Lá na frente está escrito, em dois lugares, que é o Hotel Gallia & Londres. Parece um hotel muito agradável. — Tia Elsa descreveu a entrada, o saguão e as salas de descanso mais além, perguntando em seguida: — Como se sente, minha querida?

— Estava quente lá fora — respondeu Natale. — Pude sentir o calor por todo o caminho desde o aeroporto.

Elas haviam deixado Veneza de trem para pegarem o avião em Milão, um jato fretado da Aer Lingus por uma peregrinação romana a Lourdes; receberam a permissão de seguir no vôo, embora não integrassem a peregrinação.

— Há pessoas se registrando na recepção — informou Tia Elsa. — E eu acho... isso mesmo, lá está Rosa Zennaro, provavelmente indagando se já chegamos. Espere um pouco aqui, Natale, enquanto vou verificar.

Natale ficou parada na escuridão, tentando recordar Rosa Zennaro, a amiga romana de sua tia, que todos os anos vinha a Lourdes para servir como ajudante de enfermeira e que concordara em prestar-lhe toda a assistência necessária, depois de sua chegada. Natale recordou Rosa vagamente, uma mulher alta e magra, uma viúva com renda suficiente para viver e que não era dada a conversa amena, competente e taciturna, cabelos pretos e lisos, talvez com 50 anos. Natale sentia-se segura sob a sua guarda. Como viera da escuridão para a escuridão, tinha de dizer a si mesma que no início daquela manhã se encontrava em Viena, depois fora para Milão e agora estava em Lourdes, um lugar de salvação sagrada, em que vinha pensando incessantemente há duas semanas. E também sentia-se segura em Lourdes. Era um bom lugar, escolhido pelo Senhor e Sua Mãe a Virgem para operar maravilhas em pessoas que mereciam. Ela esperava ser uma dessas pessoas. Nos últimos três anos de escuridão nunca esperara tanto por uma coisa.

— Natale — disse Tia Elsa — era mesmo Rosa quem estava na recepção e a tenho aqui a meu lado. Encontrou-se com ela algumas vezes antes de seu problema.

— Estou lembrada. — Ela estendeu a mão. — Olá, Rosa. Uma mão forte e macia apertou a sua.

— Seja bem-vinda a Lourdes, Natale. Estou muito feliz que você tenha vindo.

Natale sentiu a respiração quente e sentiu os lábios secos de Rosa encostarem

em sua face. Tentou retribuir o beijo. E ouviu de novo a voz de Rosa:

— Tornou-se uma moça muito bonita, Natale.

— Obrigada, Rosa. . Tia Elsa interveio, pegando o braço de Natale:

— Não devemos perder mais tempo. Já a registrei e tenho a chave de seu quarto. E o 205. Acho melhor subirmos, verificar se sua bagagem já foi entregue e depois partirmos. Mal terei tempo de pegar o vôo para Milão e depois o último avião para Roma. Prometi a seus pais que estaria no trabalho amanhã de manhã. Mas você estará em boas mãos com Rosa. — Ela puxou Natale ligeiramente, acrescentando: — Estamos seguindo agora para o elevador, Natale. Fica à esquerda de quem entra no saguão. E ao lado tem uma escada que desce para o restaurante. Há uma mesa reservada em seu nome e três refeições por dia já estão pagas.

Deixando o elevador, Natale sentiu Rosa pegar sua mão. E ouviu Tia Elsa dizer:

— Lá está o quarto, a quinta porta à esquerda do elevador. Natale avançou confiante pelo corredor, junto com Rosa,

deixando-se guiar para o quarto.

— É um quarto agradável? — perguntou ela.

— Bastante agradável e limpo, graças a Deus — respondeu Tia Elsa. — A esquerda da porta há uma escrivaninha e uma cadeira, junto da parede. Pouco antes da mesa, o banheiro. No outro lado, na mesma parede, tem uma cômoda com cinco gavetas, mais do que suficiente. A parede bem em frente tem uma janela de bom tamanho. Na parede do lado direito tem um armário com prateleiras para roupas e cabides. Há duas camas estreitas encostadas na parede da direita. Tirarei a colcha da cama mais próxima da janela, a que você provavelmente usará. Tem uma mesinha-de-cabeceira e ali porei o seu relógio de viagem. Deixarei a sua mala em cima da outra cama, por enquanto. Ainda tenho tempo para guardar suas roupas na cômoda e no armário. Direi onde está cada coisa, enquanto guardo. Mas Rosa estará com você todos os dias, até levá-la de volta a Roma. Ela pode lembrar qualquer coisa, caso você esqueça.

— Não esquecerei — garantiu Natale.

Natale foi informada que haviam transcorrido 20 minutos quando Tia Elsa terminou de arrumar suas coisas.

— Detesto ter que deixá-la, Natale, mas agora preciso correr. Tornaremos a nos encontrar depois de uma semana.

— Talvez dentro de uma semana eu possa *ver* você.

— Assim espero.

Natale achou que o tom da voz da tia era de dúvida, mas sentiu e gostou do seu abraço e beijo afetuoso. Beijou-a em retribuição.

— Obrigada por tudo, Tia Elsa... pelos dias maravilhosos em Veneza, pelo trabalho de me trazer até aqui, por pedir a Rosa para me ajudar.

— Deus a abençoe, querida — murmurou Tia Elsa, deixando o quarto em seguida.

Por um instante, Natale sentiu-se terrivelmente sozinha, até que ouviu a voz de Rosa ao seu lado:

— Muito bem, Natale, aqui estamos. Gostaria de descansar agora ou dar uma volta pela cidade?

— Eu gostaria de ir direto para a gruta. Preferia deixar o passeio pela cidade para outra ocasião. Neste moirmento, quero passar o máximo de tempo possível na gruta, oferecendo minhas orações à Virgem. Não se importa?

— Irei para onde você quiser, Natale. E acho que a gruta é boa ideia. Vai animá-la de verdade. Fica a poucos minutos do hotel.

— É para lá que eu quero ir.

— Ainda está quente lá fora. Quer tirar essa *jeans* e vestir uma roupa mais fresca?

— Acho que sim. Tem um vestido estampado de seda no armário.

— Eu o encontrarei.

Natale ouviu-a se encaminhar para o armário e disse:

— Rosa, esta visita pode ser curta. Eu gostaria de fazer outra, mais demorada, depois do jantar...

Pondo o vestido nas mãos de Natale, Rosa explicou:

— Esta noite não poderei ajudá-la, Natale. Sinto muito, mas já me comprometi a comparecer ao Centro de Hospitalidade todas as noites para empurrar uma cadeira de rodas na procissão das velas. Mas estarei disponível para ajudá-la todas as manhãs e tardes. E também deixarei de comer com os outros voluntários para acompanhá-la ao jantar no hotel. Mas logo depois do jantar terei que deixá-la em seu quarto e voltar correndo para o domínio. Não vai se importar, não é mesmo? Terá um dia inteiro na gruta e depois do jantar poderá descansar, escutar o rádio, dormir um pouco.

Natale torceu para que seu desapontamento não transparecesse. Largando o vestido de seda, ela baixou o zíper da *jeans* e tirou-a.

— Não se preocupe, Rosa. Compreendo perfeitamente. Darei um jeito.

Ela daria mesmo um jeito, pensou Natale, enquanto punha o vestido de seda por cima do sutiã e da calcinha. Aprendera a andar sozinha em Roma e descobriria agora o caminho para ir à gruta e voltar, sozinha, todas as noites. Por mais difícil que pudesse ser, não perderia as noites de oração solitária na gruta. Fora para isso que viera até aqui. Para entrar em contato com a Virgem. E aprenderia a fazer isso sozinha. No momento em que saíssem do quarto, contaria os passos até o elevador, encontraria os botões para subir e descer, aprenderia a encontrar a saída do hotel, lembraria que direção virar quando chegasse à rua, não esqueceria as voltas subsequentes para alcançar a gruta. Era eficiente nessas coisas, já o fizera antes, possuía uma boa capacidade de memorização, como

atriz.

— Se meu vestido está direito, então já estou pronta — anunciou ela.

Sentiu a mão de Rosa em seu cotovelo e ouviu-a dizer:

— Pois vamos embora.

Deixando o quarto, Natale pôs-se a contar os passos e memorizá-los — tantos passos até o elevador, tantos passos depois de sair do elevador, atravessando o saguão e a arcada para a Avenue Bernadette Soubirous. Virar à direita. Passos pela rua até a esquina. Sinal de trânsito.

— Há geralmente uma caminhonete da polícia, vermelha com uma listra branca ao redor, parada nesta esquina, até 10 horas da noite — Rosa estava explicando. — E se a caminhonete não está, então tem um ou dois guardas a pé.

Guardas, memorizou Natale, para ajudá-la a atravessar a rua até a outra esquina. Passos passando pelo café Le Royale, passando por mais lojas, até uma loja de *souvenirs*, chamada Sainte-Thérèse/Little Flower.

— Viramos aqui à direita e atravessamos a avenida, até uma rampa comprida que nos deixará no domínio.

Natale continuou a contar e memorizar. Passos através da avenida para a rampa. Passos descendo a rampa.

— Estamos agora na base da rampa, Natale. À esquerda, a uma curta distância, fica a Basílica do Rosário. Contornando-a, para a direita, chega-se à gruta. Quer entrar na basílica?

— Não agora, Rosa. Comparecerei à missa e à confissão amanhã. Agora, quero ir à gruta.

— Muito bem, vamos à gruta. Estamos passando pelas basílicas. E agora por uma arcada ao lado, levando para a área da gruta.

Natale caminhava em passos firmes ao lado de sua ajudante e amiga, contando silenciosamente os passos para a área da gruta.

— Estamos passando por uma livraria que vende livros e folhetos a respeito de Bernadette. Vamos passar por uma série de torneiras que despejam água da fonte e depois por um *stand* que vende velas. Ao lado da gruta, mais além, tem outras duas torneiras e depois os banhos com água da fonte.

— Pare-me diante da gruta — pediu Natale, suavemente, recomeçando a contar os passos.

— Aqui, à nossa esquerda... — Natale sentiu as mãos firmes de L. Rosa virando-a. —... fica a gruta. Há muitas pessoas na frente, em bancos, cadeiras, ajoelhadas no chão, algumas em fila mais adiante para entrar.

— Quero entrar.

Natale contou os passos enquanto Rosa a conduzia para a fila.

Com Rosa na frente, segurando sua mão e exortando-a a se adiantar, Natale foi andando, hesitante, contando de novo. Em determinado momento, quando pararam, Rosa sussurrou:

— Você está no lugar em que acredito que Bernadette se ajoelhou.

Natale assentiu e ajoelhou-se abruptamente, rezando em silêncio. Ao se levantar, ouviu Rosa dizer: — Está dentro da gruta. Pode tocar a parede interior com a mão direita. A mão de Natale procurou pela parede; ao constatar que estava tão perto, inclinou-se e beijou a superfície lisa e fria. Sentindo-se melhor pelo ato, Natale continuou atrás de sua ajudante, deixando Rosa guiá-la pelo que parecia um semicírculo através da gruta, até saírem finalmente no outro lado. — Quer que eu lhe mostre mais alguma coisa do domínio? — perguntou Rosa.

— Quero ficar aqui na frente da gruta e rezar.

— Há bancos vagos nos fundos. Com este calor, é melhor se sentar lá atrás quando quiser rezar.

Depois de se sentarem, Natale pegou seu rosário e se entregou a uma profunda oração e contemplação. Ela calculou que talvez meia hora passara quando Rosa, que a deixara sozinha, voltou e disse: — As pessoas já estão saindo para o jantar. Está na hora de irmos. Eu a levarei de volta ao hotel exatamente pelo mesmo caminho por que viemos.

Natale levantou-se e, com a mão na de Rosa, seguiu a companheira até a base da rampa que levava à rua por cima, sempre contando os passos. Subindo a rampa, ela continuou a contar. Lá no alto, fazendo uma pausa para recuperar o fôlego, ela pôde comparar os passos da volta com os da vinda, constatando que era quase os mesmos, divergindo apenas por algumas passadas mais curtas.

E dali a pouco estavam de volta ao saguão do hotel, esperando pelo elevador.

Natale sentia-se renovada e enriquecida. Na escuridão de sua mente, tentou divisar o Salvador e Sua Mãe, a Rainha do Céu. Ouviu Rosa falar-lhe mais uma vez:

— Vamos para o seu quarto. Pode descansar um pouco e se lavar. Também farei isso. Depois, desceremos para o restaurante e faremos uma boa refeição. Eu a levarei outra vez para o quarto quando terminarmos e a deixarei. Espero que não se sinta solitária.

— Nunca me sinto solitária — respondeu Natale, com um sorriso. — Terei o suficiente para fazer.

No outro lado do saguão, de frente para o elevador, lá estavam os dois, por trás do balcão de recepção, um deles observando as mulheres prestes a entrarem no elevador.

A mulher gorducha, de meia-idade, por trás do balcão, absorvida no livro-caixa, era Yvonne, a recepcionista regular durante o dia. O outro era um jovem recepcionista recentemente contratado para o turno da noite, chamado Anatole, corpulento, de sobrancelhas espessas, olhos cinzentos, nariz de pugilista, lábios grossos. Natural de Marselha, Anatole viera procurar trabalho em Lourdes e encontrara aquele emprego uma semana antes.

E agora Anatole observava atentamente as duas mulheres que entravam no

elevador.

— Aquela é a primeira que vejo neste hotel durante toda a semana que me dá vontade de foder — comentou Anatole.

Yvonne, que se acostumara rapidamente à linguagem grosseira do seu assistente, levantou os olhos do livro para acompanhar o olhar dele na direção do elevador.

— Quer aquela velha?

— Não, sua estúpida, a outra. Está de costas agora, mas observe quando ela se virar para entrar no elevador. A moça deslumbrante. Parece italiana. Já viu peitos iguais?

Seus olhos famintos se regalaram quando Natale entrou no elevador. Hipnotizado, contemplou a moça extremamente atraente, os cabelos pretos compridos, os olhos escuros provocantes, nariz empertigado, lábios vermelhos, garganta leitosa envolta pela corrente da cruz de ouro que pendia por cima dos seus pontudos, o vestido leve de verão que parecia ressaltar cada contorno do corpo.

— Ela é para mim — reafirmou Anatole. — A que eu quero comer.

Yvonne ficou consternada.

— Você está louco, Anatole? Ela é cega.

— E quem disse que se precisa ver quando se está fodendo?

— Anatole, você é grosseiro e incorrigível. E o que está dizendo é absolutamente inadmissível.

— Talvez — comentou Anatole, dando de ombros. — Mas talvez a Virgem esteja do meu lado.

Era princípio da noite quando o ônibus amarelo, empoeirado, com um cartão no para-brisa dizendo ESPAGNE, percorreu barulhentemente as ruas de Lourdes e foi parar com um rangido diante do Hotel Gallia & Londres.

Oito passageiros desembarcaram naquela primeira parada, antes que o ônibus continuasse para outros hotéis, onde ficariam alojados os demais integrantes da Peregrinação San Sebastián. O último dos que desembarcaram naquele hotel foi Mikel Hurtado.

Ele ficou parado na calçada, esticando os músculos com câibras, aspirando o ar frio da noite, aliviado por se ver livre do ônibus claustrofóbico e de seus devotos contrerrâneos, que falavam sem parar. Por mais cansativa que fosse a viagem desde San Sebastián, atravessando a fronteira basca, entrando na França e percorrendo os campos até Lourdes, não levava muito tempo. Foram no máximo seis horas, mas Hurtado estava ansioso em chegar a seu destino, a fim de consumir o que jurara fazer e depois sair da cidade o mais depressa possível.

Esperando com os outros que a bagagem fosse descarregada, Hurtado esquadrinhou a área ao redor. Havia pessoas andando, de todas as idades e nacionalidades, nos dois lados da rua, muitas examinando as ofertas das lojas de

novidades e *souvenirs*. No outro lado da rua, à esquerda, num cruzamento, um enorme prédio cinzento, de granito, dominava o cenário. Um lampião iluminava o nome: HOSPITAL NOTRE-DAME DE DOULEURS.

Hurtado não tinha qualquer interesse em Lourdes, exceto pela gruta. Criado numa família católica, sempre conhecera alguma coisa sobre o santuário. Não tinha a menor ideia se a história de Bernadette era verdadeira e também não se importava. Tudo o que sabia era que a gruta se tornara o maior santuário do catolicismo e que a Virgem Maria deveria reaparecer ali, depois de um longo tempo, naquela semana.

Hurtado não podia entender que um revolucionário tão determinado quanto Augustín López, o líder do movimento clandestino basco, pudesse ter cancelado o assassinato do Ministro Bueno só porque este prometera negociar a autonomia basca depois do reaparecimento da Virgem. Não tinha a menor importância se a camponesa Bernadette, em seu tempo, realmente vira e conversara com a Virgem. Mas acreditar que agora, em nosso tempo, a Virgem pudesse reaparecer na maldita gruta era demais para se aceitar. Mesmo que López acreditasse nessa possibilidade, Hurtado não podia fazê-lo. E não vacilara em sua determinação de acabar com a tática protelatória de Bueno.

Embora sua jovem colega e às vezes parceira de cama, Julia Valdez, tentasse dissuadi-lo de seu propósito, Hurtado levava seu plano avante. Representara uma cena para sua pobre mãe, quase senil. Dissera que fora contagiado por um renascimento do fervor religioso depois de ouvir o anúncio do retorno da Virgem Maria a Lourdes. Queria estar presente em Lourdes para testemunhar o memorável acontecimento. Mas, para conseguir acomodações em Lourdes, precisava pertencer a uma peregrinação oficial. Havia uma peregrinação sendo organizada em San Sebastián e esperava que a mãe intercedesse por sua conta. Ela ficara emocionada, a pobre coitada, por aquela ressuscitada paixão do filho pelo catolicismo. Procurara o seu padre e conseguira arrumar um lugar para o filho na peregrinação de San Sebastián. Ele teria de usar seu próprio nome — algo contra os regulamentos da ETA — mas nunca fora fichado pela polícia; além disso, era um risco muito pequeno a assumir para uma missão tão importante.

Hurtado percebeu que sua mala marrom já estava na calçada, junto com o resto da bagagem. Pegou-a e entrou prontamente no hotel. Estava na frente dos outros de seu grupo e foi direto para a recepção. Dois recepcionistas estavam ali conversando, uma mulher estofando um suéter e dando algumas instruções a um rapaz abertamente entediado. Interrompendo-os, Hurtado disse:

— Fui informado a procurar Yvonne na recepção.

— Sou Yvonne — respondeu a mulher. — Encontrou-me bem a tempo. Eu já estava de saída. Em que posso servi-lo?

— Tenho uma reserva para a semana. Estou com a peregrinação de San

Sebastián. Meu nome é Mikel Hurtado.

Ele pegou o livro de registros, virou uma página.

— Hurtado, Hurtado... — foi repetindo, enquanto corria o dedo pela página abaixo. — Aqui está. Seu quarto é o 206. Já está pronto. Vou fazer o registro. Pegue a chave, Anatole.

Hurtado pegou a ficha, enquanto Anatole se afastava para buscar a chave.

— Quem lhe deu meu nome? — perguntou a mulher.

— Um amigo de Pau. Ele ficou de me deixar um embrulho e me disse para falar com Yvonne.

— Um embrulho? Ah, sim... Alguém entregou-o esta tarde. Mande para o seu quarto. Vai encontrá-lo lá.

— Obrigado, Yvonne.

Hurtado pôs 10 francos no balcão. Anatole voltou com a chave. Hurtado aceitou-a, pegou a mala e encaminhou-se para o elevador.

Lá em cima, Hurtado logo encontrou o quarto 206. Quando já ia entrar, viu duas pessoas saírem do quarto ao lado, uma mulher mais velha e uma moça deslumbrante, que parecia cega. Ouviu a mulher mais velha comentar que estava na hora do jantar, enquanto se afastavam.

A mente de Hurtado se concentrava no embrulho que deveria encontrar em seu quarto. Era tudo o que importava. Era o motivo para sua viagem a Lourdes.

Largando a mala, ele fechou a porta, procurando pelo embrulho. Viu-o em cima da mesa ao pé da cama.

Quase correu para a mesa, puxando uma cadeira, sentando, puxando o embrulho, tirando um canivete do bolso do casaco e abrindo uma lâmina. O embrulho era de papel cinzento, preso com um barbante fino e resistente. Hurtado cortou o barbante, tirou-o, abriu o papel. O conteúdo estava protegido por um papelão. Ele rasgou o papelão.

E, finalmente, o seu tesouro foi revelado. Ele pegou cada coisa com um amor evidente: diversas bananas de dinamite, amarradas; o pavio verde enrolado; a caixa de plástico; o mecanismo de tempo que pedira-; a bateria. Era uma potente bomba-relógio, já montara outras muitas vezes, em sua carreira recente. Acertava-se o relógio. Quando o ponteiro alcançava um número determinado, acionava um terminal ligado com a bateria, fechando o circuito e enviando uma carga de eletricidade pelo detonador e pavio, explodindo a dinamite e estourando o alvo em um milhão de fragmentos. Funcionara com inimigos dos bascos, em automóveis, em prédios; funcionaria na gruta, explodindo o maldito santuário em pedacinhos. Uma dúzia de Virgens Marias não seria capaz de encontrá-lo. A explosão resultante certamente faria com que López recuperasse o bom senso.

Hurtado levantou-se, pôs a valise na cama e abriu-a. Estava meio vazia e havia bastante espaço. Com todo cuidado, Hurtado levou os conteúdos do embrulho para a cama e guardou tudo na mala. Fechando-a e trancando-a,

agradeceu silenciosamente ao colega basco francês em Pau, um simpatizante da ETA a quem recebera outrora em San Sebastián e para quem telefonara uma semana antes, pedindo aquele material.

Hurtado não tinha paciência para jantar agora. Metendo a mão no bolso do casaco, tirou a metade de um sanduíche de salame que não terminara no ônibus. Enquanto comia, pegou o mapa de Lourdes que recebera no ônibus no outro bolso. Levando o mapa para a mesa, desdobrou-o e procurou a localização da gruta. Quando encontrou, constatou que não ficava muito longe do X que marcara no mapa durante a viagem, indicando o local do hotel. Mastigando o resto do sanduíche, ele decidiu que não perderia mais tempo. Queria conhecer a gruta, estudá-la, determinar que problemas estariam envolvidos em sua missão, se é que algum. Tinha certeza, pelas fotografias que vira num livro, que não seria muito difícil. Sem as dificuldades dos preparativos para explodir o Ministro Luis Bueno. O único problema ali poderia ser ligar a bomba sem ser observado. Haveria pessoas por toda parte. Mas a maioria tinha de dormir. Haveria um momento qualquer, durante a madrugada, em que quase não se encontraria pessoas na gruta. Tinha de verificar pessoalmente.

Antes de sair, ele foi ao banheiro. Depois de se lavar, contemplou-se no espelho, especulando se deveria assumir algum disfarce. Mas compreendeu que um disfarce não teria sentido, pois ninguém naquela cidadezinha remota já o vira ou sabia quem ele era. Na verdade, a sua própria ocupação transformara-o num anônimo, tanto em sua terra como em Lourdes. O único subterfúgio a usar podia ser a pedrinha no sapato. Guardara uma pedra pequena e lisa no bolso da mala para a visita a Lourdes. Tornou a abrir a mala e pegou a pedra. Depois de trancar a mala, tirou o sapato esquerdo e largou a pedra no interior. Tornando a enfiar o pé no sapato, amarrando-o, compreendeu que a pedrinha o obrigaria a claudicar. Perfeito para Lourdes. Andaria claudicando porque tinha um problema reumático ou artrismo grave na articulação do joelho. Viera até ali para rezar por uma cura.

Hurtado saiu do quarto claudicando.

Quinze minutos mais tarde, depois de pedir orientações e seguir a multidão que avançava em passos lentos, ele chegou à área indicada no mapa como Eplanade des Processions. Indiferente às três igrejas à esquerda, ele contornou-as rapidamente para chegar à gruta.

Minutos mais tarde se encontrava à beira de uma vasta multidão, que parecia se dispersar, se afastar. Ouviu alguém gritar:

— Está na hora da procissão das velas!

Enquanto a multidão se dissolvia e depois se reunia em alguma espécie de ordem — milhares de peregrinos, cambaleando, claudicando, se arrastando, muitos em cadeiras de rodas, usando muletas, tipoias, acompanhados por padres, freiras, leigos com braçadeiras e estandartes. — Hurtado descobriu que a área se

esvaziava de humanidade e pôde examinar melhor o lugar.

Estava à beira das fileiras de cadeiras e bancos, ocupados por um punhado de peregrinos, que diziam seus rosários ou faziam orações pessoais, os vultos individuais se perdendo na escuridão. O que estava iluminado, numa tonalidade rosa, era a própria gruta, por 18 fileiras de velas altas de cera. Mais acima, ele divisou uma imagem da Virgem Maria, curtida pelo tempo, sem qualquer atrativo, as mãos de mármore se encontrando, como em súplica.

A gruta em si era uma surpresa. Quando soubera do Momento do Reaparecimento e estudara as fotografias de Lourdes, a gruta assomara enorme em sua imaginação. Mas era muito menor do que pensara, mais comum. Mal valia a destruição e o risco envolvido. Mesmo assim, era enorme aos olhos de Luis Bueno e López, como tal deveria ser encarada e destruída.

Ele examinou a gruta da melhor forma possível. Um paredão de rocha lisa se erguia por cima e um lado da Basílica Superior e coroava o topo da colina. Ele deu uma olhada à direita da gruta e imediatamente percebeu o que podia fazer. Peregrinos e turistas estavam em fila ali, passando pela gruta num fluxo incessante, cada canto ali sob constante observação. Não seria possível esconder a dinamite. Mas à direita da gruta, um pouco acima, estava o nicho de tamanho considerável que continha a imagem de mármore da Virgem Maria. Em torno do nicho havia arbustos verdes, enquanto uma pequena floresta de árvores e moitas cobria uma inclinação que proporcionava boa base de apoio e tornava acessível a imagem.

Num momento propício, quando a maior parte de Lourdes estivesse dormindo, ele voltaria e fingiria rezar... para depois desaparecer em meio aos arbustos. Poderia subir até o nicho, colocar a dinamite por trás da base da estátua da Virgem, depois estender o fio verde, camuflado pela folhagem, até o detonador lá em cima, escondido entre as árvores. Armaria o detonador, desceria e se afastaria; 10 ou 15 minutos depois já estaria longe. Quando ocorresse a explosão, estaria num carro que já acertara alugar para o dia seguinte, deixando a cidade e seguindo para Biarritz e St.-Jean-de-Luz, a fim de atravessar a fronteira em Hendaye, antes que alguém sequer compreendesse o que acontecera. A tremenda explosão dividiria a gruta em cinco, faria desmoronar a metade da encosta, destruiria o altar no interior e os artefatos por toda parte, provavelmente abriria a fonte subterrânea, provocando uma inundação na área.

O santuário seria uma massa de escombros e blocos de granito. Nem mesmo a Virgem Maria, se resolvesse mesmo reaparecer, poderia encontrá-lo. O local ficaria completamente irreconhecível. O sorriso de Hurtado se alargou. A destruição da gruta não apenas era possível, mas também relativamente fácil.

Satisfeito com aquele primeiro reconhecimento, já prestes a se virar, ele sentiu a pressão em seu braço esquerdo e ouviu um sussurro de mulher na noite:

— Oi, Ken. Estive à sua procura por toda parte. Hurtado virou-se para deparar com uma moça atraente a fitá-lo. E disse, abruptamente:

— Não sou Ken. Deve ter se enganado.

— Oh, diabo! — exclamou a mulher. — Desculpe. Estou procurando meu marido... seu nome é Ken... Ken Clayton... e no escuro pensei que fosse ele. Tem a mesma altura. E ele também usava um casaco como o seu. Perdoe-me.

Hurtado estava achando a situação engraçada.

— Posso lhe garantir que o prazer foi todo meu. Seu Ken é um homem de sorte.

Ela sorriu, estendendo a mão.

— Obrigada. Sou Amanda Spenser Clayton, de Chicago.

— Prazer em conhecê-la — respondeu Hurtado, mas sem se apresentar.

— É melhor eu continuar a procurar e depois voltar ao hotel — murmurou Amanda, meio embaraçada.

— Talvez eu possa ajudá-la — disse Hurtado, pondo-se a andar a seu lado.

Amanda notou que ele claudicava.

— Está aqui por causa de sua perna?

— Um problema de artritismo — respondeu ele, distraidamente.

— Espero que não seja um caso fatal...

— Não, não é absolutamente fatal. Apenas doloroso e difícil.

— Mas o problema de Ken é fatal. É uma forma de câncer no quadril. É passível de operação e já houve sucesso em alguns casos.

Ken cancelou a cirurgia em Chicago por causa do reaparecimento da Virgem. Ele voltou subitamente à religião e concluiu que sua melhor esperança de cura estava em Lourdes.

Haviam entrado na ampla Esplanada do Rosário, Amanda sempre à procura de Ken, quando Hurtado segurou-lhe o braço de repente e apontou para a frente.

— Santo Deus, olhe só para aquilo! O que está avançando para cima de nós?

Amanda espiou. Um exército maciço se adiantava, entusiasmadamente, devotamente, os marchadores se estendendo até onde a vista podia alcançar.

— Deve haver milhares — murmurou Hurtado, piscando os olhos, aturdido.

— Mais de 30 mil — comentou Amanda. — Ouvi falar a respeito e também li. A Procissão das Velas. A Virgem Maria disse a Bernadette... que as pessoas venham em procissão... e as pessoas vieram, nunca pararam de vir desde então. Há duas procissões por dia, uma ao final da tarde e outra iluminada à noite. Esta começa com um rosário na gruta...

— Eu vi quando partiam esta noite — comentou Hurtado.

— ... desce pelo lado esquerdo da esplanada e prossegue até o outro lado do terreno, voltando depois para subir os degraus da Basílica do Rosário.

Hurtado puxou Amanda, tirando-a da esplanada e se juntando às centenas de espectadores que respeitosa e impressionantemente assistiam à procissão das velas.

Enquanto observava a procissão se aproximar, dividindo-se em duas colunas para marchar por lados opostos do parque, Hurtado pôde constatar que era eficientemente organizada. As filas intermináveis eram formadas por uma incrível variedade de pessoas, algumas vestidas em trajes exóticos, líderes de grupos carregando bandeiras diocesanas, bispos de púrpura, padres de preto, garotas das Filhas de Maria e meninos de coro em branco, todos levantando velas, protegidas pelo que pareceu a Hurtado serem chapéus de papelão invertidos.

— Esses escudos em torno das velas protegem as chamas do vento — comentou Amanda. — São vendidas nas lojas de *souvenirs* por dois francos. E são levantados ao mesmo tempo durante o coro de "Ave, Ave Maria". Um espetáculo e tanto.

Até mesmo para Hurtado a cena era impressionante. À frente de cada delegação de peregrinos vinha um líder leigo ou às vezes um padre, carregando um cartaz que identificava o grupo. Os grupos que passavam agora por Amanda e Hurtado erguiam seus cartazes bem alto e se podia ler BÉLGICA... JAPÃO... ARGÉLIA... METZ. Havia de fato milhares e milhares de peregrinos passando, os cartazes indicando que vinham até dos cantos mais distantes do mundo.

E de repente, de algum lugar por trás dele, de algum lugar nas árvores por cima, alto-falantes começaram a transmitir a música e letra do "Hino de Lourdes". Hurtado prestou atenção às palavras:

*Rezamos pela glória de Deus,
Que seu reino possa vir,
Rezamos por seu Vigário,
Nosso Pai, e Roma.
Rezamos por nossa Mãe,
A igreja neste mundo,
E pedimos que abençoe, doce Dama,
A terra de nosso nascimento.
Rezamos por todos os pecadores
E as almas que agora se desgarram
De Jesus e de Maria Pelos caminhos da heresia.
Para os pobres, doentes e aflitos,
Suplicamos a sua misericórdia.
Conforte os agonizantes,
Com a luz da sepultura.
Ave, Ave, Ave Maria,
Ave, Ave, Ave Maria!*

E das 30 mil gargantas na procissão veio a repetição do coro:

*A-ve, A-ve, A-ve Ma-ri-aa,
A-ve, A-ve, A-ve Ma-ri-aa!*

Involuntariamente, Hurtado engoliu em seco. Virando-se, olhou para o rosto

de Amanda. Ela suspirou.

— Tem razão, é muito comovente.

— Muito mesmo — concordou Hurtado.

— Mas é absurdo, quando se pensa bem a respeito. Qualquer pessoa com um pouco de bom senso ou inteligência sabe que não existem milagres. Isso tudo é um grande circo religioso, nada mais.

— Obviamente, você não é uma crente — comentou Hurtado.

— Sou uma psicóloga clínica. Conheço os efeitos da histeria, emoção e auto-hipnose na mente humana. Sei como a mente pode temporariamente paralisar o corpo e depois curá-lo. Posso lhe garantir que se algum desses inválidos ficar curado não será por causa de algum suposto acontecimento milagroso. Será porque desejou ficar bom, sem saber que esse é o verdadeiro motivo para a sua cura.

Amanda desviou os olhos da procissão, fitando Hurtado.

— E você?

— O que há comigo? — Talvez eu tenha falado demais. Por acaso é um crente?

Por mais tentado que estivesse a concordar com a posição de Amanda, Hurtado decidiu que seria mais sensato assumir o seu papel escolhido. — Só posso dizer que fui criado na fé. E é justamente por isso que estou aqui.

— Cada um pensa como quer — comentou Amanda, dando de ombros e virando o rosto. — Ken provavelmente está no meio desse exército, marchando também. Voltarei ao hotel e ficarei esperando-o.

Eles subiram a ladeira em silêncio, atravessaram a rua e dobraram a esquina.

— Lá está meu hotel — disse Amanda. — Ken e eu estamos no Hotel Gallia & Londres.

— É onde também estou — informou Hurtado. Entraram no saguão e foram pegar o elevador. Hurtado saltou no segundo andar.

— Boa noite, Sra. Clayton. Tive muito prazer em conhecê-la.

— O prazer foi meu. Durma bem.

— É o que farei.

Mas quando chegou ao seu quarto, Hurtado sabia que não dormiria por muito tempo. Armaria o despertador para tocar pouco depois da meia-noite, pois tencionava voltar à gruta de madrugada. Havia algo muito importante a descobrir, o mais depressa possível.

No banco traseiro do táxi, a cabeça de Ken Clayton repousava no ombro de Amanda Spenser. Mais uma vez, ela olhou para o rosto de Ken. O pobre querido estava profundamente adormecido, o que acontecia desde o momento em que embarcaram no táxi e deixaram Lourdes. Amanda tentou divisar o mostrador de seu relógio de pulso. Pelo que pôde ver, na semi-escuridão, estavam na estrada, percorrendo as colinas ondulantes de Chalosse e fragrantas florestas de pinheiro,

há cerca de uma hora e meia. Ela fora informada de que a viagem até a cidadezinha de Eugénie-les-Bains não deveria durar mais do que isso. Olhava atentamente pela janela do Mercedes à procura de Les Prés d'Eugénie.

Tinha recordações agradáveis dos dois dias que passara naquele lugar pitoresco e elegante, em sua última visita à França. Desfrutara os banhos e o tênis, a cozinha maravilhosa, os espetaculares bosques ao redor. Ali, Ken poderia encontrar o repouso de que tanto precisava; ali, longe daquele hotel horrível em Lourdes e dos estúpidos peregrinos, naquele ambiente sedutor, ela poderia convencê-lo de que devia voltar a Chicago o mais depressa possível. Se Ken insistisse obstinadamente em mais uma ou duas visitas àquela gruta absurda, ela o levaria de carro a Lourdes e voltaria. Mas só uma ou duas visitas a mais.

Não houvera qualquer dificuldade em deixar o hotel em Lourdes com Ken. Ela descera a bagagem para o saguão — mas não desfizera a reserva do quarto miserável, para o caso de Ken precisar de um lugar para descansar, se insistisse em voltar à gruta — mandara que um táxi ficasse à espera e aguardara o retorno de Ken da procissão.

Ele voltara com os peregrinos, sonolento, pálido, cambaleando, mais parecendo um morto-vivo. Amanda o afastara dos outros. Ele estava meio sonambúlico. E confessara que marchara por todo o quilômetro e meio da procissão noturna. Talvez tivesse exagerado. Agora, tudo o que queria era deitar e dormir. Amanda lhe dissera que poderia dormir no táxi. Acrescentara que encontrara um hotel melhor e mais espaçoso, que poderia lhe proporcionar melhor descanso. Mas Ken mal a ouvira. Estava quase apagado, não tinha consciência do que ela lhe dizia, muito menos resistência. Amanda ordenara que as malas fossem levadas para o carro e gentilmente conduzira Ken ao banco traseiro, onde ele adormecera no mesmo instante.

— Les Prés d'Eugénie — anunciou o motorista do táxi. Amanda olhou pela janela do carro e pôde divisar a noite iluminada pelas luzes dos três prédios imponentes, afastados da estrada.

O táxi parará diante do caminho pavimentado que se estendia entre fontes baixas até o terraço externo, com suas cadeiras de vime, e a entrada do hotel. Amanda levantou Ken, acordando-o. Os olhos injetados se abriram por um instante, enquanto ela o tirava do táxi.

— Onde estamos? — perguntou ele, mas caído em estupor, não muito interessado na resposta.

O motorista estava à mala do carro, entregando a bagagem a um carregador do hotel. Amanda chamou o motorista e pediu que a ajudasse a levar o marido para dentro. Juntos, quase carregaram Ken, enquanto ele cambaleava pelo caminho, passando pela estátua branca de uma mulher nua e seguindo até a entrada modesta do hotel. O motorista ficou sustentando Ken, enquanto Amanda cuidava do registro.

— A suíte que reservamos no prédio novo é maravilhosa — assegurou a recepcionista. — Espero que gostem.

Ela chamou o jovem carregador e lhe disse:

— Leve Monsieur e Madame Clayton até a suíte Bois des îles. Amanda pagou a corrida, amparou Ken e levou-o atrás do jovem, até a porta do elevador. Subiram e chegaram à moderna suíte, que ficava próxima.

Era elegante e arejada, a sala de estar exibindo uma mistura de móveis contemporâneos e antigos, um relógio velho, flores frescas, animais esculpidos em madeira, aparelho de televisão, tudo tão atraente quanto Amanda podia se lembrar, um alívio intenso depois do quarto acanhado que haviam deixado.

Amparando Ken, ela tentou chamar a sua atenção para a linda decoração, o sofá branco, as cadeiras de vime, a lareira de mármore.

— Vamos pedir um drinque, sentar e relaxar — sugeriu ela. — Depois, se você estiver com vontade, poderemos descer para jantar.

— Quero dormir — murmurou Ken. — Deixe-me deitar. Ele estava tão exausto que Amanda não teve coragem de pressioná-lo ainda mais com as amenidades do novo hotel. Levou-o para o quarto. As cobertas na cama de casal já se achavam puxadas. Amanda despiu-o até a cueca. Não se deu ao trabalho de abrir a mala e pegar um pijama. Levou-o para a cama e acomodou-o no colchão macio, numa posição confortável, cobrindo-o. Ao terminar, Ken já estava profundamente adormecido.

Amanda não podia atribuir sua exaustão à viagem. O percurso pelos campos franceses fora rápido e suave. Atribuía o estado em que Ken se encontrava ao ordálio da procissão, a marcha interminável com os outros fanáticos. Fora isso que o deixara tão abatido... isso e mais a doença, é claro.

Ela vagueou pelo quarto por um instante, tencionando arrumar as roupas. Mas logo percebeu que estava faminta. Nada comera desde o almoço no trem. Entrando no banheiro acarpetado, com a bolsa de maquiagem, ela lavou-se, ajeitou as faces e os lábios, penteou os cabelos, depois deixou a suíte e desceu.

No salão moderno, no andar térreo, ficou sozinha, sentada num sofá bege, com um martini. Estava bastante satisfeita consigo mesmo por ter trazido Ken para aquele hotel. Tentou afastar da mente as impressões do seu primeiro dia em Lourdes. Sentia-se mais condescendente agora, mais generosa, podia compreender como um santuário assim seria reanimador para os visitantes ignorantes que possuíam uma fé autêntica. Mas, depois, estremeceu. Para ela, com seus antecedentes profissionais, era um verdadeiro horror espiritual.

Terminando de tomar o martini, ela se levantou e foi ao encontro da comida que a aguardava no restaurante. Ainda havia pessoas acabando de comer, mas diversas mesas já estavam desocupadas. O *mattre* arrumou-lhe uma mesa tranquila no canto. Amanda pegou o cardápio de luxo, pensando como o proprietário fora esperto ao decorar o restaurante com simplicidade e confiando

no cardápio para substituir o resto. Examinando as opções no cardápio — "*La Carte Gourmande*", "*Le Repas des Villes*" ou "*Le Repas des Champs*" — ela resolveu ir até o fim e pedir o jantar mais completo e mais caro.

Escolheu de "*Le Repas des Villes*", o jantar de 235 francos, mais 15 por cento de serviço *en sus*. Quando o *mattre* voltou, ela pediu *La Salade à L'Oiseau* como abertura, *La Fine Rouelle de Turbot Sauce Simple*, depois optou entre dois pratos por *Les Piccatas de Foie de Canard en Vinaigrette d'Asperges* e — uma sobremesa também, por que não? — *La Torte Chaude au Chocolat Moelleux*.

O jantar consumiu quase duas horas; quando acabou, Amanda mal conseguia se mexer. Sentia-se culpada por Ken não partilhar aquela indulgência hedonista, mas ficou melhor ao pensar que ele estaria à mesa com ela na noite seguinte. Pensou em se obrigar a dar um passeio pelo vasto gramado nos fundos do hotel, a fim de desgastar um pouco da refeição. Mas finalmente resolveu subir para a suíte, pois Ken poderia já ter acordado àquela altura.

Chegando à suíte, no terceiro andar, ela entrou e foi diretamente para o quarto. À luz do abajur, constatou que Ken ainda dormia, a cabeça afundada no travesseiro. Não se mexera da posição original. Era evidente que ele precisava muito do descanso e não acordaria antes do amanhecer.

Sem fazer muito barulho, Amanda terminou de arrumar as roupas, pendurando vestidos e ternos no armário. Ao final, só restava para arrumar a meia dúzia de livros que ela trouxera. Abriu a bolsa, tirou os dois volumes do romance de Zola, levando-os — juntamente com a caixa de bombons de menta que a camareira deixara em seu travesseiro — para a sala de estar. Sentou-se, comendo os bombons, folheando os volumes de Zola, repassando mais uma vez os trechos que marcara. Acabando com os livros, deixou-os na mesinha, encontrou um bloco de anotações e um lápis junto ao telefone. Caso Ken acordasse para o café da manhã, antes dela, poderia achar fascinante ter alguma coisa para ler enquanto tomava o suco de laranja. E Amanda escreveu: "Ken, querido, espero que esteja se sentindo melhor. Caso acorde antes de mim, aqui está uma coisa para você ler ao café da manhã. Não tente ler o romance inteiro... veja apenas os trechos de Zola que marquei. Eu o amo. Sempre sua — Amanda."

Ela pôs o bilhete por cima dos livros e percebeu que, a esta altura, também estava bastante cansada. Deitaria agora, a fim de poder levantar cedo e terem um dia maravilhoso lá fora.

Tirando as roupas, ela encaminhou-se para o banheiro, a fim de pegar a camisola que lá deixara. Ao passar pelos espelhos, ficou intensamente consciente do seu corpo nu. Recordou excitada o quanto Ken gostava daquele corpo, de quantas vezes eles tinham-se unido no ato do amor. Pois o corpo ainda estava ali, maduro e forte, mas macio, à espera da recuperação de Ken e do amor que lhe proporcionara quando era robusto e atlético, antes do início da doença. Agora, o

corpo fatigado na cama era apenas um arremedo do que fora antes. Mas Amanda se achava mais certa do que nunca de que a cirurgia poderia repará-lo e salvá-lo, revitalizá-lo, permitir-lhe fazer um amor fantástico com ela, pelo resto de suas vidas, gerando não apenas filhos, mas toda uma eternidade de prazeres carnavais.

Depois de pôr a camisola e apagar as luzes, ela aconchegou-se em seu lado da cama e não demorou muito para que mergulhasse no sono.

Não tinha ideia de quantas horas dormira. Sabia apenas que a manhã já devia estar bem adiantada, enquanto abria os olhos gradativamente para o clarão do sol. Escutou o canto dos passarinhos nas árvores além da janela do quarto, depois bocejou e despertou plenamente. Virou-se para falar com Ken. Ele não estava mais na cama. Isso não a surpreendeu. Ken dormira bastante e provavelmente estava na sala, tomando o café da manhã ou refestelado no sofá, lendo os trechos assinalados do romance de Zola.

Empurrando as cobertas para o lado, Amanda sentou-se na cama e pôs os pés no chão. Calçando as chinelas, resolveu falar com Ken, antes de escovar os dentes e tomar um banho de chuveiro. Encaminhou-se para a porta, dizendo:

— Como está agora, Ken?

Não houve resposta. Ela correu os olhos pela sala. Ele não estava ali. Amanda virou-se para a varanda, onde ele poderia estar tomando o café da manhã. Ken também não estava ali. Provavelmente saíra para respirar um pouco de ar fresco e ela o encontraria lá fora.

Já voltava para o quarto quando, pelo canto dos olhos, avistou um papel pregado com fita adesiva na porta de entrada da suíte. Foi até lá e viu que era uma folha do papel timbrado creme do hotel. Reconheceu prontamente a letra de Ken. Pegou a folha e leu o que ele escrevera:

"Amanda, minha querida intrometida,

"Nunca mais tente fazer uma coisa assim.

"Acredite no que quiser, mas deixe-me acreditar no que eu acredito. Não tente obstruir minhas convicções. Não creio que você tenha alguma noção da profundidade da minha fé. Creio nas comunicações de Bernadette com a Santa Mãe, creio na Imaculada Conceição, creio que Virgem Maria voltará, creio em todas as curas que Ela concedeu aos abençoados. Espero ser um deles — não apenas por mim, mas por *nós*.

"No dia em que você puder provar — *provar* — que minha fé está errada, poderei escutar o que tem a dizer. Até lá, porém, deixe-me ser como sou.

"Quanto a este lugar absurdo e superficial, não pertenço a ele. Não pertenço a um hotel de luxo, tão distante do lugar em que desejo estar. Pertenço ao meu hotel em Lourdes, com os demais peregrinos, meus amigos. Pertenço ao lugar mais próximo da gruta em que puder ficar.

"Peguei um táxi para voltar a Lourdes. Se quiser, pode ir se encontrar comigo

lá. Se não quiser, tornaremos a nos encontrar em Chicago, depois que eu estiver curado.

"Por mais que você me provoque, Amanda, eu ainda a amo.
Ken."

Amanda não sentiu raiva, mas uma onda de frustração, que a fez sentir-se fraca e desamparada.

Ken, seu tolo, não banque o idiota, não cometa suicídio, ela sentiu vontade de gritar.

Amassou o bilhete na mão e voltava para o quarto quando avistou os dois volumes do romance de Zola e a mensagem que deixara por cima na noite anterior. Aproximou-se dos livros, especulando se Ken teria lido alguma coisa.

Aparentemente sim, pois ele escrevera alguma coisa no fundo de sua mensagem. Amanda pegou o papel e viu o que estava escrito:

"Foda-se Zola."

Ela sentiu vontade de chorar pela loucura devota de Ken, a idiotice cega, a esperança de ser salvo das garras da morte por alguma aparição fantasmagórica do mundo exterior. Mas não chorou. Em vez disso, entrou no quarto para se vestir e seguiu-o de volta a Lourdes.

Ken precisava de alguém mais prático para garantir que ele sobrevivesse. Era ela quem cuidaria disso. De qualquer maneira.

Segunda-Feira, 15 de Agosto

Passava um minuto da meia-noite em Lourdes e o segundo dia do Momento da Reaparição começara.

Eram exatamente duas horas da madrugada quando o despertador do relógio de viagem de Natale Rinaldi, na mesinha-de-cabeceira, em seu quarto no Hotel Gallia & Londres, disparou com estridência. Imediatamente desperta, Natale estendeu a mão, tateando à procura, até encontrar o relógio e apertar o botão para acabar com o som persistente. Sentou-se na cama, emergindo de uma escuridão nebulosa, povoada de sonhos, para uma escuridão alerta, a mente focalizando e lembrando que, depois do jantar, armara o relógio Braille para tocar às duas horas da madrugada. Dormira sem tirar o vestido, limitando-se a remover os sapatos, que deviam estar em baixo da cama.

Como sua ajudante, Rosa, não pudera levá-la à gruta pela segunda vez, na noite anterior, Natale resolvera voltar sozinha, quando todos dormiam, a fim de desfrutar o conforto do santuário sem mais ninguém ao redor. Baixando os pés para o chão e calçando os sapatos de saltos baixos, ela experimentou um breve momento de pânico. Especulou se poderia lembrar a direção, a contagem dos passos antes de cada volta, a partir do instante em que deixasse o quarto e se encaminhasse sozinha para a gruta. Mas o vazio momentâneo em sua mente foi logo preenchido pelas fileiras de números em ordem absoluta, os passos que deveria dar a cada volta, saindo do quarto, atravessando o saguão do hotel, percorrendo a Avenue Bernadette Soubirous até a rampa para a Basílica do Rosário, alcançando finalmente a própria gruta. Os números estavam ali, em sua mente, tão certos e nítidos como numa tela de computador.

Aliviada, Natale levantou-se, tateou o caminho até o banheiro, molhou o rosto com água fria, penteou os cabelos.

Saiu para o corredor, trancou a porta e pôs a chave num compartimento interno da bolsa, que depois pendurou no ombro.

Seguiu para a direita, procurando o elevador, encontrou-o infalivelmente. Tocou no rosário dentro da bolsa, pensando em sua vigília solitária na gruta e as orações que ofereceria à Virgem invisível.

Quando ouviu o elevador chegar, estava pronta para seguir. Nada poderia afastá-la da Virgem que tanto amava e com quem poderia falar a sós.

Arriado numa cadeira, por trás do balcão, o queixo encostado nos cabelos expostos do peito, Anatole cochilava. Um barulho qualquer, familiar mas inesperado, intrometeu-se em seu subconsciente, acordando-o. Abrindo os olhos, ouviu o elevador descendo para o saguão. E escutou o chocalhar quando parou com um solavanco.

Uma rápida olhada no relógio da recepção informou-o de que passavam

cinco minutos das duas horas da madrugada.

Era algo incomum alguém usar o elevador àquela hora. Desde que chegara a Lourdes, procedente de Marselha, arrumando aquele emprego tedioso, Anatole nunca ouvira ninguém acordar às duas horas da madrugada naquele hotel de chatos. Durante a semana inteira em que trabalhava ali, o saguão fora como um necrotério entre uma e cinco horas da madrugada.

E agora, cinco minutos depois das duas horas da madrugada, alguém estava saindo do elevador.

Anatole levantou-se inclinando-se por cima do balcão, enquanto estreitava os olhos para ver melhor.

Entre todas as pessoas, era justamente a garota sensacional quem saía do elevador. A garota cega absolutamente deslumbrante. Ele reconheceu-a no mesmo instante.

Ali estava ela, em carne e osso. E absolutamente sozinha. Mas que loucura! Que diabo ela estava querendo fazer àquela hora?

A garota parecia saber o que era, pois atravessava o saguão, com alguma segurança, encaminhando-se para a porta e a rua.

Anatole lembrou-se de que trancara a porta do hotel, como fora instruído a fazer, antes de tirar o seu cochilo. A garota, tão sensual, encontraria uma barreira segura, que a impediria de seguir para onde estava indo. Ela merecia a cortesia do hotel, pensou Anatole, e merecia uma olhada mais de perto. E no instante seguinte ele entrou em ação, contornando apressadamente o balcão e seguindo para a porta. A moça já chegara lá quando ele chamou:

— *Mademoiselle*

Ela parou prontamente, surpresa, depois virou a cabeça.

— Sou Anatole, o recepcionista do turno da noite — ele explicou rapidamente. — Sabia que já passam de duas horas da madrugada?

— Sabia, sim — respondeu Natale, sem a menor hesitação.

— E quer sair do hotel a esta hora?

— Tenho um encontro marcado.

— A porta da frente está trancada. Sempre a mantemos trancada depois que todos se recolhem. Mas posso abri-la.

— Pois então abra, por favor.

Anatole já estava puxando a tranca.

— Se não vai demorar, posso deixar a porta aberta.

— Eu ficaria agradecida.

— Deixe-me abrir a porta.

Anatole passou à frente dela, roçando em seu corpo, sentindo o contato macio daqueles fantásticos seios jovens em seu braço. Puxando a porta, ele observou-a atentamente. Um rosto pálido, deslumbrante, animado apenas pelos óculos escuros. Seios pontudos. O vestido curto, que adería aos quadris e deixava à

mostra as pernas bem torneadas.

— A porta está aberta? — perguntou ela.

— Está, sim. — Anatole mal conseguiu falar. — Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Obrigada, mas não há necessidade. Estou bem.

Ela passou por ele, saindo para a rua, sem qualquer hesitação. Virou à direita no instante em que seu pé tocou na calçada. Anatole saiu para observá-la. Os passos eram controlados, mas firmes, quase desafiadores. Anatole sorriu. Uma sacana de coragem. Devia ser sensacional na cama. Ele manteve os olhos fixados nela, as pernas maravilhosas, os quadris ondulantes, sentindo-se inflamado pelo desejo.

Tivera muitas mulheres em Marselha, quase sempre prostitutas pagas dos seus escassos ganhos com trabalhos que envolviam atividade manual e algumas mulheres bêbadas e gastas, que faziam qualquer coisa com qualquer um. Mas nunca fora para a cama com uma garota, com uma dama de alta classe, jamais com alguma mulher que parecesse com aquela cega.

Ele continuou a observar o vulto que se afastava pelas poças de luz dos lampiones que desafiavam a escuridão. Ao longe, ela chegou à esquina, desceu da calçada, atravessou a rua, passando pelo café.

Um encontro marcado? Com quem?

E logo ele compreendeu. A gruta. Ela ia esperar pela Virgem na gruta. Uma garota estúpida. Como poderia ver a Virgem ou quem quer que fosse? Quando compreendesse que não havia Virgem nenhuma por lá, ela poderia querer alguém mais, alguém que pudesse realmente lhe fazer companhia.

Tornando a entrar no hotel, Anatole mal conseguia andar, de tão enorme que era a ereção entre suas pernas.

Era bastante difícil à luz bruxuleante das velas lá embaixo, mas Mikel Hurtado continuou a avançar, de quatro, saindo da vegetação mais próxima do nicho que continha a imagem da Virgem Maria e se esgueirando entre os arbustos e árvores.

Ao despertar do cochilo no hotel, meia hora antes, ele planejara inicialmente levar a dinamite e o detonador para a gruta, escondendo tudo ou armando logo de uma vez. Vestindo-se, mudara de ideia. Ao cair da noite anterior, vira a área da gruta e lhe parecera um local bastante promissor. Agora, ele achou melhor fazer outro reconhecimento, de madrugada quando não havia peregrinos... mas podia haver guardas. Suas experiências na Espanha ensinavam-lhe que era essencial conhecer a situação de segurança de qualquer alvo. Assim, sem o equipamento, ele descera a escada para o saguão, passara pelo sonolento recepcionista da noite, que lhe abriu a porta, saíra para a rua e se encaminhara para o domínio.

Das sombras na base da rampa, Hurtado efetuara um reconhecimento preliminar da área perto do seu destino. Não havia ninguém à vista na Esplanada

do Rosário nem nas passarelas que conduziam à Basílica Superior. E parecia também não haver ninguém na entrada, da gruta. Quanto à Esplanada das Procissões, como o mapa chamava o local, não havia uma só pessoa em toda a sua extensão.

Hurtado já começava a emergir das sombras quando, aparentemente do nada, um vulto surgiu a curta distância... um homem, idoso, um vigia noturno de blusão azul, com um coldre no ombro. Não estava exatamente andando, mais se arrastava, subindo pela Esplanada das Procissões, provavelmente vindo do portão no outro lado, encaminhando-se para a Basílica do Rosário. O vigia parecia andar como um sonâmbulo, bocejando, não olhando para a esquerda nem para a direita, enquanto avançava para as igrejas. Chegando aos degraus diante da Basílica do Rosário, o homem sentou-se para fumar um cigarro. Levou cinco minutos assim. Finalmente, largou a ponta de cigarro, apagando-a com o sapato. Depois se levantou e começou a ronda pelo domínio.

Observando o guarda se afastar, Hurtado consultou o relógio e resolveu marcar o tempo da ronda. Agachando-se e depois sentando, completamente escondido na sombra da rampa, ele esperou pacientemente. E 25 minutos depois o guarda tornou a aparecer, avançando do outro lado do domínio na direção das basílicas. Mais de 30 minutos, quase 35, antes que ele alcançasse a entrada da Basílica do Rosário, mais uma vez descansando e saboreando o cigarro ritual. Outros cinco minutos e o guarda prosseguiu em sua patrulha.

Hurtado ficou satisfeito com o tempo. O guarda passava por aquele local a cada 30 minutos, mais ou menos na hora certa e na meia hora. Hurtado esperaria que ele sumisse e depois seguiria para a gruta. Examinaria os arbustos, moitas, as árvores ao lado e por cima da caverna, iria embora quando o guarda se encontrasse no outro lado do domínio.

Não haveria problema. Absolutamente nenhum.

Quando o guarda tornou a desaparecer, Hurtado desceu a rampa apressadamente, tão silenciosamente quanto possível, contornando a igreja para chegar à gruta. Também não encontrou qualquer pessoa à vista. Os peregrinos dormiam em suas camas durante a noite e pela madrugada, a gruta ficava abandonada.

Passando pelos bancos e as velas ardendo, Hurtado nem olhou para a gruta. Foi para a encosta relvada ao lado, tentando encontrar o melhor caminho para subir. Não queria seguir a trilha regular, que levava ao topo da colina, muito mais distante. Felizmente, havia os indícios de uma trilha antiga, já meio coberta pelo mato, que visitantes aventureiros anteriores haviam usado para subir até as basílicas, de onde teriam uma vista ampla do amplo domínio lá embaixo. Chegando ao meio da colina, paralelo à imagem da Virgem no nicho por cima da gruta, Hurtado virou para a esquerda, de quatro, aproximando-se do nicho, a fim de poder examiná-lo de perto e analisar a possibilidade de colocar a dinamite

ali e estender o fio para o detonado!

Agora, essa parte realizada, cada aspecto estudado com cuidado, ele tornava a subir, rastejando para a área de vegetação mais densa, procurando por um lugar obscuro mas perfeito, em que pudesse instalar o detonador. Em pouco mais de 10 minutos encontrou o que procurava, uma depressão natural na terra, ao lado da base larga de um frondoso carvalho. Registrou-o cuidadosamente na mente. Estaria pronto para a noite seguinte.

Aproximou do rosto o relógio de pulso, com seu mostrador luminoso. Era o momento de se retirar. O guarda estaria deixando a área imediata e se afastando na ronda pelo domínio.

Erguendo-se, um pouco preocupado com a possibilidade de escorregar, Hurtado foi descendo, lentamente, até que a parte superior das velas ardendo surgiu em seu campo de visão. Cautelosamente, antes de continuar a descer pelo resto do caminho, ele se inclinou para a frente, a fim de verificar se a área na frente da gruta ainda se encontrava vazia.

Estava.

Não, não estava! Seu coração parou por uma fração de segundo. Havia alguém ali.

Agachando-se, segurando o galho de uma árvore raquítica, ele tentou focalizar a pessoa lá embaixo. Constatou que o vulto era de uma moça, cabelos escuros, usando óculos escuros, ajoelhada era posição de oração. As mãos estavam unidas diante dos seios, aparentemente rezava silenciosamente diante da gruta. Havia algo nela, a ausência de movimento, a imobilidade do corpo, indicando que rezava fervorosamente, num estado de transe. E de repente ocorreu-lhe — pelos cabelos e óculos escuros — que era a mesma moça que vira deixando o quarto ao lado do seu no hotel, durante a hora do jantar, na noite anterior. Mas estar ali sozinha, naquela hora ímpia, em comunhão com a Virgem Maria, excedia tudo o que se podia imaginar em matéria de fanatismo religioso.

E sua presença prejudicava o plano de Hurtado de deixar a área. Não podia correr o risco de ser visto por qualquer pessoa. Teria de permanecer escondido até que a moça parasse de rogar à Virgem e fosse embora.

Ele continuou a olhar para a moça imóvel, em transe, quando subitamente ela começou a se mexer... ou melhor, seu corpo involuntariamente se mexeu. Ela parecia estar balançando, pendendo para o lado, até que finalmente tombou, esparramando-se no chão, inconsciente. Obviamente, sucumbindo ao êxtase religioso, ela desmaiara. Agora, estava encolhida no chão, tão inerte como se estivesse morta.

Instintivamente, Hurtado pensou em descer correndo a encosta — ou pelo menos rastejar o mais depressa possível — para ir ajudar. Mas se ela recuperasse os sentidos e o visse, poderia reconhecê-lo e identificá-lo mais tarde, quando se procurasse suspeitos depois da explosão. Dividido entre o desejo de

ajudar e o medo do perigo, Hurtado torceu para que o guarda voltasse logo, visse a moça e a ajudasse. Mas o vigia não voltaria por mais 20 minutos e passaria a alguma distância da gruta, talvez não visse o corpo inerte.

Enquanto o debate interior continuava a atormentar a mente de Hurtado, algo inesperado aconteceu lá embaixo.

Um segundo vulto apareceu, correndo, um jovem, encaminhando-se diretamente para a mulher que desmaiara diante da gruta e se ajoelhando ao seu lado. Ele se empenhou em ressuscitá-la, massageando os pulsos inertes, as faces, puxando-a para uma posição sentada. Finalmente a moça mexeu a cabeça, sacudindo-a, recuperando os sentidos. O homem continuou a lhe falar, até que ela finalmente assentiu. O homem levantou-se, foi até as torneiras, recolheu um pouco de água na mão em concha, voltou apressadamente. Molhou o rosto da moça com um lenço. Ela logo ficou plenamente consciente e se pôs a falar. O homem ajudou-a a se levantar. Os pés da moça pareciam firmes, mas um pouco confusos. Havia algo estranho na maneira como ela estendeu a mão, como se tentasse tatear o caminho, antes que o rapaz lhe segurasse o braço e a levasse para fora da gruta.

Foi nesse momento que Hurtado compreendeu que a mulher que rezava tão fervorosamente na gruta provavelmente era cega. Tentando reconstituir o momento em que a vira no hotel, Hurtado lembrou que pensara que ela fosse cega. Esquecera por completo.

Hurtado praguejou baixinho. O problema da moça significava que ela não o teria visto, mesmo que resolvesse deixar o lugar 15 minutos antes. Agora, estava desconfortavelmente preso na encosta, esperando que a dupla se afastasse e que o guarda voltasse e fosse embora outra vez. Hurtado observou a dupla. Tentou definir o relacionamento entre os dois. A moça certamente dissera ao namorado que iria sozinha para a gruta, marcara para ele ir buscá-la numa hora determinada. É o rapaz chegara um instante depois de ela ter desmaiado.

A dupla se fora agora. Mas o guarda podia ser visto a distância, em patrulha. Lentamente, Hurtado foi rastejando pela encosta abaixo, a fim de estar pronto para partir, no instante em que o guarda se afastasse de novo.

Perto da base da colina, Hurtado esperou que o guarda terminasse de fumar seu cigarro e retomasse a ronda. Sete ou oito minutos passaram e Hurtado concluiu que o homem já partiria de novo em sua longa ronda pelo domínio. Cuidadosamente, Hurtado desceu o resto da encosta, sentiu-se aliviado ao pisar outra vez em terreno plano.

Satisfeito com o reconhecimento, apesar da demora, convencido de que tudo era propício a seu ato final, que levaria os nacionalistas bascos para mais perto do sucesso, ele se afastou rapidamente, passando pela gruta e pela imponente Basílica Superior, encaminhou-se para a rampa e para o Hotel Gallia & Londres.

Levando a moça agradecida — ele descobrira que seu nome era Natale, uma

italiana (o melhor tipo) — para o saguão do hotel, ignorando a recepção que deixara abandonada, Anatole conduziu-a ao elevador que esperava. Ela agradeceu-lhe pela centésima vez e insistiu que poderia chegar a seu quarto sozinha. Mas Anatole mostrou-se igualmente insistente em querer escoltá-la em segurança até o quarto.

Subindo no elevador com a moça, Anatole sentia-se satisfeito com aquele golpe de sorte. Depois que a garota deixara o hotel, ele tencionara voltar para trás do balcão da recepção e retomar seu cochilo. Mas todo o interesse em dormir se desvanecera. Sua mente estava repleta com imagens da garota, os peitos, a bunda, a despi-la, penetrá-la. A ereção não cessara. Ele decidira finalmente sair para procurá-la na gruta, conversar, tentar seduzi-la. Convencera-se de que ela poderia querer um corpo quente, um amante francês, poderia se impressionar com a insistência dele na madrugada. Sua intenção era estimulá-la a convidá-lo para ir a seu quarto. Ou então poderiam ir para o quarto dele, a alguns quarteirões do Gallia & Londres, a fim de tomarem alguns drinques e depois caírem na cama. Mas encontrá-la desmaiada, ser o grande herói que a salvara, era muito mais do que Anatole poderia esperar. Agora, ela estava agradecida, o que a deixaria vulnerável. Anatole sabia que só precisava pedir para passar a noite no quarto e a garota prontamente concordaria.

Sua ereção, que amainara por um instante, voltava a crescer intensamente. O elevador parou no segundo andar.

— Eu a levarei até seu quarto — disse Anatole. — Qual é mesmo o número?

— Não precisa se incomodar. Conheço o caminho.

— Eu a trouxe até aqui, é melhor deixá-la logo no quarto. Qual é o número?

— Quarto 205.

Na porta, Natale vasculhou a bolsa, encontrou a chave e meteu-a na fechadura. Consciente de que o rapaz ainda estava parado ali, ela disse:

— Obrigada.

Natale destrancou a porta, empurrou-a e entrou. O homem seguiu-a, fechando a porta.

— É melhor deixá-la sã e salva aqui dentro — disse ele.

— Já o fez. E agradeço profundamente.

— Está bem?

— Estou, sim. E é melhor eu dormir agora. Obrigada mais uma vez.

Ela estendeu a mão. Pegando-a, sentindo a carne quente, Anatole ficou ainda mais excitado. Apertando a mão firmemente, ele murmurou:

— Quando precisar, estou a seu serviço...

Ele puxou-a rápido, comprimindo seus lábios rudes contra os de Natale, beijando-a furiosamente. Ela se debateu, conseguindo desvencilhar-se. Sua respiração era acelerada e balbuciou:

— O que está querendo?

— Ora, Natale, eu queria apenas beijá-la. Eu... eu gostaria de passar o resto da noite aqui.

— Não pode. E não quero isso. E agora saia, por favor.

— Seja mais camarada, Natale. Você me deve isso. Não quer fazer alguma coisa por mim? Claro que quer.

— Não *isso* — respondeu Natale, alteando a voz. — Não lhe devo isso. Ela fez uma pausa, esforçando-se para manter o controle. — Foi muito simpático e agradeço o que fez. Mas agora não está sendo gentil e isso não me agrada. Sugiro que não cause mais qualquer problema. Seja um cavalheiro e se retire imediatamente.

— Está bem, você venceu — disse Anatole, com um falso arrependimento. — Mas você é muito especial, não pode me culpar por tentar. Lamento que não tenha dado certo. Boa noite.

Anatole foi até a porta, abriu-a ruidosamente e depois bateu com firmeza, mas permanecendo no interior do quarto. Silenciosamente, ele se encostou na parede, ao lado da porta fechada.

Natale ficou parada por um momento ao pé da cama, deixando escapar um suspiro de alívio. Depois, tateou ao longo da cama até o armário, estendeu a mão para pegar a camisola branca e largou-a em cima da cama.

Anatole prendeu a respiração, perguntando-se se ela sabia ou não que ele continuava no quarto.

Depois, teve certeza de que ela não estava consciente de sua presença; convencera-se de que ele deixara o quarto e que se encontrava sozinha.

Observou-a através dos olhos semicerrados. Ela desabotoara o vestido e estava tirando-o. Usava por baixo apenas um sutiã meio transparente e um biquíni sumário. Virou-se para pendurar o vestido no armário e depois recuou para a cama, tirando o sutiã. Os seios fantásticos ficaram à mostra, cheios e firmes, os mamilos como enormes botões marrons, virados em sua direção. Ela estava se abaixando para tirar a calcinha. Anatole prendeu a respiração, o coração disparado em excitação, o órgão prestes a estourar.

A calcinha estava agora lá embaixo, ela levantou uma perna, depois a outra, tirando-a por completo. O triângulo de cabelos púbicos estava visível. Anatole perdera o controle inteiramente, não podia se conter por mais um segundo sequer.

Baixou o zíper da calça deixando que a enorme ereção irrompesse, atravessou o quarto para cima de Natale.

Mikel Hurtado, saltando do elevador no segundo andar, avançou pelo corredor para o quarto 206. Passava pela porta do 205 quando ouviu um grito abafado, um grito em algum lugar por perto.

Surpreso, Hurtado parou, escutando atentamente.

Outro grito abafado, estridente, inequivocamente de uma mulher... e do

interior do quarto ao lado do seu.

Ao lado do seu quarto. A moça cega, a moça cega na gruta. O começo de outro grito, sufocado bruscamente. Alguma coisa estava acontecendo lá dentro, alguma coisa terrivelmente errada. Hurtado não perdeu tempo em pensar, não hesitou.

Virando-se, ele avançou para a porta do 205. Podia ouvir claramente a moça a se debater. Pegou a maçaneta, pretendendo jogar o ombro contra a porta e arrombá-la. Mas a porta estava destrancada e se abriu.

Hurtado estava dentro do quarto.

E percebeu no mesmo instante o que acontecia... a moça nua na cama, batendo com os punhos, enquanto algum animal, a palma de uma das mãos comprimindo a sua boca, a calça arriada, tentava se colocar por cima dela, entre suas pernas.

Um estupro, uma brutal tentativa de estupro, foi o que Hurtado viu. Nenhum dos dois na cama, em sua luta, percebeu que havia mais alguém no quarto.

Enfurecido pelo que via, dominado pela raiva diante do que aquele monstro tentava fazer com uma moça impotente, Hurtado correu pelo quarto até a cama. Suas mãos agarraram os ombros do estuprador, arrancando-o de cima da moça e jogando-o ao chão. Anatole, atordoado pela surpresa, levantou-se cambaleante, estorvado pela calça nos tornozelos, espantado demais para levantar as mãos. Hurtado atacou num movimento rápido, acertando o punho direito no queixo do estuprador e o punho esquerdo em sua barriga. Enquanto Anatole gemia, dobrando-se, Hurtado desferiu mais socos, acertando na cabeça e rosto. Anatole começou a desmoronar, enquanto Hurtado continuava a desferir os socos implacáveis.

Anatole se esparramou no tapete, meio inconsciente, o sangue escorrendo da boca.

Hurtado inclinou-se, segurou o homem por baixo dos braços, arrastando-o através do quarto e saindo para o corredor. Largou ali o atordoado estuprador. Por um momento, Hurtado considerou se deveria chamar a polícia. Prontamente decidiu que não. Era melhor não ter qualquer contato com a polícia durante sua permanência em Lourdes.

Em vez disso, acertou um chute nas costelas do estuprador e disse, em voz baixa, para não despertar os outros hóspedes:

— Saia daqui, seu filho da puta. E saia depressa, ou vou deixá-lo todo arrebitado.

Com algum esforço, o medo transparecendo nos olhos arregalados, Anatole levantou-se, segurando a calça, o sangue pingando, a balançar a cabeça. Virou-se, quase tropeçando, cambaleou para a escada. Segurando o corrimão, desceu apressadamente e sumiu.

Hurtado soltou um grunhido e voltou devagar ao quarto da moça. Ela estava

de pé, num chambre, amarrando a faixa. Tateou pela cama à procura dos óculos escuros e ajeitou-os no rosto.

— Não se preocupe, *senorita*, ele já foi embora — disse Hurtado, em espanhol.

Ela perguntou alguma coisa em italiano. Ele acrescentou em inglês:

— Não sei italiano. Você fala inglês?

— Falo, sim... chamou a polícia? — indagou a moça, ainda tremendo.

— Não há necessidade — respondeu Hurtado. — Ele não voltará. Acho que é o homem que trabalha lá embaixo como recepcionista noturno. Mas tenho certeza de que ele não voltará ao emprego, provavelmente deixará até a cidade. Está bem agora?

— Apenas assustada.

— Não se culpe pelo que aconteceu. Foi uma coisa horrível. Como aconteceu?

Natale explicou o que ocorrera, como fora sozinha à gruta para rezar, como a intensidade espiritual a fizera desmaiar, como aquele homem surgira para reanimá-la e levá-la de volta a seu quarto, como a fizera acreditar que saíra do quarto, quando na verdade permanecera lá dentro, determinado a violentá-la.

— Graças a Deus que chegou a tempo — concluiu Natale. — Não sei como consegui, mas lhe devo muito.

— Foi pura sorte — disse Hurtado. — Eu tinha saído para dar uma volta, estava retornando ao quarto para dormir... meu quarto fica ao lado... quando ouvi seu grito. Ia arrombar a porta, para descobrir o que estava acontecendo, mas descobri que não se achava trancada. — Ele fez uma pausa e depois perguntou: — Sente-se melhor agora?

— Muito melhor — respondeu Natale, com um sorriso maravilhoso. Ela contornou a cama, hesitante, tropeçou uma vez, tornou a se emperdigar, pedindo desculpas. — Eu... eu sou cega...

— Sei disso.

Ela estendeu a mão.

— Sou Natale Rinaldi, de Roma.

Ele pegou a mão, apertou-a, soltou-a.

— Sou Mikel Hurtado, da... da Espanha.

— Prazer em conhecê-lo... para dizer o mínimo. Está aqui à espera da Virgem?

Hurtado hesitou por um instante.

— Em busca de cura de um problema de artrismo.

— Talvez nós dois sejamos afortunados.

— Espero que sim.

— Não sei o que mais dizer, a não ser lhe agradecer de novo. Mil vezes obrigada.

— Se quer mesmo me agradecer — disse Hurtado, firmemente — prometa que nunca mais deixará que estranhos a acompanhem até o quarto... e mantenha a porta trancada por dentro.

Ela levantou a mão.

— Prometo.

— E agora trate de dormir, Natale. É o que eu vou fazer.

— Boa noite, Mikel.

— Boa noite.

Ele saiu do quarto, fechando a porta. Ficou escutando, até ouvir a chave sendo virada. Encostou a boca na porta e disse:

— Boa menina.

Hurtado ouviu-a dizer:

— Espero que tornemos a nos encontrar.

— Tenho certeza de que nos veremos de novo. Boa noite.

Em sua porta, abrindo-a, Hurtado compreendeu que queria mesmo ver a moça outra vez. Ela era linda, maravilhosa, terna. Nunca encontrara uma moça assim e queria vê-la novamente. Talvez isso acontecesse. Mas tratou de lembrar a si mesmo que ali estava a negócios, não para se entregar a um romance.

Devia cuidar só dos negócios dali por diante. Nada de diversões. Nada de fracasso.

A Euskadi era sua vida. A liberdade da Euskadi estava acima de qualquer outra coisa. Havia um trabalho a realizar. Sinto muito, Natale, pensou ele. Só há um amor, a pátria que eu nunca tive, mas ainda terei.

Por trás do volante de seu venerável Renault, Gisele Dupree, os cabelos louros amarrados num impecável rabo-de-cavalo, o rosto liso, sem qualquer maquiagem, atravessou Tarbes devagar e pegou a estrada para Lourdes. Sergei Tikhanov estava ao seu lado, irrequieto. Sua apreensão provinha do hábito perturbador de Gisele de virar-se em sua direção quando falava, ao invés de concentrar-se na estrada.

Mas, depois, ele compreendeu que a apreensão mais profunda que sentia era decorrência de um fato perturbador ocorrido na noite anterior. Com um estremecimento, ele recordou...

Dormindo no apartamento dos Dupree, Tikhanov despertara de um terrível pesadelo, suando frio, às quatro horas da madrugada. Plenamente desperto, o pesadelo aflorara inteiro, diante de seus olhos. Fugia freneticamente de membros do KGB, tentando desesperado encontrar um lugar para se esconder.

Sentando na cama, acendera o abajur. Descobrira que o horror do pesadelo se toldava um pouco e com a luz procurava a razão. O que o deixara tão apavorado? O General Kossoff e os homens do KGB não o estavam perseguindo. Ao contrário, tratavam de homenageá-lo. Era uma estrela, seria em breve a estrela mais reluzente da União Soviética. Mas tentara se esconder do pesadelo...

e imediatamente compreendera esse aspecto do pesadelo, tentara interpretá-lo.

A parte do esconderijo se relacionava com o risco atual que assumira, o fracasso total em sublimar o medo de ser descoberto.

Vindo a Lourdes, ele se colocara numa situação precária, tomando cuidado com cada passo que dava em seu avanço frontal para a fé e a esperança de uma cura. Contudo, concentrado nesse esforço ousado, negligenciara a proteção conveniente para o flanco. Deixara de se manter em contato com os homens na União Soviética que poderiam precisar dele a qualquer momento e não conseguiriam encontrá-lo. É se saíssem à sua procura e de alguma forma o encontrassem ali?

Um tremor percorrerá-lhe o corpo.

E depois concluirá que poderia evitar quaisquer suspeitas pelo simples expediente de manter contato com seus colegas pelo telefone, antes de reaparecer pessoalmente.

Na primeira oportunidade, entraria em contato com a embaixada soviética em Paris. Telefonaria para lá, supostamente de Lisboa — não, já ligara de Lisboa — era melhor a França, para um encontro secreto com um braço do aparelho comunista, nas proximidades de Marselha.

Tomando essa decisão, ele sentira que um peso era removido de seus ombros. Por enquanto, era melhor concentrar-se no que tinha pela frente, a manutenção do anonimato absoluto em Lourdes.

Preocupado, Tikhonov olhou para a sua loquaz motorista.

Ele não sentia a menor vontade de manter conversa com quem quer que fosse, muito menos com aquela camponesa. Só queria recuperar a saúde e alcançar o poder que o aguardava no Kremlin, o mais depressa possível. Pelo canto dos olhos, ele viu uma placa na beira da estrada. Vinte quilômetros para Lourdes. Na noite anterior, de táxi, a viagem levava meia hora. Mas do jeito como a garota Dupree guiava, poderia consumir agora quase uma hora... e proporcionar a ela tempo demais para conversar.

Como se lesse os pensamentos de seu companheiro, Gisele virou a cabeça e disse:

— Não há pressa. Passam apenas alguns minutos das oito horas e só terei a primeira excursão para guiar às nove. Está um dia glorioso, não tão quente como ontem. — Ela aspirou o ar fresco pela janela aberta. — Em dias assim, eu poderia ficar aqui para sempre. — Uma pausa e Gisele acrescentou, enigmaticamente: — Mas não ficarei. — Ela olhou para Tikhonov. — Já estive em Lourdes antes, Sr. Talley?

A princípio, ele não percebeu que a moça lhe fizera uma pergunta, sua mente vagando longe. Não respondeu, esquecido de que era o Sr. Talley. Mas, com um sobressalto, logo recordou o seu nome adquirido. Tornou-se mais alerta apressadamente e disse:

— Não, nunca estive aqui... nem em qualquer lugar perto.

— Quando chegou aqui? Ah, sim... foi ontem, quando tentou encontrar um quarto.

— Isso mesmo.

— Veio de Paris?

— Passei por Paris. Tenho amigos em Paris.

— E veio até aqui para uma cura, como me disse ontem à noite. Sua doença é recente?

Tikhanov ficou indeciso, sem saber qual era a melhor maneira de responder. Acabou dizendo:

— Algo que tenho intermitentemente há vários anos.

— O que finalmente levou-o a tomar a decisão de vir a Lourdes? A notícia sobre o reaparecimento da Virgem Maria?

— Acho que isso me inspirou. Deixou-me curioso. E achei que valia a pena tentar.

— Nada a perder — comentou Gisele, jovial. — E possivelmente tudo a ganhar.

— É o que espero.

— Ficará durante toda a semana?

— Se for necessário. Espero voltar para casa até segunda-feira, no máximo. Minhas férias estão quase terminando.

— Onde mora nos Estados Unidos, Sr. Talley? — perguntou Gisele, os olhos agora fixados na estrada.

Ele pensou depressa. Não previra perguntas pessoais e não pensara a respeito antes. Tentou recordar alguns lugares remotos que visitara no leste americano, lugares de onde um homem como Samuel Talley poderia ter vindo. Lembrou-se de uma viagem de fim de semana que fizera a uma cidadezinha de veraneio, chamada Woodstock, no estado de Vermont.

— Sou de Vermont — disse ele. — Minha esposa e eu temos uma modesta fazenda em Woodstock.

— Já ouvi falar — comentou Gisele. — E me disseram que é bastante pitoresca.

— É verdade. — Tikhanov estava preocupado, especulando se a moça percebera algum sotaque em seu inglês. Era melhor cobrir essa possibilidade. E, por isso, ele acrescentou: — Meus pais emigraram da Rússia, separadamente, minha mãe aos 14 anos, meu pai aos 18 anos. Conheceram-se em Nova York, numa festa, apaixonaram-se e casaram-se. Meu pai sempre fora um agricultor. Descobriu essa propriedade em Vermont e comprou-a. Eu nasci lá.

— Outra pausa e ele arrematou: — Aprendi a falar russo quando era pequeno. O que era perfeitamente natural. Sempre se falava russo em minha casa, além de inglês.

— Adoro línguas — declarou Gisele. — Falo quatro, mas o russo não é uma delas.

— Não está perdendo nada.

— Trabalha na fazenda?

A moça era inquisitiva e inteligente. Não adiantava mentir. Ela poderia perceber que suas mãos não eram as de um agricultor. Tikhanov forçou uma risada curta.

— Eu trabalhar na fazenda? Claro que não. A verdade é que sou um professor. — Tikhanov estava agora tateando pelo caminho.

— Um professor da língua russa. Fui para a Universidade de Colúmbia, formei-me em russo e linguística. Depois que concluí o doutorado, ingressei no departamento de línguas de Colúmbia. Ensino russo lá.

— E como consegue viver em Woodstock e ensinar em Nova York?

Armadilhas, por toda parte havia armadilhas; mas, como um diplomata, Tikhanov estava acostumado a evitá-las.

— É muito simples. Tenho um pequeno apartamento em Nova York para usar durante o ano letivo, mas mantenho nossa casa em Woodstock e vou para lá sempre que posso. Atualmente, minha esposa passa a maior parte do tempo na casa em Vermont. Ela é natural de Vermont e temos um filho... que está na Universidade da Califórnia Meridional. É estudante de teatro. — Num esforço para deixar a ficção para trás, Tikhanov fez uma transição para o presente, acrescentando: — Minha esposa era católica e por isso também me tornei católico. Não sou muito religioso, como mencionei ontem à noite. Mas ainda sou o suficiente para vir a Lourdes.

— Mas trabalha na cidade de Nova York?

— Isso mesmo.

— Adoro Nova York. E mal posso esperar o momento de voltar para lá.

Tikhanov ficou outra vez preocupado.

— Já estive em Nova York?

— Vivi lá — respondeu Gisele, jovialmente. — Foi a melhor época da minha vida. Há sempre muita coisa para se fazer em Nova York. Passei mais de um ano em Nova York.

Tikhanov tentou não parecer interessado.

— É mesmo? E o que fazia lá?

— Tinha um emprego de secretária na ONU.

— Na ONU?

— Com a delegação francesa. Conheci o embaixador francês na ONU em Lourdes. Ele me contratou para ser uma de suas secretárias e levou-me quando foi para Nova York. Foi uma experiência memorável e estou ansiosa em voltar. Fiz muitos amigos por lá. Alguns dos meus melhores amigos são americanos. Um deles trabalhava na delegação americana na ONU. E, se bem me lembro,

formou-se na Universidade de Colúmbia. Talvez tenha sido um dos seus alunos. O nome dele é Roy Zimborg. Por acaso lembra-se dele? Nunca teve um Roy Zimborg numa de suas turmas?

Uma armadilha das grandes e bastante perigosa.

— Tenho tantos alunos que é difícil lembrar os nomes. Mas será que ele estudou russo?

— Provavelmente não.

Tikhanov constatou que estavam chegando a Lourdes e sentiu-se aliviado. Estava ansioso em escapar daquela camponesa que vivera em Nova York e trabalhara na ONU, onde ele aparecera e falara com tanta frequência. Sua curiosidade e perguntas persistentes deixavam-no preocupado. Mais cedo ou mais tarde, ele poderia ser apanhado em algum erro ou contradição. Precisava livrar-se dela.

Dali a pouco estavam na Avenue Bernadette Soubirous e entrando no estacionamento do número 26, que era ligado ao Hotel Gallia & Londres.

— Onde estamos? — perguntou Tikhanov.

— No hotel em que Edith Moore e o marido estão hospedados — respondeu Gisele, saltando do carro. — Eu lhe falei ontem à noite sobre Edith. Ela teve uma cura milagrosa de câncer aqui em Lourdes. Vai descobrir que é animador conversar com ela. Ainda quer, não é mesmo?

— Claro.

— Vou ver se ela está.

Tikhanov observou a moça francesa entrar no hotel. Sua determinação aumentara. Tinha de se afastar dela e de sua curiosidade. Se continuasse em Tarbes, com sua família; teria de vir para Lourdes com ela todas as manhãs e voltar à noite, o que implicava em responder a um fluxo contínuo de perguntas; inevitavelmente, acabaria escorregando. Tinha de arrumar um quarto na cidade o mais depressa possível. Essa era a prioridade imediata. Gisele voltou, sentando-se ao volante.

— Edith está no Serviço Médico, mas voltará ao hotel para almoçar. Deixei-lhe um bilhete e pedi à mulher na recepção para reservar dois lugares na mesa da Sra. Moore, ao meio-dia. Está bom assim, Sr. Talley?

— Perfeito.

— O que fará até lá?

— Você é que conhece Lourdes. O que sugere?

— Está aqui por sua saúde, não é mesmo? Não procura uma cura? É sério nisso?

— Claro.

Gisele ligou o carro.

— Pois então sugiro que passe pela rotina de todos os peregrinos doentes. Primeiro, vá à gruta e reze.

— Eu gostaria. Quanto tempo devo consumir nisso? Gisele piscou os olhos, surpresa.

— Ora, isso depende de você... cinco minutos, uma hora, quanto tempo achar necessário. Depois, vá até uma das torneiras além da gruta e beba um pouco da água curativa. Os banhos ficam ao lado. Entre, tire a maior parte de suas roupas e dê um mergulho. E pense na Virgem Maria quando o fizer. Os banhos têm-se mostrado até agora o remédio mais eficaz.

— A água cura?

— Não — respondeu Gisele, engrenando o carro. — A água nada contém para curar. Mas sua cabeça cura. Não se esqueça de vir se encontrar comigo na frente do hotel, na hora do almoço. Eu o deixarei agora no domínio, Sr. Talley.

— Obrigado. E farei tudo o que sugeriu, Sita. Dupree.

Amanda Spenser não tivera a menor pressa de deixar Eugénie-les-Bains e voltar a Lourdes. Desfrutara um café da manhã sossegado na varanda da suíte, pensando constantemente em Ken e sua doença. Achava inconcebível que o tolo do Ken pudesse trocar aquele paraíso elegante por uma choupana em Lourdes. Depois, ela vestira uma calça comprida, blusa e sandálias, dando um longo passeio pelos gramados do hotel.

A viagem da linda Eugénie-les-Bains até a miserável Lourdes levava uma hora e meia. Mas, ao se aproximar de Lourdes, sua monotonia e depressão consequente foram aliviadas por uma informação valiosa do idoso motorista calvo. O motorista conhecia muito da história de Lourdes e especialmente da própria Bernadette. Ele mencionara a doença de Bernadette e Amanda ficara prontamente atenta. Ela sabia que Bernadette fora uma criança frágil, mas ignorava que a menina sofria tão gravemente de asma.

— Por mais curioso que possa parecer — comentara o motorista — Bernadette não ia à gruta quando procurava pela cura de seus intensos ataques de asma. Quando Bernadette viu a 17ª aparição da Virgem Maria já houvera quatro curas milagrosas na gruta. Mas, na verdade, a própria Bernadette não acreditava nos poderes curativos da gruta. Em vez disso, quando ficava doente, ela ia a Cauterets.

— Cauterets? — repetira Amanda. — o que é isso?

— Uma simples aldeia. Mas era um lugar em moda naquele tempo, não muito longe de Lourdes. Havia uma fonte curativa, um banho termal, que se dizia ser útil na cura da asma. E Bernadette ia para lá, não à gruta, em busca de cura. É claro que ela não ficou curada, mas pelo menos tentou.

— Mas não na gruta — dissera Amanda. — Ela realmente não acreditava na gruta?

— Não para curas. Preferia ir a Cauterets.

— Como é Cauterets hoje?

— Ainda existe, talvez não tão elegante. Fica perto daqui. Sobe-se pelo vale

até as montanhas. Se não me engano, existe lá um santuário para celebrar a visita de Bernadette.

— Muito interessante... — murmurara Amanda. — Não devo me esquecer disso.

Se Bernadette não acreditava numa cura na gruta, ela perguntaria a Ken, como ele podia acreditar?

Agora, no saguão do hotel, ela queria descobrir o paradeiro de Ken. Talvez ele estivesse ajoelhado na gruta, hipnotizado. Ou talvez estivesse naquele quarto pavoroso, descansando um pouco. Era possível que a recepcionista gorda, a que se chamava Yvonne, soubesse onde Ken se encontrava. Amanda foi até a recepção.

— Sou a Sra. Clayton. Tivemos de sair da cidade ontem à noite. Meu marido, o Sr. Ken Clayton, voltou esta manhã. Por acaso sabe onde ele está neste momento?

— Sei, sim — respondeu Yvonne. — Ele me pediu que arrumasse um lugar no almoço na mesa da Sra. Edith Moore. Deve estar no restaurante neste momento. Sabe onde fica?

Disse que era lá embaixo. Pode deixar que encontrarei. E, por favor, mande as malas para nosso quarto.

Amanda encaminhou-se para a escada ao lado do elevador desceu para a entrada do restaurante. Podia ver o salão principal, simples, todas as mesas ocupadas por peregrinos indefiníveis, com uma segunda sala mais estreita depois, tendo alcovas com reservados para uma refeição mais íntima.

Um *maitre* apareceu para indagar se ela era residente do hotel. Amanda informou o número do quarto e acrescentou:

— Fui informada de que meu marido já se encontra aqui. Ele está à minha espera.

— Qual é o nome dele?

— Sr. Kenneth Clayton.

— Ele está almoçando na mesa da Sra. Moore. Acompanhe-me, por favor.

Amanda foi conduzida a uma mesa redonda enorme, no outro lado do salão principal. Avistou Ken imediatamente. Ele se levantou, meio trôpego, para cumprimentá-la. Ela contornou a mesa para abraçá-lo e beijá-lo.

— Estou de volta, querido — sussurrou Amanda.

— Fico contente por isso. Vai se juntar a nós para o almoço?

— Claro. Estou morrendo de fome.

Clayton fez sinal para que o *maitre* providenciasse outra cadeira, depois pegou Amanda pelo cotovelo e apresentou-a às outras pessoas à mesa.

— Esta é minha esposa, Amanda, quero apresentá-la a meus amigos. Esta é a Sra. Edith Moore, de Londres. Este é o Sr. Samuel Talley, de Nova York. E esta é a Srta. Gisele Dupree, que trabalha em Lourdes como guia.

Depois que sua cadeira estava no lugar, entre Ken e o Sr. Talley, Amanda tentou se orientar em relação ao estranho grupo. Edith Moore era obviamente a personalidade central, dominante, embora tudo nela fosse vulgar, do rosto quadrado ao vestido barato, sem qualquer adorno. Talley era mais distinto, com olhos penetrantes, nariz grande e um bigode abundante. A moça Gisele parecia com uma *starlet* francesa em formação. Ken disse a ela:

— Deve estar lembrada de que me encontrei com a Sra. Moore no trem de Paris para Lourdes. A mulher do milagre...

— Não é tanto assim... — protestou Edith, modestamente.

— Eu queria ouvir toda a sua história — continuou Ken. — Acabamos de pedir o almoço. Quer dar uma olhada no cardápio?

Amanda sentia-se oprimida pelo restaurante vulgar e a companhia deprimente.

— Eu... eu comerei a mesma coisa que você pediu.

— Todos pedimos a mesma coisa — interveio Gisele. — O prato principal de hoje é bife grelhado e batatas. Está bom?

— Está ótimo — respondeu Amanda, sem qualquer entusiasmo.

Gisele transmitiu o pedido ao *maitre* e depois virou-se para Edith Moore:

— Estava nos contando, Sra. Moore, que o tumor maligno no osso ilíaco foi descoberto há cinco anos.

Edith acenou com a mão em protesto.

— Se querem mesmo ouvir toda a história...

— Sra. Moore, estou ansioso em saber como sua cura ocorreu — declarou Tikhonov.

— Isso mesmo, fale-nos a respeito — acrescentou Ken. Amanda manteve os lábios comprimidos. Sentia vontade de

dizer a todos que, apesar do que pudessem ouvir de Edith Moore sobre uma cura na gruta, a própria Bernadette, a pessoa que criara toda aquela bobagem de milagre, não tinha qualquer fé nos poderes da gruta e fora buscar a sua cura num lugar chamado Causerets. Mas Amanda se manteve em silêncio. Não diminuiria a glória daquela inglesa vulgar e não queria perturbar Ken, no meio daquele insólito grupo.

— Para resumir — Edith Moore estava dizendo — fui obrigada a deixar meu emprego numa agência cinematográfica. Só podia andar com o auxílio de uma muleta. Foi nessa ocasião que o Padre Woodcourt... o mesmo que estava ontem no trem... sugeriu que eu participasse de sua próxima peregrinação a Lourdes. Embora eu fosse católica, não tinha muita esperança. E o Padre Woodcourt também não me ofereceu qualquer esperança, mas eu chegara a um estado em que me achava disposta a experimentar qualquer coisa.

Com exceção de Amanda, todos balançaram a cabeça, em perfeita compreensão. Amanda observou que Ken acenava ainda mais vigorosamente do

que os outros. Edith Moore suspendeu seu relato enquanto o primeiro prato da refeição era servido. Recomeçou em seguida e Amanda descobriu-se irritada com a sua voz monótona, sem qualquer inflexão, a linguagem insípida. Apesar disso, simulou estar profundamente interessada.

— A primeira visita a Lourdes não acarretou qualquer mudança em mim — disse Edith Moore. — Talvez tenha sido muito breve e não rezei o suficiente, permiti que a dúvida se intrometesse nas orações. — Ela correu os olhos pela mesa, mastigando, e continuou a falar com a boca cheia: — É preciso acreditar. Na segunda visita, há quatro anos, eu estava determinada a me empenhar com mais afinco.

Permanecer mais tempo em Lourdes, esforçar-me mais. Tomava a água da fonte incessantemente. E tomei os banhos. No último dia, quando saí do banho, descobri que podia ficar de pé e andar sem ajuda. Fui ao Serviço Médico, onde me examinaram. Voltei a Lourdes nos três anos subsequentes e compreendi que estava curada.

— E a cura foi confirmada? — indagou Tikhonov.

— Por 16 médicos diferentes — informou Edith. — Até mesmo o osso ilíaco, que se degenerara, começou a voltar ao normal. Há radiografias para provar.

— Um milagre... — murmurou Ken, impressionado.

— Já foi declarado um milagre — comentou Gisele, com evidente entusiasmo.

Edith Moore refugiou-se numa modéstia que Amanda tinha certeza que ela não possuía.

— O milagre ainda não é oficial — declarou Edith. — Farei mais um exame com um famoso especialista de Paris, Dr. Paul Kleinberg, que chegará esta semana para confirmar a minha... a minha total recuperação.

— Mas o caso está aberto e fechado — disse Gisele, usando um dos seus americanismos prediletos. — Todos em Lourdes sabem que você é a mais recente de um grupo favorecido, mais próximo de Santa Bernadette.

— Não sei, não... — protestou Edith, com um sorriso angelical, mas sem negar.

— Então acontece mesmo — comentou Ken, ainda impressionado. — E pode acontecer com qualquer pessoa.

— Se possui uma fé pura — proclamou Edith, como uma alta sacerdotisa.

Amanda, inclinando-se sobre o prato, sentia uma náusea no estômago, sem qualquer vontade de comer e com o único desejo de afastar Ken daquela inglesa banal e estúpida. Tikhonov perguntou, a voz muito séria:

— Atribui tudo aos banhos?

— A tudo aqui, principalmente à fé na Imaculada Conceição — respondeu Edith. — Mas minha cura ocorreu depois do banho, no último dia da segunda visita.

Enquanto Edith terminava de falar, um homem grandalhão, corado — lembrou Amanda de fotografias que vira de Phineas T. Barnum — aproximou-se por trás, beijando-a no rosto.

— Reggie... — murmurou Edith, satisfeita. — Este é o Sr. Reggie Moore, meu marido.

Ela apresentou todos à mesa ao marido, um a um. Depois, Reggie disse:

— Edith, detesto interromper seu *tête-a-tête*, mas preciso lhe falar a sós de um problema que surgiu.

— Mas ainda não comi a sobremesa, Reggie!

Ele estava quase levantando a mulher do milagre.

— Providenciarei alguns sorvetes para você depois. Por favor, vamos logo.

— Ele acenou com a cabeça para os outros. — Foi um prazer conhecer todos vocês. Espero tornar a vê-los em breve.

Puxando e depois empurrando, ele levou a relutante Edith para fora do restaurante.

— Então são os banhos — murmurou Tikhanov, sem se dirigir a ninguém em particular. Virou-se para Gisele. — Você ouviu. Ela disse que aconteceu depois do banho.

— Está no mesmo caminho — disse Gisele. — Começou seus banhos esta manhã.

— Infelizmente, não — admitiu Tikhanov. — Rezei na gruta, mas não fui aos banhos.

— Então vá esta tarde, Sr. Talley.

— É o que farei. Mas primeiro preciso encontrar um quarto na cidade. — Uma pausa e ele se apressou em acrescentar: — É um prazer ficar hospedado com seus pais, Gisele, mas é muito longe daqui. Quero ficar perto dos banhos. E tenho de encontrar um quarto num hotel daqui. Já tentei antes e tentarei de novo.

Gisele fitou-o com uma expressão astuciosa.

— Isso é tudo o que o preocupa... um quarto de hotel em Lourdes?

— Sei que é impossível, mas é muito importante para mim.

— Talvez eu consiga arrumar um quarto num hotel, mas lhe custará um dinheiro extra. Está disposto a pagar?

— Pagarei qualquer coisa que for razoável.

— Seriam em torno de 400 francos, que eu darei a um responsável pelas reservas.

— Eu pagarei.

— Verei o que é possível fazer — disse Gisele, levantando-se. — Para dizer a verdade, estou me transferindo para a cidade esta noite. Uma amiga vai passar a semana em Cannes e me emprestou seu apartamento. Tenho de ficar aqui, por causa da sobrecarga de trabalho. Eu o acompanharei até os banhos agora e o deixarei lá. Pode se encontrar comigo diante do Serviço de Informações às cinco

horas. Pegaremos o carro para voltar à casa de meus pais, apanharemos nossas coisas e viremos para Lourdes esta noite. Isto é, se eu conseguir lhe arrumar um quarto de hotel.

— E conseguirá?

— Acho que sim. — Gisele acenou para Ken e Amanda. —

Com licença. Ouviram como estamos com o resto do dia cheio. Tive muito prazer em conhecê-los. Boa sorte.

Amanda ficou observando a sem-vergonha afastar-se com o homem mais velho e finalmente se virou para Ken, determinada a lhe contar bruscamente o que o motorista do táxi lhe dissera, que Bernadette nunca acreditara na gruta ou que a água da fonte pudesse curar, recorrendo a outra aldeia para tratar de sua asma. Mas, percebendo a expressão de Ken, ela pensou: Oh, Deus, ele se elevou a outro plano, todo espiritualidade e fé em seu futuro.

— A Sra. Moore é uma mulher e tanto — murmurou Ken. — E fez muito por mim, renovou minha esperança.

Santo Deus, pensou Amanda. Aquele não era o momento apropriado para abalá-lo com a verdade.

Além do mais, ela disse a si mesma, era melhor confirmar antes a história do motorista sobre Cauterets. Iria até lá e descobriria pessoalmente se era verdade. Podia esperar por mais um dia para contar a história a Ken.

— Talvez seja melhor você subir agora para o quarto e descansar um pouco, Ken.

— Não — disse ele, obstinado, começando a se levantar. — Voltarei à gruta.

Amanda fitou-o aturdida. Era quase impossível acreditar que o seu homem, um advogado eficiente e brilhante, um atleta e jogador de handebol, estivesse reduzido àquele devoto atordoado. Mas acontecia e ela teria de enfrentar o problema de alguma forma, um caso muito mais difícil do que qualquer outro que já encontrara em sua carreira de psicóloga clínica. Ela suspirou e levantou-se também.

— Está certo.

— Voltaremos a nos encontrar no jantar.

Amanda se perguntou o que faria no deserto da tarde. Talvez comprasse um *souvenir* para sua futura sogra, uma imagem de plástico da Virgem Maria.

Subindo no elevador para o quinto andar do hotel. Reggie Moore se mantinha estranhamente silencioso. Mas Edith sabia que ele tinha alguma ideia. E sabia que ele aguardava pela privacidade do quarto para lhe falar.

E assim que entraram, a porta fechada, Reggie quase que empurrou a mulher para a cadeira da mesa, ficando de pé diante dela. Submissa, Edith esperou, deixando-o assumir o primeiro plano, disposta a ouvir o que ele tinha a dizer.

— Edith, eu precisava lhe falar a sós. Tenho uma coisa importante a discutir com você.

— Não poderia esperar por mais alguns minutos? Aquelas pessoas maravilhosas à mesa queriam ouvir mais sobre a minha cura.

— É justamente isso — declarou Reggie, enfaticamente — a própria coisa de que quero lhe falar.

— Não estou entendendo. Sobre o que afinal deseja me falar?

— A sua cura. Vendo-a com aquelas pessoas, compreendi que queriam lhe arrancar de graça alguns conselhos e inspiração.

— Mas não era nada de graça. Aquele simpático Sr. Talley disse que pagaria o almoço.

Reggie demonstrou sua exasperação.

— Não estou me referindo a dinheiro, Edith. Eles estavam explorando... a sua mente.

— Como assim?

Ela estava acostumada a Reggie lhe falar como se fosse uma criança e continuaria a suportá-lo agora.

— O que estou querendo dizer é que todos desejam usá-la, Edith. Todos querem extrair forças de você, de certa forma egoisticamente. E acho que você não deve circular por aí a oferecer sua história de graça. Não deve jamais fazer isso.

— Mas por que não? — insistiu Edith, completamente perplexa. — O que há de errado nisso? Se a história da minha cura proporciona inspiração às pessoas, oferece esperança, por que eu não deveria contá-la? Sou um exemplo para os outros, uma pessoa afortunada que foi abençoada com um milagre. Todos querem saber que é possível. Por que eu não deveria contar-lhes?

Reggie ficou por um momento sem uma resposta fácil ou lógica.

— Ora, porque... — ele disse, hesitante —... porque... porque eu me sentiria melhor se só fizesse isso depois que o milagre for confirmado oficialmente.

— Ora, isso... — murmurou Edith, como se o protesto não tivesse a menor importância. — Se é a única coisa que o preocupa, não precisa mais se incomodar. Será oficialmente confirmado... só resta apenas um detalhe técnico, como ambos sabemos... depois de amanhã. Passei toda a manhã com o Dr. Berryer, no Serviço Médico. Ele obteve os serviços de um dos dois melhores especialistas no campo... um homem com muita experiência em casos de sarcoma... o Dr. Paul Kleinberg, de Paris, que chegará amanhã para estudar os documentos do meu caso e efetuar um exame final.

— Amanhã?

— Isso mesmo. O Dr. Berryer me telefonará assim que o Dr. Kleinberg chegar, comunicando a hora em que o verei na quarta-feira. O Dr. Kleinberg confirmará o milagre e será então oficialmente anunciado.

— Nesse caso, tudo fica diferente e não mais me preocuparei — declarou Reggie, deixando transparecer o seu alívio. — Como está para acontecer, acho

que não tem problema você falar sobre a sua cura.

— Claro que não tem, Reggie. E fico contente que você concorde.

— Tenho certeza de que está tudo bem — murmurou Reggie, suavemente. — E, como você disse, proporciona a muitas pessoas sofredoras a convicção de que também podem ficar curadas. Concordo com tudo, Edith. Está realizando um trabalho missionário maravilhoso, assim como os primeiros apóstolos, espalhando a notícia de milagres. — Seu rosto se iluminou, numa breve pausa. — Devemos até comemorar de novo. Jamet acaba de reformar o seu novo restaurante... é um lugar espetacular agora... e vamos reabrir esta noite... estamos espalhando cartazes por toda a cidade, anunciando o grande acontecimento...

— Mas isso é maravilhoso!

— ... e quero que você esteja ao meu lado para receber as pessoas. Deve haver uma grande multidão. Teremos uma mesa especial e convidamos oito ou dez pessoas importantes, não apenas de Lourdes, mas também peregrinos de toda parte. E tenho certeza de que todos ficarão emocionados por conhecê-la. Você poderia responder a perguntas. Todos se sentirão inspirados ao ouvirem os detalhes de seu caso. O que me diz, menina?

— Claro que quero estar presente e contarei tudo o que quiserem saber. Não me importo, se você está certo de que também não se importa.

— Ao contrário, até insisto — declarou Reggie, com um meio sorriso. Ele inclinou-se e deu um beijo no rosto de Edith. — É a minha mulherzinha do milagre. Juntos, iremos longe.

...15 de Agosto

Era início da tarde e Mikel Hurtado estava profundamente adormecido em seu quarto, no segundo andar do Hotel Gallia & Londres. Poderia ter dormido muito mais se a campainha insistente do telefone na mesinha-de-cabeceira não o despertasse.

Tocou e tocou sem parar, até que Hurtado finalmente emergiu do sono, compreendeu que era o telefone e estendeu a mão para atender, quase derrubando o aparelho.

— Alô?

— Mikel Hurtado, por favor. — Era uma voz de mulher, vagamente familiar, perguntando por ele em inglês. — É você, Mikel?

— Sou, sim. Quem está falando?

Os acontecimentos da madrugada afloraram em sua mente subitamente, a tentativa de estupro no quarto ao lado, a surra que ele aplicara no estuprador, a gratidão da moça cega e desamparada, muito bonita, chamada Natale. A princípio, ele pensou que fosse Natale, telefonando para agradecer mais uma vez.

Mas a voz no outro lado da linha era mais profunda e agora lhe falava em basco, rapidamente:

— O telefone está tocando há muito tempo e eu já estava prestes a desistir quando você atendeu. Não sabe quem está falando, Mikel? Aqui é Julia. Estou ligando de San Sebastián.

Julia Valdez, sua companheira no movimento clandestino basco, numa ligação internacional.

Mikel ficou imediatamente irritado.

— Combinamos que você não me telefonaria em Lourdes — disse ele, bruscamente. — Não quero ligações aqui. Ficou maluca?

— Eu não podia deixar de ligar — protestou Julia. — É muito importante.

Resignado, Mikel perguntou:

— O que é tão importante assim?

— Sua vida — respondeu Julia, baixando a voz.

Ela sempre tivera a tendência para ser melodramática, pensou

Mikel, sendo tão jovem e imatura. Por isso, ele permaneceu calmo.

— Minha vida? Mas do que está falando?

— A culpa é minha, de certa forma. É melhor explicar logo. Augustín procurou por você esta manhã.

Augustín López, líder da ETA, raramente tinha tempo para se encontrar com ele, a menos que fosse para tratar de alguma ação iminente. Hurtado calculou

que talvez o plano de assassinar o Ministro Luis Bueno seria outra vez acionado. Ele se tornou prontamente alerta.

— Sabe o que ele queria?

— Disse que precisava conversar com você. Luis Bueno marcou uma conferência sobre nossa autonomia para começar em Madri logo depois do reaparecimento da Virgem. O ministro está tão confiante no reaparecimento que já fixou uma data definitiva para o início das negociações. Augustín queria informar a você e conversar sobre uma estratégia e a agenda para as conversações.

— As conversações... — repetiu Hurtado. — Augustín pensa que vão ocorrer e representarão alguma coisa? Ele está ficando senil. Foi para me dizer isso que você telefonou, Julia?

— Não, Mikel. Estou ligando por causa do que aconteceu em seguida. Augustín insistiu que precisava falar com você de qualquer maneira. E claro que eu não podia revelar o seu paradeiro. E tentei me esquivar a dar qualquer informação. Mas o velho é muito esperto e começou a ficar desconfiado. Pressionou-me a dizer onde você estava, quando voltaria ao apartamento. Respondi que você estaria de volta dentro de poucos minutos. Mas ele continuou a me pressionar, Mikel. "Voltará de onde?", ele perguntou uma porção de vezes. "Para onde Mikel foi?" Ele sabia que eu estava escondendo alguma coisa. E ficou me pressionando, já estava perdendo a calma... e você sabe como ele fica quando perde a calma, Mikel. Passou a dizer que eu escondia alguma coisa, queria saber o que era, arrancaria uma resposta de qualquer maneira. Tive de contar a ele...

— Então contou a verdade — interrompeu-a Hurtado, amargamente. — Disse onde eu estava. Que vim para Lourdes.

— Eu não tinha alternativa que não contar a verdade, Mikel. Ele perceberia qualquer mentira. É o que sempre acontece. Fui obrigada a dizer que você foi para Lourdes... a fim de acompanhar pessoalmente os acontecimentos. Augustín compreendeu tudo no mesmo instante. E continuou a me pressionar. "Está querendo dizer que o nosso Mikel se tornou subitamente religioso e espera por acaso ver a Virgem Maria?" A esta altura, ele já estava gritando comigo. "Não me venha com merda. Ele foi até lá para causar alguma encrenca, para fazer alguma coisa que me impeça de negociar com Bueno e me obrigue a aprovar a ação direta de terrorismo." Augustín ficou dizendo essas coisas, tentando me obrigar a confessar que sabia quais eram as suas intenções. Quando me recusei a confessar qualquer coisa, ele perdeu o controle, agarrou-me o pulso, torceu-o...

— Augustín não costuma agir assim.

— Sei disso, Mikel, mas ele estava realmente descontrolado. E não parava de gritar: "Se Mikel enlouqueceu, pensa que pode conseguir alguma coisa com um ato de violência em Lourdes, ele tem de saber que só estará arruinando as nossas

possibilidades de chegar a um acordo pacífico com a Espanha. Ele vai tentar alguma coisa violenta, não é mesmo?" Ele estava me machucando, Mikel, doía demais. E tive de lhe contar a verdade.

A ira de Hurtado era agora quase incontrolável.

— Você contou a verdade?

— Não tive alternativa. Augustín perguntou depois: "Sabe onde encontrá-lo?" Respondi que sabia, mas nunca lhe diria. Ele podia me matar, mas eu nãoalaria. E Augustín disse: "Entre em contato com ele no instante em que eu sair. Descubra Mikel de qualquer maneira. Mande que ele suspenda imediatamente qualquer coisa que esteja fazendo. E uma ordem minha. Mikel deve voltar imediatamente a San Sebastián. Se ele tentar desobedecer, será disciplinado. Espero ter notícias de Mikel ainda hoje." Foram as palavras dele, Mikel. Atenda, por favor. Augustín sabe o que é melhor para a causa.

Hurtado estava furioso.

— Augustín que se foda. E que se foda você também, por ser tão estúpida a ponto de contar tudo.

— Seja razoável, Mikel — suplicou ela. — Augustín é mais esperto do que eu. Sabia de tudo, mesmo sem eu contar. Ele é esperto demais.

E é também a sua figura de pai, a sua figura de autoridade, você quer que ele a coma, pensou Mikel. Ele se deu alguns segundos para esfriar e ser razoável, dizendo em seguida:

— Está bem, Julia, eu não posso culpá-la. Era você quem estava sendo pressionada.

— Tem razão, Mikel. Fico contente por saber que você compreende.

— Mas não perdorei Augustín, não perdorei a sua súbita moleza — acrescentou Hurtado, implacavelmente. — Ele quer a minha resposta hoje? Pois você pode lhe dar a minha resposta hoje... melhor do que isso, pode dar imediatamente. Diga a ele que não voltarei a San Sebastián, diga a ele que não deixarei Lourdes enquanto não concluir o que vim fazer aqui. Entendeu?

Houve silêncio no outro lado da linha. A voz trêmula de Julia finalmente preencheu o vazio:

— Mikel, você... você não vai realmente... fazer o que... o que me disse que ia fazer, não é mesmo?

— Pode estar certa de que vou.

— Mikel...

— Não se meta nisso, Julia. Levarei meu plano até o fim. Ninguém vai se meter em meu caminho.

A resposta de Julia foi em tom abafado:

— Se o tivesse visto, Mikel, saberia que é melhor desistir. Ele não deixará. Encontrará um meio de detê-lo. E dirá que é para o bem da causa. Mas não o deixará executar o seu plano. Vai impedi-lo de qualquer maneira.

Hurtado soltou uma risada furiosa.

— Pois que ele tente.

E, com isso, Hurtado desligou.

Permaneceu sentado na cama, as pernas ainda por baixo das cobertas, tentando pensar. Não lhe agradava o que estava acontecendo, mas tinha certeza de que, no final das contas, Augustín não faria coisa alguma contra um companheiro de luta do movimento. Augustín acabaria compreendendo e se manteria leal. Fora apenas uma ameaça vazia, a fim de demonstrar autoridade. Augustín López não tomaria qualquer providência concreta para detê-lo.

Sentindo-se melhor, Hurtado olhou através da janela para a tarde ensolarada. A gruta estaria repleta de visitantes naquele momento. Esperaria algumas horas, até que a multidão no domínio se reduzisse, pouco antes do jantar. Levaria então o equipamento para a gruta e aguardaria o primeiro momento oportuno para esconder tudo na pequena floresta por cima. Voltaria ao hotel, para um jantar suntuoso. Depois de comer, ficaria fazendo hora até meia-noite ou uma da madrugada, antes de voltar à gruta para concluir o serviço.

Depois do almoço satisfatório no Gallia & Londres e estimulada pelo incentivo de uma gratificação de 400 francos prometida por Sergei Tikhanov, se conseguisse lhe arrumar um quarto de hotel (e ela estava certa de que poderia conseguir), Gisele Dupree resolveu voltar imediatamente a Tarbes com seu próspero cliente, a fim de buscar as coisas dos dois e trazer para Lourdes. Gisele verificou que dispunha de tempo suficiente, mais de duas horas, antes de conduzir à gruta um grupo de peregrinos de Nantes. Tikhanov concordou prontamente com a mudança nos planos.

Naquela viagem, ela guiou o Renault vermelho muito depressa, a uma velocidade assustadora, chegaram num instante ao apartamento de seus pais em Tarbes. Entrando, Gisele arrumou rapidamente duas valises. Tikhanov, que tirara bem pouca coisa de sua mala na noite anterior, estava na sala e pronto para partir quando Gisele saiu do quarto com suas valises e um bilhete para o pai.

Novamente, com pouco tráfego para atrapalhar, Gisele percorreu a distância entre Tarbes e Lourdes em grande velocidade. Tikhanov sentava-se ao seu lado, muito empertigado e nervoso. Chegando a Lourdes e entrando na Rue de la Grotte, encaminhando-se para o seu destino, quase ao pé do Château Fort, Gisele rompeu o seu silêncio concentrado:

— Estamos quase chegando. Vou deixá-lo no Hotel de la Grotte. É muito elegante e fica a apenas 10 minutos do domínio e dos santuários.

— Tem certeza de que pode me conseguir um quarto lá? — indagou Tikhanov, preocupado.

— Não precisa se preocupar, Sr. Talley. Tenho as melhores ligações lá.

Gisele tinha mesmo um excelente contato no Hotel de la Grotte. Prestara favores ao recepcionista principal, Gaston, que por sua vez também lhe fizera

alguns favores. Tinham um acordo sobre um quarto vago geralmente disponível para um hóspede que estivesse disposto a pagar uma gratificação.

O enorme hotel branco de cinco andares, com o letreiro HOTEL DE LA GROTTÉ no telhado, assomou diante deles. Gisele guiou o Renault por portões pretos de ferro batido que estavam abertos, entrando no pátio asfaltado que se estendia até o toldo azul e as portas de vidro. Ela foi parar no estacionamento de hóspedes, cheio pela metade.

— Espere aqui — disse Gisele, saindo do carro. — Tenho de falar com meu amigo e descobrir se posso lhe conseguir o quarto.

— Não vou embora — respondeu Tikhanov. — Afinal, para onde poderia ir?

Gisele encaminhou-se rapidamente para a entrada do hotel, passou pelas portas de vidro e virou à direita, aproximando-se da recepção. Estava vazio. Mas, um instante depois, ela avistou seu amigo Gaston voltando a seu posto, vindo do salão azul, que ficava depois do saguão principal.

— Gaston!

O homem pequeno, de terno preto e gravata-borboleta, parou no mesmo instante, olhou ao redor e reconheceu-a. Seu rosto se desmanchou numa expressão de prazer, enquanto se adiantava. Abraçaram-se, beijaram-se nas faces, separaram-se para tratar de negócios.

— Gisele, minha criança, já faz bastante tempo que não a vejo.

— Mas creio que valeu a pena esperar. Preciso de um quarto, Gaston. Tem algum?

— Depende — respondeu Gaston, cautelosamente. — Sabe muito bem que estamos numa temporada de grande movimento.

— Tenho um importante cliente americano lá no carro, um professor de Nova York. Ele oferece uma gratificação de 400 francos por um quarto. Metade para você, metade para mim.

— Vou verificar. Acho que pode haver alguma coisa no, terceiro andar.

Satisfeita, Gisele bateu palmas, fez sinal a um carregador para acompanhá-la e saiu apressadamente para o estacionamento.

Voltou poucos minutos depois com Tikhanov a reboque, apresentando-o grandiosamente a Gaston com um pequeno esboço biográfico, depois sussurrou ao cliente que estava na hora de pagar a gratificação. Ela esperou que Tikhanov contasse os 400 francos, entregou a metade a Gaston e guardou o resto. Depois de se registrar, Tikhanov encaminhou-se para os elevadores.

— Até mais tarde, Sr. Talley — gritou Gisele.

— Obrigado por tudo, Mademoiselle Dupree.

Voltando ao carro, Gisele verificou que ainda tinha tempo para mais duas paradas, antes de pegar a excursão da tarde. Foi parar o carro na Rue du Paris, logo depois da esquina, perto do Café Jeanne d'Are. Saltou e aproximou-se do café, esquadrinhando o interior e divisando sua amiga Dominique limpando uma

mesa, perto do balcão. Gisele entrou.

— O apartamento já está desocupado, Dominique? Eu gostaria de levar logo as minhas coisas.

— Está prontinho para você. — Dominique tirou uma chave do bolso e entregou-a a Gisele. — Pode me devolver quando eu voltar, na noite de domingo.

Dominique fora convidada por um freguês rico, um libanês cristão, a acompanhá-lo numa visita de cinco dias a Cannes.

— Estarei à sua espera — prometeu Gisele. — E agora pode me arrumar um café e um pedaço de bolo? Estou vendo uma mesa vazia lá fora.

Comprando um exemplar de *Le Figaro*, Gisele encaminhou-se para a mesa, sentou-se na cadeira amarela de vime, enquanto Dominique lhe trazia o café. Tomando o café, Gisele abriu o jornal sobre a mesa. A primeira página estava dominada pelos retratos de três russos. A manchete por cima formulava uma indagação:

COM O PRIMEIRO-MINISTRO SOVIÉTICO GRAVEMENTE DOENTE,
QUEM SERÁ SEU SUCESSOR?

A atenção de Gisele se concentrou no texto na primeira página. Segundo um breve comunicado da TASS, a agência noticiosa soviética, o Primeiro-Ministro Skryabin, o líder da União Soviética, estava internado num hospital de Moscou. Seu estado era considerado grave. Embora o comunicado da TASS não fizesse alusão a qualquer sucessor, havia especulações de que o Politburo considerava três veteranos políticos russos para o alto cargo.

A atenção de Gisele deslocou-se para as fotografias dos três mais prováveis candidatos ao posto. Duas fotografias e respectivos nomes nada significavam para ela. Mas a terceira deixou-a excitada, pois reconheceu o nome e vagamente o rosto. Era Sergei Tikhanov, o veterano ministro do Exterior da União Soviética. Gisele lembrou que, durante o ano em que passara em Nova York, assistira ao grande Tikhanov falando na assembleia da ONU. A presença imperturbável e a grande segurança haviam-lhe causado uma impressão profunda. Pouco tempo depois, ela comparecera com seu patrão e amante, Embaixador Charles Sarrat, a um coquetel oferecido a Tikhanov. Ficando perto de Sarrat, quando ele fora cumprimentar o ministro do Exterior, Gisele vira Tikhanov de perto, a apenas um metro de distância. Agora, lembrava apenas de seu perfil firme, o nariz grande e uma enorme verruga marron no lábio superior. Aquele homem que poderia ter tocado, bastando apenas estender a mão para isso, podia agora se tornar o próximo governante da União Soviética.

A mente de Gisele imediatamente se lançou a mais uma de suas incontáveis jornadas à estada na ONU. Compreendeu, mais do que nunca, que Nova York era o lugar a que pertencia. Jurou novamente economizar o dinheiro necessário para cursar a escola de tradução e conseguir outro emprego na ONU, assim que tirasse o diploma. Mas sabia que isso não aconteceria em breve, pelo menos no

ritmo com que vinha economizando. Esperava por gorjetas e gratificações ao final das excursões que guiava, mas os peregrinos e turistas que vinham a Lourdes, com exceção de um ocasional Samuel Talley, eram pobres ou pouco generosos. Seria muito difícil conseguir o dinheiro extra de que precisava, mas ela estava mais determinada do que nunca.

Ela olhou para o relógio. Mal teria tempo de fazer mais uma parada, deixando as valises no apartamento de Dominique e depois indo se encontrar com os peregrinos de Nantes, para mais uma excursão cansativa por aquela tediosa cidade. Gisele terminou de tomar o café, pagou a conta, meteu o jornal na bolsa e encaminhou-se para o carro e o apartamento de Dominique.

Finalmente sozinho, na privacidade de seu próprio quarto de hotel, no terceiro andar do Hotel de la Grotte, Sergei Tikhanov não desperdiçou um momento sequer a inspecionar o ambiente. Foi diretamente para o telefone. Pegando a lista telefônica vermelha e branca, na prateleira por baixo do aparelho, ele abriu nas páginas azuis com informações sobre o sistema de DDL. Lendo o texto francês, ficou satisfeito ao constatar que as ligações de Lourdes para o resto da França podiam ser automáticas. Assim, poderia ligar direto para Paris, sem se preocupar com a possibilidade de a origem do telefonema ser suspeita ou passível de ser localizada.

Ele discou para a Embaixada Soviética em Paris, deu o seu nome em código e o ligaram prontamente com o embaixador. Depois de uma troca de amenidades, Tikhanov informou que estava ligando de Marselha e não era um telefone seguro; portanto, seria breve e impreciso. Estava apenas querendo saber como andava a situação, antes de voltar para uma reunião com amigos de seu país, nos arredores de Marselha. Tinha duas indagações apenas para fazer: O General da capital por acaso o procurara? E como passava o primeiro-ministro?

*

Tikhanov sentiu-se aliviado ao saber que o General Kossoff, do KGB, não tentara encontrá-lo. Sabia que ele devia andar muito ocupado com os problemas do partido.

— O primeiro-ministro também não o procurou. Mas fui informado de que ele continua gozando a boa saúde de sempre.

Por um momento, Tikhanov ficou surpreso, depois se lembrou que estava numa linha aberta.

— Claro, claro...

Tikhanov agradeceu ao embaixador e já estava prestes a desligar quando o outro perguntou subitamente:

— Se o general quiser falar com você, posso informar onde se encontra?

Tikhanov se preparara para essa pergunta.

— Diga a ele que tive de deixar a cidade para me encontrar com nossos amigos num lugar em que não posso ser alcançado. Mas pode avisar ao general

que resolverei tudo até o final da semana e entrarei em contato com ele diretamente, na segunda ou terça-feira.

Com isso, a ligação crucial estava concluída e seu desaparecimento devidamente protegido. Tikhonov sentiu-se melhor do que em qualquer outra ocasião desde que chegara a Lourdes.

Arrumando lentamente as suas coisas, ele tinha tempo agora de inspecionar o quarto que arrumara. Achou que era satisfatório, embora estivesse acostumado a suítes de hotel luxuosas. Seu breve confinamento com os humildes Duprees, em Tarbes, deixara-o deprimido e estava contente por ter escapado. Melhor do que isso, no entanto, um alívio ainda maior do que escapar-lhes, era a sua libertação daquela pequena intrometida, Gisele, que outrora trabalhara na ONU e poderia eventualmente representar algum perigo. Livrar-se dela, ficar sozinho, era o supremo alívio.

Enquanto esperava pelo pedido que fizera ao serviço de quarto — não comera o suficiente durante o almoço, em sua concentração nas palavras da Sra. Moore — ele começou a guardar as camisas impecavelmente dobradas, cuecas, meias, pijamas, nas gavetas da arca antiga, encostada na parede em frente às duas camas. Apesar do crucifixo pendurado na parede, entre as camas, apesar das cadeiras brancas pseudo-antigas, com estofamento de plástico, o quarto era aceitável. As cortinas amarelas e as portas de vidro, dando para uma pequena sacada, com uma vista agradável de árvores, tornavam o ambiente alegre e revigorante.

Tikhonov terminava de arrumar suas coisas no momento em que o garçom trigueiro chegou com o seu pedido. Depois que o garçom se retirou, Tikhonov puxou uma cadeira para a mesa pequena em que estava a bandeja, ao lado do aparelho de televisão. Abriu o exemplar de *Le Figaro* que pedira, enquanto tomava a vodca dupla com gelo.

A primeira coisa que viu, na primeira página, foi a sua própria fotografia, como um candidato ao cargo de primeiro-ministro da União Soviética. Contemplou-se com emoções mistas. A sensação imediata foi de surpresa e prazer, surpresa porque a TASS anunciara tão depressa que Skryabin se encontrava além de qualquer possibilidade de recuperação e precisava ser substituído, prazer pelo comunicado oficial de Moscou de que ele, Sergei Tikhonov, era um dos candidatos ao cargo mais elevado de sua nação. Não o incomodava a menção a dois outros candidatos. Eram instrumentos do partido e a referência a seus nomes constituía um mero subterfúgio, até que se pudesse fazer o comunicado definitivo. E quando isso acontecesse — como o chefe do KGB, General Kossoff, já lhe garantira — haveria apenas um nome indicado para primeiro-ministro e seria o dele.

Por outro lado — e essa era a parte contraditória de suas emoções — não era sensato ter a sua fotografia na primeira página de um importante jornal francês,

enquanto ainda se encontrava em território da França, ainda por cima em Lourdes. Mas, afagando automaticamente o bigode espesso, ele ficou convencido de que não seria reconhecido. Seu disfarce não fora descoberto e não poderia ser. Isso e mais a presença improvável num santuário católico lhe proporcionavam proteção suficiente.

Esvaziando o copo de vodka, ele devorou a salada e a *Omelette au Jambon*, enquanto lia cada palavra da história despachada de Moscou. Quando terminou, tanto a comida quanto a matéria, sua complacência foi perturbada pela lembrança de uma coisa. Era um homem doente e sua glória seria curta, a menos que encontrasse a cura naquele lugar tão apregoado por suas curas inexplicáveis. Na verdade, viera para Lourdes sem qualquer fé cega numa possível cura. O que lhe dera um fio de esperança, um mínimo de fé, fora o encontro no almoço com a inglesa Edith Moore, curada de câncer por uma visita ao santuário.

Curada por uma visita aos banhos.

Uma cura assim desafiava o senso ordenado de lógica de Tikhanov, mas ocorrera e fora confirmada pelos mais respeitados representantes da profissão médica. Conhecera pessoalmente a pessoa contemplada com uma cura mágica. Não era o momento para questionar ou tentar impor a lógica. Era um momento para crer.

Tikhanov levantou-se. O dia era curto e o mesmo acontecia com seu tempo no mundo, a menos que se entregasse à magia. E, por isso, ele partiu para os banhos.

Descendo no*elevador, Tikhanov encaminhou-se para o balcão da recepção. O amigo da garota Dupree, o recepcionista Gaston, conversava com outro homem. Tikhanov fez menção de perguntar a Gaston como se podia chegar aos banhos, partindo do hotel. Antes que pudesse falar qualquer coisa, porém, Gaston cumprimentou-o efusivamente.

— Ah, Professor Talley, aqui está alguém que deve conhecer... Professor, este é o Dr. Berryer, que dirige o renomado Serviço Médico de Lourdes.

Tikhanov analisou rapidamente o homem cuja mão apertava. O Dr. Berryer tinha sulcos profundos na testa, olhos que lembravam ovos pochês, um ar ligeiramente remoto e clínico. Parecia solidamente constituído, em seu terno antiquado.

— Prazer em conhecê-lo — disse Tikhanov.

— O prazer é todo meu — respondeu o Dr. Berryer. — Gaston mencionou a sua chegada. Sempre ficamos satisfeitos com a presença de acadêmicos. Espero que esteja gostando de Lourdes.

— Ainda não tive tempo para conhecer melhor a cidade. Mas com todas as credenciais de Lourdes, tenho certeza de que gostarei muito. — Ele virou-se para Gaston. — Estava pensando em experimentar os banhos hoje, mas não sei como

chegar lá.

— Precisa apenas acompanhar o Dr. Berryer — disse Gaston.

— Isso mesmo — confirmou o médico. — Estou indo agora para o Serviço Médico. Não fica muito longe dos banhos. Pode me acompanhar. A distância é relativamente pequena.

— Com o maior prazer — murmurou Tikhanov.

Eles saíram do hotel e viraram para oeste, seguindo pela Rue de la Grotte.

— É muita gentileza sua, Padre Berryer — disse Tikhanov. O Dr. Berryer exibiu um sorriso gelado.

— Não sou padre, sou leigo... médico e católico.

— Desculpe. O Serviço Médico, é claro. As coisas me parecem um pouco confusas.

— Talvez haja mais médicos do que padres em Lourdes — comentou o Dr. Berryer. — Veio até aqui por causa de sua saúde, Professor Talley?

— Para ver o que se pode fazer com a minha distrofia muscular.

— Ah... Tudo é possível. Quem sabe? Estará nas mãos da Virgem. Tem havido curas milagrosas em muitos casos similares.

— E conheci uma hoje, a da Sra. Edith Moore. Fiquei bastante impressionado. O Dr. Berryer assentiu.

— A Sra. Moore, nossa mais recente cura inexplicável, confirmada pela ciência médica. Examinei-a pessoalmente. Uma recuperação extraordinária, instantânea e total.

— Ela me contou que aconteceu logo depois que se banhou com a água da fonte — comentou Tikhanov. — E o que me encoraja a tomar os banhos hoje.

— Os banhos... — murmurou o Dr. Berryer. — Sabe alguma coisa a respeito?

— Sinto-me envergonhado em dizer que não sei de nada, exceto que têm curado várias pessoas, desde os tempos de Bernadette.

— É verdade, têm mesmo. Talvez esteja interessado nas origens, como os banhos surgiram, antes de tomá-los.

— Claro que estou interessado.

Enquanto continuavam a andar, passando pelas lojas de *souvenirs*, o Dr. Berryer pôs-se a discorrer sobre um assunto que obviamente o fascinava;

— Os banhos começaram a 25 de fevereiro de 1858, quando Bernadette foi à gruta e viu a Virgem Maria pela nona vez. Havia uma multidão de 400 espectadores para observá-la. A Virgem Maria lhe falou e Bernadette recordou depois: "A Dama me disse: 'Vá e beba na fonte e se banhe nela.' Não vi qualquer fonte e comeci a me encaminhar para o Gave. Ela me disse que não era lá. Apontou com um dedo para a fonte. Fui até lá, mas encontrei apenas uma água lamacenta. Baixei a mão, mas não consegui recolher qualquer água. Cavei um pouco e a água aflorou, mas ainda lamacenta. Por três vezes a água aflorou e

depois sumiu; na quarta vez, consegui beber um pouco." Bernadette não apenas bebeu um pouco daquela água lamacenta, mas também passou em seu rosto. Como contou mais tarde, ela foi também instruída a comer um punhado de ervas. Tentou fazê-lo, mas foi forçada a cuspir tudo e acabou vomitando. Muitos espectadores ficaram revoltados com seu comportamento, gritaram que ela perdera o juízo, estava louca. Mas no dia seguinte o filete de água lamacenta se tornara milagrosamente água limpa, emergindo de um buraco que aumentava cada vez mais. A fonte foi se ampliando, até que virou um poço. Não demorou para que muitos visitantes bebessem a água e se banhassem. Houve numerosas curas em decorrência. Gradativamente, uma série de canos ocultos foi instalada, levando a água da fonte às torneiras de onde os peregrinos podem beber e às casas de banho, onde os enfermos mergulham.

— Mas essa água cura mesmo? — indagou Tikhonov, querendo ter certeza absoluta.

— Não resta a menor dúvida quanto a isso — garantiu o Sr. Berryer. — Mas somos um homem da ciência e um douto estudioso. Portanto, não posso deixar de ser absolutamente franco. E, com toda a franqueza, devo informá-lo que, quimicamente, não há qualquer elemento medicinal ou curativo na água da fonte. Absolutamente nenhum.

— Nenhum?

— Nenhum. Em abril de 1858, o Professor Filhol, um cientista da Universidade de Toulouse, foi convidado a analisar a água. Ele o fez e depois relatou: "O resultado desta análise é de que a água da gruta de Lourdes possui uma composição que pode ser considerada como uma água potável similar à maioria que se encontra nas montanhas, onde o solo é rico em cálcio. A água não contém qualquer substância ativa que lhe conceda propriedades terapêuticas acentuadas. Pode ser bebida sem qualquer inconveniência." Em suma, a água da fonte não passava de água potável comum. Ao longo dos anos, foi se avolumando a preocupação de que a água pudesse ser prejudicial. Em 1934, meus antecessores enviaram amostras das águas dos banhos a laboratórios em Anvers e Tarbes e um terceiro na Bélgica. Todas as análises saíram de acordo. As águas dos banhos de Lourdes estavam extremamente poluídas... contudo, eram totalmente inofensivas, pois os bilhões de bacilos encontrados se achavam inertes. O idoso presidente dos Hospitaliers, Conde de Beauchamp, costumava dizer: "Já bebi um hospital inteiro cheio de micróbios, mas nunca fiquei doente."

— Em suma — comentou Tikhonov — o que está me dizendo é que as águas de beber e dos banhos na gruta não contém propriedades que sejam úteis.

— Exatamente.

— Então o que torna as águas curativas? O Dr. Berryer deu de ombros.

— O que posso dizer? Como médico, posso dizer que é o elemento psicológico que cura. Como um católico, posso dizer que é uma inexplicável cura espiritual,

favorecida pela Virgem Maria. De uma coisa tenho certeza: as águas já curaram, estão curando e continuarão a curar.

— Então recomendaria os banhos.

— O que tem a perder com a sua doença? Conversou com a Sra. Moore. Certamente isso é suficiente.

Tikhanov sorriu, contrito.

— É animador.

Enquanto andavam, Tikhanov percebeu que, depois da travessia da ponte, não estavam mais na Rue de la Grotte, mas sim na Avenue Bernadette Soubirous, surgindo à frente a torre da Basílica Superior.

— Deixe-me prepará-lo para os banhos — o Dr. Berryer estava dizendo. — Cerca de 30 mil galões da água da fonte na gruta são canalizados diariamente para as torneiras de que os peregrinos bebem e para as casas de banhos de homens e mulheres. A água é também guardada em dois enormes depósitos. Talvez já tenha ouvido falar com algum ceticismo sobre a higiene da água dos banhos...

— Nunca ouvi falar sobre isso — Tikhanov apressou-se a dizer.

— Não importa. O fato é que mais de uma centena de peregrinos se banham na mesma água, antes que seja trocada, ao meio-dia. Há a preocupação frequente de que resíduos dos doentes possam contagiar os saudáveis que se banham. Isso poderia resultar numa epidemia de tifo ou cólera. Mas não tenha medo. Nunca houve tal epidemia e, ao que eu saiba, ninguém jamais ficou infeccionado da água usada por banhistas anteriores. Mas tem havido curas, que constatei pessoalmente. Inválidos entraram nos banhos para imersões de um minuto e saíram andando por si mesmos, perfeitamente saudáveis.

— Já usou os banhos pessoalmente alguma vez?

— Eu? Nunca. Mas, graças a Deus, não tenho necessidade de uma cura. Estou saudável.

Enquanto desciam pela rampa, o Dr. Berryer lembrou-se de mais uma coisa e acrescentou:

— Mas outros médicos já se banharam nas águas. Lembro particularmente de um antecessor meu no Serviço Médico, Dr. Jean-Louis Armand-Laroche. Ele usava os banhos sempre que estava em Lourdes, embora não os considerasse muito higiênicos. Alguém perguntou-lhe por que então usava os banhos. O Dr. Armand-Laroche respondeu: "Faço isso como um crente. E faço com humildade, no espírito de penitência e de um exercício espiritual". — O Dr. Berryer lançou um olhar de lado para Tikhanov, antes de acrescentar: — Mas você tem algo mais em mente.

— Espero ser curado.

— Pois então experimente os banhos.

Atravessaram a Esplanada do Rosário. O Dr. Berryer gesticulou para a

esquerda.

— Passando pelas grutas e pelas torneiras de beber, encontrará os banhos. Preciso voltar ao Serviço Médico e por isso o deixarei aqui. Está nas melhores mãos. Continue otimista. E boa sorte.

Tikhanov observou o Dr. Berryer se afastar, depois virou-se na direção da gruta, preparando-se para o estranho ordálio pela frente.

Não foi difícil encontrar os banhos. Havia um prédio baixo, comprido, austero," com entradas de um lado para os homens e no outro para as mulheres. Havia grades para disciplinar as filas e quatro fileiras de cadeiras de metal em cada entrada. E havia também, ali perto, um padre barbudo, de batina preta e nacionalidade indeterminada, parado na frente de um grupo de peregrinos, todos rezando o rosário.

Havia uma fila pequena na entrada mais próxima dos banhos dos homens. Tikhanov entrou nessa fila, o coração disparando com a certeza de que, para sua grave doença, estava na clínica espiritual do último recurso.

A fila de homens se adiantava lentamente e Tikhanov acompanhou-a. Entraram no prédio, parando num corredor em que havia uma sucessão de cortinas azuis e brancas. Um jovial voluntário, um *brancardier*, falou-lhes com um sotaque irlandês. Explicou que havia dois mil homens — e cinco mil mulheres no outro lado — que passavam por ali todos os dias; portanto, não se podia perder tempo. Por trás das cortinas, informou ele, ficavam os vestiários, através dos quais se chegava aos banhos.

Tikhanov foi encaminhado ao primeiro vestiário. Ele afastou para o lado a cortina úmida e entrou no cubículo. Três homens, de cueca, estavam sentados num banco, aguardando sua vez. Um *brancardier* francês, postado na cortina no outro lado, gritou para Tikhanov:

— Você é americano ou não?

— Americano — respondeu Tikhanov.

O *brancardier* passou a falar em inglês:

— Deve tirar as roupas, como os outros. Fique de cueca. Nervosamente, Tikhanov pôs-se a tirar os sapatos e as meias, a

camisa e a calça, até que ficou apenas com a cueca marrom. Pendurara as roupas, encaminhado-se para o banco, quando descobriu que se encontrava vazio. Ia sentar-se quando o voluntário chamou-o. Tikhanov atravessou o vestiário e o voluntário entregou-lhe uma toalha azul encharcada, dizendo-lhe que prendesse na cintura e tirasse a cueca por baixo.

— Receberá a cueca, junto com o resto de suas roupas, quando sair do banho. Ao terminar o banho, não esfregue o corpo com esta toalha. Não se enxugue. Deixe a água no corpo e ponha as roupas. Vai secar num instante ao sol. E, agora, entre no banho.

Ele pegou Tikhanov pelo cotovelo e empurrou-o para o outro lado da cortina,

ao banho propriamente dito.

Tikhanov oscilou na beira de uma banheira de pedra afundada, retangular, comprida, cheia de uma água que era positivamente fétida. Dois corpulentos *brancardiers*, usando botas de borracha e aventais azuis por cima das camisas e calças, seguraram-no pelos braços e ajudaram-no a descer pelos degraus de pedra escorregadios para a água morna. Um deles fez-lhe sinal para que andasse até o outro lado. Tikhanov obedeceu.

Lá chegando, Tikhanov descobriu-se diante de uma Madona na parede e de um enorme crucifixo pendurado de um rosário. Um robusto atendente inclinou-se e perguntou que língua ele falava, depois entregou-lhe uma placa de metal esmaltada, em que estava escrito: "Uma oração para você dizer em inglês depois apresente silenciosamente o seu pedido a Deus." Tikhanov fez a oração para si mesmo, devolveu a placa e tentou pensar num pedido a formular ao Todo-Poderoso. Mas só podia pensar na água salobra e nos milhões de bacilos que a povoavam.

As mãos estendidas do atendente seguraram as mãos de Tikhanov, enquanto ele ordenava-lhe tranquilizadamente que sentasse na água. Tikhanov se abaixou, a água cobrindo-o até a barriga. Um atendente mandou que se inclinasse para trás, afundando na água até o pescoço. Tikhanov tentou fazê-lo, afundando, a água subindo ao pescoço, mas escorregou de repente e toda a cabeça afundou, com o resto do corpo. Ele engoliu um punhado da água pútrida, debateu-se para sentar, aflorando à superfície engasgado, cuspiendo água, procurando respirar.

Os atendentes se abaixaram solenemente para ajudá-lo a sair da água. Conduziram-no rapidamente de volta à cueca e ao resto das roupas. Tikhanov estava encharcado da cabeça aos pés e queria se enxugar, só que não havia toalhas. Com alguma dificuldade, ele pôs a cueca, grudada na pele molhada, depois a camisa e a calça, meias e sapatos, todas as peças se tornando imediatamente encharcadas da água em seu corpo.

E depois, atordoado, viu-se outra vez lá fora, diante de duas palmeiras, a encosta de uma colina e uma imagem dedicada a "St. Margaret, Rainha e Padroeira da Escócia". Olhou ao redor, procurando um caminho de fuga, querendo deixar para trás, ao máximo possível, aquela infame casa de banhos. Encontrou uma saída, no fluxo principal de pessoas que deixavam a área dos banhos, a caminho da gruta. Caminhando desconfortável ao sol, as roupas grudadas no corpo, ele se perguntou se a imersão teria curado sua doença. Não havia como saber. Andava rigidamente, como se estivesse em pernas de pau, desejando apenas estar seco outra vez.

Foi parar num ponto despovoado ao lado da gruta, onde ainda se podia desfrutar o que restava do sol.

Permaneceu ali por um momento, absorvendo o sol, ainda se sentindo

pegajoso. Sacudiu-se como um cachorro molhado para desgrudar as roupas do corpo. Ao fazê-lo, algo desafortunado e inesperado aconteceu. Uma coisa caiu por sua boca e queixo, descendo até o chão.

Aturdido, ele olhou para baixo, entre os pés. Ficou horrorizado com o que viu. Automaticamente, a mão subiu para o lábio superior raspado, sentindo-o totalmente liso, a não ser pela verruga. O enorme bigode desgredado, afrouxado pela imersão na água dos banhos, desgrudara e caíra. Com receio de olhar ao redor para descobrir se era observado, se o desmascaramento tinha alguma testemunha, Tikhonov inclinou-se rapidamente, pegou o bigode e tornou a grudá-lo no lábio superior, que era o lugar a que pertencia. Quando sentiu que se achava de volta ao lugar, embora precariamente, ele engoliu em seco e finalmente olhou ao redor, a fim de descobrir se alguém percebera o ocorrido.

E, olhando para a frente, seu horror minguento transformou-se em choque pelo que viu. A desgraçada da Gisele Dupree, a intrometida guia de turistas, apontava uma câmara fotográfica em sua direção. Os olhos de Tikhonov se arregalaram, mas no instante seguinte o choque começou também a minguar, quando compreendeu que provavelmente não fora focalizado pela câmara. Um pouco à sua frente, ligeiramente para o lado, estava um grupo de peregrinos, talvez uma dúzia, posando para sua guia, Gisele, que tirou mais uma fotografia dos membros de sua última excursão.

Confuso, Tikhonov permaneceu onde estava. Não podia decidir se Gisele realmente o fotografara sem o bigode ou apenas dera essa impressão, ao focalizar o grupo de peregrinos, reunido a poucos passos de distância.

Ele não podia ter certeza.

Sua única vontade era virar-se e fugir. Mas, antes que pudesse fazê-lo, viu Gisele baixar a câmara com uma das mãos, enquanto o reconhecia e sorria largamente. Ela acenou-lhe com a mão livre.

— Sr. Talley! — gritou Gisele. — Como está?

— Muito bem.

— Experimentou os banhos?

— Experimentei.

— Deve continuar a tomá-los, se quer ficar melhor. — Ela piscou-lhe um olho. — Espero tornar a vê-lo em breve.

Gisele foi se juntar a seu grupo de peregrinos e Tikhonov afastou-se, deixando a gruta para trás o mais depressa possível. Não houvera qualquer indicação de que ela tirara a sua fotografia. Retirando-se, Tikhonov tentou recordar todas as palavras que ela dissera. Isso mesmo, não houvera qualquer indicação. Gisele simplesmente ficara surpresa e satisfeita ao vê-lo, mais nada.

Ele estava reagindo como o pior tipo de paranóico.

Ela não vira. Ninguém vira.

Ele estava seguro.

E ficaria curado.

Reggie Moore vestira a sua melhor roupa, um terno azul de listras brancas bem finas, com o colete que usara pela última vez no jantar em Londres comemorando a sua sociedade com Jean-Claude Jamet. Naquela noite, Reggie lembrou à esposa, exuberante, que haveria uma comemoração ainda maior, a realidade da sociedade que os tornaria ricos, a inauguração oficial do restaurante reformado e ampliado em Lourdes. Antes de deixar Londres, Edith pusera na mala o seu vestido mais caro, o de cetim púrpura com bolinhas, que tirou agora do armário e vestiu.

Saíram do hotel e subiram três quarteirões pela Avenue Bernadette Soubirous. Apesar da noite amena, a avenida estava menos apinhada àquela hora. Eram sete horas da noite e a maioria dos peregrinos e turistas jantava, antes de comparecer à procissão noturna no domínio.

E passavam cinco minutos das sete horas quando Reggie fez Edith parar e apontou para um restaurante na esquina, no outro lado da rua, dizendo:

— Lá está, amor, nosso pote de ouro na extremidade do arco-íris.

Edith observou atentamente o restaurante, recém-pintado de azul-escuro e laranja. Demonstrou prazer, porque Reggie estava tão orgulhoso e satisfeito, comentando:

— Parece três estrelas.

— E é mesmo — garantiu Reggie, puxando-lhe o braço e começando a atravessar a rua. — Depois que a sociedade foi fechada, Jean-Claude não dispunha de muito tempo para renovar. Mas já estava com os planos prontos. Assim, com a minha aprovação, ele pintou tudo por fora, fez uma decoração moderna por dentro, acrescentou o bar e mais um salão de jantar. Abriu no dia em que chegamos a Lourdes e o movimento tem sido espetacular desde então.

— Fico muito contente, Reggie.

— Mas esta noite será a inauguração oficial. Daqui por diante, haverá um preço fixo e um cardápio especial.

— E as pessoas pagarão?

Reggie sorriu da tamanha ingenuidade de Edith.

— Terão o maior prazer em pagar qualquer coisa, por diversos motivos. Um, não se trata de um restaurante rotineiro, ligado a um hotel ordinário. Dois, é um dos poucos restaurantes de luxo independentes da cidade. Três, o mais importante, oferecemos uma coisa que ninguém mais tem.

Ele a estava guiando na direção do restaurante e apontou para cima.

— Dê uma olhada.

Edith levantou os olhos e avistou o cartaz de néon piscando sobre a entrada de vidro. O cartaz dizia:

RESTAURANTE DO MILAGRE DE MADAME MOORE.

Os olhos de Reggie estavam fixados na esposa, enquanto ela abria a boca,

espantada.

— Mas o que... — Edith hesitou, aturdida. — Mas o que isso significa?

Reggie sorriu.

— Só há uma Edith Moore em Lourdes... e eu a tenho.

Edith estava hipnotizada pelo letreiro.

— Restaurante do Milagre de Madame Moore — ela leu em voz alta, dominada pela incredulidade.

— Isso não a deixa feliz?

— Eu... eu não sei, Reggie... Acho que me sinto embaraçada. Ver meu nome assim... Talvez não seja apropriado...

— Você merece, tem esse direito. — Reggie puxou-a pára a porta. — Mas isso não é tudo. Espere só até ver o que tem lá dentro.

Passaram pela porta e Reggie ficou observando Edith, enquanto ela contemplava o interior. O salão era grande, em azul e laranja, as paredes e reservados em azul, as mesas redondas cobertas por toalhas laranja. Cada mesa era adornada com uma rosa, num fino vaso prateado, iluminada por uma luz por cima. O restaurante estava apinhado com a multidão transbordando para o bar além.

— E maravilhoso — murmurou Edith.

— E é nosso — declarou Reggie, com orgulho. — E agora deixe-me mostrar a grande surpresa.

Enquanto eles avançavam entre as mesas, foram interceptados por Jamet, que se adiantou apressadamente. Seu semblante gaulês exibiu um sorriso largo.

— Seja bem-vinda, Edith — disse ele, levantando-lhe a mão inerte e beijando-a. — Agora, a noite pode começar. Reggie e eu a levaremos à sua mesa.

Era a maior mesa do restaurante, a única que ainda se encontrava vazia. Tinha um pequeno cartão branco, com letras douradas que diziam: *Reservada Para Edith Moore, a Mulher do Milagre, e Seus Convidados.*

— Oh, não... — balbuciou Edith, cobrindo a boca.

— Você merece — declarou Reggie, enquanto levava Edith para sua cadeira, juntamente com Jamet.

— Eu... eu me sinto muito embaraçada — protestou Edith, quase forçada a se sentar na cadeira. Ela correu os olhos pelas nove cadeiras vazias em torno da mesa. — E os convidados... com que convidados vamos jantar?

— Ora, com as pessoas que querem conhecê-la e ouvir a sua história maravilhosa — informou Reggie, exultante. — Imprimimos volantes e distribuimos hoje por toda Lourdes. Dezenas de visitantes telefonaram fazendo reservas, o suficiente para encher a mesa todas as noites da semana. Jean-Claude nunca viu nada parecido antes.

— Mas o que vai acontecer depois da próxima segunda-feira, Reggie?

— O que tem a próxima segunda-feira?

— Não estarei aqui. Já teremos voltado a Londres. Reggie hesitou por um instante.

— Eu... eu esperava poder persuadi-la a ficar por mais uma semana.

— Mas tenho o meu emprego. E mesmo que pudesse adiar a volta... quem você teria aqui depois da segunda semana?

Reggie engoliu em seco.

— Estávamos pensando num duble.

— Um o quê?

— Um substituto para você, alguém que diremos ser íntimo amigo seu e terá ensaiado direitinho a história de sua cura. Será uma mulher, que poderá distribuir fotografias suas, autografadas, as pessoas se sentirão abençoadas.

Edith estava visivelmente contrafeita.

— Oh, Reggie, isso parece horrível...

— Pode estar certa de que todos estarão recebendo aquilo por que pagaram, de qualquer maneira — insistiu Reggie, em tom de urgência.

Ele se virou e estalou os dedos. Jamet levantou apressadamente um cardápio, como se fosse uma bandeira. Reggie pegou o sócio pelo braço.

— Jean-Claude, minha esposa quer saber se nossos convidados receberão uma refeição equivalente ao dinheiro que pagarão. Conte a ela.

— Um banquete, um autêntico banquete de paxá — garantiu Jamet, abrindo o cardápio, disposto a ler em voz alta. — Este é um jantar de luxo para esta mesa... e somente para esta mesa.

Ele passou a ler o cardápio:

— *Melon Rafrachi et Jambon Cru du Pays. Segue-se Aiguillettes de Canard Persillées. Depois, Fromage des Pyrénées. Como sobremesa, Profiterole au Chocolat. E, finalmente, Cozbeille des Fruits.*

Edith estendeu a mão.

— Deixe-me ver o cardápio.

Jamet olhou para Reggie, depois deu de ombros e entregou-o. Edith examinou-o e depois levantou os olhos, com uma expressão de desaprovação.

— O que estão cobrando por isso... não posso acreditar. E ainda por cima o enorme *couvert*...

— Mas há uma atração especial nesta mesa — declarou Jamet. — E todos estão dispostos a pagar por isso. E agora, com licença... tenho de chamar os convidados, que estão esperando.

Edith olhava furiosa para Reggie.

— Não vou admitir isso, Reggie. Não posso concordar. É demais usar as pessoas assim, nesta exploração descarada.

Reggie deixou transparecer a sua exasperação.

— Pelo amor de Deus, Edith, você estará ajudando as pessoas que precisam,

que querem ser inspiradas por seu caso.

— Ajudar as pessoas é uma coisa importante. Mas deve ser feita de graça e não obrigando-as a pagar tanto dinheiro. — Ela sacudiu o cardápio. — Isto avilta a maravilha que me aconteceu. Não acredito que o Senhor possa gostar.

— Ele vai gostar de uma esposa que tenta ajudar o marido — protestou Reggie, desesperado. Ele desviou os olhos. — Discutiremos isso mais tarde. Jean-Claude está trazendo os convidados. Seja gentil com eles, Edith. Conte a sua história. Responda às perguntas.

Jamet já estava sentando os convidados e apresentando-os a Edith e Reggie, enquanto se instalavam. Jamet fazia as apresentações suavemente:

— Sr. Samuel Talley, de Nova York, a quem eu soube que a Sra. Moore já conheceu... Srta. Natale Rinaldi, de Roma, e Sr. Mikel Hurtado, de Madri. É de Madri, não é mesmo?... Sr. e Sra. Pascal, de Bordéus... Sra. Farrell e seu filho Jimmy, de Toronto.

Jamet deslocou-se para trás de Jimmy, um garoto de nove anos, numa cadeira de rodas.

— Deixe-me afastar a outra cadeira e ajeitá-lo direito na mesa, Jimmy. *Voilà*. E o outro convidado, ao lado do Sr. Moore, que tanto ele como a Sra. Moore conhecem há cinco anos, é o Dr. Berryer, o eminente diretor do Serviço Médico de Lourdes. Agora que já estão apresentados, peço que me dêem licença, pois tenho de atender às outras mesas.

Houve um vazio contrafeito depois que Jamet se afastou, mas o Dr. Barryer logo preencheu-o:

— Como tem passado, Edith? Devo dizer que parece melhor do que nunca.

— Estou bem, obrigada, Dr. Berryer — murmurou Edith, um tanto mal-humorada.

— Ela está melhor do que apenas bem — trovejou Reggie. — Está sensacional.

— O dia memorável será depois de amanhã — informou o Dr. Berryer. — O especialista de Paris, Dr. Kleinberg, chegará a Lourdes amanhã de noite. Você vai se encontrar com ele na manhã de quarta-feira. Mas telefonarei antes para confirmar a hora.

— Obrigada — disse Edith.

O Dr. Berryer virou-se para o homem ao seu lado.

— Já sei que é o Sr. Talley, de Nova York. Nós nos encontramos em seu hotel. Indiquei-lhe o caminho para os banhos. Encontrou-os?

— Tomei um banho — respondeu Tikhanov, um pouco contrariado. — Achei que o processo é muito desconfortável.

Edith não foi capaz de se conter mais e apressou-se em intervir:

— Não é necessário que se sinta confortável, Sr. Talley. Em termos ideais, deveria vir aqui para fazer penitência. Em 1858, quando Bernadette recebeu a

oitava visitação da Virgem Maria, a Virgem lhe disse. "V  e beije o chão como penitência para os pecadores." Deve encarar o desconforto dos banhos como uma penitência, Sr. Talley.

Tikhanov acenou com a cabeça, solenemente.

— Foi muito gentil comigo durante o almoço. E vim a este jantar para receber um reforço adicional. É o que acaba de me acontecer. Voltarei aos banhos amanhã.

Natale falou a esta altura:

— Sra. Moore, deixe-me dizer por que estou aqui. Deve saber, é claro, qual o meu problema.

— Sei, sim, Srta. Rinaldi.

— Quando voltei da gruta ao final desta tarde — disse Natale, — minha amiga e ajudante, Rosa Zennaro, acompanhou-me ao quarto do hotel. Mas teve de se retirar antes do jantar. Quando ela ia embora, um vizinho no hotel que foi muito bom para mim... o Sr. Hurtado, que está sentado ao meu lado... entrava em seu quarto, ouviu Rosa e se ofereceu para me trazer ao jantar. Ele encontrou por baixo da minha porta o volante sobre o jantar neste restaurante e a oportunidade de conhecê-la, Sra. Moore. Fiquei tão entusiasmada com a perspectiva que o Sr. Hurtado se ofereceu para me trazer até aqui.

Hurtado deu" de ombros.

— Além disso, eu estava com fome.

Natale riu e voltou a falar, virada na direção de Edith:

— O que desejo lhe falar é o seguinte, Sra. Moore. Devotei todo o meu tempo aqui a rezar na gruta. Não fui aos banhos, porque achei que seria difícil.

— Há mulheres para ajudá-la — informou Edith, logo acrescentando, com compaixão: — Deve tentar os banhos.

— Vim fazer a seguinte pergunta: os banhos constituem o meio mais importante de se alcançar uma cura?

— Não se pode responder a essa pergunta com exatidão — disse Edith. — Falando apenas do meu caso, fiquei instantaneamente curada depois de me banhar na água da fonte. Mas outras pessoas ficaram milagrosamente curadas depois de rezar na gruta, beber a água ou marchar na procissão. Mas o Dr. Berryer é a grande autoridade nas curas.

O Dr. Berryer inclinou a cabeça na direção de Natale.

— Você pode até ficar curada depois que deixar Lourdes e voltar para casa. Já aconteceu assim. Não há regras, não há fórmulas, nunca se sabe como e quando a cura acontecerá... se á que acontece.

— Então pode acontecer depois de qualquer ato de profissão de f  — comentou Natale.

— Aparentemente — disse o Dr. Berryer. — Quando cheguei a Lourdes, fiz um estudo de todas as 64 curas de 1858 a 1878 reconhecidas como milagrosas

pela Igreja. Talvez se interesse em saber, Srta. Rinaldi, que a segunda cura autenticada como milagrosa foi de um homem de 54 anos afligido como você, pelo menos parcialmente. Louis Bouriette, desta cidade, sofrerá um ferimento no olho 20 anos antes e há dois anos se achava completamente cego do olho direito. Sua visão foi restaurada na gruta.

— A cura aconteceu mesmo? — indagou Natale, ansiosamente.

— Claro que aconteceu, desafiando todas as explicações médicas — afirmou o Dr. Berryer. — Todas as 64 curas milagrosas que estudei desafiavam a medicina... uma jovem com uma perna ulcerada e gangrena ampla, uma freira sofrendo de tuberculose pulmonar, uma mulher com câncer no colo do útero, um italiano com a doença de Hodgkins, um rapaz italiano com sarcoma na pelve, assim como acontecia com Edith Moore... todos considerados casos perdidos para os médicos, mas curados por causa do santuário e por meios milagrosos. É verdade que a maioria desses milagres ocorreu depois dos banhos. Mas a cura milagrosa autenticada de número 58, a de Alice Couteault, assim como a cura 59, de Marie Bigot, ocorreram durante Procissões do Abençoado Sacramento* Houve também casos, entre as primeiras 64 curas, depois de orações na gruta. Ainda estou estudando diversas curas que ocorreram desde então. Pelo menos uma dessas curas, ao que me recorde, aconteceu no meio de uma oração na gruta. Seria melhor que tentasse tudo o que estiver disponível, Srta. Rinaldi, não apenas rezando na gruta, mas bebendo as águas, visitando os banhos e até participando das procissões, se lhe for possível.

— Mas não pode deixar de tentar os banhos — insistiu Edith. Do outro lado da mesa, a pálida mãe canadense, Sra. Farrell,

falou pela primeira vez:

— Disse que ficou curada depois de um banho.

— Exatamente — confirmou Edith.

— Seria uma profunda revelação para nós, meu filho e eu, se contasse como o milagre aconteceu.

— Vamos, Edith, conte a essa gente como foi — exortou Reggie. — Tenho certeza de que todos estão interessados em saber.

Edith lançou-lhe um olhar furioso, depois virou-se para os outros, assumindo uma transformação como se fosse uma atriz, presenteando-os com um sorriso cativante e ignorando a comida servida, enquanto se punha pacientemente a fazer o relato tantas vezes repetido.

Enquanto os convidados permaneciam mesmerizados, somente o Dr. Berryer balançando constantemente a cabeça em confirmação, Edith falou do ataque gradativo da doença, os exames intermináveis em Londres, o veredicto final de que sofria de um sarcoma. E depois, quando toda a esperança parecia perdida, seu padre paroquial, Padre Woodcourt, sugerira uma visita a Lourdes com seu grupo de peregrinos.

Escutando atentamente a história familiar, Reggie tentou avaliar a disposição da esposa pelo tom. Tão consciente ele estava de cada nuance no seu jeito de falar que sabia, embora os outros pudessem se iludir, que Edith se esforçava para manter o controle e aparentar calma. Por baixo, fervilhava uma lava de desprazer com ele que poderia irromper a qualquer momento. Enquanto fingia prestar toda atenção, Reggie deu uma espiada no bar, seus olhos se encontrando com os de Jamet. Reggie acenou com a cabeça, misteriosamente. Jamet, como se compreendendo, acenou com a cabeça em resposta, desaparecendo em seguida.

Reggie parecia absorver cada palavra que a esposa dizia, mas pelo canto dos olhos procurava por outra coisa. E depois Jamet reapareceu, conduzindo um clérigo na direção da mesa, mantendo-se por trás de Edith.

O clérigo, alto e imponente, colarinho clerical e terno escuro, sentou-se sem fazer barulho numa cadeira que Jamet ajeitara por trás de Edith. Ele inclinou a cabeça, a fim de ouvir melhor o que Edith contava aos outros.

Os pratos eram servidos e tirados, enquanto a história de Edith progredia para a sua segunda visita a Lourdes, ao último dia dessa visita e ao banho final, quando emergira não mais inválida, totalmente curada e livre da muleta, capaz de andar perfeitamente sem qualquer ajuda.

Reggie observou e ficou satisfeito com a reação da audiência da primeira noite ao desempenho de estreia de Edith. O americano Talley grunhia de prazer, o rosto angelical da moça cega italiana refletia felicidade, a mãe canadense e o casal francês se mostravam deliciados com o milagre. O que se seguia no relato de Edith, Reggie sabia, era a confirmação da cura pelos muitos médicos no Serviço Médico de Lourdes, um anticlímax, mas também um adoçante mais saboroso do que os *profiteroles* que todos acabavam de comer.

Depois, tudo estava terminado, o jantar e o milagre de Edith. Os adultos se levantavam, agradecendo profusamente, todos inspirados e agradecidos. Ao partirem apressadamente para o domínio e a procissão noturna, todos levavam o otimismo revigorado de que também poderiam ser salvos no importante Momento da Reaparição.

Quando o último dos convidados desapareceu, Edith e Reggie ficaram a sós na mesa enorme. Imediatamente, Edith virou-se para o marido, o rosto afável contraído numa expressão de raiva.

— Está satisfeito agora?

Reggie não respondeu diretamente. Em vez disso, tocou no ombro da esposa e murmurou:

— Edith, há mais um convidado que queria ouvi-la. Olhe para trás.

Aturdida, Edith virou-se na cadeira e viu o padre se levantando.

— Padre Ruland — murmurou Edith.

Reggie ficou radiante, observando outra e esperada transformação no rosto

da esposa. Toda a sua expressão se abrandara. Reggie sabia que o Padre Ruland, o mais intelectual e urbano membro do clero católico de Lourdes, era um dos favoritos de Edith.

— É um prazer tê-la de volta com plena saúde, Sra. Moore — disse o Padre Ruland, à sua maneira cortês, inclinando a cabeça, em cumprimento, sem deslocar uma só mecha dos compridos cabelos cor de areia. — Perdoe-me por ter ficado ouvindo sem que soubesse da minha presença. Mas nunca havia escutado antes a sua história relatada a outros e não queria perder essa oportunidade. Perguntou a seu marido se estava satisfeito. Tenho certeza de que ele está e posso garantir que também estou. Foi inspirador, tanto para mim como para todos os demais presentes. E tenho de agradecer por partilhar a sua história conosco.

Se uma pessoa podia se derreter numa poça, foi justamente o que aconteceu com Edith. Toda a raiva se dissipara. O semblante refletia apenas a mais pura alegria.

— Está sendo muito generoso, Padre Ruland. Vindo de sua parte, isso significa muito para mim.

— Você ganhou e merece qualquer coisa que nós, humildes representantes da igreja, possamos lhe oferecer — declarou o Padre Ruland, suavemente. — Foi abençoada pela Virgem Santa e todos nós, por seu intermédio, estamos secundariamente abençoados. Quero lhe dar os parabéns pela confirmação de sua cura milagrosa, que ocorrerá esta semana. Rezo para que a Virgem Maria possa considerá-la como a pessoa a quem se apresentará.

— Eu também rezo para que isso aconteça — murmurou Edith, fervorosamente.

— E quero também lhe agradecer — continuou o Padre Ruland — em nome de toda a nossa ordem, por renunciar à sua privacidade e cooperar com o seu marido e o Sr. Jamet, falando ao grande número de peregrinos que desejam compartilhar a sua mesa ao jantar a cada noite. E espero que não se torne uma provação muito grande.

— É uma honra e um prazer, Padre Ruland — balbuciou Edith, emocionada. — Se eu pudesse ter certeza de que mereço todo esse movimento e atenção...

— Posso lhe garantir que merece tudo isso e muito mais, Sra. Moore.

— Oh, obrigada... muito obrigada... Reggie levantou-se.

— Deixe-me acompanhá-lo até a porta, padre. — Ele olhou, para trás e acrescentou: — Voltarei num instante, Edith.

— Ficarei esperando, querido — disse Edith, docemente. Reggie acompanhou o Padre Ruland através do restaurante, até a porta. Falando baixo, Reggie disse:

— Padre, sabe o quanto Jean-Claude e eu estamos agradecidos pelo que fez. Tem a nossa gratidão eterna. — Com um toque de jovialidade, ele acrescentou: — Como já falamos, todos os seus jantares, daqui por diante, serão por conta da

casa. — Uma pausa e Reggie continuou, solene outra vez: — Padre, salvou-me a pele. Talvez eu possa fazer algo para retribuir algum dia.

— É possível.

Reggie estendeu a mão para apertar a do padre.

— Mais uma vez, meus agradecimentos. Serviu a uma boa causa.

O Padre Ruland sorriu.

— É a nossa causa comum. E ele saiu.

Muito depois do jantar, quando já deixara Natale em seu quarto e se recolhera ao que ocupava, Mikel Hurtado preparou-se para retornar à área da gruta.

Faltavam alguns minutos para a meia-noite quando ele terminou de arrumar as bananas de dinamite, os fios, detonador e outros equipamentos numa sacola de compras. Já escolhera os locais por cima da gruta e só restava agora colocar a dinamite e o detonador na escuridão e sossego da noite. O santuário estaria vazio de peregrinos e turistas, todos dormindo. O esquema de segurança, como já verificara, era praticamente inexistente.

Seria muito simples. Colocaria os explosivos. Armaria o relógio para a detonação. Levaria a sua única mala para o Peugeot que alugara sob um nome falso, usando o passaporte e a carteira de motorista de seu colega basco francês. Estaria a muitos quilômetros da cidade e absolutamente livre quando a gruta explodisse.

Adeus, gruta. Adeus, Virgem Maria. Lamento muito, meus bons crentes, mas havia uma causa mais importante para a gruta servir... uma causa que apresentava o adeus à escravidão dos bascos, sob o jugo da Espanha.

A sacola de compras pronta, Hurtado saiu para o corredor, passou pela porta de Natale, pensando nela por um instante, em sua simpatia e beleza deslumbrante (era uma pena que não pudesse vê-la outra vez), e encaminhou-se para o elevador.

Desceu para o saguão, a sacola de compras comprimida no lado de seu quadril, deixou o hotel. A Avenue Bernadette Soubirous se encontrava absolutamente deserta. Foi descendo, chegou à esquina do Boulevard de la Grotte. E ali, prestes a atravessar a rampa que descia para a gruta, estacou abruptamente.

No outro lado, na extremidade da rampa, havia vida. Alguns guardas da polícia de Lourdes, em seus uniformes azuis, estavam reunidos ao lado de dois carros de patrulha, pintados de branco e vermelho, duas caminhonetes com luzes azuis piscando por cima.

Olhando para a esquerda, Hurtado percebeu que o café, Le Royal, ainda se encontrava aberto, as mesas vazias. Mas, aparentemente, estava próximo do horário de fechar. Hurtado pensou por um momento em ir até o café e ocupar uma das mesas, pedindo alguma coisa. Mas vetou a ideia prontamente, pois

chamaria muita atenção um solitário com uma sacola.

Se a polícia o visse a observar da esquina, poderia se tornar curiosa. Ficar ali também poderia atrair atenção demais.

Consternado, Hurtado virou-se e começou a subir a avenida, na direção das lojas às escuras. Tinha certeza de que a concentração policial se dissolveria dentro de pouco tempo e poderia seguir em segurança para a Esplanada do Rosário e a gruta, a fim de executar o que planejava durante toda a noite.

Hurtado ficou andando devagar por 15 minutos, finalmente se virou e levou outros 15 minutos para retornar à esquina. Aquela meia hora seria suficiente para que a área se esvaziasse de guardas, deixando-lhe o caminho livre.

Mas ficou outra vez surpreso assim que chegou à esquina. A polícia não se dispersara. Ao contrário, o número de guardas aumentara. Havia agora 10 homens em uniformes azuis na extremidade da rampa. E um deles, um oficial corpulento, com um mapa na mão, parecia estar falando aos outros.

Hurtado recuou, ficando inteiramente fora de vista. Concluiu que seria insensato continuar por ali, ser visto sozinho àquela hora, provavelmente interrogado.

Tentou pensar no motivo para a presença da polícia ali. Lembrou-se de ter ouvido comentários, durante a tarde, em alguma loja, de que Lourdes fora invadida por punquistas, assaltantes e prostitutas de outras cidades, especialmente de Marselha.

Não era de admirar que a polícia se reunisse, enquanto estava tudo sossegado, a fim de planejar a estratégia de repressão.

Hurtado virou-se mais uma vez e voltou para o Hotel Gallia & Londres.

Não havia alternativa que não descansar mais uma noite e esperar pelo dia seguinte. Faria tudo na noite seguinte. Iria se misturar com a massa de humanidade a descer para o domínio durante o dia, se esgueiraria para a vegetação por cima da gruta e esconderia a sacola. E voltaria à noite, naquela mesma hora, armando o detonador.

Que diabo, a Virgem Maria bem que merecia mais um dia de sossego.

Terça-Feira, 16 de Agosto

O próprio Padre Ruland providenciou o local para a primeira e única conferência com a imprensa que a Igreja realizaria em Lourdes durante o Momento da Reaparição, um prédio pouco usado, mas de aparência sólida, conhecido pelos habitantes da cidade como Palais des Congrès. Era retangular, vermelho, tendo na frente um jardim de topiário, onde se realizavam ocasionalmente reuniões promovidas por um cardeal do Vaticano ou pelo bispo de Lourdes.

O Padre Ruland concluíra que a disposição interna era perfeita para o encontro com a imprensa internacional. Havia um grande auditório central, com capacidade para até 800 visitantes sentados. Dois degraus subiam do palco para o semicírculo do rosto de madeira, em cujo centro havia um atril e um microfone.

Com o bispo de Tarbes e Lourdes prometido como o representante da Igreja e principal atração, a conferência de imprensa foi marcada para nove horas da manhã.

Agora, numa sala particular do Palácio dos Congressos, o relógio na parede informava ao Padre Ruland» que passavam 11 minutos das nove horas.

Michelle Demalliot, chefe dos Serviços de Imprensa dos Santuários, entrou ofegante na sala, procedente do auditório, passando a mão nervosamente pelos cabelos louros e anunciando:

— Já estão todos em seus lugares, uma grande multidão, esperando. E começam a ficar impacientes. — Ela fitou o Padre Ruland e Jean-Claude Jamet, representando a Associação Comercial de Lourdes, antes de perguntar: — Ele ainda não chegou?

— Ainda não — respondeu o Padre Ruland. — Mas falei com o bispo ontem à noite e ele me garantiu mais uma vez que estaria aqui às nove horas.

— Escutem! — disse Jamet de repente.

Todos podiam ouvir alguém se aproximando pela porta lateral.

O Padre Ruland foi abri-la e ficou aliviado ao ver o Bispo Peyragne despedindo-se de seu motorista, um jovem padre, e depois se encaminhando para a porta.

Todos cumprimentaram o alto e magro Bispo de Tarbes e Lourdes quando ele entrou. O Padre Ruland sentiu-se particularmente satisfeito ao ver o bispo tão aristocrático na aparência, com uma requintada cruz peitoral pendendo de uma corrente de ouro, por cima da batina preta. Ruland gostava de seus bispos altos e magros, parecendo mais como príncipes da Igreja. E especialmente quando se apresentavam em suas vestimentas solenes. O bispo impressionaria e conteria os

jornalistas.

— Lamento me atrasar por alguns minutos — disse o bispo — mas fui retardado por um telefonema de Roma. Mas acho que agora estou pronto. Quer chamar os repórteres, por favor?

O Padre Ruland engoliu em seco.

— Não tenho certeza se isso seria possível, excelência. Há pelo menos 300 jornalistas no auditório, aguardando a sua entrevista.

O rosto comprido do bispo assumiu uma expressão sombria.

— Como assim? Quando me falou em receber a imprensa, presumi que seria um encontro com meia dúzia de repórteres, no máximo. Mas uma entrevista coletiva...

— Lamento se fui mal intepretado — disse o Padre Ruland. — Mas não havia possibilidade de limitar...

— Não gosto de circos — resmungou o bispo.

— Excelência — acrescentou o Padre Ruland, inabalável — a imprensa mundial está representada aqui em grandes números pelo mesmo motivo que nós, a fim de aguardar o retorno milagroso da abençoada Virgem Maria.

— Não se poderia negar a presença de qualquer representante da imprensa internacional — acrescentou Michelle. — Não era possível demonstrar favoritismo nos convites.

Jamet aproximou-se do bispo.

— Excelência, não apenas os repórteres de jornais e revistas merecem saber o que se espera na gruta, a fim de poderem escrever a respeito, mas também farão reportagens sobre Lourdes. Os olhos de todo o mundo civilizado se concentram em Lourdes esta semana. O bem-estar de nossa cidade e de nosso santuário depende muito de sua cooperação. O que for noticiado pela imprensa ajudará a sustentar Lourdes, assim como o próprio domínio.

O bispo soltou um grunhido contrariado e virou-se para Michelle.

— Quem está presente? E de onde vem essa gente?

— De toda parte e dos veículos de comunicação mais importantes. Há diversos repórteres da televisão internacional, mas sem câmaras, de acordo com a nossa política. Há também muitos repórteres de jornais e revistas, inclusive do *Times* de Nova York e *The Times* de Londres. Há repórteres de *Der Spiegel*, de Hamburgo, *Aftonbladet*, de Estocolmo, *La Prensa*, de Buenos Aires, *Asahi Shimbun*, de Tóquio, *La Stampa*, de Turim, *Newsweek*, de Nova York, *Le Figaro*, de Paris. Há até um padre-informante, como o Vaticano chama seus repórteres, fazendo a cobertura para *L'Osservatore Romano*.

A referência ao jornal semi-oficial da Cidade do Vaticano pareceu influenciar o bispo favoravelmente.

— Talvez eu devesse começar com uma declaração pessoal sobre a iminente Reaparição.

— Não é necessário, excelência — disse o Padre Ruland. — Eu o levarei ao rosto e o apresentarei. E depois pedirei aos representantes da imprensa que levantem as mãos se desejarem fazer perguntas. O senhor apontará determinados repórteres ao acaso, cada um se levantará e formulará sua pergunta. Responderá sucintamente ou longamente, conforme julgar mais conveniente. Gostaria de alertar que algumas perguntas podem não ser muito dignas...

— Não tem importância — declarou o bispo. — Quanto tempo deveerei conceder à imprensa?

— Em torno de meia hora está bom — respondeu o Padre Ruland. — Mais tempo, se assim o desejar. De qualquer maneira, eu me aproximarei do atril ao final de meia hora.

O bispo apalpou a cruz em seu peito e disse bruscamente:

— Vamos entrar e acabar logo com isso.

Liz Finch, usando o seu costume de linho azul-claro, estava sentada expectante na segunda fila do auditório, o bloco de anotações aberto no colo, a caneta na mão, esperando que o sacerdote bem-apegoado, Padre Ruland, concluísse a apresentação do Bispo de Tarbes e Lourdes.

— Sua Excelência responderá agora a perguntas — anunciou o Padre Ruland pelo microfone. — Os que tiverem perguntas a apresentar, levantem a mão, por favor, a fim de que lhe seja concedida a palavra. Antes de formularem a pergunta, por gentileza, informem que veículo representam. E façam as perguntas o mais claro e sucintamente que for possível. Senhoras e senhores, passo agora a palavra ao Bispo de Tarbes e Lourdes.

O Padre Ruland afastou-se para o lado e depois recuou. Liz observou o bispo, um veterano de batina preta e cruz de ouro no peito, avançar para o microfone.

Enquanto outras mãos se levantavam por todo o auditório lotado, ela manteve as suas no colo. Só tinha uma pergunta a fazer e seria melhor guardá-la para o final, depois que se acabasse com todas as bobagens devotas.

O bispo apontou para um homem na primeira fila, que prontamente se levantou.

— *Star*, de Toronto, Canadá — disse ele. — O anúncio original foi de que a Virgem Maria reapareceria em Lourdes entre 14 e 22 de agosto. Estamos na manhã de 16 de agosto. Como podemos saber se ela já não foi vista?

— O evento seria imediatamente anunciado depois que ocorresse. Obviamente, ainda não aconteceu.

Outro homem, ao lado do canadense, também levantara a mão e já estava de pé.

— Mas tem certeza de que a Virgem Maria reaparecerá aqui em algum momento dos últimos cinco dias do Momento da Reaparição? — Uma breve pausa e ele acrescentou: — *Die Welt*, de Hamburgo.

O bispo exibiu um sorriso frio.

— Como a Virgem confidenciou a data aproximada de seu retorno a Santa Bernadette, tenho certeza de que cumprirá a sua palavra.

— Mas Bernadette não teria calculado erroneamente?

— Não — respondeu o bispo. — Bernadette foi exata em seu diário... este ano, este mês, estes oito dias. — O bispo apontou para alguém numa das filas nos fundos. — O que deseja saber?

Uma jovem levantou-se.

— Excelência, trabalho para *Le Monde*, de Paris. Quando a Virgem Maria aparecer, será vista por uma só pessoa ou por mais?

O bispo deu de ombros.

— Não tenho meios de responder. Se for como aconteceu em 1858, a Virgem Maria será vista por uma só pessoa.

Liz Finch ouviu um movimento e olhou para trás. O homem sentado logo atrás dela se erguera.

— BBC, de Londres. A aparição se mostrará apenas na gruta ou poderá ser vista em qualquer lugar de Lourdes?

O bispo respondeu:

— A mensagem foi explícita em relação ao lugar e é provável que ela apareça dentro do domínio e, mais ainda, na própria gruta. Afinal, é um lugar familiar.

Uma mulher nos fundos foi apontada e se levantou.

— *Messaggero*, de Roma. O que ela estará usando?

Liz Finch percebeu que o bispo reprimia um sorriso enquanto respondia:

— Em questões de moda, estou fora da minha seara. — Houve risos no auditório, imediatamente suprimidos pela solenidade do bispo. — Bernadette originalmente viu a Virgem Maria vestida de branco. Repito as palavras de Bernadette: "Vi uma Dama vestida de branco, usando um vestido branco, uma faixa azul na cintura e uma rosa amarela em cada pé, da mesma cor que a corrente de seu rosário. As contas do rosário eram brancas." — O bispo fez uma pausa e depois acrescentou, secamente: — É improvável que a passagem de um século e um terço tenha afetado muito a vestimenta da Dama. Próxima pergunta?

Um japonês estava acenando e se levantando.

— *Asahi Shimbun*, de Tóquio. Já especularam sobre o que a Dama possa ter a dizer à pessoa que a verá?

O bispo sacudiu a cabeça.

— Só Deus sabe... Deus, Seu Filho e a Virgem Maria. Mas quando acontecer, nos também saberemos.

Liz Finch acompanhava atentamente a irreabilidade das perguntas e respostas.

— Excelência, sou de *O Globo*, do Rio de Janeiro. Excelência, nossos leitores

gostariam de saber... quando a Virgem reaparecer, vai curar alguém que seja inválido?

— Ela disse a Bernadette que o faria. Por outro lado, sabemos que, há muito tempo, quando Bernadette estava doente, não foi curada, apesar de ter visto a Virgem Maria. Na verdade, Bernadette procurou a cura em outro lugar. — Liz Finch piscou os olhos, aturdida, pôs-se a escrever uma anotação, enquanto o bispo acrescentava: — A Virgem disse a Bernadette: "Não prometo fazê-la feliz neste mundo, mas sim no outro."

— Excelência, represento *The New York Times*. No caso de um não-reaparecimento... se a Virgem não se apresentar... isto é, se não for vista por ninguém... qual será a posição da Igreja?

— Senhor, não precisaremos assumir qualquer posição. Acreditamos devotadamente na Santa Mãe e ela prometeu que aparecerá em Lourdes esta semana. Ninguém na Igreja tem a menor dúvida quanto a isso. Cada um de nós, dedicados a Deus, do Supremo Pontífice da Igreja Universal no Vaticano até o último de seus servidores, acredita fervorosamente que a Imaculada Conceição reaparecerá em um dos próximos cinco dias.

Liz Finch remexeu-se em sua cadeira, os olhos fixados no mostrador de seu relógio de pulso. Era o momento para a sua pergunta. Deveria apresentá-la antes que a entrevista terminasse. Muitas mãos tentavam atrair atenção e Liz rapidamente acrescentou também a sua.

Para sua surpresa e alívio, o bispo apontou em sua direção. Ela se levantou.

— Bispo Peyragne, sou da Amalgamated Press International, de Nova York, escritório de Paris. Tenho a seguinte pergunta a fazer. Levando-se em consideração a idade de Bernadette na ocasião das aparições... 14 anos, se bem me lembro, adolescente e analfabeta... não seria possível que o segredo que ela ouviu da Virgem Maria e anotou em seu diário particular fosse mais... mais um desejo do que algo concreto? — Ignorando o breve rebuliço na audiência, Liz reiterou a pergunta de outra forma: — Em suma, Excelência, como a Igreja pode ter certeza absoluta de que a informação anotada por Bernadette em seu diário, sobre o reaparecimento da Virgem este ano, este mês, por estes dias, foi realmente o que ela pensou ter ouvido?

O Bispo de Tarbes e Lourdes, de sua posição mais elevada, olhava fixamente para Liz. Houve uma pausa prolongada. E, finalmente, ele declarou:

— Madame, se nada mais soubéssemos a respeito de Santa Bernadette, de uma coisa temos certeza absoluta, além de qualquer possibilidade de dúvida. Bernadette era honesta, inflexivelmente honesta. Foi exaustivamente testada e nunca se descobriu qualquer contradição ou falha. Ela sempre foi plenamente sincera. Não procurava ganho monetário nem fama. Desejava apenas ser a intermediária de uma voz e uma mensagem vinda do céu. Não registraria em seu diário qualquer coisa que a Virgem Maria não lhe tivesse dito. Só escreveria

a verdade.

Escrevendo rapidamente, Liz Finch sentiu que os olhos do bispo ainda a fixavam. Levantou o rosto e seus olhos se encontraram. Por um momento, o bispo ignorou as outras mãos levantadas no auditório. Parecia ter mais alguma coisa a dizer à própria Liz. Ele inclinou-se outra vez para o microfone.

— Deixem-me acrescentar uma coisa. Conheço bem a história de Bernadette, mas não posso dizer que me enfronhei em sua vida tão profundamente quanto outros. Se há qualquer dúvida sobre a integridade de Bernadette, sugiro que falem com alguém que é um historiador de Lourdes e biógrafo de Bernadette. — Ele gesticulou para trás, apontando o Padre Ruland, sentado calmamente entre Michelle e Jamet. — Sugiro que falem com o Padre Ruland. Tenho certeza de que ele poderá dissipar quaisquer dúvidas que porventura ainda tenham. — O bispo correu os olhos pela floresta de braços levantados. — E agora vamos continuar. Vejo que há mais perguntas.

O Padre Ruland estava ao microfone, agradecendo aos jornalistas e encerrando a entrevista.

O bispo, acompanhado por Jamet e Michelle, deixava o palco. Houve aplausos dispersos dos repórteres.

Liz Finch ficou observando o bispo se afastar, enquanto continuava a sentir em sua mente a intensidade de seus olhos ardentes quando a fitara. Esses devotos, pensou ela, com seu fervor fanático! A força inflexível de sua fé fazia-a estremecer.

Depois, ela concentrou sua atenção no Padre Ruland, ainda ao microfone, contemplando os jornalistas se retirarem. Ele parecia de alguma forma estar se demorando ali por mais tempo que o necessário e Liz especulou se não seria por sua causa.

Levantando-se, ela guardou na bolsa o bloco de anotações e a caneta, depois seguiu apressadamente pelo corredor na direção do palco.

Parou diante do Padre Ruland, que parecia realmente estar à sua espera.

— Padre, sou Liz Finch. Talvez se lembre que o nosso bom bispo sugeriu que eu lhe falasse a respeito de Bernadette.

A boca do Padre Ruland se contraiu ligeiramente.

— Claro que me lembro, Srta. Finch.

— Não poderia me conceder alguns minutos agora ou prefere marcar um encontro para outra ocasião?

— Minha agenda está cheia de compromissos, Srta. Finch, mas acho que posso lhe conceder neste momento 15 ou 20 minutos. Isso seria suficiente?

— Seria, sim.

— Siga-me, por favor.

Liz acompanhou o vulto imponente até um austero escritório. O padre fez sinal a Liz para que se sentasse na cadeira diante da mesa e depois meteu a mão

no bolso do paletó.

— Importa-se se eu fumar?

— Não, se também não se importar que eu fume.

Ela se sentou, vasculhando a bolsa e pegando um cigarro no maço e o isqueiro. Acendeu o cigarro. Ele se ocupava em pegar uma cigarrilha e acendê-la com um fósforo.

Liz observou-o atentamente, tentando avaliá-lo. Se ele não fosse um padre, poderia ter-se transformado num ídolo do cinema. Era bastante viril e atraente para se desperdiçar no celibato. Os cabelos compridos, cor de areia, os olhos um pouco enviesados, os lábios sensuais — o conjunto era sedutor. Mas Liz sentiu que havia ainda algo mais. Uma suavidade matizada por um toque de ceticismo. Talvez um padre político, além de historiador. Certamente um padre com vivência do mundo. Mas o que ele estaria fazendo então numa cidadezinha provinciana como Lourdes? Por que não em Roma e na própria Santa Sé? Mas depois ela se lembrou que Lourdes era mais do que uma mera cidadezinha provinciana, muito mais, um notável acessório do Vaticano. Ah também havia ação, especialmente naquela semana prolongada, um palco municipal de atração internacional. O papa saberia quem eram os seus servidores mais eficientes ali. E não demoraria muito, com toda certeza, para que o Padre Ruland fosse transferido para Roma, que era o lugar a que pertencia.

Liz saiu de seu devaneio para descobrir que o Padre Ruland se sentara à sua frente, fumando a sua cigarrilha e observando-a com uma expressão ligeiramente divertida.

Ela ficou desconcertada por um instante. Empertigando-se na cadeira, deu mais uma tragada no cigarro e depois inclinou-se para a frente, a fim de apagá-lo num cinzeiro de cerâmica.

— Eu... eu estou contente que tenha podido me receber, padre. Talvez seja melhor eu lhe dizer exatamente quem sou, o que faço e o que estou procurando em Lourdes.

A voz do Padre Ruland soou indolente:

— Sei quem é, Srta. Finch, sei o que faz e sei o que está procurando aqui. Portanto, podemos passar por cima de tudo isso.

— O que estou procurando? — indagou Liz, num tom de desafio.

— Está atrás de Bernadette — respondeu ele, jovialmente. — Quer desmascará-la. Ou pelo menos foi o que me disseram antes da entrevista coletiva. E que ficou confirmado por sua pergunta ao bispo. Acha que Bernadette é uma impostora. Talvez se sinta animada, Srta. Finch, se eu lhe disser que não é a única. Mesmo em sua época, pelo menos no início das aparições, Bernadette foi alvo de muitas dúvidas e diversas autoridades a consideraram uma impostora.

Ora, ora, pensou Liz, ele é como uma serpente insinuante, um mestre na arte de desarmar os interlocutores. A tática não era desconhecida a uma veterana

entrevistadora. A franqueza absoluta que fazia os outros baixarem a guarda. E de repente... *Pam!*, um direto no queixo. Ela já enfrentara antes muitos Padres Rulands sem o colarinho clerical. Apesar de tudo, o que tornava a situação atraente e divertida era justamente o fato dele usar um colarinho clerical e se mostrar disposto a aliar-se a uma repórter inquisitiva para desacreditar uma santa da Igreja.

— Fala sério? — disse Liz, aceitando o jogo. — Alguns contemporâneos acharam realmente que Bernadette não passava de uma impostora?

— Exatamente. Depois de ter visto a primeira aparição da dama de branco, Bernadette tencionava guardar segredo. Não pretendia contar a ninguém sobre a visitação. Mas sua irmã menor, Toinette, conseguiu lhe arrancar toda a história. E contou para a mãe, Louise: "Bernadette viu uma mulher de branco na gruta de Massabielle." Louise quis saber o que precisamente Bernadette vira. E ela falou à mãe sobre a dama. Louise, pensando nas dificuldades que a família já enfrentava... fracassos nos negócios, despejos de casas, o período que o marido passara na prisão... deu uma surra furiosa em Bernadette, com uma vara, gritando: "Você viu apenas uma pedra branca. E eu a proíbo de voltar à gruta." O pai, François, também proibiu Bernadette de retornar a Massabielle. Mesmo assim, três dias mais tarde, depois de sua confissão ao Padre Pomian, que levou mais a sério a notícia da aparição, Bernadette voltou à gruta e viu a Virgem pela segunda vez. Ela caiu num transe tão profundo que foi necessário chamar um adulto, um moleiro, para pegá-la no colo e levá-la para casa.

— Mas os pais não acabaram aceitando?

— Acabaram, mas não imediatamente — disse o Padre Ruland. — No dia seguinte, quando a notícia chegou à escola de Bernadette, a madre superiora quis saber se ela já tinha acabado com aquelas "loucuras de carnaval". Uma das freiras chegou ao ponto de esbofetear Bernadette. Apesar disso, Bernadette foi atraída à gruta pela terceira vez, agora acompanhada por duas mulheres curiosas, que lhe pediram que perguntasse à dama de branco como se chamava. A aparição se apresentou pela terceira vez e Bernadette contou depois que perguntara à dama de branco como se chamava, ao que ela respondera: "Não é necessário saber meu nome." E logo em seguida a dama de branco acrescentara "Poderia fazer a gentileza de vir aqui por 15 dias?" Bernadette concordou. Na sexta visita, havia mais de 100 pessoas para observar sua oração, inclusive a mãe.

— Mas houve quem duvidasse das histórias da garota?

— Claro. Como falei antes, houve pessoas importantes em Lourdes que duvidaram de Bernadette, considerando-a uma impostora, uma sonhadora, uma garota ignorante sofrendo de alucinações. Uma dessas pessoas foi o comissário de polícia da cidade, Jacomet. Ele deteve a pequena Bernadette para um interrogatório. Depois de constatar que ela não tinha mais que 14 anos, não sabia

ler nem escrever, ainda não fizera a primeira comunhão, Jacomet lhe disse: "Quer dizer então, Bernadette, que você vê a Virgem Santa?" Ao que a menina respondeu bruscamente: "Eu não falei isso. Nunca disse que vi a Virgem Santa." Jacomet exclamou: "Ora, ora, muito bem! Você não viu nada!" Bernadette insistiu: "Eu vi *alguma coisa*... alguma coisa de branco... E essa coisa tem a forma de uma jovem dama." O comissário de polícia continuou a pressionar: "E essa coisa não disse a você que era a Virgem Santa?" Bernadette permaneceu firme. "Ela nunca me disse isso." Jacomet prosseguiu interminavelmente no interrogatório. Por fim, perdeu a paciência e disse: "Todos estão rindo de você, Bernadette. Dizem que está maluca. Para o seu próprio bem, é melhor nunca mais voltar à gruta." — O Padre Ruland inclinou-se para a frente, por cima da mesa, enquanto continuava a falar: — Bernadette insistiu que precisava voltar, que prometera à dama de branco que voltaria por 15 dias. Jacomet escrevera tudo o que Bernadette relatara e passou agora a ler suas anotações para ela: "Você declarou que a Virgem lhe sorri." Bernadette protestou: "Eu não disse a Virgem." Jacomet continuou a ler e Bernadette interrompeu-o de novo: "Senhor, mudou tudo o que eu falei." O comissário de polícia acabou perdendo o controle e gritou para Bernadette: "Sua tonta bêbada, mulherzinha descarada, pequena rameira! Está fazendo todo mundo correr atrás de você!" Bernadette respondeu calmamente: "Não digo a ninguém para ir até lá." Mas Jacomet continuaria a se opor a Bernadette e ela continuaria a desafiá-lo.

Liz Finch não podia deixar de ficar impressionada.

— Ela era uma garotinha corajosa.

O Padre Ruland acenou com a cabeça em concordância.

— Ela viu o que viu e se manteve inabalavelmente firme na descrição de sua visão.

Liz queria saber mais sobre a oposição.

— E havia outros em Lourdes na ocasião, pessoas respeitadas, que também consideravam Bernadette como uma impostora?

— Havia muitos — confirmou o Padre Ruland. — O Promotor Imperial Dutour interrogou-a. Queria a sua promessa de que não voltaria à gruta, já que isso estava transtornando a comunidade. Bernadette respondeu que já prometera à dama que iria até lá. Dutour disse, com toda certeza asperamente: "Uma promessa feita a uma dama que ninguém vê não vale nada. Deve se manter longe da gruta." Bernadette insistiu: "Sinto uma grande alegria quando vou lá." Dutour não desistiu: "A alegria é má conselheira. Em vez disso, escute as freiras, que já lhe disseram que tudo não passa de uma ilusão." Bernadette declarou que sentia-se atraída à gruta por uma força irresistível. Dutour ameaçou-a de prisão, mas finalmente desistiu. Diversos padres também interrogaram Bernadette. Um deles, um jesuíta, Padre Negré, insistiu que ela vira o diabo. Bernadette respondeu: "O diabo não é tão bonito quanto ela." Houve até comentários na

cidade, entre os incrédulos, de que ela poderia ter enlouquecido...

— Enlouquecido? — repetiu Liz, surpresa.

— Isso mesmo. Assim, no momento oportuno, três médicos bastante conhecidos em Lourdes foram convidados a examinar Bernadette. Foi o que fizeram. Descobriram que se tratava de uma garota nervosa e era asmática. Mas nada tinha de insana, era mentalmente normal. Os médicos descartaram as visões como uma alucinação infantil que não era tão rara assim. A respeito da primeira visão de Bernadette, os médicos disseram: "Um reflexo de luz, sem a menor dúvida, atraiu sua atenção no lado da gruta; sua imaginação, sob a influência de uma predisposição mental, deu-lhe uma forma que impressiona as crianças, a das imagens da Virgem que se vê nos altares." Os três médicos concluíram que Bernadette, assim que as multidões deixassem de segui-la e dispensar sua atenção, esqueceria a ilusão e retomaria a sua vida cotidiana, voltaria à rotina de sempre.

O Padre Ruland fez uma pausa, sorrindo.

— O que nos mostra como os médicos podem se enganar... ou podiam, naquele tempo. Mas a resistência mais importante à história de Bernadette veio do principal sacerdote de Lourdes...

— Padre Peyramale — interveio Liz, a fim de que Ruland soubesse que se preparara de alguma forma e não estava totalmente desinformada.

— Isso mesmo, Peyramale — confirmou o Padre Ruland. — Desde o início, ele fora o que mais duvidara. Não podia simplesmente levar a sério as visões de Bernadette. Era um homem corpulento, na casa dos 50 anos, impaciente, irritadiço, embora decente e bondoso por baixo. Foi depois da 13ª. aparição que Bernadette se apresentou ao Padre Peyramale, acompanhada por duas tias. Tinha uma mensagem da dama na gruta. A mensagem era a seguinte: "Vá e diga aos padres que as pessoas devem vir aqui em procissão e que se deve construir uma capela." O Padre Peyramale não se deixou impressionar. Perguntou a Bernadette, sarcasticamente: "Não é você quem está sempre indo à gruta? E diz que vê a Virgem Santa?" Mas Bernadette não se dobrou: "Eu não disse que é a Virgem Santa." Peyramale indagou: "Então quem é a dama?" Bernadette respondeu: "Não sei." Peyramale perdeu o controle: "Não sabe, hem? Sua mentirosa! Aqueles que vão correndo atrás de você e os jornais dizem que você alega ter visto a Virgem Santa. O que vê afinal?" Bernadette respondeu: "Alguma coisa que parece com uma dama." Peyramale bradou: "Alguma coisa! Essa não! Uma dama! Uma procissão!" Ele lançou um olhar furioso para as tias, que expulsara de uma sociedade da igreja, por engravidarem ainda solteiras, e lhes disse bruscamente: "É lamentável existir uma família assim, que cria tantos problemas na cidade. Mantenham-na sob controle e não permitam que ela provoque mais qualquer confusão. E agora sumam daqui!"

— Bernadette era mesmo responsável por alguma perturbação da ordem? —

perguntou Liz.

— As multidões na gruta estavam aumentando. A princípio, apenas umas poucas pessoas assistiam aos transe de Bernadette, depois 150, 400 e logo 1.500 testemunhavam suas visões. E chegou um momento em que já havia 10 mil pessoas se reunindo diante da gruta.

— Ela tornou a se encontrar com o Padre Peyramale?

— Muitas vezes — respondeu Ruland. — Na própria noite em que ele a expulsou da igreja, Bernadette voltou a procurá-lo. Peyramale se acalmara um pouco e tornou a interrogar Bernadette a respeito da dama. "Ainda não sabe qual é o nome dela?" Bernadette respondeu: "Não, Reverendo Padre." Peyramale aconselhou-a: "Deve então perguntar a ela." Depois da 14ª aparição, Bernadette voltou a procurá-lo e disse: "Reverendo Padre, a dama ainda quer a capela." Peyramale quis saber: "Perguntou o nome dela?" Bernadette disse: "Perguntei, sim, mas ela apenas sorriu." Provavelmente, Peyramale também sorriu. "Ela está se divertindo à sua custa. Se ela quer mesmo a capela, pois então que diga seu nome a você." Quando viu a dama pela 16ª vez, Bernadette lhe perguntou ousadamente: "Madame, pode fazer o favor de me dizer quem é?" Segundo Bernadette, a dama inclinou a cabeça, sorriu, bateu palmas e respondeu: "Sou a Imaculada Conceição." Bernadette foi ao encontro do Padre Peyramale e repetiu o que ouvira. Peyramale ficou aturdido. "Uma mulher não pode ter esse nome. Você deve estar enganada. Sabe o que isso significa?" Bernadette não tinha a menor ideia do que significava. Na verdade, o dogma da Imaculada Conceição da Abençoada Virgem Maria... de que a pureza de Cristo no nascimento estendeu à sua mãe Maria... era altamente sofisticado, anunciado pelo papa apenas quatro anos antes, a fim de ajudar a criar um renascimento religioso. Parecia impossível que uma garota analfabeta e tão ignorante quanto Bernadette pudesse saber alguma coisa a respeito. O Padre Peyramale ficou impressionado. Na minha opinião, desse momento em diante Peyramale deixou de ser um incrédulo. Passou a acreditar em tudo que Bernadette lhe contara e continuaria a dizer. Ficou do lado dela, tornou-se um dos seus principais partidários.

— E isso resolveu tudo — comentou Liz.

— Não foi bem assim — disse o Padre Ruland. — Mas a conversão de Peyramale foi de fato um fator decisivo. Houve também outros fatores que dissiparam as dúvidas e fizeram a balança pender em favor da honestidade de Bernadette. Houve o cético Dr. Dozous, que foi à gruta para observá-la, viu-a segurar uma vela acesa nas mãos, enquanto a chama lambia seus dedos. Depois, quando examinou as mãos de Bernadette, o médico não encontrou qualquer sinal de queimadura. Houve o altamente respeitado coletor de impostos, Jean-Baptiste Estrade, que escarneceu de Bernadette até que a viu na gruta e achou que o seu desempenho era melhor que qualquer um da grande atriz francesa Rachel. Isso

convenceu-o de que ela era sincera. Estrade deixou a gruta afirmando: "Aquelela menina tinha à sua frente um ser sobrenatural." E houve ainda a sucessão dos primeiros milagres.

— *Que milagres?* — indagou Liz.

— O filho de um vendedor de tabaco que era cego de um olho. Bebeu da água da fonte que Bernadette descobrira e passou a ver com os dois olhos. Houve Catherine Latapie, que caíra de uma árvore e ficara com a mão direita parcialmente paralisada. Na gruta, depois de mergulhar a mão na água, a paralisia desapareceu. Houve Eugénie Troy, quase cega, com os olhos vendados. Abraçou Bernadette e ficou curada. Talvez a cura mais famosa tenha sido a do filho de dois anos de Napoleão III, herdeiro do trono da França, que sofrerá uma grave insolação em Biarritz. Havia o temor de que a insolação pudesse levar à meningite. Sua governanta foi a Lourdes, falou com Bernadette, encheu uma garrafa com água da fonte e salpicou-a no príncipe doente. Com isso, a insolação acabou. E com isso o imperador ordenou que Lourdes e a gruta fossem abertas livremente ao público. Desse momento em diante, tornou-se o santuário mais frequentado do mundo ocidental.

— Parece-me que as curas foram as verdadeiras responsáveis por isso — comentou Liz.

O Padre Ruland deu de ombros e acrescentou suavemente:

— Pense o que quiser das curas, mas saiba que a própria Bernadette nunca lhes atribuiu grande importância. Era uma garota muito doente, como sabe, sofrendo de asma e desnutrição. Quando estava extremamente doente, não foi à gruta. Não tinha fé em seus poderes curativos. Em vez disso, viajou para a aldeia de Cauterets, a 30 quilômetros daqui. Era uma estação de águas e ela foi até lá para os banhos termais. Mas não puderam curá-la.

— Mesmo assim, Bernadette foi para lá.

— Porque o lugar era altamente considerado em seu tempo.

— Talvez eu dê um pulo até lá.

— Não é muito interessante. Mas, se for mesmo, procure conhecer a igreja, Notre-Dame de Cauterets, especialmente a capela moderna em seu interior, a Chapelle Sainte Bernadette. Peça ao padre local para mostrar-lhe... esqueci o seu nome... acho que é Padre Cayoux, mas não tenho certeza. Mas, repito, não há muita coisa para se ver. — O Padre Ruland fez uma pausa, pegando a caixa e tirando outra cigarrilha. — Seja como for, há toda uma série de eventos que levaram Lourdes a ser o que é hoje, com uma sucessão de curas de muitas pessoas, com exceção da própria Bernadette.

Liz vinha anotando algumas coisas. Largou agora o bloco e a caneta, lentamente, deixando transcorrer uns poucos segundos de silêncio e depois perguntando, inocentemente:

— Não houve mais alguma coisa que tornou a gruta famosa?

— Mas alguma coisa?

— Li que a política desempenhou um papel de grande importância em sua fama.

— Política... — repetiu o Padre Ruland, franzindo a testa. — Ah, sim, está se referindo à confrontação pelo controle entre Peyramale e o Padre Sempé. É isso?

— Acho que sim. O que aconteceu?

— Tentarei resumir ao máximo. O bispo da área, chamado Laurence, designou uma comissão de inquérito para investigar o caso. A comissão concluiu que as visões de Bernadette haviam sido autênticas. O bispo achou que Peyramale era muito provinciano para ser o promotor de Lourdes. O bispo designou quatro membros da ordem próxima de Garaison, liderados pelo Padre Sempé, para assumir o controle de Lourdes e do santuário. Os planos de Peyramale se limitavam à construção de uma basílica por cima da gruta, mas o Padre Sempé imaginava Lourdes como o grande centro mundial de peregrinações. Ele e sua ordem ofuscaram Peyramale em sua ânsia de grandeza. Criaram, nos arredores de Lourdes, o Domínio de Nossa Senhora. Construíram esplanadas, promoveram procissões, completaram as basílicas. Combateram Peyramale, acabaram destruindo sua reputação e converteram o santuário no que é hoje. É a isso que estava se referindo quando falou em política?

Liz Finch não podia culpar Ruland pela falta de franqueza. Aparentemente, ele cobrira todos os aspectos do problema, mas não confessara as manobras escusas e promocionais. Um pouco, mas não muito. Uma migalha para saborear, mas nada que pudesse saciar de verdade. Um homem esperto, muito esperto.

— Acho... acho que é isso mesmo o que eu queria dizer ao falar em política.

— Pois aí está toda a história. — Ruland levantou-se. — Agora, tenho de ir. Mas se houver mais alguma coisa que queira me perguntar, tem toda liberdade de me procurar.

Cinco minutos depois, quando estava parada ao sol da manhã, diante do Palais des Congrès, Liz compreendeu que anotara apenas três linhas úteis e mesmo assim ao final da conversa. Leu o que escrevera:

"Bernadette não acreditava nas curas na gruta e foi à aldeia de Cauterets em busca de sua própria cura. *Não deixe de ir até lá para falar com o Padre Cayoux.*"

Ela guardou o bloco de anotações na bolsa. Por nada neste mundo deixaria de ir a Cauterets. Pensando bem, iria até lá naquela mesma tarde.

Indo ao endereço que lhe fora fornecido por Yvonne, a recepcionista do hotel, Amanda Spenser finalmente encontrou a Agência de Aluguel de Carros Marian, numa rua transversal, um escritório na frente e um pequeno estacionamento atrás.

Entrando, Amanda encontrou uma freguesa na sua frente, uma mulher de

aparência estranha, cabelos alaranjados, estudando um mapa estendido sobre o balcão. O funcionário da agência, um francês muito jovem para ter um bigode abundante, traçava uma linha vermelha no mapa, orientando a freguesa para algum lugar. O rapaz se empertigou depois de algum tempo e disse:

— Ai está, Srta. Finch. Basta pegar a estrada N21 e seguir para o sul. Não terá mais problemas depois disso. É uma viagem tranquila, apenas 30 quilômetros.

— Obrigada — disse a mulher, pegando as chaves do carro. — Vou verificar o percurso mais uma vez. Não, não precisa mais me ajudar. Pode atender a outra freguesa.

O rapaz deslocou-se para o lado e cumprimentou Amanda, com uma expressão inquisitiva, enquanto ela se aproximava do balcão.

— Era que posso servi-la, madame?

— A recepcionista do meu hotel sugeriu-me que viesse até aqui. Acho que poderia ter um carro para me alugar esta tarde.

O rapaz assumiu uma expressão consternada.

— Sinto muito, madame. Nosso último veículo disponível foi alugado há poucos minutos.

— Mas que droga! — murmurou Amanda.

Era uma terrível frustração. Passara a maior parte da manhã se entediando na gruta, enquanto Ken se entregava silenciosamente à oração, diante daquele estúpido buraco no morro. Depois do almoço, ela concluíra que não poderia repetir a visita e despachara Ken sozinho para o domínio. Resolvera aproveitar a tarde melhor, investigando Bernadette. Precisava provar — e quanto mais cedo, melhor — que a camponesa de Lourdes era mais passível de ser uma paciente de uma psicóloga clínica do que uma santa cujas visões podiam salvar pessoas. Recordando o fragmento de informação histórica transmitido pelo motorista do táxi que a trouxera de Eugénie-les-Bains, Amanda decidira passar a tarde indo de carro à aldeia que Bernadette procurara para tentar sua cura. E agora descobria que não havia carro para cobrir o percurso.

— Mas que droga! — repetiu ela, em voz alta. — Tudo o que eu queria era ir a uma cidadezinha perto daqui, chamada Cauterets. Tem certeza de que não pode me arrumar um carro em algum lugar, só por umas poucas horas, se eu pagar um extra?

— Madame, numa semana como esta não se encontra carros disponíveis, por mais que se pague.

Desolada, prestes a se retirar, Amanda ouviu o movimento de outra pessoa, a seu lado. Era a Srta. Cabelos Laranja. E ela estava lhe fazendo uma pergunta:

— Disse mesmo que quer ir a Cauterets?

— Exatamente.

— Sou Liz Finch, a pessoa que alugou o último carro, o que você queria. E vou justamente para Cauterets. — Ela hesitou por um instante. — Por acaso é

jornalista?

Amanda descartou a ideia com uma risada curta.

— Jornalista? Eu? Tudo menos isso. Sou Amanda Clayton, de Chicago. Visito Lourdes com meu marido, que espera por uma cura. Eu queria fazer alguma coisa... conhecer a região, no meu tempo disponível. E me disseram que Cauterets é uma aldeia que merece uma curta visita.

— Nesse caso, pode ir comigo — convidou Liz Finch. — Estou com o BMW e ambas queremos ir ao mesmo lugar. Portanto, podemos ir juntas, se você quiser. Gosto sempre de companhia na estrada.

Amanda ficou exultante.

— Está falando sério? É muita gentileza sua. E terei o maior prazer em partilhar as despesas.

— É minha convidada. E não pagarei nada pessoalmente. Estou aqui com todas as despesas pagas. — Ela dobrou o mapa. — Vamos logo cair na estrada.

Elas se acomodaram no seda BMW, bem polido e limpo. Prenderam os cintos de segurança e Liz habilmente levou o carro pelo tráfego. A cerca de 800 metros da praça principal, passaram pelo Palais des Congrès e Les Halles, na Avenue du Marechal Foch, depois viraram para a esquerda e entraram na estrada N21, seguindo para o sul. Liz, que vinha se concentrando na direção, relaxou agora.

— Lá vamos nós. Trinta quilômetros até Cauterets. Não deve demorar muito. Mas o rapaz me disse que os últimos 10 quilômetros são de subida por um desfiladeiro, o que pode nos retardar um pouco. — Ela olhou rapidamente para Amanda, antes de perguntar: — Por que escolheu Cauterets como um lugar para visitar? Ouvi dizer que não é grande coisa.

— Bom... — Amanda hesitou apenas por um momento. — Se quer mesmo saber a verdade... Mas primeiro é melhor eu descobrir uma coisa. Você é católica?

— Sou totalmente atea. Por quê? Amanda ficou aliviada.

— Eu queria lhe contar o meu motivo para ir a Cauterets e seria difícil se estivesse falando com uma crente. Também não sou católica, mas apenas uma episcopaliana sem muita convicção e por profissão uma psicóloga clínica que não acredita em milagres. Ou em visões sobrenaturais.

Liz sorriu.

— Creio que teremos uma ótima viagem.

— Mas meu marido, Ken Clayton... ele ainda não é realmente meu marido, mas sim meu noivo... é um católico desgarrado que voltou subitamente à religião. Não que eu o culpe completamente por procurar alguma coisa. Deixe-me explicar... estávamos apaixonados, com o casamento marcado, quando se descobriu que Ken tinha um tumor maligno na parte superior da coxa.

— Sinto muito — murmurou Liz — É uma coisa terrível.

— Ele deveria se submeter a uma cirurgia. O resultado era problemático, mas, de qualquer forma, constituía a sua única esperança. E, de repente, ele leu nos jornais de Chicago a história do segredo de Bernadette... de que a Virgem Maria voltará a Lourdes esta semana.

— Foi provavelmente a história que eu escrevi que ele leu — comentou Liz.

Amanda ficou surpresa.

— Você é repórter?

— Trabalho no escritório em Paris da Amalgamated Press International, de Nova York. Escrevi a matéria sobre a reaparição da Virgem Maria que foi publicada na maioria dos jornais dos Estados Unidos. Seu Ken provavelmente leu a minha história.

— Provavelmente — concordou Amanda.

— Mas continue — exortou Liz. — O que aconteceu com Ken depois que leu minha matéria?

— Ele voltou à religião, cancelou a cirurgia essencial e veio a Lourdes na esperança de ser curado pela Virgem Maria.

— E você veio junto?

— Para tentar fazê-lo recuperar o bom senso. Quanto mais tempo ele adiar a cirurgia, menor será sua possibilidade de sobrevivência. Não acredito que a Virgem Maria possa voltar, porque, em primeiro lugar, não creio que ela tenha aparecido aqui antes.

Liz lançou um olhar satisfeito para a sua companheira.

— Ei, Amanda, você é das minhas!

— É por isso que eu queria ir a Cauterets. Desejo provar a Ken que a própria Bernadette não acreditava que a gruta pudesse curar. Ouvi a história de Bernadette; quando estava doente, não rezou na gruta. Em vez disso, foi a Cauterets para tomar os banhos termais. Se eu puder confirmar que isso é verdade...

— Posso garantir que é verdade. Amanda empertigou-se no banco.

— Sabe que é verdade? Com toda certeza?

— Posso garantir que é um fato e me foi contado pela maior autoridade em Bernadette que existe em Lourdes. Trata-se do Padre Ruland, um homem importante, intimamente ligado ao Bispo de Tarbes e Lourdes e um especialista em nossa garota da gruta. — Liz fez uma pausa, soltando uma risada. — Posso lhe contar agora por que *eu* estou indo a Cauterets. Não vai acreditar, mas é a pura verdade. Estou indo pelo mesmo motivo que você. Para provar que Bernadette era uma impostora.

— Não sei se ela era deliberadamente uma impostora. Talvez tenha acreditado que realmente viu todas aquelas aparições. Talvez tivesse alucinações.

— E que diferença isso faz? — Liz apontou pela janela aberta do seu lado. — Está fazendo um dia lindo e cada vez melhor. Olhe só para a paisagem.

Estavam passando pelo vale de um rio largo, as encostas verdejantes pontilhadas de chalés. Um pouco da Suíça na França, pensou Amanda, especialmente com aqueles picos nevados, como sentinelas irregulares a se erguerem a distância. Ela notara que haviam passado por uma aldeia chamada Argelès-Gazost e estavam agora entrando em outra, chamada Pierrefitte-Nestalas. Liz estava falando outra vez, enquanto guiava o BMW através da aldeia:

— Entrevistei o Padre Ruland em Lourdes esta manhã. Foi ele quem me contou que Bernadette não acreditava que a gruta pudesse curar, ou pelo menos não tinha qualquer interesse por seus poderes curativos. Quando ela ficou doente, viajou para a estação de águas em Cauterets, a fim de tomar os banhos termais, na esperança de sair curada. Portanto, a história provavelmente é verdadeira, tendo sido contada pelo próprio Ruland. Mas, ainda assim, é preciso haver certeza absoluta quando se está fazendo uma denúncia. Liguei para Cauterets e marquei uma entrevista com o Padre Cayoux, que é o pároco local. — Liz pensou por um instante. — É isso mesmo, estou tentando fazer o que você também quer. Desmascarar Bernadette, mostrando o que desconfio que ela foi. Uma doente ou uma mentirosa. As pessoas têm desejado acreditar nela há tanto tempo que ninguém realmente estudou os fatos de uma maneira meticulosa. Todo mundo aceita a sua história... na base da fé, digamos assim. Quero tirar uma história sensacional daqui... e, se conseguir, esta é a semana mais apropriada. Mas quando as coisas que a gente escreve são despachadas para o mundo inteiro, é melhor ter os fatos concretos e incontestáveis. É o que espero descobrir, alguma parte ou tudo, em Cauterets. — Ela fez outra pausa, sorrindo para Amanda. — Temos o mesmo propósito, só que por motivos diferentes. Portanto, será um dia dos mais agradáveis. E estou ansiosa em chegar lá. Ei, devemos estar perto, porque começamos a subir!

Uma curva fechada, na saída da aldeia, levou-as a uma subida íngreme, uma sinuosa estrada nas montanhas, com um penhasco de um lado, exibindo algumas pequenas quedas d'águas. Liz passou a guiar mais devagar. Atravessaram uma ponte alta, cruzando um desfiladeiro pelo qual corria um rio... que o mapa informava ser o Gave de Cauterets. O vale diante delas estava agora se alargando e já podia avistar a aldeia de Cauterets, parecendo uma aprazível estação de águas francesa, aninhada mais além.

Não demorou muito e chegaram à aldeia, passando por dois prédios de banhos termais, identificados no mapa mais detalhado como *Thermas de César e Néothermes*.

— Aqui estão os lugares que Bernadette considerava mais úteis para a sua saúde do que a gruta — comentou Liz.

Elas alcançaram a *Place Georges Clemenceau*, que era a praça principal da aldeia. Por cima dos telhados e mais além, podiam ver a torre da igreja, *Nôtre-Dame de Cauterets*, seu destino. Liz indicou a torre e disse:

— É para lá que estamos indo.

— Nas pegadas de Bernadette — comentou Amanda, quase alegremente, transbordando de otimismo por descobrir o que queria saber.

Chegaram a uma rua estreita de mão única, Rue de la Raillere, que subia até a igreja. Lá no alto, descobriram que a pequena praça na frente da igreja também servia como estacionamento. Saltaram pelos dois lados do BMW, espreguiçando-se, enquanto contemplavam a igreja. Era envolta por uma cerca de ferro batido, fincada nos blocos de pedra empoeirados. Liz olhou para o relógio

— Chegamos na hora... melhor até, cinco ou dez minutos antes do meu encontro com o padre. Podemos entrar logo e descobri-lo.

Elas atravessaram a praça, que descobriram se chamar Place Jean Moulin, viram a estátua de um soldado francês e a placa relacionando os mortos da aldeia na Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Subiram a escadaria e entraram na igreja.

Lá dentro, havia um punhado de fiéis e a missa estava terminando. Elas ficaram esperando, Amanda inspecionando a igreja. A área do altar lá na frente, além dos bancos, era surpreendentemente clara e moderna, degraus circulares de mármore levando a uma plataforma com um tapete bege e um alegre altar quadrado, pintado de amarelo.

A missa terminara, os paroquianos e turistas se retiravam, quando Amanda viu Liz se adiantar a fim de interceptar um rapaz de rosto liso, que tinha a aparência de quem cantava no coro e se aproximava pela nave.

— Temos um encontro marcado com o Padre Cayoux — disse Liz, em francês. — Ele está por aqui?

— Creio que se encontra no presbitério, madame.

— Poderia fazer o favor de informá-lo que a Srta. Finch, de Lourdes, está aqui?

— Com todo prazer, madame.

Enquanto o rapaz se afastava apressadamente, Liz, acompanhada por Amanda, começou a estudar as decorações ao longo das paredes internas da igreja. Ao lado de um portal, perto da área do altar, Liz parou para estudar uma curiosa Vierge — uma imagem de 35 centímetros de altura da Virgem Maria — azul e descascando, instalada sobre uma prateleira de madeira, por baixo de uma campânula de vidro.

Amanda apontou para a placa por baixo.

— Dê só uma olhada.

Inclinando-se para a placa, Amanda traduziu para o inglês, em voz alta:

— No ano do Nosso Senhor de 1858, entre a 17ª e a 18ª aparições, a pequena *lourdaise*, a humilde profeta de Massabielle, Bernadette Soubirous, veio a Cauterets por sua cura e disse o rosário diante da imagem desta Vierge.

— Isso confirma tudo o que o Padre Ruland me contou — comentou Liz, com satisfação.

O rapaz voltou.

— O Padre Cayoux está no presbitério. Ele as receberá agora. Vou levá-las até lá.

Mas ele não se mexeu. Em vez disso, apontou com o dedo para a imagem da Virgem Maria.

— Estão interessadas na visita de Santa Bernadette?

— Muito — respondeu Amanda.

— Pois então mostrarei o lugar dedicado a ela.

O rapaz subiu apressadamente por degraus acarpetados, acompanhado por Amanda e Liz.

— Aqui está a Capela Santa Bernadette.

Era uma sala estreita, inteiramente moderna, com um tapete estampado, cadeiras sem braços com estofa marrom, umas poucas estátuas de figuras sagradas nas paredes, pintadas de marrom claro.

— Muito bonito, mas nada significa — comentou Liz para Amanda. Ela pôs a mão no ombro do rapaz. — Leve-me a seu líder. — O rapaz fitou-a com uma expressão aturdida e ela acrescentou: — Vamos falar com o Padre Cayoux.

Entraram no presbitério poucos minutos depois e encontraram o padre de pé, junto à mesa que lhe servia de escrivaninha. Ele estava despejando chá quente em três xícaras de Limoges. Liz adiantou-se, estendendo a mão e falando em francês:

— Sou Liz Finch, jornalista americana baseada em Paris. E esta, Padre Cayoux, é minha amiga Amanda Clayton, também americana, visitando Lourdes. Seu marido está doente.

Depois de cumprimentá-las, o Padre Cayoux acenou-lhes para que sentassem nas cadeiras de espaldar reto junto de sua mesa. Enquanto ele estendia as xícaras de chá e um prato de bolinhos, Amanda avaliou-o. O Padre Cayoux era bastante gordo, em sua batina preta, um pouco baixo. Uma orla de cabelos pretos impedia que fosse totalmente calvo. O rosto era dominado pelos dentes salientes e amarelados. Amanda calculou que a testa franzida era perpétua. Embora bastante amável, o Padre Cayoux deu-lhe a impressão de alguém que podia se tornar irritado e nervoso. Pondo o prato de bolinhos na mesa, ele escolheu um e, equilibrando sua xícara de chá, acomodou-se com um suspiro na cadeira ao lado de Amanda. Liz estava sentada ao lado dela.

— Então veio a Lourdes para ver seu marido curado — disse ele a Amanda, falando em inglês. — O que está achando de Lourdes?

Amanda ficou desconcertada.

— Eu... ainda não tive tempo de descobrir direito como é a cidade. Só posso dizer que é um tanto insólita.

O Padre Cayoux soltou um grunhido desdenhoso:

— É horrível. E eu detesto. Raramente vou até lá. — Ele tinha uma maneira abrupta. Percebendo que Liz o observava com uma expressão radiante, ele disse: — Pelo telefone, Srta. Finch, falou que o Padre Ruland lhe tinha contado que a pequena Bernadette, quando queria se curar, não foi à gruta, vindo em vez disso para os nossos banhos termais. Queria saber se a história era verdadeira. O fato de dizer isso me interessou, a possibilidade de especular por um momento sequer se o nosso conhecido Ruland estava sendo sincero.

— Como jornalista, eu não podia deixar de...

— Claro que não e compreendo perfeitamente — interrompeu-a o Padre Cayoux. — E, com toda certeza, não se pode confiar em nenhum abade. Tinha todo o direito de duvidar de um vendedor como Ruland. Quando questionou a história dele, resolvi recebê-la. Quanto a Bernadette e sua visita, eu disse que viesse até aqui e verificasse pessoalmente. Já verificou?

Liz balançou a cabeça.

— Vimos a Vierge, padre, lemos a inscrição por baixo. O Padre Cayoux provou o chá, depois soprou-o e disse:

— No tempo de Bernadette, Cauterets era um lugar elegante, com as melhores fontes curativas. Viram os banhos termais?

— Vimos, sim — respondeu Amanda.

— Não constituem hoje uma atração tão grande. Mas, no tempo de Bernadette, conferiam uma grande importância à nossa cidade. Em contraste, Lourdes era uma pequena e pobre aldeia. Mas aquela pequena camponesa mudou tudo, virou o mundo pelo avesso. Transformou Lourdes num centro internacional e nos reduziu a uma estação secundária meio esquecida. Na verdade, seu próprio papel em tudo isso foi inocente... talvez, talvez. Seus promotores perceberam a oportunidade e trataram de tirar o máximo de proveito possível. Ele tornou a tomar o chá, tomou um gole, mastigou um pedaço do bolinho, pensativo. — Não, Bernadette não acreditava no valor curativo de sua gruta. Sempre foi doente, desde o início, atingida por uma epidemia de cólera que matou muitas outras pessoas. Era uma triste criança, com roupas de segunda mão, desnutrida e enfraquecida pela asma crônica. Acho que não era capaz de imaginar que poderia ser curada por sua própria criação, a gruta sagrada. Assim, num período entre as duas últimas visões, depois de sofrer um resfriado severo e persistente, ela veio a Cauterets para tratamento, tomando os banhos e rezando. Mais tarde, naquele mesmo ano, quando as aparições finalmente terminaram, ela veio aqui pela segunda vez, ainda na esperança de ser curada.

O Padre Cayoux soltou outra risada, pondo a xícara vazia em cima da mesa.

— A inventora não acreditava em sua invenção.

— O que está querendo dizer com "sua invenção"? — perguntou Amanda bruscamente. — Está sendo literal, padre?

— Não tenho certeza — respondeu o Padre Cayoux. Olhando para o espaço, ele repetiu: — Não tenho certeza. Sou um padre devoto, um marianista, talvez mais próximo da fé do que alguns daqueles mestres-de-cerimônias e promotores de publicidade que pululam em Lourdes. Creio em Deus, Seu Filho, Sua Santa Mãe e todos os rituais da Igreja, sem a menor sombra de dúvida. Já não tenho tanta certeza em relação aos milagres. Eles existem, eu diria que já aconteceram, mas ainda não vi nenhum em meu tempo. E tenho dúvidas se Bernadette viu algum em sua época. Afinal...

A voz definiu e sumiu, ele ficou em silêncio, imerso em seus pensamentos. Amanda estava excitada e um olhar lhe revelou que o mesmo acontecia com Liz. Durante o relato do Padre Cayoux, Amanda percebera o que era responsável por aquela irritação e ceticismo. Ele ressentia-se de Lourdes, o grande espetáculo, o sucesso, ofuscando sua paróquia e fazendo com que suas boas obras fossem ignoradas. Tinha inveja de Lourdes e sentia-se furioso com sua hierarquia. Tudo por causa das fantasias de uma garota. Sua própria obscuridade, a mudança de situação de sua paróquia, tudo se devia a uma garotinha inacreditável e às maquinações de uma cabala de promotores da Igreja.

Podia haver muito mais, refletiu Amanda, tudo o que ela e Liz desejavam, se fosse possível convencer o Padre Cayoux a continuar a falar. Talvez ele tivesse se assustado com o que estava dizendo, o que estava prestes a dizer, concluindo que era melhor parar e desistir. Mas não, Amanda disse a si mesma, aquele era um homem que não se assustava facilmente.

Ela resolveu estimulá-lo a continuar. Rompeu o silêncio, dizendo:

— É tudo tão fascinante, padre... Estava falando sobre Bernadette e suas visões...

A cabeça do Padre Cayoux sacudiu-se para cima e para baixo. — Eu estava pensando nos milagres. — Seus olhos se concentraram nas visitantes e falou-lhes diretamente: — Visões e milagres ocorrem facilmente nas aldeias destes vales dos Pireneus. E o mesmo também acontece com muitos jovens visionários em Portugal e em regiões remotas da Itália.

— Está querendo dizer que outras crianças, como Bernadette, já tiveram visões similares? — indagou Amanda.

Como o Padre Cayoux aparentemente era incapaz de rir, recebeu a pergunta com um grunhido.

— Outros como Bernadette? Incontáveis outros como Bernadette antes que ela aparecesse e desde então. Eu soube que entre os anos de 1928 e 1975 houve pelo menos 83 pessoas, somente na Itália, que alegaram ter visto a Virgem Maria. Já ouviram falar do incidente de La Salette, perto de Grenoble?

— Tenho a impressão de ter lido alguma coisa a respeito — comentou Liz.

— Mas eu não sei de nada — disse Amanda.

— La Salette era uma dessas típicas aldeias rústicas — começou o Padre Cayoux, com evidente satisfação. — A 19 de setembro de 1846, duas crianças da aldeia, ambas pastoras, Mélanie Calvert, de 15 anos, e um garoto de 11 anos, Maximin Girand, viram a Virgem Maria e ouviram segredos proféticos. O garoto foi maltratado pela polícia, mas recusou-se a revelar os segredos. Os dois foram interrogados por 15 horas consecutivas, mas não revelaram os segredos. Em vez disso, enviaram os segredos que a Abençoada Virgem lhes contara ao Papa Pio IX, que não os revelou. A autenticidade da visão testemunhada pela dupla foi discutida acaloradamente. Mélanie era anormal sob alguns aspectos, ignorante, até mesmo os apologistas católicos admitiam que ela era preguiçosa e negligente. Maximin era pior, um conhecido mentiroso, mas esperto e vulgar. Os dois foram caracterizados como jovens repulsivos. Apesar disso, os ultramontanos, os católicos conservadores que defendiam o predomínio da Igreja sobre o Estado, aceitaram completamente as suas histórias. Afastaram as crianças... a menina foi colocada num convento na Inglaterra e o garoto entregue aos jesuítas... os bons padres promoveram o milagre de La Salette. Com as peregrinações a comunidade prosperou. Parece familiar?

— Incrível — murmurou Amanda.

— La Salette foi antes de Lourdes. O milagre em Fátima, em Portugal, veio depois. Três crianças pastoras, Lúcia dos Santos, de dez anos, Francisco, de nove anos, e sua irmã, Jacinta Marto, de sete anos, a 13 de maio de 1917, viram a Virgem Maria numa moita e depois uma vez por mês, nos seis meses subsequentes. Como sempre, ouviram segredos. Houve ceticismo entre o clero e as crianças foram até julgadas. Mas as crianças e suas visões acabaram prevalecendo e Fátima tornou-se um santuário milagroso, ficando em segundo lugar apenas para Lourdes.

— As crianças de Fátima deviam ter conhecimento de Bernadette — comentou Liz — assim como Bernadette provavelmente sabia de La Salette.

— É bem provável — concordou o Padre Cayoux. — No caso de Bernadette, porém, ela deve ter extraído a sua história, se é que isso aconteceu, de Bétharram.

— Bétharram? — repetiu Amanda, aturdida.

— É uma cidadezinha no Gave de Pau, não muito longe de Lourdes. É um lugar em que supostamente ocorreram milagres, por muitos séculos. A Virgem Maria de branco materializou-se ali em diversas ocasiões. A aparição mais dramática ocorreu quando uma garotinha caiu no rio e certamente se afogaria. A Virgem Maria apareceu na margem, estendeu um galho forte para ser agarrado pela menina a afundar, que foi puxada e salva. Bétharram teve o seu fazedor de milagres em Michel Garacoits, que se tornou o superior de um seminário local e foi um esplêndido mestre. Possuía também a capacidade de levitar. Morreu em 1863 e foi canonizado como um santo em 1947. É de Bétharram que Bernadette

pode ter formulado a sua história em Lourdes.

Amanda ficou intrigada.

— Como assim?

— Bernadette sentia-se atraída por Bétharram e costumava visitar a igreja de lá com frequência. A igreja de Bétharram reconheceu que Bernadette esteve lá rezando, por alguns dias, quatro ou cinco, antes de ver a primeira aparição. O próprio rosário que Bernadette usou na gruta foi comprado em Bétharram. Michel Garacoits ainda estava vivo durante e depois das aparições a Bernadette. Ela lhe foi encaminhada e ele acreditou em sua história desde o começo. Alguém lhe disse: "Este evento em Lourdes pode ofuscar Bétharram." Garacoits teria respondido: "Que importância isso tem, se Nossa Senhora for louvada?" Ele visitou a gruta muitas vezes, antes de sua morte. — O Padre Cayoux fez uma pausa. — O ponto óbvio é que Bernadette poderia facilmente ter recolhido a história da aparição da Virgem Maria em Bétharram e levado para Lourdes.

Liz inclinou-se para a frente.

— Agradecemos a sua franqueza, padre. Muitos sacerdotes não seriam tão realistas e francos. Evidentemente, é um homem de fé, mas também acha que a história de Bernadette é suspeita.

— Infelizmente, é essa a minha impressão — confirmou o Padre Cayoux.

— As frequentes visitas de Bernadette a Bétharram certamente constituem um motivo para torná-la suspeita — acrescentou Liz. — Mas tem alguma outra prova que possa incriminar Bernadette?

O Padre Cayoux recuou um pouco.

— Que possa incriminá-la? Não, não disponho de qualquer prova concreta contra Bernadette ou sua honestidade. Apenas suspeitas, apenas indícios circunstanciais, que tornam a sua história duvidosa.

— E gostaria de falar a respeito de mais alguma coisa? — perguntou Liz.

— Há mais, muito mais — declarou o Padre Cayoux. — Por um lado, os pais de Bernadette, François e Louise Soubirous, são apresentados naqueles lindos folhetos coloridos que vendem em Lourdes como pessoas pobres, lutando com dificuldades, mas trabalhadoras, talvez muito generosas e caridosas. Tudo isso é bobagem. Os dois eram bêbados terríveis. Não estou querendo impingir os pecados dos pais aos filhos, mas apenas mostrar os antecedentes instáveis de Bernadette. Ela não teve um lar decente ou uma refeição decente em todos os anos que antecederam as aparições. O pai não tinha condições de ganhar a vida. Bernadette passava a maior parte do tempo com fome. Comia principalmente mingau de milho, sopa de legumes bem aguada, pão de milho e trigo, muitas vezes misturado com centeio. A garota muitas vezes vomitava a comida. Ela talvez sofresse também de envenenamento ergótico.

— Que pode levar as pessoas a terem alucinações — interveio Amanda.

— Isso mesmo — confirmou o Padre Cayoux. — Mas mesmo sem tal

envenenamento, seu estômago quase sempre se encontrava vazio e a cabeça dominada por vertigens. A família inteira passava fome. O irmão de Bernadette foi visto a raspar cera de vela do chão da igreja para comer. Bernadette, ignorante, constantemente faminta e doente com asma, sem qualquer amor seguro, era certamente uma candidata a... como sugeriu, Sra. Clayton... a alucinações.

— Apesar disso tudo, Bernadette foi bastante exata ao relatar o que viu e ouviu — disse Liz. — E isso causou uma impressão favorável na maioria dos crentes.

O Padre Cayoux assentiu.

— Vamos examinar como a nossa heroína pode ter chegado ao que viu e ouviu. A Virgem Maria que Bernadette viu era muito jovem, até demais, na opinião dos céticos, para uma Mãe de Cristo. Uma cética inglesa, Edith Saunders, explicou... — O Padre Cayoux pegou uma pasta na mesa, localizou um papel lá dentro e começou a ler: — "Bernadette olhou na gruta e viu a dura realidade. Era desprezada e rejeitada, não tinha meios de se fazer admirável. A vida a lançara desarmada em sua arena competitiva. Tinha 14 anos, mas era tão pequena e de aparência tão infantil que parecia ter apenas 11 anos. (...) O ideal de uma garotinha é naturalmente uma garotinha. Assim, a aparição tinha a forma de uma garota de charme e beleza deslumbrantes. Parecia ter 10 anos; ao ser ainda menor do que Bernadette, provava consoladoramente que se podia ser pequena e ainda assim a própria perfeição."

Para a mente analítica de Amanda, tudo aquilo era perfeitamente possível. Bernadette sofria de psicose reativa, o resultado óbvio da pressão concreta do ambiente em que vivia. E Bernadette tivera uma fuga total da realidade. A fim de escapar aos problemas da vida, ela se perdera em satisfações imaginárias que tornavam a sua existência mais suportável. O Padre Cayoux merecia um elogio e Amanda lhe disse:

— Essa informação é muito boa.

— Há mais, muito mais — prometeu o Padre Cayoux. — A Virgem que Bernadette viu usava um vestido imaculadamente branco. Isso é mais ou menos tradicional. E a própria Bernadette admitiu que a Virgem se vestia de forma muito parecida com as Filhas de Maria, um grupo de moças católicas voluntárias que havia na aldeia, muito amadas e vestidas frequentemente de branco.

— O que me diz da parte da Imaculada Conceição? — interveio Liz. — A Virgem informando a Bernadette que era a Imaculada Conceição, um conceito que a garota não poderia conhecer.

O Padre Cayoux soltou mais um de seus resmungos característicos.

— Posso garantir que Bernadette sabia da Imaculada Conceição. Podia não compreender o conceito, mas tinha conhecimento. Afinal, quando Bernadette esteve na cidade de Bartrès, poucos meses antes de suas visões, assistiu à Festa da

Imaculada Conceição, celebrada ali como um dia santo. A Festa da Imaculada Conceição era também um dia santo na própria Lourdes. Bernadette certamente absorveu isso.

— Contudo, Bernadette apresentou como se fosse uma coisa inteiramente nova para ela — comentou Liz.

— Possivelmente com alguma ajuda — acrescentou misteriosamente o Padre Cayoux. Ele fez uma breve pausa e depois passou a esclarecer e ampliar o comentário: — Pode ter havido alguma administração teatral.

— Como assim? — estimulou-o Liz.

— O Padre Peyramale não permitia que seus colegas acompanhassem as visitas de Bernadette à gruta, mas deixava que Bernadette mantivesse um contato constante com esses clérigos no confessionário — explicou o Padre Cayoux. — Esses clérigos, em Lourdes e Bartrès, eram marianos, fortemente pró-Maria e a favor do dogma da Imaculada Conceição. Um deles apontou para Bernadette e declarou: "Se a Abençoada Virgem quisesse aparecer para alguém, certamente escolheria uma criança assim". Além disso, seu confessor em Lourdes constantemente aconselhava Bernadette, apesar de todas as restrições, a continuar a visitar a gruta. Em suma, houve membros da Igreja pressionando pela aceitação das visões. E não se pode também excluir a influência dos pais de Bernadette, por mais distantes e inocentes que tenham sido nos acontecimentos. Certa ocasião, quando Bernadette seguia para a gruta, acompanhada por uma grande multidão, em torno de quatro mil pessoas, Madame Jacomet ouviu François, o pai de Bernadette, sussurrar para a filha: "Não cometa qualquer erro hoje. Faça tudo direito".

— Essa não! — exclamou Liz. — Isso é realmente verdade?

— Foi registrado devidamente — garantiu o Padre Cayoux. Amanda, que estava pensando em Ken, precisava saber de mais alguma coisa e perguntou ao padre:

— Mas as curas originais, como a garota Troy, foram realmente autênticas?

— Muitas curas não foram averiguadas — disse o Padre Cayoux. — Cito um exemplo perfeito. Eugénie Troy. Doze anos de idade. Estava cega há nove anos. Foi a Lourdes, esteve na gruta, procedente de Luz, foi abraçada por Bernadette, voltou com a vista plenamente restaurada. Pouco depois, seu padre em Luz revelou que Eugénie nunca fora totalmente cega, sempre pudera ver e trabalhar. Não houve absolutamente uma cura. Além disso, em 1858, os médicos eram muito limitados em seus conhecimentos e pouco científicos.

— Mas são científicos hoje e supostamente as curas continuam a ocorrer — desafiou-o Liz.

Amanda virou-se para ela.

— Há uma realização de desejo, uma auto-hipnose. E não podemos esquecer que há muitas doenças que os médicos ainda não conhecem suficientemente.

Não são poucas as que acabam... sob determinados estímulos... curando-se por si mesmas.

— Exatamente — concordou o Padre Cayoux. — Pode haver curas, mas não precisam ser encaradas como milagrosas. — Com um grunhido, ele levantou o corpo volumoso da cadeira e ficou parado acima das duas mulheres. — Depois que as curas começaram e Lourdes teve seu acesso à fama, havia um problema. E esse problema era a jovem Bernadette, que estava se tornando uma lenda. O que fazer com ela? A contínua exposição ao público, muito depois que as visões cessaram, podia levá-la a contradições, um comportamento em desacordo, prejudicando a lenda. Os donos de Lourdes encorajaram-na a se afastar dos olhos do público, a tornar-se uma freira relativamente anônima. E acabaram por estimulá-la a deixar Lourdes para sempre. Ela decidiu ir para Nevers, ingressar no convento de Saint-Gildard, tornar-se uma freira enclausurada. Antes de Bernadette ir para Nevers, um rapaz atraente, aristocrata e estudante de medicina, que se apaixonara por ela, veio a Lourdes para pedi-la em casamento. Bernadette nunca foi informada disso. O rapaz foi repellido por seus guardiães e ela foi rapidamente despachada para o convento.

As mulheres se levantaram e Liz indagou:

— Pode haver alguma coisa que nos interesse em Nevers?

— Não sei — respondeu o Padre Cayoux. — É verdade que a responsável pelas noviças em Nevers, Madre Vauzou, não acreditava nas visões de Bernadette. Madre Vauzou também tratava a sua pequena freira de modo brutal, quase sadicamente, porque considerava Bernadette muito presunçosa e vaidosa. Mas isso foi nos velhos tempos. Não tenho a menor ideia de como as freiras de lá consideram Bernadette hoje. Provavelmente com o maior respeito, já que ela foi elevada a santa depois de sua morte, em 1879. — Ele estava agora mexendo nos papéis em cima da mesa, obviamente ansioso em voltar às suas ocupações normais. — Mas podem ir até lá e verificar pessoalmente.

— Talvez acabemos indo — disse Liz. — Padre, não sei como lhe agradecer o suficiente, pela Sra. Clayton e por mim, o tempo que nos concedeu e o relato equilibrado que nos ofereceu de Bernadette.

— O prazer foi meu — respondeu o Padre Cayoux, bruscamente. — Tentei ajudar da melhor forma possível. Boa sorte para as duas.

Depois que deixaram o presbitério, saindo pela porta da frente da igreja para a tarde a definhar, elas pararam por um instante para acender cigarros e se entreolharem.

— O que acha? — perguntou Amanda.

— O que *você* acha?

— Para mim, foi uma coisa fascinante, uma visão mais saudável de Lourdes — disse Amanda. — Talvez eu repita alguma coisa para Ken. Mas...

— Mas o quê?

— Mas não tenho certeza absoluta do nosso gordo amigo padre '

— explicou Amanda. — Ocorreu-me que boa parte de seu ceticismo e maledicência pode ter sido causada por ressentimento e inveja de Lourdes, que liquidou Cauterets como uma atração.

— Quanto a isso, não resta a menor dúvida — concordou Liz ,

— Mas não faz com que pareça menos verdade o que ele nos contou..

— Mas ainda não me disse o que você realmente pensa.

— Verdade ou não... e eu diria que a maior parte do que Cayoux nos disse tem alguma base em fatos... é apenas uma conversa, material secundário — comentou Liz — Não pode constituir o fundamento para uma matéria de denúncia da API. Ainda preciso de uma prova concreta de que Bernadette foi uma charlatã, uma adolescente maluca. A menos que eu consiga isso, não tenho nenhuma matéria.

— Talvez você tenha razão.

Liz começou a descer os degraus para a Place Jean Moulin e o carro estacionado, acompanhada por Amanda.

— Vamos voltar a Lourdes antes de escurecer — disse Liz. — Depois que chegarmos lá, descobrirei como ir a Nevers. Creio que fica mais perto de Paris do que Lourdes. Se quisermos ir até lá amanhã, talvez tenhamos de partir esta noite. Aceita?

— Por que não?

— Não podemos perder qualquer possibilidade — acrescentou Liz. — Nevers pode nos proporcionar a chave... a chave que abrirá a gruta e nos mostrará o grande segredo de Bernadette.

— Se é que existe algum segredo — comentou Amanda.

— Está brincando?

Poucas vezes em sua vida Mikel Hurtado se sentira tão frustrado quanto naquela noite, ao voltar para o Hotel Galha & Londres.

Pela terceira vez naquele dia, ele fora bloqueado em seus esforços para colocar a dinamite e o detonador ao lado da gruta.

Retornando lentamente ao hotel, Hurtado reconstituiu suas incursões e fracassos, tentando encontrar algum sentido. No início da tarde, munido com a sacola de compras em que estavam os explosivos, ele se lançara, confiante ao primeiro esforço do dia. Avançara pela multidão na apinhada Avenue Bernadette Soubirous até a esquina, determinado a seguir o fluxo de peregrinos atravessando a rua para a rampa e descendo para o domínio.

Ao deixar a calçada, estacara abruptamente. No outro lado, no alto da rampa, havia guardas, junto a um dos carros de patrulha, vermelho e branco, uma luz azul no teto. Os guardas se espalhavam pelo acesso à rampa e ao domínio, observando visitantes, aparentemente detendo e interrogando alguns. Hurtado não fora capaz de determinar exatamente o que a polícia procurava, mas os guardas

ali estavam, exatamente onde os vira reunidos na noite anterior. Compreendendo que não podia chegar mais perto, por causa do conteúdo da sacola, ele recuava, voltando ao hotel.

Em seu quarto, tirara um baralho da mesa e se dedicara a intermináveis partidas de paciência. Cansando daquela masturbação com as cartas, ele pegara um romance de Kafka, estendera-se na cama e lera até cochilar. Despertara com o barulho de canto lá fora, da procissão do final da tarde. Ele olhara para o relógio. Cinco e meia. Calculara que, àquela altura, a polícia já terminara com o que estava fazendo, o que quer que fosse. Lavara o rosto e as mãos, pegara, a sacola e pela segunda vez naquele dia seguira pelo Boulevard de la Grotte. A cena ali era uma réplica do que testemunhara cerca de quatro horas antes. Lá estava a multidão impaciente, protestando pela redução da velocidade de acesso ao domínio, enquanto guardas examinavam cada fiel e turista na passagem por uma barreira temporária, na entrada da rampa. Mais uma vez, Hurtado compreendera que não podia correr o risco, tinha de esperar que a polícia fosse embora.

Só depois que o jantar terminara e os outros se levantavam para ir à procissão noturna é que Hurtado tentara falar com Natale. Oferecera-se para acompanhá-la ao quarto e ela agradecera e aceitara. No elevador, subindo para o segundo andar, Natale lhe perguntara o que fizera durante o dia. Ele inventara uma mentira sobre horas de compras, procurando um presente para a mãe em San Sebastián. Saindo do elevador, Hurtado indagara polidamente como ela passara o dia. Na gruta, é claro, informara Natale, na gruta, rezando. Hurtado vira a oportunidade de descobrir alguma coisa sobre a presença de tantos guardas e perguntara se ela tivera alguma dificuldade para chegar à gruta. Natale respondera que não houvera qualquer problema e quisera saber o motivo da pergunta. Hurtado comentara que ouvira falar da presença de guardas na rampa e a demora para se alcançar o domínio; estava curioso com a súbita concentração da polícia. A porta de seu quarto, Natale lembrara que isso fora rapidamente discutido no início do jantar por vários de seus companheiros à mesa. Era verdade, havia muitos guardas, todos presumiam que a polícia tentava descobrir veteranos punguistas e prostitutas. Embora as especulações à mesa nada provassem, Hurtado ainda achava que havia algo mais. Mas sentira-se mais animado depois de deixar Natale em seu quarto, desejando-lhe boa noite, e voltar ao seu, que ficava ao lado.

Resolveu tentar outra vez, convencido de que desta vez daria certo. A esta altura, certamente, ao cair da noite, a polícia já teria descoberto os seus pequenos criminosos e se dispersado, permitindo que o movimento dos peregrinos retomasse o seu ritmo normal. Preparando-se para a terceira tentativa de entrar no domínio, tencionando levar a sacola com os explosivos, Hurtado hesitara por um momento, sentindo-se inexplicavelmente cauteloso. E acabara resolvendo

fazer um reconhecimento, a fim de certificar-se de que o caminho estava livre; depois de confirmar isso, voltaria rapidamente ao quarto para pegar a sacola e levar para o domínio e a gruta, a fim de realizar o trabalho preparatório.

Pela terceira vez ele fora até a esquina e pela terceira vez a cena não mudara. Avistara as filas vagarosas de visitantes avançando lentamente e os guardas de Lourdes na frente da rampa. Consternado, mas livre dos explosivos, sentindo-se mais seguro, Hurtado decidira que desta vez iria até lá para descobrir exatamente o que acontecia. Avançara pela rua até o café Le Royal, encontrara uma mesa vazia perto do meio-fio, pedira um Cacolac e ficara observando a cena no outro lado da rua. Tomando a bebida pelo canudo, conseguira finalmente compreender alguma coisa do que estava acontecendo. A polícia detinha apenas os peregrinos e turistas com embrulhos e sacolas de compras, abrindo os embrulhos e vasculhando as sacolas, depois permitindo que as pessoas seguissem pela rampa. Muito estranho, pensara Hurtado. O que estariam procurando? Uma coisa era certa: estava satisfeito por não ter tentado entrar no domínio com a sua sacola.

Agora, ainda aturdido, ele voltava ao hotel.

Entrando e pegando sua chave, do quarto 206, ele viu a recepcionista solitária, a francesa gorda chamada Yvonne, por trás do balcão, ocupada como sempre com suas contas. E nesse instante ele compreendeu o que poderia fazer. A recepcionista saberia o que estava acontecendo — quase sempre o pessoal de hotel sabia de tudo, estava a par de todas as notícias da cidade — e lhe contaria.

Hurtado desviou-se do elevador e foi até a recepção com um sorriso amável.

— Olá, Yvonne.

Ela levantou a cabeça e retribuiu o sorriso.

— Boa noite, Sr. Hurtado. Por que não está na procissão? Era uma abertura perfeita e ele tratou de aproveitar.

— Está muito difícil chegar lá. Há guardas demais na entrada. O que está acontecendo?

— Bom...

A recepcionista estava visivelmente relutante em responder. Hurtado exibiu o seu sorriso mais cativante.

— Ora, Yvonne, você sabe de tudo.

— Nem tudo... mas algumas coisas.

— E não vai contar nada a um pobre peregrino?

— É confidencial... se ficar absolutamente entre nós dois...

— Tem a minha promessa, pela cabeça da Virgem.

— Ora, Sr. Hurtado...

— Em troca pelo esclarecimento, prometo convidá-la para um drinque esta semana. Se eu não cumprir a palavra, então lhe darei dois drinques, ou mesmo três.

Ela se levantou e se inclinou por cima do balcão, numa atitude de conspiradora. Hurtado cooperou, também inclinando a cabeça. Baixando a voz, Yvonne disse:

— Não vai espalhar, não é mesmo? É absolutamente confidencial. Fui informada por minha amiga mais íntima, Madeleine... ela... hã... tem um relacionamento especial com o Inspetor Fontaine, que é chefe da *gendarmérie* de Lourdes...

— Mas o que houve? Yvonne sussurrou:

— A polícia recebeu o aviso de que um terrorista pode tentar explodir a gruta esta semana.

Hurtado sentiu uma súbita pressão no coração. Tentou manter a voz calma:

— Não acredito. Ninguém seria capaz de fazer isso, muito menos nesta semana. Um aviso, hem?

— Foi um telefonema anônimo. O inspetor não revelou mais nada a Madeleine. Mas ele postou guardas em todos os acessos à gruta, revistando todos os que entram no domínio, à procura de explosivos. Estão levando o caso a sério. E tem mais... — A recepcionista fez uma breve pausa, dramática, baixou ainda mais a voz ao acrescentar: — Estão agora investigando todos os estrangeiros em cada hotel. Eu... eu não deveria lhe dizer isso, mas estão no Gallia & Londres neste momento. O próprio inspetor e um grande contingente de guardas. Dispõem de chaves de todos os quartos. Abrirão os que se encontrarem desocupados neste momento e os revistarão. E também examinarão as coisas dos hóspedes que estiverem presentes.

Hurtado sentia a garganta ressequida.

— Quer dizer que a polícia está aqui?

— Começaram a revistar tudo há cerca de 15 minutos, pelo primeiro andar.

Hurtado sacudiu a cabeça.

— Não posso acreditar numa revista policial em Lourdes numa semana como esta...

Yvonne deu de ombros.

— Sempre pode haver algum maluco à solta.

— Obrigado pela informação, Yvonne. Eu lhe devo um drinque. — Prestes a se virar, Hurtado lembrou-se de outra coisa. E disse a Yvonne, casualmente: — Já ia esquecendo de lhe avisar. Tenho de passar um ou dois dias fora da cidade. O aniversário de um amigo. Mas guarde o meu quarto. Voltarei para usá-lo. E se a polícia quiser saber por que o 206 está vazio... pode lhe assegurar que ainda se encontra desocupado. Está bem?

— Não há problema.

Ele virou-se para o elevador, tentando dar a impressão de que não tinha qualquer pressa. Mas, na verdade, suas pernas pareciam de chumbo. Ocorreu-lhe no mesmo instante o que provavelmente acontecera. Quase esquecera o

telefonema que Julia dera de San Sebastián na manhã anterior, confessando que revelara ao líder, Augustín López, o que ele estava tentando fazer. Lembrou-se de ter lançado um desafio a Augustín na conversa com Julia, lembrou-se de que ela o advertira de que o líder faria tudo para detê-lo, se ele insistisse em prosseguir com seu plano. Pois ele insistira e o filho da puta do Augustín López telefonara anonimamente para a polícia de Lourdes, avisando-os de um possível ato terrorista.

Hurtado sabia que precisava chegar a seu quarto no segundo andar antes da polícia. Precisava livrar-se dos explosivos.

O perigo era grande.

Ele podia sentir o suor na testa.

Ficou esperando pelo elevador.

Hurtado estava dentro do quarto, a porta fechada, encostando-se nela para controlar a respiração.

Espira do elevador, cautelosamente, rezando para que a polícia ainda não tivesse chegado. Se os guardas já se encontrassem no segundo andar, teria de descer, pegar o carro e fugir. Poderia obter uma boa dianteira antes que descobrissem a dinamite e o detonador em seu quarto. E antes que emitissem um aviso geral para a sua prisão. Mas quando saíra do elevador, esquadrinhando o corredor do segundo andar, constatara que se achava vazio. Estava momentaneamente seguro. Avançara apressadamente para o seu quarto, abriu a porta e entrou.

Agora, respirando fundo, ofegante, esperou que o corpo recuperasse um pouco de normalidade. Naqueles poucos segundos, tentou determinar o que faria em seguida. A primeira providência era tirar os explosivos e sua própria pessoa do quarto e do hotel. E depois? Outro hotel? Uma pensão? Nenhuma das duas coisas seria um refúgio mais seguro. Pegaria o carro alugado, deixaria Lourdes e iria para alguma cidade próxima, talvez Pau, ali se escondendo. Poderia voltar em segurança a Lourdes, fazer um reconhecimento do domínio. Não demoraria muito para que a polícia, sem nada descobrir, suspendesse a vigília, concluindo que o telefonema anônimo fora obra de um maniaco. No momento em que os guardas se dispersassem, ele entraria com os explosivos e faria o trabalho.

Você é um grande filho da puta, Augustín López, gritou ele, em sua cabeça, para o homem que o traíra. Mas eu disse que não poderia me deter e não vai mesmo conseguir.

Mas, antes de qualquer outra coisa, ele precisava se distanciar o mais possível do hotel. Afastando-se da porta, Hurtado pegou a mala, colocou-a em cima da cama e abriu-a. Foi buscar a sacola com a dinamite. Ajeitando os seus escassos pertences, arrumou espaço para os explosivos. Correu os olhos pelo quarto, a fim de verificar se não esquecera alguma coisa. Lembrou-se da escova e pasta de dentes e o aparelho de barba no banheiro. Recolheu tudo e guardou na mala.

Não havia um segundo sequer a perder.

Pegando a mala, ele foi abrir a porta. Olhou para um lado e outro do corredor. Vazio. O tempo ainda estava de seu lado. Aliviado, saiu para o corredor, fechou a porta, começou a se encaminhar rapidamente para o elevador. Torcia para que o elevador estivesse ali; mas não estava, alguém o usava. Não tinha alternativa a não ser descer pela escada ao lado, dois andares até o saguão. Ao se aproximar da escada, ouviu sons, o barulho de passos subindo, uma voz, falando em francês. Encostou-se no lado da escada e espiou pelo poço. Vislumbrou uniformes azuis um lance abaixo.

Embora acuado, Hurtado não entrou em pânico. Escapara de pelo menos meia dúzia de perigos similares na Espanha, durante os seus anos no movimento clandestino basco. Não havia tempo para pensar. Restava agora o instinto de sobrevivência. Se não havia saída e nenhum lugar para esconder a mala, ainda poderia encontrar um refúgio incerto.

Apressadamente, começou a voltar para o seu quarto. Mas parou uma porta antes, a do quarto 205. Só podia torcer para que ela ainda se encontrasse lá dentro, onde a deixara depois do jantar. Só podia torcer para que ela não tivesse saído outra vez para ir tateando até a gruta.

Ele bateu de leve na porta de madeira. Não houve resposta. Prestes a tentar de novo, teve a impressão de ouvir algum movimento por trás da porta.

E também, com mais certeza, podia ouvir os passos pesados à sua esquerda, subindo os degraus para o corredor do segundo andar. E foi nesse instante que ouviu a voz de Natale no outro lado:

— Quem está aí?

Ele tentou manter a voz baixa, pouco mais que um sussurro. Comprimindo-se contra a porta, ele disse, em tom de urgência:

— Natale, sou eu, Mikel... Mikel Hurtado. Preciso de sua ajuda. Abra a porta.

Quase que no mesmo instante, enquanto as vozes francesas à esquerda se projetavam pelo corredor, a porta foi aberta. Sem dizer mais nada, Hurtado entrou no quarto e fechou a porta, trancando-a por dentro. Virou-se e viu-a parada a poucos passos, usando apenas uma diáfana camisola branca, decotada e sem mangas. Não estava agora com os óculos escuros. Apenas os olhos vazios, que nada viam, voltados em sua direção.

— É você, Mikel?

— Sou eu...

Ele largou a mala encostada na parede.

— Você parecia tão... como se estivesse metido em alguma encrenca. Está bem?

Ele adiantou-se, segurando-a pelo braço nu.

— Estou mesmo numa encrenca, Natale. A polícia local foi avisada de que há um terrorista à solta em Lourdes. Está revistando os hotéis, quarto por quarto.

E se encontra agora aqui. Acaba de chegar a este andar. Se me encontrarem, um basco... podem me tomar como suspeito. Um engano. Mas eu ficaria numa encrenca. Tinha de encontrar algum lugar para me esconder. Há algum lugar em seu quarto no qual eu possa me esconder?

— Mikel — murmurou ela, desamparada — não sei o que realmente tem neste quarto. O que você vê?

Ele esquecera a cegueira da moça e agora usou os seus olhos. O quarto tinha quatro paredes que nada ofereciam. Um armário, como o do seu quarto, também pequeno.

— Talvez o banheiro — murmurou ele. — O chuveiro... Natale sacudiu a cabeça.

— Não. Quando eles chegarem, é o primeiro lugar em que vão olhar. — O rosto de Natale se iluminou de repente. — Já sei como pode se esconder. Faça o que eu mandar e depressa. Tire todas as roupas...

— Como?

— Não tem importância, Mikel, pois não posso vê-lo. Dispa-se logo. A cama já está desfeita. Deite-se. Puxe as cobertas e finja que está dormindo. Ponha suas roupas numa cadeira...

— Eu trouxe minha mala.

— Ponha debaixo da cama.

Ele pegou a mala e empurrou-a para baixo da cama.

— As luzes estão acesas, Mikel?

— Estão, sim. O lustre.

— Apague.

Ele apagou a luz do teto.

— Ainda tem um abajur aceso no outro lado da cama.

— Deixe aceso. Está se despiando?

— Estou.

Ele tirou o casaco esporte. Desabotoou a camisa, pendurou-a na cadeira mais próxima. Tirou os sapatos e desafiou o cinto.

Constrangido, tirou a calça e largou na cadeira. Só estava agora de cueca e meias.

— Já estou despido.

— Pois deite-se agora. E cubra-se. Feche os olhos. Finja estar dormindo.

Ele foi para a cama e estava se acomodando quando a viu tateando pelo pé da cama e contornando-a para o outro lado. Ela sentou-se na cama.

— Vou me deitar com você. Somos casados. Quando a polícia bater na porta, eu levantarei e atenderei. Você continuará dormindo. Deixe o resto comigo.

Ela estava sob as cobertas, estendida a seu lado. Hurtado podia sentir a proximidade, imaginar-lhe o corpo. Teria sido erótico, excitante, se ele não estivesse tão tenso e preocupado para permitir que a mente fosse estimulada.

— Tenho um senso agudo de audição e sei que eles estão bem perto — sussurrou Natale. — Finja estar dormindo e não se mexa quando eles baterem na porta. Deixe tudo com Natale. Lembre-se que eu era atriz.

O *suspense* comprimia a garganta de Hurtado, quase sufocando-o. Mas ele ficou imóvel, como se estivesse dormindo, aguardando pela batida na porta.

Talvez um ou dois minutos transcorreram em silêncio.

E depois aconteceu. Três batidas bruscas na porta. E logo mais três batidas. Uma voz de homem, falando em francês:

— Tem alguém no quarto? Se tem, abra a porta. É a polícia. Natale sentou-se na cama.

— Já vou. Eu estava dormindo...

— Abra logo a porta. É a polícia. Só queremos trocar algumas palavras com os hóspedes. Não precisa se preocupar.

— Já estou indo — disse Natale, saindo da cama. — Só um instante.

Hurtado manteve-se de olhos fechados, puxando as cobertas até o queixo. Ouviu Natale contornando a cama e se encaminhando para a porta. Ouviu a chave girando. Ouviu a porta do quarto se abrir devagar, uma réstia de luz do corredor se estendendo pelo pé da cama.

Por um olho semicerrado, Hurtado teve um vislumbre da confrontação. Podia ver Natale, em sua camisola transparente, na porta parcialmente aberta, dois policiais se erguendo à sua frente, no corredor. Um deles, o mais velho, disse a Natale:

— Sou o Inspetor Fontaine, do *Comissariat de Police* de Lourdes. Lamento incomodá-la, madame, mas é necessário. Recebemos o aviso de que há um terrorista na cidade, provavelmente armado, e devemos tomar as providências cabíveis. Com a ajuda de colegas de Pau e Tarbes, estamos efetuando uma revista geral em Lourdes, em todos os hotéis. Natale reagiu com pavor.

— Um terrorista?

— Não precisa se preocupar, madame. Temos muitos homens na busca. Não há nada a temer. Está sozinha no quarto? Ou há outras pessoas?

— Somente o meu pobre marido, tão exausto de uma longa viagem de avião para vir se encontrar comigo em Lourdes que já pegou no sono. Mas se é necessário, é claro que podem entrar e acordá-lo. Há muitos para revistar o quarto? Não posso dizer. Não posso... eu sou incapaz de... de...

Ela deixou a voz definhar e sumir, desamparada. Na cama, sob as cobertas, fingindo dormir, Hurtado contraiu os músculos, à espera do que poderia acontecer em seguida. Mas ele calculava, sem poder observar, que Natale conseguira de alguma forma indicar o seu estado.

Ele ficou escutando. Aparentemente, Natale conseguira, pois ele ouviu uma segunda voz de homem, estridente, provavelmente do primeiro policial, dizer:

— Inspetor, creio que a moça é cega. Natale confirmou, tristemente:

— Infelizmente, é verdade. Vim a Lourdes em busca de ajuda da Virgem. Mas isso não impede...

A voz do inspetor interrompeu-a:

— Não se preocupe, madame. Perdoe-nos. — Ele tentou ser jovial. — Tenho certeza de que não é o nosso terrorista.

— Nem meu marido — disse Natale, friamente.

— Nenhum dos dois, estou certo — disse o inspetor. — Lamento tê-la acordado. Mas estávamos apenas cumprindo o nosso dever. Pode voltar para a cama agora. Desculpe o incômodo. Vamos terminar de verificar o resto do andar. Boa noite, madame.

Hurtado ouviu-os se afastarem e abriu os olhos, enquanto Natale fechava e trancava a porta. Na semi-escuridão, observou-a contornar a cama outra vez e se meter por baixo das cobertas.

— O que achou? — perguntou ela, orgulhosa. Ele se virou.

— Bravo, Natale. Você foi maravilhosa. — Uma pausa e Hurtado acrescentou: — Nunca assisti a um desempenho melhor.

Ela estava sorrindo.

— Foi fácil. Nem precisei de muita encenação. Os outros sempre ficam embaraçados e contrafeitos na presença de uma pessoa cega. — Ela fez uma pausa. — Você mesmo?

— Se fico embaraçado e contrafeito? Claro que não.

— Não, não é isso... estava querendo saber se é você mesmo quem eles procuram. É algum terrorista, Mikel?

— Não sou exatamente o que a palavra insinua. Mas a polícia pode pensar que sim. Sou realmente...

— Não precisa me contar.

— ...um combatente pela liberdade da minha terra, a pátria basca, atualmente sob o domínio da Espanha. — Os olhos de Hurtado contemplavam o delicado rosto pálido, emoldurado pelos cabelos pretos lustrosos, sobre o travesseiro. — Tem medo de mim?

— Como posso ter medo de alguém que me salvou de um estuprador?

— Era natural querer protegê-la. Eu nunca permitiria que alguém lhe fizesse mal.

— Da mesma forma, eu nunca deixaria que alguém fizesse mal a você.

— Você é maravilhosa, Natale. — Ele soergueu-se, apoiado num cotovelo. — Quero agradecer mais uma vez.

Hurtado inclinou-se, a fim de dar-lhe um beijo no rosto. Mas, nesse instante, ela virou a cabeça e o beijo encontrou os lábios cheios e macios.

Ele recuou bruscamente. Empurrando para o lado a sua parte das cobertas, sentou-se na cama.

— O que está fazendo, Mikel?

— É melhor eu me vestir e deixá-la sozinha. Tenho de partir.

— Mikel... — Ela estendeu a mão, encontrando-lhe o braço, segurando. — Não pode. Ainda é perigoso. Para onde iria?

— Ainda não sei, mas é melhor deixá-la.

— Não — disse ela, segurando seu braço mais firmemente. — Não precisa sair. Pode ser detido no corredor, no saguão, na cidade. Não permitirei que corra esse risco. Pode ficar aqui até de manhã e sair então, se for seguro. Se não for, poderá continuar comigo até que não haja mais qualquer perigo.

Hurtado hesitou.

— Bom...

— Por favor.

A mão dele cobriu a de Natale.

— Bom... talvez eu possa dormir no chão.

— Não diga bobagem. Pode ficar na cama comigo.

Por um instante, Hurtado ficou desconcertado com o convite e a franqueza. Não era o que acontecia com as mulheres que conhecera em sua terra.

— Tem certeza de que pode confiar em mim? Natale disse simplesmente:

— Tem certeza de que quero confiar em você?

Ela retirou a mão de seu braço, pegou o seu lado das cobertas e empurrou-as para o lado. Sentou-se na cama e depois, no que parecia um único movimento, levantou a camisola, puxou-a por cima da cabeça e dos cabelos e deixou-a cair ao lado. Virou-se na direção de Hurtado, inteiramente nua, os seios pequenos mas cheios à mostra, a dobra na barriga lisa, as coxas generosas, apenas a parte superior dos cabelos púbicos visível.

Ele ficou atordoado, incapaz de se mexer.

— O que foi, Mikel? A minha cegueira o inibe?

— Oh, Deus, não...

— Porque não precisa. No amor, não tenho de ver. Sentir é suficiente.

Natale estendeu os braços. Ele tirou a cueca, ficou de joelhos e abraçou-a. Todo o seu corpo tremia quando se comprimiu contra ela. Natale sentiu-o.

— Você está tremendo, Mikel. Por quê? Por causa da polícia?

— Por sua causa — balbuciou Hurtado, apertando-a com força, sentindo os mamilos rígidos, consciente de seu desejo cada vez mais intenso.

A boca de Natale estava em seu ouvido, sussurrando:

— Não se preocupe com a virgindade. Eu... eu não sou exatamente uma virgem... houve episódios juvenis, mas foi tudo coisa de criança. Nunca fiz amor com um homem... um homem tão bonito...

— Eu... eu não sou nada... — ele balbuciou, a voz estrangulada.

As pontas dos dedos de Natale deslizavam por seu rosto.

— Para mim, você é lindo, o que eu quero.

A mão de Hurtado guiou a dela por suas próprias feições, continuou a guiar

por seu pescoço e os cabelos do peito. Quando ele a largou, a mão de Natale continuou a descer, por sua própria iniciativa.

— Você é jovem, forte e maravilhoso — sussurrou ela, a respiração se acelerando.

Os dedos quentes de Natale encontraram a sua ereção, enroscaram-se em torno do pênis.

— Você me quer — sussurrou ela.

— Eu quero você... mais do que qualquer outra coisa no mundo... quero você...

— Ame-me — murmurou ela, arriando na cama e no travesseiro, puxando-o por cima. — Ame-me, Mikel querido.

Ela ergueu os joelhos, as pernas se abrindo. Hurtado estendeu a mão para tocar os cabelos púbicos macios, acariciar o clitóris, encontrar a umidade entre as coxas.

Seu pênis estava mais intumescido e duro do que em qualquer outra ocasião anterior. Ele guiou-o para a vulva úmida e penetrou-a, bem fundo, sem qualquer dificuldade, gemendo enquanto o fazia, ouvindo os seus gritos baixos e ofegos, enquanto subia e descia dentro dela.

As mãos de Natale estavam lhe segurando os ombros, mas agora os braços envolveram-no pelas costas, ela comprimiu as coxas roliças contra o perpétuo movimento dele, até que levantou as pernas e enroscou-as em torno de sua cintura.

Estavam juntos agora, como um só, em perfeita harmonia, subindo e descendo, Natale se desmanchando por baixo, Mikel suando e ofegando.

Ele já conhecera muitas mulheres intimamente, desfrutara os relacionamentos sexuais, o estímulo físico e o excitamento, o gozo. Mas sentiu a diferença agora. As outras ocasiões haviam sido um amor pela metade, físico, nada mais. O que experimentava com aquela moça, porém, era o amor total.

Não havia uma atenuação no ato, apenas um crescendo contínuo, Natale mexendo os quadris incontrolavelmente, as nádegas se contraindo, comprimindo e puxando, Mikel entrando e saindo, quase chegando ao orgasmo, os dois quase chegando ao orgasmo, quase explodindo.

E, depois, a explosão.

Com gritos, suspiros, plena satisfação. Abraçando-se e beijando-se, amando, cada um mais próximo do que nunca antes de outro ser humano do sexo oposto.

Longos minutos depois, esgotados, estendidos na cama, separados, mas juntos, as mãos se tocando, carícias trocando, Mikel percebeu que sua Natale estava em silêncio. Observou atentamente e constatou que ela mergulhara num sono profundo, em sua eterna escuridão, com um sorriso nos lábios. Sorrindo para ela, ternamente, ele puxou as cobertas até os seus ombros.

E, finalmente, também se recostou. Há muitos anos que não conhecia um

momento de paz tão profunda. Admirou-se com a ausência de sua ira. Só restava nele, impregnando todo o seu ser, o resíduo do amor que sentira por aquela moça.

Gradativamente, em sua sonolência, ele procurou o propósito de estar naquela cama, naquela cidade de Lourdes. A realidade, a realidade maior, lentamente aflorou.

Não era fácil sobrepor a realidade ou sufocar por um momento o amor que sentira. Foi difícil trazer de volta à consciência o ódio implacável e o motivo para sua presença ali. Mas imagens de sua infância e adolescência basca, o assassinato do pai, os senhores de sua escravidão, provocaram mais uma vez a ira e o ódio.

Com intenso pesar, ele pensou naquela criança-mulher que adorava, adormecida ao seu lado. O que estava sentindo contestava tudo o que sentia por ela. Aquela jovem maravilhosa e tão querida era uma pessoa de fé imaculada numa história de fada, acreditando fervorosamente que poderia restaurá-la à normalidade e vida plena. Ele, por necessidade, permanecia um inimigo dessa fé, que estava agora desviando seu povo para a submissão à traição inevitável e continuação da escravidão. Para libertar seu povo, precisava destruir o símbolo da fé que poderia levar à sua ilusão e interminável servidão. Por esse ato de destruição, também destruiria para sempre a tola esperança de Natale e seu amor.

Mas ele sabia que tinha de ser feito. Devia isso a si mesmo — e a perda teria de suportar — a um amor ainda maior.

Oh, Natale, Natale, quando tudo acabar e eu tiver conseguido, tente compreender.

Mas Mikel sabia que ela nunca compreenderia.

Ao mesmo tempo, ocorreu-lhe subitamente que, considerando que fora obrigado a se esconder, talvez nunca conseguisse. A polícia estava por toda parte e assim poderia continuar até que terminasse o período de oito dias.

Como ele poderia explodir a gruta se não tinha condições de levar a dinamite para o domínio?

E, de repente surgiu uma ideia, uma inspiração, um meio de conseguir, algo que poderia fazer no dia seguinte. Se desse certo, consumaria o seu intento, afastando a Virgem Maria dali para sempre.

Faltavam dez minutos para as nove horas da manhã quando Michelle Demaillot, do Serviço de Imprensa dos Santuários, atravessou rapidamente a Esplanada do Rosário, acompanhada pelas últimas pessoas a chegarem à cidade, Dr. Paul Kleinberg e sua enfermeira de confiança, Esther Levinson.

Era a primeira visão real que Kleinberg tinha de Lourdes, à luz do dia. Apesar da presença de tanta estatuária religiosa, dos incontáveis inválidos em cadeiras de rodas e maças e de suas apreensões em relação ao santuário, ele não pôde deixar de admitir que o campo de desfile ou o que quer que fosse oferecia uma aura de paz e serenidade pastoral naquele dia ensolarado de verão.

O Dr. Kleinberg e sua enfermeira haviam pegado o último vôo da Air-Inter partindo de Paris, na noite anterior. Já era noite fechada quando desembarcaram do avião, no aeroporto de Lourdes. A assessora de imprensa estava à espera com seu carro. Durante a curta viagem até suas acomodações, Kleinberg, que seguira direto de seu consultório em Paris para o aeroporto em Orly e aquela aldeia nos Pireneus, estava exausto demais para se dar ao trabalho de olhar pela janela e contemplar a paisagem de Lourdes. Quartos separados estavam reservados para os dois, no Hotel Astoria, na Rue de la Grotte. Depois de telefonar para a esposa, Alice, em Neuilly, comunicando a ela e aos meninos que chegara bem e informar onde poderia ser encontrado, Kleinberg fora direto para a cama e dormira sem qualquer interrupção por nove horas.

Agora, enquanto andavam, Kleinberg notou como sua enfermeira se mantinha rígida e apartada. Conhecendo-a, a filha órfã de pais gaseificados e cremados no holocausto nazista, ele sabia como a enfermeira se sentia contrafeita ao se confrontar com qualquer espécie de fanatismo, político ou religioso. Kleinberg não sentia um desconforto similar naquele ambiente. Seus pais haviam se transferido de Viena para Paris muito antes da ascensão de Hitler e se naturalizado cidadãos franceses. Kleinberg nascera francês; e, apesar de algum grau persistente de anti-semitismo abafado entre uma minoria na França, ele sentia que pertencia e era parte daquela terra. Seu conhecimento da cultura francesa era amplo, embora fosse limitado o que sabia a respeito do santuário católico em Lourdes. Lera alguma coisa a respeito de Bernadette, as aparições e a gruta, em jornais e revistas. Também lera, sem grande interesse, sobre curas ocasionais atribuídas a Lourdes.

Além dessas leituras casuais, o único conhecimento de Kleinberg sobre a cidade santa provinha do estudo cuidadoso de três livros envolvendo o Dr. Alexis Carrel — um livro sobre Carrel, dois escritos por ele — versando sobre a única visita do grande médico a Lourdes, em 1903. Kleinberg comprara e lera os livros

de Carrel depois que fora convidado a participar do Comitê Médico Internacional de Lourdes, que estava se reunindo em Paris para analisar e confirmar a suposta cura milagrosa de uma inglesa, Sra. Edith Moore, sofrendo de um sarcoma.

Kleinberg não pudera ajudar o comitê porque tinha uma reunião médica marcada anteriormente em Londres. Mas o pessoal de Lourdes tornara a procurá-lo quando voltara a Paris. Os membros do Comitê Médico Internacional estavam dispostos a conceder ao caso da Sra. Moore a condição de milagroso, mas suspendiam a aprovação final até contarem com a opinião de um especialista em sarcoma. Kleinberg era um dos dois mais destacados especialistas da França no tratamento de tumores malignos. O outro, Dr. Maurice Duval, a quem Kleinberg conhecia e respeitava, estava envolvido demais em pesquisas experimentais para cooperar. Portanto, só restava Kleinberg como consultor final. Ele relutara em se envolver em qualquer coisa de natureza religiosa. Mas sabendo que o Dr. Alexis Carrel visitara e investigara Lourdes, resolvera refletir mais sobre o assunto. Como aluno da Faculdade de Medicina Cochon, ligada à Universidade de Paris, Kleinberg admirara os escritos e a carreira do Dr. Carrel. Recordara que o grande cientista mantivera a mente aberta em relação a Lourdes e passara algum tempo lá. E Carrel tratara Lourdes a sério.

Por isso, Kleinberg acabara aceitando o convite do Comitê Internacional e fora a Lourdes para estudar a cura inacreditável da mulher chamada Edith Moore.

— Aqui estamos — ele ouviu Mademoiselle Demaillet anunciar. Onde estavam? Kleinberg parou e olhou ao redor para se orientar. Estavam numa calçada no lado oposto da Esplanada do Rosário. E diante da porta dupla de um prédio de blocos de pedra, grandes e irregulares. Por cima da entrada, as letras brancas sobre um fundo azul, estavam as palavras: SERVIÇO MÉDICO/SECRETARIA.

— Vamos entrar — disse a moça da imprensa. — Eu o apresentarei ao chefe do serviço, Dr. Berryer, e depois me retirarei.

Kleinberg e Esther seguiram Mademoiselle Demaillet para o interior do prédio, entrando numa ante-sala espaçosa, com duas portas no lado direito. A moça da imprensa apontou para a segunda porta e disse:

— Vou avisar à secretária do Dr. Berryer que já chegamos. Depois que ela entrou na sala, Kleinberg e Esther examinaram o lugar. As paredes da ante-sala estavam decoradas com o que pareciam ser artefatos de um museu médico. Depois de um rápido olhar, Esther absteve-se de uma inspeção mais meticulosa e foi ocupar o canto de um sofá, sentando-se com os lábios contraídos, os olhos fixados no chão. Mas Kleinberg estava mais interessado. Pôs-se a circular pela ante-sala, estudando os mostruários.

O maior, na parede mais próxima, era emoldurado em vidro, com o nome

DE RUDDER por cima. Uma inspeção mais atenta revelou dois moldes de cobre dos ossos da perna de um homem; o primeiro mostrava a tíbia gravemente fraturada, enquanto na outra estava perfeitamente curada. Kleinberg leu a legenda de explicação. Pierre De Rudder, de Jabbeke, Bélgica, caíra de uma árvore em 1867 e fraturara a tíbia na parte inferior da perna esquerda. O osso tinha uma separação de três centímetros no ponto da fratura e não houve cura. Por oito anos, De Rudder fora um aleijado. Mas depois de uma visita a uma réplica da gruta de Lourdes na Bélgica, De Rudder ficara instantânea e milagrosamente curado, o osso separado totalmente reunido. Depois de sua morte, 23 anos mais tarde, três médicos efetuaram uma autópsia no corpo. Constataram que a falha de três centímetros realmente se fechara. "As pontas do osso fraturado se ajustaram perfeitamente. O osso conserva uma marca óbvia da fratura, mas sem qualquer escorço." De Rudder fora declarado a oitava cura milagrosa de Lourdes em 1908.

Kleinberg torceu o nariz e sua reação inconsciente refletiu-se no vidro. Era uma reação mais de surpresa do que de dúvida.

Como a acompanhante ainda não voltara, Kleinberg continuou a vaguear pela ante-sala, estudando as fotografias emolduradas nas três paredes e as histórias impressas da maioria das curas milagrosas de inválidos oficialmente reconhecidas, pessoas que haviam procurado socorro no santuário de Lourdes. A mais antiga estava datada de 1858. A última emoldurada e pendurada mostrava um retrato de Serge Perrin, que sofrerá "hemiplegia orgânica recorrente, com lesões oculares, em decorrência de deficiências circulatórias cerebrais". Ele fora milagroso e totalmente curado aos 41 anos de idade, em 1970. Sua cura milagrosa fora reconhecida em 1978. Kleinberg sabia que houvera mais curas desde então, mas talvez o Serviço Médico não tivesse tempo para montá-las.

Kleinberg ouviu seu nome ser chamado e virou-se. A moça da imprensa avançava em sua direção.

— Dr. Kleinberg, parece que o Dr. Berryer chegará um pouco atrasado para o encontro. Encontrei um recado e entrei em contato com ele pelo telefone. O Dr. Berryer pede desculpas e garante que estará aqui dentro de 10 ou 15 minutos.

— Não tem importância — disse Kleinberg.

— Não gostaria de esperar na sala do Dr. Berryer? Levarei Madame Levinson às salas de exame e radiografia, onde a encontrará depois da entrevista. Feito isso, terei de deixá-los.

— Obrigado, Mademoiselle Demaillot.

Kleinberg foi conduzido à sala do Dr. Berryer e observou-a se retirar. Assim que ficou sozinho, largou sua maleta médica em cima da mesa e tornou-a examinar o local. Sentiu-se surpreso ao verificar como a sala do Dr. Berryer era pequena e espartana. Não tinha mais que 2,5 x 2,5 metros, uma mesa e uma cadeira, duas cadeiras para visitas, uma estante atulhada. Tudo perfeitamente

arrumado. Kleinberg notou um espelho e postou-se na frente para verificar se estava apresentável. Franziu o rosto para o recuo crescente dos cabelos castanhos, o pequeno nariz adunco parecendo mais proeminente pelas faces encovadas. Os olhos empapuçados haviam sido conquistados e não constituíam um problema, o queixo saliente ainda era um queixo aos 41 anos. Ele ajeitou a gravata de tricô, empinou os ombros estreitos, concluiu que estava tão apresentável quanto jamais ficaria.

Instalou-se numa cadeira para aguardar o anfitrião atrasado e descobriu um sentimento de inquietação, que não experimentara lá fora. Havia sido os mostruários na ante-sala que o deixaram um tanto transtornado, todos aqueles milagres, anticientíficos e estranhos à sua natureza. Ele se perguntou como era possível que alguém como o Dr. Alexis Carrel pudera suportar algo assim.

O Dr. Carrel fora severamente criticado por seus colegas cientistas por dispensar atenção a um centro religioso que alegava milagres e por ter confessado que talvez tivesse testemunhado pessoalmente um milagre. Os colegas de Carrel na ciência — pessoas que antes o respeitavam como um professor da faculdade de medicina na Universidade de Lyon — viraram-se contra ele por ter conferido credibilidade a Lourdes e uma consideração séria às curas inexplicáveis que lá ocorriam. E condenaram-no como "um pietista crédulo".

O Dr. Carrel defendera o seu interesse pelos supostos milagres através da imprensa: "Esses fenômenos extraordinários são de grande interesse biológico, além de religioso. Considero toda campanha contra os milagres de Lourdes injustificada e oposta ao progresso da ciência médica, em um dos seus aspectos mais importantes."

Relendo a controvérsia, tantos anos depois, Kleinberg pudera constatar que Carrel fora incerto em relação às curas em Lourdes, incorrendo na ira da comunidade clerical, da mesma forma que provocara a comunidade científica. Por um lado, Carrel se mostrara decepcionado com o Serviço Médico: "Há um rosário na mesa de exame, mas nenhum instrumento médico." Carrel se mostrara igualmente decepcionado com um dos antecessores do Dr. Berryer, o Dr. Boissarie, que publicara livros de grande sucesso sobre os seus estudos médicos das curas. "Ele escreveu essas obras como se fosse um padre ao invés de um médico", protestara Carrel. "Entregou-se a considerações devotas, ao invés de observações científicas. Absteve-se de análises rigorosas e deduções objetivas."

Mas a súbita — e milagrosa? — cura de uma garota francesa, Marie Baïlly, afastara a maioria de suas restrições. E tentara defender o que testemunhara perante a comunidade científica: "Ao risco de chocar tanto os crentes como os incrédulos, não discutiremos a questão da fé. Em vez disso, diremos que não faz muita diferença se Bernadette foi um caso de histeria, um mito ou uma louca.

(...) A única coisa que importa é analisar os fatos; podem ser investigados cientificamente; existem num reino que não se situa na interpretação metafísica. (...) A ciência, é claro, deve se manter em guarda constante contra o charlatanismo e a credulidade. Mas é também o dever da ciência não rejeitar as coisas simplesmente porque parecem extraordinárias ou porque a ciência é impotente para explicá-las."

Tais palavras partiam de um homem que se tornara um gigante no Instituto Rockefeller de Pesquisa Médica, ganhara o Prêmio Nobel em 1912 por seus trabalhos sobre suturas em vasos sanguíneos e fizera experiências em 1935 com um coração artificial, projetado por Charles Lindbergh.

Sentado ainda no sossego da sala do Dr. Berryer no Serviço Médico, Kleinberg fechou os olhos. *Não rejeite as coisas simplesmente porque parecem extraordinárias.* As próprias palavras do Dr. Carrel. Kleinberg sentiu-se imediatamente mais relaxado, menos perturbado com os milagres anunciados na ante-sala e com a sua presença no *playground* da Virgem Maria, o lugar em que deveria confirmar a cura milagrosa de uma mulher chamada Edith Moore.

Kleinberg ouviu a maçaneta da porta virar e levantou-se para deparar com um homem mais velho, meio atarracado, expressão preocupada.

— Dr. Kleinberg? — disse o homem, estendendo a mão. — Sou o Dr. Berryer e tenho o maior prazer em conhecê-lo. Perdoe o atraso, mas problemas burocráticos podem às vezes absorver mais tempo do que a medicina.

— Não há necessidade de se desculpar — respondeu o Dr. Kleinberg, afavelmente. — Tenho a maior satisfação de estar aqui.

— Sente-se, por favor — disse o Dr. Berryer, contornando a mesa e examinando rapidamente, ainda de pé, os recados que o esperavam.

Kleinberg tornou a sentar-se e esperou, enquanto o chefe do Serviço Médico empurrava os recados para um canto e acomodava-se numa cadeira giratória.

— Fico contente que tenha podido vir, sabendo como deve estar ocupado — comentou o Dr. Berryer.

— Repito: estou muito satisfeito.

— É a sua primeira visita a Lourdes?

— Infelizmente, sim.

— O exame da Sra. Moore hoje não deve consumir muito do seu tempo. Terá tempo para dar uma volta. Conhece alguma coisa sobre Lourdes?

— Muito pouco, apenas o conhecimento de um leigo. Li uns poucos artigos a respeito. É claro que li também o relatório do Comitê Internacional sobre a Sra. Moore. E li o que o Dr. Alexis Carrel escreveu sobre a sua visita.

— Pobre Carrel... — murmurou o Dr. Berryer, com um sorriso forçado. — Pelo resto de sua vida, depois que saiu daqui, ele oscilou entre a crença e a descrença pelo que testemunhou.

— O que é compreensível, para um homem da ciência.

— Eu nunca tive qualquer problema para conciliar religião e ciência. Pasteur também não teve qualquer dificuldade. Nem Einstein. Seja como for...

— Ele cruzara as mãos sobre a mesa. — ... como resta pouco tempo antes que a Sra. Moore chegue e fique ocupado com ela, talvez seja melhor eu fazer um breve relatório da maneira como funcionamos aqui... em termos médicos... científicos... a fim de que possa se sentir mais à vontade.

— Eu ficaria mesmo satisfeito em saber o que for possível.

— Deixe-me falar um pouco sobre o processo em que está especificamente envolvido, o processo de confirmação de curas. Está a par desse processo?

— Apenas vagamente — respondeu Kleinberg. — Seria interessante saber mais.

— Serei breve. É importante para que tenha uma compreensão melhor do motivo pelo qual o chamamos no caso de Edith Moore e sua cura súbita.

— Sua cura milagrosa — disse Kleinberg, contraindo os lábios numa expressão jovial.

Os olhos do Dr. Berryer, quase afundados nas órbitas, fixaram-se atentamente no visitante. O tom tornou-se menos coloquial e mais pedagógico.

— Não estou aqui para definir uma cura em Lourdes como milagrosa. Como um médico, posso apenas definir uma cura como excepcional. Compete à Igreja decidir se qualquer cura está relacionada com uma intervenção divina, que pode ser reconhecida como um sinal de Deus. Nossos médicos declaram que uma cura é inexplicável no reino da ciência. Nossos clérigos confirmam que pode ser explicada como a obra de Deus. No Serviço Médico, estas são as regras básicas.

— Compreendo.

— A Igreja sempre foi menos generosa do que os nossos médicos em suas alegações. Desde o tempo de Bernadette até hoje, a Igreja só declarou menos de 70 curas como genuinamente milagrosas. Mas nossos médicos, mesmo depois de exames rigorosos, foram mais generosos ao anunciarem curas excepcionais. Houve até agora cerca de quatro mil curas confirmadas. Em torno de 60 vezes mais curas do que milagres. Não sei explicar por que todas não foram qualificadas como milagres. O clero tem seus próprios padrões. Milhões e milhões de visitantes têm vindo a Lourdes desde 1858 e a maioria é de peregrinos procurando conforto espiritual ou turistas desejando satisfazer a sua curiosidade. O número de inválidos reais que chegam a cada ano representa uma pequena minoria. As estatísticas podem ser resumidas da seguinte forma: uma cura médica para cada 500 pacientes que chegam aqui, um milagre para cada 30 mil pacientes que se apresentam.

Escutando, Kleinberg percebeu que a voz do Dr. Berryer se tornara

monótona, perdera as inflexões, assumindo o jeito de uma preleção apresentada muitas vezes.

— Vamos aos critérios que regem uma cura — continuou o Dr. Berryer. — A doença deve ser grave, inevitável, incurável. A doença deve também ser orgânica e não funcional. Uma doença orgânica envolve uma lesão em nível orgânico, enquanto uma doença funcional...

O Dr. Kleinberg interrompeu-o, um pouco contrariado. Estava sendo tratado como um leigo e não como um colega médico.

— Conheço os seus critérios, doutor.

O Dr. Berryer ficou aturdido por um momento, com o abalo de sua rotina verbal. E balbuciou:

— Hã... sim, sim... é claro... o sarcoma da Sra. Moore... uma doença orgânica, certamente... e uma cura permanente. A última cura de sarcoma na bacia que tivemos, antes da Sra. Moore, data de 1963. Não tenho a menor dúvida... e com toda certeza, como um especialista nessa área, há de concordar... que a cura de tal sarcoma não será tão excepcional no futuro, à medida que a medicina progredir.

Kleinberg assentiu.

— Já está havendo progressos. O Dr. Duval, em Paris, realizou experiências bem-sucedidas em animais para conter e curar o sarcoma medicamente.

— Exatamente, Dr. Kleinberg. Houve uma ocasião em que a medicina nada podia fazer contra a tuberculose. Hoje, no entanto, há meios médicos de tratar a tuberculose. Assim, é uma doença grave que depende menos da gruta. Mas, no estágio atual da ciência, muitos doentes continuam a procurar a gruta, recorrendo às orações e à água da fonte como um meio de recuperação. Edith Moore, com seu sarcoma, foi uma pessoa assim. — O Dr. Berryer fez uma pausa. — Sabia que ela foi curada por uma visita aos banhos, na segunda vez em que veio a Lourdes? A cura instantânea foi confirmada por 16 médicos, tanto era Londres como em Lourdes. Sabia disso?

— Sabia.

— Falarei agora sobre o processo subsequente. Primeiro, o Serviço Médico aqui. No começo, não existia o Serviço Médico. Havia o Dr. Dozous, ajudado pelo Professor Vergez, de Montpellier, para definir todas as alegações de curas. Doze casos foram estudados e sete foram considerados, pela comissão canônica instituída pelo Bispo Laurence, em 1862, como curas que podiam ser atribuídas à intervenção de Deus. A palavra milagre não era então usada para esses casos. Depois disso, à medida que aumentaram os visitantes a Lourdes, à medida que mais pacientes alegaram curas, era necessário tomar providências mais efetivas. O Dr. Saint-Maclou, que se instalara aqui, criou um centro de recepção para médicos visitantes, que examinariam as curas. Isso aconteceu em

1874 e o centro foi chamado de Departamento de Verificações Médicas. Gradativamente, esse departamento foi sendo ampliado, até se tornar o Serviço Médico atual. Pouco depois de 1947 foi instituído o Comitê Médico Nacional, que em 1954 se tornou o Comitê Médico Internacional, o mesmo para o qual foi convidado no início deste ano.

— E o Comitê Médico Internacional tem a última palavra?

— Em termos médicos, sim. O processo transcorre da seguinte maneira... nosso Serviço Médico em Lourdes confirma uma cura e encaminha o dossiê ao Comitê Internacional. Há cerca de 30 membros no comitê, médicos de dez países diferentes, todos designados pelo Bispo de Tarbes e Lourdes. Reúnem-se um dia por ano, como aconteceu recentemente. O dossiê de Edith Moore foi apresentado nessa ocasião. Os médicos discutiram-no longamente. Houve uma votação, com uma maioria de dois terços sendo geralmente o suficiente para aprovação. Depois disso, o dossiê foi devolvido ao bispo de Tarbes e Lourdes. Como a diocese da Sra. Moore é em Londres, o dossiê aprovado foi enviado ao bispo de lá. Este, por sua vez, designou uma comissão canônica para julgar se a cura da Sra. Moore foi milagrosa. Como sabe, a cura da Sra. Moore foi aprovada em todos os estágios do processo...

— Eu já sabia.

— ...mas não foi oficialmente anunciada porque o Comitê Internacional não contava com um especialista em sarcoma na sua reunião. O senhor foi convidado, mas estava ausente. O Dr. Duval também foi convidado, mas não pôde comparecer, de tão ocupado com as suas experiências. O Comitê Internacional aprovou a cura, na dependência de sua confirmação do julgamento. Ao invés de se reunir novamente o comitê, ficou acertado que o anúncio oficial poderia ser feito simplesmente se o senhor viesse a Lourdes e examinasse a Sra. Moore.

— Pois estou aqui, disposto a fazê-lo — declarou Kleinberg. O Dr. Berryer olhou para o relógio digital branco em cima de sua mesa.

— Marquei um encontro com Edith Moore aqui. Ela deverá estar na sala de exame dentro de meia hora. — Ele levantou-se. — Sei que estudou o relatório sobre o caso, mas era apenas um sumário. Talvez prefira examinar agora o diagnóstico de cada médico envolvido.

— Seria bastante útil — disse Kleinberg, levantando-se, também, enquanto o Dr. Berryer ia até a estante e pegava um punhado de pastas.

— Eu o levarei à sala de exame e o deixarei com este material. Terá tempo suficiente para estudá-lo antes da chegada da paciente.

Kleinberg acompanhou o Dr. Berryer até a sala de exame. O ambiente era austero. Entre a mesa de exame, estofada em couro, e um armário de madeira, encostado na parede, contendo instrumentos médicos, Esther Levinson

estava sentada numa cadeira, folheando uma revista francesa. Quando os dois entraram, ela se levantou. Kleinberg apresentou-se ao chefe do Serviço Médico.

Além da porta, o Dr. Berryer entregou as pastas a Kleinberg e disse:

— Aqui está, para o seu prazer. Avise-me quando terminar, por favor.

— Está certo.

— O Dr. Berryer estava com a mão na maçaneta da porta aberta, prestes a se retirar, quando se virou, hesitante. Olhou para as pastas nas mãos de Kleinberg e depois fitou-o nos olhos. Soltou uma tosse seca e finalmente disse:

— Deve compreender a importância deste caso, doutor. O Padre Ruland, que representa o bispo e o próprio Vaticano aqui em Lourdes, acha que seria de grande valor se fosse possível anunciar a cura milagrosa da Sra. Moore durante este emocionante Momento da Reaparição, um milagre confirmado, um presente para acolher o retorno da Abençoada Virgem. Portanto... — Ele hesitou mais uma vez e acabou acrescentando: — Espero que julgue os relatórios que lhe entreguei... e eu diria que se trata de um caso líquido e certo... exclusivamente por seu mérito científico.

As sobrancelhas de Kleinberg se altearam.

— E de que outra forma eu poderia julgá-los? Sem pestanejar, o Dr. Berryer respondeu:

— O que quer que digamos, estamos lidando com um caso que minha Igreja considera uma cura milagrosa. E... sei que as pessoas de sua fé não acreditam muito em milagres. Seja como for, tenho certeza de que vai se ater aos fatos.

Com isso, ele saiu da sala, fechando a porta. O rosto do Dr. Kleinberg assumiu uma expressão sombria, enquanto olhava para a porta.

— Pessoas de sua fé... — arremedou ele. — Ouviu isso, Esther?

Ele virou-se para ver que Esther estava com o rosto vermelho.

— Ouvi, sim. Talvez devesse dizer a ele que alguém de sua fé, um homem chamado Moisés, esteve envolvido em alguns milagres.

— Não importa. Quem vai se preocupar com um médico do interior de mentalidade tacanha como Berryer? Vamos estudar estes relatórios, examinar a Sra. Moore e sair daqui o mais depressa possível.

Minutos mais tarde, pensando no que acontecera, Kleinberg tentou perdoar Berryer, lembrando que o Dr. Alexis Carrel, embora não fosse um fanático, era um ardoroso ariano e acreditava na supremacia de raça.

Transcorreu uma hora e meia. O Dr. Paul Kleinberg ainda estava sentado na sala de exame, sozinho, estudando mais uma vez os relatórios médicos de antes e depois sobre o tumor maligno de Edith Moore, enquanto ela se encontrava na sala ao lado, concluindo os seus novos exames e radiografias.

Fascinado, Kleinberg leu os relatórios de diagnóstico sobre o osteosarcoma do íliaco esquerdo da Sra. Moore. Estava tudo ali, nas

microfotografias aparentemente incontáveis, exames de sangue, biopsias, radiografias. Lá estava o sarcoma destrutivo... e depois não estava mais, um desaparecimento total da infiltração da medula e a reconstituição dos elementos do osso.

Era mesmo espantoso. Em todos os seus anos de exercício da medicina, Kleinberg nunca vira uma cura espontânea assim.

Absolutamente milagroso... até mesmo para uma pessoa de sua fé.

Ele largou os relatórios, satisfeito com a simpática e insípida inglesa. Nada mais restava, exceto o exame final e um novo jogo de radiografias. E tudo estaria terminado. Poderia confirmar ao Dr. Berryer e ao sacerdote chamado Padre Ruland que Deus estava do lado deles, no final das contas, podiam anunciar seu milagre com fanfarras para o mundo inteiro. Com essa publicidade e o presumido retorno da Virgem Maria a Lourdes, eles teriam não cinco milhões de fiéis chegando a Lourdes no ano seguinte, mais seis ou sete milhões, no mínimo.

A porta se abriu e Kleinberg levantou-se quando a Sra. Moore entrou, prendendo o cinto na cintura da saia, afivelando-o.

— Está tudo acabado e tenho certeza de que se sente satisfeita — comentou Kleinberg, sem saber o que mais dizer a uma pessoa contemplada com um milagre.

— Estou mesmo satisfeita que tenha acabado — disse ela, com um suspiro feliz. O semblante afável estava um pouco corado e era visível que reprimia uma considerável emoção anterior. — A Srta. Levinson disse que todas as radiografias estarão prontas dentro de cinco ou dez minutos.

— Ótimo. Darei uma olhada, depois informarei ao Dr. Berryer e prepararei meu relatório. Não precisa ficar esperando por aqui.

Tenho certeza de que o Serviço Médico entrará em contato assim que tudo terminar. Obrigado, Sra. Moore, por suportar todo esse desconforto por uma última vez.

Ela pegou o seu casaco de verão num gancho na parede.

— Pode estar certo de que o prazer foi meu. Agradeço por tudo. Adeus, Dr. Kleinberg.

Esther Levinson chegou com as novas radiografias, acendeu as luzes do mostrador na parede e pendurou as quatro. Kleinberg levantou-se e, com um olho experiente, estudou os negativos, enquanto Esther pairava perto, aguardando sua aprovação.

— Esta aqui — disse ele, apontando para a terceira. — Não está boa, um pouco desfocada. Ela deve ter-se mexido.

— Ela não se mexeu absolutamente — garantiu Esther. — É muito profissional. Já tirou um milhão de radiografias. A Sra. Moore estava em posição, perfeitamente imóvel.

— Não sei... — murmurou Kleinberg. — Vamos fazer uma coisa. Remova todos os demais negativos, com exceção deste aqui. E pendure duas outras das radiografias antigas, da mesma área do ilíaco depois da cura. Vai encontrá-las nas pastas em cima da mesa.

Enquanto a enfermeira ia vasculhar as pastas, Kleinberg continuou a estudar as novas radiografias. Não demorou muito para que Esther estivesse outra vez ao seu lado, tirando três negativos e substituindo-os por radiografias anteriores, para propósitos de comparação.

Quando ela terminou e se afastou para o lado, Kleinberg inclinou-se para mais perto das radiografias iluminadas. Estudou-as em silêncio, estalando a língua várias vezes. Empertigou-se finalmente e disse:

— Tenho certeza de que está tudo bem, mas gostaria de ter uma radiografia melhor deste ângulo em particular. Talvez eu esteja sendo perfeccionista demais, mas quando se está lidando com um milagre suposto é preciso conferir meticulosamente os seus resultados.

— Podemos radiografá-la outra vez, se é isto o que deseja. Kleinberg assentiu.

— E justamente o que eu quero, Esther. Apenas para haver certeza absoluta. Teremos uma radiografia melhor e poderemos honestamente coroar a nossa paciente como uma mulher milagrosa. Procure a secretária de Berryer. Ela saberá onde localizar a nossa paciente. Mande-a pedir à Sra. Moore para voltar aqui às duas horas, a fim de tirar outra radiografia. Pode fazer isso para mim?

— Já estou indo.

— Eu a encontrarei na ante-sala dentro de poucos minutos.

Vamos dar uma olhada pela cidade e depois eu a levarei para almoçar. Voltaremos para cá, cuidaremos da Sra. Moore e depois partiremos direto para Paris. Está bom assim?

— Está ótimo — respondeu Esther, exibindo um dos seus raros sorrisos.

Mikel Hurtado acordou com um sobressalto. Alguma coisa roçara seu rosto, tocara seus lábios e o arrancara de um sono profundo. Quando abriu os olhos, deparou com Natale ajoelhada por cima dele, beijando-o pela terceira vez.

Estendendo as mãos para ela, a fim de puxá-la de encontro ao seu corpo, Hurtado descobriu que ela sabia instintivamente que ele faria isso e se afastara. Natale retirou-se para o seu lado da cama, tateando à procura dos óculos escuros na mesinha-de-cabeceira. Depois de encontrá-los e ajeitá-los no rosto, ela saiu da cama e levantou-se.

— Está acordado, Mikel?

— Pode apostar que sim.

— Eu só queria ter certeza, pois preciso lhe dizer uma coisa... eu o amo.

Ele estava sentado agora, contemplando-a. Natale era uma visão incongruente. Estava totalmente nua, da cabeça aos joelhos — o resto escondido pela cama — o corpo firme e impecável parecia reluzir. E usava óculos escuros.

— Eu também a amo — disse ele, suavemente.

Ela bateu e encontrou um sutiã e uma calcinha mínima na cadeira.

— Você é o amante mais maravilhoso do mundo.

— Como sabe disso? — indagou Mikel, em tom provocante.

— Simplesmente sei. E sei também como gostei de você. Sei quando estou feliz.

A visão dos seios balançando e dos mamilos marrons, o umbigo na barriga lisa e o triângulo de cabelos púbicos entre as coxas generosas começavam a excitá-lo.

— Volte para a cama, Natale.

— Eu bem que gostaria, meu querido, mas não posso agora. Mais tarde. Primeiro, o que vem primeiro...

— E o que será?

— Tenho de tomar um banho e me vestir, Mikel, depois ir para a gruta e rezar. Que horas são?

Ele pegou o relógio.

— Passa um pouco das dez e meia da manhã.

— Terei de me apressar. Rosa me leva à gruta às 11:15.

— Rosa?

— É uma amiga de minha família em Roma que vem a Lourdes todos os verões como uma voluntária. Ela está me ajudando.

Hurtado recordou nesse instante o que estava pensando antes de adormecer.

Primeiro, o que vem em primeiro lugar. Ele também tinha uma prioridade e uma ideia de como realizá-la.

— Eu a levarei até a gruta, Natale. Iremos juntos.

— Eu bem que gostaria, mas... E a polícia, Mikel? Talvez seja melhor você se manter longe dos guardas ou mesmo deixar a cidade.

— A polícia está enganada. Devo lhe contar o que está acontecendo.

Ele não podia contar a verdade, que estava ali para destruir o que tanto significava para ela. Contudo, raciocinou Hurtado, ela não precisava da gruta para realizar suas esperanças. Tinha fé. Isso era suficiente. Ela também não precisava saber o papel dele no que ocorreria em breve. Ele estava disposto a inventar alguma história para Natale, um erro de identidade, alguma indicação falsa de um inimigo, qualquer coisa assim.

— Deixe-me explicar...

— Não precisa me explicar nada — declarou ela, firmemente. — Já lhe disse isso antes. Não preciso saber coisa alguma. Confio em você. Ainda quer me

levar à gruta? Acha que é seguro?

— Claro que é. Ontem eu não queria ser interrogado em meu quarto. Mas é seguro agora.

E ele acreditava realmente nisso. Tinha certeza de que López, independente de tudo o mais que tivesse feito, não fornecera à polícia de Lourdes uma descrição sua. Obviamente, López queria apenas assustá-lo, não que fosse preso.

— Pois então iremos juntos. Posso deixar um bilhete para Rosa na porta...

— Posso escrevê-lo para você.

— Está certo. Escreva o seguinte: "Rosa querida, um amigo levou-me à gruta. Vá encontrar -me lá. Natale." E agora é melhor eu tomar um banho e me vestir.

Ele observou-a se encaminhar para o banheiro. Primeiro o que vem em primeiro lugar, Hurtado lembrou a si mesmo.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você, Natale? Sua bolsa de viagem está na mesa. Tem na frente algumas garrafas de plástico e uma vela. Vai levar essas coisas para a gruta?

Ela estava na porta do banheiro.

— Eu pretendia arrumar tudo isso na bolsa. Quero acender minha vela. E encher as garrafas com a água da fonte, a fim de levar para os meus parentes.

O coração de Hurtado se acelerou.

— Terei o maior prazer em arrumar tudo para você.

— Não se incomoda?

— Claro que não. Escreverei o bilhete para Rosa e arrumarei a bolsa. Mais alguma coisa?

— Continue a me amar — disse ela, jovialmente, fechando a porta do banheiro.

Por mais tentado que se sentisse a ir atrás dela, trazê-la de volta à cama e amá-la como nunca antes amara outra mulher, Mikel Hurtado se conteve.

Depois de ouvir a água da banheira correndo, Hurtado saiu da cama. Escreveu o bilhete para a mulher chamada Rosa. Ajoelhou-se, tirou de baixo da cama a sua mala, abriu-a. Ternamente, retirou os pacotes contendo as bananas de dinamite, detonador, relógio e fios, levando para a mesa. Conforme planejava — e torcia para que fosse possível — ajeitou tudo dentro da bolsa de vó de Natale. Pôs por cima uma sacola de compras dobrada, cobrindo com a vela grande e as garrafas de plástico. Puxou o zíper da bolsa.

Estava fumando, esperando, quando ela saiu do banheiro, de sutiã e calcinha. Interceptou-a no caminho para o armário, abrançando-a e beijando-a ardentemente.

— Oh, Mikel, eu o quero tanto... — balbuciou Natale, embora se

desvencilhasse. — Mas vamos deixar para depois. É melhor eu me vestir logo.

— Mais tarde — concordou ele. — Vou me aprontar também. Ele pegou o *kit* de viagem na mala e foi para o banheiro. Depois de escovar os dentes e fazer a barba, tomou um banho rápido, enxugou-se, penteou os cabelos, vestiu-se.

— Está pronto, Mikel?

— Já estou indo.

Ele saiu do banheiro alguns segundos depois e viu-a a tatear pela mesa. Pegou a bolsa antes que ela a alcançasse.

— Já estou com a sua bolsa. E com o bilhete para Rosa. — Com a mão livre, Hurtado pegou-a pelo braço e acrescentou: — E agora vamos para a gruta.

— Dez minutos depois, ao se aproximarem da rampa que levava ao domínio, ele já tinha o seu plano inteiramente definido.

A polícia formara outra vez uma barreira no alto da rampa e só detinha os peregrinos e turistas que carregavam alguma coisa, revistando cada embrulho ou bolsa, antes de permitir a passagem do visitante. Atravessando a rua, Hurtado disse a Natale:

— Teremos de entrar numa fila aqui e passar pela inspeção da polícia.

— E não haverá problemas? — sussurrou Natale.

— Absolutamente nenhum.

Era o que ele esperava.

Avançavam lentamente, cada vez mais perto de dois dos guardas. Aquele era o momento para executar o que planejava. Ele tornou a pegar o braço de Natale.

— Querida, importa-se se eu a deixar por alguns segundos? Esqueci o cigarro... e embora eles não gostem que se fume lá embaixo, eu me sentiria melhor com um maço no bolso. Segure a sua bolsa por um instante. Atravessarei a rua rapidamente até o café no outro lado. E a alcançarei ainda na rampa. — Ele entregou-lhe a bolsa, acrescentando: — Só faltam dez passos antes de você alcançar a barreira da polícia.

— Está bem, Mikel — disse Natale, segurando a alça da bolsa. Ele afastou-se rapidamente, recuando pela fila de visitantes,

procurando se manter num ponto de onde teria uma visão total da inspeção policial. Se alguma saísse errada, ele não sabia o que poderia fazer por Natale. Mas sentia que não haveria qualquer problema. A polícia, como a maioria das autoridades, tinha uma fraqueza por algumas aflições humanas.

Ele esticou o pescoço para manter Natale em seu campo de visão. Não demorou muito para que a visse parada diante dos dois policiais, segurando a bolsa. E viu-a esticando a mão, a fim de verificar se já alcançara a barreira policial. Os dois guardas observaram-na por um instante, baixaram os olhos para a bolsa, depois subiram para seu rosto. Hurtado viu um guarda acenando com a mão diante dos olhos, obviamente indicando que a moça era cega. E viu o outro

guarda balançar a cabeça em concordância, pôr a mão no ombro de Natale e mandá-la seguir adiante, sem examinar a bolsa.

Hurtado respirou fundo, aliviado.

Poucos minutos depois, ele estava diante dos guardas, de mãos vazias. Eles o fitaram e um acenou para que seguisse em frente. Apesar da pedrinha no sapato e do consequente claudicar, Hurtado desceu rapidamente pela rampa. Alcançou Natale quase na base.

— Aqui estou. — Ele tornou a pegar a bolsa. — Está tudo bem?

— Obrigada por pegar a bolsa — disse ela. — Eu não sabia que ficaria tão pesada.

— A culpa é minha — disse Hurtado, jovial. — Pus uma máquina fotográfica e um binóculo por baixo de suas coisas. Queria tirar algumas fotografias e examinar melhor toda a área do domínio. Um dia, Natale, você poderá ver também pelas duas coisas.

— Se a Virgem Abençoada atender às minhas orações — murmurou ela, indecisa. — De qualquer maneira, você deverá me contar o que vê.

— Está bem.

Hurtado sentia-se exultante agora que haviam conseguido passar com os explosivos. Estava mais próximo de seu objetivo e do sucesso. Guiando Natale na direção da gruta, ele constatou que o lugar enxameava de fiéis. E havia guardas até mesmo ali. Tinha certeza de que poderia subir ao morro depois da gruta e lá esconder os explosivos. Mas seria impossível, à luz do dia, colocá-los por trás da imagem da Virgem Maria, estender os fios e ligar ao detonador. Teria que voltar depois que escurecesse, por volta de meia-noite, quando os fiéis estivessem dormindo e os guardas se encontrassem de folga.

Lá na frente, num dos últimos bancos diante da gruta, Hurtado avistou uma mulher idosa levantar-se e afastar-se. Levou Natale apressadamente para o banco e instalou-a no lugar vago. Informou a Natale exatamente onde a sentara e sua posição em relação à gruta.

— Fique sentada aqui, rezando. Levarei a bolsa e acenderei sua vela. E enchei as garrafas com a água.

— Você é maravilhoso, Mikel.

— Faço isso por todos os meus amores — murmurou ele, jovialmente, inclinando-se e beijando-a de leve nos lábios. — Voltarei num instante.

Lentamente, sem maiores dificuldades, ele avançou através da multidão para o outro lado da gruta. Ninguém prestava atenção a qualquer outra coisa que não fosse a caverna na encosta. Foi quase fácil demais se afastar, fingir-se interessado pela folhagem, subir devagar, inspecionando as plantas, gradativamente desaparecer por trás de algumas árvores.

Hurtado continuou a subir por mais alguma distância, até que a própria gruta ficou escondida de seu campo de visão. Procurou a depressão por trás do

carvalho grande que encontrara anteriormente. Estava cheia de folhas caídas e gravetos. Largando no chão a bolsa de Natale, ele ajoelhou-se e pôs-se a retirar os detritos da depressão com as mãos. Ficou satisfeito quando terminou. O buraco era bastante profundo para caber e esconder seu equipamento.

Tirando as garrafas e a vela da bolsa de Natale, ele pegou cuidadosamente os seus pacotes, com a dinamite, detonador, relógio, fios e fita adesiva, assim como a sacola de compras. Olhou ao redor para verificar se alguém por acaso não o teria seguido ou se havia pessoas nas proximidades, mas constatou que se encontrava sozinho ali. Retornou ao trabalho, ajeitando os pacotes na depressão e cobrindo com a sacola de compras dobrada. Rapidamente, tornou a pegar os detritos ao lado do buraco, folhas mortas, gravetos, espalhando por cima da sacola de compras, até que os explosivos e outros materiais ficassem completamente ocultos.

Levantando-se, examinou o trabalho. Parecia perfeitamente normal, como se fosse arrumado pela própria natureza. Hurtado tornou a guardar as garrafas e a vela na bolsa. Depois, com uma das mãos, removeu da calça e casaco todos os resquícios da folhagem. Tomando todo cuidado para não perder o equilíbrio, começou a descer, registrando todos os pontos de referência óbvios que o guiariam durante o seu retorno, à noite.

Quando saiu do morro, tinha certeza de que quase ninguém o vira; e se alguém reparara, não teria muita curiosidade pelo amante da natureza e maníaco por exercício. Pronto para se fundir com a multidão em torno da gruta, ele lembrou-se da bolsa em sua mão. Prometera a Natale que cuidaria de acender a vela e encher as garrafas de plástico. Desviou-se na direção dos banhos, avistou as fileiras de velas bruxuleantes, aproximou-se, acendeu a vela de Natale, colocando-a junto das outras. Depois, respeitosamente, encaminhou-se para uma das torneiras, diante da qual havia uma fila de peregrinos, enchendo os tipos mais variados de recipientes. Sua vez finalmente chegou. Ele abriu as garrafas de plástico vazias de Natale, diversas no formato da Virgem Maria, encheu-as uma a uma com a água supostamente curativa. Fechou as garrafas e tornou a guardá-las na bolsa.

Tudo o que restava agora era voltar para junto de Natale e levá-la de volta ao hotel para almoçar.

Esgueirando-se entre as pessoas concentradas diante da gruta, ele pensou em Natale, como se sentia atraído por ela. Pensou em sua vivacidade, no corpo magnífico, na paixão intensa; subitamente, ficou impaciente em levá-la de volta ao hotel, almoçar se ela estivesse com fome, retornar ao quarto dela, para outro momento de amor memorável. Antecipando isso, ele pensou em outra coisa. Especulou quão sérias eram as suas intenções em relação a Natale, o quanto queria continuar a vê-la no futuro. Seria a mulher que sempre fantasiara e com quem esperava viver o resto de sua vida? Seria possível dedicar todos os seus

anos a uma pessoa deficiente, uma mulher que sempre seria cega? Ele não sabia, assim como não sabia se Natale estava interessada em entregar sua vida a um revolucionário basco que nunca vira — e um escritor lutando pelo sucesso. Tudo acabaria se resolvendo de alguma forma, ele disse a si mesmo.

Esperava encontrá-la no banco, como a deixara, ocupada numa prece silenciosa ou meditando por trás dos óculos escuros. Em vez disso, quando a avistou, ela estava empenhada numa animada conversa com uma mulher mais velha, vagamente familiar, um tanto alta, os cabelos pretos presos austeramente atrás da cabeça num coque, sentada ao seu lado.

Aturdido, ele se aproximou. A mulher mais velha estava agora falando, enquanto Natale escutava. Hurtado chegou perto, esperou que a mulher terminasse de falar, depois se adiantou e tocou no ombro de Natale.

— Natale, sou eu, Mikel. Já enchi todas as suas garrafas... Natale virou-se em sua direção, um sorriso no rosto erguido, estendendo a mão.

— Mikel, quero apresentá-lo a uma pessoa muito querida. A mulher com quem estou falando é Rosa Zennaro, a amiga da nossa família de Roma e a pessoa que me ajuda aqui em Lourdes.

— A pessoa para quem deixamos o bilhete — disse ele, oferecendo uma mesura e um sorriso. — Prazer em conhecê-la, Signora Zennaro.

— O prazer é meu — disse Rosa. — Natale estava me falando a seu respeito...

— Não foi tanto assim — murmurou Natale apressadamente para Hurtado, corando.

— ...e que está competindo comigo para se tornar seu *brancaràier* — concluiu Rosa.

— Tenho certeza de que isso seria impossível — declarou Hurtado. — Vi as duas absorvidas na conversa e não tinha a intenção de interromper.

— Não era nada importante — disse Rosa. — Eu apenas estava falando a Natale sobre a imagem da Virgem Maria no nicho ao lado da gruta. — Ela apontou e acrescentou: — Ali está. Não se pode errar.

Hurtado espiou com um sentimento de culpa, incapaz de admitir que a conhecia muito bem, que estivera mais perto da imagem que qualquer das duas e os planos que tinha para destruí-la.

— Estou vendo — disse ele. — É bastante atraente.

— Mas Bernadette não pensava assim, Mikel. — Natale virou-se, procurando pelo braço de Rosa e puxando-o. — Rosa, fale a Mikel sobre a imagem... ele vai se interessar.

Sem qualquer protesto, Rosa pôs-se a relatar a história pela segunda vez.

— Havia uma imagem de gesso da Virgem no nicho ao lado da gruta, ali colocada pelos habitantes da cidade. Duas irmãs de Lyon, muito devotadas à

gruta, queriam substituí-la por uma imagem maior e mais acurada da aparição que Bernadette vira. Encarregaram um conhecido escultor, Joseph Fabisch, da Academia de Artes de Lyon, de prepará-la. Fabisch veio a Lourdes, conversou com Bernadette e obteve uma descrição de como a Virgem parecia quando anunciara que era a Imaculada Conceição. Descrevendo o encontro com Bernadette, Fabisch escreveu mais tarde: "Bernadette levantou-se com a maior simplicidade. Uniu as mãos e ergueu os olhos para o céu. Eu nunca vira nada mais lindo. Nem Mino da Fiesole, Perugino ou Rafael jamais fizeram qualquer coisa tão terna e ao mesmo tempo tão profunda quanto a expressão daquela moça, tísica até as pontas dos dedos. "De acordo com as especificações de Bernadette, mas permitindo-se alguma licença de artista, Fabisch esculpiu a imagem maior em mármore de Carrara. Quando o Padre Peyramale recebeu a imagem em Lourdes e mostrou-a a Bernadette, ela exclamou: "Não, não é isso!"

Natale estava deliciada.

— Bernadette não era capaz de fingir sobre qualquer coisa!

— Bernadette não poupou críticas — continuou Rosa. — Achou que a imagem era muito alta, muito amadurecida, muito enfeitada. Disse que o escultor, ao levantar os olhos da Virgem para o céu, mas não a cabeça, deixara-a com uma papada. Mesmo assim, a imagem foi instalada no nicho, com a maior cerimônia, a 4 de abril de 1863. Bernadette não teve permissão para comparecer, presumivelmente porque as pessoas ávidas de curiosidade poderiam incomodá-la. Mas desconfio que a mantiveram afastada porque poderia se mostrar muito franca e fazer comentários negativos sobre a imagem.

— Muito curioso — comentou Hurtado, sentindo-se mais culpado do que nunca. — E agora vamos almoçar? Vai nos acompanhar, não é mesmo, Sra. Zennaro?

— Obrigada. Terei o maior prazer.

— Mikel, siga na nossa frente, por favor. Preciso de alguns momentos a sós com Rosa para discutir um problema pessoal. Irei logo atrás de você.

— Está bem — respondeu Hurtado, afastando-se.

Antes de se afastar muito, no entanto, pôde ouvir Natale e Rosa falando aos sussurros. E em inglês. Natale estava dizendo:

— Não é maravilhoso, Rosa? Daria qualquer coisa para vê-lo. Você se importaria de me dar uma ideia da aparência dele?

Rosa estava respondendo:

— Ele é feio como o pecado, uma coisa monstruosa que parece saída do pincel de Goya. Olhos esbugalhados, nariz achatado, dentes tortos e enorme como um gorila.

— Sei agora que não é verdade — comentou Natale, rindo. — Está brincando, não é mesmo?

— Claro que estou, querida. Ele é tão bonito quanto você poderia

desejar. Parece um artista...

— Ele é escritor.

— Posso acreditar. Ele deve ter quase 1,80m de altura, esguio mas forte, rosto firme, olhos escuros sentimentais, nariz comprido e alongado, lábios cheios, um queixo determinado, cabelos castanhos-avermelhados, cortados bem rente. Um ar determinado, como alguém que sabe o que quer e vai conseguir.

Escutando, Hurtado murmurou um amém, enquanto começava a subir a rampa.

Para Gisele Dupree, fora uma manhã ociosa. Não tinha qualquer grupo para guiar até o início da tarde. Assim, ficou deitada até tarde, depois resolveu se vestir e sair para resolver alguns problemas menores.

Parou na Avenue Bernadette Soubirous para comprar alguns cosméticos — lápis para os olhos, batom, creme — a fim de cumprir a sua nova resolução de voltar a se maquilar. Depois, seguiu pela Rue de la Grotte, até chegar a uma loja de artigos de couro, que exibia uma carteira vermelha que lhe agradou. Resolveu comprá-la. No último momento, quando já estava prestes a comprar comida, lembrou-se do rolo de filme que tirara dos peregrinos de Nantes, dois dias antes. Em troca de uma gratificação, haviam lhe garantido a entrega em 48 horas. Desviou-se para ir buscar as fotos coloridas, pensando em entregá-las ao grupo no hotel, depois do almoço. Guardando na bolsa o pacote com as fotografias, ela partiu para as lojas de alimentos, disposta a reduzir as despesas de almoço e jantar pelo expediente simples de comer no apartamento de Dominique pelo restante da semana.

Na pequena sala de jantar do apartamento bastante fresco, depois de esquentar um pouco de sopa de tomate, preparar uma salada de ovo e passar geleia num *croissant*, ela sentou-se com alguns exemplares acumulados de *Le Figaro*, a fim de se atualizar com as notícias já antigas. Já começara a ler quando se lembrou das fotografias e resolveu verificar se haviam saído direito, já que nunca fora uma das melhores fotógrafas do mundo. Pegando o pacote na bolsa, levou-o para a mesa, tirou as fotografias e recomeçou a comer a salada.

As fotografias do grupo, todos imóveis e posando, estavam muito boas; pelo menos nenhuma saíra desfocada. Enquanto as virava, uma a uma, contou nove fotografias. E depois, para sua surpresa, encontrou mais três fotografias, de um total estranho, um homem mais velho, isolado, parado ao sol, perto da gruta. As fotografias haviam sido tiradas em rápida sucessão, a primeira do homem mais velho simplesmente parado ao sol, as roupas grudadas no corpo, obviamente porque acabara de sair dos banhos, com a mancha do que pareciam ser as penas de um passarinho flutuando diante de sua camisa. A segunda mostrava-o a se inclinar, pegando no chão o que podia ser o passarinho, com as asas estendidas. E, finalmente, a terceira apresentava o homem ajeitando o passarinho — não, não era um passarinho, mas um bigode — no lábio superior. E

não era mais um estranho. Gisele reconheceu-o.

Era Samuel Talley, seu ex-cliente, o professor de Nova York. A recordação surgiu instantaneamente. Quando estava fotografando o grupo de peregrinos, ela vira Talley parado ali perto, sozinho. Por diversão, desviara a câmara para focalizá-lo e batera três instantâneos em rápida sucessão. Talvez tivesse feito apenas por diversão, para agradá-lo com um registro de sua visita à gruta, que podia ser vista claramente a distância, por trás dele; ou talvez tivesse algum outro motivo, agradá-lo com o objetivo de lhe arrancar mais uma gorjeta generosa. Estava ainda muito longe de chegar à escola de tradução em Paris, mas aquelas gorjetas sempre ajudavam.

Mas as fotografias de Talley eram absurdas.

Ela parou de comer, tornando a estudar cada uma, atentamente. A princípio, a sequência não fez o menor sentido. O absurdo estava no bigode, o bigode de Talley a flutuar para o chão. Era um bigode postiço. Gisele reconstituiu a cena. Ele saíra dos banhos, o bigode caíra, porque mergulhara na água. Ele se abaixara para recuperá-lo. E o grudava de volta no lábio superior.

Engraçado.

Mas também muito estranho. Ela pensara que o bigode espesso fosse autêntico. Mas podia constatar agora que era falso, um disfarce. E por que um professor sem qualquer importância, de um lugar distante, haveria de se disfarçar num lugar em que era um estrangeiro e desconhecido?

A menos, é claro, que ele não quisesse ser reconhecido, preferisse permanecer desconhecido. Portanto, era um visitante que podia ser conhecido, mas queria se manter incógnito durante a sua permanência em Lourdes.

O lado intrigante de sua mente estava agora correndo um quilômetro por minuto — uma expressão muito usada na América — a curiosidade totalmente atizada.

Por que um professor insignificante se preocuparia com a possibilidade de ser visto em Lourdes? Estaria tentando evitar alguma namorada francesa que poderia se encontrar na cidade? Estaria tentando evitar um credor local, a quem devia por uma extravagância anterior, além dos seus recursos? Ou...

Talvez ele não fosse absolutamente Samuel Talley. Talvez o nome fosse falso, assim como o bigode. Talvez ele fosse outra pessoa, alguém mais importante, alguém que, por algum motivo, não queria ser identificado em Lourdes.

Alguém importante?

— Gisele pôs de lado a segunda e terceira fotografias, concentrando-se na primeira, a que mostrava Talley sem o bigode, o homem mais velho com todo o rosto à mostra, parecendo como realmente era. Ela levantou a fotografia, estreitando os olhos, estudando atentamente o semblante eslavo. Havia milhares e milhares de rostos importantes no mundo, ela conhecia apenas uns poucos,

especialmente os de artistas e políticos que via nos jornais. Contudo, aquela fotografia em particular, do homem que dissera se chamar Talley, o homem que perdera o bigode postiço, tinha alguma coisa familiar.

Era como se já o tivesse visto em algum lugar antes.

As feições eram visivelmente eslavas, sem o bigode. Uma verruga no lábio superior. Feições eslavas num homem que lhe dissera ser americano de pais russos e que ensinava russo na Universidade de Colúmbia, mas que podia ser outra pessoa. Contudo...

Gisele piscou os olhos. Por que não russo... realmente russo?

E foi então que lhe ocorreu, como um relâmpago, o reconhecimento total.

Já vira aquele homem ou seu sócia, pessoalmente, nos jornais. Gisele vasculhou a memória recente, os meses na ONU. Isso mesmo, fora lá que vira o rosto com a verruga. Seu amante, Charles Sarrat, levara-a a uma recepção da ONU, onde encontrara o grande homem, ficara impressionada por vê-lo tão de perto. E tornara a vê-lo no dia anterior, na primeira página de *Le Figaro*.

Ela vasculhou a pilha de jornais atrasados. E na edição de anteontem, na primeira página... lá estava ele! Um dos três candidatos a substituto do primeiro-ministro doente da União Soviética. Lá estava no jornal, o mesmo rosto da fotografia colorida que ela tirara na gruta.

Sergei Tikhanov, ministro do Exterior da União Soviética.

Mas não era possível, simplesmente não era possível. Mas era, quase que certamente era.

Rapidamente, Gisele juntou os dois retratos, o que saíra na primeira página do jornal de Paris, o que tirara por diversão na gruta, comparando-os.

Não restava a menor dúvida de que se tratava da mesma pessoa. Samuel Talley, do bigode postiço, era na verdade o famoso e poderoso Sergei Tikhanov.

Santo Deus, se fosse mesmo verdade...

O lado esperto e dedutivo da mente de Gisele estava agora disparado, numa velocidade vertiginosa, alinhando as possibilidades, definindo a única possibilidade lógica.

O sucessor à liderança da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas estava doente. Como Talley, ele admitira que estava doente. Achava-se na fila para o cargo mais alto da Rússia. Mas estava doente e talvez os médicos não lhe dessem muita esperança. Por isso, ele tentava qualquer cura e Lourdes conquistara as manchetes nos últimos dias. Mas, como líder do maior Estado ateu do mundo, ele não podia permitir que se divulgasse a notícia de que se entregava a uma esperança romântica e incerta, como procurar ajuda da Virgem Maria no mais famoso santuário católico. Portanto, viera sob um pseudônimo e usando um disfarce.

Gisele recostou-se na cadeira, abalada pela enormidade de sua

descoberta.

Se fosse verdade...

A descoberta era um grande prêmio, mas tinha de ser verdadeira, confirmada, provada. Não podia haver qualquer equívoco. Sua única prova era a fotografia de Talley-Tikhanov tirada perto da gruta, o homem no instantâneo se parecia com a imagem em sua memória do ministro do Exterior soviético que vira por um instante numa recepção na ONU. Mas a memória podia ser falha, inexata. Havia também a fotografia na primeira página, bem clara, mas não totalmente, porque reproduzida em papel de jornal ordinário.

De que prova adicional ela precisava?

Para começar, uma fotografia melhor de Tikhanov, mais nítida que a do jornal, que lhe permitisse a comparação com a chapa que batera na gruta.

E mais uma coisa. A prova absoluta de que Talley, o nome, era falso, que não se tratava do seu próprio nome, mas um disfarce, tanto quanto o bigode. Se isso pudesse ser provado, que Talley não era Talley, se uma fotografia mais nítida de Tikhanov fosse igual ao homem na gruta, então não restaria mais qualquer dúvida. Ela poderia denunciar alguém que não queria ser desmascarado, a qualquer custo. Teria uma grande oportunidade, a maior em sua jovem vida.

Mas, primeiro, a prova.

Gisele analisou o próximo passo — ou melhor, os dois passos — e logo compreendeu o que tinha exatamente de fazer.

Primeiro, a fotografia mais nítida do Ministro do Exterior Tikhanov. Assim que tivesse essa prova, poderia dar o segundo passo. O primeiro, a fotografia melhor tinha de vir de algum lugar, obviamente uma agência fotográfica ou o arquivo de um jornal. O que constituía um problema. Lourdes não possuía uma agência fotográfica e seu jornal era muito pequeno e limitado para ter em seus arquivos uma pasta com fotografias do ministro soviético. Somente os grandes jornais contavam com arquivos assim. Os jornais de Marselha, Lyon ou Paris. Se pudesse entrar em contato com um desses jornais... e de repente ela teve a ideia de como fazê-lo.

Sua boa amiga, Michelle Demaillet, chefe do Serviço de Imprensa dos Santuários, poderia ajudá-la.

Gisele olhou para o relógio. Não dispunha de tempo suficiente para ir ao centro de imprensa e falar com Michelle, voltando a tempo de guiar o novo grupo de peregrinos. Mas não precisava falar pessoalmente. O telefone seria suficiente. Empurrando para o lado a salada ainda na metade, Gisele foi à sala de estar, encontrou a lista telefônica intitulada *Hautes-Pyrénées*, em que estavam relacionados os números de Lourdes e Tarbes. Descobriu o telefone do Serviço de Imprensa dos Santuários, sentou-se ao lado do aparelho e discou.

Uma voz de mulher desconhecida atendeu.

— Michelle Demaillot está? — perguntou Gisele.

— Ela está saindo para almoçar. Posso tentar alcançá-la.

— Eu ficaria agradecida. Avise a ela que é Gisele Dupree quem deseja lhe falar.

Gisele esperou e sentiu-se aliviada quando ouviu a voz de Michelle pelo telefone um momento depois.

— Olá, Michelle. Aqui é Gisele. Não quero atrasá-la para o almoço, mas preciso de um favor.

— Não há problema. O que é?

— Preciso de algumas fotografias do Ministro do Exterior soviético, Sergei Tikhonov. Preciso delas porque tenho uma boa possibilidade.

— Possibilidade de quê?

— Porque... porque... quando eu estive na ONU... lembra-se?... conheci-o pessoalmente. E agora uma revista pequena pediu-me que escrevesse um artigo a seu respeito. Mas não quer comprar sem fotografias. E me lembrei de que você poderia saber de gente da imprensa ainda vindo para Lourdes, hoje ou amanhã, pedindo então para trazer algumas fotografias de Tikhonov. É possível?

— Praticamente todo o pessoal credenciado da imprensa já chegou, mas ainda pode haver alguém... espere um instante que eu vou verificar...

Michelle deixou o telefone por 30 segundos e logo estava de volta à linha.

— Acabei de verificar, Gisele. Talvez você tenha sorte. Alguém chegará de Paris esta noite, um fotógrafo do *Paris-Match*, a fim de cobrir a movimentação aqui e se manter a postos para fotografar a pessoa que verá a Virgem Maria, se é que isso acontecerá. Posso telefonar para o *Paris-Match* e provavelmente o encontrarei lá. Você quer mesmo uma fotografia de Sergei Tikhonov?

— Isso mesmo. Uma fotografia boa e nítida do seu rosto. Pagarei o preço. Se houver mais de uma foto, melhor ainda. Pode me ligar para dar uma resposta? Aqui está o telefone em que poderá me encontrar.

Ela deu o número de Dominique.

— Está certo, Gisele. Se eu não conseguir nada em cinco minutos, liguei para informá-la. Mas se ele puder trazer as fotografias, não me darei ao trabalho de telefonar. Você saberá que as fotografias estarão aqui esta noite. Poderá buscá-las no Serviço de Imprensa por volta das oito horas. Combinado?

— Combinado. Você é maravilhosa, Michelle. Mil vezes obrigada!

Gisele desligou, pensando: um milhão de vezes obrigada. Só Deus sabia o quanto aquilo podia valer, se fosse verdade.

Ela ficou sentada ao lado do telefone, torcendo para que não tocasse. E assim continuou, aguardando, por cinco, seis, sete, dez minutos. O telefone não tocou.

Isso significava que sua amiga conseguira entrar em contato com o

Paris-Match. Isso significava que as fotografias de Tikhonov estariam em suas mãos naquela noite.

O passo um já fora dado.

Em seguida, o segundo passo. Descobrir se Talley era de fato Samuel Talley, um professor do departamento de línguas da Universidade de Colúmbia. E Gisele sabia exatamente como descobrir isso. Seu antigo amigo americano, Roy Zimborg, formara-se justamente na Universidade de Colúmbia.

Ela olhou para o relógio. Não tinha tempo para Nova York agora. Era melhor esperar até terminar o seu trabalho. Além do mais, seria terrível acordar Zimborg tão cedo em Nova York. Deveria deixar para a noite, talvez meia-noite, quando seriam seis horas da tarde em Nova York e já teria recebido as fotografias do *Paris-Match*, confirmando que se tratava da mesma pessoa que fotografara como amadora na gruta.

Gisele ficou imóvel, um sorriso espalhando-se pelo rosto. Um milagre estava acontecendo em Lourdes, no final das contas, um milagre pessoal, só seu.

Naquela noite, ela poderia estar com a passagem e o passaporte para a ONU carimbados. Não concebia como chantagem. Apenas um golpe de sorte para alguém que tanto merecia.

...17 de Agosto

Elas estavam saindo do estacionamento na Rue de Lourdes, em Nevers, onde haviam deixado o Peugeot alugado, subindo a ladeira para o Convento Saint-Gildard, o lugar de descanso final de Bernadette e o destino das duas.

No início daquela manhã, Liz Finch e Amanda Spenser haviam embarcado no voo da Air-Inter de Lourdes para Paris, alugado o carro e seguido para Nevers, em três horas. Andando agora ao calor do meio-dia, Amanda comentou:

— Acha mesmo que alguma coisa resultará desta viagem? Talvez seja tempo perdido.

Liz deu de ombros.

— Nunca se sabe. Mas, na minha profissão, não se pode perder um palpite. É preciso escavar e escavar, sempre na esperança de encontrar um filão de ouro. É claro que não espero encontrar aqui alguém como o Padre Cayoux. Mas poderemos descobrir alguma coisa... é perfeitamente possível.

Elas chegaram ao muro do convento, dois metros e meio de altura. Os portões estavam abertos. Uma freira pequena, de meia-idade, hábito cinza, saia curta, estava parada além dos portões, esperando-as. A testa larga era lisa, a pele cor de pêssego não exibia qualquer ruga, os olhos escuros pareciam inteligentes, o sorriso se mostrava gentil.

— Srta. Liz Finch? Srta. Amanda Spenser? São as americanas que estamos esperando?

— Exatamente — respondeu Liz.

— Sou a Irmã Francesca...

— Que fala um inglês perfeito — comentou Liz.

— Assim espero, já que venho de um pai americano e mãe francesa. Sejam bem-vindas ao Convento Saint-Gildard. — Ela fez uma pausa. — Soube que está escrevendo uma história sobre Santa Bernadette, Srta. Finch, e que a Srta. Spenser é sua assistente. Teremos o maior prazer em cooperar. Precisarás me dar uma ideia do que deseja saber. O Convento Saint-Gildard, é claro, foi a última habitação de Santa Bernadette neste mundo. Quer que eu lhes mostre o convento primeiro?

— Boa ideia — disse Liz. — A Srta. Spenser e eu queremos ver tudo o que se relacionou com Bernadette. Depois, gostaríamos de passar algum tempo a fazer umas perguntas.

— Espero ter as respostas para todas — disse a Irmã Francesca. — Mas vamos começar pela visita a nossas instalações.

A freira conduziu-as por um canteiro comprido de flores cor de lavanda, até que diminuiu os passos e anunciou:

— *La Grotte de Lourdes.*

Para surpresa de Amanda, elas estavam paradas na frente de uma réplica da gruta original em Lourdes, menor do que a autêntica, mas também não chegando a ser uma miniatura, criada numa encosta que acompanhava a ladeira.

— Para as missas ao ar livre — explicou a Irmã Francesca. Amanda percebeu então que, por trás delas, mas de frente para a gruta, havia fileiras de bancos para peregrinos; naquele momento muitos deixavam os bancos e saíam por uma porta lateral do muro.

— São cerca de 400 peregrinos alemães, procedentes de Colônia e Dortmund — informou a freira. — Acabaram o serviço religioso e agora atravessarão o Boulevard Victor Hugo para o nosso Abri du Pèlerin... nosso abrigo para peregrinos ou dormitório para visitantes. O grupo ficará aqui e depois seguirá para Lourdes.

Amanda estava outra vez examinando a réplica da gruta. No lado direito, superior, dentro de um nicho, estava uma imagem azul e branca da Virgem Maria.

— A placa por baixo da imagem informa que o pequeno bloco de rocha em que foi montada é um fragmento autêntico da gruta de Massabielle, em Lourdes — disse a Irmã Francesca. — Mas mostrarei agora a igreja do nosso convento e a própria Santa Bernadette.

Ela se afastara de réplica da gruta e se encaminhava para um pátio, fazendo sinal para que Liz e Amanda a acompanhassem. Passaram por uma imagem alta de mármore branco da Virgem Maria, entrando na igreja por uma porta lateral.

Lá dentro, descendo pela nave central, entre os bancos, Irmã Francesca recomeçou a falar, em voz baixa:

— Esta igreja foi construída em 1855. Foi reformada duas vezes, a última em 1972. O altar branco lá na frente é de concreto.

Exceto pelo modernismo na decoração interior da igreja, Amanda experimentou a sensação que já a visitara antes. Estivera pelo menos em 100 igrejas da Europa e eram todas invariavelmente iguais. Por cima do altar, o teto em arcada e as janelas multicoloridas. Por trás do altar, um crucifixo, um Jesus de bronze numa cruz de madeira clara. Nos seus dois lados, as fileiras de bancos de carvalho e nogueira, um punhado de fiéis, em prece silenciosa ou meditação. Liz e Amanda alcançaram os dois degraus que subiam para o altar. Pararam ali, junto com a freira que as guiava. A voz da Irmã Francesca tornou-se ainda mais baixa:

— Depois das aparições, Bernadette sentiu-se um pouco desorientada, sem saber o que fazer consigo mesma. Era verdade que finalmente frequentava a escola e servia como babá, a fira de ganhar algum dinheiro para ajudar os pais. Mas era o alvo de uma atenção constante, tanto dos vizinhos como do fluxo interminável de visitantes que chegavam a Lourdes. Não conseguia ficar a sós.

Ficava diariamente exposta a intrusos, com suas perguntas. Por volta de 1863, seus mentores decidiram que ela precisava de uma vocação e sugeriram que entrasse para alguma ordem religiosa, como uma freira.

— Talvez as pessoas da Igreja quisessem apenas afastá-la da atenção pública — disse Liz, como provocação. — A esta altura, ela já se tornava um mito, embora às vezes não se comportasse como tal. Soube que ela tinha um rasgo de obstinação e detestava a disciplina, gostava de brincadeiras e possuía um grande interesse por roupas alegres. Talvez os homens da Igreja quisessem afastá-la das ruas e do caminho. Para eles, provavelmente um convento parecia o lugar mais conveniente para interná-la.

Naquele cenário, a avaliação de Liz parecia agressiva demais; Amanda se perguntou como a freira reagiria. Mas a Irmã Francesca reagiu muito bem, comentando:

— Pode haver algum fundo de verdade nisso. Mas, na verdade, muitos conventos consideravam-na um prêmio e queriam a sua presença. Havia, no entanto, algumas reservas, porque a saúde de Bernadette era precária e sua fama podia prejudicar as rotinas. As carmelitas e as bernardinhas a queriam. Ela rejeitou as segundas, porque não gostava de suas toucas desgraciosas. E comentou, quando se decidiu pela ordem em Nevers: "Vou para lá porque não tentaram me atrair." O prefeito de Lourdes queria que ela se tornasse uma costureira, mas Santa Bernadette disselhe que preferia ser uma freira. A 4 de julho de 1866, aos 22 anos de idade, ela deixou Lourdes para sempre. Embarcou num trem, a sua primeira e última viagem de trem, chegou a Nevers e entrou em nossa ordem. Permaneceu aqui até sua morte, a 16 de abril de 1879, aos 35 anos de idade. Foi elevada à santidade em 1933. — A freira fez uma pausa, sorriu e acrescentou: — Podemos agora dar uma olhada na própria Santa Bernadette. Ela está na capela, perto do altar.

Seguindo atrás das outras duas, Amanda não podia imaginar o que esperar.

Estavam de frente para a capela, uma alcova limitada, estreita, quase árida em sua simplicidade. O teto era uma arcada gótica, as janelas altas, de um azul escuro, as três paredes de pedras cinzentas. O centro da capela estava ocupado por um caixão grande, de ouro e vidro, dentro do qual se encontrava o corpo de uma mulher, o alvo de sua busca.

— Bernadette — sussurrou a freira. Inexplicavelmente, Amanda descobriu-se atraída para mais perto do caixão. Ao se aproximar da grade baixa que protegia a capela, sua emoção fora combativa, como se estivesse prestes a enfrentar a outra mulher, a que se interpunha entre Ken e ela, a que atrapalhava a vida comum planejada. Mas agora, precedendo Liz e a Irmã Francesca para olhar atentamente o caixão, Amanda descobriu que sua ira se dissipara. Estava envolta por um senso de respeito pelo que aquela mulher, um pouco mais velha do que ela, uma camponesa ignorante, conseguira, as convicções inabaláveis que

mantivera, a força indômita de sua fé.

O caixão era adornado com ouro, os lados de vidro, repousando sobre uma base de carvalho maciço. Lá dentro, com o hábito preto e branco de sua ordem, os olhos eternamente fechados, as mãos cruzadas sobre o peito, como em oração, estava Bernadette. Parecia adormecida, em paz, depois de um dia longo e cansativo.

— É mesmo Bernadette? — perguntou Amanda, baixinho, quando Liz e a Irmã Francesca chegaram a seu lado.

— É, sim... a abençoada Santa Bernadette... isto é, com exceção do rosto e das mãos.

— Com exceção do rosto e das mãos? — repetiu Amanda, surpresa.

— São reproduções em cera de seu rosto e mãos, ajustados depois da terceira e última exumação.

— Não é de admirar que ela pareça tão suave e imaculada — comentou Liz.

— É melhor eu explicar — disse a Irmã Francesca. — A condição física de Bernadette era bastante precária por ocasião de sua morte... tinha feridas nas costas de passar tanto tempo na cama, um joelho inchado da tuberculose, os pulmões destruídos... e justamente por isso foi ainda mais extraordinário o que aconteceu em seguida. Seu cadáver ficou exposto por três dias depois da morte. E depois foi colocado num caixão de chumbo, ajeitado dentro de um caixão de carvalho, enterrado sob uma arcada numa capela no jardim. Trinta anos depois do enterro, quando se iniciavam os primeiros esforços de uma comissão episcopal para elevar Bernadette a santa, o caixão foi aberto. Isso aconteceu em 1909.

— Por quê? — perguntou Liz.

— Para se observar o seu estado — explicou a freira. — Quase todos os cadáveres comuns sofrem a putrefação. Mas uma tradição da Igreja é a de que o corpo de uma pessoa candidata à canonização escaparia à deterioração, sendo encontrado em boas condições. Pois quando se abriu o caixão o corpo de Bernadette foi encontrado em excelente estado. O relatório do médico que efetuou o exame dizia o seguinte: "A cabeça estava inclinada para a esquerda. O rosto se achava branco, meio fosco. A pele aderiu aos músculos e os músculos aderiram aos ossos. As órbitas dos olhos estavam cobertas pelas pálpebras. As sobrancelhas se encontravam intactas nas arcadas por cima dos olhos. As pestanas da pálpebra direita aderiam à pele. O nariz estava dilatado e encarquilhado. A boca estava ligeiramente entreaberta e se podia constatar que os dentes continuavam no lugar. As mãos, cruzadas sobre o peito, se achavam perfeitamente preservadas, assim como as unhas. As mãos ainda seguravam um rosário enferrujado."

— O que aconteceu em seguida? — indagou Liz.

— O corpo de Bernadette foi lavado, vestido, enterrado de novo. Houve mais

duas exumações, à medida que a santidade se aproximava, uma em 1919 e a última em 1925. O corpo foi encontrado bem preservado, um bom sinal de santidade. Mas depois de tantas exposições ao ar e à luz, o corpo começou a ficar afetado e escurecer. Por isso, tiraram-se impressões do rosto e das mãos de Bernadette e se fizeram em Paris uma máscara de cera para o rosto e capas de cera para as mãos. Admito que o artista tomou algumas pequenas liberdades... na máscara do rosto ele esticou um pouco o nariz de Bernadette, depenou ligeiramente as sobrancelhas. E acrescentou verniz às unhas nas capas para as mãos. A máscara foi ajustada, o corpo envolto por ataduras e vestido com um hábito novo. Bernadette estava pronta para ser mostrada ao mundo. Ela tem repousado aqui desde então. Se há mais alguma coisa que desejem saber...

— Tenho algumas perguntas — declarou Liz, firmemente. Um homem com uma braçadeira entrou na capela nesse

momento, procedente da área do altar e levantou uma fotografia sobre o caixão. Retirou-se poucos segundos depois.

— O que foi isso? — indagou Amanda.

— Provavelmente uma súplica — respondeu a Irmã Francesca. — Algum peregrino trouxe a fotografia de um ente amado que está doente, esperando obter uma cura. Um guia concordou em trazê-la para junto do caixão, a fim de ser abençoada, de certa forma, pela proximidade de Bernadette. A freira fez uma pausa, olhando para Liz e depois indagando: — Tem alguma pergunta a fazer?

— Tenho, sim.

— Muito bem. Acho que será melhor eu tentar respondê-las fora da igreja. Não causará qualquer incômodo. Vamos voltar ao pátio.

No momento em que deixaram a igreja e retornaram à luz do sol, parando junto da imagem da Virgem Maria, Amanda tinha uma pergunta sua a fazer, antes de Liz iniciar o seu prometido interrogatório.

— Eu gostaria de saber o que Bernadette fez nos 13 anos que passou aqui em Saint-Gildard. Foi tudo oração?

— Claro que não — respondeu a Irmã Francesca. — É verdade que as freiras de hoje... elas residem nos andares superiores do convento e se mantêm isoladas... devotam a maior parte de seu tempo a orações e tarefas domésticas. Umás poucas entre nós, é claro, trabalham com os turistas. Mas Bernadette tinha muitas coisas a fazer em seu tempo. Seu trabalho principal era na enfermaria, servindo como auxiliar. Ela adorava cuidar dos pacientes. Naturalmente, ela nunca pôde escapar inteiramente à atenção pública. Sua fama continuou a aumentar enquanto estava viva e visitantes notáveis apareceram aqui. Às vezes biógrafos vinham conversar com ela. E não se esqueça de que ela esteve frequentemente doente e acamada, à beira da morte.

Impaciente em fazer logo as suas perguntas, Liz aproximou-se da freira, numa atitude agressiva.

— Soube que Bernadette andou bastante ocupada no convento a brigar com a sua superiora, a responsável pelas noviças, Madre Marie-Thérèse Vauzou. Isso é verdade?

— Não exatamente brigar — respondeu a inabalável Irmã Francesca. — Afinal, Madre Vauzou era a superiora de Bernadette. E Bernadette nunca se atreveria a brigar com ela.

— Não vamos tergiversar — insistiu Liz. — Eu soube de boa fonte que as duas entraram em conflito desde o primeiro dia.

— Eu poria de outra forma — disse a Irmã Francesca, ainda serena. — Permitame ser rigorosamente objetiva, baseada no que sabemos. A princípio, Madre Vauzou acolheu Bernadette muito bem, como "a criança privilegiada da Virgem Maria". Mas, depois, ela passou a ter restrições à sua mais recente noviça. Por um lado, ela nunca acreditou inteiramente que Bernadette tivesse visto realmente as aparições da Virgem. Além disso, não gostava do culto à Virgem Maria que estava crescendo, já que suas devoções pessoais se baseavam na importância total de Jesus Cristo. Quanto à história de que a superiora das noviças tratava Bernadette com extremo rigor, obrigando-a até a beijar o chão, isso era comum naquele tempo. A tarefa da superiora era ensinar humildade a todas as noviças e fazê-las se entregarem à penitência.

Liz insistiu:

— Soube que Bernadette tinha medo de Madre Vauzou.

— Algumas testemunhas dizem que isso é verdade. Mas Madre Vauzou tinha motivos para tratar Bernadette um pouco severamente. Preocupava-se com o que alguns chamam de mito de Bernadette, que o interesse intenso pela noviça pudesse subir-lhe à cabeça, que ela ficasse muito vaidosa e orgulhosa para se tornar uma freira perfeita. E Madre Vauzou também achava que Bernadette carecia de franqueza, chegando a descrever sua noviça como "uma pessoa teimosa e desconfiada". Acima de tudo, repito, Madre Vauzou podia ter dúvidas persistentes de que Bernadette tivesse mesmo visto a Virgem Maria. Não podia imaginar a Virgem se apresentando a uma garota tão simples, de origem tão humilde. Madre Vauzou comentou a respeito de Bernadette: "Ela não passava de uma pequena camponesa. Se a Virgem Santa queria aparecer a alguém neste mundo, por que escolher uma camponesa vulgar e analfabeta, ao invés de alguma freira virtuosa e instruída?" Em outra ocasião, Madre Vauzou disse: "Não posso compreender por que a Virgem Santa se revelaria a Bernadette. Há muitas outras almas mais elevadas e sublimes. É realmente demais." Quando se começou a falar na apresentação da causa de Bernadette, o assunto ficou parado durante o período em que Madre Vauzou foi promovida a superiora-geral e mencionou a possibilidade de santidade, Madre Vauzou suplicou-lhe: "Espere até eu estar morta."

— Isso não foi suficiente para arrefecer a lenda de Bernadette? — indagou

Liz.

— Não, não foi. Porque Madre Vauzou, em seu leito de morte, confessou que suas dúvidas eram criadas por sua própria fraqueza e não pela de Bernadette. As últimas palavras de Madre Vauzou indicaram que ela capitulara a Bernadette e à realidade de Lourdes. Foram as seguintes: "Nossa Senhora de Lourdes, proteja minha agonia de morte."

A própria Liz pareceu capitular diante desse ponto.

— Muito bem, já chega disso. Mas há mais uma coisa que devo perguntar. Refere-se à política da Igreja, o desejo de alguns de tirar Bernadette de Lourdes e escondê-la no relativo anonimato de Nevers. Sabia que alguém de alta posição social queria casar com Bernadette, antes que ela se tornasse uma freira?

— Sabia, sim — respondeu a Irmã Francesca.

— Pois eu gostaria de saber por que a Igreja não permitiu que o pretendente pedisse Bernadette em casamento e nem mesmo disse a ela que alguém desejava a sua mão. Não foi porque a Igreja não queria que ela permanecesse em exposição pública e se tornasse tão normal quanto qualquer outra moça, preferindo guardá-la fora de vista, a fim de manter o seu mito e reforçar a fama do santuário em Lourdes?

— Não, não foi bem assim. Está inteiramente enganada.

— Conte-me então o que realmente aconteceu — insistiu Liz.

— O correto é o seguinte. Um jovem nobre e estudante de medicina em Nantes, Raoul de Tricqueville, escreveu para Monsenhor Laurence, o Bispo de Tarbes e Lourdes, em março de 1866, declarando que a única coisa que queria neste mundo era casar com Bernadette. Pedia que o bispo interferisse em seu favor. O bispo .. respondeu um tanto asperamente que o casamento para Bernadette estava em oposição ao que "a Santa Virgem queria". Bernadette veio para Nevers pouco depois e o rapaz insistiu. Escreveu desta vez para o Bispo Forcade, indagando se podia visitar Bernadette e pedi-la em casamento pessoalmente. "Deixe-me pedir pessoalmente para ela casar comigo. Se Bernadette for como dizem, ela me recusará; se aceitar, saberão que não era realmente propensa para a vocação que escolheu." O bispo respondeu que Bernadette era perfeitamente propensa para a sua vocação e não tencionava perturbar a sua paz de espírito. E não se deu ao trabalho de falar a Bernadette sobre o rapaz e o pedido de casamento. Não há qualquer prova de que qualquer das recusas tenha sido motivada por uma trama da Igreja ou uma questão de política. Os superiores de Bernadette estavam apenas cuidando dos seus melhores interesses.

— Você é quem diz.. — comentou Liz, sombriamente.

— Os fatos é que dizem — declarou a Irmã Francesca, serenamente. — E agora é melhor voltar aos meus deveres. Voltarão de carro a Lourdes?

— Vamos até Paris, a fim de pegar o último vôo desta noite para Lourdes —

respondeu Liz.

— Deixem-me acompanhá-las até o portão — disse a freira. Elas seguiram em silêncio e já estavam prestes a se despedir quando Amanda disse:

— Irmã, só mais uma coisa, se não se incomoda.

— Pode falar, por favor.

— É sobre o diário de Bernadette. Tenho ouvido todas as pessoas se referirem a Bernadette como analfabeta, incapaz de escrever. Como então ela podia manter um diário?

A Irmã Francesca balançou a cabeça.

— Ela era de fato analfabeta e incapaz de escrever por ocasião das aparições. Depois disso, preparando-se para a primeira comunhão, Bernadette foi à escola, estudou no Hospice em Lourdes, aprendeu a escrever muito bem. E escreveu diversos relatos sobre as aparições. Também escreveu numerosas cartas, inclusive uma para o / papa em Roma. Escrevia sem qualquer dificuldade, embora não em francês inicialmente, mas sim na sua língua regional. Só mais tarde é que aprendeu francês.

— Mas esse diário, o que foi encontrado recentemente... li que foi escrito por ela aqui mesmo, em Nevers, neste convento.

— Foi o que também me disseram — confirmou a Irmã Francesca. — Ela manteve o diário até o fim, registrando tudo o que podia se lembrar de sua jovem vida antes das aparições e mais detalhes que podia recordar de suas visões na gruta. Antes de sua morte, ela enviou o diário a uma pessoa amiga ou um parente, como um memento.

— E como foi descoberto depois de tantos anos? E onde?

— Sei apenas que foi localizado em Bartrès e que alguém de Lourdes adquiriu-o para a Igreja.

— Adquiriu de quem em Bartrès? — indagou Amanda.

— Não sei. — Pela primeira vez, a freira parecia evasiva. — Pode perguntar ao Padre Ruland, quando voltar a Lourdes.

— E o que pretendo — disse Amanda. — Seja como for, obrigada por tudo.

— Deus as acompanhe — murmurou a Irmã Francesca, retirando-se em seguida.

Liz ficou olhando para a freira a se afastar, com uma expressão furiosa. E murmurou:

— Obrigada por nada, irmã. Mas que coisa! A linha do partido pura e simples.

As duas começaram a andar. Amanda refletiu:

— Não sei, não... Pode ter havido alguma coisa. Não posso deixar de pensar naquele diário.

— Pode estar certa de que é autêntico — disse Liz, mal humorada. — O papa

nunca anunciaria o seu conteúdo se não tivesse certeza absoluta de que era genuíno.

— Não é nisso que estou pensando, mas no resto do conteúdo. A Igreja anunciou apenas a parte sobre as aparições, especialmente aquela em que a Virgem Maria transmitiu seu segredo a Bernadette. Mas ouviu a Irmã Francesca. Havia mais do que isso no diário. Havia uma porção de coisas que Bernadette registrou sobre o início de sua vida.

— E daí? Onde isso a levará? Esqueça. Chegamos a um beco sem saída. Deve admitir. Nós perdemos. Eu perdi com meu chefe, Trask. E você perdeu com seu namorado, Ken. Estamos liquidadas.

Amanda sacudiu a cabeça, lentamente.

— Não sei, não. Ainda não vou desistir. Ao contrário, pretendo continuar.

— Investigando o quê?

— Aquele diário. Quero saber sobre o diário que trouxe todos nós a Lourdes.

— Pode estar certa de que não conseguirá coisa alguma — disse Liz.

— É o que veremos.

Edith Moore compareceu pontualmente ao segundo encontro do dia no Serviço Médico de Lourdes. Ela se retirara em menos de meia hora e o Dr. Paul Kleinberg mal a vira. Agradecera-lhe por ter voltado, pedindo desculpas pelo incômodo de uma nova radiografia e depois a encaminhando a Esther Levinson para cuidar do resto.

Agora, Kleinberg andava de um lado para outro da sala de exame, irrequieto, esperando que Esther pendurasse a radiografia e acendesse a luz da caixa. Era tudo mecânico agora, tudo rotina, ele acabaria logo com aquilo e estaria de volta a Paris ainda naquela noite.

— Já está pronta — anunciou Esther, acendendo a luz da caixa.

Ela afastou-se para o lado, enquanto o Dr. Kleinberg se adiantava para examinar a radiografia, murmurando, distraidamente:

— Não vai levar mais do que um minuto. Mas levou mais de um minuto.

Foi só 10 minutos depois que Kleinberg se afastou da radiografia, foi até a cadeira e se sentou. Por um momento, ficou imerso em pensamentos. Quando tornou a erguer os olhos, deparou com a expressão preocupada de sua enfermeira.

— Não saiu direito outra vez? — perguntou Esther.

— Saiu perfeita.

— Então pode confirmar o milagre?

— Não, não posso.

— Como? — Esther se adiantou, surpresa. — O que está dizendo?

Kleinberg sustentou o olhar aturdido da enfermeira, sacudindo a cabeça.

— Ela não é uma mulher maravilhosa. Provavelmente nunca foi. O sarcoma está lá, bem visível. O tumor voltou, Esther... algo que nunca vi acontecer antes...

ou nunca desapareceu. O que quer que tenha ocorrido, a Sra. Moore não está curada.

O aprumo da enfermeira se dissipara inteiramente. .

— Mas doutor... isso... isso não pode ser...

— É um fato, Esther.

— Aquelas outras radiografias... as anteriores, as recentes não mostram o sarcoma. — Ela estava quase suplicando pela Sra. Moore.

— E as biopsias negativas... o que representam? Ela deve ter ficado curada.

Kleinberg estava sacudindo a cabeça outra vez.

— Não posso explicar isso. Não faz sentido.

— A menos que os outros médicos... em sua dedicação ou qualquer outra coisa... eles não poderiam ter adulterado as radiografias anteriores? — Uma pausa e ela se apressou em corrigir. — Mas isso também não explicaria, porque a Sra. Moore deixou de ser uma inválida e voltou a ser uma pessoa saudável.

— Não posso contestar isso — concordou Kleinberg. — Mas as radiografias não mentem, Esther. Ela está sofrendo de câncer outra vez... ou continua a sofrer. Muito em breve não estará mais funcionando perfeitamente. A condição certamente vai se agravar, deteriorar. Não houve uma cura milagrosa. Nossa mulher do milagre simplesmente não existe.

— Isso é terrível, doutor. Terá de contar ao Dr. Berryer.

— Não posso. — Kleinberg prontamente emendou sua resposta. — Ainda não. — Uma pausa e ele acrescentou: — Esse diagnóstico pode não ser aceitável... de uma pessoa da minha fé. Todos pensariam que um descrente está tentando obstruí-los.

Os dedos de Esther tocaram na radiografia mais próxima.

— A radiografia também é uma incrédula. E é implacável. Conta a verdade.

— Não para todos e não tão facilmente — explicou Kleinberg.

— Um clínico geral pode ignorar o que um especialista em sarcoma é capaz de ver.

— E não pode haver erro sobre o que vê?

— Absolutamente nenhum, Esther. Nossa mulher milagrosa está com um grave problema.

— Não pode deixar a coisa como está.

— E não vou deixar. Mas não tenho coragem de dar a notícia a Edith Moore diretamente. Acho que o marido deve fazê-lo e depois eu falarei. Se pedir à secretária de Berryer para localizar o Sr. Moore... Reggie Moore... avise-o que eu desejo lhe falar o mais depressa possível.

No período de 10 minutos em que Esther se ausentou, Kleinberg levantou-se e estudou as radiografias mais uma vez. Ao final, seu diagnóstico não se alterara. A mulher britânica estava de fato com um grave problema. Ele tentou pensar no que poderia ser feito. Ela estava condenada, a menos que se efetuasse algum

esforço para remover o sarcoma. É claro que só existia uma possibilidade. Cirurgia. Só que a cirurgia normal não prometia muita esperança num caso assim. Mas ele estava pensando em seu colega. Dr. Maurice Duval, o outro grande especialista em sarcoma, que vinha fazendo experiências com um novo tipo de cirurgia, envolvendo a engenharia genética. A julgar pelos recentes relatórios científicos sobre o assunto que Kleinberg estudara, o Dr. Duval parecia prestes a evoluir das experiências em animais para a cirurgia em seres humanos.

Os pensamentos de Kleinberg foram interrompidos pelo retorno de sua enfermeira.

— Sinto muito, doutor, mas não conseguimos localizar o Sr. Moore em parte alguma. Descobrimos apenas que talvez ele e a esposa estarão num restaurante que possuem em Lourdes para o jantar, por volta das oito horas.

— Nesse caso, teremos de jantar lá também.

— Se o Sr. Moore estiver com a esposa, o que dirá a ela?

— Terei de me esquivar a lhe dar qualquer resposta objetiva, até comunicar ao marido. Faça a reserva para nós dois, Esther. Não será um jantar dos mais digeríveis, mas mesmo assim faça a reserva, para 8:15.

Era uma noite quente em Lourdes e muitos peregrinos se encontravam a caminho do jantar, alguns apressadamente, a fim de comer depressa e participar da procissão noturna do domínio. Entre os que percorriam a Avenue Bernadette Soubirous mais devagar, talvez com hesitação, estavam o Dr. Kleinberg, num terno claro de verão bem passado, e sua enfermeira, Esther Levinson, usando um vestido listrado de algodão. Kleinberg observava os números da rua enquanto passavam.

— Devemos estar quase chegando — disse ele. — Provavelmente fica na outra esquina, depois do cruzamento.

Atravessaram a rua. Kleinberg procurou o endereço e verificou a hora.

— Aqui está e chegamos pontualmente. Encaminhando-se para a entrada, ele parou abruptamente,

olhando para o cartaz por cima. Leu em voz alta:

— Restaurante do Milagre de Madame. Moore. — Kleinberg suspirou. — Eles terão de mudar apenas o nome... não a cozinha.

O restaurante era amplo, luxuoso, repleto de fregueses a conversarem. O *maitre*, vestido formalmente, ouviu o nome de Kleinberg, consultou a lista de reservas e imediatamente levou os dois para uma mesa vaga junto da parede no outro lado.

Depois de pedir os drinques, Kleinberg recostou-se na cadeira e tentou avaliar os ocupantes do restaurante. Divisou imediatamente a mesa principal, com Edith Moore a comandá-la. Ela era a presença dominante, falando animadamente aos outros e com uma boa disposição óbvia. Exceto por duas cadeiras vazias, a mesa estava ocupada por convidados que escutavam atentamente.

Alguém, uma mulher, surgiu de repente do bar adjacente, bloqueando a sua vista. Kleinberg levantou os olhos. Depois de um instante de dúvida, reconheceu a mulher, no instante mesmo em que ela se identificava:

— Michelle Demaillot, sua amável assessora de imprensa. Como vai Dr. Kleinberg... Srta. Levinson?

— Muito bem, obrigado. E como tem passado, Srta. Demaillot?

Kleinberg ergueu-se ligeiramente enquanto falava e depois tornou a sentar-se.

— Fico contente que tenha encontrado tempo para vir ao nosso restaurante predileto — comentou Michelle.

— É de fato muito simpático — disse Kleinberg.

— Tenho certeza de que andou muito ocupado no Serviço Médico. Posso presumir que terá notícias para nós a qualquer momento?

— A qualquer momento — confirmou Kleinberg, contrafeito.

— Deve saber, é claro, que sua paciente Edith Moore está aqui. O marido dela é um dos proprietários.

— Já a vi — disse Kleinberg. — Por falar nisso, o Sr. Moore, está também à mesa?

Michelle recuou, virando-se parcialmente para a mesa.

— Está, sim. À esquerda de Edith.

Kleinberg estreitou os olhos, focalizando o inglês de rosto carnudo e corado, num casaco esporte axadrezado, ao lado da Sra. Moore. Para Kleinberg, Reggie Moore parecia ser um tipo amável e talvez não fosse difícil conversar com ele depois do jantar.

— Estou vendo. Sabe por acaso quem são os outros à mesa?

— Mais cedo ou mais tarde, eu acabo conhecendo a todos — disse Michelle. — Os outros são Ken Clayton, um advogado americano, a cadeira vazia provavelmente está reservada para sua esposa, Amanda; depois vem o Sr. Talley, um professor americano, que vem aqui todas as noites. Ao lado estão os Marceaus, um casal francês, donos de um vinhedo. A linda moça é Natale Rinaldi, italiana. A pobre coitada é cega. Com ela está um amigo... não sei o seu nome... mas obviamente é espanhol ou latino-americano.

Michelle foi momentaneamente distraída pela chegada de duas retardatárias, passando pela porta da frente naquele momento.

— Lá estão as outras duas que completarão a mesa. Amanda Clayton, de quem já falei. E sua companheira é uma mulher com quem converso todos os dias. Liz Finch, uma correspondente americana em Paris. Sei que ela foi a Nevers esta manhã.

— Por que Nevers? — indagou Kleinberg. — Fica bastante longe daqui.

— A Sita. Finch está fazendo algumas reportagens sobre os acontecimentos desta semana. Provavelmente queria dar uma olhada em Bernadette. Nossa

santa se encontra exposta, visível a todos,, numa capela em Nevers.

— Mas quem poderia ir tão longe só para ver um cadáver? — comentou Kleinberg.

Michelle deu de ombros.

— Os americanos são sempre assim. Querem ver tudo. Vejo que já pediram os drinques e estão com os cardápios. Não vou ocupá-los por mais tempo. *Bon appétit*. E aguardamos a sua confirmação, Dr. Kleinberg, com a respiração suspensa, como dizem nas novelas.

O Dr. Kleinberg observou Michelle voltar ao bar e depois tornou a concentrar sua atenção na mesa da Sra. Moore. As viajantes de volta de Nevers estavam sendo cumprimentadas pelos outros. A atraente Amanda, beijou o marido advogado, Sr. Clayton, rapidamente apresentou sua companheira, a correspondente americana um tanto desgraciosa, Liz Finch, às outras pessoas à mesa.

Foi nesse momento que Kleinberg percebeu que Edith Moore, num instante de folga e correndo os olhos pelo restaurante, notara a sua presença e acenava para atrair-lhe a atenção.

Kleinberg forçou um sorriso de saudação.

Num movimento de corpo, silencioso, Edith Moore transmitiu uma pergunta. Era perfeitamente clara: já tem alguma notícia?

Kleinberg procurou responder. Com exagero, ele mexeu a boca sem fazer barulho: em breve.

E desviou os olhos, simulando acompanhar Esther na consulta ao cardápio que ela abrira. Ele soltou um grunhido.

— Subitamente, parece um pouco abafado aqui dentro. —Ele indicou o cardápio. — Vamos pedir. Quero falar com Reggie Moore e acabar logo com isso.

— Está certo. Este cardápio é incrível, doutor. Há duas séries de refeições, a preços fixos. A mais barata já é bastante cara. Mas a outra, supostamente de luxo, é um absurdo total... porque de sobremesa, por assim dizer, há a garantia da oportunidade de ser pessoalmente apresentado à mais recente mulher milagrosa de Lourdes... ou seja, Edith Moore. —Esther fez uma pausa, torcendo o nariz. — É uma exploração clamorosa. Eu diria que por parte do marido. — Ela fitou Kleinberg nos olhos, compreensiva. — Receio que isso não lhe tornará as coisas mais fáceis.

— Eu sabia que este seria um jantar indigesto — murmurou Kleinberg. — Mas quem diz que tenho de comer? Muito bem, escolha logo a refeição que devemos pedir e vamos acabar com isso.

Uma hora, quando se achavam quase ao final da refeição, tomando o café, Kleinberg percebeu que alguém se levantava à mesa de Edith Moore. Constatou que era Reggie Moore, aparentemente disposto a fazer a ronda de outras mesas e

trocar algumas palavras com fregueses que conhecia. Kleinberg largou a xicara.

— Vou falar com o Sr. Moore agora, enquanto a esposa não está por perto. Pague a conta, Esther. Eu a reembolsarei depois. E não espere por mim. Vamos nos encontrar no saguão do hotel para um último drinque.

Kleinberg já se encontrava de pé, largando o guardanapo e seguindo na direção do afável Reggie Moore. Ele diminuiu os passos, esperando que Moore se afastasse de uma mesa e se encaminhasse para outra. Interceptou-o então, dizendo:

— Sr. Moore? Sou Paul Kleinberg, o médico consultor de sua esposa...

— Já sei quem é. Ela o apontou. Prazer em conhecê-lo. Não gostaria de ir até a nossa mesa para um cumprimento?

— Não... não agora.

— Sei que Edith está ansiosa em ouvir as boas notícias que tem para nos dar.

— Eu falarei com ela depois — disse Kleinberg, firmemente. — Mas quero falar com você primeiro.

— Ora, como quiser...

— Mas não aqui. Prefiro falar a sós.

Pela primeira vez, as feições de Reggie demonstraram alguma surpresa.

— Não posso imaginar o que precisamos conversar em particular, mas...

Kleinberg já pegara Reggie pelo braço e começava a impeli-lo para a porta.

— Explicarei tudo.

Eles saíram para a calçada e começaram a andar.

— Espero que seja sobre Edith que deseja me falar — disse Moore.

— É, sim.

Kleinberg avistou um café na calçada logo à frente. O Café Jeanne d'Arc. A maioria das cadeiras amarelas de vime na calçada se encontravam vazias.

— Importa-se de sentar por alguns minutos? — indagou ele.

— Como quiser.

Um garçom se aproximou no instante em que se sentaram. Kleinberg pediu um chá, que não queria tomar, enquanto Reggie Moore pedia uma Perrier. Reggie continuava a exibir uma expressão de perplexidade.

— Se é sobre Edith, espero que seja a notícia que todos estamos esperando.

Kleinberg preparou-se para o que iria acontecer. Muitas vezes, na sua especialidade em particular, fora o portador de más notícias, não exatamente em circunstâncias similares, mas com os mesmos resultados terríveis ao serem anunciadas.

— Sr. Moore, infelizmente não são boas notícias o que tenho a comunicar.

A expressão de perplexidade de Reggie foi imediatamente substituída por uma expressão de medo. Seus olhos claros pareciam estar congelados.

— Não são boas notícias? Como assim?

— Ela tem o sarcoma outra vez. Ou voltou... ou nunca desapareceu por

completo.

— Isso é absurdo. — As bochechas de Reggie começaram a tremer. — Não acredito. Como pode ter certeza?

— Minha especialidade é o sarcoma, Sr. Moore. O tumor de sua esposa aparece evidente na radiografia, num estágio inicial.

Reggie tornou-se agressivo, defensivo.

— Ela ficou curada, como sabe. E a cura foi milagrosa, comprovada por 16 médicos eminentes, de todos os lugares do mundo.

Para Kleinberg, era bastante penoso. Não queria discutir com o pobre coitado, mas não havia opção.

— Sr. Moore, eles podem ter se enganado, esquecido alguma coisa.

— É um médico e pode estar tão enganado quanto diz que eles estão.

Kleinberg preferiu ignorar o ataque.

— Pode também ter sido alguma outra coisa. Presumindo que ela ficou curada... e todos os relatórios que li parecem indicar isso... mesmo assim cada diagnóstico foi feito antes, em outra ocasião. O meu foi feito hoje. Examinei-a. Vi o sarcoma. Ela está doente e...

— Ela está perfeitamente bem, totalmente curada — interrompeu-o Reggie, alteando a voz. — Viu pessoalmente. Ela não sente nada. Não tem mais dor, não tem mais qualquer dificuldade. Está cem por cento perfeita.

— Lamento muito, mas não é o que acontece. Seu estado vai se deteriorar. E não tenho alternativa que não dizer-lhe que isso é inevitável. Achei que seria mais fácil se eu lhe falasse primeiro, dando tempo para encontrar um meio de contar à sua esposa, atenuar o golpe. Como marido, deve saber a melhor forma.

Reggie olhou em silêncio para Kleinberg, com uma expressão furiosa, por longos segundos.

— Doutor, não tenciono contar a Edith e deixá-la transtornada, especialmente porque não acredito no que está me dizendo. Recuso-me a acreditar que saiba mais do que os melhores médicos de vários países.

Kleinberg fez um esforço para manter a calma, tentou controlar a voz.

— Não estou aqui para discutir meu diagnóstico. Vim informá-lo que sua esposa ficará muito doente... e acrescentar que há uma coisa que se poderá fazer para tentar salvá-la. Pode levar sua esposa diretamente para Paris... ou Londres, se preferir... e recorrer aos últimos avanços na cirurgia. Há um colega meu em Paris, Dr. Maurice Duval, também um especialista em sarcoma, que tem obtido sucessos extraordinários com um tipo inteiramente novo de cirurgia, que inclui a engenharia genética. Não sei se ele já está preparado para usar a técnica em seres humanos. Mas se estiver, a Sra. Moore se encontraria nas melhores mãos, teria uma chance concreta de sobrevivência. Cheguei até a telefonar para o Dr. Durval antes do jantar, a fim de verificar se ele está em condições de interferir no caso. Mas fui informado de que ele saíra de Paris e só voltaria amanhã.

Deixei o recado para que me procurasse. Com a cirurgia, a Sra. Moore pode ter uma chance.

— Ter uma chance? — Reggie estava indignado. Com algum esforço, tentou controlar a estridência da voz. — Uma chance para quê? Não sabe que minha esposa foi totalmente curada aqui em Lourdes por um milagre e permaneceu curada? É aplaudida em toda parte como a nova mulher milagrosa. Com a sua cirurgia, ela será igual a todas as outras pessoas, alguém sem a menor importância. Repudiado o milagre, ela está arruinada, eu estou arruinado, perderemos tudo, perderemos o nosso negócio, perderemos até a última moeda que temos!

Kleinberg observou o inglês friamente e disse, avaliando cuidadosamente as palavras:

— Sr. Moore, o assunto em questão não é ter uma esposa que deixou de ser milagrosa... mas sim o mero fato de ter uma esposa viva.

Reggie levantou-se de um pulo, furioso.

— Isso não é o problema! Tenho uma esposa e continuarei a ter. Com toda certeza. Porque todos os médicos sabem que ela está curada. Você é a única exceção. Vão arrumar alguém para substituí-lo e confirmar a cura de Edith. Não confiam mesmo em você... não podem confiar... conhecem... as suas origens.

— Minha fé religiosa — murmurou Kleinberg, ajudando-o.

— Não confiam em você porque é um descrente.

— Sr. Moore, aparentemente minhas palavras não penetraram em seu crânio espesso. Se isso tivesse acontecido, compreenderia que não se trata de uma questão religiosa. É um problema científico.

— E uma questão religiosa! — protestou Reggie, bruscamente. — Minha esposa foi salva por um milagre absoluto e um médico incompetente não fará com que as coisas se tornem diferentes. Boa noite, Dr. Kleinberg' e obrigado por nada.

Ele virou o corpo volumoso, saiu para a rua e afastou-se, furioso.

Kleinberg continuou sentado, imóvel, pensando. Sentia pena da pobre mulher de Londres. Se o marido não se preocupava com o seu bem-estar, então era seu dever, como médico, o médico dela, tomar alguma providência em relação à sua doença fatal. E faria o que fosse necessário no dia seguinte, assumiria o comando do caso.

Ele estendeu a mão para a xícara de chá morno. Precisava tomar alguma coisa. Mas não aquilo. Precisava de algo muito mais forte. Ele verificou a conta, pôs alguns francos por cima, levantou-se e seguiu para o hotel... e para o bar do hotel.

Fora uma noite inesperadamente longa para Gisele Dupree; contudo, apesar do *suspense* angustiante, não se importara com o prelúdio prolongado para o que poderia ser um ponto alto em sua vida. Comparara a demora a uma daquelas

noites em Nova Yorkem que ia para a cama com Charles Sarrat e faziam amor. Ela queria imediatamente o prazer do orgasmo, mas saboreava o preparativo prolongado, sabendo que o clímax viria e seria ainda mais bem-vindo e agradável pela expectativa.

Era esse tipo de preparação que desfrutara durante a noite inteira. Só que não tinha certeza se terminaria com o clímax desejado.

Deixando o táxi e entrando no apartamento alugado, perto do domínio, ela reconstituiu a expectativa.

Depois de guiar os peregrinos irlandeses por Lourdes, Gisele se apresentou à agência de turismo, como sempre fazia, a fim de entregar o dinheiro recebido e verificar se havia alguma excursão marcada para a noite, o que raramente acontecia. Mas desta vez havia; uma peregrinação de duas dúzias de católicos japoneses. O grupo foi destacado para Gisele. A excursão começaria pontualmente às oito e terminaria às dez horas.

A princípio, Gisele tentou esquivar-se do serviço, já que atrapalharia seus planos. Mas não adiantou. Não havia outro guia disponível para aquela hora e não se podia desapontar os peregrinos japoneses. Além disso, eles estavam pagando à agência a taxa noturna especial, uma quantia lucrativa demais para que o patrão de Gisele admitisse a possibilidade de rejeitá-la.

O importante para Gisele saber, antes de começar a excursão com os japoneses, era até que horas o serviço de imprensa permaneceria aberto. As fotografias decisivas do *Paris-Match* haviam-lhe sido prometidas para as oito horas, mas não seria capaz de ir buscá-las antes das dez. Telefonou para Michele Demaillot, rezando para que o escritório ficasse aberto até tarde. A própria Michelle atendeu e disselhe que não se preocupasse, pois o escritório permaneceria aberto até 11 horas da noite, durante toda aquela semana movimentada. Michelle acrescentou que falara com seu amigo no *Paris-Match* e ele prometera que traria para Lourdes as fotografias de Tikhonov. Deixaria as fotos no serviço de imprensa quando viesse do aeroporto.

— Não se preocupe, Gisele, que as fotografias estarão aqui. Não vai me encontrar... darei um pulo ao Restaurante do Milagre de Madame Moore, para tomar alguns drinques e comer alguma coisa... mas minha assistente lhe entregará as fotos.

Aliviada, menos ressentida com o trabalho noturno, Gisele saiu para comer, antes de se encontrar com os peregrinos japoneses. Já era tarde para um jantar de verdade, mas ainda restava tempo para um brioche quente e um café, o suficiente para aguentar até voltar ao apartamento de Dominique e preparar alguma coisa para comer.

Agora, quase dez e meia da noite, o momento decisivo se aproximava. Largou na mesinha no corredor o precioso envelope pardo que pegara no serviço de imprensa — preferira não examinar o conteúdo até chegar à privacidade da

sala de jantar do apartamento de Dominique — e procurou a chave do apartamento na bolsa de couro pendurada no ombro.

Encontrou a chave, tornou a pegar o envelope pardo e entrou no isolamento do apartamento.

Por mais faminta que estivesse, Gisele adiou qualquer ideia de comer até satisfazer um anseio mais urgente. Saber se Samuel Talley e Sergei Tikhanov eram a mesma pessoa.

Largando o envelope pardo e a bolsa na mesa da sala de jantar, Gisele foi apressadamente para o quarto, onde guardara o pacote com as fotografias que tirara na gruta. Pusera-o cuidadosamente na gaveta de *lingerie* de sua amiga Dominique. Esvaziando o pacote, Gisele pegou o instantâneo de Talley sem o bigode postiço e levou-o para a sala de jantar.

Acomodou-se numa cadeira e, sentindo uma pressão no estômago, abriu o grande envelope pardo do *Paris-Match*. Tirou as duas fotografias que estavam lá dentro. Eram lustrosas, preto e branco, *doses* do rosto do famoso ministro do Exterior soviético. Eram extremamente nítidas e quase iguais. Mas Sergei Tikhanov quase sempre parecia o mesmo em todas as fotografias. A expressão podia ser melhor descrita como impassível. Assim estava ele nas duas, impassível, o rosto parecendo esculpido em granito, a testa vincada, olhos penetrantes, nariz grande, lábios finos, uma verruga marrom no lábio superior, queixo quadrado. A única diferença entre as fotografias era que haviam sido tiradas com o intervalo de um ano, uma no ano passado, diante do Palácio do Eliseu, em Paris, outra no ano anterior, num salão do Albertina, em Bruxelas. Como o rosto de Tikhanov ocupava quase todo o espaço das fotos, era na verdade impossível identificar o que havia por trás, a não ser pelas legendas datilografadas que forneciam as informações.

Gisele tinha certeza, mas era preciso que a certeza fosse absoluta.

Meticulosamente, ela pôs as duas fotos ampliadas de Tikhanov em cima da mesa, separadas por alguns centímetros. Depois, pegou o instantâneo de Talley tirado na gruta e ajeitou entre as duas fotos maiores. Examinou a fotografia de Tikhanov em Paris e o instantâneo de Talley em Lourdes. E depois comparou o retrato de Tikhanov em Bruxelas com o instantâneo de Talley em Lourdes.

Seu coração disparou.

Era o mesmo homem nas três fotografias. Cabelos, testa, olhos, nariz, lábios e verruga, boca, queixo... todas as feições eram iguais. O Professor Samuel Talley, de Nova York, e o Ministro Sergei Tikhanov, de Moscou, eram o mesmo homem.

Nesse caso, disse Gisele a si mesma, mais uma vez, o instantâneo do ministro soviético perto da gruta de Lourdes poderia causar um escândalo de grandes proporções em seu país... e 4 Tikhanov pagaria qualquer coisa para eliminar aquela prova.

Mas Gisele sabia que ter certeza não bastava. Quando se lidava com uma

possibilidade tão sensacional, era indispensável não haver a menor dúvida.

Afinal, refletiu Gisele, o mundo estava povoado por muitas pessoas que eram sósias. Dois homens, separados por uma grande distância geográfica, podiam parecer perfeitamente iguais, embora fossem totalmente diferentes. Ocasionalmente, a natureza fazia as suas cópias Xerox. Talley e Tikhonov podiam ser iguais, como gêmeos idênticos, mas serem dois seres humanos individuais diferentes. Dois homens diferentes que pareciam exatamente o mesmo? Ou um homem, o mesmo homem, assumindo um segundo papel?

Só havia um meio de ter certeza absoluta: descobrir se o Professor Talley, que ensinava russo no departamento de línguas da Universidade de Colúmbia, na cidade de Nova York, realmente existia. Gisele sabia, sem qualquer dúvida, que Sergei Tikhonov existia e era o ministro do Exterior da União Soviética, um candidato ao cargo de primeiro-ministro. Mas seu sócio, Samuel Talley, suposto professor da Universidade de Colúmbia, em Nova York, seria mesmo uma entidade separada do ministro soviético?

Se houvesse um Talley em Colúmbia, um Talley verdadeiro, que se parecia assim, Gisele saberia que tudo não passava de uma incrível coincidência e teria perdido. O portão para a sua liberdade permaneceria fechado.

Por outro lado, se... ela não queria especular mais adiante. Queria a verdade e descobriria em breve.

Ela olhou para o relógio elétrico por cima da cômoda em que estavam guardadas as toalhas de mesa. Eram 10:46 da noite em Lourdes.

O que significava que eram 4:46 da tarde em Nova York. Muito cedo. Seu antigo amigo na ONU, Roy Zimborg, ainda estaria trabalhando. Não voltaria a seu apartamento antes das seis horas. Por mais tentada que se sentisse a telefonar para a ONU, ela reprimiu o desejo. Não se tira uma pessoa de um trabalho importante para pedir um favor. É melhor apresentar o pedido quando a pessoa estivesse num ânimo relaxado. Por mais simpático que Roy Zimborg fosse, ela ainda tinha de ser atenciosa.

Gisele resolveu se conter, esperar até que fosse meia-noite em Lourdes e seis horas da tarde em Nova York. Seria a hora mais sensata para telefonar e falar com Roy em seu apartamento.

Para ajudar o tempo a passar mais depressa, até meia-noite, ela tinha de se ocupar, fazer alguma coisa, distrair-se. Não queria continuar a pensar no futuro. Trataria de se controlar até que o futuro se transformasse em realidade. Jantar... eis uma coisa para fazer. Trataria de se ocupar com o jantar, embora não estivesse mais com fome.

Por uma hora, Gisele movimentou-se na cozinha, cozinhando, preparando o jantar, levando-o para a sala, tentando comer devagar, a atenção sempre se desviando para as três fotografias sobre a mesa.

Quando terminou de comer, lavou a louça e guardou, ainda faltavam 15

minutos para a meia-noite. Gisele não pôde se conter por mais tempo. Ligaria agora para Roy Zimborg em Nova York, rezando para que ele já tivesse voltado do trabalho.

Cinco minutos depois, quando ouviu a voz ofegante ao telefone, Gisele compreendeu que ele estava chegando quando a campainha começara a tocar.

— Roy, aqui é Gisele... Gisele Dupree... ligando da França. Não sabe como estou contente por tê-lo encontrado em casa, Roy!

— É mesmo Gisele? Fala sério? Que horas são? Deixe-me ver... Faltam dez minutos para as seis. Eu estava abrindo a porta quando ouvi o telefone. Corri para atender. — Ele respirou fundo. — É você mesmo, Gisele? Isso é sensacional. Onde você está?

— Ainda em Lourdes, ainda uma guia de peregrinos. E você, como está?

Zimborg tornou a exalar ruidosamente, como se procurasse normalizar a respiração.

— Eu? Ainda na ONU, ainda na delegação americana. Não houve mudança. Quem mais poderia querer um tradutor de francês para inglês?

— Posso voltar a me reunir a você na ONU, muito em breve, como nos velhos tempos.

— Mas isso seria maravilhoso!

— Ainda não é certo, Roy, mas há uma boa possibilidade de sair daqui. Primeiro, terei de cursar aquela escola de tradução em Paris. Depois, poderei provavelmente conseguir um emprego na delegação francesa na ONU. Mas antes preciso do dinheiro suficiente para entrar na escola de tradução. Tenho uma chance de ganhá-lo já, sem esperar eternamente. Talvez haja um anjo para me patrocinar.

— É mesmo?

— Um professor americano, que parece bastante próspero, está aqui em Lourdes. E tomou um interesse especial por mim. Quero lhe pedir um favor, Roy. É sobre esse homem.

— Qualquer coisa que eu possa fazer, basta dizer.

— Relaciona-se com a Universidade de Colúmbia. Se bem me lembro, você se formou em Colúmbia, não é mesmo?

— Com todas as honras, meu bem.

— Enquanto estava lá, conheceu ou ouviu falar de um professor chamado Samuel Talley?

— Soletre o sobrenome.

Gisele soletrou.

— Talley... Samuel Talley... não me lembro. Por que quer saber?

— Esse homem que conheci, Professor Samuel Talley, diz que trabalha no departamento de línguas da Universidade de Colúmbia.

— É possível. Há um milhão de professores e associados em Colúmbia.

Talvez eu apenas nunca tenha ouvido falar desse professor em particular. Ou ele pode ter entrado depois. Afinal, já sai de Colúmbia há alguns anos.

— Ainda tem ligações em Colúmbia, Roy?

— Está se referindo a contatos? Alguém que eu conheça? Há diversos professores que conheço muito bem, agora que me tornei alguém importante na ONU. Encontro-os para almoçar ou jantar pelo menos duas vezes por ano.

— Seria pedir demais, Roy, se eu quisesse que entrasse em contato com alguém de Colúmbia amanhã? Ficaria muito complicado para mim ligar diretamente para Colúmbia. Mas se você pudesse...

— Não há problema nenhum. O que você quer saber? Deseja informações sobre esse Professor Talley?

— Exatamente. Quero saber se Talley realmente trabalha em Colúmbia, como alega.

— Espere um instante, Gisele. Deixe-me pegar um pedaço de papel e uma caneta, a fim de anotar direito e não esquecer. Fique esperando. — Ela esperou apenas por alguns segundos e logo tornou a ouvir a voz de Zimborg:

— Pronto, Gisele, pode falar.

— Quero saber se no momento, ou recentemente, há ou houve um Professor Samuel Talley no departamento de línguas da Universidade de Colúmbia. Ele tem um apartamento em Manhattan e uma residência permanente em Vermont. Só quero verificar se ele é mesmo quem diz ser e se ensina em Colúmbia. Pode obter essas informações?

— Não há problema, meu bem. Posso descobrir tudo na hora do almoço. Ligarei para você com as informações. A que horas posso telefonar?

— A diferença é de seis horas. Quando for uma da tarde em Nova York.. serão sete horas da noite em Lourdes. Pode me ligar amanhã, à uma da tarde? Estou no apartamento de uma amiga. Vou lhe dar o número. Fica aqui em Lourdes. O telefone é 62-34-53-53. Anotou?

— Anotei. Tornarei a falar com você na hora do meu almoço, com todas as informações.

— Está me prestando um grande favor, Roy. Fico lhe devendo. Qualquer coisa que eu puder fazer por você, basta me avisar. Qualquer coisa que quiser.

— Ainda se parece como antes, meu bem?

— Claro. A mesma. Ou talvez melhor.

— Então já sabe o que quero. Gisele sorriu.

— Basta me ajudar a chegar aí e terá tudo.

Mikel Hurtado esperara pacientemente até quase meia-noite antes de deixar o hotel, para uma última visita à gruta. Esperançosamente, àquela hora, os últimos peregrinos já teriam ido embora e estariam dormindo, a polícia teria levantado a segurança intensiva e abandonado a área. Haveria bastante tempo para subir a encosta ao lado da gruta, reunir seu equipamento, preparar a dinamite e colocá-

la por trás da imagem da Virgem Maria no nicho — e depois armar o mecanismo de tempo para a explosão e se afastar, antes que fosse tudo pelos ares.

Durante a curta caminhada até a rampa, seu propósito era inabalável, ofuscado apenas por um pesar.

Menos de uma hora antes tinha feito amor com Natale, pela segunda vez naquele dia. E o último intercurso fora incrível, perfeito; quando a deixara, profundamente adormecida, angustiara-se ao contemplá-la ali, num repouso inocente, generosa e confiante... angustiara-se não apenas porque ia destruir um objeto de veneração tão sagrado para ela, mas também porque, ao deixar a cidade naquela noite, poderia nunca mais tornar a vê-la. Era uma coisa terrível a fazer com Natale e consigo mesmo, mas ele não fraquejou ao se encaminhar para a rampa. Tinha de ser feito.

Não havia ninguém à vista no alto da rampa para o domínio, exceto a maldita polícia. Lá estavam os guardas ainda, mesmo à noite, não tantos quanto antes, apenas três, parados, conversando e fumando.

Mas desta vez Mikel Hurtado não se intimidou. Nada tinha a esconder, não havia motivo para recluir. Apenas mais um peregrino, com insônia, que queria descer e oferecer mais algumas orações fervorosas à Virgem Maria.

Hurtado foi avançando, sempre a claudicar, atravessou a rua e aproximou-se calmamente dos guardas. Quando estava quase emparelhado com eles, o mais alto deu um passo para o lado, a fim de avaliá-lo. Hurtado ofereceu um sorriso rápido e um aceno, continuou a descer a rampa. O guarda não se deu ao trabalho de detê-lo ou chamá-lo. Bom sinal.

Hurtado foi até a Esplanada do Rosário, depois contornou a igreja na direção da gruta.

Caminhava apressadamente e de repente a gruta surgiu à sua frente, assim como os bancos. Num dos últimos bancos estavam sentados dois guardas, armados, absorvidos em conversa.

Não o viram, mas Hurtado podia observá-los e tudo indicava que ali permaneceriam até o amanhecer.

Hurtado praguejou silenciosamente.

Impossível. Quando aqueles malditos sabujos se cansariam da vigilância incessante e iriam embora? Quando desistiriam e voltariam às suas funções normais, deixando-o em paz? Ele tornou a amaldiçoar os guardas e Augustín López.

Virando-se, Hurtado tornou a subir a rampa, cansado, voltou à rua e ao hotel.

Entrando no saguão, imaginando como poderia descobrir quando o domínio estaria livre de segurança e poderia agir, ele avistou Yvonne sentada por trás do balcão da recepção. Ela não estava cochilando. Lia um livro. Hurtado lembrou-se de que fora Yvonne quem o alertara, involuntariamente, que a polícia

procurava por um terrorista. Ela recebera a informação de uma amiga que dormia com o superintendente da polícia de Lourdes, Fontaine. Possivelmente ela sabia mais agora e não se importaria de contar.

Hurtado foi até a recepção.

— Olá, Yvonne. — Ele tirou o maço do bolso e levantou um cigarro. — Quer fumar?

— Não, obrigada. Mas agradeço a atenção. — Ela pôs um marcador no livro. — Quando você dorme?

— Senti vontade de ir à gruta esta noite e rezar sozinho. Mas não adiantou. Há guardas por toda parte. Não gosto de companhia quando estou rezando. E acabei desistindo. Simplesmente não adianta. Eles estão lá todas as noites. Quando será que vão desistir dessa mania de segurança?

Yvonne largou o livro e levantou-se. Inclinou-se sobre o balcão, sussurrando:

— Eles vão desistir.

— É mesmo?

— Terá em breve toda a gruta para rezar tanto tempo quanto quiser.

— E quando isso acontecerá?

— A polícia vai dar mais dois dias e duas noites. E depois dará a busca por encerrada. Suspenderão as medidas de segurança rigorosas e voltarão à rotina normal no sábado. O Inspetor Fontaine disse à minha amiga que o aviso pelo telefone deve ter sido mesmo coisa de algum maluco. E ele está cansado de manter seus homens trabalhando em horas extras, cansados demais. Não deveríamos dizer isso, mas a polícia anda realmente muito ocupada com os acampamentos nos arredores da cidade... onde estão todas as pessoas que não conseguiram acomodações em Lourdes. Não acha que se podia esperar que as pessoas que vieram ver a Virgem Abençoada se comportassem melhor? Minha amiga disse que o Inspetor Fontaine ameaça chamar os soldados se não puder tirar os seus homens da vigilância por causa do suposto terrorista. Mas se nada acontecer amanhã ou depois, ele tirará os seus homens do turno especial. É o que posso lhe dizer.

Hurtado inclinou-se por cima do balcão e deu um beijo no rosto de Yvonne.

— Obrigado pela boa notícia. Quando eu for de novo à gruta, prometo que farei uma oração extra por você. Boa noite.

Ele claudicou até o elevador, desapontado porque teria de esperar mais dois dias. Mas sentia-se feliz, por outro lado, já que poderia finalmente consumir o seu intento. E havia um benefício na demora. Poderia passar mais tempo com Natale.

Q uinta-Feira, 18 de Agosto

Ao longo do dia, Gisele Dupree conduziu duas excursões por Lourdes como uma sonâmbula. Sua mente estava na distante Nova York, tentando imaginar o progresso ou ausência de progresso de seu fiel amigo Roy Zimborg. A mente flutuava às vezes de volta a Lourdes, para algum ponto da cidade, onde sua presa, seu Dr. Jekyll e Mr. Hyde, seu Dr. Talley e Sr. Tikhonov, estava inocentemente (mas secretamente) se dedicando aos rituais de auto-rejuvenescimento.

Quando a segunda excursão terminou e esperava na agência pelo começo da terceira, Gisele começou a exibir os sinais de uma tremenda enxaqueca. Nenhuma Rachel ou Bernhardt poderia igualar seu histrionismo. Finalmente, sabendo que havia uma guia substituta disponível, ela suplicou que a dispensassem do resto do trabalho, insistindo que a dor por trás da testa era insuportável, precisava tomar um remédio e ir para a cama.

Assim que foi dispensada, ela saiu e pegou o primeiro táxi vazio que encontrou, seguindo direto para o apartamento de Dominique, além do domínio.

Em segurança na sala de estar, com bastante tempo antes do telefonema internacional crucial, a enxaqueca simulada felizmente desapareceu. Ficou sentada ao lado do telefone, torcendo para que tocasse logo de uma vez.

E não tocou no momento combinado. Que chegou e passou. Com o telefone em silêncio.

Quase meia hora depois, ela começou a sofrer uma dor de cabeça real, em decorrência da tensão e das esperanças desvanecidas.

E de repente, como um toque de clarim, o telefone tocou.

Automaticamente, Gisele levantou-se cambaleante para atender, lembrou-se de que o telefone se encontrava ao seu lado, tornou a sentar-se e tirou o fone do gancho.

Como se fosse através de um túnel de vento, ouviu o querido Roy Zimborg falar, nitidamente, da terra distante dos céus espaçosos e dos campos de ouro.

— Gisele? Aqui é Roy. Está me ouvindo?

— Alto e forte — Gisele quase gritou do espaço exterior.

— Lamento ter-me atrasado, mas...

— Não tem importância, Roy. Apenas me diga se descobriu alguma coisa.

— Eu me esforcei ao máximo, Gisele, mas receio que ficará desapontada.

O coração de Gisele afundou para o estômago. Ela não queria ouvir, mas murmurou:

— Conte tudo.

— Telefonei para os meus amigos professores em Colúmbia. Pedi que me ligassem de volta. E até aproveitei uma saída mais cedo para o almoço e fui até a

escola, a fim de investigar pessoalmente. Como eu disse antes, lamento muito desapontá-la. O tal sujeito em Lourdes que lhe disse ser o Professor Samuel Talley, no departamento de línguas da Universidade de Colúmbia... ele está mentindo. Detesto dar a má notícia, mas ele tenta simplesmente enganá-la...

Gisele olhou para o telefone como se fosse o diamante Kohinoor que lhe fora presenteado na manhã de Natal. Por um momento, não foi capaz de assumir tanta riqueza. Queria beijar Roy pelo Kohinoor, mas seria muito demorado e difícil explicar a verdade. Portanto, ela tratou de manter o controle, a voz dando a impressão de que disfarçava o desapontamento, quando na verdade escondia uma exultação intensa. Interrompeu as palavras de consolo de Roy para dizer:

— Quer dizer que não existe nenhum Professor Talley na Universidade de Colúmbia?

— Não há ninguém no corpo docente com esse nome. Não existe nenhum Talley na equipe de Colúmbia. Não há nenhum professor com esse nome, nunca houve. O homem que você conheceu, com quem está envolvida, simplesmente tenta enganá-la.

— Mas que miserável! — murmurou Gisele, bastante realista e ambígua.

— Sinto muito...

A voz distante de Zimborg era suave, tentando outra vez confortá-la.

— Não se preocupe, Roy — disse ela, recuperando-se. — Vou sobreviver... e vou sobreviver para agradecer a você pelo que fez, pessoalmente, da maneira apropriada.

— Eu gostaria que tudo saísse direito.

— Você fez a sua parte e estou grata. É um amor e mal posso esperar o momento de revê-lo. Escreverei para avisar quando irei para Nova York.

— Espero que seja o mais breve possível Gisele.

— Prometo que, de alguma forma, será mesmo em breve, Roy. Depois que desligou, Gisele percebeu que sorria como uma

idiota e que seu coração subira do estômago para o seu devido lugar, e mais feliz.

Oh, Deus, que coisa maravilhosa!

Não havia mais incerteza. Não existia nenhum Talley. Havia apenas Tikhonov. Havia Tikhonov ali em Lourdes e inteiramente à sua mercê.

Agora, teria de desmascará-lo.

Saboreando o que aconteceria em seguida, ela pôs a lista telefônica de Lourdes no colo, folheou até encontrar o número do Hotel de la Grotte. Discando, especulou se deveria pedir que a ligação fosse transferida para o quarto de Samuel Talley. Mas se decidiu contra isso. Não queria confrontação pelo telefone. Preferia apresentar suas condições a Talley pessoalmente. Seria mais ameaçador, mais eficaz. Iria se encontrar com ele em seu quarto, se estivesse no hotel. E descobriria se ele estava.

Quando a telefonista atendeu, Gisele pediu para falar com seu amigo Gaston, na recepção.

— Recepção — ela ouviu Gaston dizer.

— Gaston, aqui é Gisele Dupree. Como vai?

— Gisele, querida, nunca estive melhor. E você?

— Estou ótima. Gostaria de saber se um dos seus hóspedes está no quarto... aquele que levei até aí, o Sr. Samuel Talley, de Nova York. Ele está?

— Um momento que vou verificar. — Uma pausa. — Está, sim, Gisele. Sua chave não se encontra na recepção. Ele deve estar no quarto. Quer que eu transfira a ligação?

— Não precisa. Prefiro falar com ele pessoalmente. Darei um pulo até aí.

Desligando, ela se levantou, pegou a bolsa e encaminhou-se para a porta, em menos de um minuto.

Deixando o prédio, Gisele procurou um táxi. Não havia nenhum à vista. Mas ela sabia que havia um ponto a dois quarteirões dali. Foi andando, em passadas rápidas. Três táxis esperavam no ponto, encostados no meio-fio. O motorista conhecido no primeiro acolheu-a com um cumprimento e ligou o motor, enquanto Gisele abria a porta traseira e embarcava.

— Hotel de la Grotte — ordenou ela, ofegante. — O mais depressa possível, Henri.

— A seu serviço, Gisele.

Dez minutos depois, o táxi subiu pelo caminho em curva e parou diante do toldo azul e laranja do hotel branco. Abrindo a porta, Gisele disse:

— Deixe o taxímetro ligado, Henri. Precisarei de você para voltar. Não vou demorar.

O motorista apontou para o estacionamento ao lado do hotel.

— Ficarei esperando ali.

— Voltarei num instante.

Gisele avançou apressadamente sob o toldo até a porta de vidro e abriu-a. Com crescente confiança, atravessou o saguão e encaminhou-se para os elevadores, que ficavam depois da recepção. Ali, Gaston pegava uma chave de um hóspede e lhe falava.

Gisele já estava passando pelos dois homens quando vislumbrou o hóspede a se virar, seguindo para a porta do hotel. O rosto eslavo e o bigode postiço pertenciam ao respeitável Samuel Talley, o professor que nunca existira.

Ela estacou abruptamente, levou um dedo aos lábios para que Gaston não lhe falasse e virou-se para acompanhar sua presa. Foi atrás de sua mina de ouro ambulante, os passos no mesmo ritmo, enquanto ele se encaminhava para a porta. E, subitamente, Gisele chamou:

— Sr. Tikhanov.

Ele parou tão de repente que Gisele quase colidiu com as suas costas. Ela

recuou um passo e esperou. Ele não se mexera um centímetro sequer. Permanecia completamente imóvel.

Gisele pensou que ele devia estar completamente chocado, tentando recuperar o controle.

— Sr. Tikhanov — repetiu ela, implacavelmente.

Como não podia haver a menor dúvida de que era ele quem estava sendo chamado, Tikhanov virou-se lentamente, simulando surpresa.

— Ah, é você, Sita. Dupree. Estava me chamando por outro nome? Deve ter pensado que eu era outra pessoa.

Exibindo a sua expressão mais inocente, Gisele sacudiu gentilmente a cabeça e o rabo-de-cavalo louro.

— Não, eu não estava enganada. Foi você mesmo quem eu chamei. Talvez devesse chamá-lo mais corretamente de Ministro do Exterior Sergei Tikhanov. Não tenho esse direito?

Ele fez um esforço para não se mostrar exasperado.

— Sabe muito bem qual é o meu nome, Srta. Dupree. Já passamos bastante tempo juntos. Que bobagem é essa?

— Creio que na maioria dos países, até mesmo no seu, é o que se costuma chamar de jogo da verdade. Eu sugiro que jogue comigo. Precisamos conversar, Sr. Tikhanov.

Ele começava a demonstrar irritação.

— A menos que pare de me chamar por esse nome absurdo... não direi mais uma só palavra.

— Pois acho melhor falar comigo, para o seu próprio bem. Devemos sentar por um momento e conversar. Acompanhe-me, por favor.

— Por favor, Srta. Dupree, pare com essa brincadeira. Tenho de sair para jantar.

Mas Gisele afastou-se pelo saguão, sabendo que ele a seguia. Passou pela recepção, sem diminuir as passadas, e depois disse:

— Há um pequeno salão aqui. Poderemos ter uma boa conversa com toda privacidade.

Ela entrou no pequeno salão azul no momento em que Tikhanov a alcançava. Ele estava protestando de novo:

— Srta. Dupree, não disponho de tempo para as suas brincadeiras. Eu preciso...

Ignorando-o, Gisele foi direto para uma poltrona, sentou-se, puxou outra poltrona para mais perto. Gesticulou imperiosamente para a segunda poltrona e Tikhanov ocupou-a, embora relutante.

— Deve estar querendo saber de tudo — disse ela, em voz baixa. — Pois vou explicar, sem qualquer enfeite. Por favor, escute sem interromper. Eu lhe disse que trabalhei na ONU. Foi lá que o vi, de perto, por um instante. Eu estava com o

embaixador francês, Charles Sarrat. Não o reconheci quando chegou a Lourdes, no início da semana. Mas quando estava tirando algumas fotografias na gruta, na segunda-feira, avistei-o e por acaso tirei algumas fotos suas no momento em que o bigode caiu, depois dos banhos. Quando comparei esse instantâneo seu com a fotografia que saiu no jornal e depois com as fotos que recebi dos arquivos de uma revista, concluí que Samuel Talley e Sergei Tikhanov eram a mesma pessoa. Sabe agora como descobri...

— Uma mera semelhança — interrompeu ele, com uma risada curta. — Já comentaram antes que sou parecido com Tikhanov. Todas as pessoas têm um sósia em algum lugar do mundo.

— Eu queria ter certeza de que não cometia nenhum erro — continuou Gisele, implacável. — Resolvi então investigar a pessoa que você alegava ser. Telefonei para Nova York, perguntando pelo Professor Samuel Talley, da Universidade de Colúmbia. — Gisele fez uma breve pausa. — Recebi a resposta de Nova York há uma hora. Não existe nenhum Professor Talley em Colúmbia, nunca existiu. Mas, com certeza, certeza absoluta, há um Ministro Sergei Tikhanov em Lourdes, França... o ministro do Exterior e em breve o primeiro-ministro da maior nação atea do mundo, agora suplicando por sua saúde no santuário da Virgem Abençoada. Digo a mim mesma... isso é inacreditável. E também digo a mim mesma... pode ficar apenas entre nós dois, se você assim desejar, se estiver disposto a entrar num acordo.

Pegando a bolsa, Gisele estudou o rosto tenso do russo. Levantou-se com toda a calma. E acrescentou, sem desviar os olhos dele:

— Se quer minha cópia da fotografia e o negativo, assim como o meu silêncio, deve pagar um preço justo por minha iniciativa e esperteza. Afinal, como sabe muito bem, sou apenas uma pobre moça trabalhadora que quer viver... e deixar viver. Se aparecer com 15 mil dólares no meu apartamento... um apartamento que estou usando temporariamente... às 11 horas da manhã de amanhã, vai me encontrar à espera para fechar o negócio. Eu lhe deixarei o endereço.

Gisele tirou um pedaço de papel da bolsa e estendeu. Ele ignorou-o. Ela pôs o papel na mesa ao seu lado.

— Se tiver o dinheiro disponível aqui, deve ser em francos, dólares ou libras. Se for demais esperar que tenha tal quantia em dinheiro, pode pagar com um cheque de um banco de Paris, Nova York ou Londres. Se isso não for possível, mande o dinheiro pelo correio na próxima semana e avise para onde posso enviar as fotografias e negativos. O que me diz, Sr Tikhanov?

Ele estava sentado como uma esfinge, as mãos sobre os braços da poltrona. O rosto impassível levantava-se para o'de Gisele.

— O que eu digo, Srta. Dupree? Digo que está completamente louca. Não irei a seu apartamento amanhã às 11 horas ou em qualquer outra ocasião. Não me

deixarei intimidar por sua ficção... nem me deixarei ser chantageado. Se espera que eu me submeta à sua loucura, pode esperar até o inverno congelar.

Esse ministro não é fácil, pensou Gisele, duro como rocha. Mas tinha certeza de que havia uma fissura naquela solidez aparente.

— A decisão é sua — declarou Gisele, jovialmente.

— A sepultura é sua... para evitar ou cavar. Faça como achar melhor.

Sentindo-se bem, sentindo-se vitoriosa, livre de qualquer compromisso para guiar outra excursão, Gisele pediu ao motorista do táxi que desse um pulo até a loja de fotografia. Ali, pegou outro pacote de fotografias de seus turistas, voltou ao táxi e disse a Henri que poderia agora levá-la ao apartamento de Dominique.

Enquanto passavam pela proximidade do domínio, lentamente por causa do tráfego, Gisele avistou alguém familiar comendo num dos cafês com cadeiras na calçada. Olhando pela janela traseira, divisou a cabeleira alaranjada que só podia pertencer a Liz Finch.

Enquanto Liz sumia de vista e o táxi continuava a avançar, Gisele teve uma ideia súbita.

A probabilidade de sair vitoriosa em sua confrontação com Tikhanov ainda era bem possível, mas não inteiramente certa. Uma sombra de dúvida se insinuara em seu plano. Embora não desejasse especialmente denunciar o líder russo — seu único interesse era arrancar-lhe dinheiro — havia sempre a possibilidade de que Tikhanov pudesse manter-se firme. Era um homem de caráter peculiar, inflexível na superfície. Podia decidir que era melhor não ceder à exigência dela de dinheiro, arriscando-se em vez disso à divulgação de seu comportamento insólito, achando que era bastante poderoso para enfrentar qualquer tempestade. Gisele achava que ele não se arriscaria a isso, mas a obstinação de Tikhanov poderia induzi-lo a resistir, como um muro de pedra, outra das expressões americanas prediletas de Gisele.

Se, por acaso, suas perspectivas de arrancar dinheiro de Tikhanov se desvanecessem, só lhe restaria uma vitória vazia, o mero conhecimento de que destruíra um líder soviético. Nesse caso, ela teria de obter o dinheiro de outra fonte e tendo visto Liz Finch de relance concluiu que havia outra possibilidade.

Reconstituindo o seu primeiro encontro com Liz Finch, no sábado anterior, Gisele lembrou que a jornalista americana lhe falara de uma grande história, possivelmente uma denúncia da autenticidade de Bernadette. Quando Gisele, sabendo da impossibilidade de solapar a honestidade de Bernadette, a própria fundação de Lourdes, indagara se não havia alguma outra coisa que pudesse constituir uma grande história, Liz Finch respondera:

Milhares de pessoas do mundo inteiro já chegaram a Lourdes e muitas outras virão amanhã para o reaparecimento da Virgem. Talvez algumas sejam notícia e coisas incríveis lhes aconteçam. Pode haver uma história nisso também, uma história que valha bom dinheiro. Mas teria de ser uma grande história.

Ocorreu imediatamente a Gisele que tinha o que Liz Finch procurava.

O ministro do Exterior da União Soviética em Lourdes para uma cura pela Virgem Maria.

Certamente não podia haver muitas histórias mais sensacionais.

Liz Finch, concluiu Gisele, podia ser o seu seguro de vida. Se Tikhonov não comparecesse, haveria Liz para entrar com o dinheiro.

A decisão tomada, Gisele decidiu não perder aquela oportunidade. Inclinando-se para a frente, ela bateu no ombro do motorista.

— Henri, acho que vi alguém a poucos quarteirões com quem gostaria de falar por um ou dois minutos. Pode encontrar um lugar para fazer a volta?

Assentindo, o motorista deu a volta na primeira rua transversal e voltou pela artéria principal, no mesmo percurso que haviam feito em sentido contrário.

— Acho que foi no café au Roi Albert — disse Gisele, olhando pela janela e torcendo para que Liz Finch não tivesse ido embora.

E de repente avistou outra vez a cabeleira alaranjada, sentindo-se aliviada.

— Pode me deixar aqui, Henri. Encontre um lugar para estacionar e me espere. Não vou demorar.

Avançando entre a multidão na calçada, Gisele percebeu que Liz Finch se encontrava sozinha, relaxada numa cadeira vermelha de vime, comendo um prato de *pommes frites* e tomando uma Coca-Cola gelada. Que hábitos alimentares terríveis os americanos possuem, pensou Gisele, mas sabendo que apesar de tudo os adorava.

— Olá, Srta. Finch.

Liz levantou os olhos.

— Ah, é você... Como vai?

— Ocupada, como sempre — Gisele puxou uma cadeira. — Importa-se que eu me sente por um minuto?

— À vontade. Estou apenas comendo alguma coisa antes do jantar. Está servida?

— Não, obrigada. Como está indo por aqui? Já encontrou a sua grande história?

Liz sacudiu a cabeça, desolada.

— Nada, absolutamente nada, além de cantores de hinos nesta maldita aldeia. Ficarei simplesmente esperando pelos oito dias até que alguém grite aleluia, vi a Virgem. O que parece bastante improvável, a esta altura. Voltarei a Paris de mãos vazias e serei despedida.

— Despedida?

— É outro problema. Esqueça. — Liz levantou uma batata frita e largou na boca. — O que tem a me dizer? Descobriu algum furo sensacional para a pequena Liz?

— Para dizer a verdade, talvez eu tenha descoberto alguma coisa. E achei que deveria lhe falar, Srta. Finch.

— É mesmo? — Liz parou de comer, empertigando-se na cadeira. — Descobriu alguma coisa?

— Acho que sim — respondeu Gisele, com a maior ansiedade. — Estava me lembrando que me aconselhou, quando conversamos pela primeira vez, a manter os olhos bem abertos para uma grande história. Disse-me que, se a encontrasse, isso poderia valer um bom dinheiro e sua agência pagaria com o maior prazer. Isso é certo?

— É, sim. — Liz se achava agora totalmente alerta. — O que descobriu?

— Posso estar prestes a obter uma história como deseja, Srta. Finch...

— E tem certeza de que é uma grande história? Não se trata de um boato de cidade pequena?

— Garanto que não é apenas uma história grande, Srta. Finch. É muito mais. A maior história que poderia ter e com repercussões internacionais. — Gisele fez uma pausa. — Está interessada?

— Sabe que estou interessada em qualquer boa notícia, alguma coisa sensacional que possa ser confirmada. Mas não é sobre Bernadette, não é mesmo?

— Não, não é. Uma história mais atual. Liz inclinou-se para a frente.

— Muito bem, pode falar.

— Terá de esperar até amanhã. Saberei então se pode ter a história.

Liz recostou-se.

— Se tudo correr bem, se eu achar que é importante, se você puder provar... quanto vai querer?

— Quinze mil dólares.

Liz deixou escapar um assvio baixo.

— Posso ver que não está para brincadeira. Tem certeza de que vale tanto?

— Talvez valha mais, mas 15 mil dólares seriam suficientes para mim.

— Não vou negar que é muito dinheiro, Gisele. Mas se a história for realmente sensacional e tiver os meios para confirmá-la, posso dar um jeito para que a API pague. Diz que saberá amanhã. Quando poderemos conversar?

Gisele tirou da bolsa um cartão da agência e escreveu nele. Entregou-o a Liz e levantou-se.

— Aí está meu telefone e endereço. E o apartamento de uma amiga, onde estou passando esta semana. Ligue-me ao meio-dia de amanhã. E lhe direi então se terá a história.

— Pode deixar que ligarei. E dedos cruzados, para nós duas. Outro americanismo que Gisele adorava. Ela sorriu.

— Isso mesmo, dedos cruzados... até lá.

Afastando-se na direção do táxi que aguardava na esquina, Gisele sentia-se inebriada com as perspectivas. Tinha agora não apenas uma pessoa para comprar, mas duas.

Estava no bolso, como Roy Zimborg costumava dizer.

Depois de ser informada no escritório de imprensa que Liz Finch saíra para ir a um café, Amanda Spenser foi subindo pela rua, procurando-a em cada café. Finalmente avistou Liz lá na frente, sentada a uma mesa na calçada, com outra mulher, que naquele instante se levantava para sair. Amanda acelerou os passos, a fim de alcançar Liz antes que ela também fosse embora.

Amanda chegou à mesa no momento em que Liz comia a última batata frita.

— Estou contente por tê-la encontrado, Liz. Procurei-a por toda parte.

— Esta deve ser a semana dos encontros — comentou Liz — Sente-se, vamos. O que tem em mente?

Amanda instalou-se numa cadeira.

— Tenho um encontro marcado com o Padre Ruland dentro de meia hora. Pensei que poderia gostar de me acompanhar.

— Tenho mantido Ruland constantemente ocupado. Mas sobre o que vai lhe falar?

— O diário de Bernardette. O que ouvimos ontem a respeito, da Irmã Francesca, em Nevers. Eu gostaria de investigar mais a fundo a questão do diário, descobrir como a Igreja o obteve... como pode ter certeza de sua autenticidade...

— Esqueça — interrompeu-a Liz — É mesmo autêntico. Como eu lhe disse ontem. Pode ter certeza de que a Igreja não se exporia se não tivesse certeza absoluta.

— Como pode estar tão certa?

— Porque não deixo a relva crescer sob os meus pés. Conversei com o Padre Ruland sobre isso esta manhã mesmo. Ele mostrou o diário de Bernadette, em que ela escreveu os segredos revelados pela Virgem. E depois me mostrou os vários certificados de autenticidade.

— Como o processo de carbono-14?

— Não, não isso... é um processo para documentos antigos, pergaminhos, papiros... O diário de Bernadette não era antigo o suficiente para precisar desse tipo de teste. Foi na verdade muito mais simples. Havia diversas amostras da letra de Bernadette. A letra no diário foi comparada com essas amostras por diversos grafologistas eminentes. Foram efetuados também numerosos outros testes... um exagero... como o uso de raios ultravioletas, análise química dos pigmentos na tinta, estudos do estilo e linguagem usados no diário, para se ter certeza de que coincidia com o estilo e linguagem de escritos anteriores de Bernadette, como suas cartas. Está perdendo seu tempo, Amanda. Na questão da autenticidade, a Igreja tem um caso líquido e certo. Acho que seria melhor nós duas abandonarmos nossas pesquisas sobre Bernadette. Amanda se empertigou.

— Você pode, mas eu não estou disposta a fazê-lo... ainda não. Mesmo que seja autêntico, quero saber mais a respeito do diário, como a Igreja o obteve e de

quem, qualquer coisa mais que eu possa descobrir. Talvez encontre alguma coisa, tenha qualquer indicação que permita a Ken recuperar o bom senso.

— Só posso lhe desejar boa sorte. Por meu lado, desisti desse diário. Resolvi simplesmente ficar sentada aqui à espera da aparição.

— Está certo — disse Amanda, contrafeita. — Daqui por diante farei tudo sozinha.

Estavam numa sala simples e sossegada da Basílica do Rosário, escassamente mobiliada, que o Padre Ruland identificara como seu escritório. Como Ruland se mostrava tão aberto, tão generoso e tão cooperativo, Amanda fazia todo o esforço para não deixá-lo saber que era uma descrente. Mas percebia que ele era um homem perceptivo e sofisticado, bem versado na compreensão da natureza humana, calculando assim que se achava a par de suas dúvidas desde o início do encontro.

Ela sentou a uma mesa antiga no meio da sala e Ruland lhe trouxe amostras da *memorabilia* de Bernadette, tiradas de um cofre na parede, a fim de impressioná-la. Queria cooperar no artigo sobre Bernadette que ela lhe dissera estar escrevendo para uma revista de psicologia. As amostras de Ruland eram quase todas objetos de papel, fragmentos, cartas, documentos com escritos na letra de Bernadette, além de registros dos acontecimentos na gruta e conversas entre Bernadette, vizinhos e autoridades de Lourdes, que haviam sido testemunhas no ano das aparições e nos anos subsequentes.

— Mas, acima de tudo, está interessada no último diário de Bernadette, o que revelou o mais dramático e emocionante dos três segredos da Virgem Maria, o que trouxe este Momento da Reaparição — disse o Padre Ruland, pegando o diário no cofre e pondo-o diante de Amanda. — Aí está, nosso tesouro. Pode examiná-lo pessoalmente. Com cuidado, é claro... com muito cuidado.

— Tenho receio de tocá-lo — disse Amanda. — Importa-se de abri-lo para mim, padre?

— Com todo prazer, Sra. Clayton.

O Padre Ruland contornou a mesa. Quando se inclinou ao lado dela, uma presença bonita e imponente, uma segurança total, as dúvidas de Amanda foram ofuscadas por um momento, pareceram mesquinhas e absurdas. Mesmo assim, ela permaneceu atenta.

Ele tirou o diário encadernado em couro de sua caixa e abriu-o, desdobrando as páginas diante de Amanda.

Examinando duas das páginas, a letra antiquada e inclinada, Bernadette assumiu para Amanda uma realidade que nunca antes tivera, nem mesmo em Nevers.

— Ora, mas eu posso ler isto — disse Amanda. — Está escrito em francês.

— O que esperava? — perguntou Ruland.

— Disseram-me que ela escrevia *empatois* nativo ou dialeto de aldeia que

ninguém...

— Ah, sim, isso também é verdade, Sra. Clayton. Ela foi criada falando não um dialeto, mas uma língua especial dos Pireneus. Ao escrever esta versão dos acontecimentos, como uma freira em Nevers, no entanto, ela já aprendera os elementos fundamentais da língua francesa. Para satisfazer muitas pessoas, depois de 1858, Bernadette escreveu diversos relatos de suas experiências na gruta, alguns para clérigos, outros para jornalistas e historiadores. Este relato foi o último que ela pôs no papel, fazendo pela última vez uma cronologia do que lhe aconteceu, antes que perdesse a memória das aparições e antes que sua grave doença lhe tornasse impossível escrever.

— Eu gostaria de saber mais a respeito do diário, Padre Ruland.

— Fico muito satisfeito com o seu interesse — comentou o padre, fechando o diário encadernado e tornando a guardá-lo na caixa.

Ele foi até o cofre, pôs lá dentro o precioso diário e as outras coisas, fechou a porta, girou a maçaneta para trancá-lo e voltou à mesa, sentando-se diante de Amanda.

— Diga-me o que deseja saber.

— Gostaria de saber como se descobriu o diário.

— Por acaso. Isto é, não exatamente. Sempre fui fascinado por Bernadette, desde o tempo do seminário. Havia bem pouco que eu não soubesse a seu respeito. À medida que estudava a sua vida, comecei a desconfiar que Bernadette completara um diário cronológico dos momentos mais importantes. Havia indícios de que ela fizera esse diário, entre acessos de doença, no Convento de Saint-Gildard. Mas não podia provar que esse diário fora feito; e se fora mesmo, não havia como descobrir o que lhe acontecera. A superiora-geral de Saint-Gildard sabia do meu interesse. E há pouco mais de dois anos recebi uma notícia dela. Ao preparar escritos de Bernadette para uma exposição ao público, ela encontrou a cópia de uma carta a Basile Lagués, um fazendeiro na aldeia de Bartrès, que fica perto daqui.

— Já ouvi falar de Bartrès — comentou Amanda.

— Bernadette escrevera a Lagués em francês. Depois, compreendendo que ele não entenderia, reescrevera no *patois* de Bigorre, a língua local de que falamos. A versão original da carta, em francês, foi encontrada entre os papéis de Bernadette. Ela escrevera a carta em 1878, um ano antes de sua morte, comunicando à família Lagués, especialmente ao mais velho, Basile, que concluíra um diário e estava lhes enviando, como uma recordação e um agradecimento pelo tempo que haviam passado juntos.

Amanda franziu a testa.

— A família Lagués?

— O relacionamento entre Bernadette e a família Lagués desempenhou um papel importante em sua vida — disse o Padre Ruland. — Marie e Basile Lagués

eram jovens, agricultores diligentes, em Bartrès, ao norte de Lourdes. O pai de Bernadette possuía um moinho na ocasião e os Lagués estavam entre os seus clientes. Pouco depois que Bernadette nasceu, em 1844, sua mãe, Louise, sofreu um acidente. Uma vela acesa caiu da cornija da lareira e ateou fogo ao corpete de seu vestido. Ela teve queimaduras superficiais nos seios, mas foram suficientes para que não pudesse amamentar Bernadette. Ela procurou então por uma ama-de-leite disponível. Mais ou menos nessa ocasião, Marie Lagués, em Bartrès, perdeu o seu primogênito, Jean. Queria outro bebê para amamentar. Ela concordou em aceitar a pequena Bernadette como uma filha adotiva temporária, amamentando-a a cinco francos por mês. Depois que Bernadette desmamou, Marie Lagués não queria renunciar a ela. Mas acabou fazendo-o, depois de quase um ano e meio. Foi o início do relacionamento entre Bernadette e a família Lagués.

— Quando ela tornou a vê-los? — perguntou Amanda.

— Por mais um período, em 1857 e 1858, quando Bernadette tinha 13 anos. A esta altura, a situação da família Soubirous em Lourdes piorara consideravelmente. O pai de Bernadette ia muito mal, incapaz de ganhar dinheiro. Havia filhos menores, mais bocas para alimentar. Uma epidemia de cólera quase acaba com a vida de Bernadette. Havia escassez de alimentos na região. A família Lagués, por seu turno, estava muito bem. Tinha uma grande propriedade, muitas vacas e ovelhas. Tendo agora vários filhos, eles estavam dispostos a admitir uma criada adicional. Concordaram em aceitar Bernadette pela segunda vez. Trabalharia como uma ajudante da mãe e pastora, recebendo em troca casa, comida e educação. Assim, Bernadette foi viver com a família Lagués em Bartrès. Não era exatamente uma vida idílica. Não havia muita comida à mesa, embora fosse mais do que se encontrava em Lourdes. E Maria Lagués desenvolvera uma espécie de relacionamento de amor e ódio com Bernadette. Queria a garota ao seu lado, mas era severa, difícil, às vezes mesquinha. E muitas vezes tratava Bernadette como uma escrava. Contudo, havia compensações. A altitude e o ar em Bartrès eram bons para a saúde de Bernadette. A menina gostava de descansar nas encostas com as ovelhas, sonhando, construindo altares de brinquedo, rezando. Embora a mãe adotiva pouco fizesse para educá-la, Bernadette conquistou a afeição do padre local, um homem bondoso, o Abade Ader, que tentou ajudá-la.

— Ouvi dizer que ele tentou influenciar o interesse de Bernadette na Virgem Maria — comentou Amanda.

— Imagino que foi o Padre Cayoux, lá de Cauterets, que lhe disse isso.

— Não me lembro — mentiu Amanda.

— Não tem importância. — O padre Ruland continuou, despreocupado. — Não sabemos quanta influência o Abade Ader exerceu sobre Bernadette. É verdade que um dia, observando Bernadette, ele disse que se a Virgem Maria

algum dia voltasse à terra provavelmente apareceria para uma camponesa tão simples. Mas realmente influenciá-la? Não temos qualquer prova concreta de que isso tenha acontecido. Ader deu-lhe aulas de catecismo, mas não por muito tempo. Ele deixou Bartrès para fazer carreira na ordem beneditina. Pouco depois, Bernadette disse aos pais que estava cansada de Bartrès e queria voltar a Lourdes. Foi o que ela fez, em janeiro de 1858, depois de oito meses em Bartrès.

— E apenas um mês depois, em Lourdes, Bernadette viu a primeira aparição da Virgem Maria, na gruta de Massabielle — disse Amanda.

— Exatamente. Depois que partiu para ser freira em Nevers, Bernadette parecia conservar um resto de afeição pelos Laguês e o interlúdio em Bartrès. Especialmente pelo velho Laguês e seus três filhos sobreviventes. Pela última vez, ela registrou num diário as lembranças dos acontecimentos excitantes e místicos de sua curta vida. Depois que o diário foi concluído, Bernadette, consciente de sua posição especial aos olhos da Igreja, resolveu enviá-lo à família Laguês, como uma recordação. Quando recebi essa indicação, fui a Bartrès, à procura desse diário, que tenho certeza que a família Laguês nunca leu, já que estava escrito em francês. Marie e Basile, os donos originais, estavam mortos há muito tempo. Mas, depois de uma investigação persistente, consegui descobrir a odisseia do diário. Passara de um parente para outro e finalmente caíra nas mãos de uma prima distante. — Quem era essa prima?

— Uma viúva de meia-idade que residia em Bartrès, Eugénie Gautier, com um sobrinho adolescente chamado Jean, de quem era tutora. Madame Gautier estava de fato com o velho e mofado diário, guardado em algum lugar. Duvido que ela jamais o tenha lido. Não sentia o menor interesse por Bernadette. Toda a sua devoção era para o sobrinho. Quando a procurei e pedi para ver o diário, sugerindo que poderia querer comprá-lo como uma relíquia para a Igreja, Madame Gautier me evitou por algum tempo, até poder lê-lo apressadamente. Deparando pela primeira vez com as revelações de

Bernadette sobre os segredos que a Virgem Abençoada lhe contara, especialmente que voltaria a Lourdes em futuro próximo, Madame Gautier compreendeu que possuía um tesouro. E não demorou muito para que eu também soubesse disso. A negociação com ela foi difícil e exigiu um tempo considerável. Suas exigências originais foram absurdas. Mas, finalmente, chegamos a um acordo e a Igreja comprou o diário por uma quantia vultosa. Madame Gautier tornou-se uma mulher próspera. Comprou até uma casa nova, onde vive hoje confortavelmente.

A curiosidade de Amanda se aguçou.

— Comprou todo o diário? Eu soube que havia uma parte anterior, em que Bernadette contava muitas coisas dos seus primeiros anos.

— Quisemos comprar tudo, é claro. Mas nosso interesse primário era no relato final de Bernadette sobre os acontecimentos na gruta. Estudei a parte

anterior e não oferecia muita coisa, apenas as dificuldades da vida em Lourdes, um pouco do seu trabalho diário como pastora em Bartrès. Mas eu teria comprado mesmo assim, só para manter a obra completa. Mas foi impossível. Madame Gautier relutava em vender. Acho que ela queria guardar essa parte do diário como um memento para seu sobrinho, porque registrava como era a vida nos velhos tempos em Bartrès. Não era importante. Eu tinha o que queria... o conhecimento emocionante de que a Virgem Maria voltaria a Lourdes este ano. Creio que sabe agora de tudo o que posso lhe dizer a respeito de nossa aquisição. Espero que seja suficiente para o estudo de psicologia que planeja escrever.

— É tudo maravilhoso — respondeu Amanda. — Deu-me tudo o que eu queria. — Ela preparou-se para partir, acrescentando: — Mas acho que seria interessante dar um pulo a Bartrès e ver as coisas.

— Não há muito para ver. Mas a cidade não mudou muito em um século e poderá ter uma boa ideia de como era a vida no tempo de Bernadette.

— Acho que darei mesmo um pulo até lá. Madame Gautier ainda reside lá?

— Vive, sim. Fui informado de que ela comprou uma casa não muito longe da Maison Burg de Lagués, que é hoje um museu em Bartrès.

— Acha que poderei conversar com Madame Gautier?

— Não sei — disse o Padre Ruland, acompanhando Amanda até a porta. — Encontrei-a uma mulher mal-humorada e azeda, não muito hospitaleira. Não posso imaginar que tenha mudado muito. Mas talvez você consiga alguma coisa com ela. Boa sorte.

Havia uma ligação de Paris que o Dr. Paul Kleinberg esperava, antes de poder se aprofundar no caso de Edith Moore. O telefonema que aguardava seria do Dr. Maurice Duval, cuja secretária avisara a Kleinberg, no início daquela manhã, que o colega ligaria às oito e meia da noite.

Ignorando sua impaciência, Kleinberg acomodou-se na poltrona do seu quarto claustrofóbico no Hotel Astoria, tentando atualizar a leitura de estudos médicos recentemente publicados (dois pelo próprio Duval), enquanto se mantinha de olho no relógio. Quando os ponteiros informavam que eram oito e meia, ele deslocou a atenção para o telefone na mesinha ao seu lado e sentiu-se grato quando tocou no instante seguinte.

Ele atendeu, torcendo para que fosse o colega. Ficou satisfeito ao ouvir a voz exuberante e apressada de Duval.

— É você, Paul?

— Sou eu mesmo.

— Já faz muito tempo que não nos falamos. E o último lugar de onde eu esperava receber notícias suas era de Lourdes. Que diabo está fazendo aí?

— Investigando um milagre. Duval soltou uma gargalhada.

— Todos os milagres atualmente ocorrem nos laboratórios dos geneticistas.

— Não fale tão alto. Não gostaria que eles o ouvissem aqui em Lourdes. Mas,

para ser franco, era sobre isso que eu queria lhe falar, os milagres científicos que vem realizando.

— Meu assunto predileto, Paul. Em que está pensando?

— Sei que abandonou a cirurgia de sarcoma rotineira para se concentrar em experiências de substituição e engenharia genética...

— Deixe-me fazer uma pequena revisão — interrompeu-o Duval. — Abandonei a cirurgia comum de sarcoma, sim... por ser ineficaz, ou pelo menos não suficientemente eficaz... mas não abandonei meu interesse primário pelo sarcoma. Venho me dedicando em grande parte a experiências genéticas, mas basicamente na área do sarcoma.

Até agora, pensou Kleinberg, tudo bem.

— Estou a par dos relatórios, os estudos que você divulgou sobre as suas experiências com macacos, coelhos e ratos. Indicam um grande progresso.

— Um progresso enorme — corrigiu-o Duval — avanços enormes na capacidade de substituir genes doentes por saudáveis. Em dois estudos este ano...

— Acabei de ler os seus trabalhos divulgados mais recentemente, Maurice. Aceito a sua palavra de que tem havido avanços incríveis em técnicas de substituição de genes.

— Pois tem a minha palavra — garantiu Duval, com uma segurança total.

— Muito bem. Vamos ao propósito da minha chamada. Tenho três perguntas a lhe fazer. Se as respostas forem o que espero, terei uma quarta. Está pronto?

— Pode falar.

A primeira pergunta era uma sondagem. Kleinberg formulou-a:

— Neste estágio de seu progresso, já realizou alguma vez modificação e substituição genética para o sarcoma num ser humano?

— Não, ainda não. Mas já efetuei outros transplantes de genes bem-sucedidos. Trabalhando na área em que o Dr. Martin Cline foi pioneiro, em 1980, na Califórnia, tratei de pessoas afligidas com beta talassemia... o distúrbio do sangue que é potencialmente fatal. Efetuei experiências de substituição de genes nesses casos, introduzindo genes saudáveis nas células deficientes, alcançando um alto índice de sucesso.

— Muito bem, vamos à minha segunda pergunta — disse Kleinberg. — Pode realizar o mesmo tipo de cirurgia num caso de sarcoma?

— Claro. Há algum tempo que venho esperando a oportunidade de fazer isso. É justamente a área em que venho fazendo experiências, o estágio final para o qual venho me preparando. Posso perfeitamente fazê-lo.

— Terceira pergunta. Quais seriam, em sua opinião, as chances de sucesso... uma total recuperação do paciente?

— Presumindo que o paciente esteja agora em condições estáveis, eu diria que as chances de uma cirurgia eficaz, com uma recuperação plena, seriam de 70 por cento.

— Tão alto assim? — disse Kleinberg, surpreso.

— Sou moderado, Paul. Isso mesmo, pelo menos tão alto assim.

— Minha última pergunta não foi realmente a última. Foi apenas um comentário de surpresa, até mesmo de prazer. Aqui está a quarta pergunta. Creio que é a mais importante. Estaria disposto a realizar tal operação numa paciente que tenho sob os meus cuidados, o mais depressa possível?

— Ora, Paul, só precisa dizer quando e darei um jeito de encaixar na minha programação. Isto é, presumindo que terei o consentimento inequívoco da paciente.

— Ainda não tenho esse consentimento — admitiu Kleinberg. — Queria falar com você primeiro, antes de conversar com a paciente. Presumindo que eu obtenha o consentimento, quando seria o momento mais imediato em que poderia efetuar a operação?

— Em que dia estamos?

— Quinta-feira.

— Estou bastante ocupado, mas você sabe muito bem que isso sempre me acontece. Talvez o fim de semana seja o melhor. Talvez até no domingo. Isso mesmo, é perfeitamente possível.

— Seria demais perguntar se pode vir a Lourdes para a cirurgia? Acho que seria mais conveniente realizá-la aqui.

— Lourdes? Por que não? Estou mesmo querendo visitar o lugar desde que li Carrel.

— É tão excepcional, talvez tão extraordinário, quando Carrel registrou.

— Terei a maior satisfação.

— Preciso agora obter o consentimento da paciente. Para ser franco com você, Maurice, não sei se conseguirei obtê-lo. Mas tentarei com o máximo de empenho. É uma mulher gravemente doente, mas por motivos pessoais pode haver grande resistência. Mas tentarei. Enquanto isso, caso eu consiga persuadi-la, você vai querer conhecer de antemão o caso dela.

— Claro.

— Há uma ficha ampla cobrindo os últimos cinco anos, até os exames e radiografias que fiz ontem. Trata-se realmente de um caso singular. E claro que detesto incomodá-lo com tudo isso, se não for possível realizar a cirurgia.

— Não é incômodo nenhum. Estou ansioso em conhecer todo o caso.

— Obrigado, Maurice. Creio que o melhor a fazer será mandar minha enfermeira, Esther Levinson, pegar um avião e voltar a Paris, levando todo o material. Ela poderá entregar em seu consultório pela manhã.

— Ótimo.

Uma coisa continuava a preocupar Kleinberg e ele aventou se seria melhor levá-lo francamente ou guardar para si mesmo. Resolveu que devia descarregar.

— Só mais uma coisa.

— O que é, Paul?

— Como pode estar tão confiante em usar a substituição genética num ser humano quando nunca tentou isso antes?

Houve uma pausa prolongada no outro lado. O Dr. Duval, geralmente tão rápido e direto em todas as perguntas, parecia não estar muito disposto a responder àquela. O silêncio prolongou-se, enquanto Kleinberg esperava.

— Está certo — disse o Dr. Duval finalmente — posso responder à pergunta para sua plena satisfação. Mas o que direi deve ficar rigorosamente entre nós. Trata-se de um segredo da maior gravidade que estou prestes a lhe revelar.

— Ficaré exclusivamente entre nós. Tem a minha palavra.

— Já é suficiente — disse o Dr. Duval. — Por que estou tão confiante de que minha substituição genética pode dar certo num ser humano? Porque já deu certo num ser humano... em três, para ser mais exato. Eu lhe menti anteriormente, ao dizer que só realizara experiência em animais, nunca num ser humano. Empreguei o processo de substituição genética em três pacientes com doenças terminais nos arredores de Paris, há 18 meses. Dois eram casos de sarcoma. E todos não apenas sobreviveram, mas também hoje estão bem e ativos.

Kleinberg estava atônito.

— Por Deus, Maurice, nunca imaginei... ora, meus parabéns! A partir do momento em que isso for conhecido, você certamente será indicado para o Prêmio Nobel. Que avanço gigantesco!

— Obrigado, obrigado, mas nunca será conhecido. Se for divulgado que agi sem autorização dos comitês médicos, os comitês de ética, serei severamente punido. O processo supostamente não deve estar pronto por mais 10 anos, talvez mais, enquanto todos os comitês avaliam a conveniência de usá-lo em seres humanos. Quando concederem permissão, então se poderá fazer publicamente. Enquanto isso, uma porção de boas pessoas, que poderiam ser salvas, morrerão inevitavelmente. Deve compreender, Paul, que é a política médica em nome da cautela.

— Claro que compreendo.

— A iniciativa do tipo que tomei nem sempre é apreciada. Para mencionar o Dr. Cline, da Califórnia, mais uma vez. Ele usou uma molécula recombinante num caso em Nápoles e outro em Jerusalém. Quando foi descoberto, o Instituto Nacional dos Estados Unidos cancelou todos os seus subsídios para pesquisas. Creio que ele perdeu 250 mil dólares em financiamento. Eu não poderia suportar isso.

— Não precisa se preocupar, Maurice. Nossos colegas médicos nunca saberão por que você veio a Lourdes. Estou bastante animado com tudo o que acaba de me dizer. E agradeço profundamente por ter aceitado se envolver neste caso num prazo tão curto.

— Pode estar certo, Paul, de que para mim é outra oportunidade e um desafio. E gostaria de repisar que tudo deve ser feito com absoluta discrição. Nem mesmo quero correr o risco de usar qualquer pessoal do hospital de Lourdes. Prefiro obter meus assistentes entre antigos estudantes que tenho em Lyon. Compreende agora como tenho de ser cauteloso. E repito que qualquer publicidade pessoal seria desastrosa. Como eu estaria ignorando os canais competentes, pela quarta vez, haveria muitas indagações, acabando provavelmente por resultar em prejuízos enormes e certamente a perda da maior parte das minhas subvenções. Os comitês certamente diriam ser prematuro. Mas você e eu sabemos que todas as coisas são prematuras até serem realizadas.

— Seu nome não será divulgado, Maurice.

— Vamos torcer então para que tudo dê certo. Encerrando a ligação, satisfeito com o resultado, Kleinberg

sentiu a satisfação ofuscada pelo que deveria se seguir. Tornou a pegar o telefone e chamou Esther, no quarto ao lado. Quando ela entrou, examinando seu rosto, ele respondeu prontamente à pergunta silenciosa:

— Duval fará a operação. Mas será que Edith Moore vai concordar? Estou surpreso por ainda não ter recebido qualquer notícia dela.

— Talvez o marido Reggie não tenha lhe dito nada.

— Não posso acreditar nisso. Mas, pensando bem, é possível. Importa-se de procurar a Sra. Moore para mim? Se ela saiu para jantar, ligue para o restaurante. Avise a ela que eu desejaria lhe falar no Serviço Médico assim que terminar de jantar.

— Vou buscar o número de seu telefone. Está no meu quarto.

Se bem me lembro, ela está no Hotel Galha & Londres. Verei se consigo encontrá-la.

Kleinberg ficou sentado, a especular sobre o caso da Sra. Moore, até que ouviu Esther bater de novo na porta. Foi abrir.

— Eu a tenho no telefone — informou Esther. — Ela está em seu quarto. Não irá ao Serviço Médico esta noite. Perguntou se não poderia ir vê-la no hotel. Não está se sentindo bem e se encontra deitada.

— Avise a ela que irei vê-la imediatamente.

Pondo o paletó e verificando o conteúdo de sua maleta médica, Kleinberg se perguntou se Edith Moore não se sentia bem porque ouvira a verdade do marido ou porque sofria uma recorrência do tumor.

Mas saberia dentro de poucos minutos o que a deixara acamada. O que quer que fosse, porém, a perspectiva de encontrá-la não era um dos deveres médicos que aguardava ansiosamente.

Com um suspiro de infelicidade, ele deixou o quarto para a confrontação.

Edith Moore, toda vestida, de blusa branca e saia azul-marinho, de meias e

sem sapatos, estava estendida por cima da colcha verde da cama de casal, observando o Dr. Kleinberg. Depois de examiná-la, ele estava de pé junto à mesa, escrevendo uma receita.

— Mande aviar esta receita — disse ele. — Vai lhe proporcionar algum alívio.

Ele puxou uma cadeira para junto da cama, entregou-lhe a receita e desabotoou o paletó.

— O que há de errado comigo, doutor? Há anos que não me sinto tão fraca.

— Cheguei a isso. — Kleinberg fitou-a nos olhos. — Tive uma conversa com o Sr. Moore a seu respeito.

— Eu já sabia que conversou com ele. Vi quando saíram do restaurante ontem à noite. Mas pensei que fosse um encontro social.

— Ela piscou os olhos, aturdida. — A meu respeito? Por quê?

— Quer dizer que o Sr. Moore nada contou sobre a nossa conversa?

A resposta veio lentamente:

— Não, não contou.

— Achei que seria mais fácil se ele lhe falasse primeiro. Percebo agora que terei de fazê-lo diretamente.

— Fazer o quê? É a notícia sobre a minha cura?

— É, sim. — Kleinberg firmou-se para o momento da verdade.

— Infelizmente, é uma má notícia. O sarcoma voltou. O tumor é visível. A radiografia mostra novamente o tumor maligno. É real e precisa ser tratado.

Ele já passara por isso muitas vezes, em casos similares, era a parte de sua profissão que mais detestava. Examinar e diagnosticar eram as coisas que podia fazer melhor. Mas enfrentar o paciente com a má notícia, o nível humano, o aspecto emocional, era a pior coisa da profissão de médico.

Ele contara e em seguida viria a reação dela. A reação habitual era de silêncio atordoado e inevitavelmente se seguiam as lágrimas. Às vezes havia dúvidas, protestos, revolta furiosa contra a injustiça, mas sempre um colapso de alguma espécie e sempre altamente emocional. Kleinberg esperou pela explosão, mas não veio. Não houve uma só feição do rosto afável de Edith Moore que se mexesse ou contraísse. Os olhos dela o deixaram e se fixaram no teto. Ela não fez qualquer esforço para falar, simplesmente ficou olhando para o teto.

Talvez um minuto transcorresse, enquanto ela absorvia a terrível verdade. E, finalmente, seus olhos voltaram a se encontrar com os de Kleinberg. Sua voz era quase inaudível quando perguntou:

— Tem certeza?

— Tenho, sim, Edith. — Inadvertidamente, ele a tratara de modo informal, o que acontecia pela primeira vez. — Não há qualquer possibilidade de erro.

Ela passou a língua pelos lábios ressequidos, silenciosa outra vez. Quando voltou a falar, foi mais para si mesma, com um resquício de amargura:

— Mulher milagrosa... Então está de volta. Não houve qualquer cura milagrosa.

— Infelizmente, não.

— Não pode me certificar como curada porque... eu não estou curada. Já falou com o Dr. Berryer?

— Ainda não.

— E com o Padre Ruland?

— Também não.

— Eles ficaram me dizendo que seu exame seria de rotina. Todos os médicos, por três anos, foram positivos de que eu estava milagrosamente curada. Como pode explicar isso?

— Não posso, Edith. Jamais conheci um caso em que o sarcoma se apresentasse tão evidente, depois desaparecesse por um período tão longo... e finalmente voltasse de repente. Os casos comuns de remissão não são assim. Esse desaparecimento e retorno final da doença são inexplicáveis em minha experiência.

— Desconfiei de que alguma coisa podia estar errada — comentou Edith, pensativa. — Especialmente porque não recebi notícias suas de imediato. E também... porque comecei a me sentir mal ontem à noite... a mesma fraqueza antiga, as mesmas dores, embora não tão intensas. Mas foi assim que tudo começou há cinco anos. E passei a me preocupar com o que estava acontecendo.

— Estava certa. Tentei informá-la, assim que tive certeza, por intermédio de seu marido.

— Reggie... — Edith olhou para Kleinberg com uma expressão de franqueza total. — Essa é a pior parte. Já passei pela doença antes e por muito tempo, aprendi a conviver com ela de alguma forma. Convivi com a morte por tanto tempo... ora, posso fazê-lo de novo e sei que encontrarei um meio de enfrentar. Mas Reggie é a minha grande preocupação. Apesar de toda a sua fanfarronice e comportamento agressivo, ele é fraco por baixo. Escapa constantemente para um mundo de irreabilidade. Imagino que é isso que o sustenta. Nunca falei isso a ninguém antes. Mas eu o conheço. Por Deus, ele deve ter ficado terrivelmente chocado quando lhe contou a verdade.

— Ele não quis acreditar — disse Kleinberg.

— Reggie é assim mesmo. Pobre coitado. É minha única preocupação. Apesar de todos os seus defeitos, eu o amo muito. Há muita coisa boa nele. É uma criança grande, uma criança adulta... e eu o amo. Ele é tudo o que tenho neste mundo para cuidar e amar. Pode compreender, doutor?

Kleinberg compreendia e sentia-se estranhamente comovido. Havia um coração e uma profunda sensibilidade naquela mulher que ele não percebera antes.

— Compreendo, sim, Edith.

— Ele precisa de mim. Sem a minha presença, Reggie será um vagabundo, perdido, ridicularizado. Ele fracassou em tudo, fracassou e fracassou. Sua última jogada... todo o nosso dinheiro, tudo... o último resquício de seu amor-próprio... foi investido no restaurante. E começara a dar certo. — Ela fez uma pausa, hesitante. — Mas somente porque eu era a mulher do milagre. Agora, sou apenas uma mulher de meia-idade com uma doença fatal. Ele perderá o restaurante, que não pode sustentar dois sócios sem a minha presença como atração. Ele será destruído. E daqui a pouco não poderei mais trabalhar. Porque terei morrido.

— Espere um instante, Edith. Tenho mais coisas a dizer e são importantes. Talvez eu devesse ter-lhe contado imediatamente... mas tinha de declarar primeiro o seu estado. Essa foi a má notícia. Mas há também uma notícia extremamente favorável. Seu caso não é incurável. Não precisa morrer. Desde o seu episódio inicial, há cinco anos, uma nova forma de cirurgia, uma nova técnica de substituição genética, foi desenvolvida e pode ser um meio de salvá-la. Acho que é melhor eu lhe falar a respeito.

Estranhamente, para Kleinberg, ela não apresentou qualquer reação visível, não houve a súbita esperança diante daquela boia salva-vidas inesperada. Ela continuou deitada apaticamente, a fitá-lo, preparada para escutar. Nas circunstâncias, ela dava a impressão de ter perdido toda a vontade de viver.

Mesmo assim, Kleinberg repetiu a essência de sua conversa com o Dr. Maurice Duval, omitindo apenas qualquer referência às cirurgias secretas realizadas pelo amigo. E concluiu:

— Ai está, Edith. Uma possibilidade concreta. Setenta por cento a seu favor. Se der certo, como ele promete que acontecerá, você ficará totalmente recuperada.

— Mas não serei mais a mulher do milagre.

— A menos que considere esse novo tratamento de substituição genética como um milagre, como eu faço.

— Se eu sobrevivesse, também pensaria assim. Mas isso não ajudaria Reggie.

— Se ele a ama, então a teria. E você poderia voltar ao trabalho.

— Tem razão, doutor. Talvez eu vivesse. Mas, para todos os efeitos e propósitos, Reggie estaria morto.

— Creio que pode haver mais coisa no futuro para os dois. Seja como for, preciso de sua decisão sobre a cirurgia o mais depressa possível. O Dr. Duval pode efetuar a sua operação já neste domingo. Mas precisa do seu consentimento.

Ela sacudiu a cabeça, lentamente.

— Não posso tomar essa decisão sozinha. Preciso conversar a respeito com Reggie.

Ela ainda não absorvera inteiramente o seu não-milagre, refletiu Kleinberg.

— Não vejo sentido em protelar a decisão, Edith. A menos que se aja

imediatamente, o resultado será inevitável.

— Ainda sou a mulher do milagre aos olhos de todos. Isso pode prolongar o sucesso de Reggie por mais algum tempo... e talvez ele encontre alguém com outra opinião que dirá a Igreja que sou mesmo uma mulher milagrosa, no final das contas.

Kleinberg não tinha mais como argumentar.

— Tudo agora depende inteiramente de você — disse ele, levantando-se. — Mas preciso de sua decisão final amanhã, certamente não mais que sábado.

— Conversarei com Reggie.

Sexta-Feira, 19 de Agosto

Hipnotizada pelo relógio no consolo, Gisele Dupree observou o ponteiro das horas e o ponteiro dos minutos marcarem onze e meia da manhã.

Sua atenção deslocou-se para a porta do apartamento, aguardando a batida que deveria soar a qualquer segundo.

Ela voltara ao apartamento mais de meia hora antes, preparando-se para a chegada prevista de Sergei Tikhanov. Levantara-se bem cedo, conduzindo uma peregrinação programada de italianos pela excursão habitual de Lourdes. Terminando às 10:40, ela dispunha de 20 minutos para descansar, antes de iniciar sua excursão seguinte. Em vez disso, porém, queixara-se novamente da enxaqueca e dissera ao diretor da agência que precisava voltar ao apartamento e deitar-se. Sua saída provocara algum constrangimento.

Havia o risco, ao deixar o trabalho pela segunda vez, de ser despedida quando retornasse. Mas ela dissera a si mesma que não precisaria voltar. Estava empenhada num jogo e, se desse certo, o risco não teria a menor importância.

Acreditava, desde ontem, que seu jogo era uma coisa certa. Especialmente porque a aposta em seu futuro tinha uma boa base. Se Tikhanov realmente tencionasse desafiá-la, haveria Liz Finch como uma fonte alternativa de dinheiro para comprar sua descoberta.

Se não fosse o russo, seria a americana, ela garantiria a si mesma, às onze e meia — e ainda tinha certeza de que seria Tikhanov.

Às 11:37 ela já não tinha tanta certeza.

Era inconcebível que um diplomata da estatura de Tikhanov, um candidato ao cargo de primeiro-ministro da União Soviética, alguém com tanta coisa em jogo, permitisse que uma denúncia explodisse daquela maneira. Ela estava surpresa por ele não ter aparecido na hora marcada e agora se perguntava se o russo não seria bastante obstinado e suicida para não comparecer em momento algum. Ou talvez ele estivesse encontrando problemas para obter o dinheiro, o que explicaria o atraso. Contudo, ela lhe oferecera uma alternativa.

Gisele começou a se preocupar.

Não gostava de suas chances ficarem reduzidas a uma só fonte, a Liz Finch, que poderia ter problemas para arrancar o dinheiro necessário de sua agência americana.

Gradativamente, as perspectivas maravilhosas, que Gisele imaginara, como o dia ensolarado lá fora, começaram a obscurecer.

E, de repente, ela virou-se. Houvera uma batida na porta? Ela achava que sim. E disse:

— Quem está aí?

Não houve resposta. Mas, depois, soaram mais três batidas nítidas na porta.

No mesmo instante ela se reanimou. Deixando de lado qualquer pretensão de frieza ou calma, Gisele correu para a porta. Abriu-a bruscamente. Lá estava ele, o rosto de granito sisudo, o enorme bigode, num grosso terno escuro, gravata preta.

Sergei Tikhanov. Por uma gentileza inata e com a vitória ao seu alcance, Gisele cumprimentou-o cordialmente:

— Que prazer em vê-lo, Sr. Samuel Talley!

— Olá — disse ele, com um aceno de cabeça brusco, passando por ela e entrando na sala de estar do apartamento.

Fechando a porta, Gisele virou-se para fitá-lo.

— E então?

— Você ganhou — disse ele, simplesmente. — Sou mesmo Sergei Tikhanov.

— Tive certeza desde o momento em que vi a sua fotografia sem o bigode.

— Muita esperteza de sua parte, Srta. Dupree. É mais esperta do que imaginei. Deve ser elogiada. É claro que eu não tinha opção a não ser procurá-la esta manhã. Foi muita imprudência minha, em primeiro lugar, ter vindo a Lourdes. Mas compreensível. Um ato de desespero de um homem moribundo. Contudo, foi um erro. E depois de cometido, eu não podia deixar que a notícia se espalhasse. Sabia que precisava evitar que você tornasse pública a minha identidade.

Gisele fitava-o fixamente.

— Então está aqui para evitar a denúncia. Espero que não tente nada violento. Devo avisá-lo que estou armada.

Tikhanov pareceu ficar ofendido.

— Srta. Dupree, como minha vida deixa bem claro, posso ser qualquer coisa menos um homem violento. Sugeriu um acordo e estou disposto a aceitá-lo. Vim aqui para atender a seus termos. Sugeriu que me custaria 15 mil dólares.

Gisele sentiu-se inebriada, dominada por uma ganância súbita. Ela o tinha à sua mercê e aquela era uma oportunidade que só surgia uma vez na vida.

— Isso foi ontem — disse Gisele, impulsivamente. — Hoje, as condições mudaram.

— Mudaram?

— Tenho agora outra pessoa para comprar a minha informação — anunciou ela, impudentemente. — E essa outra pessoa pode estar disposta a pagar mais.

Pela primeira vez, Tikhanov demonstrou alguma preocupação.

— Disse ao outro comprador o que tinha para oferecer?

— Claro que não. Não revelei coisa alguma. Mas agora terá de me pagar 20 mil dólares. Mas sempre pode, como sugeri, enviar o dinheiro na próxima semana...

Tikhanov ofereceu um sorriso torto.

— Não há necessidade. Quero concluir o negócio imediatamente. Felizmente, sempre viajo com bastante dinheiro, em três moedas diferentes. Para... para pequenas emergências... e pagamentos. — Ele fez uma pausa, sorrindo outra vez, um sorriso em que não havia qualquer humor. — Eu já esperava que aumentasse o preço. Tenho negociado e barganhado por toda a minha vida. Adversários com todos os trunfos sempre levantam o preço. Eu trouxe 20 mil... na verdade, um pouco mais... em dólares americanos.

— Vinte mil serão suficientes — disse Gisele, fazendo um esforço para controlar o tremor na voz.

— Aqui está o dinheiro. — Tikhanov meteu a mão no bolso direito do paletó. Tirou um grosso maço de notas verdes, presas por um elástico. Pôs o dinheiro na mesinha de café e acrescentou: — Todo seu.

Os olhos de Gisele se arregalaram.

— Jamais tive a intenção de prejudicá-lo — disse ela. — Nada tenho contra você. Apenas precisava do dinheiro.

Quando ela começou a se inclinar para pegar o dinheiro, Tikhanov esticou abruptamente o braço direito, detendo-a.

— Não tão depressa. Meu pagamento está aqui. Onde está o que você tem para me dar em troca?

— Claro, claro... — balbuciou Gisele. — Vou buscar a prova, a fotografia... todas as fotografias...

— E os negativos — acrescentou ele, suavemente.

— Isso mesmo, os negativos também. Espere um instante. — Ela virou-se e seguiu apressadamente para o quarto. — Vou buscar tudo.

Tikhanov olhou pela porta aberta por alguns segundos e depois entrou em ação, deslizando pelo chão atapetado, sem fazer barulho, com a agilidade decorrente da prática.

Ele viu que Gisele estava junto de uma arca de gavetas, abrindo a de cima, concentrando-se em seu conteúdo, de costas para a porta. Tikhanov ergueu-se nas pontas dos pés, equilibrado, tenso, como uma cascavel prestes a dar o bote. Os olhos eslavos eram agora fendas estreitas, fixados em Gisele. Ela estava ocupada a tirar uma fotografia e um negativo da gaveta superior.

No instante em que ela levantou as coisas, a mão de Tikhanov entrou no bolso esquerdo do paletó e saiu com um pedaço de corda, fina e resistente.

Ele avançou depressa, bem depressa, atravessando o quarto em sete longas passadas, indiferente ao barulho que fazia. Gisele ouviu e começou a se virar quando ele alcançou-a.

A última coisa que ela viu claramente de Sergei Tikhanov foram os olhos desvairados, brilhando intensamente no rosto assassino. Com a rápida eficiência de um comando do Exército Vermelho, ele passou a corda pelo pescoço e torceu. Gisele deixou escapar um grito rouco, que se transformou num gemido,

os punhos começaram a bater nele, no esforço de respirar e libertar-se. Sua força surpreendeu Tikhanov, as unhas de uma de suas mãos lhe arranharam a face. Ele reduziu a pressão para se proteger. Nesse momento, Gisele desvencilhou-se e, com a corda ainda pendurada no pescoço, cambaleou do quarto para a sala, tateando à procura de alguma coisa no bolso da saia. Mas Tikhanov partiu selvagemmente atrás dela, alcançando-a no instante em que Gisele batia numa mesa, derrubando o telefone e um vaso de flores.

A corda estava outra vez nas mãos enormes de Tikhanov, ele a torcia e apertava cada vez mais a garganta de Gisele, garroteando-a implacavelmente. A mão dela cessou de tatear pelo bolso, a outra mão pendeu inerte pelo lado do corpo. Seus olhos se esbugalharam, quase saltando das órbitas, a boca se entreabriu, a saliva escorrendo. Brutalmente, Tikhanov continuou a estrangulá-la, cada vez com mais força.

Subitamente, os olhos de Gisele se fecharam, a cabeça pendeu para um lado, o corpo ficou desengonçado, como uma boneca de trapos. Ela começou a arriar, depois se dobrou silenciosamente e resvalou para o tapete. Ele acompanhou-a até lá, as mãos ainda apertando a corda, mantendo-a esticada ao máximo, até que Gisele ficou completamente imóvel.

Tikhanov finalmente largou a corda. Ajoelhando-se, examinou o corpo atentamente. Estendeu a mão para verificar a pulsação. Não havia nenhuma.

Satisfeito, ele desenrolou a corda lentamente, levantou a cabeça inerte e sem vida, soltando-a. Depois, bruscamente, deixou a cabeça cair de volta ao chão. Guardando a corda no bolso esquerdo, ele pegou o maço de dinheiro americano na mesinha de café e meteu no bolso direito. Viu que uma pequena pistola — ela estava mesmo armada — caíra do bolso da saia. Não a tocou.

Levantando-se, Tikhanov voltou rapidamente ao quarto. No chão, junto da arca, encontrou a sua fotografia sem o bigode, tirada ao lado da gruta, assim como o negativo. Guardou-os no bolso. Pondo um par de luvas que tirou do bolso da calça, revistou a gaveta aberta, recolhendo todo o pacote de fotografias e negativos, mais duas fotografias grandes de seu rosto e um recorte de jornal que o mostrava. Rasgou as últimas coisas em pedacinhos, que largou num bolso do paletó. Agora, limpando todas as superfícies em que poderia ter tocado, procurou por qualquer bloco ou pedaço de papel em que pudesse estar escrita alguma referência a Talley ou Tikhanov. Não havia nada no quarto, na cozinha ou na sala de jantar. Ele voltou à sala de estar.

Avistou o telefone no chão e, ao seu lado, um caderninho de endereços vermelho. Na letra T, encontrou anotado, por Gisele, o nome "Talley, Samuel", indicando o hotel e seu endereço. Confiscou também o caderninho.

Um olhar de despedida para o cadáver.

O cadáver mais morto que ele já vira.

Não sentia qualquer remorso. Por mais bonita e jovem que ela pudesse ser,

não passava de uma chantagista nojenta. E tentara assassiná-lo. Ele a matara em legítima defesa.

Tikhanov foi até a porta do apartamento, abriu-a. Olhou para um lado e outro do corredor. Estava vazio. Ele saiu, fechou a porta sem fazer qualquer barulho, deixou o prédio.

Ao meio-dia exatamente, como fora instruída a fazer no dia anterior, Liz Finch ligou para o telefone que Gisele lhe dera. O número estava ocupado.

Um pouco desconcertada, Liz tornou a discar um minuto depois. Ainda sinal de ocupado. Ela passou a discar a intervalos de dois minutos, sempre encontrando a linha ocupada. Esperando que a linha ficasse desocupada, Liz ficou especulando se conseguiria mesmo obter uma grande história de Gisele. Não podia imaginar o que seria e tinha dúvidas se Gisele realmente sabia o que constituía uma grande história.

As ligações de Liz continuaram por mais de 20 minutos. Finalmente, concluindo que havia algo errado com o aparelho de Gisele, ela ligou para a telefonista. Depois de uma longa conversa em francês e de intensa expectativa no quarto de hotel, enquanto a telefonista investigava, Liz só pôde saber que o telefone de Gisele estava fora do gancho ou escangalhado e o problema seria resolvido o mais depressa possível.

Compreendendo que uma solução para o problema poderia demorar interminavelmente e que Gisele, sem saber que havia algum defeito no telefone, poderia estar esperando, Liz resolveu ignorar os modernos meios de comunicação e procurá-la pessoalmente.

Estudando o mapa de Lourdes, enquanto descia para o saguão do hotel, Liz constatou que o apartamento em que Gisele se encontrava era no outro lado do domínio e que levaria muito tempo para cobrir a distância a pé.

Na rua, ela fez sinal para um táxi e deu o endereço. Sentada na beira do assento preto, Liz voltou a especular sobre o tipo de história que Gisele teria para lhe vender. Devia ser algo muito especial, concluiu Liz finalmente. Afinal, em comparação com os outros jovens locais, Gisele era surpreendentemente experiente e sofisticada, obviamente lia os jornais de Paris. Saberia o que estava à altura de uma cobertura de primeira página. Reconheceria uma grande notícia e fora bem clara no dia anterior ao proclamar que possuía uma grande história. Era verdade que a história tinha um preço alto e Bill Trask teria de comprá-la para a API. Mas Liz sabia que a agência pagava quantias consideráveis por histórias exclusivas.

A possibilidade de obter uma história sensacional crescia de importância na mente de Liz, porque ela precisava desesperadamente. A única matéria de que dispunha agora era sobre as fraquezas de Bernadette. Insinuava que toda a validade de Lourdes se baseava numa fundação precária. Mas a reportagem carecia de qualquer prova concreta. Liz planejava passar a história pelo telefone

no dia seguinte, mas tinha a sensação angustiante de que não impressionaria a API de maneira suficiente para mantê-la no escritório de Paris, ao invés da afortunada Marguerite Lamarche, com seu escândalo de Viron, potencialmente explosivo.

Liz precisava de uma história muito mais espetacular de Gisele.

Chegando ao endereço, ela pagou ao motorista e entrou apressadamente no prédio. O apartamento de Gisele ficava no térreo, no meio do corredor. Liz encontrou, não conseguiu localizar uma campainha e por isso bateu na porta.

Não houve resposta.

Talvez Gisele estivesse no banheiro. Liz bateu com mais força, persistentemente, até os dedos doerem.

Ficou esperando a resposta de Gisele. Mas não houve nenhuma.

Por seu longo condicionamento como repórter, Liz experimentou automaticamente a maçaneta da porta afim de verificar se estava trancada. A porta se abriu. Não fora trancada. Muita negligência de Gisele.

Liz decidiu que tinha o direito, nas circunstâncias, de entrar no apartamento. Empurrou a porta e entrou na sala de estar. Estava vazia.

— Gisele — gritou Liz — Estou aqui! Sou eu, Liz Finch!

Não houve qualquer voz soando em resposta. Apenas o silêncio.

No momento, o apartamento parecia desocupado. Obviamente, achando que Liz não telefonaria, Gisele saíra para trabalhar ou então para procurá-la.

O maldito telefone estava enguiçado, fora isso que acarretara o desencontro, pensou Liz. Ela procurou o telefone por alguma superfície. Os olhos finalmente se fixaram no chão, quase a seus pés: lá estava, o fone separado do gancho, o que explicava o sinal de ocupado.

Ajoelhando-se para pegar o telefone, os olhos de Liz depararam com algo tão inesperado que ela deixou escapar uma exclamação de espanto.

Havia uma mão e um braço estendidos, visíveis na beira de uma estante divisória que escondia o sofá. Aturdida, Liz levantou-se, meio trôpega, deu um passo à frente, a fim de ter uma visão mais completa.

E viu o corpo estendido no chão, ao lado da mesinha e do sofá, inerte.

Era mesmo Gisele. Liz adiantou-se e ajoelhou-se, a fim de verificar se ela desmaiara e estava apenas sem sentidos. Mas no instante mesmo em que baixou a mão para o pulso de Gisele, a fim de verificar a pulsação, percebeu que alguma coisa mais drástica acontecera. O rosto inchado de Gisele tinha uma expressão horrível, insólita.

Ela não estava inconsciente, pensou Liz, largando o pulso. Mas morta, completamente morta. As marcas vermelhas em seu pescoço eram evidentes. Ela fora estrangulada. Assassinada.

Por mais experiente que fosse em todos os tipos de crime, Liz instintivamente recuou diante da visão. Levantou-se trêmula, tentando compreender. A princípio,

o pensamento mais corriqueiro aflorou em sua mente. Um intruso, um assaltante, Gisele tentara contê-lo e fracassara. Mas, depois, outro pensamento surgiu. No dia anterior Gisele deixara bem claro que estava em cima de uma grande história... a maior... com repercussões internacionais..."Terá de esperar até amanhã. Saberei então se poderá ter a história."

Gisele estava prestes a conseguir sua história, apenas aguardava a confirmação para hoje.

E a confirmação tinha de vir de *alguém*. Isso mesmo, alguém estivera no apartamento. Gisele provavelmente deparara com uma história sensacional. Mas alguém soubera e não permitira que Gisele a vendesse. Alguém a matara, brutalmente, monstruosamente.

Pobre criança.

Adeus, Gisele. Adeus, história sensacional. E, lembrança egoísta, adeus Liz Finch e sua possibilidade de conservar o emprego.

A intenção imediata de Liz era se afastar do cadáver e do local do crime. Mas seu melindre estava se desvanecendo e a curiosidade de repórter predominava. Se alguém estivera ali, poderia ter deixado uma pista. Provavelmente não. Mesmo assim, vale a pena procurar. Liz tateou a bolsa à procura do lenço, tirou-o, desdobrou-o. Enrolou-o na mão direita. Se pretendia fazer uma busca, era melhor não deixar suas impressões digitais e ser incriminada no caso.

Liz iniciou sua revista apressada mas meticulosa, passando de cômodo em cômodo. Mas nada encontrou. Nenhum sinal de outra presença humana. Nenhuma pista. Nenhum pedaço de papel escrito. O apartamento estava estranhamente anônimo.

Depois de 15 minutos, Liz compreendeu que fora precedida por alguém ainda mais esperto e profissional do que ela.

Nervosa com a possibilidade de um visitante aparecer e surpreendê-la ali, Liz não se atreveu a ficar por mais tempo. Saiu do prédio para a rua, encontrou um táxi para levá-la ao hotel, nas proximidades do domínio.

Chegando ao hotel, Liz decidiu o que faria em seguida. Achava que devia um favor a Gisele Dupree por ter tentado ajudá-la. Devia um telefonema. Pensou em ligar de seu quarto, mas concluiu que poderia ser facilmente determinada a origem. Não era seguro. Perguntou ao motorista onde poderia encontrar uma cabine telefônica pública. Ele orientou-a para um ponto a meio quarteirão de distância.

Enquanto se encaminhava para o telefone, Liz abriu a bolsa e encontrou um *jeton*. Entrou na cabine, fechou a porta, largou o *jeton* na fenda e discou para a telefonista.

— Telefonista — disse ela, em francês — ligue-me com o *Commissariat de police*. É uma emergência,

— *Police secours? Appelez-vous dix-sept.*

Liz desligou e discou o 17.

Segundos depois, uma voz de homem atendeu, enunciando seu posto e nome, informando que era da seção de emergência da polícia.

— Pode me ouvir direito? — perguntou Liz.

— Perfeitamente.

— Tenho de lhe comunicar uma coisa importante. Assim, por favor, não me interrompa. — Liz continuou, rapidamente, nitidamente. — Fui ao apartamento de uma amiga para me encontrar com ela. Deveríamos sair juntas para fazer compras. A porta do apartamento estava aberta e entrei. Encontrei-a caída no chão, morta, estrangulada. Deixe-me repetir. Encontrei-a assassinada. Não há a menor dúvida de que ela está morta. Anote agora o nome e endereço...

— Madame, se me permitir interrompê-la...

— Não lhe direi mais nada além do que estou comunicando. O nome da vítima é Gisele Dupree, uma mulher solteira, na casa dos 20 anos. Seu endereço é... — Liz procurou pelo cartão que Gisele lhe dera, com o endereço anotado, leu-o devagar. E depois acrescentou: — Encontrará o corpo lá. Isso é tudo.

— Já anotei. Mas, escute, madame...

Liz desligou e saiu da cabine para respirar ar fresco.

Liz vagueou a esmo por meia hora, até que seus nervos se acalmaram. Começou então a pensar no seu futuro. Guardara a matéria sobre Bernadette, na esperança de encontrar algo mais espetacular, de obter a grande história de Gisele. Mas agora essa esperança se desvanecera, não havia opção a não ser despachar para Bill Trask, em Paris, qualquer coisa que já tivesse pronta.

Ela mudou de rumo e se encaminhou para o escritório da imprensa. Alcançou-o 10 minutos depois e entrou na caverna de lona temporária. Havia pelo menos 100 mesas lá dentro. Infeliz, ela se encaminhou para a mesa de carvalho que partilhava com dois outros correspondentes. A cadeira estava desocupada e Liz torceu para que os outros dois estivessem encontrando tanta dificuldade quanto ela para descobrir alguma matéria interessante.

Quando pegou o telefone e pediu à telefonista que a ligasse com a API em Paris, ocorreu-lhe que tinha não apenas uma, mas duas histórias que poderiam interessar a seu chefe. Momentos depois, ela estava em contato com a API e pediu que a ligação fosse transferida para Bill Trask. A voz ríspida de Trask soou como um desafio:

— Quem está falando?

— Deixe disso, Bill. Quem poderia estar lhe telefonando de Lourdes? É Liz quem está aqui, mais ninguém.

— Eu já estava perguntando quando você entraria em contato.

— Há seis dias que não acontece absolutamente nada por aqui, Bill. Pode estar certo de que tenho corrido de um lado para outro, fazendo o possível e o

impossível para encontrar alguma coisa.

— Alguém já viu a Virgem?

— Pare com isso, Bill.

— Estou falando sério.

— Sabe muito bem que a resposta é um grande NÃO. Mas consegui desencavar duas histórias para você. Não vão abalar o mundo, mas são histórias.

— Muito bem, deixe-me ligar a máquina. Ficarei escutando, mas enquanto isso estamos gravando. Pode falar, Liz.

— Primeira história, certo?

— Continue.

E Liz continuou:

— Assassinato em Lourdes esta manhã. Assassinato brutal entre os devotos. Todas as pessoas aqui encontram a cura, mas uma moça local encontrou a morte. O nome da vítima é Gisele Dupree, solteira, talvez 26 anos, encontrada em seu apartamento estrangulada, nas proximidades da gruta... ao meio-dia. Ela havia trabalhado como secretária do embaixador francês na ONU, Charles Sarrat. Esteve em Nova York com a delegação francesa.

— Quando?

— Há dois anos. Í

— Mas o que ela estava fazendo em Lourdes agora?

Liz engoliu em seco. O teste de Trask.

— Ela estava trabalhando aqui como uma guia de turistas.

— Uma o quê?

— Ela conduzia excursões por Lourdes, levando os turistas a todos os pontos históricos.

— Muito bem, vamos tentar outro caminho. Quem a assassinou?

— Sentindo-se desaparada, Liz improvisou:

— Entrei em contato com a polícia de Lourdes. O assassino ainda é desconhecido. Dizem que estão investigando diversas pistas, mas ainda não anunciaram nenhum suspeito. Continuarei no caso, se você quiser.

— Mais alguma coisa sobre o assassinato?

— Posso dizer uma coisa a respeito da vítima. Ela era muito "bonita, sensual. E também...

Trask interrompeu-a bruscamente:

— Não precisa se incomodar com o resto.

— Como?

— Não precisa perder tempo em acompanhar o caso. Sabe muito bem que não é uma história para nós, Liz. Quantos assassinatos são cometidos na França todos os dias? É apenas mais um homicídio comum. O que você tem aí? Uma jovem guia. Uma moça sem importância assassinada por alguém desconhecido. Isso é coisa para a imprensa francesa. Não nos daria um centímetro qualquer em

Nova York, Chicago ou Los Angeles, muito menos em Dubuque ou Topeka. É claro que poderíamos tirar algum proveito se o assassino for alguém conhecido ou se encontrar na história algum ângulo internacional.

— Posso continuar a trabalhar no caso para ver se descubro alguma coisa.

— Mas não dispense muita energia. Não creio que isso possa nos levar a alguma coisa. Você mencionou outra história. Pode falar.

— Como não há qualquer notícia de importância em Lourdes, sobre a Virgem ou alguma outra coisa, preparei uma pequena matéria sobre Bernadette e o que realmente aconteceu com ela em 1858. Achei que poderia dar uma reportagem dominical. Com alguma repercussão.

— Pode ditar. Estou ouvindo.

Liz respirou fundo.

— Pois lá vai.

Ela começou a ler a matéria pelo telefone.

O *lead* versava sobre o fato de que Lourdes, que normalmente recebia cinco milhões de visitantes por ano, estava alojando naqueles oito dias o maior número de pessoas que já acorrera para o santuário... e tudo por causa das visões de uma camponesa de 14 anos e um segredo que ela revelara.

Embora a Igreja Católica tivesse elevado Bernadette à santidade, depois de sua morte, continuou Liz, uma minoria do clero, além de muitos estudiosos, questionara a veracidade das visões da pequena camponesa. Tentando desenvolver seu caso contra Bernadette, como uma promotora, Liz enumerou as suspeitas que existiam sobre a honestidade da garota.

— Os partidários de Bernadette sempre insistiram que ela não teve qualquer interesse ao comunicar as aparições — Liz leu pelo telefone. — Mas estudiosos ressaltaram que, à medida que o número de espectadores aumentou, Bernadette tornou-se uma exibicionista, apresentando-se para as multidões. Houve uma ocasião em que seu pai, François, notando a grande concentração de espectadores, foi ouvido a sussurrar para Bernadette, quando ela se ajoelhou diante da gruta: "Não cometa nenhum erro hoje. Faça tudo direito."

Satisfeita com esse toque, Liz relatou como a própria Bernadette não acreditava que a gruta pudesse curá-la. Depois, passou a falar do tempo que Bernadette passara em Nevers, onde a superiora das noviças sempre duvidara de que tivesse visto a Virgem.

Enquanto continuava a ditar a história pelo telefone, Liz foi se sentindo cada vez mais apreensiva. A seus próprios ouvidos, parecia mero boato, quase vulgar. E se perguntou como Bill Trask estaria reagindo. Ela fez uma pausa.

— O que acha, Bill?

— É interessante, é claro. Um pouco surpreendente. Onde recolheu o material?

— Uma boa parte de defensores da Igreja... do Padre Ruland aqui, do Padre

Cayoux e Irmã Francesca em outras cidades, de várias pessoas em diversos lugares.

— Eles lhe contaram tudo isso? Eram contra Bernadette?

— Não. A maioria era a favor de Bernadette. Fui seletiva no que tirei das entrevistas para... reforçar o meu ângulo da história. Ainda tenho outra página. Quer que eu termine?

— Não precisa se incomodar — disse Trask, bruscamente. — Boa tentativa, Liz, mas possivelmente não poderíamos aproveitá-la. Esses supostos fatos que você esteve lendo podem ser válidos, mas não somam muita coisa. São muito problemáticos e especulativos, frágeis demais para suportar a tempestade de controvérsia que certamente gerariam no mundo inteiro. Quando se está desmascarando uma santa, Liz, especialmente uma santa quente e tão em voga no momento, é melhor ter os fatos concretos. Precisa pelo menos de uma prova incontestável, partindo de uma fonte de absoluta credibilidade. Sei que tem feito o melhor possível, mas sua história foi construída sobre areia e precisamos de uma fundação mais sólida. Está me entendendo?

— Acho que sim — balbuciou Liz.

Ela não tinha coragem de se opor a seu chefe porque sabia desde o início que a história era frágil, baseada num ângulo artificial que visava a chocar.

— Portanto, Liz, vamos esquecer. E mantenha os olhos bem abertos.

— Para quê

— Para a história realmente grande... se a Virgem Maria vai ou; não reaparecer em Lourdes até domingo. Se conseguir essa história, não será exclusiva, mas ficarei satisfeito.

Terei de esperar para ver.

— Pois espere e veja.

Sabendo que ele estava prestes a desligar, Liz tinha de fazer mais uma pergunta e odiando-se por isso:

— Oh, Bill, só mais uma coisa... por curiosidade... mas como Marguerite está indo com a história de Viron?

— Acho que muito bem. Parece que ela chegou bem perto dele. Entregará sua matéria amanhã.

— Boa sorte para ela.

Depois de desligar, Liz sentiu vontade de se matar. Adeus emprego, adeus carreira, adeus Paris, alô para uma sentença de perpétua servidão em alguma cidadezinha do Meio-Oeste americano.

Certamente aquele era o momento mais desolado de toda a sua vida adulta.

Ela ouviu o telefone tocar e rezou para que fosse a sua salvação.

A voz era de Amanda Spenser.

— Estou contente por tê-la encontrado, Liz. Conversei com o Padre Ruland, como lhe disse que faria. Está lembrada? Ele foi bastante cooperativo.

— Sobre o quê?

— Deu-me o nome da pessoa em Bartrès de quem ele comprou o diário de Bernadette. É Madame Eugénie Gautier e marquei um encontro com ela. Estou de partida para Bartrès e pensei que você talvez quisesse me acompanhar.

— Obrigada, mas não quero. Infelizmente, já ouvi tudo o que poderia querer saber a seu respeito. Meu pessoal em Paris simplesmente não está interessado. Já chega para mim.

— Nunca se pode saber... — murmurou Amanda.

— Pois eu sei. Boa sorte, Amanda. Vai precisar.

O Dr. Paul Kleinberg estava estendido em sua cama, no Hotel Astoria, descansando e lendo, enquanto esperava o telefonema de Edith Moore, anunciando a sua decisão. Irritava-o que houvesse uma decisão a tomar, já que a pobre não tinha realmente opção. Seu prognóstico fora definitivo e inequívoco. A doença era fatal. A menos que ela se submetesse ao bisturi do Dr. Duval e à implantação genética, podia se considerar morta. Parecia impossível que ela arriscasse a vida na dependência de um segundo milagre, quando o primeiro finalmente lhe falhara. Contudo, ela estava entregando seu futuro nas mãos do marido, Reggie, que era egoísta, irrealista e aparentemente insensível ao destino da esposa.

Aquela demora era uma loucura total. Kleinberg desejou estar completamente fora daquele caso, de volta a seu confortável apartamento em Paris.

E subitamente o telefone ao seu lado, amplificado pela introspecção, tocou como uma trombeta.

Ele levantou o fone, preparado para ouvir Edith Moore. Ficou surpreso ao descobrir que o interlocutor era homem.

— Dr. Kleinberg? Aqui é Reggie Moore. Considerando o último encontro e a separação, Kleinberg ficou

ainda mais surpreso com o tom de cordialidade de Reggie.

— Eu estava esperando que sua esposa telefonasse, Sr. Moore.

— Ela me pediu que ligasse. Edith me falou de sua visita ao hotel. Ela não estava passando bem e lhe agradeço.

— Já sabe então do Dr. Duval?

— Sei, sim. Ela me contou tudo sobre essa nova cirurgia.

— Ela não pôde se decidir imediatamente — comentou Kleinberg. — Queria primeiro conversar com você.

— Conversamos a respeito longamente — disse Reggie, enigmaticamente.

— E chegaram a uma decisão?

— Eu gostaria de lhe falar antes. Gostaria de discutir o assunto. Está livre?

— Totalmente disponível. Sua esposa é motivo da minha presença aqui.

— Quando posso vê-lo?

— Agora.

— Está no Astoria — disse Reggie. — Conheço o hotel. Tem um lindo pátio nos fundos onde servem café. Poderíamos nos encontrar lá... deixe-me ver... dentro de 15 minutos. Está bom assim?

— Está ótimo. Dentro de 15 minutos. Kleinberg largou o livro e se levantou. Estava mais exasperado do que nunca e também desconcertado. Por que diabo Reggie Moore queria lhe falar? O que havia para discutir? Por que Reggie não podia lhe comunicar a decisão pelo telefone? Poderia então reservar tempo numa sala de operações num hospital de Lourdes ou então fazer as malas e voltar logo para casa. Mas ele foi se lavar, penteou os cabelos, pôs a gravata e o paletó. Assim arrumado, o Dr. Kleinberg desceu.

Descobriu que o pátio do Hotel Astoria era até agradável, com sua fonte murmurante habitual, alegrada pelas janelas amarelas dos quartos por cima dos arbustos verdes. Havia seis mesas redondas de plástico branco, cadeiras de ripas. Todas se encontravam vazias, com exceção de uma. Essa era ocupada por um homem grande, acendendo um charuto. E soprando o charuto estava Reggie Moore.

Kleinberg desceu apressadamente os degraus para o pátio e aproximou-se da mesa. Moore apertou-lhe a mão sem levantar. Kleinberg sentou-se no outro lado da mesa.

— Pedi café para nós dois — disse Reggie.

— Está bom ou quer outra coisa?

— Justamente o que o médico teria pedido — disse Kleinberg. Reggie soltou uma risada e tragou o charuto. Gradativamente, seu rosto assumiu uma expressão solene. Quando falou, estava quase abjecto e parecia contrito:

— Lamento a nossa pequena briga. Não tenho o hábito de gritar com quem quer que seja.

— Tinha razão para estar transtornado — comentou Kleinberg, que não confiava em pequenas vitórias assim.

— Parece consideravelmente mais calmo agora.

— E de fato estou.

Reggie ficou observando enquanto o garçom ajeitava na mesa o café, creme, açúcar e a nota. Mas não parecia interessado. Kleinberg percebeu claramente que Reggie pensava em outra coisa. E não tinha pressa em falar.

Reggie levou a xícara aos lábios, o dedo mínimo incongruentemente estendido. Provou o café. Fez uma careta e tornou a pôr a xícara na mesa.

— Detesto o café francês, se me perdoa dizê-lo.

Divertido, Kleinberg comentou:

— Não sou eu quem o faz.

Reggie tornou a tragar o charuto e depois ajeitou-o meticulosamente no cinzeiro, obviamente preparando-se para tratar de negócios.

— Eu e a patroa tivemos uma longa conversa. Não mudou de ideia sobre o seu diagnóstico?

— Claro que não. Ela estará numa situação muito difícil, a menos que se tome providências imediatas.

— Doutor, o que é essa nova cirurgia? É como qualquer outra cirurgia?

— Sim e não. — Kleinberg tentou pensar na melhor maneira de explicar com o máximo de simplicidade. — Inicialmente, há a cirurgia na maneira como provavelmente conhece... a remoção do , osso doente, a implantação de novo tecido ósseo ou de uma prótese artificial. Mas a engenharia genética é diferente. Não conheço exatamente o processo do Dr. Durval, mas sei que essa parte crucial não exigiria uma intervenção cirúrgica clássica. Consistiria na transplantação de genes saudáveis, mais ao estilo de... de uma transfusão de sangue, digamos assim. Essa parte consistiria mais de uma injeção ou uma série de injeções. Gostaria que eu explicasse o que é a engenharia genética?

— Eu... eu poderia compreender?

— Já ouviu falar em DNA, não é mesmo?

— Eu... eu acho que já li alguma coisa a respeito — murmurou Reggie, hesitante.

Pelo seu tom, Kleinberg avaliou que ele nunca lera nada a respeito, não sabia se DNA era a sigla de uma agência do governo ou o nome de um cavalo de corrida. E Kleinberg se perguntou até que ponto poderia ir.

— O corpo humano consiste de células e cada célula contém 100 mil genes, espalhados por quase dois metros de DNA, tensamente enrolado. Quando uma célula se deteriora, torna-se uma célula aberrante, que desencadeia um câncer e começa a se multiplicar, o corpo fica em grave perigo. As descobertas na pesquisa de separação de genes permitem agora aos especialistas usar enzimas para cortar filamentos de DNA, substituindo um gene defeituoso por outro saudável. Estou simplificando bastante, mas pegou a ideia?

— Acho que sim — respondeu Reggie, que obviamente nada havia entendido. — Mas não é necessário que eu saiba tudo a respeito, doutor, assim como também não sei de que maneira funciona um computador ou um aparelho de televisão, embora os aceite e os use. Muito bem, a substituição genética ou qualquer coisa parecida. Aceito a sua palavra de que é a última coisa que a ciência descobriu, que já foi provada que funciona e cura, que pode salvar a vida da minha Edith.

— Setenta por cento em favor dela.

— É uma chance das mais razoáveis para um apostador — disse Reggie, tornando a pegar seu charuto, batendo a cinza, riscando um fósforo e acendendo-o. Ela ficaria boa?

— Como nova.

— Como nova... mas não mais a mulher do milagre, não mais uma mulher

curada milagrosamente.

— Não, ela não seria curada milagrosamente. Seria curada pela medicina... pela ciência.

— O que me traz um problema.

— Um problema?

— Como ela lhe disse, estarei falido se não tiver uma esposa milagrosa. Nós dois estaremos liquidados.

— Lamento muito, mas isso não está no reino da minha especialização — disse Kleinberg. — E uma coisa sobre a qual nada posso fazer.

Reggie observava-o com uma expressão astuta.

— Tem certeza, doutor? Tem certeza de que nada pode fazer a respeito?

Por um momento, Kleinberg sentiu-se desorientado.

— Nada a respeito do quê?

— A respeito de nos ajudar, deixando-nos com o bolo para comer, como se costuma dizer. Ou seja, salvando a vida de Edith pela cirurgia, mas ainda deixando que o seu caso seja declarado uma cura milagrosa.

Kleinberg começava a entender tudo. O inglês queria fazer uma barganha.

— Está querendo que eu não faça qualquer referência à cirurgia depois, apenas certifique que ela foi curada milagrosamente? É isso o que está me pedindo?

— Mais ou menos.

— Mentir para eles, para o Dr. Berryer e os outros, não lhes contar que o sarcoma voltou, não lhes falar da cirurgia, apenas confirmar que Edith foi curada na gruta e nos banhos? Não estou fanaticamente preso ao juramento de Hipócrates, mas mesmo assim...

Reggie empertigou-se na cadeira.

— Os médicos estão sempre fazendo essas coisas.

O Dr. Kleinberg sacudiu a cabeça.

— Sou um médico que não pode fazer isso. Duvido que até mesmo o mais dedicado médico católico aceitasse tal coisa. De qualquer forma, eu não posso fazer. Lamento muito, mas é impossível.

Levantando os olhos, Kleinberg ficou surpreso ao contemplar o rosto de Reggie. Estava abalado pela derrota e desespero, passara por um terrível envelhecimento súbito, como um novo Dorian Gray. Pela primeira vez, o coração de Kleinberg sentiu pelo homem, o ser humano no outro lado da mesa. Tentou pensar em alguma coisa confortadora para dizer e acabou murmurando:

— Claro que estou confinado aos aspectos médicos do caso, não tenho qualquer interesse na parte religiosa, na parte milagrosa. Meu único interesse é salvar Edith medicamente. Mas se outros ficarem desinformados e alguém quiser ignorar esse aspecto, declarando-a curada milagrosamente, não vejo motivos para interferir. — Uma pausa e ele se ouviu acrescentando: — Se

alguém responsável quiser dizer que ela foi curada milagrosamente, o Dr. Duval e eu não vamos interferir. Não mencionaremos a operação. Isso dependerá de você e de qualquer clérigo a quem confidenciar o problema. Da minha parte, simplesmente sumirei, voltarei a Paris e ao meu trabalho.

Era o momento de se agarrar à última tábua de salvação e Reggie ressuscitou.

— Quem... quem poderia fazer o anúncio sem o seu certificado? Quem poderia considerar Edith curada milagrosamente?

— Como sugeri, poderia ser alguém na Igreja, alguém bem situado. Não conhece alguém na alta hierarquia?

Reggie balançou a cabeça vigorosamente.

— Alguns. Especialmente, um. O Padre Ruland, que é o sacerdote mais importante em Lourdes. Foi ele quem achou desde o início que Lourdes precisava da cura milagrosa de Edith. Sempre estive do lado dela durante todo o tempo.

— Pois então descubra agora até que ponto ele está do lado de Edith — disse Kleinberg. — Peça a Edith para falar com ele. Tente conquistá-lo. Se Edith procurar o Padre Ruland e lhe contar a verdade, é possível que ele não tenha objeções e se mostre disposto a declará-la curada milagrosamente. Pode estar certo de que não protestarei, não revelarei que ela foi salva pela cirurgia. Ficarei quieto.

Os olhos desbotados de Reggie começavam a brilhar.

— Faria mesmo isso?

— Por que não? Repito: o lado religioso não me interessa. Se o Padre Ruland souber o que vamos fazer, depois fechar um olho e fingir que nunca aconteceu, dispondo-se a declarar que a cura de Edith foi milagrosa, então eu também fecharei um olho... significando que fecharei a boca. E ponto final.

Reggie se levantou bruscamente e apertou a mão de Kleinberg efusivamente.

— É uma boa pessoa... um homem sensacional para um médico. Pedirei a Edith para conversar imediatamente com o Padre Ruland, talvez até ir à confissão... Isso mesmo, a confissão é a melhor maneira. Contar tudo a um padre e tentar persuadi-lo a falar com Ruland... conseguir o apoio de Ruland... e um anúncio oficial.

— E se não conseguir obter o apoio dele?

— Vamos virar essa esquina quando chegarmos lá — declarou Reggie, antes de sair do pátio apressadamente.

A viagem de 15 minutos até Bartrès, no Renault alugado, transcorreu calmamente para Amanda.

A única coisa acidentada era a sua cabeça.

A deserção de Liz Finch da busca de fatos para desmascarar o mito de Bernadette perturbara Amanda durante todo o percurso. Quando alguém tão

sensata e experiente em pesquisa como Liz finalmente desistia, era improvável que outra pessoa — e muito menos uma amadora como Amanda — pudesse descobrir qualquer coisa útil. O que também incomodava Amanda era que a sua busca da verdade estava levando muito tempo e dentro em breve se tornaria inútil. Quando ia para a cama com Ken todas as noites e o aninhava em seus braços, era-lhe evidente que ele se encontrava num declínio acelerado, cada vez mais fraco. Ele tinha até uma dificuldade sempre maior para descer até a gruta e rezar. Somente uma convicção fanática nos poderes curativos da Virgem Maria o mantinha indo até lá. Não havia lógica ou súplica de Amanda que pudesse dissuadi-lo de sua dependência na fé religiosa.

E ali estava ela, seguindo para uma aldeia chamada Bartrès, a fim de conversar com a guardiã do diário sensacional de Bernadette. Esse esforço final era a tentativa de descobrir algum fato que estourasse a redoma de Bernadette e permitisse a Amanda levar seu amado de volta a Chicago para uma cirurgia há muito atrasada.

Era tudo bastante depressivo e Amanda desconfiava que mais uma vez se encaminhasse a um beco sem saída. Também sentia-se culpada por desperdiçar seu tempo a tentar minar a fé de Ken, quando deveria permanecer ao lado dele, proporcionando-lhe conforto no que poderiam ser os seus últimos dias.

Ela estava agora numa estrada estreita, passando por duas casas modernas, depois um santuário à beira da estrada — um Jesus grande de gesso, com um buquê de flores roxas a seus pés — e depois atravessava um vale, subia de novo. Foi lá de cima que avistou à sua frente os típicos telhados franceses da aldeia de Bartrès.

Guiando devagar na descida, com o campanário de uma igreja à vista, Amanda pensou no que estava à sua espera. Não parecia muito promissor. Telefonara para Madame Eugénie Gautier de Lourdes e tivera uma acolhida fria. Depois de se certificar de que Madame Gautier era mesmo a mulher de quem o Padre Ruland comprara o último diário de Bernadette, Amanda solicitara um encontro pessoal.

— Para quê? — perguntara Madame Gautier, que falava em tom áspero e era avarenta com as palavras.

Amanda explicara que viera de Chicago, Illinois, nos Estados Unidos, pesquisando para um estudo que escreveria a respeito de Bernadette. Ao que Madame Gautier dissera bruscamente:

— Não quero saber de jornalistas.

Amanda explicara pacientemente que não era jornalista.

— Sou uma psicóloga clínica e uma professora associada na Universidade de Chicago.

Madame Gautier dissera:

— É uma professora? Uma professora universitária de verdade?

E Amanda respondera:

— Isso mesmo, Madame Gautier. Ensino na Universidade de Chicago.

Houvera uma pausa prolongada e depois Madame Gautier perguntara:

— O que é a Universidade de Chicago? Nunca ouvi falar.

Amanda assegurara que era uma universidade grande e prestigiosa, bastante conhecida nos círculos acadêmicos americanos. Citara algumas estatísticas para mostrar as dimensões da universidade. Madame Gautier a interrompera para indagar:

— Quando quer vir até aqui?

A súbita reviravolta fizera Amanda gaguejar:

— Eu... eu... eu gostaria de ir o mais depressa possível. Esta tarde mesmo, se puder.

Madame Gautier respondera:

— Estarei fora até cinco horas. Apareça às cinco. Amanda pedira o endereço e o anotara.

— Todos sabem onde moro — acrescentara Madame Gautier. — Logo depois da Maison Burg.

Ela desligara enquanto Amanda ainda agradecia.

Entrando em Bartrès agora, Amanda constatou que quase não chegava a ser uma aldeia. Algumas casas velhas, em péssimas condições, nos dois lados da estrada, sem que houvesse à vista uma rua principal de comércio. Procurando alguém para orientá-la, Amanda olhou para o relógio no painel. Eram 4:32 e Madame Gautier só estaria em casa às cinco horas.

Imaginando como poderia passar o tempo de espera, Amanda percebeu que se aproximava da velha igreja e que bem em frente havia um café, como uma placa identificando-o como À LA PETITE BERGÈRE, que ela traduziu como "Na Pequena Pastora"... um sinal de que se encontrava em terra de Bernadette. O café oferecia a possibilidade de um pequeno descanso e a oportunidade de descobrir como chegar à casa de Madame Gautier.

Amanda estacionou ao lado de uma cerca que protegia o pátio de uma escola e foi se sentar numa mesa à sombra, no lado de fora do café. Uma jovem garçonne aproximou-se e Amanda pediu pão branco torrado com manteiga e um café. Ficou tomando o café e comendo o pão, enquanto definia a sua estratégia para lidar com Madame Gautier. Mas, na verdade, estava tentando definir o que procurava.

Terminando de comer, ela localizou a conta, chamou a garçonne, pagou e perguntou como poderia chegar à casa de Madame Gautier. A garçonne apontou na direção por onde Amanda viera.

— Logo depois da curva, não muito além da Maison Burg, que é a casa em que Bernadette morou. É um museu agora. A casa de Madame Gautier fica alguns metros depois, a mais nova residência da estrada, com dois andares. A

rica vai recebê-la?

Amanda acenou com a cabeça.

— Tenho um encontro marcado. A garçonete soltou uma risada.

— Deve ser alguém muito especial, caso contrário ela não a receberia. Espero que se divirta.

A bolsa debaixo do braço, um pouco revigorada, mas ainda apreensiva com a mulher que estava prestes a encontrar, Amanda voltou ao Renault, fez a manobra em U e seguiu na direção apontada pela garçonete.

Dali a pouco, passando por um conjunto de construções que identificou como a Maison Burg, Amanda compreendeu que ali estava a antiga fazenda da família Laguês. Fora ali, há muito tempo, que a jovem Bernadette de 13 anos sonhara com uma vida melhor — um mês antes de retornar a Lourdes e à glória eterna. Era uma história estranha, muito estranha, refletiu Amanda. Talvez ela soubesse mais a respeito muito em breve. Lentamente, ela continuou a avançar.

Mesmo sem o endereço, Amanda teria encontrado a casa de Madame Gautier sem qualquer dificuldade. Era a mais nova e a mais esplêndida residência da área. A casa cinzenta de dois andares tinha as janelas recém-pintadas de verde e se encontrava numa pequena elevação, com um caminho pavimentado até a frente. Amanda subiu e parou o carro diante da porta.

A mulher que atendeu à campainha não devia ter muito mais que um metro e meio de altura e acabara de sair do cabeleireiro. Um monte de cabelos brancos, matizados de roxo, erguia-se no alto de sua cabeça, como uma peruca de ferro. As lentes grossas dos óculos ampliavam as pupilas. O nariz era tão adunco quanto um bico de gavião e tinham a boca contraída. Parecia uma górgona. Ela abriu a porta apenas parcialmente, avaliando a visitante.

— É Madame Clayton, de Lourdes?

— E dos Estados Unidos — acrescentou Amanda. — É Madame Gautier?

— Entre.

Amanda teve de se espremer pela porta relutantemente aberta, depois esperou que Madame Gautier a fechasse, empurrasse a tranca e a levasse pelo vestibulo escuro para uma sala de estar escassamente mobiliada, com algumas imitações de peças ao estilo Luís XIV. Havia um diva e Madame Gautier orientou Amanda para lá. Depois, puxou uma cadeira de encosto reto para a frente de Amanda e sentou-se, como uma inquisidora. Por um instante, examinou Amanda atentamente.

— Quem lhe deu meu nome? — indagou Madame Gautier.

— O Padre Ruland, em Lourdes. Madame Gautier fungou.

— Esse homem...

Ela não discorreu sobre o comentário.

— Para dizer a verdade, pedi a ele que me informasse quem fora a pessoa que lhe vendera o diário de Bernadette.

— Por quê? _

— Eu... eu tinha visitado o antigo convento de Bernadette em Nevers. Soube por intermédio de uma freira de lá que a Igreja adquirira apenas a parte principal do último diário de Bernadette, a parte em que ela fizera o relato das 18 aparições. Fui informada que a Igreja não se interessara em comprar a parte anterior do diário, em que Bernadette escreveu sobre a sua criação em Lourdes e a estada em Bartres com seu ancestral. Quando mencionei esse fato ao Padre Ruland, ele confirmou. Perguntei se não poderia falar com a pessoa que vendera o diário e ele me forneceu seu nome.

As fendas por trás das lentes grossas dos óculos avaliavam Amanda. Depois de uma breve consideração, a francesa falou:

— Disse pelo telefone que estava fazendo um estudo sobre Bernadette. É uma tese de doutorado?

— Não. Já tenho o meu doutorado. É um estudo profissional sobre o estado psicológico de Bernadette na ocasião em que começou a ver as aparições. Espero que seja publicado em breve.

— Você é católica?

Amanda ficou indecisa, sem saber se devia contar a verdade ou mentir. Não podia adivinhar qual era a resposta esperada. Decidiu que a verdade era mais segura.

— Não, não sou.

— Então é uma descrente.

O comentário foi feito sem qualquer inflexão, sem nenhuma acusação.

— Fui criada em outra fé...

Madame Gautier sacudiu a cabeça impacientemente.

— Estou me referindo às visões de Bernadette.

Acuada de novo, Amanda optou pela verdade.

— Como qualquer racionalista, desconfio de visões e milagres. Mas estou interessada em saber como algumas pessoas as têm, especialmente Bernadette. Quero saber qual era... qual era o seu estado de espírito quando foi à gruta pela primeira vez.

O semblante de Madame Gautier pareceu relaxar, embora ligeiramente. As fendas se transformaram em olhos e a boca se descontraiu.

— Então é uma descrente — repetiu Madame Gautier. Amanda ainda estava indecisa.

— Sou uma estudiosa.

— Por que quer saber dos primeiros anos de Bernadette?

— Isso seria vital para a minha investigação. Afinal, o que Bernadette pensava ou fazia antes de ter suas visões seria de suprema importância. Obviamente, não era importante para o Padre Ruland, caso contrário ele teria se empenhado em comprar também essa parte do diário.

— Ele não podia comprar, porque eu não venderia. Amanda franziu o rosto.

— Talvez eu o tenha entendido mal, mas tive a impressão de que lhe mostrou as primeiras páginas do diário, ele leu e concluiu que não tinham muito interesse, exceto como uma peça de museu. Achou então que não vale a pena insistir.

— Ele mentiu — declarou Madame Gautier. — Não sei o motivo. Talvez como um historiador, para provar que viu e leu tudo. Mas tem a minha palavra... ele não viu uma única página em que Bernadette escreveu sobre a sua vida na Gaol em Lourdes e sua vida com os Laguês em Bartrès.

— Isso é muito estranho... — murmurou Amanda. — Ele não quis comprar a primeira parte, junto com a segunda?

— Claro que quis. Mas eu sabia que, se lesse a primeira parte, ele não compraria a segunda. E eu queria vender a segunda parte, porque precisava do dinheiro para mim mesma e para Jean. — Ela fez uma pausa. — Jean é meu sobrinho de 16 anos. Considero-o meu filho, meu único filho. Quero o melhor para ele.

Amanda sentiu uma emoção intensa enquanto Madame Gautier falava. Descobrira alguma coisa. Ela descruzou as pernas e inclinou-se para a frente no diva.

— Madame, disse mesmo que não venderia nem mostraria ao Padre Ruland a primeira parte do diário de Bernadette porque ele não compraria a segunda parte se a visse?

— Isso mesmo.

— Mas o que há nessa primeira parte, a que descreve a estada de Bernadette em Bartrès, que poderia levar o Padre Ruland a não querer comprar a segunda parte, sobre as visões? Pode me dizer?

— Você deve primeiro me dizer uma coisa. Disse pelo telefone que é professora numa universidade americana... a tal Universidade de Chicago. Isso é correto?

— Perguntou se eu era uma professora de verdade e eu disse que sim. Sou uma professora.

— Essa Universidade de Chicago tem estudantes de ciências? A digressão não fazia sentido para Amanda, mas ela atendeu a

Madame Gautier.

— Temos um grande departamento de biologia e...

— Bioquímica?

— Claro. O departamento de bioquímica é amplamente conhecido. Há cursos de tudo, de ácidos nucléicos a síntese de proteína, vírus bacterianos e genética. Há também cursos de pós-graduação e um estudante pode se preparar para o seu Ph.D.

— E mesmo?

— Não sei qual é o seu interesse, mas posso lhe enviar o último catálogo da

universidade.

— Não há necessidade. — Madame Gautier estudou sua convidada. — Por enquanto, preciso saber de outra coisa. Você é influente?

— Não sei se entendi. Sou influente na escola?

— Nessa Universidade de Chicago. Aturdida, Amanda respondeu:

— Sou uma professora. Conheço a todos na administração. E mantenho boas relações com os diretores. Mas por que quer saber?

— Já vai compreender — disse Madame Gautier, enigmaticamente. — Agora, voltemos à sua pergunta. Por que eu não mostraria ao Padre Ruland a primeira parte do diário de Bernadette.

— Isso mesmo, por quê? — indagou Amanda, ansiosamente.

— Eu disse ao Padre Ruland que a primeira parte não estava à venda e por isso não havia sentido em mostrá-la. E disse que não estava à venda porque versava sobre a estada de Bernadette com os ancestrais de minha família em Bartrès, eu queria conservá-la por questões sentimentais, a fim de que Jean... o último de nossa linhagem... a herdasse. O Padre Ruland aceitou essa explicação. Mas o motivo que apresentei para ficar com a primeira parte do diário não correspondia à verdade.

— Disse que ele poderia não comprar a segunda parte se visse a primeira.

— Isso mesmo.

— Madame Gautier, preciso saber, é indispensável que eu saiba, o que há nessa primeira parte do diário que torna a segunda tão invendável.

— Eu lhe direi.

Amanda esperou. Madame Gautier ajustou os óculos e focalizou o rosto inquisitivo da visitante.

— Porque na primeira parte Bernadette escreveu coisas que deixam perfeitamente claro... quer ela soubesse disso ou não... que não passava de uma pequena impostora.

— Uma o quê?

— Como chamaria alguém que vê coisas que não existem... que sempre as está vendo?

— Uma histérica — respondeu Amanda prontamente. — Uma pessoa que tem alucinações... em psicologia, às vezes relacionamos isso com a fantasia eidética... uma percepção nítida de alguma coisa, como se realmente existisse.

— É o caso de Bernadette — declarou Madame Gautier.

— Por Deus, o que está dizendo?

— Escrevendo em seu diário as experiências em Bartrès, Bernadette afirma que nos sete meses que aqui passou, enquanto cuidava das ovelhas viu Jesus três vezes e a Virgem Maria *seis vezes*... viu a Virgem seis vezes antes de vê-la 18 vezes um mês depois, em Lourdes. Teve medo de contar a alguém em Bartrès. Os Laguès não admitiriam uma bobagem assim. Certamente a mandariam

embora. Mas, por sorte, Bernadette não demorou a descobrir que as pessoas em Lourdes eram mais crédulas.

— Ela estava vendo a Virgem incessantemente... antes de ir à gruta? E vendo Jesus também? Inacreditável!

— Pode estar certa de que ela disse isso... em suas próprias palavras. Eu lhe mostrarei.

Madame Gautier levantou-se quase de um pulo, foi até a parede por trás de Amanda e removeu uma gravura colorida emoldurada de Versalhes. Havia um cofre de metal na parede, parecido com o do Padre Ruland. Madame Gautier girou o dial rapidamente e a porta se abriu. Ela meteu a mão no interior e tirou um caderno comum, do tipo escolar, capa azul. Começou a virar as páginas enquanto voltava ao divã.

— O diário estava em dois cadernos. Este é sobre os seus primeiros anos. O outro caderno relatava o que aconteceu na gruta. Aqui está, pode verificar pessoalmente. Sabe ler francês?

— Sei, sim.

— Leia as páginas 12 e 13, onde eu abri. — Ela entregou o caderno a Amanda. — Pode ler.

A escrita inclinada de Bernadette cobria as duas páginas pautadas. Amanda teve dificuldade em segurar o caderno até que seus olhos deslizaram pelas páginas.

Estava tudo ali, Jesus visto três vezes, a Virgem Maria vista seis vezes entre as ovelhas, por uma menina solitária e rejeitada, a prova de uma neurótica emocional absolutamente instável.

— Preciso disto — declarou Amanda, levantando os olhos, enquanto Madame Gautier recuperava o diário. — Quero comprá-lo. Pagarei qualquer quantia razoável que pedir.

— Não.

— É medo do que o Padre Ruland e a Igreja poderiam dizer?

— Eles não podem dizer nada. E muito menos receber seu dinheiro de volta. Pagaram por uma parte autêntica do diário de Bernadette e a obtiveram. Se Bernadette os enganou antes, isso não é problema meu.

— Então qual é o problema? Por que se recusa a vender?

— Não falei que me recuso a vender. Apenas não quero vender simplesmente por dinheiro. Embora eu não seja rica, ao contrário do que dizem os outros, não preciso de mais dinheiro para mim mesma. O que desejo é garantir o futuro de meu sobrinho. Para isso, preciso de uma quantia suficiente para manter Jean numa boa escola. Mas há mais do que isso. Jean quer estudar bioquímica numa moderna universidade americana. E seu grande sonho. Talvez ele pudesse se candidatar a uma bolsa e obtê-la pelos meios normais, mas já me disseram que isso pode ser muito difícil. Quero assegurar o seu futuro. Quero ter

certeza de que ele poderá ingressar numa universidade americana, como a sua Universidade de Chicago. Se você puder...

— Claro que posso — declarou Amanda. — Se as notas de Jean forem boas...

— São as melhores — interrompeu-a Madame Gautier. — Ele é brilhante. Eu lhe mostrarei.

Ela saiu apressadamente da sala e voltou um momento depois com uma pasta, que abriu no colo de Amanda.

— Pode verificar pessoalmente — disse Madame Gautier, com o maior orgulho.

Amanda examinou rapidamente os boletins escolares de Jean e os elogios de seus vários professores. Parecia evidente que o rapaz era mesmo brilhante. Sorrindo, Amanda devolveu a pasta a Madame Gautier.

— Posso perceber que ele é de fato especial. Não haverá problema. Tenho os contatos para conseguir o ingresso dele na Universidade de Chicago. Posso prometer...

— Deve garantir — interrompeu-a Madame Gautier. — Em troca disso, eu lhe venderei o diário.

— Garantir o quê? Minha garantia de que ele será matriculado na Universidade de Chicago ou outra de igual importância e... que eu pague os seus estudos? E que mais?

— Só isso, nada mais. Quero Jean numa universidade americana. Quero que ele tenha a melhor oportunidade.

Amanda estava trasbordando de entusiasmo.

— Seu sobrinho terá a oportunidade. Eu prometo. Dê-me o diário e eu prometo...

Madame Gautier guardou o caderno no cofre e trancou-o.

— Uma promessa não é suficiente. Isto é um negócio. Quero uma garantia por escrito, um contrato assinado entre você, a compradora, e eu, a vendedora.

— Qualquer coisa! — exclamou Amanda.

— Falarei com Monsieur Abbadie...

— Quem?

— Um velho amigo e um *avocat* aposentado... um advogado. Deve ser tudo legal. Ele preparará o contrato. — Ela encaminhou-se para outra sala. — Espere aqui.

Amanda não podia ficar sentada por mais tempo. Levantou-se e começou a andar de um lado para outro da sala, projetando o que significava aquela descoberta espetacular. A princípio, significava apenas a abertura com Ken. Ela lhe mostraria o diário. Ele leria, verificaria pessoalmente, compreenderia que se deixara iludir a ponto de cultivar uma criança que sofria alucinações. Ken voltaria com ela para uma operação imediata. Se houvesse uma possibilidade de salvá-lo, ele seria salvo.

Enquanto Amanda andava de um lado para outro, a descoberta adquiriu um segundo valor. Haveria outra pessoa que poderia ser salva, sua nova amiga, Liz Finch, que teria uma das histórias mais sensacionais da década e manteria o seu emprego em Paris. Amanda podia imaginar as manchetes no mundo inteiro — e depois percebeu mais alguma coisa e parou de andar. Podia contemplar o fim de Lourdes. Podia contemplar Lourdes como uma cidade fantasma, uma aldeia esquecida. Sentiu uma pontada de pesar e culpa por ser a Átila que a destruíra, mas... que diabo, ela disse a si mesma. Em seu mundo de realidade, não devia haver doentes e falsas fés que corrompiam e, à sua maneira, iludiam e destruíam as pessoas. Era mais provável, refletiu ela, que se Lourdes não existisse as pessoas inventariam outro santuário. Mas tudo isso não era da sua conta. Sua preocupação devia ater-se ao homem a quem amava, Ken, e secundariamente com sua amiga, Liz Finch.

Ela percebeu que Madame Gautier voltara à sala. Virou-se e ouviu-a dizer:

— Meu vizinho, Monsieur Abbadié, não está em casa. Foi visitar os netos. Mas falei com ele pelo telefone, em Pau. Expliquei do que se tratava. Ele me disse que será um contrato simples de fazer. Voltará a Bartrès amanhã de manhã. Vai elaborar o contrato e me entregará. Você poderá vir assiná-lo na hora do almoço.

— Amanhã? — murmurou Amanda.

— Pode voltar a Lourdes agora e vir aqui de manhã. Não é longe. Ou pode ficar e jantar comigo e Jean, passar a noite na hospedaria de crianças britânicas que temos aqui perto, a Hosanna House. Normalmente não se faz isso, mas posso abrir uma exceção para você.

— Lamento, mas não posso. Tenho de voltar a Lourdes. Meu marido está lá. Ele...

— Está rezando por um milagre?

Pela primeira vez, as feições de Madame Gautier se suavizaram.

— Volte para ele. Terá o diário em suas mãos amanhã. Eu lhe prometo.

No início da noite, Edith Moore parou junto à base da estátua do Padre Peyramale, cura de Lourdes no tempo de Bernadette e o primeiro clérigo importante a aceitar a visão da pequena camponesa. Ela inclinou a cabeça para trás, a fim de contemplar melhor o campanário iluminado da Igreja do Sagrado Coração. Era confortador para Edith lembrar que aquela igreja, em 1903, finalmente substituíra a pequena igreja paroquial original do Padre Peyramale. Seus restos mortais haviam sido sepultados numa cripta no porão e seu confessionário de madeira original também fora transferido para lá.

Era também confortador para Edith saber que o próprio Padre Ruland marcara sua confissão. O Padre Ruland se interessara pelo caso de Edith três anos antes e se tornara amigo dela e de Reggie. Depois de saber do encontro da esposa com o Dr. Kleinberg e de ter conversado pessoalmente com o médico,

Reggie telefonara para o Padre Ruland, a fim de providenciar para que houvesse um padre disponível para ouvir a confissão de Edith. Reggie insinuara que a confissão era muito importante para sua esposa. Ele dissera a Ruland que o desejo de Edith não era o de fazer a confissão numa capela no domínio, mas sim na Igreja do Sagrado Coração, na Cidade Velha. Por motivos sentimentais. Porque fora na Igreja do Sagrado Coração que Edith se confessara há três anos, horas antes de sua cura. Se todos aqueles arranjos pareciam insólitos, isso aparentemente não incomodara o Padre Ruland. Ele se mostrara bastante cooperativo. O lugar e a hora foram acertados — e a hora era agora.

Claudicando perceptivelmente, Edith atravessou a Rue St. Pierre, desceu pela Rue de l'Eglise, subiu os degraus para a porta da igreja e entrou. Havia ali um punhado de fiéis nos bancos. Edith foi para um banco isolado, ajoelhou-se e ofereceu uma oração de penitência.

— Oh, Deus, lamento profundamente por tê-lo ofendido — sussurrou ela. — Detesto todos os meus pecados por causa de suas punições, mas acima de tudo porque o ofendem, meu Deus, que merece todo o meu amor. E resolvo firmemente, com a ajuda de sua graça, a confessar meus pecados, a fazer penitência e a corrigir minha vida. Amém.

Levantando-se, claudicando pela nave, Edith encaminhou-se para o confessionário em que o Padre Ruland dissera que haveria um padre à espera. Ao se aproximar, Edith tentou especular sobre a reação do padre à sua confissão. Como o Padre Ruland sabia que haveria um padre ali para ouvi-la, havia alguma esperança de que esse sacerdote pudesse ser tão tolerante quanto ele. Reggie sempre dissera que, entre todos os sacerdotes de Lourdes, o Padre Ruland era o mais prático e razoável, o mais consciente das dificuldades do mundo. Talvez o clérigo que ele escolhera fosse igualmente razoável e flexível naquela noite ou talvez ele ficasse ofendido. Edith não podia adivinhar o que aconteceria.

Dentro do confessionário, Edith tornou a se ajoelhar e falou para a grade aberta na parede:

— Padre, preciso de sua ajuda.

Uma voz paternal, ligeiramente abafada, soou através da grade:

— Pode falar.

Pela prática frequente nos últimos anos, Edith iniciou prontamente o processo do confessionário.

— Abençoe-me, padre. Confesso a Deus Todo-Poderoso e a você, padre, que tenho pecado. Tem quase uma semana desde a minha última confissão. Acusome de um único pecado, que ocorreu hoje.

Não houve resposta do outro lado, mas Edith sabia que o padre ali estava atento. Ela recomeçou, sentindo-se confiante porque suas palavras estariam protegidas pelo sigilo do confessionário.

— Padre, minha recuperação, que o Serviço Médico aceitou como uma cura

milagrosa e que meu arcebispo em Londres avisou que seria anunciada como tal, é um fracasso. O último médico chamado até aqui, para a confirmação final, descobriu que a cura foi apenas temporária. O tumor está crescendo outra vez.

Houve um breve silêncio e depois o padre disse, baixinho:

— Tem certeza? Seu médico está absolutamente convencido?

— Está, sim.

— Ele comunicou isso ao Dr. Berryer?

— Só falou a mim e a Reggie.

— E seu pecado? Está pronta para confessá-lo?

— Estou, Padre. O Dr. Kleinberg informou que o estado se agravaria e provaria ser fatal, a menos que eu me submetesse a um novo tipo de tratamento que um determinado médico vem experimentando secretamente. Esse médico está disposto a vir a Lourdes amanhã, para me operar no domingo. Fui informada que teria 70 por cento de chances de recuperação. Se eu for curada pela cirurgia, não poderei mais ter sido curada milagrosamente, não é mesmo?

O padre esquivou-se à pergunta.

— Qual é o seu pecado?

— Estou lutando com uma tentação, padre. Enquanto eu for considerada uma mulher milagrosa, poderei ajudar meu marido. Neste momento ele está indo maravilhosamente bem com o nosso restaurante. No instante que eu não for mais uma mulher milagrosa, os negócios vão se deteriorar e acabaremos perdendo tudo. Reggie e eu começamos a pensar e formulamos um plano. É esse o meu verdadeiro pecado, padre. Mande Reggie procurar o Dr. Kleinberg e perguntar se, caso eu me submetesse a esse tratamento médico e fosse bem-sucedido, ele poderia fechar os olhos e dizer ao Serviço Médico que fui curada milagrosamente. Pedimos a ele para mentir por nós.

— E qual foi a resposta do Dr. Kleinberg?

— Ele disse que não poderia me confirmar como uma cura milagrosa. Somente a Igreja poderia fazer isso. Falou que se eu pudesse encontrar alguém na Igreja que estivesse disposto a ignorar o tratamento... caso eu o faça... e declarar que minha cura foi milagrosa, ele não interferiria e não falaria a ninguém da operação. Sugeriu que eu pedisse a alguém da Igreja que considerasse a possibilidade de anunciar que minha cura foi um milagre. — Edith fez uma breve pausa e depois acrescentou, a voz hesitante: — Isso é possível, padre?

Houve um breve silêncio. E a resposta do padre finalmente passou pela grade:

— Não, não é possível. Saber que você foi curada por meios médicos, mas fingir que foi curada por meios milagrosos, seria uma fraude que a Igreja não poderia admitir. Sinto muito.

Abalada e envergonhada, Edith suplicou queixosa, através da grade do

confessionário:

— Eu me sinto inteiramente perdida, padre. O que devo fazer?

— Para salvar-se? Como seu padre, só posso sugerir que se ofereça mais uma vez à misericórdia da Virgem Abençoada. Mas compreendo a hesitação que pode experimentar para fazer isso, já que acreditava que fora curada por Ela, descobrindo agora, por alguma razão que nos é desconhecida, que isso não aconteceu. Por outro lado, seu médico sugere que, caso se submeta à ciência médica e à cirurgia, possui uma possibilidade maior de sobrevivência. Deve fazer a escolha.

— Acha então que devo me submeter à cirurgia, padre?

— Por que não? Pode muito bem ser curada e se tornar útil neste mundo, mas não será possível dizer que sua cura foi milagrosa.

— O que quer que eu faça, acho que estarei escolhendo entre duas espécies de morte. Porque, mesmo que eu viva, nunca mais poderei ser uma mulher milagrosa.

Houve um silêncio mais prolongado e finalmente o padre voltou a falar:

— Não acreditamos que os milagres sejam desfrutados apenas por pessoas doentes, milagrosamente curadas na gruta. Na sabedoria infinita de Deus, há numerosos outros milagres que ocorrem. Haverá uma espécie diferente de milagre esta semana em Lourdes. A pessoa para quem a Virgem Abençoada aparecer, a pessoa que contemplar a Virgem, será uma pessoa milagrosa... um homem ou uma mulher.

— É mesmo?

— Claro. Essa pessoa, como Bernadette antes, será conhecida por toda a eternidade como milagrosa.

Edith balançou a cabeça e encerrou a confissão:

— Estou arrependida por meu pecado... meus pecados... pedir ao meu médico o que pedi... e pedir a você. Estou arrependida por esses pecados e todos os pecados da minha vida, em particular com os meus pecados de egoísmo e ganância.

O padre respondeu automaticamente. Como penitência pelos pecados, determinou uma dúzia de aves-marias. E depois lhe concedeu a absolvição.

Quando acabou, Edith levantou-se, deixou o confessionário, subiu pela nave e deixou a Igreja do Sagrado Coração. Seu curso estava definido.

Telefonaria para Reggie no restaurante, onde o exortara a ficar, pediria que comunicasse ao Dr. Kleinberg que ela estava pronta para a nova cirurgia do Dr. Duval — cirurgia e inevitável penúria subsequente — o mais depressa possível.

Depois disso, ela iria à gruta e rezaria sob o nicho, mais uma vez, fervorosamente, na esperança de que a Virgem Maria lhe aparecesse e a salvasse, antes que o bisturi tocasse sua carne.

Profundamente angustiada, ela se afastou a claudicar. Enquanto andava,

somente uma coisa estranha a preocupava: a voz do padre no confessional parecia ligeiramente familiar — se fosse mais nítida, ela teria jurado que era a voz do Padre Ruland.

Sábado, 20 de Agosto

O sol se levantava no início da manhã em Lourdes quando o Padre Ruland, depois de terminar o café da manhã, deixou a Residência do Capelão, por trás da Basílica Superior, e encaminhou-se para a passarela que o levaria a seu escritório na Basílica do Rosário.

Normalmente, durante essa caminhada, ele acostumara-se a aspirar profundamente o bom ar de Deus, para sua saúde, como uma compensação pela vida sedentária que levava. Contudo, naquela manhã aprazível, sentia-se atordoado demais para respirar profundamente.

Enquanto andava, o Padre Ruland se concentrava em seus pensamentos. O que ocupava sua mente era a confissão de Edith Moore na noite anterior. Quase no momento final, ele decidira sentar-se no confessionário da Igreja do Sagrado Coração e ouvir pessoalmente a confissão de Edith. Ruland não sabia se Edith reconheceria sua voz, apesar de ter coberto a boca parcialmente ao falar. Mas se ela desconfiara ou adivinhara, isso realmente não tinha a menor importância. O que importava era a própria confissão, que algum instinto o levava a ouvir.

A cura milagrosa que Ruland esperava tão ansiosamente anunciar, uma declaração maravilhosa no Momento da Reaparição, não mais existia. A notícia fora inesperada, mas não podia haver qualquer dúvida. O Dr. Kleinberg fora chamado a Lourdes porque estava entre os melhores na sua especialidade e seus exames e radiografias — que levaram ao diagnóstico — não podiam mentir.

Edith Moore fora curada (provavelmente uma remissão espontânea) e agora não estava mais curada.

O Padre Ruland meditou a respeito. De um ponto de vista egoísta, era um triste resultado. A Igreja poderia tirar um máximo de proveito da cura milagrosa de Edith, apregoada amplamente, com uma publicidade favorável. Ele também não estava indiferente à perda que isso representava para os Moores. Eles haviam investido tudo na comercialização da cura e ficariam falidos também em muitas outras coisas.

Ele desejava poder admitir a fraude que Edith Moore lhe suplicara. Em sua fraqueza, cometera muitos pecados pequenos. Mas jamais um grande. Na verdade, sentia-se surpreso que o Dr. Paul Kleinberg, um médico de reputação impecável, se prestasse a colaborar numa fraude — mas, na verdade, isso não acontecera. Ele deixara a decisão final e a própria fraude a um clérigo, ao próprio Ruland. Por um momento, Ruland especulou se o Dr. Kleinberg, sabendo da rejeição de Edith, não reconsideraria a sua posição e certificaria a cura milagrosa por sua própria iniciativa. Mas compreendeu no mesmo instante que

Kleinberg não faria isso. Sabia que Kleinberg era judeu e não teria o menor desejo de se tornar um Dreyfus médico. Pois estava acabado. Pobre e infeliz Edith.

Ainda assim, o Padre Ruland lembrou a si mesmo, ele tentara ajudar Edith Moore, à sua maneira. Tentara lhe dizer alguma coisa. Fora indireto, sutil, Deus não poderia absolutamente culpá-lo pelo ato de humanidade. Mas Ruland receava que Edith Moore fosse obtusa demais para entender o que tentara lhe dizer.

Ele suspirou. Fizera tudo o que um honesto servidor de Deus podia fazer. E também podia ser absolvido por não ter mais qualquer envolvimento adicional no caso da infeliz mulher.

Consciente de ter chegado à Esplanada do Rosário, ele seguiu para o seu escritório, onde planejava se instalar à sua mesa para um dia longo e cansativo de trabalho.

Ao entrar, o Padre Ruland ficou surpreso com o visitante que o precedera. Mas não ficou surpreso pelo fato de o visitante ter localizado a chave do único armário na sala, abrindo-o, pegando a garrafa de uísque J & B e se servido de uma dose.

O alto e magro Bispo de Tarbes e Lourdes, Monsenhor Peyragne, afastou-se do armário com o copo de uísque na mão, saudou Ruland com um aceno curto de cabeça e arriou na cadeira à frente da mesa.

— Estou impressionado com a hora madrugadora em que você começa a trabalhar — comentou o bispo.

— E estou ainda mais impressionado pelo fato de vê-lo aqui tão cedo — disse o Padre Ruland, ocupando sua cadeira, por trás da mesa. — Passamos por dias bem movimentados. — Ele fez uma pausa, estudando o rosto vincado do bispo. — Algum problema, excelência?

— Isso mesmo, dias movimentados. — O Bispo Peyragne tomou um gole do *scotch*, depois inclinou a cabeça para trás e bebeu o resto. — Mas dias improdutos. É isso o que me preocupa.

— Improdutos em que sentido?

— Sabe muito bem a que estou me referindo, Ruland. Esta é uma semana especial. Estamos aqui em Lourdes... ou pelo menos eu estou... por um motivo especial.

— Claro... o reaparecimento da Virgem Abençoada.

— Sei que você é o depositário das informações sobre tudo o que está acontecendo em Lourdes — disse o bispo. — Há alguma coisa acontecendo? Já houve algum sinal do reaparecimento da Virgem?

— O número habitual de visões por uns poucos que são instáveis ou emocionalmente transtornados. Um breve interrogatório acaba com suas fantasias. Não é difícil arrancar a verdade.

— É verdade. Imagino que você é muito bom nisso.

— Apenas experiente — comentou o Padre Ruland, modestamente.

— Não me incomode de lhe dizer que estou preocupado. Tenho estado assim desde o momento em que Sua Santidade nos ordenou que fizéssemos o anúncio. Afinal, em toda a minha vida, mais do que isso, desde o tempo de Bernadette, a Virgem Abençoada nunca apareceu nesta região. Isso é motivo para preocupação. Uma pressão muito grande se acumulou. Não gosto do clima de Grandes Esperanças.

— Mesmo assim, excelência, isso é o resultado da palavra que a Virgem nos transmitiu.

— Através de Bernardette, somente por intermédio de Bernadette — disse o bispo, desconsolado. — Talvez os escritos dela do diário tenham sido mal-interpretados.

— Não creio que possa haver qualquer erro. Estudei o diário pessoalmente, muitas vezes. Bernadette foi precisa ao relatar o segredo que a Virgem Maria lhe confidenciara... exata em relação ao ano, mês e dias do reaparecimento da Virgem. Este é o ano, este é o mês, estamos nos dias prometidos.

— A Virgem prometeu que reapareceria dentro de um período de oito dias. Este é o sétimo dia. Isso só nos deixa mais um dia.

— Tem razão.

— E creio que isso nos causa motivos para preocupação. E se a própria Bernadette cometeu um erro? E se ela não ouviu a Virgem corretamente? E se, ao registrar o que ouviu em 1858, depois de tantos anos transcorridos, a memória distorceu suas recordações? Se algum erro humano desse tipo pudesse ser descoberto antes do tempo se esgotar e fosse anunciado, certamente seria compreendido e a Igreja escaparia à censura. Isso mesmo... e se Bernadette cometeu um erro?

O Padre Ruland não se deixaria influenciar.

— Não creio que ela tenha cometido um erro, excelência. O bispo empertigou-se na cadeira.

— Pois está agora em suas mãos. — Ele pôs o copo vazio na beira da mesa e levantou-se. — Devo ir agora. Só restam hoje e amanhã. Espero que você se mantenha em permanente contato. — O bispo encaminhou-se para a porta, acrescentando: — Eu gostaria de ter tanta certeza quanto você.

O Padre Ruland também se levantou e fez uma pequena mesura.

— Tenha fé — disse ele, sorrindo.

O bispo de Tarbes e Lourdes parou por um instante, respondeu com um olhar furioso e deixou o escritório na Basílica do Rosário.

Na sala agradavelmente decorada do Inspetor Fontaine, no *Commissariat de police* de Lourdes, na Rue du Baron-Duprat, 7, Liz Finch encerrara a sua entrevista e a página do caderno de espiral sobre os seus joelhos cruzados ainda

se encontrava em branco.

Aquela entrevista era um exercício infrutífero, como Liz já sabia. Além do mais, Bill Trask lhe dissera que ele e a API não tinham o menor interesse pelo assassinato de uma moça sem a menor importância. Ainda assim, esperando por alguma novidade na história, mas principalmente porque tinha pouco mais a fazer ou a noticiar e porque começara a se desesperar, Liz marcara a entrevista e a realizara.

Para agravar a situação, o Inspetor Fontaine era o típico funcionário. Nascido com uma sólida aparência de autoridade, grisalho agora, mas de corpo atlético (Liz soubera que ele fora o capitão do time de futebol local), ele era um homem desprovido de imaginação. Liz tinha certeza de que Fontaine levantava cedo todas as manhãs, folheava todos os documentos, ocupava a marcha das horas e dormia profundamente. Na parede às suas costas, o inspetor tinha duas fotografias emolduradas, uma de Alphonse Bertillion, de Paris, a outra do Professor Edmund Locard, de Lyon. Representavam todo o poder cerebral detetivesco que havia na sala. Não se podia esperar que o Inspetor Fontaine compreendesse que o brutal assassinato de uma deslumbrante jovem francesa naquele paraíso de cura talvez oferecesse algumas possibilidades de uma história.

— Portanto — disse Liz, cansada das divagações do inspetor — essa é a última palavra... não há suspeitos.

— Porque não há pistas — repetiu o Inspetor Fontaine. — Estou propenso a acreditar que alguém, um estranho, arrombou o apartamento para assaltar a Srta. Dupree. Ela provavelmente tentou resistir, ele matou-a e fugiu.

— Mas se fosse um assalto, alguma coisa teria sido roubada. O apartamento pertencia a Dominique, a amiga garçonete de Gisele. E Dominique fez uma verificação no apartamento e informou que nada fora levado.

— Provavelmente o assaltante foi interrompido e fugiu antes de poder levar algum a coisa.

— Possivelmente — murmurou Liz.

Mas "impossivelmente" era a palavra para o inspetor, impossivelmente obtuso.

— O que torna o nosso trabalho ainda mais difícil é que a Srta. Dupree conhecia todo mundo e não havia quem não a amasse — continuou o Inspetor Fontaine. — Nenhum morador local teria qualquer motivo para lhe fazer mal.

Prestes a fechar o caderno, Liz perguntou subitamente:

— O que me diz de alguém que não fosse um habitante local, talvez um estrangeiro, um peregrino ou visitante comum?

— Deve compreender como seria difícil descobrir isso, tendo em vista a profissão da Srta. Dupree. Ela era guia de excursões e muitos de seus grupos eram formados por estrangeiros.

— Ela alguma vez estabeleceu amizade com algum desses turistas

estrangeiros?

— Não, exceto... — O Inspetor Fontaine ficou pensativo por um momento, mas Liz continuou a duvidar que ele fosse capaz de pensar. — Agora que falou nisso, havia um estrangeiro que ela conhecia um pouco melhor do que a maioria. Quando tive de ir a Tarbes para comunicar aos pais da vítima... um terrível dever, mas tinha de ser feito... conversei um pouco com os Dupree sobre quaisquer pessoas que sua filha pudesse ter conhecido recentemente. Eles nada sabiam a respeito dos turistas em seus grupos, mas lembro que o pai mencionou um peregrino, um estrangeiro, americano, que passara uma noite na casa. Depois, a Srta. Dupree ajudara-o a conseguir um quarto de hotel em Lourdes. Seu nome... — Fontaine puxou um envelope pardo em cima da mesa, abriu-o e tirou alguns papéis, examinando-os. — Samuel Talley, professor de uma universidade em Nova York, que veio a Lourdes na esperança de uma cura.

Dupree não acreditava que a filha não conhecia o americano muito bem. Além disso, declarou Dupree, o americano era de reputação impecável. Mesmo assim, tentamos localizar Talley e interrogá-lo. Mas quando chegamos a seu hotel, ele já saíra, embarcando num avião para Paris, ao final de ontem. Rotineiramente, pedimos à Sureté em Paris para verificar. Mas o Sr. Talley não pôde ser localizado. Presumimos que voltara a Nova York, embora seu nome não constasse de qualquer lista de passageiros. Mas é claro que isso pode ter sido omissão de alguma empresa aérea.

— Mas não tem motivo para desconfiar desse Talley?

— Nem de Talley nem de ninguém. Não temos um único suspeito neste estágio das investigações.

Liz fechou o caderno decidida, guardou-o na bolsa e levantou-se.

— Obrigada por seu tempo, inspetor. Se descobrir alguma coisa, eu agradeceria se me avisasse.

Ele também se levantou, provavelmente na esperança de que ela escreveria seu nome certo. Acompanhou-a até a porta.

Deixando o prédio da polícia, chegando à calçada da Rue Du Baron-Duprat e o mundo relativamente mais estimulante da cidade, Liz por pouco não colidiu com uma dupla que entrava. Uma das pessoas, uma jovem loura francesa, pegou Liz pelo braço.

— Como vai, Sita. Finch? Sou Michele Demaillot...

— Ah, sim... do Serviço de Imprensa. Como vai? Michelle apresentou um rapaz pequeno, que carregava um equipamento fotográfico pendurado no ombro.

— Este é um colega seu de Paris. Monsieur Pascal, do *Paris-Match*. Não se conheciam?

— Infelizmente, não — disse Liz, apertando a mão do fotógrafo.

Mantendo a sua atitude habitual de Câmara de Comércio, Michelle acrescentou:

— Está descobrindo boas histórias?

— Não muita coisa até agora — respondeu Liz. — Parece que não está acontecendo muita coisa por aqui.

— Exceto uma coisa horrível. Já soube o que aconteceu com Gisele Dupree? Lembra-se dela, não é mesmo? Vi as duas jantando juntas no Restaurante Milagre. Já soube o que houve?

Liz acenou com a cabeça.

— Já, sim. E fiquei bastante chocada.

— É inacreditável... — murmurou Michelle, deixando transparecer um pesar genuíno. — Uma coisa terrível, especialmente quando as coisas começavam a correr tão bem para ela. Gisele me telefonara no dia anterior, dizendo que começava a escrever em seu tempo vago. Recebera a encomenda de uma revista para escrever um artigo sobre o famoso ministro do Exterior russo, Tikhanov, a quem conhecera na ONU. Gisele precisava de uma fotografia de Tikhanov e lembrei que Pascal estava vindo de Paris para fazer uma cobertura aqui. Telefonei para ele em Paris e pedi que me trouxesse fotografias de Tikhanov. Ele atendeu ao meu pedido. E Gisele foi buscar as fotografias na noite anterior.

Alguma coisa aflorou na cabeça de Liz.

— Ela pegou as fotografias do Ministro Tikhanov?

— Isso mesmo. Deixei o envelope em seu nome e ela foi buscar.

— Gisele já acabara o artigo sobre ele e estava pronta para remetê-lo? Ou ainda estava escrevendo?

— Acho que ainda no processo de escrever.

Estranho, pensou Liz. Depois de encontrar o corpo de Gisele, ela revistara o apartamento, apressada mas meticulosamente, mas não encontrara quaisquer anotações ou artigo sobre Tikhanov nem as fotografias do *Paris-Match*. Se Gisele realmente as tinha, só podiam estar em algum lugar no apartamento. Gisele não possuía uma sala própria na agência de turismo ou em qualquer outra parte. O material de Tikhanov só podia estar no apartamento. Mas Liz descobrira o corpo de Gisele, revistara o apartamento e nada encontrara. Era como se alguém tivesse passado antes pelo apartamento para remover as fotos... matar Gisele e removê-las.

Despedindo-se de Michele e do fotógrafo, Liz começou a voltar para o hotel, refletindo sobre o fato insólito e gradativamente acelerando o ritmo.

Assim que ficou a sós em seu quarto, ela pegou o telefone e fez uma ligação para Bill Trask em Paris. E o fez sem a menor hesitação, porque já era uma perdedora e assim nada tinha a perder. No instante em que Bill atendeu, ela disse:

— Tem uma coisa que eu gostaria que você pedisse a alguém no escritório para verificar por mim, Bill.

— Pode falar.

— É sobre Sergei Tikhanov, o ministro do Exterior soviético. Gostaria de saber se ele está em Paris.

— Está cobrindo Lourdes neste momento, Liz. Que diabo Lourdes tem a ver com Tikhanov?

— É justamente o que estou querendo descobrir. Tenho um palpite de que Tikhanov pode ter estado em Lourdes recentemente.

— Procurando pela Virgem Maria? — Trask soltou uma risada. — Mas que loucura é essa? Tikhanov em Lourdes? Isso é muito engraçado.

— Também acho. E é por isso que estou lhe telefonando. Porque a ideia é muito engraçada. Mas tenho um motivo para pedir que verifique se ele está em Paris.

— Se você tem um motivo...

— Por favor, Bill, mande alguém ligar para a Embaixada Soviética e descobrir se Tikhanov está lá. E depois me telefone para dar a resposta. Ficarei esperando em meu quarto.

— Está bem.

Liz desligou e ficou esperando. Estava impaciente demais para sentar e por isso se levantou, especulando se o seu subido palpite, baseado num fato insólito, poderia se converter numa notícia sensacional de última hora, salvando o seu emprego e a permanência em Paris.

Ela acabara de constatar que seis minutos haviam transcorrido quando o telefone tocou. Trask não perdeu tempo.

— Liz, ligamos para a Embaixada Soviética, como você pediu. O Ministro Tikhanov está mesmo aqui, o que não chega a ser nada de excepcional, pois ele está sempre correndo de um lado para outro. E amanhã estará de volta a Moscou.

— Não! Liz teve de se conter para não gritar. — Não o deixe escapar, Bill. Ele tem de ser detido para interrogatório...

— Interrogatório sobre o quê?

— Sobre o assassinato daquela garota francesa em Lourdes ontem... a garota de quem lhe falei.

— Ah, isso... E como acha que vou deter o ministro do Exterior da União Soviética?

— Pedindo à Sureté para detê-lo, até que possa ser interrogado.

— A Sureté precisaria acusá-lo do crime para poder detê-lo. De que prova você dispõe...

— Ele pode ter matado a garota para recuperar alguma informação que ela tinha e poderia prejudicá-lo.

— Uma prova concreta, Liz, uma prova concreta. Ainda não tenho. Mas dê-me uma chance...

— Ainda não acabei o que estava dizendo, Liz. Mesmo que a Sureté tivesse

uma prova concreta, nada poderia fazer. Nunca ouviu' falar, mocinha? Sergei Tikhanov é o ministro do Exterior da União Soviética. É um diplomata de primeira categoria visitando a França. Nunca ouviu falar, de imunidade diplomática?

— Eles não invocariam isso.

— Pode apostar que os soviéticos invocariam. Mas não faz a menor diferença, porque você não tem nenhuma prova. Pare de agitar, Liz. Esqueça Tikhanov. E fique de olhos bem abertos à procura da Virgem Maria. Está me entendendo? É uma ordem.

— Está certo, chefe — balbuciou ela.

— Uma ordem e não a esqueça — acrescentou Trask — E volte ao trabalho. Arrume-nos uma história de Lourdes.

Liz ouviu o estalido alto no outro lado da linha e também desligou.

Arriu numa cadeira, desconsolada. Outra esperança de sobrevivência que se desvanecera. Estava tentando com empenho demais, agarrando-se a qualquer coisa, tornando-se muito desesperada. Tinha de haver alguma coisa que pudesse despachar daquele maldito lugar. Ela procurou se concentrar. Havia um zumbido doloroso em sua cabeça. Como não havia nenhuma história sensacional ali, o que poderia representar uma história, mesmo que medíocre, mas aceitável? Sua mente se encaminhou lentamente para a única pessoa que conhecia que podia ser uma história. Edith Moore.

Relutantemente, Liz pediu à telefonista de informações o número daquele restaurante novo ou reformado, o que se chamava Restaurante do Milagre de Madame Moore. Depois que a telefonista lhe forneceu o número, Liz discou. Disse à mulher que atendeu que queria falar com o Sr. Reggie Moore.

— Avise a ele que é Liz Finch, da API, a agência noticiosa americana.

Quase não houve espera e Reggie estava ao telefone, sempre suave, com o seu sotaque do lado errado de Londres. Liz não estava agora com paciência para isso.

— Sr. Moore, quero fazer uma reportagem sobre sua esposa, uma entrevista sobre a sua cura e seus sentimentos pela iminente confirmação como a nova mulher milagrosa de Lourdes. Será uma reportagem para distribuição internacional. Acha que ela vai cooperar?

— Eu... eu tenho certeza absoluta de que ela vai adorar.

— Pois então vamos marcar o encontro no seu restaurante, às duas horas da tarde de amanhã. Tomaremos um chá e conversaremos. Leve sua esposa e eu farei a reportagem.

— Com todo prazer — murmurou Reggie. — Estaremos esperando amanhã.

Enquanto desligava, desconsolada, sem qualquer expectativa emocionante, Liz pensou em sua atraente rival, Marguerite, em seu atraente escândalo envolvendo o atraente André Viron.

E ela ficava com as migalhas, com a desgraçosa Edith Moore.

Pela centésima vez, Liz sentiu vontade de se matar. Mas, depois, filosoficamente, decidiu que uma mulher precisa viver, precisa ganhar a vida e tirar o melhor proveito do que puder obter. E enquanto esperava, sairia para comprar um saco de bombons e ter alguma coisa com que se ocupar.

Amanda voltou a Lourdes, procedente de Bartrès, em bem pouco tempo.

Mantivera ligado o rádio do Renault durante todo o percurso, cantarolando as melodias francesas. No banco, ao seu lado, estavam o original e três fotocópias do último diário de Bernadette; com o diário, ela tinha tudo o que precisava.

Entrando em Lourdes, ela se mostrou mais consciente do que nunca das lojas na cidade, os hotéis e os cafés, os peregrinos nas calçadas. Pensou mais uma vez que tinha ao seu lado o material que devastaria toda a comunidade, arrasaria a cidade para sempre. De certa forma, ela lamentava que isso tivesse de ser feito com a Pompeia francesa. Mesmo que Lourdes fosse uma fraude, fizera milhões de pessoas crédulas no mundo inteiro se sentirem melhor e lhes proporcionara uma esperança. Mesmo assim, Amanda garantiu a si mesma, o que estava prestes a fazer com a cidade seria apreciado por todas as pessoas racionais e civilizadas do mundo que queriam a honestidade e a verdade predominando.

Aproximando-se do Hotel Galha & Londres, Amanda começou a procurar uma vaga para estacionar. Teve sorte e encontrou uma imediatamente. Pegando o diário e as três fotocópias que fizera, ela entrou apressadamente no hotel, ansiosa em mostrar a Ken, deixá-lo ler pessoalmente. Esperava encontrar Ken na cama, descansando depois de outra prolongada visita à gruta. Mas ele não estava na cama nem no quarto. O que havia na cama, em vez disso, era um bilhete, uma folha do papel timbrado do hotel, dobrada, com o nome dela por fora.

Abrindo o bilhete, ela descobriu que a letra mal era reconhecível, mas compreendeu que fora escrito por Ken. Decifrando as palavras, ela leu:

Amanda:

Piorei esta manhã. O hotel providenciou para que eu fosse levado ao Centre Hospitalier General de Lourdes, na Avenue Alexandre-Marque, 2, para exame e tratamento. Não se preocupe. Deus cuidará de mim.

Com todo amor,

Ken

Amanda sentiu que murchava. Talvez fosse tarde demais. Talvez todos os seus esforços e sua grande descoberta tivessem sido por nada. A doença potencialmente fatal de Ken estava dominando-o por completo e a volta às pressas para Chicago de nada adiantaria agora.

Ela tratou de se controlar. Pegando um dos envelopes, com uma cópia do diário de Bernadette, deixou o quarto imediatamente.

Vinte minutos depois, seguindo a orientação da recepcionista do hotel, Amanda estava no Centre Hospitalier General de Lourdes, avançando apressadamente pelo corredor do segundo andar, até encontrar o número do quarto de Ken. Havia um cartaz na porta: "Visitas proibidas". Ignorando-o, Amanda bateu na porta, nervosa. Depois de uma breve espera, a porta foi aberta parcialmente. Uma mulher meteu a cabeça para fora e olhou inquisitiva para Amanda.

— Fui informada de que o Sr. Kenneth Clayton está aqui — disse Amanda. — Preciso vê-lo.

A mulher balançou a cabeça.

— É a Sra. Amanda Clayton?

— Isso mesmo. A esposa dele.

— Um momento, por favor.

A porta tornou a se fechar e Amanda ficou esperando impacientemente. Quando a porta foi aberta outra vez, a mulher, que estava de vestido comum e não de uniforme, pegou de leve o braço de Amanda e foi afastando-a pelo corredor.

— Mas eu quero vê-lo! — protestou Amanda.

— Ainda não — disse a mulher. — Sou a enfermeira do Dr. Kleinberg, Esther Levinson. Explicarei tudo. Vamos até a sala de visitantes, onde poderemos conversar.

— Como ele está?

— Melhor, melhor.

Na sala de espera, Esther levou Amanda para o sofá e sentou-se ao seu lado.

— Por que não posso vê-lo? — insistiu Amanda.

— Porque o doutor está com ele. Aparentemente estava fora da cidade...

— Estava, sim. Mas se eu soubesse...

— Não tem importância. Permita-me que lhe explique o que aconteceu. Quando o Sr. Clayton começou a passar mal, antes de meio-dia, ligou para a recepção do hotel pedindo ajuda. A recepcionista telefonou para o Dr. Berryer, no Serviço Médico. Ele disse que havia em Lourdes um especialista em sarcoma de Paris, o Dr. Paul Kleinberg, meu patrão. Como o Dr. Kleinberg fora ao aeroporto para receber um colega e também a mim, não foi possível localizá-lo. Assim, o Dr. Berryer falou com um médico residente em Lourdes, Dr. Escalona, que se encontra com o Sr. Clayton neste momento. O Dr. Kleinberg, depois de nos receber no aeroporto, deixou-me em nosso hotel e saiu... não sei para onde... a fim de conferenciar com seu colega. Encontrei no hotel o recado do Dr. Berryer para o Dr. Kleinberg. Como não tinha ideia do paradeiro do Dr. Kleinberg, resolvi vir direto para o hospital, a fim de verificar o que estava acontecendo e esperá-lo aqui.

— Fico muito agradecida — murmurou Amanda. — Mas o que está

acontecendo com Ken agora?

— Ele está sendo examinado e deixado o mais confortável possível, até que o Dr. Kleinberg receba o recado e venha para cá. — Esther inclinou a cabeça para o lado, estudando Amanda por um momento. — Posso ser absolutamente franca?

— Por favor, conte-me tudo o que sabe.

— Só há uma coisa a dizer, mas já deve saber. Tenho visto muitos casos assim e sei que a única esperança do Sr. Clayton é a cirurgia. Estou certa de que o Dr. Kleinberg confirmará a necessidade. Mas tenho certeza de que o Dr. Kleinberg não conseguirá mais do que eu quando conversei a respeito com seu marido. Ele recusou.

— Ken ainda não quer aceitar a cirurgia?

— Não admite de jeito nenhum. Está se entregando inteiramente nas mãos da Virgem Maria e seus poderes curativos. Mas... perdoe-me se é uma crente...

— Justamente o oposto.

— ... mas a Virgem Maria não é a especialista em quem eu confiaria num caso tão... tão grave como este.

— Concordo plenamente — declarou Amanda. — Venho me empenhando todos os dias para fazer Ken voltar a Chicago e à mesa de operações. Mas não fui capaz de convencê-lo.

Ela tocou no envelope pardo em seu colo, estava prestes a falar a respeito, mas acabou mudando de ideia.

— Creio que possuo agora os meios para convencê-lo a se submeter à cirurgia imediatamente. É por isso que preciso vê-lo agora.

— Não pode vê-lo agora nem por mais algum tempo, Sra. Clayton. Quando saí do quarto, o Sr. Clayton estava recebendo um sedativo. A esta altura, já se encontra profundamente adormecido.

— E poderei lhe falar quando ele acordar?

— Tenho a impressão de que não poderá falar com seu marido pelo menos por duas horas.

— Então ficarei esperando aqui. Quero estar presente quando ele acordar.

Esther levantou-se.

— Pode ficar, se assim desejar. Eu a avisarei quando o Sr. Clayton acordar.

Sozinha, Amanda recostou-se no sofá e bateu de leve na cópia do diário de Bernadette em seu colo. Fazia com que se sentisse mais segura. Em sua imaginação, viu Ken na pós-cirurgia, a saúde e o vigor recuperados, viu os dois no casamento, na lua-de-mel em Papetee, alguns anos depois com o primeiro filho.

Amanda fechou os olhos para excluir tudo o mais que não fosse a maravilha do que sua imaginação procurava. Tentou abrir os olhos depois de algum tempo, mas as pálpebras estavam pesadas. Deixou-os fechados. O corpo, dominado pela fadiga, gradativamente relaxou e logo ela cochilava.

Amanda não sabia por quanto tempo dormira no sofá da sala de espera, mas uma mão gentil em seu ombro finalmente despertou-a.

Ela olhou para a enfermeira chamada Esther, parada à sua frente com um sorriso. Amanda olhou ao redor. As luzes estavam acesas e pelas persianas ela percebeu que era noite lá fora.

Uma súbita compreensão do que acontecera e de onde estava fez com que Amanda despertasse totalmente. Ela se empertigou no sofá.

— Que horas são?

— Já passamos de 11 horas, estamos nos aproximando da meia-noite.

— Posso ver Ken agora?

— Não, não esta noite. Ele dormirá durante a noite inteira. O Dr. Kleinberg esteve aqui depois do jantar e examinou-o. O Dr. Kleinberg diz que o Sr. Clayton deve descansar... a melhor coisa para ele... e não ser incomodado esta noite. O Dr. Kleinberg voltará pela manhã. O Sr. Clayton estará então acordado e poderá vê-lo. Achei que deveria avisá-la agora, a fim de poder voltar ao hotel e dormir direito.

— Acho que não me resta opção. — Amanda fez um esforço para levantar-se. — Quando poderei ver Ken?

— Tenho certeza de que às nove e meia da manhã não haverá qualquer problema. O Dr. Kleinberg já o terá então examinado.

— Estarei aqui antes disso. Obrigada por tudo.

Depois de deixar o hospital e entrar no carro alugado, Amanda percebeu que ainda tinha na mão o envelope contendo a cópia do diário de Bernadette. Mas como Ken não poderia ler antes da manhã seguinte, ela resolveu levar-lhe uma das outras cópias, que deixara no quarto do hotel, entregando aquela a Liz Finch, o mais depressa possível. Proporcionaria a Liz a grande história de sua vida e ela bem que merecia.

Ao invés de seguir diretamente para o hotel, Amanda desviou-se até o serviço de imprensa. Estacionou o carro perto do domínio. As ruas de Lourdes estavam virtualmente desertas àquela hora. Amanda encaminhou-se para o 'escritório da imprensa, instalado numa barraca, levando o envelope pardo.

O interior estava intensamente iluminado e apenas três correspondentes trabalhavam naquele momento. A mesa de Liz Finch se achava vazia. Aquela hora, Liz estava certamente mergulhada num sono profundo. Amanda resolveu deixar o seu presente em cima da mesa de Liz, com um bilhete curto.

Indo até a mesa, Amanda sentou-se na cadeira giratória, encontrou um lápis vermelho e escreveu em letras grandes no envelope pardo:

PARA LIZ FINCH, API.
PESSOAL E MUITO IMPORTANTE

Depois, Amanda pegou um pedaço de papel e escreveu um bilhete

apressado:

Liz querida:

Obtive o maior sucesso em Bartrès. Aqui está uma cópia do diário de Bernadette que comprei... a parte que a Igreja não viu. Leia. Isto deve lhe proporcionar o furo do ano. Mas não faça coisa alguma até conversarmos. Eu lhe fornecerei então todos os detalhes. Ken está no hospital. Irei vê-lo às nove e meia. Poderemos nos encontrar no hotel por volta das 11 horas.

Sua amiga, Amanda

Relendo o bilhete, Amanda mudou de ideia sobre deixá-lo na mesa de Liz. Outros repórteres que partilhavam ou passavam pela mesa de Liz podiam se sentir tentados a ler — e possivelmente confiscar — a cópia do diário. Imaginando onde Liz recebia sua correspondência particular, Amanda resolveu examinar mais cuidadosamente o interior da barraca. E encontrou numa parede lateral o que não percebera ao entrar. Lá estavam fileiras do que pareciam ser cofres — várias centenas — e num lado uma mulher corpulenta, de meia-idade, em uniforme de guarda de segurança, sentada a uma mesa, lendo um livro.

Dobrando apressadamente o bilhete que escrevera, Amanda colocou-o dentro do envelope pardo. Levantou-se e foi até a mulher.

— Com licença, madame — disse Amanda —, onde se deixa a correspondência particular para os repórteres? Nessas caixas?

— Isso mesmo. Cada repórter credenciado possui uma caixa trancada, com sua própria chave.

— Pois eu gostaria de deixar uma coisa pessoal para a repórter americana Liz Finch.

— Se me entregar, posso cuidar disso.

A mulher parecia afável e de confiança. Mas tendo chegado até ali com sua preciosa descoberta, Amanda não estava disposta a correr qualquer risco.

— Se não se importa, prefiro deixar na caixa pessoalmente.

— Como quiser. — A mulher puxara uma gaveta e estava consultando uma lista. — Liz Finch, Caixa 126.

Pegando um molho de chaves, a mulher levantou-se e levou Amanda pelas fileiras de caixas. Parou de repente, meteu uma chave numa caixa de metal na altura do ombro e abriu-a.

— Pode pôr seu envelope aqui. Ficará absolutamente seguro.

Dentro da caixa, Amanda pôde ver alguns outros envelopes, pasta Dentyne, diversos maços de cigarros e uma lata de pastilhas de menta Altoid. Sorrindo, Amanda pôs seu precioso envelope pardo na caixa. A mulher fechou-a e trancou-a cuidadosamente.

— Está pronto. Agora pode ter certeza de que a Srta. Finch será a única que

receberá.

— Muito obrigada — disse Amanda.

Aliviada, ela observou a mulher retornar à mesa. Satisfeita por estar oferecendo um grande furo à amiga, ela esticou os músculos doloridos, tomou consciência mais uma vez de sua exaustão e depois encaminhou-se lentamente para o carro e o hotel, para uma noite de sono profundo, que a fortaleceria para o que a manhã reservava.

Às 11:32 daquela noite, saindo da cama sem fazer barulho e certo de que Natale dormiria até de manhã, Mikel Hurtado vestiu-se lentamente e procurou as chaves do Ford europeu que alugara. Com um último olhar para o corpo em repouso de Natale e uma pontada de pesar pela separação forçada, ele saiu do quarto, trancou a porta e encaminhou-se para o elevador e para seu encontro com o destino basco.

Deixando o Hotel Galha & Londres, Hurtado virou à direita na Avenue Bernadette Soubirous. A tensão foi aumentada à medida que se aproximava da esquina. Fora até aquela esquina duas vezes, nos últimos três dias, deparando com a polícia de Lourdes de patrulha na rampa de acesso para o domínio lá embaixo. Isso não desconcertara Hurtado, porque fora alertado por Yvonne, a recepcionista do hotel, a esperar pela presença policial. A amiga de Yvonne que dormia com o Inspetor Fontaine, chefe de polícia de Lourdes, contaram que a vigilância continuaria pela sexta-feira, mas seria suspensa no sábado.

Hurtado refletiu que nos últimos três dias poderia ter-se desesperado de preocupação e angústia se não fosse por Natale. A presença dela de manhã, de tarde e de noite, durante 72 horas, fora fundamental para distraí-lo e acalmá-lo. Jamais conhecera uma mulher como Natale. Apesar de sua deficiência, ela se mostrava inabalavelmente animada e divertida. Espirituosa e zombeteira ao acordarem pela manhã e começarem a fazer amor. Apaixonada e ardente ao ato sexual. Séria e devota na gruta ao final da manhã e à tarde. Fascinante e filosófica em suas conversas no almoço e jantar. Uma fêmea totalmente sensual na cama à noite. Hurtado jamais experimentara uma capacidade tão absoluta de entrega da carne por uma pessoa do sexo oposto. Natale era uma maravilha, um ser excepcional, a perfeição de sua beleza da cabeça aos pés era extraordinária. E depois que haviam alcançado o orgasmo juntos, apenas duas horas antes, depois que ela adormecera, Hurtado se sentira hesitante, pela primeira vez, em concluir a sua missão.

Na cama, ao seu lado, ele refletira sobre o que havia pela frente. Para começar, a culpa que experimentaria por destruir a gruta antes do último dia do reaparecimento da Virgem Maria, um dia em que ele sabia que Natale planejava realizar uma sessão de maratona, a fim de entrar em contato com o único ser que ela acreditava capaz de se comover com sua situação. Natale partiria sem o dia místico final em que ofereceria suas preces, sem a gruta para

se ajoelhar, sem o homem por quem se apaixonara. Ela voltaria a Roma desolada e sozinha.

Pois ele próprio estaria a muitos quilômetros de distância, escondido com companheiros bascos numa aldeia da França, aguardando o dia em que a polícia francesa suspenderia a caçada pelo mais blasfemo terrorista de todos os tempos, em que seria atenuada a vigilância na fronteira com a Espanha, em Hendaye. Ele retornaria então à Espanha, acumularia força e pressão contra o Ministro Bueno e o governo espanhol, poderia se juntar às multidões exultantes nas ruas de San Sebastián quando a Espanha Basca se tornasse a nação independente de Euskadi. Somente então — por quanto tempo? quantos anos? — poderia partir numa peregrinação solitária a Roma, procurar e talvez encontrar uma Natale mais velha.

Estendido na cama com tais pensamentos, ele tivera outras ideias, considerara a possibilidade de abandonar a sua missão violenta, rezar com e para Natale no último dia e, se nada mudasse para ela (como ele tinha certeza de que não aconteceria), acompanhá-la de volta a Roma. Poderia ali recomeçar sua carreira como escritor — um autor podia escrever em qualquer parte — e ficar junto de Natale, cuidar dela, pelo resto de suas vidas. Deixando que outros, algum dia, tentassem libertar Euskadi.

Mas essas ideias lhe pareceram uma autêntica heresia, um escárnio à sua fé na causa. Outros não eram tão capazes quanto ele na luta da resistência. Nem mesmo López, o antigo mestre da organização e planejamento, demonstrava uma força persistente. Envelhecendo, López se tornava mais fraco, disposto a fazer concessões ao monstro de Madri. Não, era Hurtado o mais qualificado e necessário. Não podia ser um traidor de milhares de oprimidos e da memória de seu amado pai.

A causa acabou prevalecendo sobre os sentimentos egoístas. Estava ali para destruir a obstrução à liberdade basca. E aquela seria a noite em que a explodiria em pedacinhos.

Era o que esperava.

Quase na esquina, o coração e os passos acelerados, ele ofereceu, embora não fosse homem de rezar, uma prece a um Deus Desconhecido para que a informação de Yvonne fosse acurada e que os guardas franceses tivessem suspendido a vigilância no acesso ao domínio.

Estava na esquina, descendo o meio-fio... e o que viu deu-lhe vontade de pular de alegria. Não havia qualquer guarda à vista em nenhum lugar da avenida e a rampa que descia para o domínio se achava completamente deserta.

Quase correndo, Hurtado atravessou a avenida para o alto da rampa. Esquadrinhou a base da rampa e o terreno além do domínio. Desceu rapidamente, a confiança aumentando. Na base da rampa, em terreno plano, ele espiou pela Esplanada do Rosário para o outro lado, esquadrinhando

cuidadosamente, até onde podia ver, à procura do solitário guarda noturno que observara de patrulha na madrugada. Mas até mesmo aquele guarda não se encontrava à vista.

Tentando conter seu júbilo, Hurtado desviou-se para a esquerda, passando pela Basílica do Rosário e contornando a Basílica Superior, encaminhando-se apressadamente para a gruta.

Estava ali, aquele buraco sagrado na encosta, parecendo fantástico à luz das velas bruxuleantes, que também se projetava sobre a imagem da Virgem Maria, a estátua idolatrada da Virgem vestida de branco no nicho lá em cima.

O nicho era o seu alvo. Quando fosse explodido em pedacinhos, grande parte da encosta desmoronaria, juntando-se aos escombros da própria gruta.

Hurtado virou-se uma última vez, olhando cautelosamente ao redor, procurando por qualquer obstáculo ou ameaça potencial. O interior da gruta estava vazio. As cadeiras e os bancos estavam vazios. A área das torneiras com água da fonte e dos banhos mais além estava vazia.

A longa espera terminara. O grande momento chegara.

Sem mais nenhuma hesitação, Hurtado encaminhou-se para a encosta íngreme, coberta de mato, arbustos, moitas de flores amarelas, pequenas magnólias e enormes carvalhos, que se erguiam além da rocha árida que cercava a gruta. Hurtado começou a subir, plantando cada pé firmemente nos pontos de apoio.

Subindo cada vez mais, ele logo pôde se apoiar nos galhos e troncos das árvores na floresta que se adensava. A respiração era agora ofegante, mas não por falta de vigor. Possuía o condicionamento de um atleta. O que afetava a sua respiração era a expectativa e o excitação crescente, misturando-se com a tensão do caçador.

Estava agora nas árvores grandes e contando para localizar a certa, uma das maiores. Tinha certeza de que encontraria o seu tesouro. Finalmente encontrou a árvore e contornou-a. Tirou a lanterna do bolso do casaco e projetou o círculo de luz amarelada para a folhagem a seus pés.

E logo avistou a depressão, com a camuflagem que preparara três dias antes para cobri-la e escondê-la. Ajoelhou-se, ajeitando a lanterna na beira da depressão, a fim de que o facho pudesse guiá-lo. Com as mãos nuas, começou a recolher as folhas e gravetos, empurrando-os para o lado. Os detritos estavam úmidos do ar noturno, mas isso só tornava mais fácil removê-los.

A sacola de compras dobrada que trouxera para cobrir os pacotes menores se achava agora à sua frente. Ele tirou-a do esconderijo, largou-a ao lado, concentrou-se em retirar os pacotes com explosivos e demais equipamentos.

Como se estivesse manuseando uma preciosa porcelana, Hurtado ajeitou com extremo cuidado cada peça. Desde o início, ele escolhera a um equipamento de tempo elétrico como o mais seguro, o mais certo, o que lhe

permitiria aumentar ao máximo a distância que o separaria da dinamite no momento em que ocorresse a explosão. A ideia era ligar o explosivo a um detonador de ação retardada e ligar este a um relógio. Isso envolvia também o uso de uma bateria e terminais. O relógio foi armado como um despertador. Começou a bater; quando os ponteiros alcançassem a posição determinada, os terminais seriam fechados e o circuito enviaria uma descarga elétrica através do detonador e o pavo para a dinamite. Por um momento, no começo, ele pensara em usar o plástico C-4 — que os franceses chamavam de *plastique* — como o explosivo, ao invés da antiquada dinamite. Mas depois concluíra que dinamite — nitroglicerina numa mistura de serragem — era mais simples, desde que os bastões fossem novos.

Aquela dinamite, os bastões já amarrados juntos, era nova. Com mãos experientes — já preparara pelo menos uma dúzia daqueles artefatos para destruir lugares em anos recentes — Hurtado desenrolou o fio verde, deixando uma extremidade perto do detonador e a bateria, fixados num bloco de madeira. Isso feito, começou a descer pela encosta, na direção da gruta, estendendo o fio. Desligou agora a lanterna, pois a claridade das velas de cera se projetava pela folhagem e delineava o nicho por cima da gruta e a imagem de mármore da Virgem Maria.

Por um instante, entre moitas, ele teve um vislumbre da área da gruta lá embaixo. Toda sua concentração estava no nicho, enquanto rastejava cada vez mais próximo, estendendo o fio verde. Quando o nicho estava a um braço de distância, ele se aproximou ainda mais, puxando o pacote com a dinamite para a frente e colocando-o lá dentro. Ajeitou-o gentilmente, a fim de que ficasse perfeitamente assentado e seguro por trás da estátua de mármore e fora de vista.

Satisfeito, ele virou-se, de joelhos, começou a voltar pelo mesmo caminho, tateando o fio enquanto subia. Em poucos minutos estava de volta, por trás da árvore grande, onde deixara o detonador e o relógio. Rapidamente ligou os fios aos terminais, tomando cuidado para evitar que fizessem contato. E depois armou o relógio. Calculara antes o momento para o contato automático. Precisava de tempo suficiente para escapar, mas não podia ser demais, o que aumentaria a possibilidade do artefato ser descoberto acidentalmente por alguém. Quinze minutos parecia o tempo exatamente certo.

Cinco minutos para descer da encosta, quatro minutos para se afastar da gruta e subir a rampa, um minuto para alcançar o Ford (guardara a mala antes), cinco minutos para atravessar a cidade deserta e pegar a estrada para Pau.

A esta altura, a gruta seria destruída e a Euskadi se ergueria das cinzas. E ele teria desaparecido de Lourdes, estaria escondido bem longe, protegido por seus compatriotas franceses.

Quinze minutos, a partir daquele segundo. Ele concluíra a ligação. Não havia necessidade de enterrar ou camuflar o artefato. Seria explodido em pedacinhos

incontáveis, juntamente com todo o resto.

Hurtado se levantou e iniciou no mesmo instante a descida precária. Apontando o facho da lanterna para o chão à sua frente, segurando-se nos troncos e nos galhos maiores, ele conseguiu manter o equilíbrio, escorregando apenas uma vez, permanecendo de pé e firme por toda a descida. Quando avistou a base da encosta, o terreno plano que levava à gruta e a contornava, ele apagou a lanterna. Podia se deslocar mais depressa agora, à medida que se aproximava o terreno plano. Parou junto da última folhagem protetora e esquadrinhou o que podia ver da área. Ainda não havia nenhum guarda à vista, absolutamente ninguém. Estava seguro.

Ele desceu para o terreno plano e imediatamente levantou o braço direito, consultando o relógio de pulso. A descida levava cinco minutos e dez segundos.

Dez segundos perdidos, mas ainda estava dentro do horário previsto.

Não havia mais um segundo sequer a desperdiçar.

Apressando-se, ele começou a passar pela gruta, na direção da rampa.

Avançando entre os bancos e cadeiras virados para o altar no interior da gruta, Hurtado lançou um último olhar para o nicho e a imagem, a fim de verificar se os explosivos eram visíveis. Nada era visível, exceto a estátua estúpida...

Nada. Perfeito.

Mas quando seu olhar baixou... alguma coisa.

Sobressaltado, ele parou no meio de um passo, ficou imóvel. Com incredulidade, olhou para a entrada da gruta, por baixo do nicho, constatando que havia algo ali, alguém, um ser humano, um ser humano pequeno, a cabeça coberta por um xale, ajoelhado, de costas para ele, rezando. Ele já vira aquele vulto antes, o xale na cabeça e a postura, a semelhança ocorreu-lhe prontamente. Vira uma fotografia de Bernadette naquele traje e naquela postura rezando diante da gruta.

No primeiro ímpeto de incredulidade, Hurtado se preocupou com a sobrevivência, a autopreservação, o impulso de seguir adiante, afastar-se o mais depressa possível, ignorar aquela pessoa idiota perdida em sua oração.

Mas lá em cima, na encosta, um relógio batia, implacavelmente, dentro de nove minutos ocorreria uma explosão gigantesca e uma pobre criatura humana seria morta. Ao mesmo tempo, um instinto mais forte prevaleceu. Hurtado não queria matar ninguém ali, muito menos uma pobre coitada devota. Numa questão de segundos poderia salvá-la... e ainda salvar a si mesmo. Só precisava alertá-la de que corria perigo, avisá-la para fugir, sair dali, depois continuar em seu caminho.

Ele virou-se para a gruta, correndo entre as cadeiras e bancos. Ao se aproximar da mulher ajoelhada, esqueceu inteiramente a cautela e gritou:

— Ei, você! Saia daqui! Tudo isto vai explodir!

Ele esperava que a mulher ajoelhada se virasse, assustada, reagisse ao aviso, se afastasse correndo da área em perigo.

Mas ela não se mexeu, não fez qualquer movimento, permaneceu de joelhos, em súplica silenciosa, tão imóvel quanto a estátua de mármore por cima.

A ausência de reação era inacreditável para Hurtado, além de toda compreensão. Ele correu mais depressa para a mulher. Quando se encontrava quase em cima dela, prestes a gritar de novo, estacou abruptamente.

A moça estava agora de perfil e podia divisar seu rosto.

Natale. Natale Rinaldi. A sua Natale.

Ele a deixara adormecida, mas ela não continuara a dormir até de manhã, como esperava. Vestira-se no escuro e encontrara o caminho contando os passos no escuro, chegara até ali para realizar a sua última vigília.

— Oh, Deus! — murmurou Hurtado. — Natale!

Não houve reação, não houve resposta, não houve um único movimento. Era como se ela não pudesse ouvi-lo.

Hurtado podia vê-la claramente agora, os olhos escuros, o rosto pálido, apenas um movimento mínimo dos lábios.

Ela estava em transe, fora deste mundo.

Ele estava em cima da moça, segurando-a pelos ombros, tentando levantá-la, arrancá-la dali.

Mas ela não se mexeu. Parecia um peso morto, ancorado ao chão, irremovível.

Hurtado puxou e empurrou, tentando fazê-la levantar, tentando erguê-la. Mas era impossível deslocá-la um centímetro sequer.

Com a respiração ofegante, ele parou de tentar. Era um fenômeno além da sua compreensão. Ficou parado por cima de Natale, contemplando-a, sem saber como fazer contato, por que meios removê-la, levá-la para a segurança.

E depois, para seu espanto total, observou-a sacudir-se lentamente e se levantar.

— Natale! — gritou ele, segurando-a pelos braços.

Mas ela estava lhe sorrindo, levantando uma das mãos, removendo os olhos escuros. Pela primeira vez, seus olhos estavam largos e claros, luminosos, fixados em Hurtado.

— Mikel... você é Mikel... deve ser — disse ela, suavemente. — Mikel, eu vi a Virgem Maria. Ela veio a mim e falou, permitiu que eu a visse. E pude vê-la, assim como posso ver você agora. — Natale virou a cabeça. — E a gruta... pela primeira vez posso vê-la, posso ver outra vez o mundo inteiro. A Virgem Abençoada me devolveu a visão, Mikel. Posso *ver*!

Ele estava paralisado, aterrado, mal conseguindo compreender o milagre, sua maravilha. Finalmente, foi capaz de recuperar a voz e balbuciou:

— Você... você pode me ver?

— Posso, sim... você, tudo ao redor. É glorioso.

— Você... você viu a Virgem?

— Quando me ajoelhei para rezar, estava na escuridão, como sempre. Enquanto rezava, pude divisar um cone de claridade, uma luz. E depois pude ver a abertura, a própria gruta. Pude vê-la então, a mulher de branco, não maior do que eu, inclinando a cabeça, os braços estendidos, uma das mãos segurando uma rosa de haste comprida. Peguei o rosário e a Virgem permaneceu parada ali, sorrindo-me graciosamente. Era como Bernadette a vira, exceto pela rosa na mão. Um véu branco lhe cobria a cabeça, o vestido comprido era do branco mais puro, com uma faixa azul, uma rosa amarela em cada pé. E ela disse, suavemente: "Você verá de novo, por toda a duração de sua estada neste mundo, a cada maravilha de Deus." Houve mais, porém... Mikel, Mikel, foi maravilhoso! Eu amo você, o mundo inteiro, a vida, amo a nossa preciosa Massabielle...

— Ela se aninhara nos braços abertos de Hurtado, abraçando-o. Mas a menção de Massabielle desencadeou-lhe a lembrança.

— Oh, Deus! — exclamou ele, soltando Natale e olhando para o relógio.

Restavam menos de seis minutos.

Ele pegou firmemente o braço da aturdida Natale e começou a afastá-la da gruta, bem depressa, puxando-a e arrastando-a.

— Corra! — insistiu ele, puxando-a pela base do morro, forçando-a a acompanhá-lo.

Ele parou subitamente, afastando-a.

— O que foi, Mikel?

— Não importa. Explicarei depois. Apenas faça o que eu mandar, exatamente o que eu mandar. — Ele apontou para os banhos. — Vá para lá, passando pelos banhos, o mais depressa que puder. Vá correndo, fique longe da gruta, o mais possível. Irei ao seu encontro dentro de cinco ou dez minutos. E agora vá!

Sem esperar para vê-la se afastar, ele se pôs a subir pela encosta, entre a folhagem, tão depressa quanto lhe permitia a superfície escorregadia. Cambaleava e caía, tornava a se levantar, tropeçava, sempre subindo, sem qualquer pausa. Estava agora se segurando nos galhos mais fortes, nos troncos das árvores, subindo sem parar. Caiu de novo, estatelou-se de frente, levantou-se, olhou para o relógio em seu pulso. Quatro minutos e meio já haviam transcorrido e ainda não chegara lá.

Num frenesi, Mikel recomeçou a subir. O tempo passava inexoravelmente e ele ainda não chegara. Por um momento sentiu-se perdido, não conseguiu encontrar seu ponto de referência, o carvalho enorme. E depois o viu, cambaleou até lá, caiu de joelhos à sua frente.

Mais um olhar ao relógio.

Restava menos de um minuto. Menos de meio minuto.

E só restavam segundos, 24, 23, 22...

De joelhos, ele engatinhava desesperadamente em torno da árvore, procurando a depressão, o detonador e a bateria, o relógio ligado.

Estendeu-se de cabeça para o artefato, segurando o fio, arrancando-o com toda a sua força. Não se desprende. Estava como um louco, puxando e puxando, até que o antebraço e o bíceps tremiam de dor, certo de que perdera, aguardando a explosão catastrófica, a erupção que traria a morte para Massabielle e para si mesmo.

E subitamente o fio se desprende, o artefato estava desligado, não havia qualquer trovoadas ressoando em seus ouvidos.

No escuro, ele tentou verificar a hora em seu relógio de pulso.

Restavam dois segundos.

O ponteiro avançou um segundo, dois segundos, depois um segundo além do que teria sido o momento do inferno.

Hurtado ficou sentado com o fio solto nas mãos sujas, escutando o silêncio maravilhoso.

Depois de algum tempo, quando recuperou o fôlego, Hurtado levantou-se, com alguma dificuldade. Havia trabalho a fazer e teria de realizá-lo. Ele se adiantou temerariamente, caindo várias vezes, sem se importar, finalmente rastejando até poder ver a estátua de mármore no nicho, por cima da gruta. Quando estava ao seu alcance, estendeu a mão e, por trás da base, encontrou o pacote volumoso com a dinamite. Com paciência e cautela, tirou a dinamite do nicho. Quando o explosivo se encontrava em sua mão, começou a voltar para o carvalho, deslocando-se agora com maior cuidado.

Chegando à árvore, abriu a sacola de compras e pôs o pacote com a dinamite lá dentro. Depois, uma a uma, pegou as diversas peças do equipamento e também guardou-as na sacola.

Acabara de pôr o último pedaço de fio solto na sacola quando teve um sobressalto ao ouvir seu nome.

— Mikel.

Ele ouviu novamente e lá estava Natale, parada ao seu lado.

— O que está fazendo aqui, Natale? Eu lhe disse... você poderia ... ora, não importa...

— Eu queria saber para onde você estava indo. E o segui. Tive de engatinhar durante a maior parte do caminho. Pensei que me perdera, mas... aqui estamos.

Ele estava de pé agora, abraçando-a, beijando-a.

— Eu a amo, Natale... para sempre.

— Eu também o amo... para sempre e mais ainda. Soltando-a, Hurtado passou um braço por sua cintura, a outra mão segurando a sacola. Ao começarem a descer pela encosta, ele sorriu para ela e disse:

— Então agora pode me ver. E como eu lhe pareço?

— Pecaminosamente feio. —Natale soltou uma risada. —Mas adoro os homens pecaminosos e feios. — Ela fez uma pausa, a expressão voltou a ficar séria quando acrescentou: — Mikel, você é lindo, não tão lindo quanto a Virgem Maria... mas é bastante lindo para um mero mortal.

Quando chegaram ao terreno plano, ele não se virou para a gruta e o domínio. Em vez disso, continuou a seguir direto em frente, na direção da ponte que atravessava o Gave de Pau e levava à campina se estendendo à frente, iluminada pelo luar. Andando ao lado dele, Natale indagou:

— Para onde estamos indo, Mikel?

— Para o rio lá na frente — Ele levantou a sacola de compras. — Para que eu possa me livrar disto, uma parte do meu passado. — Ele sorriu para Natale enquanto continuavam e murmurou: — Pela primeira vez na vida, querida, eu também posso ver.

Domingo, 21 de Agosto

Liz Finch andava nas nuvens.

Na verdade, ela pisava firmemente no tapete do corredor do quinto andar do Hotel Gallia & Londres, mas pela primeira vez desde a sua chegada a Lourdes tinha a sensação de que andava nas nuvens.

Com o envelope pardo de Amanda e seu conteúdo seguro firmemente na mão, ela estava extasiada, nunca se sentira tão feliz. Tinha a denúncia da década e certamente a história mais sensacional de sua carreira, graças àquela mulher incrível que se chamava Amanda Spenser; e tinha para oferecer a milhões e milhões de leitores do mundo inteiro, que leriam e absorveriam cada palavra num espanto atordoado. Liz daria qualquer coisa para ver a reação de Bill Trask enquanto lhe ditasse a matéria. Melhor ainda, daria muito mais para ver a cara daquela desgraçada da Marguerite quando ouvisse a respeito e compreendesse que suas revelações sobre Viron não passavam de refugo em comparação com aquilo.

O quarto de Amanda era o 503 e Liz chegou à sua frente. O bilhete de Amanda prometera que estaria de volta do hospital e esperando em seu quarto, pronta para lhe dar uma explicação total sobre o fantástico diário de Bernadette, antes que Liz escrevesse e transmitisse a matéria de manchete no mundo inteiro.

Depois disso, aquela cidadezinha horrível seria liquidada, apagada do mapa para sempre, como bem merecia.

Havia quase uma cadência no jeito como Liz bateu na porta.

Ela ficou esperando que fosse aberta; como isso não acontecesse, bateu com mais força, torcendo para que Amanda estivesse, ao invés de ter sido retardada no hospital com Ken.

Abruptamente, a maçaneta foi sacudida e a porta aberta. Lá estava Amanda, de camisola de seda, sonolenta, os cabelos desmanchados, uma expressão confusa no rosto.

— É você, Liz?

— Quem mais poderia ser? Esqueceu que marcou um encontro comigo? — Ela levantou o envelope pardo. — Deixou-me esta superdinamite e pediu-me para vir procurá-la aqui.

— Santo Deus! Que horas são?

— Onze e meia em ponto, a hora que marcou.

— Oh, diabo, dormi demais. O dia de ontem deixou-me esgotada. Não acordei com o despertador. Deveria me levantar às oito horas e me encontrar às nove e meia com o médico de Ken no hospital. Mas, principalmente, para ver Ken e levá-lo de volta a Chicago. Entre, Liz. Poderemos conversar enquanto me

visto.

Liz entrou, alegremente, fechando a porta, enquanto Amanda atravessava o quarto até a cômoda, abrindo as gavetas à procura de roupas de baixo limpas. Liz se acomodou numa cadeira, levantando o envelope pardo.

— Não terá qualquer problema com o querido Ken, depois que ele der uma olhada nisto. Mas o que ele está fazendo no hospital?

Amanda estava tirando a camisola.

— Ele me deixou um bilhete, informando que seu estado se agravara e que fora levado para o hospital principal de Lourdes, na Avenue Alexandre-Marqui. Fui procurá-lo imediatamente, quando cheguei de Bartrès. Mas ele estava dormindo, sob o efeito de sedativos.

— Como ele está?

— Era justamente o que eu deveria saber às nove e meia. — Amanda ajeitou os seios leitosos no sutiã e estava prendendo-o nas costas. — Eu gostaria de não ter dormido demais. Não tenho tempo sequer para tomar um banho.

Mas Liz Finch já se concentrara outra vez na cópia do último diário de Bernadette, que tirara do envelope.

— Não terá mais problemas com Ken depois que ele ler isto, Amanda. Ele nunca mais poderá acreditar em qualquer das bobagens de Lourdes. Verá o quão profundamente... e involuntariamente... Bernadette se revelou como uma impostora. Imagine aquela pequena camponesa histérica vendo a Virgem Maria e Jesus ainda por cima em toda parte... vezes incontáveis, entre as ovelhas em Bartrès... e depois desse ensaio repetindo o seu ato um mês mais tarde em Lourdes. Puxa, Amanda, é a grande história do nosso tempo. Mas não queria que eu passasse a história antes de falar com você. E, de qualquer forma, eu precisava mesmo que você me fornecesse todos os detalhes a respeito. Como consegui, Mulher Maravilha, como consegui pôr as mãos nesta coisa sensacional?

— Tenho de ir ao banheiro. — Amanda tinha na mão a meia-calça. — Estou atrasada demais.

— Por favor, Amanda — implorou Liz, enquanto a outra entrava no banheiro. — Você me pediu para não passar a história antes de conversarmos. Não vai me contar tudo agora?

— Só um instante, Liz. Espere eu terminar de me vestir. Eu lhe contarei tudo o que sei enquanto descemos. E se o tempo não for suficiente, poderá me acompanhar até o hospital.

Amanda saiu apressadamente do banheiro um instante depois, vestiu a blusa, pôs a saia, prendeu-a, calçou os sapatos de saltos baixos e pegou uma segunda cópia de diário em seu envelope pardo, já se encaminhando para a porta. Liz estava logo atrás dela, se apressando para acompanhá-la, na direção do elevador. Enquanto esperavam pelo elevador, Liz indagou:

— O Padre Ruland lhe deu o nome de Eugénie Gautier em Bartrès, não é mesmo?

— Exatamente.

— Como soube que havia uma parte anterior do diário.

— A Irmã Francesca mencionou isso de passagem, em Nevers.

O Padre Ruland admitiu que existia, mas insistiu que não estava interessado. Na verdade, ele nunca viu essa primeira parte do diário.

Madame Gautier confirmou sua existência e mostrou-me. Ela não queria dinheiro, apenas que eu providenciasse a matrícula de seu sobrinho numa universidade americana. Quando li as páginas que Bernadette escreveu a respeito de sua permanência em Bartrès, como cuidava das ovelhas e sempre via Jesus e a Virgem Maria entre os bichos... quantas vezes?

— Jesus três vezes. A Virgem seis vezes entre as ovelhas em Bartrès e começando um mês depois mais 18 vezes em Lourdes.

— Somente em Lourdes ela teve testemunhas e sua encenação se tornou pública. Uma lunática sedutora.

"Estamos sempre encontrando pessoas assim em psicologia clínica. A síndrome da fuga da realidade. Tratamos de crianças mais velhas que sofrem alucinações eidéticas... coloridas, nítidas, a tal ponto que a pessoa passa a acreditar. O elevador chegou.

— Posso citá-la, Amanda? — perguntou Liz. — A eminente professora de psicologia de Chicago, Dra. Spenser, diz.

Estavam dentro do elevador e descendo para o saguão.

— A Igreja vai me queimar na cruz — disse Amanda. — Mas não importa, a verdade vai aflorar. Pode citar.

Liz escrevia anotações furiosamente. Terminando, ela saiu para o saguão, atrás de Amanda.

— Você me ganhou o dia, a semana, a vida. Adeus aos milagres. Esta é uma manchete internacional absoluta.

Enquanto as duas se afastavam do elevador, preparando-se para deixar o hotel, depararam com Natale e Hurtado, que acabavam de entrar no hotel e se encaminhavam para o elevador. Amanda se manteve indiferente por um momento, mas Liz reconheceu imediatamente o casal.

— Sr. Mikel Hurtado — disse ela. — E Srta. Natale Rinaldi. Ora, ora, parecem dois pombinhos.

Eles estavam de mãos dadas, radiantes de felicidade. Natale disse a Liz:

— É a primeira vez que a vejo, mas reconheço sua voz. Você é Liz Finch, a correspondente americana.

— Ei, mas o que...

A voz de Liz murchou e ela ficou olhando fixamente para Natale. Ao mesmo tempo, Amanda percebeu o que Liz acabara de constatar. A linda moça italiana

não estava mais usando óculos escuros, não estava mais escondendo sua cegueira. Os grandes olhos escuros estavam brilhando, contemplando Liz e depois Amanda. Foi Amanda quem falou primeiro, abruptamente:

— Ouvi mesmo você dizer a Liz "É a primeira vez que a vejo"? Está nos dizendo que pode *ver*?

Natale balançou a cabeça, com intensa satisfação.

— Isso mesmo. Posso ver perfeitamente agora.

Liz ficou aturdida.

— Mas tenho certeza de que nos disse, quando jantamos juntas, que era totalmente cega e os oftalmologistas em Roma não lhe deram qualquer esperança de que pudesse ter a visão restaurada.

Natale concordou.

— Falei mesmo isso. É verdade. A ciência médica me considerou um caso perdido. Por isso, eu tinha de rezar e esperar por algo mais que a ciência, algo sobrenatural. E eu disse que foi justamente por isso que vim a Lourdes.

Liz estava agora piscando incessantemente.

— Quando isso aconteceu... quando recuperou a visão?

— De madrugada, na gruta.

A voz de Liz tremia. Ela conseguiu balbuciar apenas uma palavra:

— Como?

— Isso mesmo, como? — acrescentou Amanda.

Natale hesitou, lançando um olhar de lado para Hurtado. Ele respondeu com um aceno de cabeça, dizendo:

— Pode falar, Natale. Você tem permissão para contar a verdade a seis pessoas... eu sou uma... seu pai e sua mãe outras duas... sua Tia Elsa a quarta... e contar a Liz e Amanda completa as seis pessoas. Depois disso, mais ninguém.

Os olhos de Natale se deslocaram de Liz para Amanda. Seu semblante era solene quando fez o anúncio com simplicidade:

— Eu vi a Virgem Maria ontem à noite. Tudo estava escuro diante de mim, depois surgiu uma claridade e a aparição da Virgem Abençoada pairou acima de mim. Ela me restaurou a visão e pude vê-la, pude ver tudo. A Virgem reapareceu, como prometera a Bernadette que faria. E me devolveu a visão.

Amanda cambaleou sob o impacto do anúncio. Estava de boca entreaberta. E sacudia a cabeça. Liz também estava atordoada, piscando mais furiosamente do que nunca, o rosto contraído.

— Espere um pouco, espere um pouco... — balbuciou ela. — Tem certeza de que isso é verdade?

Natale respondeu simplesmente:

— Olhe para mim.

Liz fitou-a em silêncio por um longo momento e depois tentou formular algumas palavras:

— Natale, se isso é verdade e você confirmar, é uma das maiores histórias que já saiu de Lourdes no século e meio desde Bernadette. Você... você tem que me dar os detalhes... todos os detalhes... imediatamente.

Natale sacudiu a cabeça, lentamente.

— Não se você for publicar. Não tenho permissão para que o meu milagre seja divulgado.

Hurtado adiantou-se, como se quisesse proteger Natale.

— Ela está querendo lhes dizer que é uma das promessas que a Virgem Maria lhe pediu ontem à noite. A Virgem Abençoada disse a Natale: "Seu milagre e a maneira como ocorreu é para você e seis outras pessoas, a quem desejar contar. Meu reaparecimento a você, que devia ser um segredo antes, deve assim permanecer agora. Espero que nunca permita que a verdade de seu milagre seja divulgada. Mantenha este compromisso e eu lhe prometo a felicidade neste mundo e no Paraíso depois."

Natale estava escutando Hurtado e balançando a cabeça em confirmação, a cada palavra que ele dizia. Ela olhou para Liz e Amanda, acrescentando:

— Prometi à Virgem Abençoada que poderia confiar em mim. — Mas...

Liz estava atordoada demais para continuar a falar.

— Vocês duas devem dar a sua palavra — continuou Natale. — Nunca falarão sobre isso nem escreverão a respeito. Contei a vocês como amigas, querendo apenas revelar-lhes que a fé vale a pena e que os milagres nunca cessam de ocorrer. Estamos de volta da Basílica, onde oferecemos preces de agradecimento por nossa sorte. Partiremos para a Itália esta tarde. Damos adeus a vocês e desejamos boa sorte.

Ainda de mãos dadas, Natale e Hurtado contornaram as atordoadas Liz e Amanda. O casal entrou no elevador e subiu.

Liz e Amanda continuaram paradas onde estavam, incapazes de falar ou de se mexer por longos segundos.

E, finalmente, seus olhos se encontraram.

A voz de Liz parecia presa na garganta, mas ela acabou conseguindo articular algumas palavras, com esforço evidente:

— Amanda, talvez ela... ela não teria inventado? Amanda estava sacudindo a cabeça.

— Não, Liz, não. Ela pode mesmo ver. A cabeça de Liz subia e descia...

— Pelo amor de Deus, ela pode ver! Eu... eu não sei mais o que pensar!

— Talvez nós duas devêssemos parar de pensar. Talvez Shakespeare estivesse certo...

— Lembro o que ele disse. A história do Horácio. "Há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a sua vã filosofia."

— É melhor você acreditar nisso, Liz. Eu... eu estou começando a acreditar...

— Talvez Bernadette tenha mesmo visto Jesus e a Virgem Maria em Bartrès, talvez Bernadette tenha visto a Virgem 18 vezes em Lourdes, talvez a Virgem lhe dissesse que voltaria a Lourdes esta semana, este ano, talvez Natale tenha visto o seu reaparecimento.

— Talvez — murmurou Amanda.

— Alguma coisa aconteceu ontem à noite... quanto a isso, não resta a menor dúvida. — Liz olhou ao redor. — Está vendo uma cesta de lixo em algum lugar por aqui?

— Uma cesta de lixo?

Liz levantou o envelope pardo contendo a cópia do diário de Bernadette.

— Para isto. Não posso mais escrever a matéria depois do que acabei de ver e ouvir. Não estou dizendo que voltei à religião, mas acabei de passar de ateia a agnóstica renascida. Pelo menos para começar. — Ela fez uma pausa, beijando o envelope. — Adeus a esta grande história. — Ela soprou um beijo para o elevador. — E adeus àquela grande história. Pobre Liz... Acho que vou sair agora e tomar um porre, muito, muito grande...

No Centre Hospitalier General, atravessando o corredor para o quarto particular de Ken, Amanda diminuiu os passos.

Queria ver Ken o mais depressa possível, mas precisava clarear sua mente confusa e definir uma posição sobre o futuro de seu noivo. O testemunho dos resultados do milagre de Natale abalara não apenas a ela, mas também a Liz, além de toda a razão. Liz, uma cética por natureza e uma perpétua cínica alimentada pelo jornalismo, finalmente admitira as suas dúvidas (embora à sua maneira) a respeito das visões de Bernadette e a de Natale. Mas Amanda, apesar de mais profundamente chocada pelo reaparecimento da Virgem Maria, mais prontamente disposta a reavaliar todas as suas convicções racionais, ainda se apegava a um último resquício de lógica e realidade. Sabia que sua resistência a uma reviravolta provinha do longo condicionamento como uma psicóloga.

Uma psicóloga sabe o que está acontecendo no mundo real. Sempre havia explicações bem fundamentadas para todas as formas de comportamento aberrante. É claro que havia às vezes pequenos mistérios inexplicáveis, mas certamente algum dia seriam esclarecidos. Goethe não nos lembrara... "os mistérios não são necessariamente milagres"?

Contudo, não havia absolutamente mistérios em 1858 ou na noite anterior quando se tinha a fé de que o homem marionete e toda a humanidade dançavam em consonância com os cordões de um Mestre. É claro que todas as religiões formais haviam sido inventadas pelo homem para tornar aceitáveis os sofrimentos da vida na terra e os terrores da morte... com a promessa (e a recompensa) da vida posterior. Ainda assim, esse conhecimento não contestava o fato de que os seres humanos, situados num planeta a girar, não eram um acaso, mas criados de uma maneira ordenada por Alguma Coisa que controlava a

própria vida. Se havia provas dessas disposições e controle, então poderiam acontecer eventos aos seres humanos muito além de sua capacidade de compreensão.

O que o homem insignificante classificava como milagres podia ser a intervenção lógica de um indefinível Poder Superior.

Isso explicaria Bernadette. Isso explicaria as curas instantâneas em santuários sagrados. Isso certamente explicaria a restauração de Natale Rinaldi à completa normalidade. Tudo, se resumia realmente a uma convicção na eficácia da fé ilimitada e não nas restrições da razão. Era uma nova terra em que os sentimentos de um ser conheciam uma sabedoria superior da mente. Pascal expressara da melhor forma: "É no coração que se percebe Deus e não na razão."

Ken instintivamente compreendera isso, talvez acelerando à compreensão pelo desespero. E ela, em sua arrogância mental, tentara subverter a fé de Ken.

Amanda avistou um recipiente grande, ao lado de um posto de enfermeira. Calculou que fosse um cesto de lixo. Foi até lá, tirou do envelope pardo a cópia do diário de Bernadette, rasgou deliberadamente em pedaços pequenos, largou-os e ao envelope no cesto. Ponto final para classificar todos os mistérios com rótulos fáceis como histeria. Até aquele momento, ela lutara contra Ken. Agora, estava pronta para se aliar a ele.

Reviravolta. Conversão. O que quer que fosse, não fazia a menor diferença. Havia uma energia na convicção total e ela daria as mãos a Ken no esforço de alcançá-la.

Afastando-se do cesto para encontrar o quarto de Ken, Amanda avistou Esther, a enfermeira, magra e eficiente, num uniforme branco comprido e engomado, encaminhando-se para o posto de enfermagem. Esther também viu-a, no mesmo momento.

— Aí está — disse Esther. — Já me perguntava por que não aparecia e ia lhe telefonar.

— Eu... eu dormi demais — murmurou Amanda. — Estava exausta e não ouvi o despertador. Como ele está?

— O Sr. Clayton está bem, um pouco melhor. Acordou há várias horas e seu ânimo parece ter melhorado. O Dr. Kleinberg veio vê-lo e ainda se encontra no quarto, à sua espera. — Esther estava guiando Amanda para o quarto de Ken enquanto falava, abrindo a porta. — Pode entrar agora. Os dois querem lhe falar.

Hesitante, Amanda entrou no quarto. Um quarto de hospital, branco e anti-séptico, com o cheiro de desinfetante e álcool, como milhares de outros. Mas com uma diferença. Ken estava ali, o seu Ken, sua vida. Ele estava deitado na cama, esquelético mas não menos bonito, inexplicavelmente sorrindo. O homem mais velho, de óculos, jaleco branco, sentado numa cadeira ao lado de Ken, levantou-se prontamente.

— Sra. Clayton? Sou Kleinberg. Prazer em conhecê-la.

— Olá, doutor — murmurou Amanda.

Depois, praticamente ignorando-o, ela correu para a cama e debruçou-se sobre Ken, tentando meio desajeitada abraçá-lo sem causar qualquer mal, beijando-o no rosto e nos lábios.

— Oh, querido, querido, eu tenho andado tão preocupada... Mas você ficará bom. Sei que vai. Tenho certeza.

Ken tentou debilmente retribuir o abraço.

— Espero ficar melhor. Acho que ficarei...

Indiferente à presença do médico, Amanda caiu de joelhos ao lado da cama, segurando as mãos de Ken.

— Quero que saiba que estou do seu lado, Ken. Estou agora com você até o fim. Não haverá mais resistência da minha parte. Peço que me perdoe por isso. Estou agora com você em tudo. Vamos lutar e vencer. Vamos conseguir juntos. Eu... eu não sei como explicar direito... mas tentarei explicar, assim que você quiser ouvir. Mas aconteceu uma coisa comigo. Não quero parecer piegas, mas... mas de alguma forma eu... eu vi a luz. Isso mesmo, eu vi a luz. Assim que você puder, iremos juntos à gruta. E rezaremos juntos por sua recuperação. Rezaremos por uma cura e você verá como acontecerá. Tenho fé agora.

— Pois eu não tenho — murmurou Ken.

Tendo acabado sua explosão, sua confissão, Amanda não podia acreditar no que ouvira. Tinha certeza de que não entendera direito o que Ken dissera.

— Você... você o quê?

— Eu disse que não tenho mais fé. Não posso depender da fé para me curar. Pode dar certo, mas é muito arriscado. Preciso de algo mais.

Atônita mais uma vez, naquele dia de surpresas, Amanda fitou-o, atordoada.

— Mas o que está dizendo? — Ela sentiu vontade de falar-lhe de Natale Rinaldi, mas lembrou-se de sua promessa de se manter calada a respeito. Procurou por outra prova de fé. — Você... você viu pessoalmente. Esteve com Edith Moore várias vezes. Ouviu a história, Edith sofria da mesma coisa que você. Ela rezou à Virgem, acreditou e sua fé... deu resultado.

— Edith Moore... — murmurou Ken, do travesseiro. — É justamente esse o problema. É exatamente o que me fez recuperar o bom senso. Talvez a fé seja suficiente, Amanda, talvez possa ajudar alguns... mas eu quero algo mais certo. — Ele olhou além da perplexa Amanda para o médico e acrescentou: — Conte a ela, Dr. Kleinberg. Pode falar.

Ainda atordoada, Amanda levantou-se lentamente e virou-se para olhar o médico.

— O que está acontecendo, doutor?

A expressão do Dr. Kleinberg era séria, mas um pouco relaxada.

— Creio que posso explicar, Sra. Clayton. Serei breve. Sente-se, por favor.

Confusa, o seu mundo recém-ordenado outra vez desbaratado, Amanda ocupou a cadeira com a rigidez de um autômato. O Dr. Kleinberg puxou outra cadeira para perto dela. Seu tom era profissional, desprovido de ênfase, quando se pôs a falar:

— Quando me foi possível falar com Ken esta manhã, eu estava a par da gravidade do seu caso. Recomendei-lhe que se submetesse a uma cirurgia imediata para o sarcoma.

— Mas eu recusei, como sempre — interveio Ken. — Disse ao médico que não gostava das chances na cirurgia. Mas gostava das chances nas curas pela fé, como aconteceu com Edith Moore. Insisti com o médico que isso era suficiente para mim, a mesma coisa que sempre disse a você, Amanda. Se pôde funcionar para Edith Moore, também poderia dar certo para mim. — Ele fez uma pausa, seus olhos outra vez se estendendo além de Amanda. — Pode continuar, doutor. Explique a ela.

O Dr. Kleinberg deu de ombros.

— Sra. Clayton, é que não funcionou para Edith Moore. Amanda não pôde acreditar em seus ouvidos.

— Não funcionou? — balbuciou ela, incrédula. — Está dizendo que ela não foi curada milagrosamente? Mas todos aqueles médicos...

O Dr. Kleinberg acenou com a cabeça.

— Todos aqueles médicos examinaram-na, ao longo de três anos. E eram bons médicos. Atestaram que Edith foi instantânea e inexplicavelmente curada de uma condição de sarcoma terminal. Fui trazido de Paris para confirmar sua cura milagrosa e esperava examiná-la, radiografá-la e certificá-la como curada. Mas prontamente descobri que havia alguma coisa errada. Assim como o sarcoma subitamente desaparecera, sem qualquer explicação, descobri que voltara, também sem qualquer explicação. Ela estava outra vez com o tumor. Aparentemente, apenas a fé não lhe proporcionara uma cura permanente. Pude constatar que ela estaria em breve em estado grave, haveria uma rápida deterioração e o fim inevitável.

— Mas ela era considerada uma coisa certa — murmurou Amanda. — Todos comentavam a sua cura. E embora eu seja uma cientista por formação, aprendi pela experiência que pode haver... curas inexplicáveis e milagrosas, que podem ser creditadas à fé.

— Não nego essa possibilidade — admitiu o Dr. Kleinberg. — Como o Dr. Alexis Carrel, digo simplesmente que não sei. É possível que algumas curas possam ser creditadas inteiramente à fé. Ou talvez nenhuma possa ser. No atual estágio da ciência, Sra. Clayton, não podemos saber. Mas, como um homem de ciência, sei de uma coisa com absoluta certeza. Edith Moore, não importa o que tenha acontecido nos últimos três anos, não é mais uma mulher milagrosa. Ela não está curada. E foi o que eu disse a ela. Até a noite de ontem fui obrigado a

manter essa informação confidencial, enquanto a Sra. Moore considerava o que fazer. Agora, porém, já tenho permissão para falar a respeito. É, assim, falei a verdade a Ken esta manhã.

— Mas se a fê não pode curar um tumor... — murmurou Amanda, desolada.

O Dr. Kleinberg terminou a frase por ela:

— ... então a ciência, graças a um recente avanço médico, pode curar esse tumor.

— É a cirurgia que você sempre quis, Amanda, só que mais nova, melhor.

— Melhor? — ecoou Amanda.

— A de Chicago oferecia 30 por cento de possibilidade de sucesso — disse Ken. — Esta oferece 70 por cento. Não é mesmo, Dr. Kleinberg?

— Correto. — O Dr. Kleinberg virou-se de novo para Amanda. — É cirurgia combinada com engenharia genética, que um colega, o Dr. Maurice Duval, vem experimentando há alguns anos. Ele chegou ontem à noite a Lourdes, procedente de Paris. Vai realizar a operação em Edith Moore. E, já que está aqui, ele concordou em operar Ken também.

Amanda virou-se bruscamente para Ken.

— Você consentiu? Ken assentiu.

— É a nossa melhor chance, querida.

Tudo estava acontecendo depressa demais para Amanda.

— Quando?

— Hoje — respondeu o Dr. Kleinberg. — O Dr. Duval deve voltar a Paris amanhã. Portanto, ele realizará as duas cirurgias hoje, neste hospital. Não podemos esperar pela manhã. Devemos fazê-lo agora. Esta tarde.

O Dr. Kleinberg levantou-se.

— Creio que deseja permanecer aqui no hospital até que a operação seja realizada, Sra. Clayton. Agora, devemos preparar Ken para a cirurgia. Deixe-me acompanhá-la até a sala de espera.

Amanda levantou-se e inclinou-se para beijar Ken.

— Oh, querido...

— É o que ambos queremos, Amanda.

Ela sacudiu a cabeça enquanto se encaminhava para a porta;

— Não sei mais o que devo fazer... rezar à Santa Bernadette ou ao Dr. Duval?

— Aos dois — respondeu Kleinberg, sorrindo.

No salão principal do Restaurante do Milagre de Madame Moore todas as mesas estavam vazias àquela hora da tarde, exceto uma, ocupada por uma atordoada Liz Finch, tentando entrevistar Edith Moore.

Liz tentara se embriagar antes, afogara suas mágoas em diversos *scotches* e só conseguira arrumar um ligeiro zumbido nos ouvidos e uma dor de cabeça. Fracassara em tudo o mais e não se sentia surpresa em fracassar também na obtenção de uma verdadeira ressaca, um direito de qualquer repórter veterano.

Concluía então que era melhor assim. Tinha um encontro marcado com Edith Moore e, por mais que relutasse em comparecer, Liz sabia que devia continuar até o fim. Tinha de enviar alguma coisa de Lourdes e aquela desoladora história, já contada, era a única coisa que lhe restava. Edith Moore, curada milagrosamente, a próxima mulher a ser anunciada oficialmente como tendo sido contemplada com um milagre em nosso tempo.

Quando ela chegara ao restaurante, Reggie Moore lhe oferecera a insípida Edith Moore e um chá, deixando-as a sós em seguida. E Liz tirara da bolsa o bloco de anotações, abriu-o e iniciara a entrevista depressiva.

Na última meia hora, as duas haviam coberto todos os terrenos familiares, Edith despejando os seus clichês intermináveis e a mão com cãibra de Liz a anotá-los. Agora, estava quase no fim, a entrevista e também o futuro de Liz.

— Muito bem, então você está totalmente curada por um milagre de Lourdes — disse Liz, cansada — e muito em breve será anunciada como a última mulher milagrosa. Como se sente por isso?

Não houve resposta. Liz, a cabeça inclinada sobre o chá e o bloco, repetiu a pergunta:

— E então, Edith, como se Sente... por ser uma mulher milagrosa?

Ainda não houve resposta.

Liz levantou os olhos abruptamente e, para sua surpresa, descobriu que as faces da afável inglesa estavam cobertas de lágrimas. Ela estava chorando, procurando por um lenço, enxugando os olhos.

Liz ficou espantada. Nunca vira uma demonstração emotiva naquela mulher impassível, gorda, mais parecendo um vegetal. E aquilo era mais do que uma demonstração emotiva. Observando-se atentamente, mais parecia um colapso nervoso.

— Ei, calma, calma... — murmurou Liz, tentando estancar a torrente. — O que está acontecendo?

A voz de Edith soava como um gargarejo desconsolado:

— Eu... eu... eu não sou uma mulher milagrosa. Não passo de uma fraude. Não sou nada. Não posso continuar com esta conversa. Não adianta... não posso.

— Espere um instante — disse Liz, subitamente interessada. — O que está querendo dizer com isso?

— Meu... meu sarcoma... voltou. Não estou curada... não estou absolutamente curada. O novo médico acaba de descobrir. Estou doente outra vez e vou morrer. Mas ele pode me salvar... pode me salvar a vida com uma nova cirurgia. Mas não quero viver, porque não seria mais a mulher milagrosa. Não serei nada e Reggie também não será.

— Oh, Deus! — exclamou Liz. — Mas pelo menos estará salva, continuará viva. Ficou maluca?

— Será que não entende? — balbuciou Edith, enxugando os olhos de novo. —

Não serei mais uma mulher milagrosa e isso é tudo o que Reggie e eu queríamos.

Liz se tornara outra vez plenamente alerta, a caneta suspensa sobre o papel.

— Escute, Édith, esta é uma história de verdade, uma história concreta. É uma coisa fora do comum, diferente, sobre a qual posso escrever. Conte-me tudo.

— Não — respondeu Edith. — Não se você vai escrever a respeito. Sou um fracasso e não quero que escreva sobre isso.

— Tenho de saber o que aconteceu com você esta semana, Edith... e o que vai acontecer.

— Não contarei, se você vai escrever sobre isso.

— Por favor, Edith.

— Não.

— Mas que diabo! — praguejou Liz, fechando o bloco bruscamente. — Lá se vai outra história. Três enormes zeros por hoje. *C'est la guerre*.

Ela contemplou Edith mais uma vez, a pobre e desconsolada mulher sem milagre. Sentiu uma compaixão profunda.

— Calma, calma, Edith... Não há história. Prometo que não escreverei a respeito. Mas, mesmo assim, gostaria que me contasse o que aconteceu.

Edith controlou-se.

— Não vai escrever? Promete?

Liz largou a caneta e pôs as mãos no colo, por baixo do tampo da mesa.

— Está vendo. Não há mãos.

— Como?

— Uma expressão americana. Pode falar, Edith. Estou escutando.

— Tudo começou depois que o Dr. Paul Kleinberg veio de Paris para me examinar...

Em tom de lamento, Edith Moore relatou a saga angustiosa de sua queda. Não omitiu nada de que pudesse se lembrar. Falou dos exames efetuados pelo Dr. Kleinberg e de seu veredicto, comunicado primeiro a Reggie e depois a ela. Falou da nova cirurgia, a engenharia genética, a técnica anunciada pelo Dr. Kleinberg. A cirurgia podia salvar sua vida. Mas se ela perdesse a situação de mulher milagrosa, então todo o resto estava perdido também, para Reggie e para si mesma.

Edith continuou a falar, interminavelmente, dizendo tudo a Liz. O esforço para arrancar um compromisso do Dr. Kleinberg, tentando persuadi-lo a efetuar a cura cirúrgica, mas ainda assim atestar que ela fora curada milagrosamente. A recusa do Dr. Kleinberg em assumir essa falsidade, concordando apenas em não contestar a história de cura milagrosa se alguém na Igreja a apregoasse. Em desespero, explicou Edith, prosseguindo em sua triste saga, ela revelara tudo a um padre, talvez o próprio Padre Ruland, no confessional, indagando se ele não estaria disposto a cooperar com a pequena fraude. Mas o padre se recusara a

cooperar.

— Ele me disse que eu não poderia ser uma mulher milagrosa se fosse curada pela cirurgia — concluiu Edith. — A única maneira para que uma pessoa seja declarada uma mulher milagrosa é ver a aparição da Virgem Maria na gruta, como aconteceu com Bernadette. O padre disse que tal pessoa também seria milagrosa.

Escutando atentamente, Liz estava agora com a testa franzida, piscando os olhos.

— E... o que você disse ao ouvir isso?

— Ora, o que havia para dizer? Eu não podia falar nada. Simplesmente deixei o confessorário e resolvi fazer a cirurgia. Mas isso não significa muito para mim, porque não serei mais o que precisava ser.

— Espere um pouco, Edith. Deixe-me ver se entendi direito. Um padre lhe disse que não apenas as mulheres milagrosamente curadas são milagrosas... mas qualquer mulher que visse o retorno da Virgem Maria seria milagrosa pelo resto de sua vida. Foi isso?

— Foi, sim. Ela seria o maior tipo de mulher milagrosa. Sua idiota, pensou Liz, sua idiota.

— Edith, vamos supor que fosse você quem visse a Virgem Maria na gruta hoje. Então você seria de novo uma mulher milagrosa.

— Tem razão... — admitiu Edith, hesitante. — Mas de que adianta tudo isso? Vamos supor que não seja eu quem veja... provavelmente não serei eu a ver a Virgem Maria., e se não for eu...

Liz inclinou-se para a frente, mais perto de Edith, fitando-a fixamente.

— Edith...

— O que é?

— ...veja a *Virgem Mana*.

Edith ficou olhando para Liz, enquanto se levantava.

Ela se encaminhou para a porta do restaurante, lançou um último olhar assustado para Liz e depois, tentando correr, claudicando e correndo, saiu o mais depressa que podia.

Liz continuou sentada por mais alguns minutos, em silêncio, absorvida em seus pensamentos. Finalmente pediu outro *scotch*, não sabia se em comemoração ou suicídio.

Vinte minutos depois, Reggie avançou freneticamente pelo salão do restaurante.

— Srta. Finch, onde está minha esposa? Estão telefonando do hospital. Ela lhe falou da cirurgia...? Posso ver que falou. Desconfiei que falaria. Seja como for, precisam dela no hospital. Querem realizar a cirurgia agora e não mais esta noite. Para onde foi Edith?

— Ela saiu há algum tempo. Talvez tenha ido para o hospital. Mas meu

palpite é de que a gruta seria um lugar melhor para procurá-la. Vamos até lá.

Os três estavam sentados, rígidos e nervosos, na sala de espera especial, no andar do centro cirúrgico. Para Liz Finch, a pequena sala possuía um cheiro singular, como se lavada medicamente, exageradamente limpa.

Ela estava arriada numa cadeira, fumando um cigarro atrás de outro, de vez em quando fixando sua atenção em Amanda e Reggie, instalados ainda mais rigidamente no divã, no outro lado da mesinha. Um empregado do hospital, de jaleco branco, servira-lhes café pouco antes. Exceto por um gole — café francês, uma coisa horrível — Liz deixara sua xicara intacta. Amanda bebeu distraída, folheando as páginas de uma revista de moda francesa, aparentemente não prestando muita atenção, mas se esforçando para afastar os pensamentos do que poderia estar acontecendo com Ken na sala de operações. Reggie tomou o café meio atordoado, entre baforadas do charuto. Parecia profundamente abalado, amedrontado, constantemente olhando pela porta para o corredor, esperando por alguma palavra de esperança, alguma boa notícia sobre Edith. Ocorreu a Liz, como nunca acontecera antes, que aquele oportunista vulgar, com toda a sua exuberância, podia ter um coração, podia estar sofrendo, podia realmente amar a mulher que se encontrava na mesa de operações, ao final do corredor.

Liz contraiu os olhos para divisar os ponteiros em seu relógio de pulso, o tipo de relógio que tem aparência sensacional, mas no qual raramente se pode verificar a hora. Ela mal conseguiu fazê-lo agora. Mas assim que o fez, calculou que já estava esperando ali, em vigília, há exatamente quatro horas e 14 minutos, rapidamente se transformando numa eternidade.

Liz compreendeu que cada um deles tinha muita coisa em jogo, envolvida nos cortes e implantes no fundo do corredor. Reggie e Amanda tinham os seus companheiros e suas próprias vidas em suspenso. Talvez Liz tivesse menos em jogo, mas havia uma considerável esperança e de certa forma era também sua vida. Não era muito fácil definir por que a vida de Liz estava em jogo, mas sua esperança envolvia o que ela e Reggie haviam descoberto ao saírem apressadamente do restaurante e descerem até a gruta à procura de Edith, a ex-mulher milagrosa.

Os pensamentos de Liz voltaram ao momento em que chegara à gruta com Reggie. Havia ali uma grande concentração de pessoas, por ser o oitavo e último dia do prazo marcado pela Virgem Maria para o seu reaparecimento. Fora difícil encontrar Edith naquela multidão de fanáticos religiosos. Mas acabaram por localizá-la. Liz sentira-se estranhamente aliviada por ver Edith ali.

Ela não conseguira banir de sua mente o que acontecera em seguida. Edith fora encontrada de joelhos, rígida, a não muitos metros da beira da gruta, olhos vidrados fixados na imagem da Virgem no nicho. Reggie batera no ombro da esposa e começara a lhe falar, informando-a que era esperada no hospital e

deveria ir agora. Mas Edith não apresentara qualquer reação. Permanecera completamente impassível, como se fosse esculpida em pedra. Reggie continuara a lhe implorar que fosse embora, mas não recebera qualquer indicação de que ela ouvia. Quando Reggie, em desespero, olhara para Liz, ela prontamente se adiantara, a fim de ajudá-lo. Mas bastara um olhar para que Liz compreendesse que Edith se encontrava em alguma espécie de estado catatônico e seria difícil tirá-la dali por meios comuns. Apavorado com o estado da esposa, Reggie saíra correndo na direção dos banhos, a fim de pedir ajuda. Voltara poucos minutos depois, com dois corpulentos franceses, ambos veteranos *brancardiers*, um deles carregando uma maça. Levantaram Edith do chão como se fosse um bebê, estenderam-na na maça com alguma dificuldade e levaram-na para a ambulância do domínio, que prontamente a transportara para o hospital.

Liz e Reggie seguiram-na num táxi, Liz especulando, Reggie se angustiando. Chegando ao hospital, foram conduzidos à sala de espera, onde já encontraram Amanda.

Depois de 10 minutos, aquele anjo de uniforme branco, Esther, materializara-se para acalmar Reggie.

— Ela está bem? — indagara Reggie. — Pode ser operada agora?

Esther o tranquilizara:

— A Sra. Moore se encontrava num estado auto-hipnótico, mas saiu do transe quando a trouxemos. O Dr. Duval examinou-a e constatou que todas as funções vitais se achavam normais. Declarou que ela estava pronta para a cirurgia e a estamos preparando agora. Será levada para a sala de operações assim que acabarmos com o Sr. Clayton. Por favor, fiquem sentados e tentem se acalmar. Devo ter notícias para lhe dar, Sr. Moore... e também para a Sra. Clayton... dentro de... não posso dizer exatamente... umas três ou quatro horas. Saibam por enquanto que as pessoas que amam estão entregues aos melhores cuidados.

Isso acontecera há quatro horas ou mais. Agora, haviam transcorrido quatro horas e 14 minutos sem qualquer notícia da cirurgia.

Eles esperaram e esperaram, os três, na sala apertada, povoada pela fumaça e pelo *suspense*.

Subitamente, a atenção dos três foi atraída para a porta aberta. Pois uma quarta pessoa acabara de entrar na sala de espera. Era aquela outra dama de branco naquele momento de reaparição. Era de novo a enfermeira do Dr. Kleinberg, Esther.

E havia um sorriso largo no rosto da enfermeira.

— O Dr. Kleinberg estará aqui a qualquer momento — anunciou ela. — Lamento que ele não tenha podido vir antes. Mas, agora que as cirurgias terminaram, ele não queria perder um momento sequer para informá-los... Sra. Clayton e Sr. Moore... de que as operações e os implantes efetuados pelo Dr.

Durval estão concluídos e prometem ser um sucesso maravilhoso. Não houve nenhuma complicação. Os dois pacientes repousam confortavelmente. O Dr. Durval prevê uma recuperação total para ambos.

Amanda perdera inteiramente o controle e estava chorando quando se levantou e cambaleou pela sala para abraçar Esther. Reggie estava logo atrás dela, agarrando e sacudindo vigorosamente a mão da enfermeira, balbuciando seu agradecimento em voz rouca. Depois de acalmar e tornar a sentar os dois, Esther olhou pelo corredor e informou:

— Estou vendo o Dr. Kleinberg a caminho daqui. Ele poderá lhes contar mais.

Esther desapareceu, apenas para ser substituída por um cansado Dr. Kleinberg, a máscara cirúrgica pendendo do pescoço. Ele apresentou um sorriso cansado, mas mesmo assim um sorriso, e disse a Amanda e Reggie:

— Já ouviram as notícias de Esther. A cirurgia nos dois pacientes parece um sucesso completo e as implantações genéticas foram efetuadas com perfeição. — Ele ofereceu outro sorriso para Amanda e acrescentou: — O Dr. Duval pediu-me para citá-lo como dizendo que você e o Sr. Ken Clayton estarão partindo naquela lua-de-mel protelada dentro de um ou dois meses, no máximo.

Enquanto Amanda derramava outra vez lágrimas de alegria, o Dr. Kleinberg virou-se para Reggie, fazendo sinal para que Liz se aproximasse. Liz levantou-se de um pulo e estava ao lado dele no mesmo instante.

— Isto é para vocês dois — disse o Dr. Kleinberg — mas primeiro para Reggie. Como eu disse a Amanda que a operação e o implante em Ken prometiam ser um sucesso, posso lhe garantir a mesma coisa a respeito de sua Edith. Ela deve estar saudável e retornar às atividades normais dentro de dois meses, talvez menos.

Quando Reggie, fungando, começou a agradecer, o Dr. Kleinberg levantou a mão para detê-lo.

— Há mais sobre Edith e essa parte é para você também, Srta. Finch. Depois que a incisão de Edith foi suturada e ela saiu do efeito da anestesia, aconteceu uma coisa inesperada e realmente extraordinária. Ela abriu os olhos e tentou nos falar... o Dr. Duval e eu estávamos juntos à sua frente... e finalmente consegui sussurrar, as palavras saindo claras e articuladas. Ela disse: "Falem com Reggie... avisem a ele que eu vi a Virgem Maria na gruta antes de vir para cá... eu a vi claramente, da maneira como Bernadette a descreveu... Ela reapareceu por cima de mim e me falou... prometeu que eu seria curada e disse que eu deveria saber que a ciência é compatível com a fé e... e..." O Dr. Duval pediu a Edith que não falasse mais, que descansasse, mas ela sacudiu a cabeça na mesa, visivelmente, e acrescentou, a voz fraca, mas nítida: "Não, há mais. Digam a Liz Finch... não-se esqueçam de dizer a ela também que a Virgem Abençoada reapareceu a mim... digam a ela que eu sou outra vez uma mulher milagrosa..."

contem tudo isso a ela e digam a Liz que mando meus agradecimentos... que digo a ela muito obrigada." — O Dr. Kleinberg fez uma pausa, levantando as mãos. — Aí está toda a mensagem de Edith. Não é extraordinário que ela tenha visto a Virgem? E um tanto enigmático o final do recado, Srta. Finch. — O Dr. Kleinberg lançou um olhar inquisitivo para Liz. — O que ela teria para lhe agradecer? Mas Liz sabia.

— Eu é que deveria agradecer a ela — murmurou Liz, na maior felicidade. — E lhe diga isso assim que ela acordar.

Liz virou-se e saiu em disparada pelo corredor do hospital, tão depressa quanto suas pernas poderiam levá-la.

Em Paris...

Bill Trask em seu cubículo envidraçado de editor-executivo no escritório da API, na Rue des Italiens, concentrando-se nos textos empilhados em sua mesa, foi distraído pela campainha do telefone a seu lado e atendeu.

A ligação era de Liz Finch, de Lourdes.

— Tem uma história? — perguntou Trask — Deixe-me ligar o gravador.

— E das boas, Bill. Creio que justamente a história que você queria.

— Assim espero.

— A Virgem Maria cumpriu sua palavra a Bernadette. A Virgem Abençoada, como a Igreja a chama, materializou-se na gruta sagrada, como uma aparição, houve uma pessoa que a viu, uma inglesa de meia-idade, de Londres. Uma mulher casada, chamada Edith Moore. A Virgem e a Sra. Moore tiveram até uma pequena conversa.

— Autêntica?

— Tanto quanto as visões anteriores que foram aceitas pela Igreja. Esta Sra. Moore não é uma maluca. É do tipo de cidadã sólida e estável.

— E ela viu o reaparecimento da Virgem Maria? Ótimo. Justamente o que o médico receitou.

— O médico, isso mesmo... — murmurou Liz. — Porém há mais e é exatamente o que torna a história melhor.

— Continue.

— A Sra. Moore esteve muito doente há três anos e descobriu que era câncer, sarcoma da bacia. Os médicos concluíram que seu caso era perdido. Ela era católica, embora não costumasse frequentar a igreja. Agarrando-se a qualquer possibilidade de salvação, ela foi a Lourdes, em busca da cura. Na primeira vez em que esteve aqui... fazendo orações na gruta, tomando a água da fonte, mergulhando nos banhos curativos, participando das procissões noturnas com velas... nada aconteceu. Ela voltou no ano seguinte e no seu último dia, depois de um banho, ficou instantaneamente curada. Passou pela rotina médica, passou pela rotina eclesástica, estava próxima de ser oficialmente declarada como uma pessoa curada milagrosamente. É uma grande honra se tornar uma mulher

milagrosa. E de repente alguma coisa saiu errada. Pelo que pude descobrir, nunca antes aconteceu alguma coisa parecida.

Trask estava se tornando cada vez mais interessado.

— O que saiu errado?

— Ela foi chamada a Lourdes esta semana para se submeter a um exame final por um especialista de Paris em sarcoma. Ele examinou-a e descobriu que o tumor maligno estava de volta e se espalhando. Um golpe terrível para a mulher. Não era mais uma mulher milagrosa. Não havia mais glória. Ela descobriu então que havia outro cirurgião francês que vinha realizando experiências bem-sucedidas em animais de substituição de genes ou engenharia genética. Ele estava disposto a experimentar esse tratamento na Sra. Moore.

— O nome do cirurgião francês?

— Não pode usá-lo, Bill. Ele ignorou os procedimentos médicos para fazer a operação. Estaria metido numa tremenda encrenca se o seu nome fosse divulgado.

Trask, um oponente do anonimato, protestou:

— Você deve estar brincando. Eu o transformarei no mais famoso médico francês desde Louis Pasteur. Ninguém será capaz de prejudicá-lo. Liz, não pensa realmente que pode esconder uma coisa : dessas, não é mesmo? Vamos, diga logo.

— Ela prendeu a respiração por um instante e depois disse:

— Está certo. Mas não fui eu quem lhe disse.

— Relaxe. Não será a única fonte dessa história e sabe disso. O Dr... qual é o nome dele?

— Duval... Maurice Duval, De Paris.

— O Dr. Duval será o primeiro a lhe agradecer quando voltar de Estocolmo. Não se preocupe. O que mais?

— Pouco antes de sua operação, em Lourdes, a Sra. Moore claudicou até a gruta para mais uma oração, como sempre invocando os bons ofícios da Virgem Maria. Quando o hospital a chamou para a cirurgia, o marido e eu fomos procurá-la. E nós a encontramos ajoelhada na gruta, em transe, quase catatônica. Ela teve de ser posta na maca e carregada para o hospital. Ali, saiu do transe e foi conduzida ao centro cirúrgico. Fiquei na sala de espera durante a operação. E recebemos a notícia depois de quatro horas e meia. A operação da Sra. Moore correu bem. Ela ganhara a vida, mas perdera a sua posição de mulher milagrosa. E depois... preste atenção, chefe... ao sair da cirurgia ela disse que a Virgem Maria lhe reaparecera na gruta, prometendo que seria curada, declarando que a ciência era compatível com a fé...

— Ei, esse ângulo é novo. Esta história pode ser sensacional. Toda a turma da imprensa por aí tem a mesma história?

— Bill, tenho tudo sozinha por 24 horas. Um furo exclusivo.

— Maravilhoso, maravilhoso! Quer que trabalhemos a partir de suas anotações? Se quiser, precisaremos de mais...

— Não precisa, Bill. Tenho tudo pronto... da última moda da Virgem Maria ao nome do hospital e assim por diante. Estou pronta para ler. Cerca de mil palavras. Quer que eu continue?

— A máquina está ligada. Pode falar.

— Liz leu toda a matéria sobre a nova mulher milagrosa de Lourdes, enquanto o aparelho na mesa de Bill Trask registrava cada palavra. Ao final, Liz disse:

— Muito bem, está tudo aí.

— Parabéns, Liz. Você tem uma vencedora.

— Tenho mais detalhes, mas podem esperar até eu voltar. Eu conhecia a Sra. Moore e cheguei a entrevistá-la antes que isso tudo acontecesse. Posso escrever uma matéria de sequência assim que chegar ao escritório. — Liz fez uma pausa. — Se é que ainda estou trabalhando aí...

Era raro que uma demonstração de prazer se insinuasse no constante mau humor de Trask, uma decorrência de sua função. Mas agora ele esqueceu o mau humor por um momento.

— Você tem notícias para mim, Liz. Pois eu também tenho notícias para você. Fiquei aguardando até ver o que você me mandaria. Muito bem, aqui vai a minha notícia. Era você ou Marguerite, segundo determinou a matriz. Deixaram a decisão para mim. Reconheço que Marguerite tinha o assunto superior, a matéria mais succulenta. André Viron, possivelmente o nosso novo Stavisky, certo? Pois Marguerite me entregou a sua matéria ontem. Li como se fosse um medíocre comunicado à imprensa de algum órgão oficial. Eu sabia que ela era capaz de fazer melhor, já fizera melhor. Quis saber o que acontecera. Afinal, ela passara muito tempo com Viron. Marguerite tentou se esquivar, até que a impensei na parede, fui duro com ela, por assim dizer. Ela acabou confessando que havia mais. Chegara bem perto de Viron... leia que isso significa que foi para a cama com ele... e obteve material abundante. Mas também se apaixonou pelo filho da mãe e não queria prejudicá-lo. Preferia continuar a manter o relacionamento. Assim, não podia me dar a história real. Fiquei uma fera. Disse que era o máximo do anti-profissionalismo. A história sempre vem primeiro. E acrescentei que estaria despedida se não me revelasse tudo. Ela se recusou. E por isso eu a despedi. O que lamentei. Marguerite tinha um bom rabo e sabia usar as palavras. Mas não era a repórter que eu queria. — Trask acentuou o comentário com uma pausa e depois continuou: — Mas você é a repórter que quero. É uma profissional. O emprego é seu e ainda terá um bom aumento. Ficaria com o emprego de qualquer maneira, depois de me mandar uma história como esta. Certo? Ele ouviu Liz chorar no outro lado da linha.

— Obrigada, chefe.

— Muito bem, mulher milagrosa, volte logo para casa. Quero vê-la em sua mesa às nove horas da manhã de amanhã. Chegue na hora e comece logo a trabalhar. Não há lugar para primas-donas por aqui.

Em Moscou...

Depois que o jato de passageiros da Aeroflot, de Paris para Moscou, pousou suavemente na pista do Aeroporto Vnukovo e taxiou para o terminal, a chegada à capital russa foi anunciada pelos alto-falantes. Desafivelando o cinto de segurança, um Sergei Tikhanov de rosto limpo pegou a sua bolsa de vôo e foi o primeiro no corredor para o desembarque.

Parado ali, ele refletiu por um momento em sua saída de Lourdes. Fora uma fuga por um triz. Depois de deixar no apartamento o cadáver de Gisele Dupree, ele se preocupara com a possibilidade de ter sido visto. E depois se preocupara, antes de sair do hotel em Lourdes, se conseguiria arrumar um lugar no primeiro vôo para Paris. Tikhanov descobrira que a sorte estava a seu lado. Todos estavam vindo para Lourdes, poucas pessoas partiam, não houvera qualquer problema em fazer uma reserva. No aeroporto, muito antes da hora, ele se preocupara com a possibilidade da polícia vir procurar Samuel Talley antes que o avião decolasse.

Mas não houvera qualquer dificuldade e logo estava no ar, chegando a Orly uma hora e 15 minutos depois. Antes de ir ao banheiro, telefonara para a Embaixada Soviética, identificara-se e pedira que um carro fosse buscá-lo. Logo em seguida, fora para o banheiro do aeroporto, trancara-se num reservado, removera e descartara o odiado bigode que usara em Lourdes, lavara o rosto. E Talley finalmente desaparecera para sempre, ressurgindo o famoso Sergei Tikhanov.

Ele se mantivera na Embaixada Soviética por dois dias, a fim de criar um registro de reuniões e atividade. Descobrira duas coisas no segundo dia. Lendo o *France-Soir*, encontrara uma breve notícia despachada de Lourdes. Um pequeno momento de violência na semana santa. O corpo de uma conhecida guia de turistas local, Gisele Dupree, fora encontrado no apartamento de uma amiga. Ela havia sido estrangulada. Não havia suspeitos. Ah, não havia suspeitos... E como poderia haver. Samuel Talley não mais existia. Três horas depois, Tikhanov recebera uma segunda notícia. O Primeiro-Ministro Skryabin morrera enquanto ainda se encontrava em coma. O Politburo estava discutindo seu sucessor. E depois viera um telefonema de Moscou, do chefe do KGB, General Kossoff, aconselhando-o a encerrar prontamente todos os negócios de que tratava naquele momento e voltar a Moscou o mais depressa possível, o mais tardar até o dia seguinte.

E agora Tikhanov estava no Aeroporto Vnukovo, em Moscou, o aeroporto VIP.

E agora ele estava desembarcando do avião com pontadas de dor, não o senhor de sua distrofia muscular e sua mortalidade, mas certamente chegando

como o senhor da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no comando de sua nação e um líder mundial pelo menos por três ou quatro anos.

Descendo, ele constatou que seus subordinados haviam estendido figurativamente o tapete vermelho para recebê-lo. Estavam todos agrupados ao pé da escada, esperando para cumprimentá-lo.

Ele descobriu-se cercado por simpatizantes, recebendo beijos daquele brutamonte recendendo a alho, o General Kossoff, de seu velho amigo Alexei Izakov, o embaixador na ONU, apertos de mãos de diversos oficiais do KGB.

Depois de atravessar o movimentado terminal, os passageiros comuns se afastando para lhe dar passagem e intimidados por sua presença, Tikhanov embarcou no luxuoso banco traseiro da limusine Chaika preta. Partiram um minuto depois, precedidos e acompanhados por carros brancos da polícia, a caminho de Moscou e da sede do poder de Tikhanov, o Kremlin.

Durante a viagem de meia hora, Kossoff ficou servindo vodca para os três homens do bar do carro e contando piadas grosseiras sobre bailarinas. Tikhanov agradou o chefe do KGB com gargalhadas contidas, embora só estivesse interessado na decisão do Politburo para o sucessor do falecido primeiro-ministro e em seu futuro imediato. Em determinado momento, ele conseguiu intercalar na conversa uma pergunta a respeito. Kossoff, não demonstrando qualquer ânimo de falar naquele momento sobre política, disse simplesmente:

— O Politburo está reunido durante toda a tarde. Foi prometida uma decisão para esta noite. Mas a decisão já está prevista.

Tikhanov sentiu-se mais tranquilo depois disso, saboreou outro copo de vodca, enquanto escutava mais uma das histórias intermináveis e tediosas de Kossoff. Tikhanov se perguntou se teria de suportar a companhia de Kossoff depois que se tornasse primeiro-ministro. Talvez o substituísse. Pensaria a respeito.

Subitamente, ele percebeu que a limusine diminuía a velocidade e estava parando. Tikhanov pensou a princípio que fosse um sinal vermelho e por isso ficou surpreso ao descobrir que estavam na frente de um prédio branco, sem qualquer identificação, num subúrbio de Moscou. Kossoff estava abrindo a porta do carro.

— Venha comigo, Embaixador Izakov. E você também Sergei. Vamos dar uma olhada. O ministro do Interior quer que eu faça uma coisa aqui antes de seguirmos para o Kremlin.

Obediente, Tikhanov seguiu Kossoff para o interior ao prédio, passando por uma porta de painéis de vidro. Antes de entrar, Tikhanov vislumbrou um muro branco alto, encimado por arame farpado, estendendo-se pelo lado e fundos do prédio. Na outra extremidade, viu também um guarda, empunhando uma arma automática.

Na sala de recepção — a mais despojada que já vira em muitos anos, um banco de madeira, sem mesas, outra porta para o interior do prédio — Tikhanov

descobriu três homens à espera para cumprimentá-los. As apresentações de Kossoff foram rápidas e com a voz meio engrolada. Tikhanov pôde entender apenas os títulos dos três... um era diretor, o outro tenente-coronel e o terceiro major.

Puxando a manga de Kossoff, Tikhanov estava curioso em saber por que haviam parado ali. E perguntou:

— Que lugar é este?

— Sua nova residência — respondeu Kossoff. Carregando sua pasta, Kossoff foi até o banco, colocou-a ali e

abriu-a. Completamente confuso, Tikhanov seguiu-o.

— O que você disse?

Ignorando-o, Kossoff tirou um envelope grande da pasta, de onde removeu um envelope menor e diversas folhas de papel. Abrindo o envelope menor, Kossoff retirou o que parecia ser uma fotografia. Estendeu para Tikhanov.

— Uma lembrança para você. De suas férias.

Tikhanov teve uma premonição de desastre no instante em que pegou a fotografia. Seus olhos se fixaram na fotografia. Era uma cópia de um dos instantâneos tirados perto da gruta em Lourdes por aquela vagabunda francesa chamada Gisele. Tikhanov pôde sentir que seus olhos ardiam no crânio, a boca ressequida se entreabrindo. Quando levantou a cabeça, Kossoff estava desfocado e a sala parecia girar, cada vez mais depressa. Para não cair, ele segurou-se no encosto do banco. E conseguiu balbuciar:

— Mas como...?

— Merece uma explicação, Camarada Tikhanov — disse o chefe do KGB. — Sua jovem vítima francesa foi esperta, mais esperta do que você. Ela compreendia o perigo da chantagem e o que você poderia ter em jogo. Embora dispusesse de uma arma para se defender, estava muito ansiosa e era ingênua demais para poder usá-la direito. Mas ela não foi ingênua numa coisa. Se você a enganasse, ela teria a sua vingança. Na manhã em que você a encontrou, antes de sua chegada, ela despachou uma cópia extra do instantâneo seu que tirara no santuário católico de Lourdes... juntamente com uma carta sobre Samuel Talley... para um francês importante que fora seu patrão. Ela despachou tudo isso num envelope grande lacrado, com uma carta de explicação por fora. O destinatário era o embaixador francês na ONU, Charles Sarrat, que se encontrava em Paris. Ela dizia na carta que se ele lesse nos jornais parisienses que lhe acontecera alguma coisa de mal deveria encaminhar o envelope ao embaixador soviético na França... à Embaixada Soviética em Paris. Como todos sabemos, um grande mal aconteceu à Srta. Dupree. A notícia de seu assassinato apareceu como uma pequena nota na maioria dos jornais parisienses. O Embaixador Sarrat leu e, seguindo as instruções, entregou o envelope na Embaixada Soviética, que prontamente enviou pela mala diplomática para

Moscou.

— Mas...

O General Kossoff não queria escutar. Era um homem implacável.

— Assim que o conteúdo do envelope enviado por sua jovem francesa foi estudado, o MVD convocou uma reunião no Ministério do Interior. Você foi julgado *in absentia*. Houve uma votação, chegou-se a uma decisão... e devo lhe dizer que foi unânime. Por causa de sua aventura inadmissível, seus jurados decidiram que estava com a mente abalada, era mentalmente instável, para continuar a servir em qualquer cargo oficial na União Soviética.

— Eu estava doente, desesperado...

— Sabemos de sua doença, da distrofia muscular. Efetuamos uma investigação completa antes da audiência. Mas qualquer cidadão soviético de mente firme, especialmente num alto cargo, teria se entregado a nossos especialistas, médicos que constituem a inveja até mesmo de nossos inimigos capitalistas. Mas somente um homem de mente deficiente, perturbado, desequilibrado, até mesmo louco, teria considerado e realizado o que sabemos agora que você fez... viajar para aquele antro de iniquidade, Lourdes, aquele santuário cristão cheio de idiotas e descontentes drogados... para rastejar de joelhos diante de uma caverna na montanha, esperando pela aparição de uma fantástica figura maternal, uma charlatã que supostamente promove curas e milagres. Portanto, você foi condenado a ser confinado a este lugar.

Tikhanov fez menção de protestar, mas Kossoff continuou, inexoravelmente:

— Queria saber que lugar é este? É o HPE 15... Hospital Psiquiátrico Especial 15, nos arredores de Moscou. Foi condenado a passar o resto de sua vida dentro destes muros. Esses três homens... o diretor do hospital, o coronel e psiquiatra-chefe, o major e responsável pela segurança... estarão encarregados de seu tratamento pelo resto dos seus dias. — O General Kossoff fechou bruscamente sua pasta. — Contudo, em respeito a seus longos serviços ao Estado e ao partido, terá alguns privilégios. Ficará confinado a uma cela, é claro. Mas a cela, de seis metros quadrados, que normalmente abriga dois pacientes, será exclusivamente sua. E como recreação, terá permissão para ler... graças à consideração de nosso embaixador na ONU... um livro novo que foi recentemente lançado em Nova York. Vai encontrá-lo em sua cama. O título é *Bernadette e Maria*. Também encontrará um rosário para se distrair nas horas extras. Tenha uma boa e longa vida, Camarada Tikhanov. Adeus.

Em Veneza...

Eles chegaram a Veneza pouco antes do sol mergulhar abaixo da costa continental. A lancha partiu do Aeroporto Marco Polo, atravessou a plácida laguna azul e subiu pelo curto canal que levava à entrada aquática do Hotel Danieli.

Mikel Hurtado nunca estivera em Veneza e ficou impressionado com a beleza

da cidade. Mas Natale sentia-se animada como nunca antes pela oportunidade de ver aquela cidade gloriosa outra vez.

Depois de se registrarem, subiram apressadamente para o quarto no segundo andar, dando para a laguna azul e a Ilha de San Giorgio, cintilando com a iluminação, naquele início de noite.

Só havia um telefone e Hurtado achou melhor que Natale o usasse primeiro. Ela ligou para a loja dos pais em Roma, esperando alcançá-los antes que fossem para casa. Mas somente Tia Elsa estava lá, fechando a loja. Os Rinaldis tinham ido jantar fora. E assim, com dificuldades em modular a voz e controlar sua emoção, Natale contou tudo à sua querida Tia Elsa — o milagre de ver a aparição da Virgem Maria na gruta, de *ver* a Virgem — isso mesmo, Tia Elsa, sim, sim, sim, eu posso *ver* de novo, minha visão está restaurada. Um oftalmologista em Milão confirmara a inexplicável restauração de sua visão duas horas antes. Houve uma estridente conversa em italiano, uma incontrolável torrente de palavras dos dois lados. E finalmente Tia Elsa estava fechando a loja mais cedo, saindo para localizar os pais de Natale ao jantar, informá-los da notícia maravilhosa. Natale advertiu-a de que ninguém mais devia saber, além dos três, como ocorrera a sua cura. Tia Elsa deu a sua palavra. Natale prometeu telefonar mais tarde para os pais, em casa. E disse que voltaria a Roma — com um convidado-surpresa — dentro de dois dias.

Foi a vez de Hurtado usar o telefone, falando com Augustín López, em San Sebastián.

— Estou contente que tenha perdido a sua teimosia, meu rapaz — disse López. — Ainda bem que atendeu à minha palavra e não cometeu qualquer violência contra a gruta.

— Eu me decidi contra isso depois de receber notícias suas.

— E deve concordar que foi uma boa coisa, Mikel. Pois a notícia já se espalhou por toda parte, está no rádio, na televisão, que a Virgem reapareceu conforme prometera e realizou alguma espécie de milagre para uma peregrina britânica.

— Eu já soube.

— E ficará também satisfeito ao saber de outras coisas, Mikel, os resultados de nossa paciência e confiança. Há menos de meia hora recebi um telefonema de Madri. Do próprio Ministro Bueno. Ele estava feliz com a notícia, cheio de religião, absolutamente eufórico com o milagre de Lourdes. Disse que fizera uma promessa e estava pronto para cumpri-la. Queria acertar uma série de reuniões em Madri. Insinuou que haveria um acordo aceitável, que deixaria todos os bascos satisfeitos. Estou convencido de que vencemos, Mikel. O que acha disso?

— Acho sensacional. Meus parabéns.

— Quando você voltará para casa?

— Um dia, muito em breve. E levarei alguém comigo. Nada de perguntas agora. Você verá pessoalmente. E avise à minha mãe que telefonarei para ela amanhã. Boa sorte, Augustín. Deus o acompanhe.

Descendo a escada de mármore para o saguão do Danieli, Natale ficou satisfeita ao perceber que Hurtado não mais claudicava.

— A fé — explicou ele, jovialmente.

Deixando o saguão, eles fizeram seus planos para a noite amena. Primeiro, a Basílica de San Marco, a fim de apresentar agradecimentos pela ressurreição de ambos.

Depois o Café Quadri, para campáris.

Depois o Harry's Bar, para *piccata di vitello*.

Depois uma gôndola, subindo pelo Grande Canal.

Depois de volta ao Danieli, para fazer amor.

— E depois disso? — perguntou Natale.

— Para Roma, a fim de fazer companhia a uma moça que conheço e escrever uma peça para uma jovem atriz que amo.

— Quem é essa jovem atriz?

— Quem você acha que é?

— Se está falando da Srta. Rinaldi, ela aceita o papel, antes mesmo de você escrevê-lo. Vai mesmo escrever, Mikel?

— Vou.

— Terei o papel principal. — Natale sorriu. — E depois disso, Mikel?

— Quero lhe dar filhos, uma porção de *bambinos*... nossos filhos.

— Só se casar comigo, Mikel. Casará comigo?

— Acha que quero ter filhos ilegítimos? Você será a mulher mais casada que já existiu na história.

— Amém.

— De mãos dadas, eles foram andando pela Piazza San Marco, na maior felicidade.

Na Cidade do Vaticano...

Sua Santidade, o Supremo Pontífice, João Paulo III, sucessor no trono de São Pedro, ainda vestido com a sotaina branca, solidéu branco, cruz peitoral de ouro pendendo da corrente também de ouro em torno do seu pescoço, entrou lentamente em seu quarto, o predileto dos 18 aposentos que constituíam o seu apartamento particular, entre os 10 mil cômodos, câmaras e salões do Palácio Apostólico.

Avançando devagar pelo tapete afegão na direção das persianas de madeira que cobriam as duas janelas de canto naquele último andar, ele tencionava espiar a vasta Praça de São Pedro lá embaixo. Sua mente se concentrava nas notícias que lhe haviam sido transmitidas ao jantar e divulgadas para o mundo e seus 740 milhões de católicos, um milhão de freiras, meio milhão de padres, quatro mil

bispos e cardeais. Certamente aquela noite era o ponto alto de todo o seu pontificado.

Subitamente, em sua profunda alegria, ele sentiu-se ansioso por entrar em comunhão com Deus.

Afastou-se das janelas e aproximou-se de sua cama de armação de latão. Impecavelmente dobrado sobre a cama estava o seu camisolão branco. Por cima da cama estava o comovente quadro de Cristo em agonia na cruz.

Na mesinha-de-cabeceira estava o seu relógio elétrico, com algarismos romanos, a velha Bíblia que ganhara em sua primeira comunhão. Por hábito, ele verificou o relógio, certificou-se de que estava marcado para despertar às seis e meia da manhã, depois se encaminhou, quase exuberante, para o seu genuflexório. Pendendo por cima, no papel de parede de cor suave, havia dois objetos, um crucifixo simples e um delicado retrato da Virgem Maria, numa moldura fina de ouro.

O papa ficou parado em silêncio, olhando para a Virgem Maria. Ajoelhou-se gradativamente sobre o genuflexório acolchoado e bordado.

Embora cansado, sentiu uma força renovada fluir por seu corpo envelhecido pelas boas novas que ouvira durante toda a noite.

Uniu as pontas dos dedos encarquilhados em oração e fechou os olhos.

Para começar, uma passagem predileta do seu amado São Marcos. Os lábios do papa se mexeram enquanto recitava a passagem, numa voz pouco acima de um sussurro:

— Em meu nome eles projetarão os demônios; e falarão novas línguas; e apanharão as serpentes; e se beberam alguma coisa mortal, não lhes fará mal; e estenderão as mãos sobre os doentes, que haverão de se recuperar.

Sua Santidade prendeu a respiração por um instante e depois continuou:

— Ó Senhor no Céu, abençoado seja o Vosso nome. Como Vosso vigário na terra e sucessor de São Pedro, agradeço por Vossa bondade, pelo retorno da Imaculada Conceição e pela reafirmação de que Vossos milagres jamais cessarão. Enquanto Vós permitires, haverá humanidade na terra e fê, haverá bondade e esperança... e continuarão a ser milagres na eternidade e dedicamos nosso amor agradecido ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Amém.

Em Paris...

Tarde da noite, faltando apenas 10 minutos para meia-noite, uma exausta e desgrehada Liz Finch saiu do elevador na redação da API e quase que se arrastou pelo chão.

Liz observou que o turno da noite já estava em ação e o único sobrevivente do turno do dia, Bill Trask, ainda se encontrava debruçado sobre a sua mesa, no cubículo envidraçado.

Ela abriu a porta do cubículo, entrou, fechou-a, encostou-se nela. O barulho fez com que Bill Trask levantasse os olhos e deparasse com Liz Finch. Ele virou a

